



Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Antropologia
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

“Homens como outros quaisquer”.
Subjetividade e homoconjugalidade masculina no Brasil e na
Argentina.

Moisés Lopes

Brasília
2010

“Homens como outros quaisquer”.

**Subjetividade e homoconjugalidade masculina no Brasil e na
Argentina.**

Moisés Lopes

Orientadora: Profa. Lia Zanotta Machado

Tese apresentada e aprovada pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade de Brasília em 31 de agosto de 2010 como um dos requisitos para a obtenção do título de Doutor.

Banca Examinadora:

Profa. Lia Zanotta Machado (DAN/UnB) (Presidente)

Prof. Horácio Federico Sívori (CLAM/ IMS/UERJ)

Prof. João Gabriel Lima Cruz Teixeira (SOL/UnB)

Prof. Luís Roberto Cardoso de Oliveira (DAN/UnB)

Profa. Carla Costa Teixeira (DAN/UnB)

A meu irmão e a meu avô (*in memoriam*)...

Para Cesar.

Agradecimentos

Sempre gostei de ler os agradecimentos das teses e dissertações a que tive acesso. O gosto, acredito, advém da percepção de que mesmo o trabalho escrito sob o mais absoluto isolamento é produto de um coletivo que, se não colocou as vírgulas, acentos e pontos nas palavras, orações e linhas esteve presente e participou de algum modo. Este trabalho não teria sido possível de ser realizado sem a participação silenciosa e invisível de muitas pessoas que espero tenham sido todas lembradas aqui.

Inicialmente tenho de agradecer a todos os homens casados ou não, de Brasília e de Buenos Aires, que me contaram histórias, que partilharam segredos, que compartilharam sua companhia, sua experiência, seu tempo e sua paciência comigo. Para além das entrevistas, as longas conversas regadas a mates e cafés, os jantares e almoços, as partidas de baralho, e os bate-papos virtuais foram essenciais para descortinar temas, para criar novas questões, para con-viver e para aprender. Aprendi muito mais do que sou capaz de escrever nesta tese e espero que eu tenha de alguma maneira “afetado” suas existências como vocês “afetaram” a minha.

Tenho de agradecer aos amigos de Buenos Aires que me receberam e facilitaram meu percurso pela cidade me indicando locais, caminhos e pessoas para a realização da pesquisa. Na impossibilidade de citar todos os nomes agradeço imensamente a Mário Gallicchio, a Gabriel Ceppa, a Belém Mora e a Daniel Gigena que inclusive corrigiu o espanhol das falas nativas.

Aos integrantes do Programa de Centros Associados de Pós-graduação Brasil/Argentina e da *Equipo de Antropologia Política e Jurídica* da *Universidad de Buenos Aires*, por todo o apoio institucional e pela acolhida antes e durante meu período de estágio e trabalho de campo em Buenos Aires. Dentre eles, Maria Victoria Pita, Josefina Martinez, Sofia Tiscornia, Roberto Kant de Lima, só para citar alguns. Bem como sou muito grato ao *Grupo de Estudios en Sexualidad* do Instituto Gino Germani, também da *Universidad de Buenos Aires*, que me recebeu muito bem quando estive Buenos Aires, especialmente à Mario Pecheny, Daniel Jones, Renata Hiller, Micaela Libson...

Sou imensamente grato aos professores do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília que forneceram a estrutura, a fundamentação teórica e acadêmica para minha formação como antropólogo. Agradeço especialmente a Lia Zanotta Machado minha orientadora pelo auxílio, olhar atento e por SAT I. A Luis Roberto Cardoso de Oliveira, pela atenção dispensada, mesmo sem ser meu orientador. A Carla Costa Teixeira, as aulas de Simmel, Goffman e Schutz serão sempre inesquecíveis. A Mariza Peirano, pela gratificante “insistência” em ler uma monografia clássica por encontro e pelos “rituais”. A Paul E. Little por SAT II. A Antonádia Borges e a Marcela Stockler Coelho de Souza por Clássicos 2 e Parentesco. Agradeço a Patrice Schuch pelas sugestões dadas em minha qualificação que foram essenciais para o desenvolvimento de minha tese de doutorado. Agradeço também, especialmente a Rosa, Adriana e Paulo.

A Maria Luiza Heilborn pela inspiração e pelos ensinamentos dados no caminho, desde nosso primeiro contato no Programa de Metodologia de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva do Instituto de Medicina Social da UERJ, bem como, pelas sugestões, críticas e apontamentos dados em minha qualificação de doutorado. Agradeço ainda a Sérgio Carrara e a Anna Paula Uziel do mesmo Instituto.

Agradeço também a minha orientadora do Mestrado que se tornou uma grande amiga Leila Jeolás e me fez adentrar e me apaixonar pelo mundo da antropologia. Agradeço também a Maria José de Rezende, Ana Cleide Chiarotti Cesário, a Ana Maria Chiarotti de Almeida, José Carlos Soares Zuin e aos professores do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina que me iniciaram no “mundo acadêmico” e introduziram minha formação nessa área tão extensa do conhecimento.

Aos amigos da Katakumba que me acolheram em Brasília, em especial ao Grupo de Estudos em Gênero Florbela Espanca, Róder, Rosana, Soninha, Ana, Priscila... Também a Lili, André, DiDeus, Carlos Alexandre, Cris, Tadvald, Luís Cayón, Fernanda, Paulo Rogers, Lena...

Agradeço também à meus amigos de outras datas e espaços que me ajudaram pela simples presença, antes e durante este percurso que se chama vida. Especialmente à Andrea Fontes, Roder Góes, Carol Branco, Ricardo Turatti, Alberto Sumiya, Adailson Moreira, Marinete Covezzi, Luciana Regina Basílio, Ana Santos.

Minha família também merece muitos agradecimentos. Minha mãe, meu pai, meus irmãos ainda hoje fazem parte de quem eu sou e me influenciam de muitas maneiras.

Finalizando, mas não por último em importância, pelo contrário, agradeço ao amor de minha vida, Cesar. Depois que te conheci a vida se tornou mais doce.

Resta dizer que durante os quatro anos de duração do doutorado fui bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A sexualidade do outro é frequentemente utilizada na construção de estereótipos nacionais e culturais que revelam, à sua maneira, as relações existentes entre os povos e, ao mesmo tempo, os sonhos e as fantasias de uma época. [...] Ao final do século XX, continuávamos procurando fora de nossa própria sociedade uma sexualidade mais livre, em que as relações entre parceiros fossem mais fáceis. Ou seja, os amores exóticos continuavam a fazer sonhar. Essa tendência persistente de ver o paraíso sexual longe de sua própria casa aponta o caráter mítico da noção de liberdade sexual, amplamente apoiada na ignorância dos sistemas de imposições e dependências que caracterizam outras sociedades.

Michel Bozon. **Sociologia da sexualidade**, 2004.

Superimposta pela norma heterossexual, e sem dispor de um modelo de vida social próprio, o casal continua sendo o ideal sentimental, apesar de fracassos sucessivos e quase inevitáveis. Como reconciliar as pulsões sexuais estimuladas por um mercado facilmente acessível, e quase inesgotável, com o ideal sentimental de um relacionamento estável?

Michael Pollak. **Sexualidades Ocidentais**, 1987.

[...] dizer que as coisas mudaram ou não, dizer que existem novas formas culturais ou apenas velhas formas retrabalhadas, ou dizer que não há nada de novo, é em si mesmo uma decisão política.

Marilyn Strathern. **Dear David...**, 1997.

Resumo

O presente estudo analisa a construção do sujeito, da subjetividade e da conjugalidade de “homens como outros quaisquer” que mantinham relações estáveis de parceria com outros “homens comuns”. O trabalho de campo para o desenvolvimento desta pesquisa foi realizado nas cidades de Buenos Aires e Brasília. Tal paralelo entre cidades de distintos países foi construído inicialmente pelos próprios nativos argentinos quando de minha primeira estadia lá, e depois foi reconstruído pelo autor quando da análise dos dados, tendo o sentido de fazer com que a experiência de interpretação das narrativas homoconjugais refletisse e ressaltasse as especificidades de ambas as localidades. Assim, abordo nesta Tese questões como fidelidade, sexo e amor, relações abertas e fechadas, sociabilidade gay, respeito, tolerância e reconhecimento da união, inspirado em uma perspectiva que busca trazer à tona elementos interseccionais de análise, tais como, gênero, cor/raça/etnia/nacionalidade, classe/camada social, religião, grupo etário/geracional.

Abstract

The present study analyzes the construction of the citizen, the subjectivity and conjugality of “men as any others” that kept steady relationships with other “common men”. The field work for the development of this research was carried out in the cities of Buenos Aires and Brasilia. Such parallel between those cities from distinct countries was initially constructed by the proper Argentine natives when of my first stay there, and later it was reconstructed by the author by the time of the analysis of the data, having the intention of making that the experience of interpretation of the homo couple histories reflected and stood out the specificities of both the localities. Thus, I deal, in this Thesis, with questions such as fidelity, sex and love, open and not open relationships, gay sociability, respect, tolerance and recognition of the union, inspired in a perspective that it tries to bring out intersectional elements of the analysis, such as, gender, color/ethnics/race/nationality, social class/social strata, religion, age/generational group.

Sumário

Prólogo	11
Unidade I: Construindo a tese e o campo	
Capítulo 1 – Introduzindo o debate	20
Definindo termos	21
Homoconjugalidade masculina	25
Sujeito, subjetividade e identidade homossexual	29
Na intersecção	33
Notas sobre o trabalho de campo	37
O pesquisador em campo	39
Os <i>sites</i> de encontro e os contatos virtuais	42
Capítulo 2 – Entretecendo narrativas de conjugalidade	48
1. Damian e Ramiro	54
2. Juan e Pablo	56
3. Horacio e Hernan	58
4. Félix e Ariel	60
5. Ernesto e Esteban	62
6. Andrés e Patricio	64
7. Alejandro e Rolando	66
8. Miguel e Gerardo	68
9. David e Golias	70
10. Salomão e Abraão	72
11. Elias e Jacó	74
12. Saul e Simeão	76
13. Isaac e Judá	78

Unidade II: Pensando (com) o campo

Capítulo 3 – Sujeitos e Subjetividades: Intersecções contextuais	81
Camadas médias e modernidade	82
Gênero e performance	89
Raça/etnia e histórias de famílias	96
Geração e histórias de contatos	103
Brasil <i>versus</i> Argentina: Uma comparação	113
Identidade, subjetividade e práticas sexuais	119
Religião e religiosidade	129
Capítulo 4 – Construção da união, gênero, sexualidade e emoções	135
Homogamia e homoconjugalidade masculina	137
Cotidiano do casal e administração da vida a dois	145
Amor e afeto	154
Sexo e gênero	163
Fidelidade e estilos de relação	169
Brasil <i>versus</i> Argentina: Em busca de uma comparação	178
Capítulo 5 – Respeito, subjetividade e sociedade	185
Segredo e armário	186
Mundo gay e sociabilidade	195
Respeito, performance de gênero e preconceito	202
Brasil <i>versus</i> Argentina	209
Respeito, tolerância e reconhecimento	214
Matrimônio, união civil, parceria civil: Distinções locais	221
Tecendo conexões	230
Epílogo	232
Referências Bibliográficas	240
Anexos	
Anexo I – Biografia dos casais entrevistados em Brasília e Buenos Aires	253
Anexo II – Perfil dos casais entrevistados em Cuiabá	323
Anexo III – Lei de União Civil da Cidade Autônoma de Buenos Aires	324
Anexo IV – Projeto de Lei de União Civil Nacional da Argentina	326
Anexo V – Projeto de Matrimônio Civil da Argentina	331
Anexo VI – Projeto de Lei de Parceria Civil Registrada do Brasil	335
Anexo VII – Projeto de Lei de União Estável do Brasil	337
Anexo VIII – Perfil profissional dos entrevistados em Buenos Aires e Brasília	338

Lista de Tabelas

Tabela I: Distribuição etária/geracional	107
Tabela II: Cor/raça/etnia	113
Tabela III: Nível educacional	114
Tabela IV: Grupo etário/geracional	114
Tabela V: Práticas/papéis sexuais	125
Tabela VI: Identidade sexual	126
Tabela VII: Religião da família de origem	130
Tabela VIII: Religião atual	133
Tabela IX: Homogamia dos casais	178
Tabela X: Regime de convivência	180
Tabela XI: Administração da vida a dois	180
Tabela XII: Estilos de relação	181
Tabela XIII: Conhecimento do “segredo”	209

– Prólogo –

Desde 2002, quando de minha entrada no mestrado em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Londrina, no Paraná, e até um pouco antes disso, já tinha minha atenção voltada para a questão da conjugalidade homossexual no Brasil. Até aquele momento, tratava-se de uma área especificamente pouco explorada pelas Ciências Sociais no Brasil, mas alguns textos se destacavam especialmente teses de doutorado sobre o tema. Merecem referência a tese pioneira de Maria Luiza Heilborn (1992), que faz uma comparação sobre as conjugalidades resultantes das relações entre heterossexuais, homossexuais masculinos e homossexuais femininos; o trabalho de Luiz Mello (1999), que faz uma análise profunda dos discursos presentes no debate sobre a Parceria Civil Registrada, partindo da discussão Legislativa e ampliando o alcance para os discursos da Sociedade Civil. Também não posso deixar de destacar o artigo de Miriam Grossi (2003), que trazia aproximações teóricas à temática, numa discussão sobre a morte da cantora Cássia Eller e o resultante debate acerca da guarda de seu filho. Os dois primeiros trabalhos, que posteriormente foram publicados em livros, Heilborn (2004) e Mello (2005a), influenciam ainda hoje a produção acadêmica das Ciências Sociais no Brasil quando o tema é conjugalidade homossexual¹ e, posso afirmar, são interlocutores constantes desta tese de doutorado.

Mas, retomando, essa minha primeira preocupação acerca da conjugalidade homossexual acabou resultando em uma dissertação de mestrado (Lopes 2005) que analisou os discursos proferidos no processo de debate do Projeto de Lei que tratava da união entre pessoas do mesmo sexo no Brasil, proposto em 1995 pela então Deputada Federal pelo Partido dos Trabalhadores (SP) Marta Suplicy, até hoje não apreciado na Câmara dos Deputados. Trata-se de um projeto, que, se aprovado quando de sua apresentação, teria posicionado o País entre os países de vanguarda que reconheciam direitos à união homossexual. Não obstante, hoje se trata de um projeto defasado e extremamente criticado, inclusive por setores do próprio movimento LGBT (Lopes 2005; Uziel et Al. 2006). A dissertação e os artigos resultantes da investigação realizada

¹ Ressalto aqui a produção especificamente voltada para a discussão sobre conjugalidade homossexual nas Ciências Sociais, deixando propositadamente de lado a discussão sobre parentalidade. Tenho de destacar também que, em outras áreas, há uma multiplicação de textos sobre tal temática, especialmente na área do Direito e da Psicologia.

nas Atas e Diários do Congresso Nacional tiveram como foco a análise dos discursos, imagens e significados dados à homossexualidade e à união homossexual contidos nestes documentos. Complementarmente, também foram analisados documentos produzidos pelas principais organizações que participam da discussão pública fazendo *advocacy*² ou pressão política na Câmara dos Deputados.

Ao final do mestrado, com a conclusão da dissertação tinha bem claro que deveria aprofundar minhas análises sobre a união entre pessoas do mesmo sexo. Apostava em que as análises até então desenvolvidas por mim poderiam se tornar mais ricas se levassem em conta um elemento que até o momento não havia sido tematizado em meus trabalhos, qual seja: “o ponto de vista” de homossexuais que viviam uma relação de conjugalidade. Em outras palavras, em minha dissertação eu analisara a percepção das instituições, do movimento LGBT, das Igrejas e seus movimentos internos, do Estado e de seus integrantes. Faltava, portanto, estudar como os homossexuais que vivem conjugalmente percebem sua conjugalidade e como repercutem seu status na sociedade.

Tendo isso em mente, elaborei e enviei em 2004, enquanto terminava minha dissertação (Lopes 2005), um projeto de pesquisa para o Programa de Metodologia de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva do Instituto de Medicina Social da UERJ³, que, posteriormente, foi financiado pela Fundação Ford no âmbito deste programa. O projeto foi intitulado “Conjugalidade na Grande Cuiabá: Significados e práticas da parceria entre homossexuais que vivem uma união” e foi desenvolvido no ano de 2005, com a pesquisa de campo e coleta de dados empreendida entre os meses de agosto e setembro. O campo Cuiabá foi selecionado por uma das grandes casualidades que acontecem sempre na vida de qualquer antropólogo. Durante uma visita a amigos que lecionavam na Universidade Federal de Mato Grosso, conversamos a respeito de

² O conceito de *advocacy*, segundo Rodrigues, diz respeito à “*uma ação estratégica que visa realizar/contribuir para mudanças nas instituições, nas relações e práticas sociais, as quais demandam e produzem mudanças de valores e de mentalidades*” (1999: 2). O trabalho de *advocacy* é muitas vezes confundido com ações de *lobby*, pelo que, é necessário que se faça uma distinção entre essas práticas. De acordo com Rodrigues, “*o lobby distancia-se muito da ação de advocacy, que é desenvolvida em prol de uma causa, de um ideário, de uma utopia e, portanto, embasada em princípios e valores, com fortes conteúdos substantivos e informativos. Tal processo sustenta-se em métodos argumentativos e ações de sensibilização, de construção de alianças e de negociações com os poderes do Estado. A transparência das ações de Advocacy contrasta com a ‘clandestinidade’ das ações lobistas*” (idem: 1).

³ Agradeço o auxílio financeiro e institucional do IMS/ UERJ no desenvolvimento dessa pesquisa, especialmente ao diálogo empreendido com os professores Maria Luíza Heilborn, Anna Paula Uziel e Sérgio Carrara, e com os amigos Marcelo Tavares Natividade, Leandro de Oliveira e Roderlei Nagib Góes.

minhas intenções de pesquisa e eles me indicaram a cidade como promissora, pois além de possuir, à época, uma Parada Gay incluída entre as maiores Paradas Gays do interior do País, era uma cidade considerada por “muitos” como uma cidade extremamente liberal, havendo mesmo times de vôlei exclusivamente para gays, “quadrilhas” na época das festas juninas para gays e lésbicas, além de duas boates, alguns bares, saunas e um cinema freqüentados por homossexuais. Somado a isso, surgiu a “curiosidade de investigar” uma cidade do interior e fora do eixo Rio de Janeiro- São Paulo, onde a maioria das pesquisas sobre as homossexualidades eram até então desenvolvidas. Hoje, além dessa pesquisa desenvolvida por mim em 2005 (Lopes 2009), há os trabalhos de Córdova (2004) comparando a vida conjugal de gays e lésbicas em Santa Catarina; a discussão de Pelúcio (2006) acerca da conjugalidade entre travestis nas cidades de São Carlos e São Paulo; o trabalho de Nunan (2007), no Rio de Janeiro; a tese de Paiva (2007) desenvolvida com casais de homossexuais masculinos em Fortaleza; a tese de Saraiva (2007a), desenvolvida em Porto Alegre; a dissertação de Castro (2007), desenvolvida no estado da Bahia; e a pesquisa desenvolvida por Gontijo (2007) com casais homossexuais identitários em Teresina, Piauí.

O projeto “Conjugalidade na Grande Cuiabá”, em sua primeira formulação pretendia pesquisar o universo tanto dos casais homossexuais masculinos quanto dos femininos tendo a questão de gênero como uma questão central de investigação, entretanto, devido ao curto tempo disponível para desenvolvimento do trabalho de campo e apresentação de resultados, o projeto sofreu uma reformulação e passou a estudar exclusivamente casais formados por homossexuais masculinos. A experiência de pesquisa de campo com os nativos foi muito rica e resultou em um capítulo de livro (Lopes 2009) e alguns artigos enviados para publicação. No entanto, a questão de gênero, presente na comparação entre casais de gays e lésbicas, que foi abandonada nessa investigação, nunca foi realmente esquecida e acabou se tornando a questão central para a posterior elaboração de meu projeto de tese de doutorado.

Assim, com essa idéia em mente, ingressei no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília. Minha inserção nesse programa permitiria o aprofundamento teórico-metodológico necessário para o desenvolvimento de uma investigação tendo como fundamento a etnografia associada às entrevistas. Durante o período dos créditos, fui convidado, pela minha orientadora, professora Dra. Lia Zanotta Machado, e pelo professor Dr. Luiz Roberto Cardoso de

Oliveira, a fazer parte do Programa de Centros Associados de Pós-graduação Brasil/Argentina⁴. Tal programa tem como um de seus principais objetivos associar centros e programas de Pós-Graduação de Instituições de Ensino Superior do Brasil e da Argentina, privilegiando o intercâmbio de docentes, estudantes e pesquisadores visando a de troca de experiências acadêmicas e de pesquisa nas áreas de Ciências Humanas e de Ciências Sociais, especialmente a Antropologia.

O referido Programa fundamentou tal intercâmbio de experiências no desenvolvimento de um grande projeto intitulado “Burocracias penais, processos institucionais de administração de conflitos e formas de construção de cidadania. Experiência comparada entre Brasil e Argentina” que objetiva construir uma *“reflexão teórica sobre o funcionamento da burocracia policial e judiciária e seus reflexos no campo do acesso à justiça e ao direito, os processos de implementação de reformas policiais e judiciais, os mecanismos de controle democrático da violência e da violação aos chamados direitos humanos, as tradições e os costumes jurídicos locais, a ‘produção de verdades’ nos procedimentos policiais e judiciais, assim como os processos de construção da memória dessas instituições ou de segmentos societários”*. O programa tem duas linhas de pesquisa: 1. Análise comparativa do funcionamento das burocracias penais, pelo estudo dos processos de reformas na instituição policial e judiciária e no processo penal; e, 2. Análise comparativa das formas de administração de conflitos e de construção da cidadania e do reconhecimento moral no espaço público. Minha investigação se encaixa particularmente na segunda linha de pesquisas.

Com minha inserção neste programa, fui convidado a fazer uma missão de estudos de três meses na Universidade de Buenos Aires, uma das participantes do programa. Tal missão de estudos pareceu-me interessante, pois permitiria o contato com outros pesquisadores e experiências de pesquisas; possibilitaria o estabelecimento da proximidade com uma realidade outra na qual a construção da cidadania e do reconhecimento moral no espaço público de meu objeto de estudo se daria de modo diferenciado; e, ainda, porque a cidade de Buenos Aires foi onde ocorreu à aprovação

⁴ Fazem parte do Programa de Centros Associados de Pós-graduação Brasil/Argentina, no Brasil, o Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília e o Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Gama Filho (RJ); na Argentina, o Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires e o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Nacional de Misiones, contando com o apoio das referidas instituições e de seus pesquisadores e professores.

do primeiro projeto de reconhecimento de direitos para a união homossexual na América Latina.

Já instalado em Buenos Aires, participei de reuniões regulares da Equipe de Antropologia Jurídica e Política da Universidade de Buenos Aires, coordenado pela professora Dra. Sofia Tiscornia, que fazia parte do Programa de Centros Associados de Pós-graduação Brasil/Argentina, bem como participei de reuniões com o Grupo de Estudos em Sexualidade (GES) do Instituto Gino Germani, coordenado pelo Professor Dr. Mario Pecheny, e que não fazia parte do Programa. O contato com os dois grupos de investigação foi extremamente rico e produtivo, pontuado por trocas de experiências teórico–metodológicas, bem como pelo acesso à referências bibliográficas desconhecidas deste pesquisador e que influenciaram profundamente na elaboração da tese que se segue.

Esta também foi influenciada e gradualmente definida por meus contatos com o universo gay da cidade de Buenos Aires. Após apresentar idéias que estava elaborando para meu trabalho de investigação a alguns amigos gays, muito se chocaram com meu relato sobre o Brasil (especialmente Brasília cidade onde havia iniciado minha pesquisa de campo) e sobre as diferenças e semelhanças com Buenos Aires. Todos eles me apontaram que a Argentina era um país muito mais conservador e que havia muito mais preconceito em relação à homossexualidade do que à primeira impressão e que o Brasil pelo contrário parecia muito mais liberal do que eu havia relatado. Repetidamente, a comparação entre os países era tema de discussões que surgiam em diferentes círculos de amigos, e o espanto deles, advindo do descompasso entre a imagem que eles tinham do Brasil – baseada em visitas curtas de turismo na região Sul do país, mas especialmente, nas praias da zona sul do Rio de Janeiro –, e as minhas falas quando apresentava um Brasil com preconceito e que discriminava homossexuais, inclusive com diversos casos de assassinatos, era visível. Eles se representavam como extremamente conservadores e religiosos, mas já tinham uma lei aprovada de união homossexual, e nos representavam como “extremamente liberados sexualmente”, sem preconceitos, inclusive “tinham certeza” de que aqui no Brasil já havia sido aprovado uma lei de união homossexual.

Mas, essas conversas com os amigos eram ainda mais informativas quando falávamos de meu tema de pesquisa, ou seja, a união homossexual, fazendo com que

muitos falassem de suas experiências conjugais e passassem a me apresentar amigos casados para que eu os conhecesse. As comparações entre casais no Brasil e Argentina emergiam como longos debates. Conversávamos sobre fidelidade e amor, relações abertas e fechadas, reconhecimento da união e sociabilidade gay. Em uma dessas conversas, notei a recorrência dos discursos de meus amigos e dos amigos deles que eram casados, sobre a importância do respeito entre os parceiros, a relevância ou não do respeito da família, a importância do acordo mútuo entre os pares, e a liberdade que tinham ou não de serem apenas “homens como outros quaisquer”⁵ que viviam ou gostavam de outros “homens comuns”.

E assim surgiu o tema dessa tese, que é analisar a construção do sujeito, da subjetividade e da conjugalidade desse “homem comum” que tem relações estáveis com outros “homens comuns”. A comparação entre casais de gays e de lésbicas, idéia inicial para uma tese de doutorado, foi novamente deixada de lado para uma pesquisa futura e substituída pela análise em paralelo da construção da subjetividade e da conjugalidade homossexual entre casais de homossexuais masculinos no Brasil e na Argentina, tendo como foco as cidades de Buenos Aires e Brasília. Tal paralelo entre países foi construído inicialmente pelos próprios nativos argentinos quando de minha primeira estadia lá, e depois foi reconstruído pelo autor quando da análise dos dados, tendo o sentido de fazer com que a experiência de análise da conjugalidade homossexual reflita e ressalte as especificidades das situações de ambas as localidades. Finalizando, tenho de ressaltar que neste trabalho o foco é a construção de um tipo específico de organização da vida afetivo-sexual, de um grupo específico de indivíduos, com uma subjetividade específica, diante de uma diversidade de modelos existentes, tais como, as relações poliamorosas, as relações conjugais heterossexuais abertas, o *swing*, ou as conjugalidades de lésbicas, transexuais, travestis.

⁵ A expressão “homens como outros quaisquer” emergiu em diversas falas de nativos, mas foi “realmente levada a sério” em um jantar de casamento de um casal de entrevistados argentinos, no qual fui apresentado como “um antropólogo que estudava *locas*”. Neste momento, um dos participantes do encontro disse que ali eu só encontraria “homens como outros quaisquer” que se relacionavam com outros iguais. Tal fala nativa faz referência à uma performance de gênero específica de um grupo específico foco desta tese, e não à diversidade de sujeitos e relações existentes, possíveis no mundo social.

Estrutura do trabalho

A tese que se apresenta foi dividida em duas unidades, a primeira delas intitulada “Construindo a tese e o campo”, espaço no qual apresento de maneira concisa a discussão teórico-metodológica, bem como, apresento parte da narrativa dos atores que se disponibilizaram a participar da pesquisa e a partilhar suas vidas. Tal unidade está subdividida em dois capítulos, no primeiro deles “Introduzindo o debate” busco apresentar ao leitor as principais questões teórico-metodológicas que foram mobilizadas durante a pesquisa de campo e que vão servir de amarras teóricas para o desenvolvimento da tese. Nesse capítulo, elaboro um debate sobre a definição de alguns termos como, p.ex., homoconjugalidade, conjugalidade homossexual masculina, sujeito, subjetividade, que são os temas essenciais da tese. Apresento, também, a minha inserção em campo, as questões que influenciaram o trabalho de pesquisa e debato brevemente o uso das novas tecnologias para facilitar o acesso do antropólogo a nativos.

O capítulo dois, “Entretecendo narrativas de conjugalidade”, tem como foco as narrativas que me foram apresentadas nas entrevistas e no trabalho de campo. Trata-se de uma tentativa concisa de proporcionar uma visão do conjunto das “histórias de vida” de nativos apresentados a mim como “homens como outros quaisquer” que vivem uma relação conjugal com um “homem como outro qualquer”. Devo destacar que se trata de uma apresentação concisa das biografias que devido a extensão são apresentadas de modo completo no Anexo 1. Nelas, os nomes utilizados para identificá-los são fictícios, muito embora muitos deles tenham permitido a utilização de seus nomes reais. Entretanto, no intuito de salvaguardar suas identidades, optei por não identificá-los com seus nomes verdadeiros. São narrativas individuais e conjugais apresentadas de maneira paralela, revisadas por alguns dos nativos, mas que tiveram sua publicação autorizada por todos.

A segunda unidade, “Pensando (com) o campo”, é o momento no qual complemento a apresentação dos nativos e de sua maneira de pensar temas como sua subjetividade e identidade, sua conjugalidade, afetividade e sexualidade, suas relações com a sociedade, os preconceitos e discriminação sofridos e o reconhecimento de suas identidades e conjugalidades. Trata-se do desenvolvimento de uma análise que busca integrar a teoria à apresentação dos modos de pensar e agir dos nativos, pois fazer uma divisão estanque entre teoria e campo poderia “cair no risco de empobrecer” a visão

nativa. Somado a isso, esta análise integrada evidencia o quão rico pode ser pensar teoricamente a complexidade vivenciada pelos nativos, se levados realmente “a sério”. O primeiro capítulo desta unidade, “Sujeito e subjetividades: Intersecções contextuais” desenvolve uma análise em paralelo da construção do sujeito e de sua subjetividade no contexto urbano de cidades como Brasília e Buenos Aires. Discuto nele a influência de questões tais como raça/etnia/nacionalidade, classe/camada social, gênero, geração/grupo etário, religião, identidades e práticas sexuais, na construção da imagem e da representação dos nativos como “homens como outros quaisquer”.

No capítulo seguinte, “Construção da união, gênero, sexualidade e emoções” realizo uma análise das especificidades das relações homoconjugais estabelecidas pelos sujeitos apresentados anteriormente, tendo como foco as emoções, a afetividade, a sexualidade e o gênero. Discuto como esses elementos “interferem” na construção de suas relações conjugais gerando uma “linguagem” da fidelidade e da infidelidade próprias, a qual, apesar de marcada pela dualidade relações abertas *versus* relações fechadas, é muito mais rica, complexa e diversa, culminando na formação de alguns “estilos de relação” de conjugalidade.

No último capítulo, “Respeito, subjetividade e sociedade” apresento e discuto como as “relações de poder”, no sentido foucaultiano (Foucault 2001a, 2001b, 2002), afetam a performance do sujeito no espaço público gerando uma estratégia que, ora o define como um igual ora o define como um diferente, em decorrência, ora o “reconhece” como um igual ora apenas o “tolera” como um diferente. Trago aqui, também, a discussão apresentada pelos nativos das “lutas” entre diferentes regimes de reconhecimento e tolerância, representados especialmente na Argentina pela discussão sobre projetos de lei diferentes que buscam garantir direitos para a união homossexual, um deles através da equiparação total com os direitos dos heterossexuais, através da alteração da lei do matrimônio, e outro projeto, que busca criar um novo estatuto social, a “união civil homossexual”, uma figura jurídica nova, mas com conteúdo similar ao do matrimônio.

Finalizando, temos um “Epílogo” no qual desenvolvo uma análise articulando as principais questões desenvolvidas no corpo da tese sobre a construção do sujeito, da subjetividade e da conjugalidade de “homens como outros quaisquer” que vivem relações de homoconjugalidade em contexto urbano no Brasil e na Argentina.

- Unidade I -

Construindo a tese e o campo

– Capítulo 1 –

Introduzindo o debate

Apresentam-se nesse capítulo as principais questões teóricas e analíticas que nortearam a elaboração da tese. Desenvolvo uma discussão concisa partindo da literatura que recobre a construção da subjetividade e da homoconjugalidade masculina, buscando delimitar meu tema de pesquisa e o contexto etnográfico no qual tal pesquisa de campo foi desenvolvida. Assim, neste capítulo parto do debate público acerca da constituição da homoconjugalidade masculina, das principais questões e problemas, para delimitar como ocorreu o processo de definição de meu tema de pesquisa para esta tese de doutorado. Deste modo, enfoco a construção do sujeito, da subjetividade e da identidade como questões que têm de ser problematizadas e colocadas em relevo por qualquer trabalho de pesquisa; também focalizo, a intersecção de categorias como raça/etnia, geração, classe/camada social e gênero como questões essenciais para definição de meu objeto de pesquisa por englobar e definir significados dados ao sexo, ao afeto, à sexualidade e à fidelidade pelos homens que vivem em situação de conjugalidade com um igual.

Além disso, nesse capítulo mostro as principais questões e problemas levantados pelo modo como a entrada em campo se deu. Para isso, em um primeiro momento, apresento as formas na qual os primeiros contatos com os nativos foram realizadas e como os contatos subseqüentes se deram. Posteriormente, apresento questões como o processo de negociação das informações através de um processo de “sedução” do nativo pelo antropólogo, bem como as subseqüentes tentativas de “sedução” do antropólogo pelo nativo. Finalizando destaco a importância que os sites de encontro e os contatos virtuais tiveram nessa pesquisa, mostrando que apesar de tudo tratou-se de uma pesquisa que utilizou esses meios apenas como ferramentas para facilitar o acesso aos nativos que sempre foram entrevistados pessoalmente.

Definindo termos

Conjugalidade, parceria, casamento, monogamia, amor, fidelidade, todos são assuntos de estudos consagrados em diversas áreas, tais como a antropologia, a sociologia, a psicologia, a filosofia, entre outras, e são o tema desta tese. No entanto, não é objetivo deste trabalho realizar uma longa digressão histórico-conceitual sobre as distintas abordagens que envolvem os estudos supracitados, mas trabalhar com os pressupostos implícitos que estão presentes nas crenças contemporâneas quando se referem a idéia de casal.

O termo “casal” em momento algum é aqui utilizado como alusão ao casamento formal, seja ele religioso ou civil, mas é tomado como referência a um vínculo estável, a um compromisso estabelecido entre sujeitos ou a um arranjo conjugal entre indivíduos que podem tomar qualquer formato, não sendo regidos necessariamente pela monogamia, pela coabitação ou pelo tempo de convivência. Neste estudo, partindo de Heilborn (2004: 12), a conjugalidade é definida como “*uma relação social que se institui em um par, admitindo o caráter de uma opção por uma determinada gestão da sexualidade*”, acrescentaria também, por uma determinada gestão da afetividade.

Aqui, o casal é tomado como ponto nodal de uma perspectiva de análise que tem como foco a construção da subjetividade e do gênero entre homens homossexuais. O casal é tomado como uma relação, que apesar de por vezes ser naturalizada pelos nativos, é construída social e historicamente tendo como cerne uma relação estabelecida entre duas pessoas que pactuam como tal arranjo se estrutura e se dá na prática. Desse modo, é essencial mostrar que apesar de fazer eco a maneira como a sociedade historicamente organizou o casal, o casamento e a família, esse trabalho busca problematizar essas concepções que estão assentadas em um “dispositivo de aliança”⁶ que é posteriormente englobado por outro “dispositivo de sexualidade”. Este último se manifesta socialmente por um poder⁷ que não está mais centrado na forma da lei, mas sim disperso por todo corpo social e especialmente impresso no corpo dos indivíduos.

⁶ Dispositivo de aliança, tal como definido por Foucault em sua *História da Sexualidade* (2001a, 2001b, 2002), é um dispositivo que busca organizar as relações sexuais em um sistema de matrimônio, parentesco e transmissão de bens tendo como substrato a reprodução sexual e social e a célula familiar. Trata-se de um sistema de regras proibitivas que determinavam o permitido e o proibido, o prescrito e o proscrito, através de leis como a do matrimônio especialmente.

⁷ Para Foucault, o poder é concebido como luta, não possuindo uma identidade própria, unitária e transcendente, mas se encontra distribuído por toda a estrutura social sendo sempre socialmente produzido.

Trata-se de um poder que toma o sexo como foco do discurso se articulando com a tese de que a sexualidade não pode ser reprimida na sociedade moderna (Foucault 2001a).

Partindo dessas premissas, e apesar da família ser pensada majoritariamente como um lócus no qual ocorre a articulação mútua entre o “dispositivo da sexualidade” e o “dispositivo da aliança”, especialmente a questão da regulação das relações sexuais e a dimensão da lei, a família engloba outros elementos, tais como a economia do prazer, a intensidade das sensações, a afetividade, o amor. Nesta tese, estas últimas questões se tornam pontos essenciais, pois são elementos reiteradamente citados e longamente analisados pelos meus nativos em nossas conversas. Esta esfera de articulação mútua proporcionada pela família como dispositivo significado sócio-historicamente tem sido muito explorada contemporaneamente pelos estudos antropológicos, sociológicos e psicológicos. Tal acontece especialmente devido à influência dos movimentos de libertação sexual, dos movimentos feministas e homossexuais que lutam contra a desigualdade entre os distintos gêneros e as diferentes sexualidades; bem como, pela revolução contraceptiva, que promoveu a dissociação entre sexualidade e reprodução (Parker e Barbosa 1996; Bozon 2004a, 2004b).

Todos esses movimentos influíram na ampliação da diversidade de formas de gestão do vínculo familiar, enfraquecendo o modelo tomado como ideal e tradicional de família existente até a segunda metade do século XX (Durham 1983; Velho 1986; Quinteiro 1990). Esse modelo tradicional, tal como apresentado anteriormente, se pautava no amor romântico, na monogamia sexual e no vínculo íntimo e intenso entre marido e mulher. Contemporaneamente, observam-se a criação progressiva de um domínio da intimidade (Giddens 1998), a dissociação entre sexualidade, reprodução e filiação (Bozon 2004a), e a idéia de igualdade entre os gêneros (Salem 1989; Heilborn 2004). Neste estudo, partindo dessas alterações que vêm ocorrendo, busco problematizar a construção da subjetividade e da masculinidade em relações de conjugalidade entre homens homossexuais⁸. Para isso, parto de estudos já estabelecidos que buscam dar conta das estruturas pertinentes à vida a dois; isto é de um recorte da

⁸ Utilizarei o termo homossexualidade e seus derivados por serem eles mais largamente utilizados pelos nativos, pelo movimento LGBT e pela bibliografia de referência, não me atendo ao debate estabelecido pela bibliografia entre os conceitos de homossexualidade, homoafetividade e homoerotismo. Para tal debate teórico, terminológico e conceitual consultar especialmente as obras de Jurandir Freire Costa (1992), João Silvério Trevisan (2004), Adriana Nunan (2003) e João Bosco Góis (2003).

problemática conjugal frente à da família (Salem 1989; Heilborn 1995, 2004; Córdova 2004; Paiva 2007a, 2007b; Lopes 2009).

Assim, privilegio na análise o universo simbólico que sustenta os denominados novos arranjos conjugais e, desse modo, o recorte social denominado de “perfil moderno das camadas médias”, que possui três princípios: a psicologicidade, a igualdade e a mudança. Esses novos arranjos conjugais estruturam-se basicamente no princípio da igualdade - rejeitando qualquer diferença de status entre os gêneros -, no companheirismo e no apoio psicológico. Heilborn (2004) traça inclusive alguns paralelos entre a conjugalidade moderna e a amizade, afirmando que elas se diferenciam pela idéia, presente na conjugalidade, “*de precedência sobre as demais relações*” e, se aproximam, pela adoção do ideal de preservação da autonomia individual e da singularidade presente na relação de amizade. A autora afirma, ainda, que a idéia de conjugalidade entre as camadas médias não aspira à reprodução, não reivindica como pressuposto a coabitação entre os parceiros, assim como o entendimento do que constitui a fidelidade se altera. Em suas palavras, “[...] *fala-se antes em ‘lealdade’ para designar a convenção da primazia conjugal, e não se descarta a possibilidade das relações extracasamento*” (idem: 112).

Este trabalho de investigação seguiu essa trilha de estudos pautando sua análise no processo de construção da subjetividade e da conjugalidade entre homens homossexuais, pelo que, torna-se relevante estabelecer diferenciações entre conjugalidade homossexual e heterossexual. Tal como entendidas neste trabalho, a conjugalidade homossexual diferentemente da heterossexual é construída em sociedades nas quais ocorrem situações de preconceito, de discriminação social e de não reconhecimento sócio-jurídico da homossexualidade; além disso, há a limitação da reprodução biológica sexuada, restrita ao casal heterossexual (Bozon 2004a; Mello 2005a,b); e há, também, especificidades de gênero que atribuem singularidade a cada um dos três tipos de casal, quer sejam de homens, de mulheres e de homem e mulher (Bozon 2004a; Córdova 2004; Heilborn 2004; Mello 2005a,b; Nunan 2007; Paiva 2007a, 2007b; Lopes 2009).

Levando em conta essas especificidades, e por trabalhar nesta tese exclusivamente com a conjugalidade estabelecida entre homossexuais, especificamente homens homossexuais, utilizarei sempre o termo homoconjugalidade para me referir a

essa forma de conjugalidade. Mas, outros termos, tais como, par homossexual, casal homossexual e parceria homossexual serão usados como sinônimos de homoconjugalidade. Destaco que a leitura que efetuo da homoconjugalidade parte da concepção de que tais categorias são constructos sociais que se baseiam em uma estilística do vínculo, ou seja, na elaboração de um “estilo de relação” que toma como elementos a arte da construção do vínculo conjugal, a gestão da exclusividade sexual e a organização de uma estética dos prazeres, compartilhados ou não pelo casal. Finalizando, ressalto que apesar do uso do termo homoconjugalidade no singular não é pretensão deste trabalho identificar/ analisar todo tipo de construção homoconjugal, mas, tão somente, um tipo específico, de um grupo específico de indivíduos, com uma subjetividade específica, diante de uma diversidade de modelos existentes, de modo que o “mais acertado” seria a utilização da expressão homoconjugalidades no plural.

Homoconjugalidade masculina

A oposição assimilação-subversão marcam o debate público, acadêmico e militante, acerca da homoconjugalidade masculina. Enquanto alguns atores sociais apontam que a regulamentação da união entre homossexuais possui um caráter eminentemente normalizador, outros ressaltam o caráter de novidade que o reconhecimento da união homossexual possuiria. Discutindo as reivindicações do movimento homossexual no Brasil, Mello (2005a,b) aponta a existência de um “*forte teor integracionista*” – ou como Paiva (2007a) um “*registro assimilacionista*” – nesses reclames políticos. Miskolci indo mais longe, aponta que a regulamentação da união entre pessoas do mesmo sexo é “*um mecanismo de normalização social poderoso e com conseqüências ainda pouco discutidas pelo movimento GLBT*” (Miskolci 2007: 110). Ressaltando a mudança de estruturas sociais consolidadas que o reconhecimento da união homossexual possuiria, alguns autores mostram a necessidade de ressignificação dos termos envolvidos no debate, quais sejam: família, casamento, parentalidade, amor, conjugalidade etc., que implicariam em uma ampliação na configuração tradicional na qual se encontrava assentada a família heterossexual (Gullo e Brissac 1995; Suannes 1997; Mello 1999 e 2005a,b; Uziel 1999 e 2002; Fachin 2003; Grossi 2003; Lopes 2003 e 2005). Ambas as posições, no entanto, defendem de maneira cabal a necessidade do reconhecimento da união homossexual tendo como principal argumento a defesa dos direitos humanos, entre eles o da igualdade entre os cidadãos (Sullivan 1996; Fachin 1997; Mello 1999 e 2005a,b; Uziel 1999; Dias 2000; Rios 2001, 2002 e 2006; Grossi 2003; Lopes 2003 e 2005; Lorea 2006; Meccia 2006; Mott 2006; Medeiros 2007a,b).

Reportando-se a esse debate, Bourdieu (1999) aponta essa dualidade como enganadora. Para ele, a reivindicação do reconhecimento da união homossexual agrega uma ambivalência, sendo ao mesmo tempo subversiva por problematizar as relações de casamento, família, masculino/feminino, filiação, parentalidade etc., e conformista, pois impõe uma normalização, um “fazer como todo mundo”. É pensando nessa ambigüidade que Butler (2003b) aponta o potencial risco de um grupo – ou de parte de um grupo, no caso o dos homossexuais que constituíram uma união – colocar sua relação de afetividade sob a tutela do Estado. Para a autora, há o risco de se realizar uma integração sem o devido questionamento das práticas sexuais consideradas passíveis de serem legisladas, isto é, arrisca-se a aplicar um modelo já pronto sem problematizá-lo.

Com isso, há o perigo da emergência de novas hierarquias no discurso político com a integração de um grupo e a exclusão de outros.

Tal preocupação também se destaca na análise de Miskolci (2007) que partindo do exame dos “pânicos morais” mostra como o reconhecimento do “casamento gay” pode construir uma delimitação das relações aceitáveis apenas para as que resultariam em casamento, conduzindo automaticamente todas as outras relações e/ou adeptos de práticas sexuais “não aceitáveis”, segundo a moral burguesa e familiar – fetichistas, sadomasoquistas, transexuais, travestis, *cross-dressers*, entre outros – a serem rotulados como indesejáveis e ilegítimos. Mais que reduzir o léxico de reconhecimento social corre-se o risco de reduzir a sexualidade ao casamento ou à união legítima.

Contrapondo-se a esse “receio” da tutela do Estado por gays e lésbicas expresso por Butler⁹ e Miskolci, e apoiado nas análises de Schneider (1997) e Strathern (1997) sobre o crescimento do “casamento” entre gays e lésbicas, Vale de Almeida (2006) afirma que tal reconhecimento pelo Estado não implica em uma formatação das formas de conjugalidade. Isso não ocorre, pois, além de não haver uma diferença substancial entre homossexualidade e heterossexualidade no que tange ao parentesco e à família, uma vez que ambos são formados por casais que se amam formando uma unidade doméstica, sendo que as aspirações destes gays e lésbicas estariam centradas em sua pertença a uma cultura e sociedade cujos valores já partilhariam.

Estes valores culturais partilhados implicam na existência de um repertório simbólico comum no qual há um sistema hierárquico hegemônico comum a todos e que os situa em diferentes posições em relações uns aos outros. Tais “lugares” neste sistema hierárquico se baseiam em análises das práticas sexuais, tendo no topo da pirâmide erótica as práticas dos heterossexuais reprodutores casados e monogâmicos, seguidos pelos heterossexuais monogâmicos não casados em parceria estável e, posteriormente, os demais heterossexuais. Na base desta pirâmide estão os grupos/classes sexuais mais desvalorizados pela sociedade, os transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, michês, atores pornô, prostitutas etc.; um pouco acima estão os homossexuais

⁹ No que se refere a Butler é importante destacar que o Estado é visto predominantemente como lugar de imposição de formas e regras de conduta estabelecidas, desse modo quase nunca é tomado como uma instituição que pode afirmar novas formas de conjugalidade. Assim, o Estado é tomado apenas pelo ângulo de sua negatividade representado pela repressão da liberdade do indivíduo, no entanto, o Estado deve ser analisado também de outro modo, ele tem uma “positividade” na medida em que pode produzir/reafirmar algo, no caso específico ele pode reafirmar novas formas de conjugalidade.

promíscuos (visto negativamente, especialmente depois da epidemia de AIDS); e logo acima, os casais homossexuais estáveis, já no limite da respeitabilidade, quase no considerado “bom sexo” (Rubin 1989).

Um exemplo desse partilhar de hierarquias e classificações da cultura e da sociedade pode ser tirado de uma pesquisa de campo por mim realizada em 2005 na cidade de Cuiabá. Através dessa etnografia percebi como casais de homossexuais masculinos constroem uma “imagem de respeito” com o intuito de subir degraus nessa pirâmide de hierarquia social e alcançar o “bom sexo”. Utilizam para isso de duas estratégias: *“a produção da idéia de homens de respeito, para o pesquisador; e a configuração da imagem de um grupo de gays respeitáveis, em contraste aos homossexuais promíscuos”* (Lopes 2009: 498). Este processo de construção da “imagem de respeito” se constitui essencialmente através da associação de sua conjugalidade a ideais de fidelidade e não promiscuidade, pelo controle do segredo da homossexualidade no espaço público, pela demonização do homossexual promíscuo que freqüenta o “mundo gay” e pela utilização de uma performance de gênero coerente com a determinada para seu sexo biológico.

Assim, pautados nessa hierarquia social já construída e dispersa no imaginário social, esses casais buscam em seus discursos se diferenciar do “grupo” dos homossexuais promíscuos galgando alguns degraus na pirâmide de práticas e relacionamentos sexuais e eróticos. No entanto, tal oposição não pode ser tomada literalmente, visto que alguns casais se dirigem, ainda que em menor intensidade, a boates, cinemas e parques caracterizados como pertencentes ao “mundo gay”. Tal como aponta Córdova (2004), em sua análise da vida conjugal de gays e lésbicas da comunidade de Rationes, em Santa Catarina, de forma ambivalente, os entrevistados rejeitam o gueto, mas acabam por criá-lo ao se fecharem em grupos e espaços que implicam em certo modo de vida, linguagem, sinais, símbolos e categorias próprias, apesar de recusarem os circuitos de encontros e trocas, freqüentados em busca de uma “transa”.

Assim, esse partilhar de valores, hierarquias e classificações da cultura e da sociedade influenciam tanto na construção cotidiana das relações homoconjugais quanto nas aspirações de reconhecimento destas relações. O “risco” não estaria em se construir uma “nova forma” de hierarquia social assentada na díade conjugal como espaço

legítimo de vivência da sexualidade (Butler 2003a; Miskolci 2007), afinal de contas, essa hierarquia já existe. O “risco”, na verdade, seria de ocorrer uma cristalização na forma de lei dessa hierarquia social. Daí que se torna importante politicamente (diria essencial) tomar o reconhecimento da homoconjugalidade partindo de um questionamento das estruturas históricas nas quais estão assentadas essa forma de hierarquia e não apenas como uma política que busca inserir um grupo a despeito de outros.

Essa tese se coloca no meio dessa ambigüidade, tanto nos discursos quanto nas práticas cotidianas dos nativos, levando-as “a sério” com o fim de construir uma análise que não reifica e simplifica o real em demasia. Tendo em mente, tal como aponta Strathern, que *“dizer que as coisas mudaram ou não, dizer que existem novas formas culturais ou apenas velhas formas retrabalhadas, ou dizer que não há nada de novo, é em si mesmo uma decisão política”* (1997: 281) Assim, analiso a homoconjugalidade masculina no Brasil e na Argentina, suas estratégias de construção e vivências cotidianas da conjugalidade, tendo como foco os significados dados pelos nativos a essa polêmica. Desse modo, tenho como foco entender como a experiência da subjetividade se constrói na homoconjugalidade masculina e como o reconhecimento social se relaciona com essa construção da subjetividade.

Sujeito, subjetividade e identidade homossexual

A experiência homossexual pode ser considerada uma doença, uma perturbação, um privilégio ou uma maldição; pode ser considerada digna de uma “cura”, retificada, abraçada ou suportada. Mas ela existe. [...] Ela ocorre independentemente de suas formas de expressão; está inserida naquela área misteriosa e instável onde o desejo sexual e o anseio emocional se encontram; atinge o cerne do que faz um ser humano ser aquilo que ele ou ela é. [...] A verdade é que, para a esmagadora maioria dos adultos, a condição homossexual é tão involuntária como a heterossexualidade o é para os heterossexuais (Sullivan 1996: 22).

Esse parágrafo do livro “Praticamente normal. Uma discussão sobre o homossexualismo” é interessante, pois consegue aglutinar em um mesmo registro todos os problemas político-conceituais contemporâneos trazendo as representações sócio-históricas presentes sempre que a temática da discussão é a homossexualidade na sociedade. Assim, pode-se perceber nele a presença de representações que suportam os discursos de religiosos, de ativistas e de políticos e suas respectivas visões de mundo e atitudes políticas no que tange aos direitos dos homossexuais.

Mas, o mais importante, é que traz em seu bojo a afirmação de que o que nos torna humanos é uma área instável e misteriosa no qual o desejo sexual está presente. Imediatamente isso me traz a mente Foucault que em sua “História da sexualidade” (2001a,b) mostra como a partir da modernidade o sexo e a sexualidade passam a adquirir *status* de verdade sobre o sujeito. É na época moderna que emerge uma verdadeira incitação política, econômica e técnica para se falar do sexo por intermédio do desenvolvimento de práticas de controle e regulamentação das atividades sexuais.

Esse “dispositivo da sexualidade” passa a gerir e penetrar nas práticas sexuais e no corpo dos sujeitos criando uma patologia orgânica, funcional e mental a partir da investigação das “sexualidades periféricas”. Através da incorporação do ideal da confissão, solicitava-se a descrição dos prazeres como forma de classificar, nomear e oferecer tratamentos àquelas formas de sexualidade consideradas anormais ou fora dos padrões de uma “sexualidade saudável”. O Ocidente assistiu assim, a normatização das

condutas sexuais, na qual a descrição de cada prazer, de cada ato, de cada sensação, ou desejo mais secreto, são signos da “natureza” de cada sujeito. Assim, nasce o “bom sexo”, o sexo saudável e normal em contraposição as perversões, patologias e manias que passam a povoar os compêndios de biologia, medicina, psiquiatria, psicologia, sexologia e áreas correlatas. E com isso, cria-se a figura do homossexual, mais um no “exército dos desviantes”, junto com a figura do louco, do criminoso, do promíscuo, do masturbador etc. (Foucault 2001a,b).

Colocando a sexualidade na ordem do dia do discurso, as instituições tinham como interesse disciplinar os corpos dos indivíduos e suas práticas, direcionando-as para o engrandecimento do Estado. Assim, usando a confissão como aliada e instrumento de controle a humanidade colocou-se sob o signo do sexo (Foucault 2001a). Associada a esse dispositivo emerge a identidade heterossexual que é tomada como norma, como sinônimo de normalidade e que deve ser longamente afirmada. De modo oposto, há a definição da existência de uma homossexualidade que é identificada com a doença e o desvio, é tomada como uma patologia que deveria ser mantida em segredo para que os sujeitos não sofram sanções. Desse modo, cria-se uma identidade que é proibida e ao mesmo tempo necessária para a existência da identidade hegemônica heterossexual, uma identidade sexual que nasce sob a marca do segredo (Simmel 1999), do armário (Sedgwick 2007), da discríção (Pecheny 2005).

Partindo disso, inicia-se uma luta discursiva por parte dos homossexuais com o objetivo de mostrar a sua verdade a respeito da homossexualidade. E, essa luta se dá através da construção de contra-discursos que vão fundamentar o surgimento dos movimentos homossexuais no final do século XX. Assim, a “identidade” se torna o ponto central para a luta dos movimentos homossexuais, uma identidade na qual a escolha por um objeto amoroso – no caso, alguém do mesmo sexo – é uma condição determinante para construção de uma “identidade sexual” e um sujeito específico.

Louro (2001a,b) afirma, no entanto que essa representação “positiva” da homossexualidade pelo discurso político, teórico e militante exerce igualmente efeito regulador e disciplinador, pois supõe o estabelecimento dos limites, das possibilidades e restrições de um sujeito. Contrapondo-se a essas restrições, tal autora aponta que essa preferência por um determinado objeto amoroso não é (deve ser) condição determinante para a identificação do sujeito com determinada identidade sexual. Mais que isso, ela

defende a quebra dessa tradição de nossa sociedade que opera com o binarismo hetero/homossexual que está presente tanto nos discursos homofóbicos quanto nos favoráveis à homossexualidade. Afirmar a identidade é demarcar e negar seu oposto, a diferença.

Sustentar essa oposição nos leva a questionar o problema central da homossexualidade “*Quem sou eu? Qual o segredo do meu desejo?*”, e a pergunta deveria ser, de acordo com Foucault (2004: 68) “*Quais relações podem ser estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas através da homossexualidade?*”. Fica clara aqui a ênfase do autor na construção de um modo de vida que vai além das questões sexuais ressaltando a condição de fluidez que uma identidade deveria assumir. Tal como ele, defendo esse caráter de fluidez da configuração da identidade me contrapondo a idéia da existência de uma essência que determinaria desejos, atos e prazeres. Nesse sentido, me aproximo também da análise de Butler (2003a) no que tange a existência de um sujeito-em-processo como construído pelo/no discurso e pelos atos que performa.

Assim, sempre ao me referir a subjetividade farei referência a uma compreensão das práticas contextuais pela qual um indivíduo se torna sujeito e não a uma realidade anterior desvinculada dos acontecimentos sociais. Seguindo Foucault (2001a,b, 2002, 2004), terei como foco nesta tese, o trabalho desse indivíduo sobre si mesmo analisando a possibilidade de construção de uma resistência contra uma individualização normatizadora. Neste sentido, o cuidado de si se torna muito mais uma prática de subjetivação, uma invenção de si, um trabalho constante e incansável de construção de si mesmo, do que uma descoberta de algo, um desejo ou essência já existente, tal como apontou Sullivan (1996) no texto acima.

Esse trabalho de construção de si envolveria diversos campos de re-significação que englobariam desde a escolha amorosa, as práticas sexuais, as emoções, a performance de gênero etc que conduzem a construção de um estilo de vida específico com uma determinada configuração da união e da subjetividade. Vale ressaltar que essa subjetividade não se construiria de modo totalmente “livre” de amarras e constrangimentos, muito pelo contrário, tem como referência o discurso político social mais amplo com as relações de poder entrando materialmente no interior do corpo dos indivíduos (Foucault 1990, 1993, 2001a,b, 2002). Desse modo, o sujeito tem em sua

experiência corporal, vista como experiência concreta de si, uma relação determinada com o mundo, uma experiência de pertença a uma classe/camada social, a uma “raça”, a um gênero, a uma geração, a uma sexualidade. É nessa busca por re-significação, construção e cuidado de si que Foucault vê a possibilidade de saída da normatização da sociedade contemporânea.

E para a construção dessa subjetividade fluída, Foucault (2002) aponta a importância da amizade como forma de “*atualização da estética da existência*” (Ortega 1999: 154). A amizade proveria um espaço para novas construções sociais e subjetivas pautadas na experimentação e na construção de um modo de vida conjunto pautado na busca mútua por prazer. Assim, associaria um cuidado de si, uma ascese individual, mas também uma dessexualização das relações, centrada em uma desconstrução do modelo fálico ou, como aponta Ortega (1999), novas formas de obter prazer que transcendam o ato sexual. Nesse sentido, cabe a cada sujeito construir uma ética da amizade, sem regras ou formas tidas como corretas *a priori* para a construção de suas relações de conjugalidade e sociabilidade. Resultado disto é que a identidade do sujeito deixa de ser vista como identidade sexual e passa a ser tomada como uma identidade-em-curso de um sujeito-em-processo. Esta pesquisa parte deste suposto e busca problematizar esse processo de construção, levando em conta questões como a escolha amorosa, as práticas sexuais, as emoções, a performance de gênero, a classe/camadas sociais e a geração/idade para o desenvolvimento da análise.

Na intersecção

Nesta tese parto da concepção de que a identidade do sujeito é aberta e está sempre em vias de se fazer, se constituindo em “*resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação [...] são, pois, identificações em curso*” (Santos 1995: 135). Assim, esta identidade pode ser vista tanto como uma categoria política, semi-fictícia, quanto uma “experiência do eu” que dá um sentido unificado ao sujeito. Em ambos os casos, a identidade carrega a marca da ambigüidade, da construção incessante, da diferença e da igualdade. Desse modo, envolve questões de poder tanto por fazer referência a discursos político-sociais mais amplos, quanto a relações de poder, dominação, hierarquia, disciplina e possibilitar espaços de questionamento, resistência e subversão, através do cuidado de si (Foucault 2002) e da performatividade (Butler 2003a).

Assim, este trabalho é influenciado diretamente pelas obras de Foucault (2001a,b, 2002) e de autoras como Butler (2003a), Brah (2006), Brah e Phoenix (2004), Strathern (2006), Haraway (1994), Piscitelli (2006, 2008) todos eles desenvolveram uma crítica profunda a possibilidade de existência de um sujeito entendido como “anterior ao social”. Em suas análises, tais pesquisadores colocam em evidência a necessidade de se refletir sobre o modo como esse sujeito e essa identidade (inclusive as de gênero) se constituem. Nesse esforço tentam mostrar como as identidades são influenciadas e moldadas pela experiência social e cultural, pela performance, pelo discurso, pela história, pela prática, pela linguagem, pela intersecção ou pela articulação de categorias sociais.

Tributária desses desenvolvimentos teóricos da área de estudos de gênero e sexualidade esta tese se propõe a pensar na construção do sujeito, da identidade e da subjetividade como marcadas por experiências de intersecção entre categorias sociais como nacionalidade, raça, classe/camadas sociais, idade, sexualidade e gênero. Assim sendo, e seguindo as análises de Brah e Phoenix (2004), Brah (2006) e Piscitelli (2008), essa intersecção não é pensada com as categorias funcionando em paralelo, com tal ou qual “diferença” assumindo destaque. A intersecção deve ser pensada de maneira articulada e contextual, pois é na intersecção que se produzem formas particulares de opressão e privilégio, formas contextuais de ser e estar no mundo, determinadas relações interpessoais e, com isso, produz-se uma determinada identidade, um sujeito

específico e uma subjetividade particular. Desse modo, é essencial pensar nas relações de poder, nas diversas estruturas de dominação e subordinação e nas hierarquias que são produzidas e se entrelaçam na construção desse sujeito.

No que tange especificamente a este trabalho, é essencial definir quem é esse sujeito específico e em qual “encruzilhada de diferenças” ele se encontra. Tratam-se de homens homossexuais, quase exclusivamente brancos, de camadas médias, com performance de gênero masculina, majoritariamente entre 35 e 50 anos e vivendo em situação de conjugalidade no contexto urbano do Brasil e da Argentina. Apesar de possuírem nacionalidades distintas, os nativos das diferentes cidades compartilham de um conjunto de características muito próximas, senão semelhantes, que possibilita a prática do exercício da comparação.

De uma maneira geral, esses sujeitos homossexuais brancos, de camadas médias vivendo no contexto urbano compartilham, devido à difusão de informações nas sociedades globalizadas (seja pela internet, TVs, jornais e revistas), de um “sistema classificatório igualitário” (Perlongher 1993) presentes e fundados na Europa e nos Estados Unidos. Esse sistema classificatório igualitário se baseia na existência de um sujeito que assume sua homossexualidade e se relaciona de igual para igual com outro sujeito igualmente assumido. Trata-se de um modelo igualitário, tal como desenvolvido por Fry (1982), no qual há uma recusa à idéia da hierarquia representada pelas figuras do homem/ativo – bicha/passivo, e uma ênfase em uma relação igualitária entre os parceiros de mesmo sexo no estabelecimento de uma relação sexual e/ou afetiva. Além disso, há uma crítica à hierarquia entre identidade hetero e homossexual presente no modelo médico-psicológico tido como intermediário entre os dois. Esse modelo baseado na idéia de igualdade estaria associado à expansão do valor do individualismo nas sociedades contemporâneas, especialmente nas camadas médias e altas mais abertas a “modernização”, no entanto competiria com o modelo hierárquico e o modelo médico-psicológico (Fry 1982; MacRae 1990; Parker 1991; Carrara e Simões 2007).

Associado à rejeição do modelo hierárquico e a expansão do modelo igualitário, há o questionamento da categoria homem (e de sua masculinidade) ligada exclusivamente ao ideal do macho ativo e penetrador em uma relação sexual, independente do sexo do penetrado (Perlongher 1993; MacRae 1990; Parker 1991). Nesse sentido, pode-se perceber a criação de distintas masculinidades, baseadas na

construção de uma hierarquia de gênero presente nos sistemas classificatórios, tanto em culturas homossexuais urbanas, quanto na sociedade de uma maneira geral. Neles a figura hegemônica é construída no contraste entre dois campos de relação de poder:

[...] nas relações de homens com mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações dos homens com outros homens (desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade, idade, etc.). Assim, dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são o sexismo e a homofobia (Kimmel 1998: 105).

Desse modo, quanto menos “feminilizado” mais alto o sujeito se encontraria na hierarquia até se chegar ao ápice representado pelo homem másculo, branco, heterossexual, jovem, sexualmente voraz e “incapaz” de controlar desejos carnisais. De modo contrário, quanto mais “feminilizado” mais baixo nessa hierarquia de masculinidades. Como dito anteriormente, esta tese analisa a construção da subjetividade e da identidade entre homens homossexuais, brancos, de camadas médias, com performance de gênero masculina, majoritariamente entre 35 e 50 anos e vivendo em situação de conjugalidade no contexto urbano do Brasil e da Argentina. Assim, tratam-se de homens que se encontram “localizados” relativamente alto nessa hierarquia de masculinidades, no entanto, devido a homossexualidade não podem requisitar seu lugar no ápice desta escala.

No que tange a questão da raça/cor é interessante perceber que, de uma maneira geral, poucos estudos problematizam a representação do ser branco como “norma” e, que é pretensão desse trabalho fazer isso, na medida em que está presente no discurso dos pesquisados a existência de uma variabilidade de tons e cores que influencia a maneira como os sujeitos se vêem e são vistos pelos outros. Na Argentina, há uma diversidade de tons que estão associados a subcategorias de branco, tais como, o italiano, o espanhol, o brasileiro, o boliviano, o peruano. Essas subcategorias estão associadas a distinções hierárquicas entre herança européia e herança indígena e fazem eco a história de imigrações daquele país. No Brasil, diferentemente da Argentina, essa hierarquia de cores faz eco a história escravista, a miscigenação, a presença européia e as migrações nacionais. Tal como aponta Brah (2006), essa definição dos tons e cores está associada a processos de racialização que lançaram mão de diferentes significantes de diferença que estão associados a outras categorias como classe social, gênero,

sexualidade, etnicidade, estilos de vida, etc. Assim, é essencial questionar como ocorre o processo de “racialização da subjetividade”, pois,

A racialização da subjetividade branca não é muitas vezes manifestamente clara para os grupos brancos, porque “branco” é um significante de dominância, mas isso não torna o processo de racialização menos significativo. É necessário, portanto, analisar que nos constroem como, digamos, “mulher branca” ou “mulher negra”, como “homem branco” ou “homem negro”. Tal desconstrução é necessária se quisermos decifrar como e por que os significados dessas palavras mudam de simples descrições a categorias hierarquicamente organizadas em certas circunstâncias econômicas, políticas e culturais (Brah 2006: 345-346).

Finalizando, gostaria de ressaltar que estudar este grupo previamente definido de homens homossexuais de camadas médias em diferentes países é interessante e possível por se tratar de uma “tribo” que é espacial e geograficamente dispersa pelas cidades com valores, códigos simbólicos e estilos de vida que são compartilhados. Neste trabalho, esse compartilhamento de um “conjunto de diferenças” também será questionado quando necessário, pois, como aponta Brah (2006) relações de raça, gênero, classe e sexualidade são historicamente contingentes e específicos a determinados contextos.

Notas sobre o trabalho de campo

A pesquisa de campo que deu origem a esta tese foi realizada com sujeitos que se identificam como homossexuais e vivem nas cidades de Buenos Aires e Brasília, tem relacionamentos relativamente longos e estáveis com outros homens, coabitando com o parceiro mesmo que em regime parcial. Com o objetivo de compreender tais vivências em comum utilizei para o desenvolvimento da pesquisa as técnicas clássicas do fazer etnográfico que envolveram nesse caso a observação e a descrição do cotidiano do casal com o fim de alcançar um mapeamento do campo simbólico, bem como entrevistas semi estruturadas. Este trabalho de campo pressupõe a necessidade de um estranhamento para alcançar a compreensão dos significados e sentidos dados as inter-relações entre classes/camadas sociais, masculinidades e homossexualidades.

Tal trabalho de campo foi desenvolvido tendo como estratégias tanto entrevistas quanto conversas com casais homossexuais masculinos, ativistas LGBT e pesquisadores dos respectivos países. Além do contato pessoal muitas vezes recorri ao uso da internet, especialmente através de programas de conversa virtual. Ocorreu também a participação em debates, festas, almoços e jantares, a leitura de blogs e fotoblogs (muitos deles produzidos pelos participantes da pesquisa), revistas e jornais. No caso da relação com os casais participantes da pesquisa, houve um estreitamento do contato e uma convivência maior que implicou em uma experiência de partilhar em algum nível da vida cotidiana desses casais.

Este partilhar da vida cotidiana foi efetivamente desenvolvido através da realização de entrevistas semi-estruturadas, complementadas pela experiência de acompanhar esses casais em almoços, jantares, festas, boates e marchas do orgulho gay. Essa observação implicou diretamente em uma interação intersubjetiva em espaços de conversas, diálogos e fofocas; debates a respeito dos temas da pesquisa; observação de fotos e filmes indicados por eles. Enfim, tratou-se de um momento para convivência e “conhecimento” da realidade de construção da homoconjugalidade masculina.

O acesso aos participantes da pesquisa foi realizado através de convites, indicações de amigos e manifestações de interesse em participar da pesquisa. Alguns contatos iniciais com participantes da pesquisa foram estabelecidos na internet, através de sites de relações sugeridos por amigos, ou por telefone de casais fornecidos por

amigos. A entrevista foi uma ferramenta muito importante para a realização do trabalho de campo, sempre foi realizada individualmente e sempre que possível na casa do entrevistado. Procurei realizá-las em um ambiente no qual o entrevistado estivesse a vontade, sendo que a ida até as suas residências permitiu a observação do espaço doméstico de vivência do casal. Elas foram marcadas antecipadamente via telefone, internet ou através de contatos pessoais e abriram espaço para posteriores “longas e intensivas” conversas sobre o tema (tanto pessoalmente quanto pela internet). Assim, a partir desses contatos busquei construir o que Paiva (2007a) chama de uma “biografia conjugal homoerótica”, isto é, a história de vida dos sujeitos, suas estratégias e desafios para a construção cotidiana da homoconjugalidade.

O trabalho de campo foi realizado em quatro momentos – julho de 2007 em Brasília, agosto a novembro de 2007 em Buenos Aires, dezembro de 2007 a junho de 2008 em Brasília, e agosto de 2008 em Buenos Aires. Além destes períodos no qual o contato era realizado pessoalmente, este contato se manteve via internet de maneira ininterrupta com três casais brasileiros e com três casais argentinos até o momento de escrita desta tese. Para esta pesquisa desenvolvi entrevistas individuais gravadas com os dois integrantes de 13 casais, seguidas por várias conversas não gravadas, sendo oito casais argentinos e cinco casais brasileiros. Além do contato com estes casais, contactei virtualmente e por telefone mais 13 casais argentinos e mais oito casais brasileiros com os quais não consegui marcar entrevistas. Estas entrevistas e conversas renderam muitas horas de gravações e transcrições, um longo histórico de bate-papos na internet, bem como muitas páginas de cadernos de campo que servem nesta tese de material para tematizar a construção da união conjugal entre homossexuais.

Associado a estes materiais resultantes deste trabalho de campo em Buenos Aires e Brasília, utilizo como dados secundários o trabalho de campo realizado por mim na cidade de Cuiabá em 2005 no projeto “Conjugalidade na Grande Cuiabá: Significados e práticas da parceria entre homossexuais que vivem uma união”, desenvolvido no âmbito do Programa de Metodologia de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva do Instituto de Medicina Social da UERJ, com apoio e financiamento da Fundação Ford. Além é claro do diálogo com a bibliografia resultante de pesquisas realizadas sobre o tema.

O pesquisador em campo

Uma das marcas registradas da antropologia é o contato com o outro pelo trabalho de campo. A proposta de Malinowski como meta da disciplina, requer a permanência com esse outro por longos períodos com o objetivo de, ao “viver como um nativo”, poder delinear melhor esse “objeto de investigação”. Isso ocorre, inclusive nos casos em que o pesquisador fala a mesma língua e convive com os nativos, tal como apontou Schwade (1992) no desenvolvimento de sua pesquisa com camadas médias urbanas.

Nesta tese o compartilhar desse mesmo espaço geográfico, lingüístico e social acontece muitas vezes e é importante ressaltar que ele será problematizado, por não garantir o acesso imediato às informações a que se busca. Essa chegada e a aceitação ou não ao espaço/grupo do outro (mesmo que ele seja próximo) tem de ser questionado, pois a partir dela (a chegada) é que “surgem” as informações utilizadas na pesquisa. O contato inicial com as pessoas participantes desta pesquisa, tanto no Brasil quanto na Argentina, foi efetivado através de duas maneiras: 1. através da intermediação de pessoas de nossas redes de relações em comum; e 2.) através da internet, de sites de relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo.

Na primeira forma de contato, pedi a amigos meus que conheciam casais de homossexuais masculinos que comentasse sobre minha pesquisa perguntando-lhes sobre a possibilidade de participação deles, havendo interesse pedia que um primeiro contato por telefone fosse intermediado. Na segunda forma de contato, criei um perfil em duas páginas de relacionamento da internet (uma com presença majoritária de argentinos e outra de brasileiros) explicando sobre esta pesquisa de doutorado. Através dessas páginas tive acesso a perfis de casais de homossexuais masculinos e, a partir de trocas de mensagens e conversas pelo *messenger* pude conhecer algumas pessoas que se disponibilizaram a participar nesta pesquisa. Em ambas as maneiras, estabeleci contatos iniciais (seja pela internet, seja por telefone, ou ainda por intermediação de contatos) que se tornaram entrevistas, conversas e convivência em algum nível, realizadas pessoalmente – sem é claro, descartar as conversas virtuais.

O estabelecimento do contato de maneiras distintas, apesar de relativamente simples e direto em alguns casos, permitiu a possibilidade de pensar sobre como minha

inserção no campo era compreendida e significada pelos “nativos”, mas também permitiu chegar a *insights* interessantes sobre o modo como as questões de raça/cor, de classe social e de masculinidade eram produzidas e ganhavam sentido no campo. A despeito disso, (ou talvez justamente por isso) a manutenção do contato e a transposição dele da internet para contatos pessoais se mostrou algumas vezes complicada e difícil de realizar, uma vez que apesar de ter conversado com inúmeras pessoas pela internet, poucos realmente se disponibilizaram a estabelecer contatos pessoalmente.

Além do fato de a todo o momento questionarem sobre minhas “reais intenções”¹⁰ ao ter elaborado o perfil nestas páginas de internet e/ou minhas “verdadeiras intenções” de pesquisa – questões que surgiam apenas quando o contato era estabelecido inicialmente pela internet – sempre me questionavam a respeito de minhas experiências erótico-sexuais e de conjugalidade, independente de como era estabelecido o acesso aos “nativos”. Assim, muitas das conversas estabelecidas – pessoalmente, mas principalmente pela internet – estiveram pontuadas tanto por cantadas, mais ou menos evidentes; quanto por avaliações sobre a nacionalidade (quando realizando campo na Argentina), ou sobre as preferências erótico-sexuais do pesquisador. Esses questionamentos certamente estão associados a expectativa quanto ao uso desses sites na busca de parceiros-sexuais, mas também trazem um conjunto de representações acerca da masculinidade e da homossexualidade. Seja a separação entre sexo e afeto, dispersa no imaginário sobre a homossexualidade; seja a idéia da “incapacidade” do homem de controlar desejos carnis; seja a representação do brasileiro como um “povo liberado sexualmente”, e o Brasil um “paraíso do sexo”; seja a representação do pesquisador como um possível parceiro sexual e/ou amigo; ou, seja apenas me representando como um pesquisador, um professor, essas questões me levaram a *insights*, sobre essa construção da subjetividade (tanto minha, quanto deles) em campo e me proporcionaram pensar sobre a maneira como minha legitimidade era construída ao tratar de “temas íntimos”.

Assim, constatei que essa chegada no espaço/universo do outro implica a necessidade de conquista da confiança através do reconhecimento, da necessidade de eles construírem uma identificação minha e comigo. Se o contato era estabelecido pela

10 Preciso destacar que apesar dessas questões já estarem presentes desde minha ida a campo na pesquisa acerca da conjugalidade homossexual em Cuiabá no ano de 2005, supracitada, esse exercício de análise foi inspirado também pelo artigo que Camilo Albuquerque de Braz apresentou no 31º Encontro Anual da ANPOCS em 2007, intitulado “Corpo a corpo – reflexões sobre uma etnografia imprópria”.

internet o processo de conquista era mais “longo e trabalhoso”, mas se esse contato era realizado pela mediação de conhecidos de ambos ela se tornava mais fácil e imediato. Mas, de ambas as maneiras, era necessário a construção de um processo de aceitação, identificação e permanência no grupo, no caso aqui casais e que algumas vezes acabava se estendendo para uma network. Tal como relata Schwade (1992), para “descobrir o outro” é necessário “seduzi-lo”, desse modo, o fato de partilhar em parte do espaço/universo do outro acelerou esse processo de identificação e aceitação do pesquisador em campo.

Além disso, estas situações e representações me levaram a pensar no que Buffon (1992) chama de “mito do antropólogo assexuado”, no qual ao vestirmos a máscara de pesquisador nos transformamos em entidades que tem o poder de afastar magicamente da interação com os “nativos” o nocivo elemento da sexualidade. *Mito que pode ser lido nas entrelinhas dos relatos etnográficos pela própria inexistência da sexualidade na narrativa dos elementos subjetivos presentes no encontro – isto quando estes são explicitados* (idem: 68). Ou, “silêncio disciplinar”, como chama Kulick (Braz 2007), o silêncio em torno tanto da “subjetividade erótica” do pesquisador, quanto a questões como posicionalidade, hierarquia, exploração e racismo em seus trabalhos de campo.

Se já trazemos hoje, especificamente a partir de meados da década de 1980, em nossos textos reflexões sobre a “autoridade etnográfica” e sobre a invisibilidade do pesquisador no texto antropológico, ainda são poucos os que trazem reflexões acerca da “subjetividade erótica” do pesquisador e sua interferência como uma parte dos “imponderáveis” do trabalho de campo, que ao nos surpreenderem devem ser pensados dentro do contexto do encontro no qual as informações “surgem”. Nesta pesquisa, sempre que necessário, explorarei esse processo de construção de uma identificação, aceitação no grupo e “sedução” mútua tentando quebrar o “silêncio disciplinar” e não compactuando com a construção de um “mito do antropólogo assexuado”.

Os sites de encontro e os contatos virtuais

Faço aqui a discussão sobre os formatos dos *sites* de encontro pelos quais tive acesso a alguns dos nativos, apresento alguns elementos que fazem parte do conteúdo dos perfis e analiso o modo como os contatos virtuais ocorreram. Mas, antes disso, tenho de destacar que apesar de não estar fazendo uma “etnografia do virtual” (Parreiras 2007) utilizo ferramentas da internet para me relacionar com meus nativos, a principal delas o *messenger* foi utilizado para estabelecer e manter contato, mas durante a pesquisa tive acesso a fotoblogs, blogs, páginas do Orkut¹¹ e páginas elaboradas e mantidas nos sites de encontro pelo qual estabeleci contato. As informações obtidas nessas páginas e nas conversas virtuais se somam às interações estabelecidas face a face e ambas se constituem nos meios pelos quais obtive acesso a informações etnográficas, sendo que nessa tese as interações face a face são tomadas como elementos essenciais. Assim, estou longe de realizar o que Parreiras (2007) chama de uma “etnografia do virtual” que está baseada em encontros etnográficos mediados pelo computador sem a necessidade de contatos face a face, sendo o espaço virtual ou ciberespaço considerado como campo de imanência exclusivo, abstrato e composto por redes de informação sem localização fixa ou delimitada.

Como dito anteriormente, os sites utilizados para estabelecer contato com alguns dos casais entrevistados foram o *game* na Argentina e o *disponivel* no Brasil. Tratam-se de dois sites de relacionamentos voltados para o estabelecimento de contatos que tem como foco relações homoeróticas, assim não são sites voltados exclusivamente para o público homossexual uma vez que participam dele uma série de outros grupos e/ou identidades, tais como, bissexuais, homens que fazem sexo com homens, travestis, algumas mulheres etc. No entanto, a participação maciça é de homens independente de qual seja sua orientação e/ou identidade sexual assumida. Tratam-se de sites no qual os internautas podem ter acesso gratuitamente ou mediante pagamento que permite o acesso irrestrito a vários serviços e ferramentas de interação que são limitadas para o usuário não assinante. O acesso se dá através da escolha de um apelido para identificação online do usuário, da construção de um perfil no qual se pode criar pequenas narrativas de si, acrescentando características pessoais, *hobbies*, fotos, vídeos, interesses e objetivos pelo qual está acessando o site e publicá-los em um espaço virtual

¹¹ Site da internet que promove a formação de redes sociais de contatos em ambiente virtual fundado em 2004 e contendo a maior quantidade de usuários brasileiros. Seu endereço eletrônico é www.orkut.com.

que será gerenciado exclusivamente pela pessoa. Através deste perfil virtual pode-se visitar outros perfis e receber a visita de outros participantes do site. O conjunto destas informações publicadas e gerenciadas pelos usuários produz vários estilos de expressão da subjetividade, do gênero e das sexualidades, no caso dessa pesquisa me ateei às informações disponibilizadas por meus nativos especialmente no que tange a construção das subjetividades, das sexualidades e das masculinidades.

Após a elaboração de um perfil é possível ter acesso a algumas ferramentas que efetuam uma busca no banco de dados do site através de categorias e/ou características que podem ser selecionadas e com o resultado da busca é possível visitar e mandar mensagens para outros perfis, limitadas a três mensagens diárias em se tratando de um usuário gratuito ou ilimitadas se usuário *gold/premium*. A busca por perfis também pode ser realizada através da seleção do local de moradia de acordo com o que foi preenchido nos perfis. É interessante perceber que os sites *g4me* e *disponível* tem perfis de pessoas do mundo inteiro, apesar de serem majoritariamente freqüentados por pessoas que moram ou viajam com certa freqüência a Argentina e ao Brasil respectivamente. Assim, no *g4me* apesar de ter presença maciça de perfis de pessoas que moram na Argentina há a presença de muitos perfis de pessoas que moram no Brasil, na Europa ou nos EUA. No caso do *disponível*, site de origem brasileira isso também ocorre com a presença maciça de pessoas que moram no Brasil. Desse modo, as fronteiras entre países podem ser consideradas extremamente fluídas nesses sites e as pessoas que os freqüentam podem ser vistas como tendo um perfil moderno e urbano.

Isso com certeza marca outra característica essencial dos nativos de minha pesquisa, eles fazem parte de um grupo de pessoas que cada vez mais usa a internet como ferramenta de trabalho, lazer e sociabilidade, tal fenômeno ocorre mesmo entre os participantes da pesquisa que me foram apresentados pessoalmente por amigos em comum. O uso da internet é sempre apontado pelos entrevistados como um excelente momento de lazer, de aproximação das pessoas e estabelecimento de laços de sociabilidade no universo gay que extrapolam o mundo virtual e que inclusive substituem hoje o *yiro* “*considerada a forma mais comum e antiga de estabelecer contato entre homens interessados em ter relações homossexuais*” (Sivori 2005). No *yiro* os sujeitos saem nas ruas em lugares tradicionalmente eleitos para este tipo de interação procurando estabelecer relações de sociabilidade ou mesmo uma parceria sexual, no entanto, devido a violência e a insegurança das ruas esta forma de interação

migrou para as boates nas décadas de 90 e com o advento da informática e a expansão do acesso a internet migrou para o mundo virtual, no entanto nenhuma das formas anteriores de busca de parceria sexual ou sociabilidade se extinguiu deixando de ocupar o lugar de centralidade na definição das formas de sociabilidade¹².

Ao procurar estes sites como estratégia de estabelecimento de contato com casais tive de eu mesmo elaborar um perfil. No disponível escolhi como apelido “antropólogo” e elaborei um pequeno texto me apresentando como um pesquisador “*Sou um antropólogo que está fazendo seu doutorado na UnB sobre construção da masculinidade e da conjugalidade entre homens que fazem sexo com outros homens. Elaborei esse perfil com o fim de estabelecer contato com homens que vivem relações estáveis com outros homens e conversar com eles. Garanto o total sigilo da identidade das pessoas que entrarem em contato*”. Além dessa pequena mensagem não preenchi outros campos nem coloquei foto alguma minha.

Tendo o perfil preenchido no site, empreendi algumas buscas online por casais e enviei algumas mensagens para alguns perfis que se enquadravam no universo de pesquisados de interesse para pesquisa. Recebi poucas respostas e quase nenhuma visita ao meu perfil, conversando por *messenger* com as pessoas que entraram em contato comigo por esse *site* questionei sobre o porquê de tão poucas respostas. Todos me apontaram a importância da existência de fotos nos perfis, sendo que os perfis sem foto recebiam pouca ou nenhuma atenção. E que eu deveria colocar uma foto de rosto em meu perfil pois isso possibilitaria o estabelecimento de um laço de maior confiabilidade. Ao mostrar quem eu era, me identificando com foto a pesquisa ganharia em credibilidade, eu receberia mais visitas e possivelmente mais respostas. Após conversar com outras pessoas que contatei pelo site apresentando tal dúvida e chegando de maneiras diferentes a mesma suposição alterei o perfil e coloquei uma foto de rosto minha. Com a foto em meu perfil percebi o que posso chamar de um aumento de interesse pela pesquisa.

Ao mesmo tempo outro conjunto de questões emergiu das mensagens que fui recebendo e das conversas que fui travando pelo *messenger*. Todos queriam saber informações pessoais minhas, mas especialmente a respeito de minha sexualidade e de

12 No capítulo três, discutirei mais longamente como as formas de sociabilidade homossexual foram se alterando historicamente tendo como perspectiva as narrativas dadas por meus entrevistados.

meu “estado civil”. E afirmavam que eu deveria preencher essas informações em meu perfil, assim como alterar a mensagem, pois não ficava claro que tipo de pessoa eu procurava afinal o que é uma relação estável? Somado a isso passei a receber algumas mensagens de homens casados com mulheres que tinham relações estáveis com outros homens, seus amantes. Esses contatos com homens casados apesar de poderem ser muito ricos, não se enquadravam no perfil de pessoas que eu tinha estabelecido para a pesquisa, por isso foram deixados de lado e não se estenderam para a realidade não virtual, com a exceção de uma entrevista que foi realizada em Brasília.

Além disso, passei a receber mensagens que diziam que eu só saberia o que é ter uma relação com outro homem se eu me relacionasse com outros homens seguindo esse comentário as pessoas se disponibilizavam a “mostrar na prática” (leia-se ter relações sexuais) como era se relacionar com outros homens. Em uma dessas mensagens muito bem humorada a pessoa se colocava como uma cobaia para a pesquisa e dizia fazer isso pelo bem da ciência, segue um fragmento da mensagem: *“Se vc quer saber na real como é transar com 1 homem pro bem da ciência me disponho a ser 1 cobaia pra sua pesquisa meu telefone é XXXX me liga”*¹³. Respondi a mensagem, mas como o perfil era de um homem solteiro que não ficou interessado em participar realmente de minha pesquisa o contato não estabelecido.

Diante dessas questões e mensagens que recebi fiz algumas alterações no perfil acrescentando idade, estado civil (casado), sexualidade (homossexual), foto (como dito acima) e a mensagem que passou a ser essa *“Sou um antropólogo fazendo doutorado na UnB sobre construção da masculinidade e da conjugalidade entre homens homossexuais. Esse perfil tem o fim de estabelecer contato com homens que vivem relações estáveis com outros homens para participarem da pesquisa. Garanto o total sigilo da identidade das pessoas.”* Após essas alterações comecei a receber mais visitas e respostas às mensagens que enviei. A maioria das mensagens e visitas eram de pessoas do Brasil, mas recebi também de pessoas de outros países, como dito anteriormente no Brasil entrevistei pessoas que moravam em Brasília ou em cidades satélites.

A maioria desses contatos estabelecidos pelo disponível foram estendidos para o *messenger*, mas após algumas conversas sobre a pesquisa entremeadas por cantadas

¹³ Para manter o sigilo da identidade o número não foi colocado.

(como já dito acima) poucos se dispunham a participar da pesquisa e serem entrevistados. Os motivos alegados para essa falta de interesse iam desde a falta de tempo disponível para a realização da entrevista até o total desconhecimento do companheiro, parceiro ou namorado da existência do perfil pelo qual estabelecemos contato pelo disponível. Ainda em alguns casos, me propuseram o estabelecimento de uma “relação de troca”, eles dariam a entrevista se eu me disponibilizasse a me tornar um parceiro sexual.

Tais situações se repetiram no site argentino *g4me* no qual elaborei um perfil em espanhol tendo como apelido “antropólogobrasileiro”. Quando elaborado o perfil também foram propostas alterações pelos contatados, a quase totalidade delas dizia respeito as mesmas questões como colocar minha idade, foto, estado civil e sexualidade, além é claro de muitas alterações no vocabulário para adaptá-lo ao uso corrente do universo gay argentino. Uma das mudanças no perfil que foi essencial para o estabelecimento de contato, dizia respeito ao meu local de moradia. Quando elaborei o perfil eu morava em Brasília, depois quando fui a campo em Buenos Aires e alterei o local de moradia para lá obtive muito mais visitas ao perfil e contatos, tal como no Brasil poucos se disponibilizaram a entrevistas.

Ambos os sites são muito parecidos, tem como foco mediar o estabelecimento de contato entre homens que fazem sexo com homens. Entretanto, há algumas diferenças nos formatos do perfil, o *g4me* tem um campo onde se pode preencher sobre sua sorologia ao HIV, sobre suas fantasias e diferentemente do disponível não há um espaço específico para preencher sobre hobbies, tais como, filme, livros, comida, cidades, viagens, boates, bares etc. Além disso, o *g4me* não permite a visualização de todas as fotos postadas nos perfis por usuários gratuitos, nem mesmo a visualização dos vídeos postados pelos usuários. Nesse aspecto o disponível é um *site* mais “democrático” uma vez que as fotos postadas pelos usuários podem ser vistas por todos os usuários, assim como os vídeos, desde é claro que o usuário que postou as fotos as tenha colocado como de acesso universal.

Resta ainda dizer que das pessoas que contatei por esses *sites*, no Brasil entrevistei três casais, todos eles tinham um perfil elaborado que era do casal, com fotos do casal e que era acessado por ambos. Além disso, dos que entrevistei através de contato de amigos, no Brasil foram dois casais, um dos casais tinha perfil individual no

disponível e o outro perfil individual no Orkut. Na Argentina, quatro casais foram entrevistados através de contatos estabelecidos pelo *g4me*, desses três tinham perfis de casal e um perfil individual; dos quatro casais que estabeleci contato através de amigos, apenas um deles não tinha perfil no *g4me*.

Finalizando, gostaria de afirmar que trazer esses dados é essencial para mostrar como ocorreu o processo de negociação e “sedução” dos nativos para a realização da pesquisa. Mostra, ainda que o referido pesquisador circulou no ambiente da pesquisa como uma potencial “mercadoria sexual” e que a mobilização de alguns entrevistados para a realização das entrevistas não foi motivada para se alcançar o “bem da ciência” como afirmaram algumas das pessoas com as quais estabeleci contato, acreditar nisso seria ingenuidade demais. No entanto, também não é possível afirmar o inverso, que todos os contatos foram estabelecidos tendo em mente a troca de favores sexuais. Muitos dos que tinham/têm perfil nesses sites de relacionamento buscam estabelecer laços de amizade (dessexualizadas ou não), trocas de informações e sociabilidade em um momento de lazer. Para além dessas relações, muitos dos que se disponibilizaram a serem entrevistados tinham uma visão política acerca de sua participação na pesquisa e buscavam mostrar para outros como “gays casados vivem” e, com isso, “tirar do armário” uma relação que é invisível para quem não a vive ou tem contato próximo com essas pessoas.

– Capítulo 2 –

Histórias-trajetórias de união homossexual

Esse capítulo tem como objetivo apresentar parte de meu encontro com as pessoas que me abriram a porta de sua intimidade e possibilitaram que a pesquisa fosse realizada e a tese desenvolvida. Trata-se de um ensaio de construção de narrativas de histórias de vida pautado por encontros etnográficos realizados face a face e virtualmente que é duplamente editado, tanto durante o encontro em si – quando os sujeitos pesquisados respondem de modo imediato às expectativas e questionamentos do outro (o antropólogo) –, quanto no (re)encontro literário quando o antropólogo (eu) busca transformar o encontro ocorrido em narrativa literária. Nesse sentido, tal como Crapanzano (1985), eu nomeio o produto desse esforço interpretativo como um “experimento”. As entrevistas realizadas sempre individualmente com os integrantes do casal se tornaram um material rico, extenso e essencial para a construção dessas narrativas, mas não foram a única fonte de acesso aos dados.

Como já mostrei anteriormente, utilizei para a confecção dessas narrativas tanto conversas com os dois integrantes do casal quanto conversas individuais, observação de campo em festas, jantares, almoços, reuniões de amigos e boates, conversas pela internet, visitas a perfis em páginas de relacionamento, blogs e sites elaborados pelos participantes da pesquisa. Assim, apresento abaixo uma tentativa de condensar o que foi contado nos *diálogos*, *conversas*, *prosas* e também o resultado de observações. Trago recortes, falas e imagens que me ajudaram a pensar sobre a construção da subjetividade e da homoconjugalidade masculina no contexto urbano do Brasil e da Argentina.

Desse modo, é necessário que eu esclareça a diferenciação entre *conversa* e *diálogo* tal como utilizo, “*Os nomes pouco importam. As pessoas estabelecem relações dos mais diversos modos*” (Trajano Filho 1984: 4). Mas essa diferenciação se torna importante para que eu possa “*explicar a variedade e o alcance das relações que estabeleci*” (idem: 5) com os sujeitos e como essas implicam maneiras diferentes de alcance dos significados impressos pelos nativos nessas relações. Nesse sentido, parto da diferenciação da *conversa* estabelecida por Trajano Filho em três tipos: o *diálogo*, a *conversa* e a *prosa*. O *diálogo* é um encontro que se caracteriza por enfatizar a informação, nele os participantes se concentram na mensagem, na palavra falada, os

outros meios expressivos (gestos, expressões faciais, distância física entre os participantes) se calam ou reduplicam a palavra falada. “*A mensagem, no diálogo, flui em uma via única – de quem responde para quem pergunta*” (idem: 5). A posição dos participantes é demarcada de maneira mais rígida. Assim, utilizo *diálogo* para fazer referência à situação de entrevista, nela há sempre dois papéis o do entrevistador e o do entrevistado, o primeiro tem como “tarefa” manter a *conversa* através de um comportamento fático – “*parecendo concordar, entender, dizendo sim e, às vezes, fazendo uma pergunta, não sobre um ponto que não ficou claro, mas apenas para averiguar a medida da recepção da mensagem*” (idem: 5). E, o segundo, o entrevistado/interlocutor, esse tem o privilégio da mensagem.

Diferentemente do *diálogo*, na *conversa* a mensagem flui em duas vias e, é uma conversação na qual a fala é dita por muitos meios expressivos, gestos, olhares, silêncios, mudanças na altura e no tom de voz. “*É um encontro em que os participantes têm uma consciência bem mais ampla e precisa uns dos outros. Aqui não se vê apenas o dedo, a mão e o braço. Tem que se ver todo o outro – o seu corpo, o seu olho, a sua boca [...]*” (idem: 11). Nela há uma troca de idéias, não há uma distinção de posição entre os participantes da conversação. Assim, neste artigo utilizo *conversa* para me referir às muitas interações nas quais a troca de idéias não fluía em via única, onde não havia descontinuidade de tópicos, mas deslizamento de assuntos, ênfase no contexto. “*Concluindo, a conversa é uma troca de idéias, implicando que informações circulam entre seus participantes – mensagens faladas, olhares provocadores, sorrisos intrigantes, gestos agressivos, silêncios-respostas [...]*” (idem: 12).

Já na *prosa* a percepção do contexto, do interlocutor e da mensagem é maximizada. A finalidade-fim da *prosa* é manter o encontro. “*Na prosa tem de tudo; tem conversa, tem mensagem, tem informação, tem escolha. Tem de tudo e tudo enfatizado ao máximo; tudo falando por todos os meios possíveis. Mas nela não há tatear porque o terreno tem que ser bem conhecido e muito familiar*” (idem: 14). Assim, a *prosa* envolve um tipo particular de *conversa* que funciona como uma ponte que vence os silêncios, as culpas, as vergonhas e embaraços.

Nessa pesquisa *dialoguei* com os casais separadamente, *conversei* com eles por muitos meios e *proseei* sempre que possível, pois as barreiras que separam um “estrangeiro” (um antropólogo e, em alguns casos um antropólogo brasileiro) foram

sustentadas algumas vezes. As vergonhas, culpas e embaraços para falar de temas como (in)fideliidade e atividade sexual se mantiveram levantadas em alguns momentos, mas em outros, falar destes temas se tornou uma maneira de buscar uma identificação dos “reais motivos” da pesquisa, estabelecer um laço de intimidade e, inclusive buscar “transformar” o antropólogo em um possível parceiro sexual deles (do casal e/ou do entrevistado).

Essas diferentes reações apareciam muito mais nas primeiras *conversas* e serviram como que para “tatear” o terreno da comunicação. Desse modo, serviram como “testes” estabelecidos por eles de meu entendimento da língua quando eu estava na Argentina, ou avaliações de minha compreensão plena da “profundidade ou superficialidade” do que me diziam, tanto no Brasil quanto na Argentina. Assim, as *conversas* iniciais eram repletas de gestos, expressões faciais e uso de repetições sinonímicas para enfatizar a mensagem ou mesmo para “testar” os limites e o tipo de relação que poderiam construir comigo. E, esse exercício de (re)conhecimento do outro era sempre carregado de olhares provocadores, sorrisos intrigantes, pausas, reformulações da relação quando a comunicação era truncada e algumas insistências de parte a parte. Eu, sempre preocupado com o estabelecimento de um campo de *diálogo*, *conversa*ção e *prosa* assim como alguns nativos, enquanto outros buscavam transformar essa relação de conversaçãõ em uma nova parceria sexual.

Como aconteceu com um dos casais entrevistados na Argentina que já havia vindo ao Brasil várias vezes e que desde o primeiro contato por telefone fazia referência constante a “liberdade sexual” e a sexualidade “à flor da pele” do brasileiro que nunca hesitava em estabelecer uma nova parceria sexual. Assim, entre muitos olhares, indiretas e algumas cantadas diretas, tanto dele quanto do parceiro, consegui estabelecer um *diálogo* muito produtivo com eles e construir uma relação de amizade com esse casal que proporcionou um terreno para o desenvolvimento de muitas *conversas* e *prosas*.

Essa situação se repetiu com outros casais em outros momentos até ao ponto de eu me perguntar se essa reação era efeito do meio a que tive acesso a muitos desses casais. Dos casais entrevistados na Argentina quatro deles me foram apresentados por amigos pessoais meus, aos outros quatro tive acesso via internet, através de um site para

encontros chamado *g4me*¹⁴ muito conhecido no país e que me foi apresentado por amigos argentinos. Já, dos casais entrevistados no Brasil, tive acesso a dois através de amigos em comum, sendo que os outros três foram contatados via internet, igualmente por um site de encontros famoso no Brasil chamado disponível¹⁵.

Tendo isso em mente, notei que o meio a que tive acesso a esses casais influenciou em parte nas expectativas que eles construíaam a meu respeito. Desse modo, pude perceber que a grande maioria dos casais que foram acessados pela internet apesar de compreenderem o objetivo do contato sempre testavam esses limites buscando converter as *conversas* e *diálogos* resultantes da relação pesquisador – nativo em situações que pudessem resultar em parcerias sexuais. Essas tentativas de conversão da relação eram representadas tanto por elogios em relação à figura do pesquisador – pela foto quando conversando pela internet, ou mesmo pessoalmente –, quanto pela constante tentativa de saber das preferências erótico-sexuais do pesquisador, ou ainda pelas infundáveis descrições de detalhes de práticas sexuais sem que eu as tivesse abordado, pelas constantes cantadas mais ou menos evidentes, ou mesmo por situações constrangedoras na qual os sinais ficavam confusos, a comunicação ficava truncada e alguns limites estabelecidos eram quebrados.

Uma dessas situações ocorreu em um elevador no qual entrei com um dos parceiros de um dos casais após realizar a entrevista com ele e quando eu já me dirigia para rua com o intuito de ir para minha casa. Esse encontro para a entrevista havia sido marcado por telefone depois de algumas *conversas* que havíamos tido pela internet e por telefone. Nessas *conversas* pela internet houve a mútua apresentação, sempre entre “elogios” e questionamentos de detalhes de minhas práticas erótico-sexuais, seguidas de uma apresentação da pesquisa de doutorado e algumas discussões sobre o tema dessa pesquisa. Após uma série de *conversas* virtuais e por telefone fui à casa do referido casal para *conversamos* pessoalmente e se possível realizar a entrevista. Ao chegar lá me apresentei ao casal e após alguns questionamentos reiterados acerca do sigilo da identidade deles (questionamentos que inclusive já haviam sido respondidos virtualmente e por telefone) um dos parceiros do casal se dispõem a ser entrevistado. Tal entrevista foi realizada em uma sala lateral e devido ao tempo em que havíamos ficado dialogando tornou-se inviável realizar outra entrevista no mesmo dia. Depois de

14 O endereço do site é www.g4me.com.ar.

15 O endereço do site é www.disponivel.com.

realizada tal entrevista, conversamos (os três) um pouco acerca do Brasil e de quanto tempo ainda eu ficaria na Argentina, resolvo me retirar, me despeço e um dos parceiros me acompanha até a porta da entrada do prédio para abri-la. Já no elevador, grande e vazio, recebo novamente elogios, olhares pelos espelhos, cantadas entre risos e um esbarrão proposital dele em mim que provocou meu rápido afastamento físico, seguido de um longo silêncio constrangedor. Despedimo-nos rapidamente e após a abertura da porta do prédio segui para minha casa pensando no fato ocorrido, tentando entendê-lo. Em outro dia, antes de fazer a entrevista com o companheiro desse entrevistado e *conversando* pela internet sobre o fato ocorrido ele se desculpa pela situação ocorrida no elevador e pede sigilo, pois mantinha um pacto de fidelidade com o parceiro.

Apesar de fazer bem ao ego do pesquisador, tal situação não pode ser analisada como fazendo referência ao *quantum* de minha “desejabilidade” dentro do “mercado de trocas sexuais”. Na verdade, essa situação diz muito sobre o modo pelo qual o brasileiro, homossexual ou não, é representado pelos meus nativos na Argentina. Ainda somos vistos como o paraíso tropical na terra onde os homens e as mulheres são mais libertos dos bloqueios da cultura estando mais próximos de “performar” uma natureza corpórea intocada e que posteriormente foi distorcida pela cultura. Nesse sentido, se não existe pecado do lado de baixo do Equador, ele começa muitas vezes quando se atravessa a fronteira para a Argentina, na visão nativa. Além disso, a situação vivenciada e descrita acima por mim faz referência a uma suposta “fraqueza” do homem, se reporta a uma impossibilidade de conter a sexualidade masculina sempre muito mais “à flor da pele” do que a feminina. Sexualidade masculina que às vezes com apenas um esbarrão pode ser “despertada”. Mas, para além de tudo isso, a situação acima é importante por mostrar que mesmo existindo “pactos de fidelidade” eles podem e algumas vezes são contornados.

Não posso deixar de ressaltar que essas tentativas de conversão de antropólogo para parceiro sexual, também aconteceram algumas vezes quando o acesso aos nativos foi intermediado por amigos em comum, como o caso acima mencionado do casal argentino que tinha vindo ao Brasil várias vezes e o via como um país com muito mais liberdade sexual que a Argentina. Assim, percebi que independente do meio de acesso aos entrevistados era necessário o estabelecimento de limites claros na interação pela conversação, nesse processo tem-se de lidar com expectativas dos nativos a meu respeito e construir um processo de mútuo reconhecimento e identificação, considerados

verdadeiros processos de “sedução” do nativo pelo pesquisador e vice-versa tal como relata Schwade (1992), pois para “descobrir o outro” é necessário “seduzi-lo”. Resta ainda ressaltar que dos casais entrevistados a metade exata foi acessada, tanto no Brasil quanto na Argentina, via contato pessoal mediado por amigos ou conhecidos, já a outra metade, foi acessada via dois sites de encontros como citado anteriormente. Assim, a partir de agora apresento os casais que foram entrevistados, que serviram de inspiração e forneceram o material para elaboração desse trabalho. Destaco que apresento aqui apenas um relato reduzido de como os contatos aconteceram e de quem são estes casais, uma vez que inserir a totalidade das narrativas biográficas deixaria o texto cansativo, para acessar a narrativa completa recorrer ao anexo um página 252. Além disso, devo reiterar que todos os nomes utilizados para os nativos foram escolhidos arbitrariamente por mim de modo a garantir o anonimato, seja em relação a seus nomes verdadeiros, seja em relação a seus nomes e apelidos utilizados nas páginas ou *sites* de encontros da internet.

1. DAMIAN E RAMIRO

Conheci o casal através do perfil mantido pelos dois em um *site* de relacionamentos, o *g4me*. No perfil havia fotos de ambos e a informação reiterada de que buscavam apenas amizades e bater papo pela internet ou pessoalmente. Enviei uma mensagem pelo *site* me apresentando e dizendo que gostaria de conversar com eles pessoalmente e/ou pela internet para apresentar melhor minha pesquisa. Após receber a resposta enviei o endereço de meu *Messenger* e pedi que me anexassem para podermos conversar melhor. Pelo *Messenger* nos apresentamos, conversamos sobre minha pesquisa e trocamos números de telefone de contato. Conversamos algumas vezes pelo telefone até que posteriormente, marcamos uma entrevista pessoalmente em sua casa em um final de semana. Este encontro foi seguido de outras conversas, especialmente pela internet, mas se interromperam pouco tempo depois de meu retorno ao Brasil. Damian é portenho e sempre viveu em Buenos Aires. É docente e estava se aposentando quando nos conhecemos pessoalmente, cerca de um mês após nosso primeiro contato pela internet. Sempre se viu como homossexual, no entanto, teve algumas relações afetivas com mulheres, até que aos 22 anos de idade teve sua primeira relação sexual com outro homem. Após essa relação, passou a ter relações sexuais esporádicas com outros homens evitando se relacionar emocionalmente, coisa que achava impossível de acontecer entre homens. Aos 30 anos passa a se envolver emocionalmente com outros homens, mas as relações não ultrapassam os seis meses. Até que conhece Ramiro e iniciam um relacionamento que, até o momento da entrevista, já havia alcançado dois anos. Ramiro tem em torno da metade da idade de seu companheiro, é de Misiones, mas mora há quatro anos em Buenos Aires. Apesar de ter tido sua primeira relação sexual com uma mulher aos 15 anos, nunca se considerou heterossexual. Sua primeira relação sexual com um homem foi aos 18 anos depois disso só teve relações sexuais com quem se envolveu emocionalmente, entre estas se destaca uma relação estável com outro homem e que durou cerca de cinco anos. Sempre se relacionou afetivo-sexualmente com homens mais velhos do que ele e ao conhecer Damian se envolveu quase que imediatamente. O contato inicial entre eles foi estabelecido pela internet, se manteve durante dois meses virtualmente devido à necessidade de uma viagem de trabalho de Damian, apesar de ter havido ao menos um encontro para se conhecerem fora do mundo da internet antes da referida viagem. Com o retorno de Damian a Buenos Aires, se reencontraram, passaram a viver temporariamente juntos, mas não se

separaram mais. Acham a coabitação um elemento essencial para a relação e buscam dividir equitativamente as tarefas para a organização e a manutenção da casa. São caseiros e apesar de saírem às vezes nos finais de semana para ir a festas e reuniões dos “ursos”¹⁶, não as freqüentam com regularidade. Elaboraram o perfil no site *g4me* com o objetivo de fazerem amigos, pois se sentiam muito sozinhos, com o tempo formaram um grupo que tem em torno de cinco ou seis pessoas que se reúne com regularidade na casa deles. Ambos acreditam e apostam na fidelidade como elemento essencial para a manutenção da relação entre eles. Apontam que têm uma “relação fechada”, apesar de às vezes se permitirem ter relações sexuais com terceiros quando surge a oportunidade e quando esse terceiro concorda em se relacionar juntamente com os dois. Estes terceiros são contatados através do perfil que criaram juntos no site de relacionamento e após conversas pela internet acabam se encontrando. Apesar disso, ambos concordam que o sexo não é um ponto essencial para a manutenção do relacionamento, assim tanto as relações sexuais entre eles, quanto as relações sexuais com terceiros acontecem com pouca regularidade (entre eles semanalmente, com terceiros semestralmente em média). Afirmam que não há uma divisão estática em papéis sexuais, isto é, não se definem como ativo e passivo e, sim como versáteis. Até o momento de nosso primeiro contato, já tinham procurado informações sobre a lei de união civil homossexual de Buenos Aires e apesar de terem o tempo mínimo de convivência exigido pela lei, não puderam se unir civilmente porque Ramiro não tinha como comprovar o tempo mínimo de domicílio de um ano na cidade de Buenos Aires. Ambos defendem que o não reconhecimento civil e social da união homossexual é um fator extremamente negativo e já superado por muitos países, apontam que o preconceito e a discriminação é o principal fator que impede o tratamento igualitário.

16 Os ursos são um grupo de homens gays ou bissexuais que se identifica por cultivar um outro padrão de beleza e de comportamento valorizando sempre elementos que marquem sua masculinidade. Tem um “estilo de vida” e uma “apresentação pessoal” baseado no visual casual, no amor aos pelos e barbas, no perfil forte e rechonchudo. O conceito surgiu nos Estados Unidos, em meados da década de 80, mas logo se espalhou por todo o mundo. No Brasil e na Argentina, o “movimento ursino” surgiu por volta de 1997 através da formação de clubes de ursos em São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires. Em Buenos Aires, quando realizei trabalho de campo, eles se reuniam semanalmente para sociabilizar em sua sede na sexta feira a noite e, também, em uma danceteria aos domingos.

2. JUAN E PABLO

Através de um contato pelo *site g4me*, tive acesso ao casal. O perfil do casal era gerenciado por ambos e continha foto dos dois se beijando e mostrando apenas parte do rosto. Nele havia a informação de que buscavam amizades ou sexo com outros homens, fossem esses solteiros ou casados. Enviei uma mensagem pelo *site* me apresentando, falando de minha pesquisa e do meu interesse em conversar com eles. Responderam em dois dias me passando os endereços individuais e pessoais de seus *Messengers*. Pelo *Messenger*, conversamos sobre a pesquisa, trocamos telefones e nos encontramos para o primeiro de muitos cafés e passeios pela cidade. Realizei entrevistas em momentos distintos, todas na casa de Pablo, e mantemos contato pelo *Messenger* até hoje. É um casal que possui uma diferença etária pequena, com ambos estando na casa dos 40 anos. Juan nasceu em San Martín na grande Buenos Aires cidade na qual ainda mora com o pai e trabalha. Como toda a família, Juan é um católico praticante que vai à missa regularmente. Aos 12 anos teve sua primeira relação sexual com seus primos, estas se repetiam de tempos em tempos até seus 30 anos. Já aos 15 ou 16 anos, devido a culpa em relação à sua homossexualidade, começa a ter relacionamentos afetivos com algumas garotas, mas nunca chegou a ter relações sexuais com elas. Até cerca de 32 anos não aceitava sua homossexualidade se sentia culpado, em conflito e sem amigos, a partir dessa idade começa a se aceitar melhor e a conhecer outras pessoas pela internet. Apesar disso, não acreditava na possibilidade de ter um relacionamento estável com nenhum homem, até conhecer seu atual companheiro. Acredita que sua família saiba de sua homossexualidade apesar de nunca ter conversado com eles a respeito. Juan é poucos anos mais velho que Pablo, nasceu na província de Entre Rios, mas mudou-se para Buenos Aires por motivos profissionais há mais de 10 anos. Considera-se um homem bissexual, pois teve vários relacionamentos longos e estáveis com mulheres, apesar de no momento se relacionar exclusivamente com homens. Sua primeira relação sexual foi com um homem quando tinha em torno dos 23 anos de idade, aconteceu em uma viagem de turismo para Buenos Aires. Depois disso, passou a ter relações sexuais tanto com mulheres em sua cidade natal, quanto com homens quando viajava para Buenos Aires. Isso se manteve até o momento no qual se mudou de sua cidade natal e passou a se relacionar exclusivamente com homens. Através de um serviço de telefone específico para aproximar desconhecidos conheceu um homem com quem teve uma relação mais longa (cerca de seis meses), depois com o uso da internet conheceu outros

homens, entre eles Pablo. Sua família e amigos profissionais não sabem de sua homossexualidade, uma vez que esse não é um tema de conversas com eles. Estão juntos há seis anos e apesar de já terem conversado sobre o assunto não coabitam. Sempre passam os finais de semana na casa de Pablo e tiram férias juntos, nesse momento viajam e convivem como um casal como outro qualquer. Apenas os amigos gays de ambos sabem do relacionamento deles e raramente frequentam boates e bares, preferem ir à restaurantes, ao cinema ou ao teatro. Buscam construir uma relação pautada na total igualdade entre eles, por isso nos momentos em que estão juntos executam as juntos as tarefas de casa. Possuem uma relação “parcialmente aberta”, na qual ambos se permitem ter juntos relações exclusivamente sexuais com um terceiro homem. Tal acordo se construiu após cerca de seis meses de relação de conjugalidade entre eles e por meio de muita conversa. Conhecem esse outro homem geralmente por meio do *game* ou quando vão à sauna juntos. Apesar dessas relações com terceiros se consideram extremamente fiéis e acham a fidelidade é essencial para a relação deles. O sexo é importante para eles e é visto como uma força que é mais premente no homem do que na mulher. Apesar de terem um parceiro fixo eventual, costumam ter poucas relações sexuais com terceiros, acreditam que em média uma vez por semestre, entre eles a frequência é de pelo menos uma vez por semana. Juan se define como passivo e Pablo como ativo nas relações sexuais, tanto entre si quanto com terceiros. No que tange a regulamentação da união deles, nunca conversaram a respeito e acreditam que apesar de haver a necessidade de uma lei não fariam uso dela. Tem amigos estrangeiros morando em Buenos Aires e que são casados em seus países de origem. Afirmam que como apenas os amigos gays deles sabem de sua homossexualidade nunca sofreram qualquer tipo de preconceito ou discriminação, afinal sequer suas famílias sabem de suas homossexualidades.

3. HORACIO E HERNAN

Após conversar com alguns amigos acerca de minha pesquisa em Buenos Aires, um deles comentou sobre esse casal e me disse que inicialmente entraria em contato com eles para depois passar o telefone deles para mim. Após alguns dias, reencontro esse amigo e ele me passa o telefone do casal. Ligo para eles e conversamos sobre minha pesquisa, esclareço algumas dúvidas e marco um encontro na casa deles para conversarmos melhor. No primeiro contato, conversamos mais longamente sobre minha pesquisa e ambos se disponibilizam a dar entrevistas de imediato. Após esse primeiro contato, mantivemos contatos pessoais, por telefone e por internet, via *g4me*, pois descobri que ambos possuíam perfis individuais no *site*, apesar de informarem estar casados em seus perfis. É um casal que possui uma diferença etária pequena, com ambos estando na casa dos 40 anos. Horacio, o mais novo do casal, vem de uma família de católicos não-praticantes e com o passar do tempo se tornou agnóstico. Sempre se sentiu atraído por homens desde a infância e sua iniciação sexual aconteceu por volta de seus sete anos com garotos de sua idade e cessaram pouco depois com sua entrada na adolescência. Aos 21 anos, casou-se e teve sua primeira relação sexual com uma mulher. Apesar de estar apaixonado por sua esposa o casamento só ocorreu devido a pressão familiar. Com o passar do tempo planejou com sua esposa a realização do sonho de se tornar pai e hoje têm uma filha com 17 anos. Após alguns anos de casamento as relações sexuais com sua esposa passaram a se tornar escassas e ele passou a ter encontros às escondidas com outros homens que contatava através de notas nos jornais. Antes de completar 15 anos de casamento separou-se consensualmente de sua esposa. Hoje toda sua família sabe de sua homossexualidade e, apesar de seu pai não aceitar, sua mãe aceita e conversa com ele sobre o tema. Com sua filha a homossexualidade nunca foi um tema de conversas, no entanto, acredita que ela saiba já que frequenta a casa dele e de seu companheiro. Hernan tal como seu companheiro é de Buenos Aires e sempre viveu na cidade. É de uma família católica não-praticante e com o passar dos anos foi se afastando definitivamente da religião. Iniciou sua vida sexual com amigos do irmão mais velho aos seis anos de idade e sempre se sentiu atraído por homens. Casou-se com sua ex-esposa devido a pressão familiar e com o objetivo de negar sua homossexualidade e se possível corrigi-la. Após 14 anos de casamento e três filhos percebeu que não havia sido bem sucedido, ainda sentia desejos por outros homens e somente com 40 anos se permitiu ter uma relação sexual com uma outra pessoa de seu

sexo. Neste momento, conversa com sua esposa e separam-se consensualmente. Depois da separação conheceu muitos homens por meio da internet até conhecer Horacio. Seus filhos, pais e familiares ficaram sabendo de sua homossexualidade através de conversas que teve com eles e, apesar de alguns deles terem tido reações negativas, hoje já não é um problema. Ambos se conheceram pela internet e poucos dias depois se encontraram. Mantiveram o contato, após alguns encontros perceberam que haviam se apaixonado e quatro meses depois já estavam morando juntos. Coabitam e estão “casados” já há sete anos, sem nenhuma necessidade, interesse ou esforço em manter o segredo em relação a sexualidade ou a relação entre eles, apesar de no trabalho evitarem o tema. Costumam compartilhar a realização das tarefas da casa, fazendo-as juntos quando os horários de trabalho não os impede, além de ter uma pessoa que semanalmente faz a limpeza da casa. São caseiros e raramente saem na noite, preferem se reunir com amigos em sua casa ou sociabilizar com eles pela internet, no entanto as vezes vão a restaurantes e casa de amigos para jantares. Evitam o universo gay de bares e boates por não gostarem de guetos, mas foram algumas vezes juntos em saunas e festas dos ursos para conhecer. Acreditam que o amor e a fidelidade sejam essenciais para o estabelecimento de uma relação de conjugalidade e tem uma “relação aberta” com acordos de fidelidade que foram se modificando com o passar do tempo. Inicialmente só teriam relação com um terceiro com a participação de ambos, hoje experimentam a possibilidade de terem relações sexuais com outros homens separadamente. Para eles o sexo também é um elemento importante e sempre têm relações sexuais entre si, não havendo uma regularidade na relação com outros que acontece quando surge alguém interessado. Ambos têm preferências no que tange a papéis sexuais, no entanto não se limitam a serem exclusivamente ativos ou passivos se considerando versáteis. O único bem que possuem em comum é a casa, que foi comprada em sociedade. Conversaram muito e não pensam em fazer a união civil que é possível de ser feita na cidade de Buenos Aires. Consideram e defendem que apesar desta lei de união civil ser um avanço, ainda é um avanço tímido se comparado a lei de matrimônio aprovada na Espanha que garante igualdade total de direitos entre homossexuais e heterossexuais no que tange ao estabelecimento de uma união.

4. FÉLIX E ARIEL

Através do *site g4me* tive acesso ao perfil de Félix. Tratava-se de um perfil individual que apesar de trazer a informação sobre seu relacionamento estável com Ariel era um perfil secreto do qual seu companheiro não tinha conhecimento. Desse contato via *g4me* passamos a conversar via *Messenger* e telefone acerca de meu tema de pesquisa. Após um café, no qual inclusive trocamos bibliografia, ele se dispôs a ser entrevistado. Marcamos a entrevista para outro dia em seu trabalho e, depois disso, em outro dia fui à sua casa para conhecer seu companheiro e entrevistá-lo. Após as entrevistas, mantivemo-nos em contato via *Messenger*, telefones e emails enquanto estive em Buenos Aires e apenas por *Messenger* quando retornei ao Brasil. É um casal que tem uma pequena diferença etária, estando ambos na faixa dos 40 anos. Félix nasceu em uma família de católicos praticantes, estudou sempre em colégios religiosos e inclusive foi seminarista por quatro anos. Desde criança sentiu atração por pessoas de seu mesmo sexo, teve sua primeira relação com amigos aos treze anos e como resultado sentiu-se muito culpado. A entrada no seminário foi uma tentativa de se isolar do mundo e “corrigir” sua homossexualidade. Aos 22 anos rompe com a Igreja, sai do seminário e passa a freqüentar o mundo gay. Teve dois relacionamentos estáveis antes de conhecer Ariel, o primeiro durou dois anos e acabou com o falecimento do companheiro, o segundo durou 12 anos e terminou devido ao fato do relacionamento se transformar em uma relação de amizade. Com a morte de seu primeiro companheiro Félix, acabou “saindo do armário”, recebeu o apoio de seu pai e irmã e, apesar de ter tido problemas com sua mãe, que inicialmente não aceitou sua homossexualidade, passou a aceita-la posteriormente. Ariel é uruguaio, mas mora em Buenos Aires desde seus sete anos de idade. Cresceu em uma casa de católicos praticantes, mas com o passar do tempo passou a acreditar cada vez menos nessa religião. Apesar do desejo por pessoas do mesmo sexo sempre estar presente em sua vida desde sua infância só teve sua primeira relação sexual com seus 28 anos. Até esse momento o sentimento de culpa e a timidez excessiva o haviam impedido. Sua primeira relação sexual aconteceu com um homem de sua idade que conhecera em um conservatório e com quem teve um relacionamento que durou alguns meses. Nesse relacionamento passou a freqüentar o universo gay e a conhecer pessoas que eram amigas de seu namorado. Com o final do relacionamento passou um tempo sozinho, teve mais um namoro que durou mais alguns meses, mas termina devido à pressão de seu namorado para morarem juntos. Depois de

mais um período sozinho inicia um novo relacionamento que dura cerca de um ano e termina devido à volta de seu companheiro para sua cidade de origem devido a problemas familiares. Apesar de ter contado para sua família sobre sua homossexualidade, esse é um tema que nunca conversou com colegas de trabalho, embora acredite que saibam dele e de seu companheiro tampouco lhe interessa muito se sabem ou não. Com o final deste relacionamento, fica novamente um tempo sem se relacionar com ninguém até conhecer Félix através do *site g4me*. Após alguns encontros já tinham um relacionamento mais sério em regime de coabitação parcial já com projeto de morarem juntos. Pretendem realizar a união civil da cidade de Buenos Aires e lutar para a legalização do matrimônio homossexual. Costumam fazer todas as tarefas de casa juntos apesar de morar em casas diferentes. São homens caseiros, mas saem algumas vezes para encontrar amigos e dançar, no entanto a maior parte da sociabilidade deles é ao ar livre e durante o dia. Acreditam na monogamia e tem um pacto de fidelidade, mas têm conversado muito sobre relacionamentos abertos. O sexo ocupa um lugar importante no relacionamento, ambos se definem como versáteis e sempre usam preservativo em suas relações sexuais. Ambos defendem o reconhecimento do laço afetivo e a equiparação de direitos entre casais gays e heterossexuais e apontam que o que está em jogo nessa discussão é o preconceito da homossexualidade. Tanto Félix quanto Ariel afirmam que sofreram preconceito e discriminação, o primeiro inclusive aponta que foi demitido de dois empregos por conta de sua homossexualidade, Ariel afirma que o pior preconceito que sofreu foi o de si mesmo.

5. ERNESTO E ESTEBAN

Conheci Ernesto pelo *site g4me*. Tive acesso ao perfil dele através de uma pesquisa que fiz ainda no Brasil. Logo trocamos mensagens e começamos a conversar pelo *Messenger*. Tratava-se de um perfil individual no qual ele se apresentava como um homem casado com outro homem, que tinha um relacionamento aberto e procurava amizade e sexo. Seu companheiro também tinha um perfil no *site*, mas não chegamos a trocar mensagens pelo *g4me*. Logo que cheguei à Buenos Aires, entrei em contato com eles por telefone e me convidaram para uma visita à sua casa. Na primeira visita, conheci apenas Ernesto. Conversamos bastante à espera de Esteban que tinha ido ao centro da cidade a trabalho. Expliquei novamente sobre minha pesquisa e como Esteban tardou a chegar marcamos outro encontro, também na casa deles. Nesse outro encontro ocorreu um jantar com a presença de ambos e depois do jantar marcamos as entrevistas. Durante o período das entrevistas, nos encontramos muitas vezes, em boates, bares e festas, algumas das quais tomei conhecimento pelo convite deles. Após as entrevistas, mantivemos contato tanto virtualmente, até o momento em que iniciei a redação da tese, quanto pessoalmente, no período em que estive realizando campo em Buenos Aires. Ambos estão na casa dos 40 anos não havendo diferença etária significativa entre eles. Ernesto nasceu na província de Entre Rios e se mudou há mais de 25 anos para a cidade de Buenos Aires. É filho de católicos praticantes, mas nunca se enquadrou na religião. Sua primeira relação sexual foi aos 14 anos com um amigo de mesma idade e se repetiu durante mais de um ano. Depois disso, passou por um momento de auto-exclusão dos grupos de amigos que durou cerca de quatro anos. Teve algumas relações afetivo-sexuais com mulheres aos 18 anos quando se mudou para Buenos Aires. Aos 24 anos teve seu primeiro namoro com outro homem e depois disso nunca mais ficou sem namorados que geralmente conhecia em bares ou na Rua Santa Fé. Em sua família conversou com suas irmãs sobre sua homossexualidade, mas acredita que os irmãos saibam também. Esteban nasceu na província de Misiones e se mudou para Buenos Aires quando conheceu Ernesto há 11 anos. De uma família católica praticante, freqüentava regularmente a igreja quando criança até que abandonou a religião. Desde a infância sente atração por homens e aos sete anos teve algumas experiências sexuais com garotos de sua idade. Na adolescência passou por momentos de culpa e solidão tentando negar sua homossexualidade e acreditando que se casaria com uma mulher, apesar de manter relações sexuais esporádicas com um amigo. Mudou-se de sua cidade

para estudar e já longe de sua família começou a aceitar melhor sua homossexualidade. Teve um primeiro relacionamento que durou alguns meses, mas foi muito forte. Depois de um ano só, inicia outro namoro e passa a freqüentar o universo gay. Com o final do curso muda-se para o Brasil, não se adapta, volta a Córdoba onde vive por cerca de cinco anos e tem um relacionamento de cerca de três anos. Com o fim desse relacionamento, viaja à Buenos Aires para visitar amigos e conhece Ernesto através de um amigo comum. Como tinham planos profissionais semelhantes iniciam uma sociedade e um relacionamento, no entanto, Esteban tinha de voltar à sua casa em Córdoba. Não suportando ficar longe de Ernesto, Esteban se muda para Buenos Aires e passam a viver juntos. Com o passar do tempo vai ocorrendo uma divisão tácita nas tarefas da casa, mas ambos buscam sempre se ajudar. Ambos gostam de dançar e quando podem vão à boates ou à festas dos ursos. Gostam também de freqüentar uma sauna onde há festas temáticas dos ursos. Afirmam que são extremamente fiéis ao parceiro e à relação, mas que construíram um relacionamento aberto, com a possibilidade de ambos terem relações sexuais com outros homens com a presença ou não do parceiro. Para eles, o sexo é apenas uma das maneiras de se alcançar prazer, que aprendemos a associar com a culpa. Ambos se definem como versáteis e não gostam de se relacionar com homens que se definem exclusivamente como ativos ou como passivos. Afirmam que os homossexuais deveriam ter os mesmos direitos que os heterossexuais, entre os quais o direito de se unir em matrimônio uma vez que acham discriminatório a criação de uma lei específica. No entanto, eles não têm interesse pessoal na discussão sobre o reconhecimento da conjugalidade homossexual. Ambos afirmam que como não são reconhecidos como homossexuais pelos outros nunca sofreram e nem sentiram qualquer tipo de tratamento diferenciado.

6. ANDRÉS E PATRICIO

Fui apresentado à Andrés e Patricio por Horacio e Hernan depois da entrevista que fiz com eles, uma vez que Andrés é amigo e vizinho de Hernan e Horacio. Após a entrevista com Hernan, ele me disse que conhecia outro casal e que poderia apresentá-los depois que conversasse com eles sobre minha pesquisa. Alguns dias mais tarde, enviei uma mensagem para Hernan no *g4me*, já que ele não usava o *Messenger* perguntando se ele havia entrado em contato com seus amigos; ele disse que sim e me passou o telefone deles. Liguei para Andrés, me apresentei e conversamos sobre minha pesquisa, depois do que marcamos um encontro para nos conhecermos, conversarmos e darmos início às entrevistas, caso houvesse interesse de sua parte. Esse primeiro contato pessoal foi marcado na casa de Andrés e Patricio. Nele conheci apenas Andrés, pois Patricio estava trabalhando e ambos iriam se encontrar na casa de um amigo para um jantar. Conversamos e fizemos a entrevista. Consegui marcar a entrevista por telefone com Patricio para alguns dias depois, na casa deles. Nesse dia era Andrés que não estava presente. A entrevista foi realizada e depois conversamos por um longo período. Após as entrevistas, mantivemos contato. Fui convidado por eles para ir a festas dos ursos e a saunas com amigos deles. Fui a festas em bares onde os encontrei, assim como os vi também na marcha do orgulho gay. Andrés é o mais novo do casal, é portenho e foi educado dentro da igreja católica, hoje já não segue a religião. Sua família e seus amigos sabem de sua homossexualidade e de sua relação de conjugalidade com Patricio e freqüentam sua casa com regularidade. Sua vida sexual começou aos 12 anos com um amigo de escola com o qual continuou mantendo relações sexuais até seus 26 anos de idade. Também buscava manter relações sexuais e afetivas com mulheres, influenciado pela não aceitação de sua homossexualidade. Depois de seus 28 anos passou a freqüentar lugares de pegação gay da cidade de maneira oculta, construindo uma “*doble vida*”. Teve dois relacionamentos sérios com mulheres que duraram pouco devido à vida dupla e a culpa, até conhecer Patricio. Também criado na religião católica por uma família muito religiosa, Patricio hoje não segue nenhuma religião. Na adolescência saía com amigos para dançar. Desde muito pequeno sentia atração por homens, nunca teve nenhuma namorada e ao final do secundário, aos 18 anos contou para seus pais sobre sua homossexualidade. Nessa mesma idade, começou a ter relações sexuais esporádicas com homens mais velhos e teve três namorados. O primeiro conheceu na boate e o relacionamento durou um mês, o segundo, acabou após um ano de relação, e o terceiro

relacionamento, terminou depois de um ano e meio. Conheceram-se pela internet, em uma sala de bate papo dispostos a apenas uma aventura sexual. Os encontros se transformaram em um namoro e em um casamento quando foram morar juntos cerca de seis meses depois. Andrés e Patricio sempre dividiram todas as tarefas da casa mesmo tendo uma faxineira para fazer a limpeza da casa duas vezes na semana. Ambos são caseiros e gostam de receber os amigos em casa para jantares ou churrascos nos finais de semana. Além disso, vão algumas vezes as festas dos ursos que acontecem semanalmente aos domingos e também a saunas ou bares gays para relaxar, encontrar amigos ou novos parceiros sexuais. Assim, têm uma relação aberta que foi se modificando gradualmente permitindo aos dois hoje terem suas aventuras sexuais sem a presença do companheiro. O sexo é apenas um momento de prazer e diversão que pode ser realizado com a presença ou não do companheiro. Ambos sempre se consideraram versáteis e sempre mantiveram relações sexuais sem limitações nos papéis sexuais. Para eles, a aprovação da lei de união civil homossexual representou um avanço, mas foi uma mudança muito tímida e localizada, mesmo porque ambos defendem o matrimônio homossexual tomando como modelo a Espanha.

7. ALEJANDRO E ROLANDO

Fui apresentado à Alejandro e Rolando após um jantar com um amigo, no qual conversamos sobre minha pesquisa de doutorado. Esse amigo me contou que conhecia um casal e que me apresentaria a eles. Ligou para eles ainda durante o referido jantar, conversou com eles um pouco e me passou o telefone para que eu pudesse conversar com eles também. Nessa ocasião, eu me apresentei, trocamos números de telefone de contato e falei rapidamente sobre a pesquisa. No dia seguinte, liguei para conversar com eles e marcamos de nos encontrar em um café perto de onde eu estava morando, onde conversamos e trocamos contatos de *Messenger* para agendarmos as entrevistas. Depois de algumas conversas pelo telefone e pelo *Messenger*, realizei a entrevista com Alejandro, em seu trabalho, e com Rolando, na casa deles. Um café e um bate papo com os dois seguiu-se à entrevista com Rolando. Depois houve alguns encontros em festas e novas conversas pelo *Messenger* que não cessaram com meu retorno ao Brasil. Os dois têm um perfil de casal no *g4me*, que utilizam para conhecer outras pessoas, tanto para fazer amigos quanto para relacionamento sexuais esporádicos. Ambos estão na faixa dos 40 anos e possuem pequena diferença etária. Alejandro é de San Juan, na província de Rosário e mudou-se para Buenos Aires para fazer seus estudos universitários. Seus pais seguem a “*doctrina evangelista*” e apesar dele não ir freqüentemente aos cultos de sua Igreja em Buenos Aires, quando está em San Juan o faz com grande recorrência. Ainda garoto se sentiu atraído por outros garotos, mas sempre se sentiu culpado por isso. Sua primeira relação sexual ocorreu aos 16 anos iniciando um ciclo de culpa, abstinência e posterior repetição da relação sexual. Sendo muito retraído, nunca conversou a respeito de sua homossexualidade com ninguém de sua família. Aos 19 anos, em razão de uma paixão correspondida por um rapaz de Buenos Aires, se mudou para a capital Argentina para cursar faculdade. Nesse relacionamento começou a freqüentar o mundo gay e formou um círculo de amizades. Com a traição de seu namorado, o relacionamento de dois anos terminou. Após isso, conheceu outras pessoas em boates gays ou em seu trabalho e teve algumas relações sexuais esporádicas, mas nada sério. Rolando cresceu em uma cidade pequena de uma província do interior da Argentina, aos 15 anos de idade contou para sua família de sua homossexualidade e aos 17 anos se mudou para Buenos Aires para estudar. Sempre soube de sua homossexualidade, mas sua primeira relação sexual aconteceu aos 19 anos com um conhecido de sua cidade em Buenos Aires. Depois disso, teve vários “*compañeros de*

sexo”, passando a conhecer e freqüentar o mundo gay com eles. Aos 20 anos teve seu primeiro namorado, o relacionamento durou um ano e acabou porque seu namorado não queria naquele momento uma relação estável. Seu segundo relacionamento durou um ano e meio, era uma relação de convivência parcial, pois, seu companheiro continuava morando com os pais. Após o fim desse relacionamento, conheceu Alejandro em seu trabalho. Começaram uma amizade “*con derecho a roce*” e depois de um tempo estavam vivendo juntos. Quase todos com quem se relacionam, seja no trabalho, seja em sua vida pessoal sabem do relacionamento uma vez que vivem juntos há mais de 20 anos, a exceção se dá com a família de Alejandro que não fala sobre o tema. Desde que passaram a viver juntos, prezam muito o espaço da casa e juntos sempre fazem as tarefas da casa, apesar de que com o tempo algumas divisões foram ocorrendo. O relacionamento entre eles foi se modificando muito, no início saíam muito para a noite e freqüentavam o mundo gay, com o tempo foram deixando de lado esses lugares e acabaram se tornando mais caseiros e hoje já quase não saem para a noite. Sempre foi um relacionamento centrado na fidelidade, mas o significado de fidelidade foi se modificando, antes estava associada à monogamia com o tempo isso foi se modificando, especialmente porque Rolando mantinha relações sexuais com terceiros. Após muitas conversas em uma viagem de férias para o Brasil tiveram sua primeira experiência sexual com uma terceira pessoa, coisa que se repete com alguma regularidade até hoje e que permitiu a eles construir um relacionamento aberto onde o sexo assume importância sem ser elemento essencial. Têm muitos bens em comum e apesar de estar tudo em nome de ambos, há sempre o medo de problemas. Pensaram em assinar a união civil de Buenos Aires, mas acreditam que os avanços no reconhecimento da conjugalidade homossexual ainda são muito restritos e beneficiam apenas a um grupo pequeno de pessoas. No caso deles, consideram que seria importante a aprovação de uma lei que garantisse a paridade de direitos entre homossexuais e heterossexuais, como o projeto de lei de matrimônio entre pessoas do mesmo sexo. No entanto, acham a aprovação do projeto um pouco complicada devido à enorme força da Igreja Católica e do preconceito contra os homossexuais na Argentina.

8. MIGUEL E GERARDO

Fui apresentado a Miguel e Gerardo por Félix. Félix entrou em contato com eles e me passou o cartão pessoal de Gerardo, com seu telefone e email. Tentei conversar com ele por telefone, mas não obtive resposta, então escrevi um email me apresentando, falando de minha pesquisa e de meu interesse em conhecê-los e conversar com eles. Alguns dias depois Gerardo respondeu e me convidou para a apresentação de um trabalho dele, no entanto não pude comparecer para conhecê-los. Mantivemos, então, contato por telefone e agendamos um encontro na casa deles para nos conhecermos e para a realização da entrevista. No dia combinado encontrei Miguel e o acompanhei até sua casa, onde fui apresentado a Gerardo, conversamos e iniciamos a entrevista. Após a entrevista, mantivemos pouco contato em razão de meu retorno ao Brasil e, também, porque Miguel e Gerardo quase nunca usam a internet. Miguel é portenho, viveu até os seis anos com os avós em San Luiz, voltando à Buenos Aires para iniciar seus estudos. Tal como sua família, não era católico praticante, apesar de ter estudado sempre em escolas religiosas. Com oito anos de idade percebeu que se sentia atraído por outros garotos de sua idade até que aos 12 anos tem sua primeira experiência sexual com um homem que conhecera casualmente. Até seus 16 anos manteve relações sexuais com um tio, para Miguel foi um período de culpa, rejeição de sua homossexualidade e solidão. Nessa mesma época começou a trabalhar e a freqüentar o mundo gay, embora tivesse amigos, não conseguia estabelecer relações de namoro fixo. Seu primeiro relacionamento aconteceu depois dos 20 anos e durou quase dois anos de convivência por terem um negócio juntos. Após esse relacionamento, passou um tempo sozinho até que teve outro relacionamento estável que durou mais de 15 anos e terminou devido ao falecimento de seu companheiro. Cerca de um ano depois, conheceu Gerardo e começaram um relacionamento que já tem 11 anos. Gerardo vem de uma família católica muito religiosa e praticante. Nasceu em uma cidade muito pequena até que aos 10 anos mudou-se para uma cidade um pouco maior da província de Santa Fé. Aos 17 anos teve suas primeiras experiências sexuais com um primo, mas depois disso se retraiu muito e de certo modo apagou a existência do sexo e da sexualidade em sua vida. Só voltou a ter novas experiências e contatos sexuais depois dos 24 anos de idade, sem nunca ter mantido relações sexuais com mulheres ou com homens até conhecer seu companheiro atual que foi apresentado por um amigo em comum. Na época Miguel não morava em Buenos Aires e acabara de perder seu companheiro, no entanto após uma

longa conversa se apaixonara por Gerardo. Um mês depois decidiram viver juntos e Gerardo mudou-se para casa de Miguel. Trata-se de um relacionamento público, conhecido por quase todos de seu convívio, já que não fazem questão de mantê-lo em segredo. Achrom essencial a coabitação e afirmam que nunca houve uma divisão muito precisa nas tarefas de casa, mas costumam dividi-las respeitando a vontade de cada um. Quase nunca saem para se divertir devido ao excesso de atividades e de trabalho que realizam, mas gostam de ir a cinemas ou mesmo visitar amigos. Para ambos, a fidelidade pode ser subdividida em dois subtipos: a sexual e a emocional; a primeira está ligada a atividade sexual, a outra está ligada a um relacionamento emocional. Mantêm um pacto de fidelidade sexual, mas se houver oportunidade pode ocorrer algum relacionamento sexual com outro homem, assim definiriam se relacionamento como fechado com liberdade para uma abertura. De acordo com eles, o sexo é um componente essencial na vida de qualquer ser humano e não deve ser deixado de lado ou omitido. Afirmaram que suas relações sexuais são pouco freqüentes e sempre usam preservativo. Ambos apontam que tal como se apresenta na cidade de Buenos Aires, o reconhecimento da união homossexual é limitante e restritivo, por ser útil praticamente apenas para os funcionários do Estado por isso defendem a aprovação do projeto de matrimônio que tramita no Congresso da Nação.

9. DAVID E GOLIAS

Entrei em contato com David e Golias através do *site* “Disponível”. Nesse *site*, o casal mantém um perfil que é gerenciado por ambos, nele se apresentam como um casal que tem um relacionamento aberto e que procura amizade e relações sexuais esporádicas com outros homens. Escrevi-lhes uma mensagem e trocamos nossos contatos de *Messenger*, após isso trocamos telefones e combinamos um encontro em sua casa para conversar e realizar as entrevistas. Nessa ocasião, detalhei minha pesquisa e, após tirarem as dúvidas e curiosidades surgidas, Golias se disponibilizou a ser entrevistado primeiro, seguido pela entrevista de David. Após a realização das entrevistas, mantivemos contato principalmente pelo *Messenger*, mas trocamos mensagens também pelo *site* “Disponível” e pelo blog que eles desenvolveram, onde relatam as aventuras sexuais que organizam e de que participam. David é de uma cidade do interior do Rio de Janeiro. Nunca seguiu nenhuma religião, sendo espiritualista. Sempre se viu como homossexual, sofrendo preconceito e discriminação na escola desde a infância por ter a aparência andrógina, com poucos traços de masculinidade que nunca foram reforçados. Sua primeira relação sexual aconteceu aos 12 anos, depois passou a se relacionar esporadicamente com outros garotos e com homens casados da vizinhança. Aos 17 anos, mudou de cidade para fazer faculdade e depois se mudou para Brasília. Nesta cidade, passou a sair na noite e a freqüentar teatro, cinemas e festas, até que aos 22 anos teve seu primeiro namorado e passou a freqüentar os espaços gays da cidade. O relacionamento terminou um ano e meio depois devido a discussões por conta dos ciúmes de seu namorado. Passou alguns anos sem se envolver com outro homem freqüentando a noite gay de Brasília até que conheceu outro rapaz e após um tempo passaram a morar juntos. O relacionamento durou cinco anos era de conhecimento de todos e terminou devido a diferentes objetivos de vida. Com o fim David passou alguns anos sem se relacionar emocionalmente, até que apareceu outro rapaz, com quem iniciou um namoro que durou três anos e terminou devido a traições de David. Após esse relacionamento, David conheceu outro homem e teve um relacionamento sério que durou três anos e que terminou devido a suas traições. Após três anos com relacionamentos curtos conhece Golias que nasceu em Valparaíso, uma cidade do Distrito Federal. Assim como sua família segue a umbanda. Dos 12 aos 19 anos, período que considera o de descoberta e aceitação de sua homossexualidade, o suicídio passou a ser uma idéia recorrente. Sua primeira experiência sexual aconteceu aos 19

anos e seguiram-na diversas relações sexuais com outros homens. Até seus 22 anos sempre evitou qualquer tipo de contato com o ambiente gay, a partir daí assumiu sua homossexualidade na faculdade e passou a ter contato com outros gays e a conhecer lugares de sociabilidade homossexual. Antes de conhecer David teve dois relacionamentos: o primeiro durou cerca de três meses e foi um relacionamento secreto; o segundo marcou sua “*saída do armário*” e terminou após dois anos e meio. Depois Golias conheceu David pela internet, trocaram algumas mensagens, se conheceram pessoalmente e já completaram cinco anos de vida em comum. Passaram a morar juntos devido a conflitos de Golias com sua família por não aceitarem sua homossexualidade, no entanto, hoje já aceitam e respeitam o relacionamento entre eles. Afirmam que apesar de não haver uma divisão das tarefas de casa pré-estabelecida, naturalmente acaba ocorrendo uma diferenciação. São caseiros, mas vão com frequência a bares e restaurantes para jantar e se encontrar com amigos. Hoje tem um relacionamento aberto, como consequência das traições cometidas por ambos, no qual é possível relações sexuais de ambos com um terceiro. Para ambos, a fidelidade em um relacionamento existe quando se cumpre com a palavra dada, no atual arranjo manter a fidelidade é ter relações sexuais apenas com a presença do outro. Afirmam que sexo é essencial em suas vidas e tem uma divisão por papéis sexuais, na qual Golias é exclusivamente ativo, com seu parceiro e terceiros e, David é sempre passivo com seu companheiro e versátil com terceiros. Ambos relatam diversas situações onde sofreram preconceito e discriminação desde a infância, mas que isso hoje é mais fácil de lidar do que antes. Têm um contrato de união registrado em cartório que foi feito já há alguns anos com o intuito de incluir Golias no plano de saúde de David e compraram conjuntamente um apartamento e um carro, ambos estão registrados no nome dos dois.

10. SALOMÃO E ABRAÃO

Através de uma pesquisa no *site* “Disponível”, tive acesso ao perfil do casal formado por Salomão e Abraão. Nesse perfil, gerenciado pelos dois, eles se apresentam como um casal “bem resolvido”, que busca fazer amizade com outros homens e buscam, também, parceiros para aventuras sexuais. Trocamos algumas mensagens pelo *site* e pelo *Messenger*, onde conversamos sobre minha pesquisa e também em um encontro marcado em minha casa para nos conhecermos. Nesse encontro somente Salomão compareceu. Fui convidado para uma visita na casa deles, em nova data, para a realização das entrevistas. Nesse outro encontro, conheci Abraão e conversamos bastante sobre minha pesquisa e sobre banalidades. Em outro dia, por telefone, combinamos um novo encontro na casa deles, onde realizei as entrevistas. Depois disso mantivemos contato pessoal, assim como pelo *Messenger*. Se definindo como “católico por herança”, Salomão não segue a religião por não crer na Igreja nem nos homens que a dirigem. É carioca, cresceu e passou grande parte de sua vida no Rio de Janeiro e mudou-se para Brasília por motivos profissionais. Com 14 anos teve suas primeiras experiências sexuais e aos 17 anos já tinha bem definido que sentia atração por outros homens. Por volta dos 19 anos iniciou seu primeiro namoro que se tornaria um relacionamento estável de 10 anos. Não chegaram a morar juntos, devido a problemas familiares de seu companheiro, mas Salomão estava sempre na casa dele e as famílias de ambos sabiam da relação. O desgaste, a insegurança do parceiro e as traições repetidas de ambos levaram ao fim do relacionamento e a sua mudança para Anápolis. Na nova cidade tem um relacionamento de três anos com uma colega de trabalho apesar de continuar a sentir desejo por outros homens. Após esse relacionamento, Salomão se muda para Brasília faz um grupo de amigos, começa a sair na noite e tem algumas relações sexuais esporádicas com outros homens até conhecer Abraão. Nascido em São Paulo, Abraão viveu lá até seus 17 anos, quando se mudou com a família para Brasília. Sua família, apesar de ter passado por várias religiões, sempre foi religiosa, no entanto, Abraão não segue religião alguma. Sua adolescência foi um período confuso no qual se sentia culpado com os desejos que experimentava por outros garotos. Sua primeira relação sexual ocorreu aos 13 anos com um colega e se repetiu outras vezes. Em Brasília, aos 17 anos tem seu primeiro relacionamento que durou três anos, veio acompanhado da preocupação com a revelação do segredo de sua homossexualidade para sua família e acabou porque seu namorado se envolveu com outro homem. Com o

final da relação Abraão permaneceu um tempo sozinho e passou a sair com os amigos para se divertir. Na casa destes amigos conheceu muitas pessoas e se envolveu sexualmente com alguns deles. Mudou de trabalho e neste novo local conheceu Salomão, conversaram, trocaram telefones e começaram a se conhecer melhor. O relacionamento já tem mais de 12 anos de duração. No início moravam longe um do outro, mas com o passar do tempo, Abraão passou a ficar mais tempo no apartamento de Salomão até que passaram a morar juntos. Desde o começo do relacionamento não têm nenhuma preocupação em manter qualquer tipo de segredo a respeito da sua homossexualidade, ou mesmo de sua relação de conjugalidade e recebem apoio da família de ambos. Nunca tiveram uma conversa para estabelecer uma divisão das tarefas de manutenção da casa, mas houve uma divisão que ocorreu naturalmente, baseada na afinidade deles, mas sempre que podem, fazem as tarefas juntos. A maior parte da diversão deles é dentro de casa, mas saem de vez em quando para ir à barezinhos e restaurantes onde possam conversar com os amigos. Não gostam de freqüentar o meio gay, porque o consideram muito cansativo e repetitivo. Não definem a relação nem como aberta, nem como fechada, não gostam de rótulos, preferem dizer que os dois têm liberdade para fazer qualquer coisa que seja de comum acordo e que ambos participem. Definem-se como versáteis e não acreditam em uma divisão a priori, não gostam de limites pré-estabelecidos e nem de se sentirem podados quando o assunto é desejo sexual. Acreditam e defendem que tanto heterossexuais quanto homossexuais têm direito a ter sua união reconhecida pelo Estado, mas sabem que no Brasil não há nenhum tipo de legislação que proteja casais homossexuais e esperam que isso mude o mais rápido possível, pois gostariam de se unir legalmente.

11. ELIAS E JACÓ

Fui apresentado a Elias por um amigo em comum. Este amigo me passou seu contato após conversarmos sobre minha pesquisa de doutorado. O primeiro contato com Elias foi realizado pela internet através do *Messenger*, quando conversamos sobre minha pesquisa, sua relação de conjugalidade e sobre seu companheiro. Nessa conversa ele me passou seu perfil no “Disponível”. Tratava-se de um perfil individual. Seu companheiro igualmente tinha um perfil individual nesse site. No seu perfil no “Disponível”, Elias se apresentava como um homem casado à procura de amigos para conversar. Mantivemos contato pela internet através do *Messenger* e algumas vezes por telefone, até marcarmos a entrevista que foi realizada em minha casa por escolha dele. Depois desse primeiro contato pessoal, ele me passou o telefone do companheiro e me convidou para um jogo de baralho que ocorria semanalmente na casa de amigos. Após realizar a entrevista com Jacó, também em minha casa, passei a frequentar esse grupo de amigos, bem como mantivemos contato via *Messenger*. Elias é carioca e morou em várias cidades devido à profissão de seu pai, até que aos 22 anos fixa residência com toda sua família em Brasília. Considera-se católico apesar de não frequentar a religião e discordar do posicionamento da igreja católica a respeito da homossexualidade. Sempre conversou abertamente com sua família sobre seus desejos homossexuais e lutou durante muito tempo contra ela tentando ter relações com diversas mulheres ao longo da vida. Suas primeiras experiências sexuais aconteceram aos 11 anos com amigos, mas sua primeira relação sexual ocorreu apenas com 17 anos com outro amigo. Até seus 30 anos, Elias alternou relações entre homens e mulheres, até que resolveu dar uma basta nisso e seguir seu desejo de se relacionar com homens. Seus três relacionamentos com mulheres duraram no máximo um ano e terminaram por terem se tornado apenas amizade. Com os homens o foco dos relacionamentos eram as relações sexuais sempre acompanhadas de muita culpa. O primeiro deles aconteceu quando tinha 35 anos, durou seis meses e acabou por conta da distância entre as cidades em que moravam. Depois de um tempo sozinho iniciou um relacionamento que terminou oito meses depois devido à traição desse companheiro. Seu relacionamento posterior também durou em torno de oito meses e terminou devido à incompatibilidade de projetos de vida. Após essa relação, conheceu outro homem pela internet e teve uma relação de um ano. Todas estas relações foram sem coabitação. Após algum tempo sozinho Elias conheceu Jacó e iniciaram um relacionamento. Jacó nasceu em Goiânia e teve toda sua educação

influenciada pela Igreja Batista, de tal modo que até seus 19 anos pensava seguir a carreira de pastor. Com sua mudança para Brasília em 2001 para fazer faculdade, passou a freqüentar reuniões da religião *wicca* até se tornar sacerdote. Sua primeira experiência sexual aconteceu aos 18 com um garoto de programa e depois disso passou a alternar relações sexuais com homens e mulheres garotos(as) de programa devido à culpa. Com o tempo passou a freqüentar saunas e boates gays, sempre escondido da família e dos amigos, até que se envolveu com um homem que conheceu pela internet, mas a relação durou apenas quatro meses. Quando se mudou para Brasília teve um novo relacionamento que durou seis meses e que também tinha como foco apenas relações sexuais. Com o fim do relacionamento Jacó conheceu Elias pela internet, estabeleceram contato por *Messenger* e posteriormente por telefone. Iniciaram um namoro e hoje tem um relacionamento que apesar de ser de coabitação parcial, é vivido de maneira integrada já que trabalham juntos e reiteradamente dormem juntos na casa de Elias. Tem uma relação com cinco anos de duração com o pleno conhecimento da família de ambos, apesar da aceitação ser relativamente problemática por parte da família de Elias pela diferença de idade, e por parte da família de Jacó devido à religião. Quando estão juntos buscam fazer as coisas de maneira conjunta para partilhar da companhia um do outro. Semanalmente, se reúnem com amigos para jogar cartas e sempre vão a cinemas, raramente saindo na noite por não gostarem do ambiente de boates e saunas. É uma relação aberta, coisa que no início desagradou muito a Elias, mas que se adaptou com o tempo mesmo nunca tendo nenhuma experiência extraconjugal e perceber que seu companheiro as tem. O sexo foi assumindo um lugar secundário na relação sem deixar de ser importante. Definem-se como versáteis apesar de com o tempo ter ocorrido uma divisão mais marcada. Ambos defendem o reconhecimento da união homoafetiva acham essencial que haja a possibilidade das pessoas se unirem, mesmo que elas não queiram se utilizar da legislação, mas pensam diferentemente quando o tema é a relação deles, Jacó gostaria de ter o relacionamento entre eles reconhecido através de um contrato ou qualquer tipo de documento, já Elias acha que os avanços existentes no judiciário são suficientes para garantir o patrimônio que possa ser por eles construídos.

12. SAUL E SIMEÃO

Tive acesso ao perfil do casal através de uma pesquisa realizada no *site* “Disponível”. No perfil do casal, eles se apresentam como um casal aberto que busca conhecer homens para amizade com conteúdo sexual, principalmente. Após algumas mensagens intercambiadas pelo *site*, trocamos nossos contatos de *Messenger* e passamos a estabelecer contato por este meio. Conversamos sobre o tema de minha pesquisa, na maioria das vezes, e eles logo quiseram me conhecer pessoalmente. Trocamos telefones e marcamos um encontro na casa deles. Saul foi me buscar na saída do metrô e me levou até sua residência. Lá, apresentei melhor minha pesquisa, conversamos sobre vários assuntos e fiz a entrevista com Simeão. Mantivemos contato por telefone e pela internet e realizei a entrevista com Saul em outro momento. Saul nasceu na cidade de Formosa (próxima a Brasília), sempre frequentou muito a igreja católica devido à forte religiosidade da família, mas em 1995 se converteu ao espiritismo passando a seguir esta religião. Na adolescência teve algumas experiências sexuais com outros homens até que teve sua primeira relação sexual com uma namorada aos 17 anos. Aos 26 anos, casou-se e logo depois tiveram duas filhas, mas após seis anos de casamento a atração que sempre sentira por homens e estava adormecida desde o início do casamento retornou e passou a ter relações sexuais com outros homens às escondidas. Em um destes contatos conheceu Simeão e se separou de sua esposa depois de um casamento de 11 anos. Toda sua família sabe de sua homossexualidade e de seu relacionamento com Simeão, alguns conversam sobre o assunto sem problemas, outros preferem não conversar, apesar de dizerem que aceitam o relacionamento. Simeão nasceu em Brasília, afirma ser católico não praticante e nunca seguiu de perto a religião, nem teve nenhum direcionamento familiar. Seu contato a religião se deu ao viver maritalmente com uma mulher que tinha dois filhos e era muito religiosa. Tal relação durou sete anos e terminou, pois Simeão conheceu Saul. Suas primeiras experiências sexuais aconteceram na adolescência com amigos, até que aos 16 anos teve sua primeira relação sexual com uma vizinha. Com o final do ensino médio teve algumas experiências sexuais esporádicas com homens que conhecia casualmente. Depois disso conheceu sua futura esposa, começaram um relacionamento sério e passaram a viver juntos, mas Simeão seguia se relacionando sexualmente com outros homens em saunas, locais de pegação e bares gays, até que conheceu Saul por quem se apaixonou e começaram um relacionamento que já alcançou mais de cinco anos. A família de ambos

sabe do relacionamento entre eles, no entanto, há uma preocupação especialmente de Saul com a revelação de sua homossexualidade e conjugalidade para outras pessoas. Acham essencial coabitar para que haja um relacionamento de conjugalidade e afirmam que não há uma divisão muito clara de tarefas na casa, cada um se preocupa e se dedica ao que tem mais afinidade. Nenhum deles gosta de sair para boates e festas gays e seus locais de diversão se resumem a visitas a casa de amigos e familiares, apesar da curiosidade presente no início do relacionamento sobre a vida gay. Afirmam que sexo é uma parte importante do relacionamento deles, mas não é o essencial e ambos são versáteis. Além disso, apontam que na relação entre eles não há confusão entre exclusividade sexual e fidelidade, têm assim uma relação aberta que possibilita que tenham experiências individuais com outros homens. Essa configuração foi se modificando através de conversas, no início só conversavam a respeito da possibilidade, com o passar do tempo tiveram relações juntos com um terceiro e hoje alcançaram tal formato devido à dificuldade de conhecerem pessoas que gostem do corpo dos dois por terem biotipos diferentes. Tanto Saul, quanto Simeão defende o reconhecimento da união entre pessoas do mesmo sexo, já conversaram muitas vezes e esperam ansiosamente a aprovação de qualquer tipo de lei versando sobre o tema já tem vários bens adquiridos em comum. Enquanto isso não ocorre tentam de modo estratégico garantir alguma tranquilidade para seu companheiro e tomaram uma série de medidas legais, tais como: comprar um apartamento em sociedade, com divisão da propriedade em 50% para cada um no contrato; os dois terrenos que possuem estão cada um em nome de um deles; o carro, apesar de estar no nome de Saul, é propriedade de ambos. Essas divisões foram feitas para garantir o direito de ambos, pois todos os bens estão sendo comprados ou foram comprados com a participação de ambos, com o trabalho e o dinheiro de ambos.

13. ISAAC E JUDÁ

Isaac foi apresentado por um amigo em comum com o qual falei a respeito de minha pesquisa. O contato com Isaac foi intermediado pela internet. Através do *site* Orkut tive acesso a seu perfil e fiz o primeiro contato que se estendeu para o *Messenger* e para telefonemas, sempre mantendo como foco minha pesquisa. No perfil do *site* do Orkut, Isaac se apresenta como casado e mostra fotos dele, de seu companheiro e de amigos, além de fotos de viagens e passeios. As entrevistas foram realizadas tanto com Isaac quanto com Judá e o contato se manteve desde então, especialmente pela internet, via *Messenger* e Orkut. Isaac é de origem judia, cresceu tendo um forte contato com essa religião, apesar de sua família ser de uma ala moderna. Hoje, no entanto, se considera um cristão sem religião. Nasceu no interior de Minas Gerais, se mudou com a família para Fortaleza aos seis anos de idade e se formou na faculdade aos 19 anos. Após isso retornou a sua cidade natal com a família e aos 20 anos mudou-se para Brasília por motivos profissionais. Sua homossexualidade sempre foi uma questão bem resolvida para ele e aberta para sua família; nunca precisou ter segredos ou omitir nada. Sua primeira relação sexual aconteceu aos seus 12 anos e se repetiu com outras mulheres até seus 21 anos, nesse momento teve sua primeira relação sexual com um homem, seu primeiro namorado, apesar de sempre ter tido desejo apenas por homens. Após esse relacionamento que durou poucos meses e algum tempo sozinho, conheceu outro homem e iniciou um namoro que resultou em coabitação e parceria. O relacionamento durou quatro anos e terminou devido ao flagrante da traição de seu companheiro em sua casa. Logo depois Isaac conheceu Judá e iniciaram um relacionamento. Nascido em Brasília, Judá sempre teve os valores e regras cristãs como modelo, até que passou a conhecer algumas religiões afro-brasileiras e hoje se identifica muito mais com esse universo do que com o universo católico. Começou a trabalhar muito jovem devido à separação dos pais, sofria com a responsabilidade de ter de ajudar no sustento da casa e sentir atração por homens. Por conta disso, sentia se muito culpado, passou a lutar contra esse desejo se relacionando continuamente com mulheres e iniciando sua vida sexual aos 14 anos com uma garota de sua idade. Aos seus 16 anos uma de suas parceiras engravidou e Judá se casou com ela. No entanto, após um ano de casamento se separou por não amar sua esposa. Depois de sua separação, passou a procurar pessoas para um relacionamento sério, mas tanto mulheres, quanto homens que conhecera não buscavam qualquer tipo de relação mais séria. Sua primeira relação

sexual com um homem aconteceu aos 18 anos, se repetiram com outros homens e foram pontuadas pela culpa, mas com o tempo percebeu que esses seus desejos fazem parte dele. Sua família e sua filha sabem de sua homossexualidade, quando conversou com elas a respeito teve muitos problemas por acharem que ele se tornaria afeminado, mas hoje aceitam muito bem a situação. Para além de seu casamento, não conseguia estabelecer qualquer tipo de relacionamento mais duradouro até que conheceu Isaac e iniciaram seu relacionamento que já dura mais de cinco anos. Conheceram-se casualmente em um restaurante, Judá conseguiu o telefone de Isaac e após algumas ligações enviou uma longa mensagem de SMS explicando o porquê da insistência dele em marcar um encontro. Nessa mensagem Judá “*abria seu coração*”, contava um pouco de sua história e dizia que se apaixonara por Isaac. Após alguns encontros iniciaram um “*namoro sério*” e oito meses depois passaram a morar juntos. Não há qualquer interesse ou esforço deles no sentido de manter qualquer tipo de segredo em relação à homossexualidade ou à sua relação. Ambos sempre procuraram fazer as tarefas da casa juntos, mas devido a horários diferentes de trabalho acabaram estabelecendo algumas divisões que prezam pela igualdade. Tanto Isaac quanto Judá não gostam da vida noturna e quando têm tempo livre ficam em casa descansando ou recebendo amigos. Definem a relação entre eles como sendo fechada e monogâmica, bem como apontam que o sexo só faz sentido por haver amor e por estarem comprometidos. No que tange a preferências sexuais há uma divisão entre deles, Isaac é passivo nas relações sexuais e Judá é ativo. Acham um absurdo a inexistência de qualquer tipo de legislação aprovada que garanta direitos aos homossexuais e aos casais formados por pessoas do mesmo sexo e vêem isso como reflexo do preconceito da sociedade contra os homossexuais. Têm alguns bens em comum, entraram recentemente em contato com um advogado para elaborar um contrato para terem mais tranquilidade e assegurarem direitos para o companheiro em caso de doença ou morte de qualquer um deles.

– Unidade II –

Pensando (com) o campo

– Capítulo 3 –

Sujeitos e subjetividades: Intersecções contextuais.

No capítulo anterior, apresentei fragmentos de narrativas de histórias de vida construídos nos encontros com casais homossexuais que abriram a porta de suas casas e de suas vidas e viabilizaram a elaboração desta tese. Mais do que ressaltar a diversidade de narrativas, esses encontros etnográficos permitiram identificar a existência de aspectos em comum. Assim, gosto de pensar nessas histórias de vida como imagens de um caleidoscópio, no qual alguns elementos, tais como, a raça/etnia, a geração, o gênero, apesar de aparecem de modo reiterado nas narrativas dos nativos, podem todos assumir resultados diferenciados, em razão da análise do contexto geral de apresentação, tal como em um caleidoscópio, no qual mesmos elementos produzem imagens diferentes em cada nova observação.

O principal objetivo deste capítulo é aprofundar a discussão sobre a construção do sujeito e de sua subjetividade na intersecção das categorias supracitadas. Para tanto, parto da premissa de que os sujeitos das narrativas não nascem prontos, pelo contrário, se constroem de modo contínuo e ininterrupto. Isso significa dizer que, apesar das narrativas serem apresentadas de maneira acabada pelos nativos no momento da entrevista, os sujeitos que as produziram não podem ser tomados como finalizados, mas sim como “em processo” (Brah 2006). Por consequência, as narrativas representam apenas um “retrato” de um momento na vida dos sujeitos.

A idéia da narrativa-retrato, somada à idéia do “sujeito-em-processo” (idem) levanta algumas questões. Seria realmente possível compará-las às imagens de um caleidoscópio? Em caso afirmativo, seriam os fragmentos reiterados das narrativas exatamente os mesmos, ou apenas representam um modo recorrente de estruturar fatos e experiências compartilhados que têm como tema a identidade homossexual e que formaram uma espécie de memória coletiva de homens de uma geração, de uma camada social e de uma raça/etnia específica? Essas questões, essenciais para a tese, serão discutidas neste capítulo.

Camadas médias e modernidade

[...] la relación es un encuentro entre culturas donde una parte de la persona se fusiona con la otra, pero hay otra parte que no cambia, para esa parte que no cambia tiene que haber una comprensión muy profunda y es justamente esa diferencia la que es la riqueza de la relación. Pablo

[...] ser un par, ser dos personas y no una. Yo no creo en las parejas que se suman como uno, eso es muy hetero, muy tradicional, las parejas son dos en todo caso. [...] Después con el tema de los encuentros, no está en juego la fidelidad, pero en todo caso es también ser fiel a uno mismo, a los deseos que tiene uno; nosotros vamos caminando por la calle y vemos algún chico lindo y decimos mira qué hermoso que es ese chico y disfrutamos y nos divertimos. Horacio

[...] la pareja es un vínculo sumamente importante. Dos socios en una empresa son una pareja, una pareja cuyo objetivo es un capital, un producto, lo que fuera. En una casa, en una familia, una pareja tiene como objetivos ser felices, los dos ser felices juntos, sin perder la individualidad, [...]. Hernan

[O relacionamento é uma] mezcla de cosas, de estar bien con alguien, de encontrar un compañero con el que quieras compartir tu vida, tus proyectos, tampoco son amigos porque tienen otro tipo de sentimiento que vincula. Pero me parece que una pareja, sobre todo homosexual aunque no exclusivamente, se basa más en el compañerismo, en la generación de proyectos, y en trabajar para transformarla todos los días en una cosa nueva. Patricio

[...] respetar el espacio del otro y respetar la escucha del otro, la diferencia del otro, respetarle y que me respete. Gerardo

Acho que temos outro nível de relacionamento que não pode ser comparado, inclusive não há uma tradição nesse tipo de relação, então eu acho que não temos de seguir os mesmos padrões. [...] entre os héteros há uma divisão entre provedor e provido, entre chefe de família e membros. Golias

A literatura que há alguns anos vem se especializando na caracterização da cultura e dos segmentos médios da sociedade (Velho 1989, 1999; Salem 1989; Heilborn 1995, 1999a, 1999b, 2004) aponta a existência de um acelerado processo de modernização na área dos costumes nas camadas médias e altas da população dos

centros urbanos. Esse processo é resultado, entre outros fatores, do surgimento do feminismo e do movimento de liberação homossexual, do processo de urbanização e dos avanços tecnológicos que produziram transformações substanciais nos padrões e formas de sociabilidade, interação e circulação de informações.

Tal modernização dos costumes se assenta também na expansão de uma ideologia igualitária que ressignifica as distinções entre gêneros e papéis sexuais, provoca alterações profundas na configuração e dinâmicas familiares, prolifera e faz surgir novos arranjos conjugais e promove a ruptura com alguns estigmas associados às homossexualidades. Essa ideologia igualitária tem como característica fundamental a afirmação do indivíduo como valor estruturante para a conformação da sociedade, em contraposição ao holismo que aposta na hierarquia e na diferenciação dos sujeitos (Dumont 1993, 1997). Tal ideologia está associada também à expansão dessa individualidade que coloca ênfase na “descoberta de si mesmo”, na “liberação das repressões” e na “busca por autenticidade” (Velho 1999).

Cabe destacar que tais características não são exclusivas das camadas médias da sociedade urbana, estão presentes de um modo geral em todos os segmentos da sociedade e em todas sociedades complexas moderno-contemporâneas, mas nestas camadas médias esta ideologia igualitária se espraia, ganha predominância e destaque. Como afirma Velho (1999: 38) *“as sociedades complexas moderno-contemporâneas são constituídas e caracterizam-se por um intenso processo de interação entre grupos e segmentos diferenciados”*. Assim, não há como descartar nesta análise essa interação entre grupos que se influenciam mutuamente, mas tenho de destacar que, tanto no Brasil quanto na Argentina, os nativos a que tive acesso se identificavam como pertencentes às camadas médias de seus países, por isso o foco dessa análise está voltado a esse segmento social.

De um modo geral, as narrativas elaboradas por eles têm como ponto em comum uma ênfase na individualidade, a busca constante pela “liberação de suas repressões”, a “descoberta de si mesmo” e a “afirmação de sua autenticidade” que implicavam em críticas direcionadas especialmente à religião, à heterossexualidade compulsória e às formas instituídas de relação conjugal.

Muitos dos nativos afirmam em diversos momentos e de diferentes maneiras que em primeiro lugar buscam serem fiéis a si mesmos, a seus desejos e sentimentos, acreditam que somente assim conseguiriam ser felizes. Salomão é um dos que deixam isso mais explícito quando fala da questão da fidelidade na relação de conjugalidade, para ele ser fiel teria uma ligação direta com a honestidade e a sinceridade tanto para si mesmo quanto em relação ao parceiro, em suas palavras, *“fidelidade é uma coisa muito relativa, acho que você tem de ser real, tem de expressar o que você quer, o que você gosta, o seu desejo. Acho que se você esconde alguma coisa, você não é fiel. [...] E se você mente para outra pessoa, esconde dele, passa a mentir para si mesmo e o relacionamento se fragiliza e fica falso”*. As conversas com Elias em um determinado momento também ressaltaram essa *“aceitação de si e do outro [...] pelo diálogo”*, mas todos os nativos destacaram a importância por *“respetar el espacio del otro, respetar la escucha del otro, la diferencia del otro, respetarle y que me respete”* como afirmou Gerardo. Esse respeito só é possível de ser alcançado quando se conhece a si mesmo e se conhece o outro como afirmou Miguel em outro momento. Hernan ressalta em sua fala a importância de se ter em mente que a relação de “pareja” é uma relação entre duas pessoas que tem um objetivo em comum e que não pode ser vista como uma relação de fusão entre dois seres, para ele ser *“pareja”*, *“é ser un par, ser dos personas y no una. Yo no creo en las parejas que se suman como uno, eso es muy hetero, muy tradicional, las parejas son dos”*.

Além da tematização da individualidade, mesmo vivendo em uma relação de conjugalidade, há nas narrativas dos nativos a busca pela “afirmação da autenticidade” e pela “liberação das repressões”. Nelas os nativos buscam construir uma relação “moderna” em oposição aos “modelos tradicionais” de relação de vida a dois. Assim, em muitas dessas falas eles partem do desenvolvimento de uma análise comparativa de sua conjugalidade com a de heterossexuais buscando fugir do modelo consagrado do matrimônio. Nestas comparações enfatizam a construção de um modo particular de relação de parceria por parte deles, na qual os dois parceiros são iguais e possuem liberdade para se envolverem sexualmente com terceiros ou quartos, juntos ou separados. Desenvolverei essa questão de maneira mais profunda no capítulo posterior, o importante aqui é mostrar que a construção da subjetividade dos nativos recorre a uma ideologia igualitária que coloca o valor no indivíduo e em sua realização individual com primazia sobre outros valores na sociedade, inclusive a relação de conjugalidade. A

despeito disso, para todos os entrevistados as relações de união ainda assumem importância, sendo vistas como espaços possíveis de realização dessa individualidade. Neste sentido, de maneira contraditória, há a afirmação da individualidade e a afirmação da conjugalidade como elementos importantes para os nativos. No entanto, já não se tratam de relações “tradicional” de união, mas sim de relações “autênticas” construída por sujeitos que buscam sua “verdade” através da “fuga de suas repressões” e, que por isso, podem assumir diversas configurações.

A dicotomia “tradicional” *versus* “autêntico”, “tradicional” *versus* “moderno”, “heterossexual” *versus* “homossexual” aparece inúmeras vezes nas falas dos nativos e não podem ser entendidas de maneira substantiva, mas sim de maneira contextual. O interessante é perceber que todos os nativos sempre se colocam do lado oposto a tradição, se vêem como sujeitos autônomos e “revolucionários” buscando questionar e quebrar as regras tradicionais. Tal como sugere Giddens (1998), não podemos ver a modernidade como a representação do fim de todas as tradições, pelo contrário convivemos atualmente com muitas facetas dela. No entanto, esta vem perdendo gradualmente a força que exercia sobre os comportamentos dos sujeitos. A tradição deve ser entendida aqui, como uma atividade social vinculada visceralmente à repetição da ordem social de maneira acrítica (Lipovetsky 2004, Giddens 1998). De modo contrário, a modernidade apresenta descontinuidades marcantes que a diferenciam da tradição. As sociedades da “alta modernidade” apresentam um intenso “ritmo e escopo da mudança”, verificável pela dinâmica interconexão entre pessoas, informações, tecnologias, serviços, nas mais diversas áreas do globo. Isto nos remete a idéia, proposta por Giddens (idem), de desencaixe que significa o “relativo descolamento” da atividade social de contextos de espaço-tempo imediatos.

No que tange a configuração da homoconjugalidade, estas sofrem influências de um complexo processo de circulação de informações, modelos e trocas nas sociedades moderno-contemporâneas que apresentam inúmeras possibilidades para os sujeitos sociais. Tal como aponta Velho (1999: 38) a complexidade da vida moderna está “*associada ao mercado internacional cada vez mais onipresente, a uma permanente troca cultural através das migrações, viagens, encontros internacionais de todo o tipo, além do fenômeno da cultura e comunicação de massas*”. Diante dessas inúmeras informações, possibilidades e sistemas de valores oferecidos é que se deu/dá a construção das subjetividades dos nativos. Além de estar preocupado com tal

construção, este trabalho toma como foco as formas nas quais se configura a homoconjugalidade entre homens, ponto do próximo capítulo.

Retomando a análise, nessas sociedades moderno-contemporâneas a subjetividade/identidade dos nativos é construída, tal como aponta Velho (1999), Bauman (2001), entre outros, de modo fortemente influenciado pelos meios de comunicação e informação que se tornaram globais e não respeitam mais fronteiras nacionais, locais ou globais. Todos nativos afirmaram ler e acompanhar o que está acontecendo no mundo, sendo que o acesso deles a estas informações é prioritariamente feito pela internet. Mas, também afirmaram usar a internet de outro modo, como uma forma de sociabilidade e de lazer, pois através dela mantém contato com amigos e familiares, estabelecem relação com outras pessoas homossexuais tanto para fazer amizade quanto para “casos” extraconjugais, vêem pornografia, vídeos, fotos, músicas. Somente alguns deles a utilizam também para o trabalho. Somando-se a isso a maioria deles, tanto no Brasil quanto na Argentina, conheceu seus atuais companheiros pela internet através de sites de relacionamento ou de sites de bate-papo virtual. Assim, nas narrativas deles há a afirmação de uso constante da internet para aceder a informações e, também, como um modo essencial de sociabilidade. Dos entrevistados em Buenos Aires cinco dos casais, enquanto em Brasília três deles, utilizaram a internet como meio para estabelecer contato com seu companheiro. Entre os outros cinco casais restantes, três da Argentina e dois do Brasil, o contato com o companheiro atual foi mediado de outras formas seja por amigos, seja pelo trabalho ou ainda na rua.

Suas narrativas também trazem constantes referências a migrações locais, tanto no Brasil quanto na Argentina, como apresentado nas biografias de Ramiro, Pablo, Ernesto, Esteban, Alejandro, Rolando, Miguel, Gerardo, David, Salomão, Abraão, Hernan, Jacó e Isaac. E, trazem também, relatos de migrações internacionais como na biografia de Ariel e Esteban. A maioria destas migrações ocorreu por questões profissionais, na busca de melhores condições de sobrevivência, mas nas falas de muitos nativos há uma forte ênfase na mudança como forma de fugir de um ambiente no qual se sentiam sufocados, a sua cidade natal que geralmente era representada por eles como sendo conservadora, com pessoas preconceituosas e homofóbicas. Como aponta Bozon (2004: 109-110),

Muitos homens originários de cidades pequenas preferiram ir para as cidades grandes na esperança de nelas encontrar anonimato e

indiferença quanto à sua maneira de viver. Em seus fundamentos, a migração homossexual em nada difere de certos tipos tradicionais de migração rural para a cidade, em especial para as mulheres, cuja vontade de escapar à opressão da comunidade aparece como uma importante motivação. Pouco a pouco, com o recuo da intolerância, os homossexuais passaram a migrar em uma busca explícita de comunidades com uma reputação estabelecida capaz de oferecer universos de possibilidades já organizados, em termos tanto de lazer e encontros quanto de saúde e resistência organizada à discriminação.

Assim, a “fuga” sempre era na direção de uma cidade maior ou no mínimo equivalente a sua em relação a tamanho, isso aparece nas falas de quase todos os nativos argentinos que migraram. Além disso, a migração de cidades do interior para Buenos Aires se sucedeu seguindo o modelo acima apresentado por Bozon (2004), isto é, todos migraram já adultos com o objetivo de estudar, trabalhar e alcançar a “liberdade” do anonimato da grande cidade, a exceção se dá no caso de Ariel que imigrou de Montevideu para Buenos Aires quando criança. No Brasil, algo diferente acontece se comparado com a Argentina, uma vez que há a migração de vários dos nativos de metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo para uma cidade menor, Brasília. Tal fato só pode ser compreendido à luz da construção da capital federal em Brasília que provocou um forte fluxo migratório para o centro do país seja para a construção da cidade inicialmente, seja posteriormente com a ida e formação dos quadros operacionais para o funcionamento do Estado, ou posteriormente com a distribuição de lotes para populações de baixa renda.

No entanto, tal como no caso dos nativos argentinos a motivação da migração teve como ênfase a busca por melhores oportunidades profissionais e educativas, assim Salomão, Abraão, Isaac e David destacam em suas narrativas a motivação profissional; Jacó migrou para realizar estudos superiores e Elias migrou com a família quando adolescente. Apesar das diferentes motivações a migração para uma metrópole para os nativos representou um momento importante na construção de suas narrativas, pois provocou a necessidade de adaptação deles a novas situações e contextos sócio-culturais, bem como produziu a possibilidade deles transitarem entre papéis e domínios com uma maior margem de manobra apoiados em um “anonimato relativo” situação cada vez mais corriqueira nas metrópoles moderno-contemporâneas, como apontam Simmel (1987), Velho (1999), Guimarães (2004), Bozon (2004).

Essas metrópoles, inseridas em Estados-Nações distintos, são cada vez mais atravessadas de todos os modos por diferentes relações econômicas, de poder e culturais em todos os níveis afetando de maneira contraditória as decisões, as biografias e as trajetórias individuais.

Os indivíduos modernos nascem e vivem dentro de culturas e tradições particulares, como seus antepassados de todas as épocas e áreas geográficas. Mas, de um modo inédito, estão expostos, são afetados e vivenciam sistemas de valores diferenciados e heterogêneos. Existe uma mobilidade material e simbólica sem precedentes em sua escala e extensão (Velho 1999: 39).

Finalizando, gostaria de ressaltar que estas forças transnacionais que migram sem respeitar fronteiras, identidades nacionais, locais ou grupais são absorvidas e significadas de maneiras diferenciadas pelos diferentes segmentos sociais. E por conta delas é que se torna possível analisar as narrativas dos nativos brasileiros e argentinos de maneira paralela. Afinal, nas camadas médias destes países tais fluxos levaram igualmente a um processo de “modernização dos costumes” com ênfase em uma ideologia igualitarista, tal como apontado acima, que influenciou na construção da subjetividade dos nativos que se viram impelidos a buscar maneiras “autênticas” e “modernas” de ser que conformassem suas narrativas e os tornassem sujeitos ao mesmo tempo ordinários e extraordinários; iguais a todos, mas únicos.

Gênero e performance

[...] *no tengo la necesidad de ponerme un cartel en la cabeza y decir soy gay. Yo hago mi vida normal como todo hombre o como toda mujer lo haría.* Ramiro

[...] *mi madre sí, aceptó sobre todo porque nos ve masculinos a los dos, no nos ve afeminados y hay cierto estereotipo de gay que es muy afeminado y que a lo mejor cierta gente no lo acepta tanto. Ella, en la medida en que a los dos nos ve bien, nos acepta, viene a casa, manda saludos para él, me pregunta, no hubo una cosa de rechazo.* Horacio

[...] *el recuerdo más mágico que tengo es de cuando iba a la escuela, es típico que el varón se sintiera enamorado de la profesora, de la maestra, yo no, yo me enamoraba del profesor, siempre, desde chico.* Ariel

[Sua cidade natal] *es un lugar sin opciones , con pocos lugares y todos heterosexuales, y si hay un homosexual que se nota, éste se queda totalmente apartado porque no es aceptado, es mal visto. El concepto que se tiene de la homosexualidad es terrible, entonces uno si vive con tanta culpa que uno no quiere aceptar, uno no quiere aceptar que es igual que esté discriminado que es tan mal visto por ser homosexual.* Esteban

No creo que haya sufrido, yo no soy alguien que anda demostrando, ni que se me note físicamente como para que alguien me discrimine. Yo no tengo ningún recuerdo malo o negativo. Ernesto

Entonces yo decía y pensaba que con los hombres era una cuestión animal y con las mujeres, la delicadeza; es todo el lado que yo podría tener de amor, de hijos y de familia, en cambio con los hombres era algo de toco y me voy. Andrés

[...] *eu tinha uma visão limitada, eu não sabia nem que dois homens se beijavam e muito menos que dois homens pudessem construir um relacionamento. A visão que eu tinha naquela época, muitos anos atrás e em uma cidade do interior, era que eu tinha de ser bichinha, que eu tinha de ser afeminado, que eu tinha de ser mulher, que os caras tinham que me ver como mulher, e não como um homem que gosta de homens. Essa era minha visão, o dia em que eu descobri o contrário foi uma abertura em minha mente.* David

[...] *na infância esse fantasma [a homossexualidade] sempre me assombrou porque dizem que eu falava fino, ficava muito com as meninas.* Jacó

[...] *foi muito difícil, eles achavam que eu iria me tornar um travesti.*
Judá

[Em um sms Judá] *dizia que ele tinha sido casado com uma mulher e tinha uma filha de 12 anos, que tinha gostado de minha forma de ser, que eu era másculo e isso agradava a ele, que tinha ouvido parte de minha conversa com meus amigos e gostado do que ouviu e que estava interessado em um relacionamento sério.* Isaac

Em uma pesquisa por mim desenvolvida em Cuiabá sobre homoconjugalidade masculina chamou-me atenção à constante referência dos nativos às idéias “não me exponho” e “não demonstro” ao se referir a sua performance de gênero. Todos os entrevistados nesta pesquisa em Cuiabá tinham uma performance corporal marcada por gestos e falas que consideravam masculinos pautados em um modelo ideal de masculinidade, defendido por eles, com comportamentos viris demonstrando força e iniciativa, uma postura ativa nos contatos e um certo descuido com a aparência com o intuito de demonstrar uma certa naturalidade e uma certa despreocupação com a apresentação pessoal. Como apontei em outro texto (Lopes 2009: 501), “*esta performance do homem ideal adquire certa maleabilidade quando as interações se dão em determinadas redes de sociabilidade*”. Mas o essencial na análise empreendida foi mostrar como a performance de gênero dos nativos de Cuiabá mudavam de acordo com o ambiente. Tal alteração ocorria tendo como idéia chave o conceito de “respeito” que no contexto deles se referia a possibilidade de ser “considerado” como um sujeito com igual oportunidades na “esfera pública”, seja em um diálogo com conhecidos, seja buscando um trabalho, seja com a família e vizinhos, seja buscando os mesmos direitos que os heterossexuais, lembrando que a questão analisada no caso era a união civil. Em outras palavras, buscar “respeito” pôde ser analisado naquele contexto como a tentativa de não ser “desconsiderado”¹⁷ tendo como foco sua homossexualidade, nesse sentido entre os entrevistados, alguns sujeitos, performances e situações eram mais bem sucedidos do que outros no alcance deste respeito.

¹⁷ Consideração ou desconsideração, tal como apresentado por Cardoso de Oliveira (2009) podem ser enquadrados na dimensão do reconhecimento, nela sujeitos buscam ver seus direitos tratados com respeito e consideração pelo Estado, “*garantindo o resgate da integração moral de suas identidades*”. A desconsideração nesse sentido é vista como um tipo de agressão a direitos que não pode ser materialmente traduzida pelo judiciário, implicando igualmente em uma desvalorização ou uma negação da identidade do agredido.

Não aprofundarei essa análise sobre “respeito” aqui, deixarei para fazê-lo no último capítulo, da explanação apresentada acima acho essencial neste momento discutir a questão da construção da masculinidade entre os nativos brasileiros e argentinos a quem tive acesso para a elaboração desta tese. Ambos igualmente se apresentam como “homens como outros quaisquer”, essa expressão foi repetida diversas vezes nas conversas com todos eles. Em outras palavras, eles afirmam que agem e se comportam o tempo todo com “naturalidade”, sem precisar controlar gestos, tom de voz ou modos que possam “denunciá-los” como diferentes e “sem se expor” ou “demonstrar” sua homossexualidade. Como David que afirmou que na infância sempre imaginou que a única “maneira” de ser homossexual era sendo afeminado e que conforme foi crescendo e se tornou adulto percebeu que esse não era o modelo único, que ele poderia ser como ele quisesse ser.

Em vários momentos de nossas conversas David aponta que “essa liberdade de ser como ele queria ser” não incluía na atualidade uma preocupação com apresentar uma performance masculina ou feminina, mas agir com “naturalidade” e “autenticidade”, em outras palavras, era simplesmente “ser um homem como outro qualquer”. Nas conversas estabelecidas com os nativos há uma repetição desse discurso de uma busca por agir com “naturalidade”, há uma constante referência há “autenticidade” e uma enorme ênfase em “ser um homem como outro qualquer”. Mas o que significam para eles estas categorias?

Após a realização das entrevistas com Alejandro e Rolando tivemos uma conversa sobre o que é para eles ser homem. Inicialmente a discussão se centrava em uma definição por oposição, Alejandro era veemente em afirmar que um homem era totalmente diferente de uma mulher em vários aspectos, como: sensibilidade, assertividade, objetividade e sexualidade. Rolando, de certo modo, apenas acompanhava a fala de Alejandro e, em alguns momentos, buscava exemplificar tornando as idéias do companheiro mais claras. Posteriormente, no final da conversa entre eles, se dirigiram para mim e como se tivessem “*chegado a um veredicto*”, afirmaram que todos os homens diferiam diametralmente da mulher por agirem mais “*por impulso*” especialmente se o assunto em questão era sexo. Para eles, “naturalmente” o homem “*está mais próximo do animal*” do que a mulher, e quando homens sentem “*desejo sexual*” para eles é algo “*muito mais intenso e difícil de controlar*” do que para uma mulher. Citam inclusive um documentário que viram no *National Geographic* sobre

sexualidade como justificativa “científica” da “natural propensão” do homem a não conseguir controlar seus impulsos. Mas eles não são os únicos a pensar de tal modo,

[...] *no digo que las mujeres no, pero yo creo que el varón está hecho para tener sexo todo el tiempo, aunque somos gays y nos gustan los otros varones, el instinto de macho de la especie lo seguimos teniendo, ese instinto de hombre, de la especie animal de buscar y de cojer lo seguimos teniendo toda la vida, entonces somos débiles.*

Esta fala de Juan é bem ilustrativa da maneira de pensar que todos os nativos do Brasil e da Argentina, à exceção de Salomão que acredita que as mulheres e os homens sentem a mesma “intensidade” de desejo sexual, expressaram no período de realização da pesquisa. Todos os nativos de um modo ou de outro fizeram afirmações desse tipo. “Naturalidade” para eles tem o sentido de “*instinto inescapável*” presente em todo o mundo animal e mais fortemente nos “machos”. Como igualmente eu já havia destacado estar presente no discurso dos nativos em Cuiabá (Lopes 2009) há o uso da metáfora do mundo animal. De qualquer modo, tal como em Cuiabá, estamos falando aqui de uma “naturalidade” presa ao corpo, estamos falando de um “instinto último” que toma o corpo e que é o corpo ao mesmo tempo, falamos de um corpo como pertencente ao domínio da natureza, que não foi “dominado” totalmente pela cultura e que por isso mesmo não pode ser totalmente subjugado. Nesse sentido, essas representações são absolutamente contrárias as premissas de Butler (2003a,b), entre outros autores, onde o corpo em si é resultado de uma performance que constrói o gênero. Para os nativos o corpo simplesmente se expressa, e é da “naturalidade” dele que os gêneros são performados. Assim, na visão nativa trata-se de uma essencialização tanto do instinto quanto do gênero.

Mas, contraditoriamente, essa essencialização não é tão forte assim, tendo um limite que é justamente a não objetificação sexual dos parceiros¹⁸. Em outras palavras, os nativos tanto do Brasil quanto da Argentina, quando buscam se relacionar sexualmente com outros homens que não o companheiro¹⁹, constroem uma relação com grande ênfase na amizade e na camaradagem. Isso se enfatiza nas conversas com os nativos quando eles ressaltam a importância do “processo de seleção” do parceiro

¹⁸ Não estou dizendo aqui que todas as relações sexuais estabelecidas com outros não possam ser objetificadas, mas que a regra é o estabelecimento de uma relação de amizade ou, ao menos proximidade, prévia ou posterior ao ato sexual.

¹⁹ Visto que a relação com o companheiro não é em momento algum pensada apenas como uma relação sexual e sim, como uma relação de compromisso afetivo e de vida.

sexual para o casal. Nessas conversas, eles ressaltam que valores como “bom papo”, “charme”, “inteligência” e “compatibilidade” – aqui se trata de compatibilidade sexual com os dois companheiros e ao mesmo tempo compatibilidade de “gênios” – são valores muitas vezes mais importantes do que outros valores como “boa aparência” e disponibilidade sexual. E, também se destaca, quando dizem que a maioria dos parceiros sexuais que tiveram acabaram se tornando amigos. Assim, tal como aponta Hennen (2008) ao estudar os ursos nos Estados Unidos, os nativos a que tive acesso buscam agregar uma “ética do cuidado” com uma rejeição de uma cultura de “objetificação sexual” vista como alienante. Nas palavras do autor,

[...] in staking their claim to gay masculinity, bears challenge hegemonic assumptions about male sexuality by introducing what feminists have identified as an “ethic of care” (Gilligan 1982) into an objectified sexual culture perceived as alienating (idem: 27).

Devo ressaltar que a maioria absoluta de meus nativos tem grande contato com a “cultura ursina” freqüentando festas, clubes e boates dos ursos tanto no Brasil quanto na Argentina, como por exemplo, Ernesto, Esteban, Andrés, Patricio, Damian, Ramiro, Horacio, Hernan, Salomão, Abraão, Saul e Simeão. Como visto, nem todos freqüentam o “mundo ursino” mas todos tiveram contato com ele, de uma ou de outra maneira como relataram nas conversas, e compartilham dessa rejeição de sexo por sexo. De todos os nativos entrevistados apenas, David, Alejandro, Golias e Rolando desenvolveram um certo “cuidado sobre/com o corpo”, freqüentando academias com regularidade, depilando ou aparando os pêlos do corpo como relataram e se preocupando muito com a apresentação pessoal, com roupas de marca, entre outras coisas. A maioria dos nativos, tal como apontou Henner (2009: 26) “*This looks includes (but is not limited to) jeans, baseball caps, T-shirts, flannel shirts, and beards*”, apesar de nem todos os nativos usarem barbas.

Somando-se ao que foi dito acima, ao afirmarem a “naturalidade” de seus corpos de homens, rejeitam sinais, traços ou características do feminino nele, buscando com isso mostrar sua “autenticidade” como sujeito. Fazem isto de modo contrário ao travesti Agrado de “Tudo sobre minha mãe” que mostra em sua performance que a única “autenticidade” de seu corpo está justamente no processo que o fabricou, da intervenção de seu desejo sobre o corpo (Maluf 2002). A “autenticidade” dos nativos entrevistados reside justamente na capacidade que eles têm de performar “sua natureza”, sua

“masculinidade”, sem sentir desejo de fazer alterações em seu corpo²⁰, mas também rejeitando qualquer traço por menor que seja de feminino. Assim, esses nativos se identificam como “homens como quaisquer outros”, apesar de ambigualmente “atenuarem” a sexualidade masculina enfatizando a camaradagem e a afetividade nas relações de parceria sexual e, ao mesmo tempo, recuperar a hierarquia de gênero que é central para a masculinidade hegemônica ao desvalorizarem e rejeitarem sinais de feminilidade.

A rejeição a traços de feminilidade aparece quando tecem comentários sobre como sofreram preconceito de outros meninos em sua infância e como isso mudou a maneira deles serem hoje que incluiu algumas vezes um trabalho sobre si para mudança de suas características tomadas à época como muito femininas. Na narrativa de Jacó inclusive há uma referência a um suposto “*fantasma da homossexualidade*” que o perseguia “*porque diziam que eu falava fino, ficava muito com as meninas*”, em outro momento afirmou que passou a se observar e a mudar isso. David, Golias, Abraão, Esteban entre outros relataram essa “auto-observação” na infância e a rejeição de traços considerados do universo feminino como cabelos compridos, voz fina, delicadeza nos gestos, entre outros.

Somado a esta rejeição de traços, sinais ou marcas de feminilidade, há uma desvalorização sistemática do feminino quando associados a corpos de homens, em outras palavras, há um discurso que preza pela “naturalidade”, que valoriza a correspondência entre corpos de homens e masculinidade. Assim, apesar de dizerem que existe espaço para todos os tipos de homossexualidades, inclusive a de homens afeminados, rejeitam um contato mais próximo com esses outros “diferentes”, rotulando-os em seu dia-a-dia como seres “escandalosos”, “mal-resolvidos”, “estranhos”, “anti-naturais” muito próximos da idéia de “corpo abjeto” butleriana (2003a).

Finalizando, gostaria de ressaltar que essa lógica ao mesmo tempo em que reconhece a existência de uma pluralidade de masculinidades as organiza de maneira hierárquica seguindo um *continuum* no qual o “quantum” certo de masculinidade em um homem é considerado a regra, é o “normal”, e o excesso de masculinidade,

²⁰ Somente David ressaltou em nossas conversas a positividade da alteração do corpo produzida pela academia. Através dessa alteração, ganhando músculos, ele passou a se sentir mais desejado e mais “masculino”, isso é “mais potente”.

representados pelos corpos produzidos da academia, ou a falta de masculinidade, representados pelos homens feminilizados são vistos como “estranhos”, produzidos pela cultura e fugindo à “naturalidade”. Trata-se, em outras palavras, de uma reprodução do discurso da heteronormatividade em termos nos quais a “fronteira de normalidade” é estendida para incluir o homossexual “normal” que age de acordo com os padrões de uma “normalidade” ressignificada como correspondência entre homens e masculinidade, entre o corpo e o gênero, entre “natureza” e “cultura”. Como se homens não pudessem ter lados ou traços femininos.

Raça/etnia e histórias de famílias

Após entrevistar um casal de Buenos Aires, passamos a conversar sobre o mundo gay e sobre locais de diversão. Nessa conversa, um deles assinalou que havia ficado surpreso devido ao tema da pesquisa, mas que também havia criado muita expectativa por conhecer-me pessoalmente. Completou, ainda, que embora houvesse me achado simpático, ficara decepcionado. Diante disso perguntei a razão da expectativa e da decepção que eu havia causado. Ele me disse que esperava que eu fosse “negro”; que havia inclusive conversado com seu companheiro a respeito. Sem entender a razão da decepção refiz a pergunta de uma maneira diferente. Ele me respondeu que havia ficado torcendo para que eu fosse “negro” porque os “negros” o deixavam excitado. Após tal afirmativa a conversa seguiu por outros temas, porém outras insinuações foram feitas até que me despedi deles e retornei para minha casa. Essa insinuação não saiu de minha cabeça, até porque se repetiu com outro casal portenho, com o qual, somada à decepção pela cor de minha pele, me confessaram a decepção com a minha “indisposição” em fazer sexo com eles, o que foi definido como ausência ou pouca “brasilidade”, uma vez que tinham vindo algumas vezes ao Rio de Janeiro e nas praias de Ipanema e Copacabana os homossexuais estavam “sempre dispostos a fazer sexo”²¹.

Essas falas e decepções, recorrentes em conversas com alguns nativos, colegas e amigos portenhos, mostram a imagem e expectativas que os argentinos têm dos brasileiros e que Rapisardi e Modarelli (2001) perceberam existir entre “*las maricas argentinas*” desde a ditadura argentina. Estas “maricas” que vinham ao Rio de Janeiro

[...] en grupo con la pretensión de abarcar una fiesta que es, para ellas, la ciudad entera. Y esperan ser reconocidas en su dignidad de europeas, cuanto más rubias, más respetadas, y más deseadas. A sus pies deben rendirse los cuerpos morenos, como el de aquellos indios musculosos que pintaba Jesús Helguera en los almanaques mexicanos. Todo un imaginario kitsch (idem: 129).

²¹ Partindo da análise da biografia de dois homens negros e suas relações afetivo-sexuais com homens brancos, Moutinho (2006) expõe como ocorre a formação de um mercado sexual marcado pela presença do turista branco europeu e norte-americano em busca de relações com homens negros. Em grande parte, esses turistas representam o “negro” como um sujeito que possui mais “calor”, são mais “fogosos” e sexualmente menos reprimidos. É interessante destacar também o texto de Pinho (2005: 138) que desenvolve uma análise, no contexto de Salvador, sobre o processo de construção do corpo negro de homens da periferia que assumem a marca da sensualidade da cidade, sendo visto como um corpo super-sexuado, mais sexualmente marcado que o do homem branco, “*na medida em que é mais corpo, presença corporal significativa*”.

Tal como acima, os nativos argentinos definiam o Brasil como uma *“tierra mestiza”*, um paraíso de *“permisión”* em oposição à Argentina, vista como um *“apêndice amputado da Europa”*, um *“transplante o una aberración geográfica”* (idem). Nesse trabalho, tal oposição é pensada como um jogo de espelhos representacional, uma dualidade, que, como afirmou Lins Ribeiro (2002), fornece matrizes que conferem significados aos atores e agências sociais, provê modelos de comportamento e ações, os quais, construídos histórica e socialmente, têm certa eficácia. Assim, por mais contestados que sejam, europeísmo e tropicalismo *“(...) são, em larga medida, aceitos tanto pelas elites quanto pelas massas dos dois países, como modos de representar pertencimento aos dois Estados-nações”* (idem: 248).

O tropicalismo tem como referências a riqueza da terra, a mestiçagem, a erotização do corpo e a permissividade sexual. Essa construção pressupõe uma *“exotização”* antagônica do povo, da cultura e do ambiente perigoso e desconhecido da floresta, ao mesmo tempo, exuberante e livre. Neste, o pecado, representado pelos nativos vivendo nus, em promiscuidade, habita o paraíso terrestre, dado que os nativos, embora nus, são inocentes. De inferno à Éden tropical. Lugar onde, pela promiscuidade, todos se misturam, mas em que a democracia racial e a tolerância reinam, promovendo a miscigenação. *“Uma dupla face porque, em sua exotização, ora informa meta-narrativas positivas (povo alegre, sensual, exuberante, por exemplo), ora meta-narrativas negativas (povo sujo, promíscuo, preguiçoso, por exemplo)”* (idem: 259).

Já o europeísmo tem como marcas essenciais a imigração européia, representada pela chegada de milhões de estrangeiros, um caldeirão de raças brancas, e a expulsão ou morte do índio e a inexistência (mais simbólica do que concreta) do negro. Europeus vivendo na América Latina, ou, como definiu Darcy Ribeiro, um *“povo europeu transplantado”*. Essas são as imagens pelas quais os argentinos se representam e são representados. Há, inclusive, uma anedota largamente contada para os turistas na Argentina e reproduzida por Lins Ribeiro, que diz *“ser o argentino alguém que fala espanhol, gesticula como italiano e acredita que é inglês”* (idem: 249). Essa anedota foi-me contada, com outro formato, por um nativo, em uma das entrevistas.

Essa dualidade, presente nas representações do argentino e do brasileiro, se pauta em estereótipos de ambos os lados. Fundamenta-se na construção de imagens homogêneas para o caráter nacional²². Estrutura-se na busca por uma redução da complexidade e no apagamento da diversidade. No entanto, possui uma eficácia, uma realidade, na qual, em ambos os lados há a reprodução dessas imagens e estereótipos nas relações estabelecidas entre brasileiros e argentinos (Lins Ribeiro 2002). Nas falas dos nativos argentinos essa dualidade surgia, em parte influenciada pela maneira como eles construíam a identidade por oposição a um brasileiro, em parte fazendo referência às histórias da imigração de suas famílias. Durante as entrevistas, quando perguntados a respeito de sua família de origem, a maioria dos nativos argentinos recorreu a histórias de imigração de sua família, com longas divagações sobre a origem racial/étnica/nacional de pais ou avós, a chegada deles na Argentina, as razões de sua imigração, e existência ou não de dupla cidadania, entre outros temas. O recorrente nas falas dos nativos da Argentina era a afirmação do antepassado europeu que migrou para “fazer a América”.

Já na fala dos nativos brasileiros, quando perguntados a respeito de sua família de origem, ressaltou as divagações acerca da configuração familiar, da relação afetiva com seus pais e padrastos, bem como a educação religiosa recebida por seus progenitores. Somente um dos nativos no Brasil trouxe para sua fala histórias de imigração européia como elemento importante para a definição de sua identidade.

Apesar dessa distinção de discursos, a maioria absoluta dos nativos é branca, havendo apenas duas exceções, um “negro” no Brasil e um “negro” na Argentina. Cabe aqui questionar: dentro desses contextos diferenciados, o significado de ser branco é o mesmo? Em caso negativo, quais as distinções e diferenciações são essenciais para a compreensão do “ser branco” entre os nativos do Brasil e da Argentina? Esses

²² Durante a formação do Estado-nação brasileiro, até a metade do século XX, a busca por uma identidade nacional foi pautada, de maneira direta ou não, no ideal de “branqueamento” da população por meio da miscigenação, na qual, o europeu entrava com a “raça” e a massa cabocla entrava com a “cultura”, incluindo a língua nacional. Assim, ocorreu um incentivo à imigração seletiva, com ênfase em grupos europeus brancos, especialmente os latinos, e um repúdio à imigração de grupos orientais em geral, pois estes eram vistos como pouco ou nada qualificados para um “abrasileiramento” que, em alguns momentos, foi forçado pelo Estado, como, por exemplo, no período do Estado-Novo com a “campanha de nacionalização” dos imigrantes (Seyferth 2000; Fausto e Devoto 2004). Na Argentina, devido à importância quantitativa da imigração branca européia e da menor incidência de negros, índios e mestiços, especialmente no litoral, onde a porcentagem de brancos chegou a 70% da população no final do século XIX e depois se acentuou ainda mais, há a construção da imagem da sua identidade como sendo a de um país branco e europeu (Quijada, Bernand y Schneider 2000; Fausto e Devoto 2004; Geler 2004).

questionamentos são importantes, pois problematizam categorias até então pouco elaboradas na discussão sobre raça/etnia, desenvolvida majoritariamente por trabalhos centrados na preocupação com o racismo e a opressão do “negro” na sociedade. Nesse sentido, inspirado na abordagem de Brah (2006), questiono a tendência a considerar o racismo como “algo que tem a ver com a presença de pessoas negras” salientando, tal como a autora, que tanto negros como brancos experimentam seu gênero, classe e sexualidade através da raça/etnia.

Desse modo, as idéias de articulação e intersecção, tal como propostas por Brah (idem), implicam a existência de relações de conexão construídas como relações historicamente contingentes e específicas a determinado contexto. Tal proposta permite a construção de uma abordagem orientada pelo contexto de vivência dos nativos, com a possibilidade de diferenciar uma categoria (nesse caso, a categoria branco) como fala nativa, como discurso social e como categoria analítica. Na Argentina, entre os nativos, há uma enorme diferenciação entre tons e subcategorias de branco, que estão associadas à distinções hierárquicas entre herança européia e herança de povos nativos americanos e negros. Essas distinções se baseiam na concepção de uma herança européia tida como racial e culturalmente superior, em oposição à uma herança de nativos americanos e negros, tomada como inferior racial e culturalmente (Quijada, Bernard y Schneider 2000; Seyferth 2000; Geler 2004; Stolke 2006). Entre esses pólos havia uma infinidade de “mestiços”²³, que somavam de maneira diferenciada tal ou qual herança, mas que, de maneira geral, traziam a herança de nativos americanos ou negros. Quanto maior essa herança, mais abaixo na hierarquia social estariam situados.

Como salientado, nas entrevistas dos nativos da Argentina há uma busca repetida pela afirmação de sua origem européia, ligada à construção de um passado imigratório que alcança avós, pais e mães. Além disso, para “espanto” do antropólogo, observei nas conversas informais com nativos a busca por uma diferenciação deles em relação a outros grupos de pessoas que, mesmo tendo a pele branca, eram enquadrados

²³ Stolke (2006), em sua análise das intersecções entre raça, gênero e classe social, no contexto do império colonial espanhol, mostra como a pureza de sangue era um elemento essencial para a organização da sociedade e que justificava inclusive medidas de segregação racial e social. Nesse contexto, as mulheres foram confinadas no ambiente doméstico como uma medida de controle do corpo feminino e da reprodução sexuada através do casamento, pois, por meio desse controle, os bastardos eram evitados. Este último era visto como a criança ilegítima nascida de uma relação sexual ilegítima entre parceiros que não poderiam se misturar, como, por exemplo, pessoas de origem africana ou escrava e pessoas de origem européia ou livres.

como *“los negros”*. Isso aconteceu, por exemplo, em uma conversa com um amigo sobre a vida noturna homossexual em Buenos Aires. Nesta, tal amigo me indicou uma boate que eu “deveria” conhecer, onde eu poderia encontrar muita diversidade, mas que não era muito bem vista por muitas pessoas do universo gay. Perguntei o porquê da “má fama” do local e ele me disse que essa boate é tradicionalmente o local onde há muita *“mezcla”*, sendo o local de preferência para *“los negros”*. O comentário inicialmente não me chamou muita atenção, a conversa tomou outro rumo e ele passou a me falar sobre os “ursos”. Conversando com os nativos na Argentina, ao tocar no nome da referida boate, os comentários se repetiam e todos se referiam a *“los negros”* que a freqüentavam. Devido à repetição do discurso, resolvi ir à boate para saber exatamente do que se tratava. Ao chegar lá tive acesso a um ambiente carregado de diversidade com lésbicas, travestis e gays afeminados, onde a presença de pessoas com a pele negra era uma minoria. Tratava-se, em verdade, de um local onde haviam muitos mestiços. Era uma boate freqüentada majoritariamente por pessoas que viviam na periferia da cidade; homens e mulheres oriundos de classe social mais baixa, como um outro amigo que mora em Buenos Aires comentou posteriormente. Assim, para os nativos da Argentina, a *“mezcla”* e *“los negros”* não fazem referência necessariamente a pessoas com a pele “negra”, mas sim, a inúmeros outros tipos de brancos, indígenas ou descendentes de indígenas, tais como bolivianos, peruanos, brasileiros, que ocupam lugares inferiores na hierarquia social de identidades baseadas no critério raça/etnia e classe social.

Entre os nativos brasileiros não há referência a essas categorias da mesma maneira. A maioria destes conta informalmente histórias de famílias cuja ênfase não recai na origem étnica/racial de seus pais, mas sim em sua origem religiosa e regional, uma vez que dos dez entrevistados brasileiros somente quatro haviam nascido em Brasília. Somente um dos nativos trouxe a história de imigração quando elaborou a narrativa de sua origem familiar e à exceção de um dos sujeitos que se definiu como negro, todos os outros se definiram como brancos. Mas o significado de branco para os nativos brasileiros não é construído da mesma maneira que para os nativos argentinos. Tal como aponta Fry (1982), o modelo binário negro/branco, tão produtivo nos Estados Unidos, não se aplica da mesma maneira às distintas camadas sociais brasileiras. O autor aponta a existência de dois modelos concorrentes o binário ou “bipolar” que estaria presente majoritariamente nas camadas médias urbanas e o “modelo múltiplo” no qual se observa uma lógica baseada na existência de um gradiente de cor presente

majoritariamente entre as camadas populares da sociedade brasileira. Neste modelo o branco e o negro existem, mas também existem o “mulato”, o “moreno escuro”, o “moreno”, o “moreno claro”, o “bronzado”, o pardo”, etc. Como exemplo deste “modelo múltiplo” podemos tomar o sistema de classificação popular de 135 cores, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1976, e a Pesquisa Mensal de Empregos (PME) realizada em 1998 também pelo IBGE no qual foi verificado o uso de 143 cores para a autoclassificação (Carvalho, Wood e Andrade 2003, Rocha e Rosemberg 2007).

Desse modo, no Brasil, o contraponto para a construção do “homem branco” é o índio, o “mulato”, o “moreno” e o “negro”, tomados como sujeitos mais próximos da natureza e com o corpo menos “culturalizado” tal como apontado por Gilberto Freyre em Casa Grande & Senzala. Mas não se trata de uma relação de oposição imediata, uma vez que há outros elementos que influenciam nesse cálculo como a classe social, o gênero, o nível educacional, entre outros fatores, tal como apontado por Pinho (2005) em seu estudo sobre o processo de construção do corpo de homens negros na periferia de Salvador e por Moutinho (2006) no contexto de sua pesquisa sobre “raça”, homossexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro, nas palavras de Silva (1994: 74), no Brasil “[...] não só o dinheiro enbranquece, como, inversamente, a pobreza também escurece”. Neste aspecto, os nativos brasileiros se aproximam dos nativos da Argentina que utilizam a categoria de “*los negritos*” para se referir a mestiços ou mulatos de classe social baixa, no entanto se diferenciam deles ao trazer o componente “cor da pele” como um elemento equalizador.

Em conversas com um dos nativos brasileiros que tem o companheiro negro, o tema do preconceito e da discriminação racial apareceu em diversos momentos. Nessas conversas, ele apontou a existência da não aceitação de sua relação de conjugalidade e do preconceito de outras pessoas em relação a seu companheiro por ser ele negro. Afirmou, em diversos momentos, que as pessoas davam muita mais atenção à cor da pele de seu companheiro do que à sua inteligência, à sua personalidade ou ao sentimento que havia entre os dois. A noção de “preconceito de marca” criada por Nogueira (1985) em seu estudo sobre as relações raciais brasileiras se contrapondo a idéia de “preconceito de origem” presente na situação norte-americana nos ajuda a entender essa afirmação. O preconceito de marca está direcionado a aparência do

indivíduo, incluindo aí fisionomia, gestos, sotaque. O de origem se assenta na suposição da descendência de certa raça como suporte e alvo para o preconceito. No Brasil, o ideal de construção da nação teve como elemento fundamental a tese da miscigenação entre os povos como fator positivo desde que levado em direção ao “branqueamento” da população. Assim, havia a expectativa de que índios e negros desaparecessem como um tipo racial por meio da miscigenação, da absorção do progresso, da modernidade, das práticas e das idéias do europeu que imigrou para o Brasil (Seyferth 2000).

Como mostrou Piscitelli (2008: 269), a despeito deste ideal de branqueamento, as migrantes brasileiras independentemente de pertencimentos diferenciados a classe, raça, etnicidade, ou de serem consideradas brancas no Brasil, tem sua subjetividade ligada à noções sexualizadas e racializadas de feminilidade pelo simples fato de serem brasileiras migrando para certos países do norte da Europa. Em suas palavras, *“no lugar desigual atribuído ao Brasil no âmbito global, a nacionalidade brasileira, mais do que a cor da pele, confere-lhes essa condição. E essa racialização é sexualizada.”* Coisa similar acontece com brasileiros na Argentina, que são considerados mestiços e tem sua subjetividade sexualizadas e racializadas.

Finalizando, gostaria de ressaltar que entre os nativos argentinos, o ser homem “branco” é construído em oposição a ser um homem mestiço ou negro. É ser descendente direto de europeus e, com isso, ser portador de sua “cultura”. É ser um europeu nascido na América, logo, diferente de *“los negros”* ou *“mezclados”*. Para os nativos brasileiros, ser homem “branco” é construído com base na cor da pele, assim como ser um homem negro, não sendo necessário para essa construção ressaltar a sua ascendência ou origem étnica/racial/nacional. E é, tal como para os argentinos, ser diferente dos negros, o que não implica na impossibilidade de uma origem “mestiça”. Apesar das diferenças, ambos se definem como homens brancos que ocupam o lugar mais alto na hierarquia social dentro de seus distintos contextos de sociabilidade. Tal posicionamento é construído fazendo eco ao passado de imigração e à narrativas de construção da identidade nacional que assumiram formas distintas nos dois países. É partindo desse igual posicionamento dos sujeitos na hierarquia social que se torna possível fazer uma análise de modo paralelo das narrativas deles, mesmo levando em consideração as diferenças apontadas.

Geração e histórias de contatos

[...] con avisos en los diarios, en esa época no había tanta difusión de internet y tantas otras posibilidades que ahora hay. Antes eran por avisos en los diarios, en departamentos privados de muchachos que se ofrecían para tener sexo y era eso, se contrataba el servicio. Y de esa manera nos arreglábamos la mayoría, porque nunca me gustó el ambiente de los boliches gays. Horacio

Creo que por mucha timidez, si bien yo ya sabía lo que quería o lo que buscaba, me llevó hasta los 28 años como todo un proceso para asumirlo, para aceptarlo. Ariel

[...] en una provincia si sos varón, tenés que casarte, tener hijos y formar una familia. Creo que mis primeras tendencias las empecé a tener o sentir más cuando estaba cerca de la escuela secundaria, pero siempre con mucha culpa. Alejandro

[...] yo jugaba con otro amiguito, juegos prohibidos de tocarse y esas cosas desde muy temprana edad, es como que siempre fui gay y no que en algún momento de mi vida mi di cuenta de que me gustaban los hombres, eso fue de siempre. [...] Entonces no fue buena la adolescencia, viviendo desde ese lado, donde su deseo no eran las chicas y la solución era negarlo, negar el deseo por los hombres. Estebán

[...] pensaba que tenían que gustarme las mujeres, pensaba cómo yo había salido así, todas esas cosas las pensé, estuve bastante mal en ese tiempo e incluso empecé a jugar con la idea de suicidio, no llegué a llevarla a cabo, pero estuve a punto, llegué a pensar: 'me suicido y se terminan todos mis problemas porque estoy sufriendo mucho', yo sentía eso. Ariel

Era una época de romance, ahora lo veo más como una época muy sexual, te vas al boliche y cojés, hay darkrooms. Antes no había eso, era una época mucho más política, había muchos boliches de lesbianas o de mezclas con lesbianas y gays. Ahora está todo mucho más sectorizado, las chicas no sé adónde están, pero los chicos están por todos lados. En esa época salíamos y era toda una osadía estar en un lugar en donde se congregaban mujeres, se congregaban varias cosas. Ernesto

A partir de cuando vuelvo de esa viaje en Europa, encuentro un profesor de secundario que yo sabía que era gay y me dice que acá pasaba eso en todos los lados y él me lleva un poco a una vida gay marginal que es entrar en los baños públicos, en los cines pornos, entonces esas cosas, que es una movida 'más pesada', pero que me servía perfecto como excusa porque yo seguía intentando que me

gustaran las mujeres. Entonces me sirvió de excusa perfecta durante mucho tiempo y ahí sí conocí mucha más gente, pero gente que ni sé cómo se llama, porque te imaginás que eran encuentros fugaces. Andrés

[...] en principio se manejaba por una zona determinada, una avenida por la cual vos caminabas y conocía gente en la calle, caminando, hablando, yendo y viniendo. Después estaban los pubs, adonde ibas a tomar algo, o en predancings, sino iba a los boliches, era la forma de conocer gente. Ni existía la internet, ni los chats telefónicos como ahora. Yo creo que con el tema de internet y de los chats telefónicos disminuyen un poco las zonas donde uno puede conocer a determinada gente, en este caso a homosexuales. Rolando

[...] você sente alguma coisa, você não sabe o que é, você não sabe se vai em frente ou não, você não sabe o que você faz de sua vida. Você gosta de rapazes, de garotos e ao mesmo tempo você se reprime porque aquilo é muito criticado, aquilo é muito estereotipado. Hoje em dia menos, naquela época muito mais. Salomão

[...] não me dava muito bem com meus colegas no colégio, porque foi a fase de aceitação de minha homossexualidade, então eu era muito discriminado na escola e o professores não sabiam como lidar com isso, assim como ninguém sabia, então eu fui me excluindo e meu círculo de amizades escolar era sempre muito restrito aos também excluídos: negros, deficientes físicos, lésbicas, gordos, feios. Meu grupo social na escola era o grupo dos excluídos. [...] Foram sete anos de trabalho de aceitação; os últimos dois anos foram mais fáceis. Era mais fácil entender como isso acontecia, o que se passava no mundo gay, mas os primeiros anos foram muito complicados, porque eu não me via como um homossexual, mas também não conseguia me ver como heterossexual. Golias

[...] até os 15 anos e um pouco mais, eu fui lutando para emagrecer; passei a ter uma neurose para não engordar mais. Naquele momento foi muito difícil especialmente porque eu estava começando a ter toda uma série de fantasias homossexuais possíveis e eu não sabia como lidar com aquilo. Conversava com meu pai, que sempre foi muito aberto para o diálogo e foi muito bom nesse aspecto. Elias

Até meados da década de 1980, a imagem e a vivência da homossexualidade no Brasil e na Argentina era tomada quase que exclusivamente como um conjunto de experiências imorais e doentias que necessitavam de segredo total e da invisibilidade absoluta para ocorrerem. A partir deste momento, com a democratização dos países que

viviam sob ditaduras militares²⁴, surge um movimento homossexual organizado que busca lutar contra o preconceito e a discriminação a essa “minoria social”.

Aqui é necessário fazermos um parêntesis. Tanto no Brasil como na Argentina, são pontuadas diferentes datas para a criação e estabelecimento de um movimento homossexual organizado, assim, quando aponto a década de 1980 não me refiro a datas exatas nem idênticas. No Brasil, convencionou-se situar entre 1978 e 1979, com as respectivas criações do jornal *O Lampião* e do *Somos*, entre outros grupos, como momentos essenciais para a criação do movimento homossexual. Antes disso havia algumas outras formas de associação, que eram voltadas para a sociabilidade, como o jornal *O Snob* (1963-1969), entre outros jornais, e a Associação Brasileira de Imprensa Gay (1967-1968) (MacRae 1990; Green 2000; Trevisan 2004; Facchini 2005; França 2006). Já na Argentina, a convenção aponta os anos de 1969 e 1971 como momentos épicos para o surgimento do movimento homossexual por intermédio das respectivas criações do jornal *Nuestro Mundo* e da *Frente de Liberación Homosexual de la Argentina*, que também publicou alguns jornais e revistas como *Homosexuales* e *Somos* (Salessi 1995; Sebreli 1997; Forastelli 1999; Rapisardi e Modarelli 2001; Bazán 2006; Meccia 2006).

Todas essas organizações, dos dois países, fracassaram poucos anos depois. O *FLH* em 1976 e o *Somos* em 1983, por motivos diversos. Green (2000) aponta que não fosse pela ditadura no Brasil e a instituição do AI-5, deslançando uma onda de repressão, com a ampliação da censura e a restrição dos direitos democráticos, possivelmente já no início dos anos 1970 teria surgido um movimento politizado pelos direitos de gays e lésbicas, tal como ocorreu na Argentina, México e Porto Rico. Sebreli (1997), mostra que a dissolução da *FLH* em 1976, teve como uma das causas a forte repressão que existia na sociedade desde 1974 e que culminou com um golpe militar em 1976. Assim, a instalação de ditaduras militares marcou a maneira como ocorreu o surgimento do movimento homossexual no Brasil e na Argentina, muito embora Sebreli (1997), Facchini (2005), entre outros, apontem outros fatores que marcaram o fracasso destas primeiras organizações.

²⁴ Os governos militares na Argentina se iniciaram em 1955, com a queda de Perón, perdurando até 1983, com descontinuidades entre os períodos de 1958 a 1962, de 1963 a 1966 e de 1973 a 1976. No Brasil, o regime militar foi instalado em 1964 e seguiu ininterruptamente até 1985, completando 20 anos.

Diferenças à parte, o importante é reter da discussão que somente a partir da década de 1980 com a redemocratização da sociedade no Brasil e na Argentina é que se torna possível criar e consolidar um movimento político que lutaria pelos direitos de homossexuais. E, nesse sentido, as ditaduras militares ocorridas nestes países, foram elementos importantes tanto pela enorme repressão exercida sobre os homossexuais quanto por estimular a formação de várias resistências em diversos setores sociais marcados pela luta antiautoritária, que influenciaram sensivelmente as trajetórias e a atuação dos militantes homossexuais (Facchini 2005).

Somando-se a isso, com a abertura política na década de 1980, ocorre a formação de uma “*comunidade de iguais*” que, fundamentada na idéia de compartilhamento de carências e em uma identidade essencial, marca a consolidação do movimento homossexual nesses países (MacRae 1990; Facchini 2005). Essa identidade assinalada pela idéia de uma essência imutável se torna uma “ferramenta” política importante para a construção de um movimento político. Nesse sentido, se para o feminismo temos a mulher e seu oposto o homem e para o movimento negro temos o negro pela oposição ao branco, cria-se o homossexual como um oposto polar ao heterossexual, identidade essencial para o movimento homossexual.

Ademais, se até a década de 1980 era o heterossexual quem formulava quase que exclusivamente a imagem e as representações sobre a homossexualidade, a partir desta década ocorre um processo de “explosão discursiva” da homossexualidade pela perspectiva dos homossexuais. E essa mudança de foco é essencial, uma vez que se as imagens formuladas antes costumavam colocar a homossexualidade como sinônimo de pecado, imoralidade, perversão, doença, todas devendo serem sanadas, a “nova imagem” da homossexualidade, construída por homossexuais, é a de atração, erotismo, um desejo inescapável e orientado para pessoa do mesmo sexo. Assim, constrói-se um novo ser em oposição ao heterossexual, que tal como esse, se define como sujeito e constrói sua identidade pautada em seu desejo, orientação ou atração sexual. A sexualidade se torna então ponto de definição da verdade sobre o sujeito (Katz 1996; Foucault 2001). Grande parte de meus nativos vivenciou esse contexto de ampliação dos significados e imagens atribuídos à homossexualidade, ocorrido na década de 1980. Dentre os vinte e seis (26) nativos, apenas seis (6) tinham menos de treze anos em

1985²⁵, sendo que dos vinte (20) restantes, apenas três (3) já haviam ultrapassado os trinta anos de idade. Ou seja, dezessete (17) nativos tinham entre 13 e 30 anos em 1985. Vide tabela abaixo:

Tabela I: Distribuição etária/geracional

	Ano de referência (1985)
< 13 anos	6
Entre 13 e 30 anos	17
> 30 anos	3

Esse processo de “explosão discursiva” da homossexualidade, que se fortalece na década de 1980, produz um grande número de imagens e explicações concorrentes, dispersas e por vezes contraditórias. Meccia (2006), em sua obra *“La cuestión gay”*, assinala que para uma análise sobre a homossexualidade no século XXI é necessário levar em consideração uma *“lenguaje de antinomias”*, isto é, de

[...] recursos cognitivos contradictorios que los gays tienen a disposición cotidianamente para la construcción de la identidad. (...) hoy en día, la cuestión gay desde la perspectiva de los mismos gays, es producto de una amalgama dinámica y cambiante compuesta por retazos cognitivos contradictorios provenientes tanto del Estado como de los medios de comunicación y de las mismas experiencias de los gays en estos últimos años (idem: 123).

Esta perspectiva que apresenta a identidade e a subjetividade como processos conflituosos em constante construção busca dar conta das situações biográficas das diferentes “gerações de homossexuais”²⁶, ponto que é de essencial importância para o desenvolvimento desta análise. No que tange às pessoas com quem dialoguei para a elaboração dessa tese, é necessário destacar que quase todas passaram por um processo

²⁵ Tomo 1985 como referência por ser o ano no qual ocorre a abertura política no Brasil e por ser posterior ao final da ditadura militar na Argentina que ocorre em 1983.

²⁶ Em seu estudo, quando se refere a diferentes “gerações de homossexuais”, Meccia (2006) toma como referência às biografias de homossexuais com mais de 40 anos no início do século XXI. Homens homossexuais que tiveram uma parte da socialização ocorrida na década de 1980 e passaram pelo processo de “explosão discursiva” dos significados e imagens dados socialmente para a homossexualidade.

de socialização na qual o modo de apreensão do mundo sofreu a coerção de uma ordem heterossexual dominante. Isto é, em suas identidades e subjetividades a atração, desejo ou anseio, no que tange a relações sexuais, afetivas ou eróticas com outros homens, sofreram forte repressão da sociedade em geral. Isso provocou na biografia destes sujeitos uma dissociação entre o modo de conceber a homossexualidade (sempre como inferior, doentia, carregada de pecado e imoralidade) e o modo de se conceber como sujeitos homossexuais.

Essa dissociação provocou, na biografia desses sujeitos, longos processos de “aceitação” da homossexualidade. Todos os entrevistados assumiram terem sentido desejos erótico-sexuais ou uma forte atração por pessoas de seu mesmo sexo desde a adolescência e, em algumas narrativas, essa atração se origina na infância. Quase todos eles apontaram terem passado por um momento no qual ocorreu a dificuldade em se ver como um homossexual, em assumir esse desejo ou atração por outro homem e colocá-lo em prática. Assim, nas suas narrativas há longas explicações sobre o sentimento de culpa e de inadaptação ao identificarem esse desejo, atração ou anseio homossexual. Associado a isso, há o uso de diversas estratégias para a tentativa de mudança ou “solução desse problema”, como muitos afirmaram, que vão desde as constantes relações sexuais e afetivas estabelecidas com mulheres (muitas delas resultando em casamentos e filhos), o recurso à religião (inclusive com a tentativa de se tornar sacerdote), a busca por sessões de terapia psicológica, tentativas de isolamento e afastamento do convívio social e, em alguns casos, tentativas de suicídio. Quando o uso de tais tentativas de mudança falhava, formulavam-se estratégias de convívio oculto com esta atração por homens, como na narrativa de Andrés que sempre adia para o ano seguinte a decisão de eliminar de sua vida as relações sexuais com homens; ou as histórias de relações extra-conjugais que Horacio, Andrés, Saul, Simeão e Judá relataram manter com homens enquanto estavam em relacionamentos estáveis com mulheres. Em casos extremos de inadaptação, havia também a formulação do pensamento ou tentativas de suicídio, como relatadas por David, Ariel e Hernan.

Antes de continuar, tenho de destacar que busco estabelecer aqui paralelos entre as narrativas dos nativos do Brasil e da Argentina em uma tentativa de mostrar como as biografias deles foram influenciadas pelo contexto sócio-histórico mais amplo. Essa tentativa busca tematizar a inter-relação dinâmica e constante entre a trajetória pessoal e a estruturação histórica e cultural dessas experiências, assim toma como essenciais as

idéias de geração e coorte geracional, que tem como ponto fundamental a idéia de “[...] *similaridade de situação, dentro de um mesmo tempo histórico, que é criada pela estratificação etária e permite gerar entendimentos particulares de si e dos outros, a partir de interpretações coletivas compartilhadas dos eventos históricos*” (Simões 2004: 424).

Além disso, essa perspectiva busca romper com a idéia de um processo único de vida para todos, sendo necessário levar em consideração na análise elementos como as marcas de gênero, os contextos de classe, de “raça” e de religião nos processos de aceitação e revelação da homossexualidade. Partindo das narrativas biográficas apresentadas é possível enquadrar a maioria absoluta dos nativos em um mesmo coorte geracional que, atualmente na meia-idade, impulsionou e conviveu com as mudanças que ampliaram a visibilidade da homossexualidade e que transformou a “questão gay” em questão pública do debate político, buscando o reconhecimento de seu(s) estilo(s) de vida como legítimo(s), um processo que se fortaleceu na década de 1980 e que ainda segue em curso em países como Brasil e Argentina.

A partir da década de 1980, começa a se consolidar um circuito noturno de socialização homossexual que culminará, na década seguinte, em uma maior liberdade para criação e circulação dos homossexuais em clubes, boates e bares específicos para eles. Quando tomo as conversas que originaram as narrativas biográficas dos nativos para análise, percebo uma constante referência às mudanças que foram se dando com o passar do tempo no circuito de sociabilidade. As conversas com Damian foram muito esclarecedoras nesse sentido. Ele apontou as modificações que foram ocorrendo no circuito urbano de Buenos Aires. Afirmou que, se no início da década de 1980 para se conhecer os homens com quem se relacionava tinha de freqüentar festas privadas ou ser apresentado por amigos, no final da mesma década passou a conhecer homens em ruas e locais públicos que se tornaram lugares consagrados de um circuito de “pegação homossexual” ou em viagens ao exterior. Já na década de 1990 passou a freqüentar boates e bares gays para conhecer pessoas. Afirmou, ainda, que hoje, apesar de freqüentar bares, boates e o clube dos ursos, geralmente conhece as pessoas pela internet e que foi inclusive assim que conheceu seu companheiro.

Estas conversas, que resultaram em narrativas biográficas, se repetem com outros nativos como Horacio que ressaltou que suas primeiras experiências

homossexuais aconteceram com homens que ele conhecia pelas colunas de jornais ou revistas, depois passou a conhecer homens nas ruas, isso enquanto estava casado com sua esposa. Somente após a separação de sua esposa nos anos 1990 é que passou a conhecer e freqüentar o “mundo homossexual” e a conhecer pessoas em bares e boates, coisa que vai se modificando gradualmente com o aparecimento da internet. De maneira geral, o aparecimento da internet como meio de sociabilidade e de acesso a outros homens se apresenta como um momento no qual há uma dispersão dos homossexuais em diversos espaços de sociabilidade que não carregam mais a marca da exclusividade de uma identidade sexual ou como aponta Meccia (2008) há uma “hiperdescodificação” da vida homossexual, resultado de um processo de aceitação e reconhecimento da homossexualidade pela sociedade. Em outras palavras, se não há perseguição, repressão ou opressão dos homossexuais pela sociedade, não há necessidade de códigos ou sinais exclusivos.

Entre os nativos que ainda não haviam alcançado a meia-idade no momento de realização de minha pesquisa (apenas quatro tinham menos de 30 anos), é correto afirmar que todos conviveram com mudanças aceleradas decorrentes do posicionamento gerado pela coorte geracional citado acima. Não obstante, apesar destas novas gerações terem sido socializadas tendo como molde a matriz heterossexual, eles passaram a ter acesso a um leque maior de discursos alternativos que possibilitaram construir sua identidade com atributos menos negativos do que a maioria dos nativos com mais de 30 anos no momento de minhas entrevistas. Entretanto, essa geração com menos de 30 anos segue produzindo narrativas biográficas com elementos muito próximos às apresentadas pela outra coorte geracional apresentada.

Apesar dos pontos em comum, estas biografias de jovens com menos de 30 anos são importantes para a análise por destacar as diferenças geracionais e de contexto sócio-histórico para a confecção das narrativas biográficas. Somando-se a isso, apontam para a diversidade e a fluidez dos processos de elaboração da identidade e da subjetividade entre homens homossexuais. Mais que isso, é importante perceber que quase todas as narrativas biográficas ecoam o que Simões (2004) nomeia como “narrativa mestra” ou “narrativa dominante” acerca da homossexualidade, seguindo Plummer. Isto é, são narrativas

[...] mais claramente construídas pelos homens do que pelas mulheres, postulam que se nasce gay e que, desde pequenos, meninos

gays já mostram inclinações e comportamentos “atípicos” do ponto de vista do gênero: já se sentem “diferentes” de seus companheiros, por serem mais “sensíveis”, ter interesse pela arte e pelos estudos, e não gostarem de atividades esportivas e competições atléticas, ainda que eventualmente forçados a delas participar. A identidade gay, nesta perspectiva, é desenvolvida desde a infância, com a consciência incipiente de fantasias eróticas associadas a rapazes e homens, que se consolida na adolescência, por meio de atividades homossexuais. A realização crescente dos desejos homossexuais é acompanhada por manifestações de intolerância da sociedade envolvente, por meio das condenações, recriminações e chacotas da parte dos colegas e companheiros de escola, que provocam sentimentos de vergonha e autocrítica. Esses sentimentos de vergonha e perturbação, por sua vez, vêm a ser minimizados à medida que o “mundo gay” é descoberto e se intensificam os contactos com outros que compartilham identidade sexual semelhante. Seguem-se, então, a luta para “assumir-se” diante da família e dos amigos de fora da comunidade gay, a busca por relações afetivas e, eventualmente, o encontro com um ou mais companheiros que se tornam “parceiros de vida” (Simões 2004: 431-432).

Nas narrativas biográficas dos nativos, alguns desses pontos se destacam como, por exemplo, a ênfase na idéia de que terem nascido homossexuais, de sempre sentirem desejo ou atração por pessoas de mesmo sexo, que apareciam inclusive quando não imaginavam o que seria uma relação sexual. Um relato interessante foi elaborado por Ariel, que contou que em sua infância se apaixonava pelos professores e não pelas professoras, “*cuando iba a la escuela, es típico que el varón se sintiera enamorado de la profesora, de la maestra, yo no, yo me enamoraba del profesor*”. Tratava-se sempre, como relatou Ariel, de um amor platônico, desvinculado da idéia de relações sexuais, até porque na idade quando isso começou a acontecer não sabiam do significado ou da existência de relações sexuais. Essa atração platônica pelo mesmo sexo aparece nos relatos de Patricio, Horacio, Golias, David, Abraão e Isaac. Entre os outros entrevistados apenas Pablo se identifica como bissexual, por ter tido relações tanto com mulheres quanto com homens e por sentir, ainda que raramente, desejos sexuais por mulheres, apesar de se relacionar sexualmente de modo exclusivo com homens já há alguns anos. E Simeão, que se define hoje como homossexual, apesar de antes se definir exclusivamente como heterossexual, mesmo quando se relacionava esporadicamente com outros homens.

Vários nativos apontaram em suas narrativas a existência de uma diferença em relação aos outros meninos de sua idade, que era evidenciada por uma “maior sensibilidade”, “maior propensão para as artes ou estudos” ou “aversão de esportes ou atividades atléticas” que os levavam a serem rotulados como diferentes e ao isolamento de seus pares. Os relatos de David e Golias destacam esse “perceber-se como diferente” que marcou a infância e adolescência deles e que se tornou alvo de preconceito, isolamento e algumas vezes violência física. No entanto, não são os únicos relatos que mostram a existência de uma “diferença essencial” entre eles e meninos e homens. Nas conversas com Gerardo, Andrés, Patricio, Isaac, Abraão, Salomão e Jacó essa diferença emergiu em alguns momentos, mas nunca se tornou alvo de violência ou preconceito, pois era uma diferença que eles buscavam sempre ocultar.

Em relação a sentimentos de vergonha, autocritica, perturbação e inadequação, estes aparecem nos relatos de todos os entrevistados em momentos diferentes de suas vidas, mas sempre tendo relação imediata com a auto-aceitação dos desejos ou da atração por homens. Mas esses sentimentos também aparecem quando narram as primeiras relações sexuais com outros homens e quando pensavam na revelação de sua homossexualidade para familiares e amigos.

O importante nesses relatos é destacar que, independente da coorte geracional, há a absorção e reprodução de alguns elementos de uma “narrativa mestra” que serve para estruturar os acontecimentos de modo que eles possam oferecer um senso de continuidade de si e do lugar social ocupado. Assim, essa “narrativa mestra” se torna um elemento essencial no qual os nativos buscam pontos e elementos que tornam possível que sua história seja “contável” e “acompanhável” pelos outros, inclusive pelo antropólogo (Simões 2004).

Finalizando, no que tange ao coorte geracional majoritário da pesquisa ou seja homens com mais de 30 anos no início do século XXI, destaco que a construção desses homens como sujeitos homossexuais passou por um processo mais longo de aceitação e reconhecimento, com momentos de forte repúdio desses desejos ou da atração por outros homens, do que na geração que tinha menos de 30 anos no início do século XXI. No entanto, ambas as gerações trazem para suas histórias elementos de uma “narrativa mestra” que é apresentado e trabalhado de maneiras diferentes por todos os nativos em suas narrativas biográficas.

Brasil versus Argentina: Uma comparação

Antes de continuar, acho necessário desenvolver uma análise comparativa dos dados apresentados até o momento, ressaltando que tomo o cuidado de não promover o cruzamento dos dados das narrativas para salvaguardar a identidade dos entrevistados. Assim, sempre apresentarei dados com apenas um cruzamento envolvendo a cidade de moradia dos nativos e o respectivo dado em análise. Destaco ainda que, como se trata de um retrato, este foi “captado” no momento em que a entrevista foi realizada, mas, como se trata de “sujeitos vivos”, em movimento constante, estas informações podem ser consideradas resultado de um “forçado pensar contextual e estático” de sujeitos em processo. Apresento abaixo algumas tabelas que permitirão visualizar, de modo comparativo, alguns dados analisados anteriormente de modo conjunto.

A primeira delas traz uma comparação acerca da distribuição dos nativos por diferentes pertencimentos à cor/raça/etnia nos países pesquisados. Como podemos ver, a pesquisa foi desenvolvida com sujeitos brancos, tanto no Brasil quanto na Argentina, sendo que apenas um negro em cada país foi entrevistado.

Tabela II: Cor/raça/etnia

	Argentina	Brasil
Branco	15	9
Negro	1	1

Como na análise desenvolvida anteriormente, apesar da maioria absoluta dos entrevistados se considerar “branco”, o significado de “ser branco” é diferente no contexto destas cidades. Como destaquei, tal distinção acerca dos sentidos de “ser branco” pode ser entendida melhor se acionarmos as categorias nativas “*negrito*”, “*mezclado/mestizo*” que traz em seu bojo a confluência de questões de cor/raça/etnia, classe social e origem familiar.

Na segunda tabela apresento uma análise mais detida dos níveis educacionais encontrados entre os nativos que vivem em Buenos Aires e Brasília. Como podemos ver, a maioria absoluta dos nativos possui nível superior completo, sendo que apenas um dos entrevistados no Brasil não iniciou uma faculdade. Ainda, quatro deles, sendo dois no Brasil e dois na Argentina, possuem ao menos uma pós-graduação concluída. Vamos à tabela:

Tabela III: Nível educacional

	Argentina	Brasil
Médio	0	1
Superior	14	7
Pós-graduação	2	2

Já a terceira tabela, apresenta a distribuição dos nativos por grupo etário/geracional no ano de 1985. Este foi tomado como referência por ser o ano no qual ocorreu a abertura política no Brasil e, também, por ser o período imediatamente posterior ao final da ditadura militar argentina que ocorreu em 1983, momento este no qual ocorre a formação e o reconhecimento efetivo de um “movimento homossexual” nos dois países. Segue a tabela:

Tabela IV: Grupo etário/geracional (ano de referência 1985)

	Argentina	Brasil
< 13 anos	2	4
Entre 13 e 30 anos	12	5
> 30 anos	2	1

Como vemos, na tabela acima, há uma concentração de nativos nos dois países na faixa entre 13 e 30 anos, no período citado. Além disso, entre os brasileiros, há quase igualdade entre o número de menores de 13 anos e de nativos entre 13 e 30 anos, o que não se replica no universo de nativos argentinos. Isso pode ser constatado também na média de idade dos nativos, que é de 43 anos para os argentinos e de 38 anos para os brasileiros.

Apesar dessas diferenças, podemos pensar em algumas características comuns a todos e que dizem respeito mais à uma dimensão simbólica compartilhada do que propriamente à uma perspectiva de estratificação social. Desse modo, ressalto que esta tese foi desenvolvida tendo como referência as vivências do universo de homens que caracterizo como fazendo parte do recorte social denominado de “perfil moderno das camadas médias” (Heilborn 2004) que tem como características a idéia de igualdade entre os gêneros, a valorização de um estilo de vida que tem como foco a expansão da individualidade e da singularidade, que compartilham de uma moral liberal eventualmente vanguardista e se expressa por meio de um *ethos* intelectualizado (Salem 1989; Velho 1989, 1999; Heilborn 1995, 2004; Saraiva 2007).

Essa caracterização, apesar de ampla, supõe uma diferenciação em relação à outras camadas da sociedade que têm como referência outras características que fundamentam seus estilos de vida. Além disso, esses segmentos podem ser vistos como portadores de “sistemas de valores diferenciados e heterogêneos” que apresentam uma mobilidade material e simbólica sem precedentes; não são estáticos, estando em um intenso processo de interação e auto-influência (Velho 1999). Assim, “estilo de vida” ou “modo de vida” deve ser entendido como uma maneira de viver que está baseada em um conjunto padronizado de práticas, hábitos, valores, atitudes, comportamentos, seguido por um grupo específico de pessoas e definido por Giddens (1991a: 81) como “*um conjunto de práticas mais ou menos integradas que um indivíduo adota não só porque satisfaz necessidades utilitárias, senão porque dá forma material a uma crônica concreta da identidade do eu*”. Assim, um modo de vida pode ser partilhado por sujeitos de idade, classe, cor/raça/etnia/nacionalidade distintos pois, são formas pautadas de dar valor social e simbólico a certos aspectos da vida cotidiana, podendo resultar na construção de uma ética ou “cultura” específica.

Como dito anteriormente, nesta pesquisa entrevistei 26 homens que vivem em contexto urbano e mantêm relações estáveis com outros homens, sendo usuários freqüentes de internet. Além disso, tiveram vínculos conjugais anteriores aos atuais e se definiam como “casados”, “en pareja” ou “com companheiro”, no momento de realização da entrevista. Mas, se até o momento busquei analisar elementos de raça/etnia/nacionalidade, gênero e performance de masculinidade, geração/idade e classe social presentes nas biografias dos nativos de maneira segmentada, tenho de reiterar que, na construção do sujeito e da subjetividade, tais elementos não aparecem de maneira dissociada, como mostram os trabalhos de Brah (2006), Pinho (2005), Piscitelli (2008), Simões (2004), entre outros. Esta tese toma como inspiração tais trabalhos e busca através do esforço de análise anterior, pautado em uma divisão “mais didática” e “menos concreta”, elementos paralelos e contrastantes presentes na construção das narrativas biográficas de sujeitos que cotidianamente vivenciam os fluxos culturais e simbólicos, locais, nacionais e transnacionais presentes na metrópole contemporânea, com o fim de mostrar como ocorre a construção do sujeito e da subjetividade.

Desse modo, como demonstrado, raça/etnia/cor e classe social atuam de maneira conjunta na construção da figura de “*lo negrito*” ou “*mezclado/mestizo*”, sendo que estas figuras são centrais para a compreensão dos “níveis de branquidade” na Argentina. Algo parecido acontece com a figura do “*taxiboy*”, quando o tema é a intersecção entre geração/idade e camadas sociais, e com os “afeminados”, quando o tema é a masculinidade e o preconceito nas boates que freqüentei em Buenos Aires.

Aqui cabe um parêntesis. “*Taxiboy*” é um termo utilizado na Argentina para designar “michês”, ou, em outras palavras, “*miríadas de jóvenes varones que recuestan la rotundez de sus espaldas, a la caza de hombres que paguen por acceder al vericuetto del áspero goce que propalan, contra los postes de las grandes ciudades de Occidente*” (Perlongher 1993: 9). Em outras palavras, prostitutas, garotos de programa, rapazes que trocam dinheiro por companhia, sexo ou afeto e que hoje, não mais habitam exclusivamente as ruas, mas estão nas boates, nas saunas, na internet.

Em relação a estes, foi interessante perceber que, em alguns encontros que mantive com amigos e nativos em boates que freqüentei em Buenos Aires, eles eram facilmente identificados pelos meus amigos que sempre se preocuparam muito em me mostrar os sinais que os identificavam, com o intuito de que “*eu não acabasse caindo*

em uma situação constrangedora ou de violência” como afirmou um amigo. Em um primeiro momento, estes sinais eram imperceptíveis mas, com o tempo fui aprendendo a reconhecê-los. Geralmente estavam ligados a vários elementos associados com o modo de apresentação corporal (eles quase nunca dançavam; ficavam observando, estáticos e sempre sozinhos), suas roupas (geralmente calças jeans e camisetas, às vezes somente calças jeans, mas sempre roupas “*sem marca*”, como afirmou um nativo), o tom de sua pele (geralmente eram “*mezclados*”), sua idade (sempre eram novos) e a bebida que ingeriam (geralmente cerveja).

Em um primeiro momento, essa descrição pode parecer extremamente geral, mas os “sinais” tinham sempre alguma eficácia, especialmente com respeito à performance corporal, pois os nativos e amigos sempre concordavam no “enquadramento” de tal ou qual indivíduo como “*taxiboy*” e sempre evitavam estabelecer contato com tal sujeito quando este se aproximava. Evitavam também qualquer tipo de aproximação com indivíduos que apresentavam uma performance mais “afetada”; com elementos de feminilidade que se expressavam na maneira de dançar ou conversar. Tal comportamento não se tratava apenas de preconceito, mas de uma rejeição a traços de feminilidade e à sua identificação com tal elemento por proximidade a esses sujeitos, em uma espécie de medo da poluição ou da identificação por contágio (Douglas 1991), uma vez que meus nativos e amigos sempre visitavam clubes e boates majoritária ou exclusivamente freqüentados por homens com performances masculinas.

Trazer tais sujeitos, o “*taxiboy*”, o “*negrito*” ou “*mezclado*” e o “afeminado”, representou um recurso analítico para mostrar como as categorias de raça/etnia/cor, classe/camada social, idade/geração e gênero agem conjuntamente no universo social e cultural para a identificação/construção do sujeito e influem na construção da subjetividade. No que tange aos nativos a que tive acesso, como qualquer sujeito, estes são também influenciados por essas categorias, de maneira conjunta, assim se constroem cotidianamente como homens brancos homossexuais das camadas médias da população pertencentes a determinado conjunto etário/geracional e com performance marcadamente masculina, vivendo em ambiente urbano em situação de conjugalidade, existindo, porém, exceções entre eles, como apontado acima no caso dos dois homens negros.

No entanto, todos compartilham de um estilo de vida fundamentado em um conjunto específico de padrões de comportamento que estruturam o sistema social de relações dos indivíduos, sua organização temporal, suas pautas de consumo, que divergem de outros grupos, constituindo um modo de ser pessoal pautado e possibilitado por um universo sociocultural em constante mudança e influenciado por processos, discursos, imagens e significados históricos, regionais, nacionais e transnacionais. Processos, tais como as imigrações históricas, formaram a idéia e o ideal de nação e atingiram Brasil e Argentina de maneiras diferenciadas, assim como as migrações regionais e nacionais de pessoas para as cidades grandes e de cidades grandes para a capital, no caso da criação de Brasília. O imaginário sobre a modernização atingiu as camadas médias da população da metrópole, com ênfase no indivíduo, na igualdade, na formação de diferentes estilos de vida e na “autenticidade”. A formação de “culturas e subculturas” homossexuais influenciadas diretamente pela consolidação do movimento homossexual, hoje LGBT, e suas reivindicações de direitos e igualdade no espaço público. O avanço tecnológico representado pela internet e a sua influência na modificação dos modos de sociabilidade. Todos estes elementos atuaram na construção e na criação do sujeito e da subjetividade dos nativos entrevistados que, de certo modo, tem em comum o fato de compartilhar de um estilo de vida formado por pessoas que coincidem em muitos pontos em sua forma de viver, morar, gastar seu dinheiro, usar seu tempo livre etc.

Ainda, os nativos brasileiros e argentinos apresentados fazem uso constante da internet, sendo que esta ocupa quase todo espaço de sociabilidade deles, sendo a outra parte complementada por reuniões freqüentes com o parceiro e amigos em suas casas ou encontros mais raros em clubes majoritariamente ocupados e criados por homens e para homens, como saunas, boates, bares e festas, como a dos “ursos”. A maioria absoluta deles fez menção à realização de pelos menos uma viagem internacional e várias viagens nacionais regulares como oportunidades para descanso, diversão e fuga das “repressões” de sua cidade de origem. Além disso, sempre que podem, vão ao cinema ou ao teatro. Todos vivem uma relação de conjugalidade e constroem sua relação através de um trabalho mútuo de ressignificação dos laços de fidelidade, sexo, amor, amizade. Costumam freqüentar restaurantes e quando podem reúnem amigos em casa para jantares, almoços, sessões de cinema, jogos de cartas ou simplesmente para conversar.

Identidades e práticas sexuais

Yo creo que en una pareja no existen roles definidos. Por más que cuando se conocen digan yo soy activo, yo soy pasivo. Creo que al mes siguiente ya se rompe eso, es cierto que cada uno tiene su tendencia pero creo que todos somos versátiles. Ramiro

[...] puedo decir que así como para los heterosexuales quizá sea anormal el tema homosexual, para mí me resulta anormal la heterosexualidad. Ojo, digo eso en mí, no es que para todos eso sea un denominador común, no me permito pero está bien para quien quiera practicar con el mismo sexo, con el sexo opuesto o alternar ambos sexos, pero en mí eso no está, no está esa inquietud. Félix

Sin embargo, trataba de que me gustaran las mujeres e insistí, insistí, he hecho pruebas, tuve novias y todo pero, después de mucho tiempo, porque a los 28 años más o menos decidí que podría amar a un hombre porque hasta ese entonces creía que no podría amar a un hombre. [...] yo me proponía que iba a ser puto hasta el año siguiente o hasta cuando terminara el año, yo decidía que no iba a ser más puto y siempre iba dando una prórroga para uno año más, pero no tenía con quién hablarlo; yo tenía mucho miedo. Andrés

[...] no hay historias de roles sexuales, siempre fuimos versátiles. Alejandro

[...] passei a me masturbar e perceber que isso era muito mais difícil quando pensava em mulheres do que em homens, então eu sempre ficava tentando equilibrar as duas coisas ou mesmo forçar a coisa para pensar em mulheres, mas isso não dava muito certo. Eu não namorava, eu estudava muito, dizia que só namoraria depois de me formar e recebia apoio de minha mãe nisso, já meu pai queria me levar ao bordel como fez com meu irmão. [...] Eu me dizia bissexual, mas quando fui tentar de novo transar com uma mulher, eu broxei total. Daí eu percebi que eu era mesmo homossexual e não bissexual. Jacó

[...] fiquei muito dividido entre seguir a heterossexualidade, sem sentir nenhum desejo pelo sexo oposto, ou a homossexualidade, envolta em toda uma carga de doença e perversão. Por conta disso, fiquei anos buscando namorar mulheres. Elias

Não há exclusividade, os dois são o que querem ser na hora, o que der na telha na hora rola, sem exclusividade alguma. Uma coisa que eu nunca gostei é quando as pessoas começam com muito não, eu não faço isso, eu não faço aquilo, geralmente isso me levava a não fazer nada com essa pessoa. Quando começam com muitos não é um problema, eu não gosto disso. Sabe, eu sempre pensei que se é para se

ter prazer, se é para dar prazer, não dá pra ter muita limitação não. Isso em minha cabeça. Assim, da mesma forma que eu não tenho restrições quanto a papéis sexuais, se é que existem de verdade, eu também não gosto de pessoas que tenham restrições quanto a papéis.
Salomão

Nunca houve qualquer divisão sexual entre nós, sempre fomos muito tranquilos em relação a isso. Se hoje eu estou com vontade de ser ativo, serei ativo. Se amanhã eu quero ser passivo, vou ser passivo. Ou ainda se de manhã eu quero ser ativo e de tarde passivo, eu serei as duas coisas. Da mesma forma acontece com ele, tudo vai depender do tesão de cada um, da disposição de cada um e das circunstâncias também. Não há nada predeterminado, sou X ou sou Y apenas.
Simeão

[...] antes de conhecer o Isaac não aceitava muito minha homossexualidade, depois ele me mostrou que pode existir amor entre dois homens. Judá

A homossexualidade no Brasil deve ser caracterizada “[...] *não como um fenômeno unitário e sim como fundamentalmente diversificado – um caso, no mínimo, de uma variedade de homossexualidades um tanto diferentes, em vez de uma homossexualidade única e unificada*” (Parker 1993: 331). Essa fluidez e flexibilidade da “cultura homossexual brasileira” também pode ser verificada em outros países, com a criação, proliferação e convivência simultânea de subculturas e categorias pautadas em estilos de vida – como ursos, *leathers*, *barbies*, coroas –, bem como pela multiplicação de identidades e subgrupos dentro do movimento LGBT. Além de “grandes” categorias, tais como gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis, emergem grupos de intersexuais, de gays surdos, judeus gays, gays negros, advogados gays, etc. Todas estas categorias identitárias são influenciadas ainda pelo entrecruzamento de pertencimentos específicos de classe\camada social, raça\cor\etnia, geração, entre outros, na produção de subjetividades.

Nesta pesquisa desenvolvo uma análise da construção da homoconjugalidade e da subjetividade de homens brancos de camadas médias da sociedade, com média etária de 41 anos (idades entre 27 e 63 anos), com performance de gênero marcada pela reafirmação da “aparência viril e masculina”, vivendo no contexto urbano de Brasília e Buenos Aires. No que tange às práticas sexuais, a maioria destes nativos se define como versátil (do total de 26 entrevistados, 19 assim se identificaram). Entre os sete

entrevistados restantes, quatro se definiram como exclusivamente ativos e três como passivos.

A discussão sobre práticas sexuais no Brasil tem no texto de Fry (1982) “*Da hierarquia à igualdade: A construção histórica da homossexualidade no Brasil*” uma referência crucial e obrigatória para quem busca se “aventurar” na análise do tema, como apontam Carrara e Simões (2007). Neste texto, Fry desenvolve uma análise dos sistemas classificatórios que estariam em vigência no país, articulados às distintas classes sociais, ressaltando existir uma tendência de expansão do sistema igualitário em relação ao sistema hierárquico, o qual estaria largamente disseminado no interior do país e nas camadas mais baixas da sociedade, estando assentado na oposição masculinidade/atividade sexual *versus* feminilidade/passividade sexual, englobando indistintamente todas as identidades sexuais. Nele, ser homem se fundamentaria apenas na manutenção da posição “ativa” em relações sexuais independentemente do sexo/gênero do(a) parceiro(a); já quem assumisse o lugar “passivo” nas relações sexuais assumiria um lugar inferior na “hierarquia social”, especialmente se se tratasse de um homem passivo. Tal lógica classificatória (ativo/passivo) é parte da “cultura tradicional brasileira de gênero” (Parker 1991, 2002) compondo uma forma de dominação simbólica, na qual, o pólo ativo está associado a “comer”, “possuir” ou “vencer” o outro. Este modelo é utilizado tanto nas relações homossexuais quanto heterossexuais, sendo que qualquer homem que assume um papel “passivo” na relação, “*sacrifica sua classificação adequada como homem e passa a ser conhecido como viado (originalmente do termo veado) ou uma bicha [...]*” (Parker 2002: 56).

O sistema igualitário seria encontrado nas camadas médias e altas da sociedade, e se basearia na distinção entre as categorias heterossexualidade e homossexualidade, rejeitando qualquer tipo de diferenciação hierárquica entre estes grupos identitários. A categoria “homossexual” seria formada sem referência à posição do sujeito no ato sexual, mas tomando como parâmetro a “igualdade” de sexo/gênero entre os parceiros durante as relações sexuais. Entre estes dois sistemas vigoraria ainda um modelo médico-psiquiátrico, que precederia e se diferenciaria do igualitário, no qual a homossexualidade seria considerada um desvio patológico em relação à heterossexualidade (Fry 1982).

Vale de Almeida (2000) é outro autor que descreve a existência de um imaginário hierárquico na definição das práticas sexuais e do gênero associados à elas. Em seu estudo etnográfico realizado em Pardais, Portugal, o autor desenvolve uma análise dos conflitos de poder e da construção da masculinidade na referida localidade. Os pardalinos, em seus discursos e práticas cotidianas, referem-se à homossexualidade e aos atos homossexuais sempre em tom pejorativo. Em sua análise, as dualidades macho/fêmea, masculino/feminino, ativo/passivo sobrepõem-se umas às outras e constroem uma cosmologia na qual “a parte feminina” do ato, o indivíduo penetrado, passivo, é visto como um “ser subserviente e inferior”. Em suas palavras,

Entre os homens, a masculinidade se assenta fortemente nos aspectos especificamente sexuais. E divisões internas entre os homens estabelecem-se analogamente às divisões entre homens e mulheres. A masculinidade é frágil, em termos sexuais nada se pode mostrar de concreto (de visível, de mais observável que o discurso verbal), pelo que tanto o medo como a forma de agressão mais comum se fazem na linguagem da homossexualidade, enquanto categoria passiva, simbolizada na imagem da penetração anal, feminizando assim o homem. Este recurso retórico é usado em todas as relações competitivas e conflituosas entre homens, seja no trabalho, nos negócios ou no jogo. Por sua vez, a homofobia situa e exorciza o perigo homossexual da homosociabilidade. Nunca é demais referir que uma das características centrais da masculinidade hegemônica, para além da “inferioridade” das mulheres, é a homofobia. (Vale de Almeida 2000: 68-9)

Misse (2005) também aponta a existência de conotações pejorativas acerca do passivo sexual no Brasil. Em seu estudo, a virilidade liga-se às características como força, proteção, autoridade, independência, que refletem uma postura masculina ativa. No que tange à sexualidade, o heterossexual masculino recusa qualquer tipo de atribuição de passividade, se considerando ativo em todas as situações e fugindo do caráter “desacreditado” que recai sobre o sujeito passivo. No contexto norte-americano até meados do século XX, tal fenômeno também pode ser constatado, assim só se definiam como homossexuais os homens que assumissem os papéis sociosexuais prescritos para mulheres. Masculinidade e homossexualidade eram categorias antagônicas e os homossexuais sempre buscavam parceiros entre os homens “normais”, isto é, heterossexuais. E, os homens que mantivessem o papel ativo na relação sexual com outro homem não seriam considerados homossexuais (Rotello 1998, Sullivan 1996).

Na Argentina, tal como nos países citados, há também uma tentativa de “reprodução” do modelo das relações heterossexuais, através da dicotomia: masculino e feminino, nas relações homossexuais. Estes papéis sexuais/de gênero são representados neste contexto pelas figuras do *chongo*, homem, ativo, macho, viril, quase sempre heterossexual e, seu oposto, a *marica* ou a *loca* que ocupa a posição de fêmea, passiva, similar a *bicha* brasileira (Salessi 1995, Rapisardi e Modarelli 2001, Bazan 2006). Sívori (2005) destaca no contexto de Rosário na década de noventa como estas identidades da *loca* e do *chongo*, vão perdendo a “popularidade” com a introdução de uma terceira identidade, a do *gay*, tomada como intermediária entre as já existentes. Tal identidade *gay* se constrói como homossexual, mas não é afeminado ou “extravagante” como a *loca*; tampouco rejeita a homossexualidade como o *chongo*, ainda que não afeminado, discreto, viril e podendo ser passivo nas relações sexuais.

Tal argumentação remete diretamente à análise desenvolvida por Fry (1982) da substituição gradual de um “sistema hierárquico” por um “sistema igualitário” fundado em uma identidade, a do *entendido* ou do *gay*. Estes diferentes modelos estariam dispersos e coexistiriam na realidade social brasileira concorrendo para alcançar sua hegemonia de acordo com classe/camada social, raça/etnia, religião, idade/geração, contexto social. A emergência do sistema igualitário, apesar de se constituir em um elemento característico para a definição e construção da identidade das camadas médias e altas da sociedade brasileira, não estaria presente apenas na realidade das grandes metrópoles do Brasil fazendo parte de um processo mais amplo pelo qual passariam diferentes países do “mundo ocidental” (Parker 1991, 2002; Carrara e Simões 2007).

Assim, se até poucos anos o típico “macho” brasileiro, latino-americano ou ocidental em geral, se constituía como ativo sexualmente nas relações com homens ou com mulheres, sendo representado e se definindo como “heterossexual legítimo”, ficando apenas o homem passivo com o estigma da identidade de homossexual, durante o final do século XX começa a emergir a figura do *entendido*, do *gay*, que carrega a idéia de simetria e de igualdade dos parceiros nas práticas sexuais e no que tange a identidade, sendo ambos considerados homossexuais.

Como citado acima, a maioria absoluta dos nativos portenhos e brasilienses entrevistados se definem como sujeitos versáteis assumindo desfrutar tanto da posição de ativo como de passivo em suas práticas sexuais com seus companheiros, e com

“terceiros” eventuais quando há possibilidade. A “opção” por esta versatilidade é descrita algumas vezes como sendo uma “troca justa”, negociada entre os parceiros, influenciada pelo grau de envolvimento afetivo, mas essencialmente é vista como uma busca por romper com “limites de papéis pré-estabelecidos” para a obtenção do prazer sexual. Os outros sete nativos que se identificavam como sendo exclusivamente ativos ou passivos em suas interações sexuais apontavam que a maior fixação nestes papéis não implicava no estabelecimento ou na reprodução de hierarquias de “relações de poder” dentro da relação de conjugalidade. Esta “opção” por um ou outro papel nas interações sexuais é descrita por eles apenas como uma preferência no momento do intercuro.

Com isto, tendo a afirmar que a maioria dos nativos busca fugir do modelo dicotômico e hierárquico que estabelece papéis sexuais/de gênero para os homossexuais, e dá vida a personagens como o “bofe” e a “bicha”, que reproduzem o padrão heteronormativo de sexualidade. Como aponta a pesquisa de Dowsett; Williams; Ventuneac & Carballo-Diéguéz (2008) realizada na internet, há atualmente a multiplicação de categorias para expressar as práticas sexuais que já não estão mais assentadas nos padrões de gênero heterossexuais. Nos sites pesquisados *g4me* e *disponível* essa multiplicidade se repete com a possibilidade do uso das seguintes categorias descritas nos sites: ativo, versátil ativo, versátil, versátil passivo, passivo. *“These multiplying categories reflect constant variability in sexual positioning among gay men and negate any alignment with heterosexist assumptions that the receptive partner is passive (or ‘woman’) or the insertive partner is active (or ‘man’)”* (idem: 129).

Se, até o momento, desenvolvi uma análise das práticas sexuais dos nativos do Brasil e da Argentina de maneira conjunta é necessário apontar algumas distinções que emergiram. Entre os nativos argentinos apenas um dos casais se enquadrou como tendo papéis sexuais complementares, sendo um dos parceiros exclusivamente ativo e o outro exclusivamente passivo, com estas preferências se replicando no momento em que as relações com terceiros ocorriam. Todos os outros entrevistados argentinos, ou seja, os quatorze restantes, se definem como sendo versáteis nas interações sexuais e assumem práticas ativas ou passivas dependendo da vontade, do contexto e do parceiro com o qual estão se relacionando sexualmente.

Entre os nativos brasileiros, a metade exata, isto é, cinco deles, se identificam como sendo versáteis. Dos outros cinco entrevistados, três se definem como exclusivamente ativos, os outros dois como passivos. Estes que definem a priori sua preferência no intercuro sexual acabam formando dois casais com papéis sexuais complementares, que reiteram tal como os nativos argentinos a inexistência de qualquer tipo de hierarquia de gênero estabelecida entre os parceiros. Há ainda um casal formado por um sujeito que se define como sendo exclusivamente ativo em todas as relações sexuais e, tendo um companheiro versátil, que é exclusivamente passivo com o companheiro e versátil com terceiros. Na tabela abaixo podemos visualizar melhor tal distribuição:

Tabela V: Práticas/papéis sexuais

	Argentina	Brasil
Ativo	1	3
Passivo	1	2
Versáteis	14	5

Partindo de uma análise das práticas sexuais entre os nativos argentinos, pode-se cogitar a existência hegemônica de um modelo igualitário ou moderno no qual há uma dissolução da binaridade ativo-passivo e uma maior simetria entre os parceiros, representada pela figura do “versátil”. Já entre os nativos brasileiros há uma convivência contraditória entre o modelo hierárquico e igualitário com uma fragilização da oposição de gênero e da respectiva lógica da atividade/passividade, estigmatizante, principalmente para o pólo passivo da relação. Apesar de alguns dos entrevistados brasileiros se identificarem exclusivamente como ativos ou passivos, eles afirmam reiteradamente a não existência de qualquer tipo de hierarquia de gênero entre os parceiros que se pautam pela busca constante de uma simetria entre si. Tal fenômeno se verifica especialmente entre sujeitos de camadas médias e altas dos centros metropolitanos a partir da década de 1970, com a criação da figura do “entendido” (ou gay, nos Estados Unidos) representando qualquer homem que se relacione ativa ou passivamente com outro homem. Neste momento, o mundo masculino deixa de ser

dividido entre homens másculos e homens afeminados e passa a ser dividido entre homens homossexuais e heterossexuais (Fry 1982; Parker 1991, 2002; Heilborn 1999b; Carrara e Simões 2007). Sem, contudo, esta transformação hegemônica das identidades significar um fim das tensões e articulações identitárias possíveis nas vivências das relações entre homossexuais, tal como a etnografia mostra apontando não somente a categorização positiva das versatilidades, como a manutenção das preferências por ser passivo ou ativo.

Partindo desta “nova” divisão, os entrevistados se definem quase que em sua totalidade como sendo sujeitos homossexuais sem que, no entanto, isso tenha deixado de significar a preferência da posição tanto ativa quanto passiva e, sem que não continue presente a atração pelas figuras dos homens másculos e a rejeição aos homens afeminados; apenas um deles se define como sendo bissexual, apesar de se relacionar há alguns anos exclusivamente com homens. Na tabela abaixo é possível visualizar como tais nativos se identificam no Brasil e na Argentina, vejamos:

Tabela VI: Identidade sexual

	Argentina	Brasil
Heterossexual	0	0
Bissexual	1	0
Homossexual	15	10

Com isso, o papel ocupado pelo sujeito no intercuro sexual deixa de assumir lugar essencial para a definição de sua identidade e esta passa a ser demarcada por outros elementos que atravessam os limites estritos dos domínios da sexualidade. A “ancoragem” em práticas sexuais da identidade deixa de assumir o caráter de necessidade. Isto implica em dizer que a identificação dos sujeitos como homossexuais, bissexuais ou heterossexuais passa a depender de outras variáveis que não apenas o comportamento sexual. A possibilidade de se experimentar práticas sexuais diversas com diversos(as) parceiros(as), de diferentes sexos/gêneros já não servem como suporte exclusivo para a definição de uma identidade. Diversos nativos trazem em suas

narrativas essa diversidade de experiências com diferentes sujeitos, como vemos nas histórias de vida dos entrevistados; há alguns, inclusive, que foram casados com mulheres ou que mantiveram relações afetivo-sexuais com mulheres, caso de Pablo, Horacio, Hernan, Ernesto, Andrés, Alejandro, Salomão, Elias, Jacó, Saul, Simeão, Isaac, Judá. No entanto, estas experiências e práticas sexuais que ocorreram entre estes nativos e algumas mulheres não foram “suficientes” para a definição destes sujeitos como heterossexuais ou bissexuais. Em outras palavras, o fato de “poder se relacionar com” mulheres não é “condição suficiente” para a definição de sua identidade sexual.

Na modernidade, saber de si pela própria sexualidade tornou-se central para a construção de nossa experiência subjetiva. Assim, se antes as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo não eram suficientes para a existência de seres homossexuais, com o advento do “dispositivo da sexualidade” na modernidade criam-se identidades apoiadas em práticas e comportamentos que dão suporte a condições diferenciadas, a subjetividades específicas e a indivíduos e grupos que exercem tais práticas. Na modernidade, criam-se “sujeitos da sexualidade” com características específicas que produzem um discurso de si através de procedimentos *“pelos quais se incita o sujeito a produzir sobre sua sexualidade um discurso de verdade que é capaz de ter efeitos sobre o próprio sujeito”* (Foucault 1993: 264).

Nas narrativas dos entrevistados vemos falas que buscam afirmar a existência de uma homossexualidade inscrita na essência do sujeito, o definindo como de um “tipo” específico e diferente do heterossexual quanto aos desejos, comportamentos e práticas. Essa especificidade aparece desde a infância, mas é constantemente reprimida, negada e omitida pelos nativos. Aparecem também muitas tentativas de “conversão” da homossexualidade para a heterossexualidade nas histórias de vida dos nativos, todas consideradas infrutíferas por contrariar uma “verdade interna e essencial” deles. Nesse sentido, tais nativos têm de lidar cotidianamente com duas injunções contraditórias: uma que busca afirmar a autenticidade e a individualidade do sujeito; e outra que procura ligar cada sujeito à uma identidade já conhecida. Trata-se de um “duplo constrangimento político” (Foucault 1995), um movimento simultâneo de individualização e totalização. Tal como aponta Deleuze (1988), essa é uma questão política de nosso tempo, na qual a “diferença” está submetida a um “modo de produção de subjetividade”, em suas palavras,

A luta por uma subjetividade moderna passa por uma resistência às duas formas atuais de sujeição, uma que consiste em nos individualizar de acordo com as exigências do poder, outra que consiste em ligar cada indivíduo a uma identidade sabida e conhecida, bem determinada de uma vez por todas. A luta pela subjetividade se apresenta então como direito à diferença e direito à variação, à metamorfose (idem: 113).

Religião e religiosidade

[...] lo practico bastante bien, digamos eso de ir a misa todos los domingos, pero el resto de los preceptos los cumplo digamos entre comillas. Vengo de una familia italiana y como buena familia italiana, todos son católicos. Juan

[...] cuando vi que en la Iglesia no se conciliaba, en la Iglesia Católica Romana no se conciliaba el tema de mi sexualidad y mi espiritualidad, que yo no era mí mismo, me retire, no me hice preguntas, ni di respuestas de por qué me iba, de por qué era gay, de por qué soy gay y me siento cristiano, me fui. Félix

[...] siempre me sentí muy desplazado por los comentarios muy homofóbicos de la iglesia y creo que son uno de los principales discriminadores que hay dentro de lo que es la homosexualidad, por eso prefiero quedarme lejos. Andrés

[...] fui educado como católico, con bautismo y confirmación, con una madre muy devota, muy de ir a la iglesia y sus hermanas también, un tío cura, muy religioso y sacerdote de la religión católica, muy conservador. Ernesto

Parece uma contradição muito grande, mas não, na verdade eu queria ser pastor e me tornei sacerdote, ou seja, de todas as formas eu estou cuidando de alguém. O que mudou foi basicamente o sistema de crenças, acredito que hoje o sistema de crenças que tenho combina mais comigo, com o que acredito e vivo. Jacó

Durante o período em que realizei a pesquisa de campo, nas entrevistas com os nativos, o tema da religião e da religiosidade aparecia em dois momentos. Em um primeiro momento, quando questionados sobre a religião de sua família de origem respondiam formalmente situando-os majoritariamente entre os católicos, vinte dos vinte e seis se situava assim (ver tabela abaixo). E, em um segundo momento, quando relatavam o processo de “descoberta e aceitação” de sua homossexualidade. No entanto, há de se destacar diferenças que apareceram entres os nativos dos dois países.

Tabela VII: Religião da família de origem

	Argentina	Brasil
Católica	15	5
Cristã	0	1
Judaica	0	1
Protestante/Evangélica	1	2
Umbandista/Candomblé	0	1

Na tabela acima, há uma concentração nos nativos de Buenos Aires de famílias de origem católica, sendo que apenas um se declarou como tendo família protestante ou evangélica. Entre estes sujeitos, há longas narrativas de seus primeiros contatos “problemáticos” com a sexualidade, sempre mediados pelas representações oriundas do campo religioso. Estas representações foram apreendidas pelos nativos a partir de seu contato muito próximo com a religião católica que ocorria, tanto pela filiação de sua família de origem quanto pelo fato de terem estudado em escolas religiosas. Todos os nativos argentinos haviam estudado durante toda a infância e adolescência ou, ao menos uma parte delas, em colégios particulares de ordenações religiosas católicas. Tal como aponta Passamani (2008), a partir de dados da Comunidad Homosexual Argentina (CHA), quase toda a educação particular na Argentina é gerida pela Igreja Católica, que possui mais de 3500 colégios em todo o país, direcionados para as camadas médias e altas da Argentina. Complementarmente, três desses nativos tiveram formação religiosa, tendo sido seminaristas da Igreja Católica, sem, não obstante, terem chegado à concluir a formação eclesiástica.

Além disso, como vemos na análise de Meccia (2006), a Igreja Católica tem uma forte participação na vida política argentina, prevalecendo sobre as demais religiões. “*En una encuesta hecha a diputados nacionales (basada en una muestra de 55 casos), 44 se declararon católicos, 3 haberlo sido, 1 judío, mientras que los 7 restantes declararon no tener creencias religiosas.*” (idem: 59) Essa importância na vida política se replica na vida social, vide a “*Encuesta sobre creencias y actitudes*

*religiosas en Argentina*²⁷”, realizada em 2008 em todo o território argentino, na qual 76% do recorte pesquisado se definiu como católico, 9% se revelaram evangélicos, de várias ordenações, e 11% se declararam ateus, agnósticos ou sem religião. Os dados destacam o pluralismo e a diversidade presente nos campo religioso, seguidos de uma manutenção da “cultura cristã”.

Como vemos, a Igreja Católica aparece como uma instituição relevante para a organização da sociedade argentina. Nas narrativas dos nativos argentinos, esta religião aparece como uma “opositora de peso” produzindo um discurso “homofóbico” que, segundo os nativos, deve ser combatido. Como na fala de Andrés, “*siempre me sentí muy desplazado por los comentarios muy homofóbicos de la iglesia y creo que son uno de los principales discriminadores que hay dentro de lo que es la homosexualidad,*”, ou na fala de vários outros nativos, que apontam a dificuldade de se lutar pela regulamentação da união na Argentina, seja através do casamento ou da união estável. A referência à Igreja Católica, às representações e aos símbolos cristãos aparecem também nas falas deles quando tentam definir fidelidade, casamento, amor, temas que trataremos *a posteriori*.

Entre os nativos brasileiros, diferentemente, a referência à Igreja Católica aparece apenas quando estes são questionados a respeito da religião familiar e atual; poucas vezes a religião apareceu nas narrativas dos nativos de maneira espontânea, tal como aconteceu entre os argentinos. Nem por isso tal instituição pode ser encarada de maneira “menos importante ou influente” na vida social brasileira, uma vez que no censo de 2000 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 74% da população se declarou católica, 16% evangélica e 7% se enquadra como atéia, agnóstica ou sem religião. Muito embora o número de católicos esteja diminuindo, o número de evangélicos, especialmente pentecostais, tem crescido grandemente, chegando a dobrar em alguns estados, segundo o censo.

Alguns estudos recentes mostram que o Brasil já pode ser considerado um país com diversidade religiosa. Esta se expressa cada vez mais pela pluralização de cultos, seitas e religiões que vêm ganhando força a despeito do catolicismo, visto como

²⁷ Tal pesquisa foi desenvolvida no primeiro semestre de 2008 pela área de “*Sociedade, Cultura e Religião*” do CEIL/CONICET, a Universidade de Buenos Aires, a Universidade Nacional de Rosario, a Universidade Nacional de Cuyo e a Universidade Nacional de Santiago del Estero, e financiada pela Agência Nacional de Promoção Científica e Tecnológica (ANPCyT).

religião dominante até a primeira metade do século XX (Parker 1995, Pierucci e Prandi 1996, Campos Machado e Mariz 1998). Em suas análises sobre esse fenômeno, Parker (1995) aponta um decréscimo constante no número relativo de católicos, a partir de 1958, e um aumento percentual de não-católicos, ressaltando o aumento do sincretismo religioso, do pentecostalismo e de movimentos sectários, bem como a existência de uma heterogeneidade de modelos dentro do catolicismo. Prandi (1996) é outro autor que reforça essa idéia de pluralização no campo religioso. Afirma que cada vez mais a religião se ajusta à idéia de uma opção dentro de um leque disponível amplo. Em suas palavras, “[...] *a religião se vai ajustando cada vez mais à idéia da escolha, da livre escolha que se faz frente à variadas necessidades e diversas possibilidades de tê-las atendidas*” (idem: 257).

Entre essas diversas opções, ele aponta a força do pentecostalismo e do neopentecostalismo, da umbanda e demais religiões afro-brasileiras, reforçando que a despeito disso, na virada do século XX, o catolicismo ainda vai agregar quase três quartos dos brasileiros. Essa pluralização no campo religioso inaugura, nas palavras de Prandi (1996) e Campos Machado e Mariz (1998), o “mercado religioso” no Brasil, que se caracteriza pela passagem da religião do campo social para o território do indivíduo e, deste, para o do consumo, no qual a religião se vê agora obrigada a seguir as regras do mercado. Isso aconteceu, segundo Prandi pois, “*a religião perdeu para o conhecimento laico-científico a prerrogativa de explicar e justificar a vida, nos seus mais variados aspectos, ela [a religião] passou a interessar apenas em razão de seu alcance individual*” (idem: 260).

No entanto, a expansão do pentecostalismo não acontece de maneira tranqüila, isto é, sem reações da Igreja Católica. Campos Machado e Mariz (1998) problematizam a existência de uma “teologia da guerra espiritual” que acaba instalando um conflito religioso, no qual uma religião passa a demonizar as outras em um luta constante para atrair mais fiéis. Essas autoras destacam o Movimento de Renovação Carismático Católico e as Igrejas Pentecostais como participantes importantes dessa “guerra espiritual” por adotarem um discurso de acusação demoníaca e exigirem uma adesão exclusiva a seu grupo com rejeição de outras práticas religiosas, principalmente o espiritismo e os cultos afro-brasileiros. Nas palavras delas, “*o discurso sobre a força do demônio, muito marcante e presente em ambos os grupos, exige que o fiel recuse as práticas combatidas pela liderança religiosa, servindo para marcar as fronteiras*

institucionais e assim fortalecer as igrejas e seus dogmas” (idem: 26). Além dessas estratégias de demonização e exigência de exclusividade de crença, o fortalecimento da instituição religiosa se desenvolve também a partir de uma atuação mais marcante no espaço público, seja com candidatos políticos, seja com o uso da mídia, ou ainda realizando trabalhos assistenciais. Todas essas estratégias têm como fim a busca de uma maior visibilidade e poder na esfera pública, fatos que vem ocorrendo na realidade brasileira com a criação ou o fortalecimento de seitas e grupos fundamentalistas evangélicos e da Igreja Católica, e se replicam no legislativo com a criação da *Frente Parlamentar Mista em Defesa da Vida – Brasil sem Aborto*, da *Frente Parlamentar pelo Planejamento Familiar*, ambas com a postura contrária a direitos para casais homossexuais e contra a legalização do aborto (Cunha 2007, Machado 2010).

Essa pluralidade religiosa aparece na diversidade de religiões adotadas pelas famílias de origem dos nativos brasileiros em sua infância e adolescência, bem como pela multiplicidade de denominações religiosas assumidas por eles e reveladas no momento da entrevista, como vemos na tabela abaixo.

Tabela VIII: Religião atual

	Argentina	Brasil
Católico praticante	1	0
Católico não praticante	2	3
Cristão	9	2
Protestante/Evangélico	1	0
Umbandista/candomblé	0	2
Espírita/Espiritualista	0	2
Wicca	0	1
Agnóstico	3	0

Apesar de também ocorrer uma relativa pluralização no que tange à religião adotada entre os nativos argentinos, no momento de realização da entrevista, podemos ver que 13 deles ainda se definem como partícipes de religiões ou crenças cristãs, sendo que os restantes se definem como agnósticos. No Brasil, a diversidade aparece de maneira mais marcante, com cinco sujeitos se definindo como integrantes de religiões cristãs, dois participando de cultos afro-brasileiros, dois se caracterizando como espíritas ou espiritualistas e um deles se qualificando como sacerdote da religião *wicca*. Essa pluralidade pode ser verificada também na tabela anterior que faz referência à religião da família de origem dos nativos. Assim, nas narrativas dos nativos brasileiros, verificamos uma maior pluralidade religiosa, associada à uma menor influência da Igreja Católica que, apesar de ser ainda hoje uma instituição de grande importância na sociedade brasileira, não é tematizada por eles como o “principal adversário” para a conquista de direitos. No entanto, tal como apontei em minha dissertação de mestrado, o imaginário religioso cristão é ainda hoje muito utilizado no Brasil como fonte de representações e imagens negativas acerca da homossexualidade. Na discussão do projeto de Parceria Civil Registrada no Congresso Nacional brasileiro tais representações e imagens sobre a homossexualidade foram largamente utilizadas pelos deputados contrários ao projeto (Mello 1999, 2005a; Lopes 2005).

– Capítulo 4 –

Construção da união, gênero, sexualidade e emoções.

A construção do sujeito e da subjetividade, tendo como prisma a idéia de intersecção, foi o tema do capítulo anterior. Nele pudemos perceber a complexidade, instabilidade e, talvez, a impossibilidade de se levar em conta tal tema de maneira estanque, estática, acabada. Nesse ponto da análise estamos muito próximos dos estudos de Brah (2006) que vêem a questão da “identidade” como algo que se constitui processualmente, não de maneira estática ou pré-social, e que é marcada por posicionalidades de sujeito. Mas, sobretudo, estamos próximos dos avanços trazidos pela “desconstrução butleriana” (2003a,b) que mostra como o “eu” é constituído por posições situadas e contextualizadas em práticas materiais e arranjos institucionais, em matrizes de poder e discursos que fundam a possibilidade de um “sujeito viável”.

Partindo destas idéias apresentadas para pensar sujeito e subjetividade, foi necessário trazer o contexto sócio-histórico, político e discursivo no qual os nativos se encontravam inseridos. Assim, se no capítulo anterior o tema principal foi a constituição dos nativos como sujeitos–em–processo e de suas subjetividades, levando-se em conta questões como classe/camada social, raça/etnia/cor/nacionalidade, idade/grupo geracional e performance de gênero, neste capítulo tomo como ponto essencial a análise das especificidades das relações homoconjugais estabelecidas pelos sujeitos apresentados anteriormente, tendo como foco as emoções, a afetividade, a sexualidade e o gênero.

Desse modo, enfocarei, na análise, o modo pelo qual esses elementos influenciam na construção das relações homoconjugais gerando uma “linguagem” específica da fidelidade e da infidelidade, que carregam a diáde “tradição” e “modernidade” e que é refletida na oposição “relações fechadas” e “relações abertas” quando eles são questionados sobre suas relações conjugais. Além disso, busco mostrar como essa dualidade se apresenta de maneira muito mais complexa, rica e diversa na realidade dos nativos culminando na formação de inúmeros “estilos de relação” de homoconjugalidade. Para tanto, iniciarei com a discussão do contexto de convivência do

casal, passarei pela análise da construção dos cotidianos conjugais, das emoções e das sexualidades, e terminarei com o estudo das configurações das uniões.

Homogamia e homoconjugalidade masculina

Somos muy cabeza dura y hay tanta diferencia de edad. [...] yo que soy el más grande, trato dentro de lo posible de adaptarme más. Tal vez porque toda mi vida fue una gran adaptación a medios adversos, a partir de la elección sexual. Damian

[...] porque somos más que novios. Novios es una cosa más superficial, nosotros ya tenemos más afianzada la relación, ya somos como pareja, una pareja que no convivi. [...] creo que estamos bien así pero sabemos que un día eso [não coabitação] va pasar, es decir, eso no nos molesta ahora, no es un tema. Juan

[...] no teníamos forma de vernos, o sea, vivir juntos era la solución primero porque se rompía su situación con su esposa y él tenía que irse, yo no podría ir a la casa de su madre, que era muy lejos, y quedarse en la casa de un amigo que le ofrecía a él era un despropósito si lo que queríamos era estar juntos. Él no tenía medios para alquilar un departamento para decir 'yo estoy en mi casa y vos en la tuya hasta que veamos lo que sucede', y nos tiramos a la pileta, o sea, hacía poco tiempo que nos conocíamos y nos fuimos a vivir juntos. Hernan

Outra razão é a diferença de idade, porque meu grupo é completamente diferente do dele. Eu ainda mantive alguns amigos, ele se desligou por completo dos amigos dele. Apesar de tudo, regra geral, a diferença de idade é uma barreira. David

Não há necessariamente ação ou reação, mas eu percebo que há um afastamento ou distanciamento nas conversas quando as pessoas percebem que há um relacionamento entre nós. Acho que por conta da diferença de idade, mas não tenho certeza. Elias

Tal como visto acima, e seguindo Loyola (2003), parto da idéia de que em termos “de tipos ideais”, tal como formulado por Weber, podemos pensar em dois modelos construídos historicamente de reprodução e controle da sexualidade. O primeiro, “mais antigo”, ligado às sociedades patriarcais e chamado de “tradicional” inclusive pelos nativos, e identificado por eles com o casamento heterossexual. Este tem, como características principais, normas estritas de homogamia social, racial, educacional e de origem, no amor conjugal, na indissociabilidade dos laços matrimoniais, e em uma rígida divisão entre os sexos, apoiadas no controle da sexualidade feminina e da reprodução. E, outro modelo, “mais recente” historicamente

falando, identificado como “moderno”, baseado na escolha individual do parceiro, na identidade individual, em normas mais flexíveis de homogamia, no amor-paixão, na possibilidade de separação e divórcios, em uma relativa liberação e valorização da sexualidade feminina e na igualdade jurídica e social entre os sexos.

Durham (1983), Giddens (1998), Heilborn (2004), Bozon (2004a), Therborn (2006), entre outros, reafirmam o panorama de mudança dos significados e práticas associados às idéias de família e casal que a sociedade atual vive contemporaneamente. Para Giddens (1998), na primeira década do século XXI, as transformações no campo científico, tecnológico e dos costumes, fizeram surgir a “família moderna”, que está fundada na afetividade, no amor e na satisfação individual de cada um dos membros, e que assume maior valor que a satisfação do grupo familiar. Já para Therborn (2006), se o patriarcado dominou todo o cenário social durante o século XX, sendo caracterizado pela “dominação do pai” (referente à relação entre diferentes gerações) e a “dominação do marido” (dominação de gênero na qual o homem provedor controla a esposa e a prole), no século XXI, emerge o pós-patriarcado, que engloba tanto uma autonomia adulta em relação aos pais (não há mais dominação geracional), quanto uma relativa igualdade jurídica no que tange aos direitos de família (relativa pois esta não resulta por si mesma em uma igualdade de gênero, já que homens e mulheres, estão inseridos em relações sociais e econômicas de desigualdade).

Diante do contexto de mudança destacado pelos autores supracitados, tornou-se essencial perceber como os nativos significam família, matrimônio e conjugalidade. Assim, como vimos antes, e veremos agora, os nativos reiteradamente se afastam do modelo “tradicional” de relação conjugal; buscam de forma incessante a fuga de modelos prontos para sua homoconjugalidade e acreditam na possibilidade de construir sua relação de maneira independente, única e “autêntica”.

Desenvolvendo uma análise mais aproximada de algumas características das relações de conjugalidade apresentadas, observamos a existência de relativa homogamia etária/geracional entre os sujeitos e seus parceiros, com relações em que a diferença de idade entre eles poucas vezes ultrapassa cinco anos. Exceções são vistas no caso de cinco dos casais, na relação de Damian/Ramiro o primeiro tem mais que o dobro da idade do segundo, para Salomão/Abraão a diferença é de 19 anos, semelhante a encontrada entre Elias/Jacó que é de 23 anos, já Isaac/Judá apresentam sete anos de

distância etária, ou ainda no caso de David/Golias, que apesar de terem uma diferença etária de pouco mais de dez anos, ressaltam a importância desta diferença etária em suas vidas, especialmente na relação com os amigos. Para David, a diferença etária entre ele e seu companheiro não é um problema para a relação, mas dificulta a afinidade com os amigos *“porque meu grupo é completamente diferente do dele. Eu ainda mantive alguns amigos, ele se desligou por completo dos amigos dele. Apesar de tudo, regra geral, a diferença de idade é uma barreira”*.

No que tange à homogamia racial/étnica, como já apontado, somente dois dos nativos se definem como negros, um em Buenos Aires e outro no Brasil. Sendo assim, formam dois casais nos quais há uma diferença racial/étnica que, algumas vezes, foi tomada como um motivo de problema pelos familiares e amigos dos nativos que eram brancos, tal como me relataram os parceiros brancos quando estavam longe de seu companheiro. Como vemos, há uma exigência social expressa de que haja uma homogamia total entre os parceiros de uma relação conjugal (Miskolci 2007) fato que raramente ocorre na realidade concreta. Em relação ao nível de escolaridade, podemos ver que há uma homogamia quase que total entre os parceiros. Todos iniciaram um curso superior e a maioria deles já o havia concluído quando da realização das entrevistas. A única exceção se dá no caso de Judá, que não iniciou um curso superior, enquanto seu companheiro tem dois cursos superiores concluídos.

No entanto, se não há uma total homogeneidade no que tange à diferença etária, educacional ou racial/étnica entre os sujeitos que compõem os casais, estas não são tomadas como elementos importantes para a formação da conjugalidade nos discursos dos parceiros. Ou seja, se por um lado alguns dos parceiros se diferenciam um do outro em determinados aspectos da vida como a cor/raça, ou o nível educacional, ou ainda a diferença etária/geracional, por outro lado, todos os casais enfatizam em suas relações a similaridade de posição de classe/camada social, gostos, estilo de vida e capital cultural (Bourdieu 1983). É por existir essa “homogamia social” relativa entre os casais que se torna possível analisar de modo comparativo a homoconjugalidade em países diferentes. Nesse sentido, em suas narrativas, os nativos não buscam enfatizar a diferença, ainda que ela não desapareça e que em algum momento de suas vidas tenham de lidar com ela, especialmente na relação com familiares e amigos que podem destacar para o casal a consciência de suas diferenças e, com isso, a percepção ou não do preconceito e da discriminação em relação a esta diferença. Quando a diferença que está em destaque é a

diferença etária, como relataram Damian e Ramiro, Elias e Jacó, ou David e Golias, o preconceito é em relação ao homem mais novo, que é visto como se estivesse se aproveitando da situação sócio-econômica mais estável do companheiro mais velho, mesmo quando esse não seja o caso. O mesmo acontece quando a diferença que está em evidência é a de nível educacional, como relataram Isaac e Judá; ou quando a diferenciação está marcada pela raça/etnia/cor, como relataram os nativos negros e seus companheiros.

Neste ponto, minha pesquisa se aproxima muito da pesquisa realizada por Heilborn (2004), a qual aponta para a existência de uma homogamia relativa entre casais homossexuais masculinos, que diferem dos casais homossexuais femininos especialmente por estes praticarem com “maior empenho e perfeição” a homogamia social, uma vez que, inclusive para aventuras, as entrevistadas da autora não cruzam a demarcação de classe, cor/etnia ou a exigência de capital cultural equivalente. Os dados retirados das falas dos nativos entrevistados para esta pesquisa demonstram que o essencial para a eleição de um parceiro conjugal, além do amor e da atração sexual, temas aos quais retornaremos adiante, são elementos tais como os mesmos gostos, o mesmo estilo de vida e o mesmo capital cultural, bem como a similaridade de posição de classe/camada social. Nos casos em que estes elementos estavam presentes, mas havia diferenças, os nativos relataram a existência de uma enorme pressão familiar e, por vezes, a não aceitação de sua relação conjugal por conta da diferença do parceiro.

Essa exigência social, expressa pela família e por amigos, nada mais é do que o reflexo da heteronormatividade²⁸ que, marcada por discriminações e hierarquias, não apenas define a heterossexualidade como a forma “natural” da sexualidade, mas prescreve parceiros ideais para a construção de relações conjugais baseadas em diversas formas de homogamia. Em outras palavras, determina que as relações de conjugalidade sejam sempre entre parceiros da mesma raça/etnia, mesma classe/camada social, mesmo nível educacional, mesma religião, etc. Nesse sentido, heteronormatividade vincula gênero, sexualidade, raça/etnia, camada social, como elementos inseridos e produtos de um processo histórico-social particular de normalização (Miskolci 2007, 2009). Ainda, é importante destacar, que oculta na heteronormatividade e nessa escolha de parceiros

²⁸ Por heteronormatividade podemos entender, tal como nos aponta Berlant e Walzer *apud* Miskolci (2009: 554), “[...] o conjunto de normas prescritas, mesmo que não explicitadas, que marcam toda a ordem social, e não apenas no que concerne à escolha de parceiro amoroso. Alude, também, ao conjunto de instituições, estruturas de compreensão e orientação prática que se apóiam na heterossexualidade”.

sexuais mais permanentes privilegiando a homogamia está a reprodução de filhos e de patrimônio.

Além da questão da relativa homogamia social presente entre os casais homossexuais masculinos, é importante destacar que à exceção de três dos casais entrevistados, que convivem em regime de coabitação parcial, isto é, cada um tem sua casa, mas nos finais de semana, na maioria das vezes, dormem e convivem sob o mesmo teto, na mesma casa, todos os demais casais coabitam desde o início de seu relacionamento. Destaco, também, que destes três casais acima, um deles já havia planejado a data da coabitação, enquanto os outros não tinham planos concretos de promover uma coabitação, no entanto como aponta Juan *“creo que estamos bien así pero sabemos que un día eso va pasar, es decir, eso no nos molesta ahora, no es un tema”*. Parte da bibliografia (Heilborn 2004; Bozon 2004a) aponta a “não necessidade” de coabitação do “casal moderno” como um elemento fundamental para a construção da conjugalidade, uma vez que esta pode ser considerada como um estilo de vida baseado em dependências mútuas e em um arranjo cotidiano muito mais do que doméstico. Apesar da bibliografia a análise dos dados etnográficos aponta a preferência pela coabitação entre os nativos.

Analisando as falas dos casais, pode parecer que a coabitação seja um elemento de referência para a definição de uma relação de conjugalidade, uma vez que entre os nativos quase a totalidade coabita ou têm planos de coabitar. No entanto, quando perguntei a eles se coabitação era um critério essencial para a conjugalidade, as respostas foram contraditórias e a maioria deles respondeu que é possível ter uma relação sem coabitação, mas que preferiam coabitar com seus parceiros. Além disso, muitos deles já haviam tido relações sem coabitação anteriores e todos sem exceção conhecem pessoas (homens ou mulheres) que têm relações conjugais sem coabitação, como afirmou Félix. Contudo, é uma possibilidade desejada por muitos e sempre presente. Novamente, tenho de destacar que, para o “casal moderno”, a coabitação não pode ser considerada o elemento mais importante ou central de definição do casal (Heilborn 2004; Bozon 2004a). Isso é o que demonstra também uma pesquisa realizada na parada do orgulho LGBT do Rio de Janeiro, em 2004, na qual em uma amostra de 256 entrevistados, 22,6% dos homossexuais entrevistados se declararam casados e destes apenas 21,5% coabitavam com o companheiro ou parceiro.

Quando se fala de família e de casamento, a visão “ideal” e heteronormativa que se tem é de uma união contratual entre um homem e uma mulher, que inclui a exclusividade sexual, a cooperação econômica, a coabitação e a produção de filhos. Trata-se do “modelo tradicional” de família e de conjugalidade como definido por Loyola (2003), entre outros autores supracitados, e que os nativos a todo o momento fazem referência e de que buscam fugir, construindo algo “diferente”, único e “autêntico”.

Outra discussão referente à conjugalidade diz respeito ao tempo de duração da relação homossexual masculina. O estudo de Heilborn (2004) aponta que as relações homossexuais masculinas são menos duradouras comparativamente às relações heterossexuais e de lésbicas, devido à falta de amparo social e jurídico para estas relações, mas, também, devido à presença de uma “lógica de mercado” presente no “mundo gay” fundada na busca exclusiva do prazer sexual em detrimento do relacionamento afetivo (Pollak 1987), configurando uma “gramática da devassidão” (Costa 1992). Heilborn (2004) reitera, no entanto, que essa “lógica de mercado”, apesar de disseminada, não impossibilita a criação de outros estilos de vida baseados em lógicas distintas, como apontam as narrativas biográficas dos nativos pesquisados em Buenos Aires e Brasília, na qual há uma forte valorização do vínculo afetivo e conjugal e uma forte desvalorização desta gramática da devassidão. Neste ponto, a análise desenvolvida por Pollak (idem) toma um aspecto presente no “mundo gay” e o generaliza de maneira equivocada para um universo mais amplo e diverso.

Para Pollak (1987) as relações conjugais homossexuais são instáveis e resistem mal à passagem do tempo, durando em média dois anos, com muitos ciclos de dramas, angústias e infidelidades. A relativa curta duração da união entre homossexuais masculinos é fortemente influenciada pelas regras impostas pela sociedade, centradas em uma norma heterossexual e na concomitante ausência de outros modelos de relação. Há de se destacar que o autor escreve no ano de 1987, quando a epidemia HIV/AIDS estava se “instalando”, um momento de forte recrudescimento da sociedade em relação à homossexualidade, por isso talvez o tempo da relação conjugal gay esteja subestimado. Ademais, o autor defende que se o relacionamento homossexual está baseado em uma forte ligação afetiva e cumpre certos “ritos de passagem” (namoro, noivado, casamento), este consegue alcançar uma maior solidez, aumentando a visibilidade e aceitação da relação do casal. Em outras palavras, o apoio da sociedade a

esse tipo de relação e à adoção de um modelo já consagrado de relacionamento daria maior estabilidade ao vínculo homoconjugal. É o que também afirmam autores como Mello (2005a,b), Vale de Almeida (2005, 2007) e Paiva (2007a).

Entre os nativos que entrevistei, o tempo de duração da relação variou muito, com o mais curto tendo apenas um ano e o mais longo com mais de vinte anos de convivência efetiva. Comparada com a pesquisa desenvolvida por mim em Cuiabá (Lopes 2009), a variação no tempo de duração do relacionamento se repetiu. Lá entrevistei dez casais com duração de relacionamento variando entre um e dezesseis anos. O que se verifica é que apesar do escasso suporte social, da ausência de modelos efetivos de relação, da existência de um estilo de vida baseado na “lógica de mercado” (Pollak 1987), há relações que são duradouras e que ultrapassam o tempo sugerido acima por Pollak, de dois anos como tempo médio de duração de uma relação.

Obviamente, as diferenças entre o que aponta Pollak (idem) e o que os estudos contemporâneos apresentam estão baseadas também em modificações que estão ocorrendo no “horizonte de aceitação e tolerância”, no que tange a questões como à da homossexualidade na sociedade Ocidental, seja em decorrência da aprovação de leis que buscam alcançar o reconhecimento da união conjugal, seja de leis que buscam o acesso pleno de direitos à identidade homossexual, temas estes que analisarei no próximo capítulo.

Concluindo, o importante é destacar que há uma enorme variabilidade nos tempos de duração da homoconjugalidade masculina entre os nativos que entrevistei, mas que a despeito das diferenças de tempo, todos eles apontam como elemento essencial para um relacionamento, o amor pelo parceiro. E, como veremos adiante, esse amor agrega “n” elementos. Os essenciais são definidos por eles como o respeito e o cuidado pelo parceiro, mas também a manutenção de uma identidade individual, como me disse Horacio, o casal (la pareja) é

[...] ser un par, ser dos personas y no una. Yo no creo en las parejas que se suman como uno, eso es muy hetero, muy tradicional, las parejas son dos en todo caso. Hemos conocido algunos casos que quisieron hacer parejas de tres, eso no tiene nada que ver con encuentros sexuales, pero sí que los tres tenían alianzas, los tres salían al cine, los tres tenían sexo juntos, era una cosa medio rara, pero no es nuestro caso.

Este também não foi o caso de nenhum dos demais casais que participaram da pesquisa.

Cotidiano do casal e administração da vida a dois

[...] *si yo quiero hacer una cosa, me gusta hacerla hasta terminarla y chau, listo. Él tiene su ritmo y su tiempo. Un tiempo que empieza hoy y puede terminar en tres o cuatro días. Lo cual a veces hace que choquemos.* Damian

[...] *la relación es un encuentro entre culturas donde una parte de la persona se fusiona con la otra, pero hay otra parte que no cambia, para esa parte que no cambia tiene que haber una comprensión muy profunda y es justamente esa diferencia la que es la riqueza de la relación.* Pablo

[...] *estamos juntos los dos hacemos todo. Ambos cocinamos, ambos limpiamos, ambos lavamos los platos, los dos hacemos las compras. Eso lo notamos más porque durante el año lectivo solamente nos vemos en los fines de semana, entonces mucho de eso no se nota, pero la convivencia es más normal cuando nos vamos de vacaciones 15 a 20 días ahí sí, ahí actuamos como una pareja verdaderamente en cuanto a la convivencia.* Juan

[...] *cuando no hay diálogo y hay buen sexo, hay algo que no funciona, o cuando hay buen diálogo y no hay sexo, algo tampoco funciona; si las dos cosas van bien, las otras cosas de la relación funcionan.* Horacio

[...] *a veces cocina él, a veces cocino yo, lo más habitual es que cuando vamos a mi casa o cocino yo o pago la cena en un bar cercano, y cuando vengo acá cocina él o paga la cena, y una u otra vez se ha dado de darle la sorpresa que no esperaba de yo venir acá y esperarlo con alguna comida pero después yo hice la comida y él lava los platos, así que es todo compartido.* Ariel

[...] *también el tema de lo que es la parte de jardinería, en la terraza, él se dedica a todo lo que es jardinería, huerta, le gusta mucho y lo hace como una cosa que disfruta. Yo puedo colaborar, lo sé, pero eso no pasa. Y en la cocina también pasa lo mismo, él es el especialista pero yo también cocino, algunas veces, pero a él le gusta más la cocina.* Esteban

Yo lo amo muchísimo, lo quiero, pero a veces reconozco que tiene un carácter bastante jodido, porque a veces es poco tolerante, a veces tiene un carácter que es un poco ácido y duro. Alejandro

[...] *se fueron dando solas las divisiones de tareas.* Rolando

[...] *entre os héteros há uma divisão entre provedor e provido, entre chefe de família e membros.* Golias

Na nossa relação, a gente volta e meia conversa a respeito de como está indo nosso vínculo afetivo, sobre como nós estamos indo, como está nossa afetividade e se está satisfatório para os dois. [...] ele é mais organizado com nossas coisas, possivelmente coisa da educação e da maturidade dele, mas fazemos todas as coisas, ele arruma e eu arrumo nossas coisas, eu lavo mais roupa do que ele, ele não lida muito bem com isso, mas ele lava mais louças do que eu, não há uma divisão não. Jacó

[...] companheirismo, fidelidade, cuidado mútuo, a amizade, muitas vezes o que você não resolve nos problemas do dia-a-dia, com uma boa conversa você acaba resolvendo. A gente conversa muito, eu sempre chego e digo do que eu gostei ou não gostei e ele faz o mesmo, não é aquela coisa de cada um com seus problemas, sempre resolvemos juntos os problemas, vamos sentar e vamos decidir juntos o que é melhor para nós. Os dois já mudaram muito por causa de conversas que tiveram, aí entra em questão o se doar para a relação, é muito bonito dizer que viver um relacionamento é lindo, é maravilhoso, mas se você não tem doação, se você não tem reciprocidade, fica faltando muita coisa. Simeão

Simeão é mais preocupado com a organização e limpeza da casa e geralmente fica com essas tarefas, apesar de termos uma pessoa que vem semanalmente fazer a limpeza da casa. Saul

[...] nas tarefas domésticas a divisão é, e sempre foi, por afinidade: eu cuido da cozinha e Judá da limpeza da casa e das roupas. A gente foi dividindo assim, com o passar do tempo, desde que a gente passou a viver juntos. Isaac

Em uma discussão sobre homoconjugalidade, não poderia faltar uma análise mais detida da elaboração da vida cotidiana do casal e da administração da vida a dois, objetivo deste tópico da tese. Nele, trago uma reflexão mais aprofundada de elementos que envolvem a organização da vida a dois e que dão sentido à idéia de unidade do casal, temas que se relacionam diretamente com disposições de poder na díade relativos a questões tais como: os aspectos decisórios (Quem? Quando? E como toma a decisão?); as relações financeiras (Quem entra com o dinheiro? Como é feita a divisão orçamentária?); e a divisão de tarefas na casa e na relação (Quem organiza a casa? Quem lava e passa as roupas? Quem cuida da alimentação?).

No que tange aos aspectos decisórios é interessante notar que a totalidade dos nativos afirma que toda decisão que envolva o casal é tomada em conjunto, por meio de diálogos e conversas que para muitos deles são elementos essenciais de qualquer

relacionamento conjugal. Há uma ênfase, no discurso dos nativos, na busca por igualdade nas tarefas e na parceria. Apesar disso, podem ocorrer distinções na divisão de tarefas/decisões entre os pares. Elas são influenciadas mais pela diferença de personalidade entre os parceiros do que pela existência de diferentes papéis de gênero. Tal como afirmou Pablo, as pessoas têm personalidades distintas e tendências de comportamento que trazem do trabalho e acabam reproduzindo em sua vida privada. Em suas palavras,

[...] yo por lo general tiendo en la relación a ser el que toma la iniciativa en todo. Creo que hay un pequeño predominio de eso en la relación, pero trato de no hacerlo. Creo que por mi trabajo estoy siempre por decidir, por elegir, y no quiero repetir en la pareja esa estructura, quizás porque no hay ninguna diferencia de género como para poder crear una diferencia sobre eso. Tratamos de hacerlo igual, no lo sé si el resultado es óptimo, pero tratamos de que el resultado sea parejo.

Essa busca por igualdade dentro da relação é sempre assunto de conversas entre os parceiros. Trata-se de um arranjo sempre instável, sempre em vias de se concretizar e que nunca é organizado da mesma maneira pelos parceiros de diferentes relacionamentos. Às vezes, um deles acaba se colocando como sujeito mais ativo para decidir assuntos que dizem respeito ao casal, inclusive decidindo se adaptar ao outro e deixar que este outro assuma o papel mais decisório, como no caso de Damian que afirmou haver grande igualdade entre ele e seu companheiro. Essa igualdade, no entanto, não impede que ele abra mão de seus pontos de vista e muitas vezes se adapte ao companheiro com o intuito de não provocar brigas; com isso acaba cedendo em coisas que não são tão relevantes, “*yo que soy el más grande, trato dentro de lo posible de adaptarme más. Tal vez porque toda mi vida fue una gran adaptación a medios adversos, a partir de la elección sexual*”.

A adaptação de um ao outro é ressaltada nas narrativas de todos os nativos através da figura do diálogo, do respeito e da compreensão. Todos reiteradamente usam alguma ou todas essas figuras para reforçar a idéia de que existe uma divisão entre o individual e o casal, entre o espaço de cada um e o espaço do casal. Essa dualidade em muitos momentos provoca discussões, brigas e, em último caso, rupturas na conjugalidade. Para sanar esses problemas e poder efetuar uma divisão pautada na igualdade, apanágio da relação homoconjugal, o diálogo é figura essencial, permitindo a

criação e o fortalecimento de uma intimidade pautada no respeito entre os parceiros. Assim, uma relação de conjugalidade para os nativos tem de ter alguns elementos, como afirmou Elias,

[...] primeiro tem de sentir que há realmente um gostar, tem de ultrapassar a fase do fogo do sexo que é a fase inicial, ou seja, amor. Tem de ter verdade, uma dose expressiva de verdade. O que não for verdade você tem de ter a disposição de ir tirando do oculto na medida em que for possível. Eu acho que a aceitação de si e do outro tem de estar incluída aí, incluída obviamente pelo diálogo. E no mais, a tolerância com o outro e com seus defeitos através de muita paciência. Eu acho que esses são os elementos essenciais.

Por conseguinte, no que tange a aspectos decisórios, todos os casais afirmaram que qualquer tipo escolha ou decisão que vá afetar ou diga respeito ao casal tem de ser tomada em conjunto com o parceiro. Há no discurso uma busca por total equanimidade, representada pelo esforço de respeitar a relação e o parceiro, que na maioria das vezes se traduz na priorização da conjugalidade e do parceiro sobre as relações tecidas com as redes de sociabilidade e com as famílias de origem. Como afirma Heilborn (2004: 120, 135), a relação de conjugalidade se caracteriza por ser mais densa se comparada à relação de amizade ou de parentalidade, pois ela possui um “*caráter mais intenso e íntimo das trocas*” que permite ao casal “*encerrar uma realidade supraindividual*”.

No entanto, às vezes, há “problemas de comunicação” entre os parceiros, o que na prática significa o rompimento dos acordos pré-estabelecidos pelo diálogo em consequência de decisões tomadas unilateralmente por um dos membros do casal. Na maioria das vezes, tais decisões envolvem “*algunos secretos pequeños*”, como apontou Gerardo ao falar de relações sexuais extraconjugais. Quando e se essas quebras de acordo forem descobertas, estabelecem-se crises que se não forem sanadas pelo diálogo, pela compreensão, pela paciência e pela construção de um novo acordo, ocorre o afastamento dos parceiros, o que pode acarretar o rompimento definitivo da relação de homoconjugalidade. Nas narrativas de Ernesto e Esteban, David e Golias, Juan e Pablo, há descrição de momentos de afastamento físico dos parceiros, que representam momentos de crise da relação, seguidos por momentos de reaproximação entre eles em razão do “diálogo honesto” e uma posterior reconstrução do relacionamento homoconjugal em outros termos, mas sempre prezando pela individualidade e o respeito pelo parceiro.

Em relação à divisão das tarefas na casa e na relação, há uma busca nos discursos por reforçar a imagem de uma igualdade total na relação de conjugalidade com seu parceiro. Por isso, nas narrativas, há uma preocupação constante em demonstrar que as tarefas sempre são divididas equitativamente entre eles. E, como afirma Félix, ao relatar que a divisão de tarefas entre eles nunca aconteceu de fato, já que ambos fazem tudo juntos, mesmo morando em casas separadas:

En eso es un poco monótona la relación, porque a Ariel le gusta ir al lavadero a lavar la ropa y a mí me gusta ir al lavadero a lavar la ropa, a Ariel le gusta ir al mercado a hacer las compras y a mí me gusta ir al mercado a hacer las compras, y nos pasa que a veces yo salgo del trabajo, el salió del trabajo y el llegó con mercaderías y yo llegué con mercaderías; lo compramos los dos igual, pero son cosas que nos gustan a los dos, ahora algo que nos diferencia es que en el tema de cambiar la bombita de la luz u otra cosa así lo hago yo, Ariel no lo hace.

Isso se repete também nas narrativas de Juan e Pablo, Horacio e Hernan, Andrés e Patricio, Salomão e Abraão, Elias e Jacó, sempre lembrando que os casais Juan e Pablo, e Elias e Jacó, não coabitam e, por isso, quando estão juntos procuram fazer as tarefas de casa juntos para poder compartilhar da companhia do outro. Além disso, destaco que todos os casais supracitados que coabitam têm uma faxineira para realizar a maior parte das atividades da casa, sendo que eles só se preocupam com o preparo da alimentação, coisa que fazem conjuntamente. De modo contrário, há uma clara divisão de tarefas entre eles, que busca respeitar as preferências dos parceiros. Elas são realizadas individualmente e sempre têm como parâmetro a idéia de igualdade com o objetivo de não sobrecarregar o companheiro. Isso ocorre nas narrativas de Ernesto e Esteban, Damian e Ramiro, Rolando e Alejandro, Miguel e Gerardo, David e Golias, Simeão e Saul, Isaac e Judá. Nesses casais, há uma divisão de tarefas estabelecida com base no diálogo, no respeito pelas preferências e gostos individuais, de tal modo que às vezes dispensam o auxílio de uma faxineira, casos de Rolando e Alejandro, e Miguel e Gerardo.

Apesar de haver uma divisão clara das atividades entre eles, não há nada parecido à divisão entre os papéis de provedor-provido. Pelo contrário, em todos os casais, ambos exercem atividades profissionais e possuem certa independência financeira. Portanto, não incorporam a divisão de tarefas fruto dos arranjos de gênero, observado muitas vezes em casais heterossexuais (Heilborn 2004). A principal atividade

dos nativos realizada sem seus companheiros e, que ocupam a maior parte de suas rotinas diárias, são os afazeres derivados de seus papéis no mundo do trabalho. A única exceção se dá no caso do casal Damian e Ramiro, pois o primeiro, por ter se aposentado, passou a assumir uma maior parte das tarefas de casa para ocupar seu tempo livre, no entanto ambos não abrem mão da idéia de igualdade e de uma divisão de tarefas entre eles.

Essa divisão das atividades domésticas acontece sempre de maneira negociada, com os nativos dialogando muito no cotidiano sobre suas preferências, gostos e habilidades no que tange à vida doméstica. Destarte, o diálogo ocupa grande parte do relacionamento, especialmente no início do contato, com a maioria dos casais apresentando a negociação entre eles como um processo que se deu naturalmente de acordo com o desenrolar do relacionamento, da convivência cotidiana e da percepção dos gostos do parceiro, isto é, sem qualquer tipo de relação de imposição de um parceiro sobre o outro. Como afirma Rolando, naturalmente a divisão foi acontecendo, “*se fueron dando solas las divisiones de tareas*”. Eles, como a maioria, nunca se preocuparam muito com o processo de negociação, mas sim com o resultado dele, isto é, o foco estava sempre na busca por uma divisão equitativa e justa. Ou como aponta Abraão,

[...] sempre fazemos as coisas juntos, não tem uma divisão muito marcada, por exemplo, na cozinha tem essa divisão, ele cozinha e eu lavo a louça, porque ele tem mais jeito com o fogão. Eu até gosto de cozinhar, mas como ele tem mais jeito, mais experiência com fogão, ele acaba cozinhando mais e eu lavo a louça, acho que só essa divisão mesmo. Mas mesmo ele cozinhando, sempre fazemos juntos, eu acabo dando palpite quando ele está fazendo algo novo e no final sempre vamos trocando figurinhas.

Essa divisão dos afazeres domésticos é sempre feita levando-se em consideração a idéia de justiça e consideração pelo companheiro. Deste modo, se um dos parceiros tem um trabalho que ocupa mais tempo que o outro, se um deles está aposentado, ou ainda se um deles trabalha em casa, pelo diálogo há um acerto na divisão das tarefas domésticas para que nenhum deles fique sobrecarregado e possa auxiliar ao outro. Nas narrativas dos entrevistados, valores como cumplicidade, companheirismo e solidariedade estão presentes constantemente e promovem a precedência do laço conjugal com respeito às demais relações e às tarefas cotidianas e rotineiras

estabelecidas através do convívio conjugal. Apesar do discurso parecer bastante próximo do ideal de igualdade, as negociações por vezes podem redundar em conflitos como os relatados por David que se sente constantemente incomodado com a falta de proatividade de Golias no auxílio e na organização da casa, tal conflito inclusive redundou na contratação de uma empregada; o mesmo se repetiu com os casais Damian/Ramiro, Horacio/Hernan, Ernesto/Esteban e Miguel/Gerardo; ou, ainda, na falta de organização de Jacó, reiteradamente considerada mote de discussões com Elias e sua família.

No que tange às relações financeiras entre os parceiros, excetuando-se os casais Juan e Pablo, Félix e Jacó e Elias e Jacó, todos os outros casais construíram sua relação com a integração total de suas vidas, incluindo aí a parte financeira, tal como relatou Ernesto *“No hay división, lo que hay es una completa integración, a veces no sabemos dónde empieza la sociedad y dónde empieza la relación, dónde empieza una y dónde empieza la otra”*. Como afirmaram, Andrés *“Nuestras economías están integradas, nuestra distribución de tareas es integrada y así nos vamos moviendo por la vida”*; Alejandro, *“Las cuentas, el dinero es todo uno o sea no hay dinero del tipo ése es tuyo y ése es mío, es todo una sola cosa. Tenemos el dinero todo en un solo lugar, las cosas que hemos comprado están a nombre de los dos, el departamento está a nombre de los dos, el auto está a nombre de los dos”*; e vários outros casais. É interessante perceber que entre os casais citados anteriormente, que não efetuaram a integração de suas economias, não há coabitação. De modo contrário, nos casais onde há coabitação, há uma integração das economias.

Em acréscimo, há uma preocupação por parte de alguns dos entrevistados com os bens patrimoniais, que se configuram como bens resultantes da associação dos ganhos do casal. E, sempre que possível, estes elaboram contratos de compra conjunta de bens imóveis, ou divisão dos bens móveis e imóveis de maneira equânime entre eles. Um exemplo dessa preocupação apareceu na narrativa de Hernan: em suas palavras, *“Lo único que queremos es hacer una escrituración de usufructo mutuo para que si uno de los dos falta, que nuestra respectiva parte espere para llevar, porque la casa es grande, es cara y ninguno de los dos vas a estar en condiciones de comprar la otra parte”*. Aparece também na narrativa de Simeão quando fala das precauções legais que tomou com seu companheiro para garantir o direito de ambos:

Nessa relação financeira ou de bens, se preferir, por ora teremos de usar o artifício do contrato, pois não há legislação para garantir nossos direitos. Cabe a nós garantir e resolver esses problemas, enquanto ainda vivos ou bem de saúde, da melhor maneira possível, e a que encontramos até o momento é essa, até porque Saul tem duas filhas que têm direito sobre os bens e eu não quero ter de brigar com elas por conta de dinheiro.

Retomando a questão da integração financeira do casal, percebi que ela se dá de duas maneiras basicamente; alguns dos casais efetuam o pagamento de suas contas de maneira dividida (um paga a conta de luz e o outro a de telefone, por exemplo), já outros de maneira conjunta (ambos depositam na mesma conta bancária seus salários no início do mês e pagam as contas, por exemplo), mas o que prevalece é a busca pela manutenção de uma igualdade entre os parceiros que leva em conta especialmente as idéias de justiça e equivalência, e não uma divisão matemática das contas. Em outras palavras, ao efetuarem a divisão das contas do casal, elementos como as diferenças de salários entre os parceiros e as obrigações adquiridas progressivamente com filhos, esposas e pais, são tomados como elementos que determinam uma maior ou menor participação de um dos parceiros no pagamento das contas do casal.

Todavia, apesar da integração de suas vidas, há uma “relativa” independência financeira dos parceiros que é construída, baseada no pertencimento deles ao mundo do trabalho e em um arranjo de despesas elaborado através do diálogo e da compreensão mútua que busca minimizar as “relações de poder” (Foucault 2001a) que poderiam surgir da não homogamia financeira. Os conflitos resultantes de uma possível divisão não equalitária das despesas são sempre resolvidos, quando e se surgirem, através do diálogo e da construção de um novo acordo contábil entre os parceiros.

Finalizando, é essencial destacar que apesar dos nativos reiteradamente ressaltarem, em suas falas, a importância da construção de um espaço para a individualidade dentro da relação de conjugalidade, simultaneamente ocorre em suas vidas cotidianas a construção de um espaço que é do casal, do par. Há independência e interdependência. A primeira marca o espaço pessoal, os gostos, desejos e atividades realizadas individualmente. Trata-se de um espaço único de expressão da personalidade e subjetividade e que é construído tendo como base a história de cada sujeito, como por exemplo, o espaço do trabalho. A segunda está marcada como espaço para a integração

do casal, para a divisão de tarefas, para compartilhar a vida e o cotidiano, para exercer a compreensão, o diálogo, a verdade e o respeito mútuos. Trata-se de um momento no qual ocorre a fusão dos dois em um casal e que é construído tendo como base a história conjunta dos dois sujeitos e sentimentos como o amor e a afetividade. Somente partindo desse duplo engajamento, desse exercício de separação e integração, de fusão e individuação é que é possível interpretar como são construídas as narrativas dos sujeitos e das homoconjugualidades.

Amor e afecto

[amar] es querer con el alma. Ramiro

[...] yo creo que es el sentimiento que permite que dos se transformen, hablamos de amor de pareja, que dos personas se abandonen un poco a sí mismas en beneficio del otro. Es decir, sin llegar a perder su personalidad puedan restringir muchos de sus egoísmos, o de sus egocentrismos, para que la otra persona se sienta bien. Eso con muchísimo afecto, de modo que sea dado de corazón y sin pedir nada a cambio. Damian

[...] es algo que no se puede racionalizar, es algo que se siente, que abre toda una perspectiva para la persona, es algo que crea la necesidad de trascender de uno mismo para el otro y para el futuro. Creo que fundamentalmente es algo que hace plena a la persona, que vuelve plena a la persona que vive el amor, ésa es una persona mucho más valiosa, mucho más generosa, más comprensiva, más capaz de relacionarse. Pablo

La pareja ideal es aquella en que el vínculo, el elemento que los une, es el amor correspondido. Que el uno ama al otro y el otro ama al uno y eso no siempre se da. Yo creo que es algo que muy poca gente encuentra. Hay gente que está dispuesta a amar y entrega todo y no recibe suficiente o no recibe el todo del otro y, bueno, son parejas que andan medio dispares y andan, y a su modo se entienden, y a su modo funcionan. Sería el ideal que todo mundo pudiera tener una pareja con amor correspondido pero no es lo que pasa siempre. Hernan

[...] incluso después de siete años seguimos preocupándonos por el otro, por cómo lleva el trabajo, uno llama al otro; nosotros nos llamamos dos o tres veces por día porque no coincidimos con el horario del trabajo. Nos llamamos dos o tres veces para saber cómo estamos, cómo llegamos, cómo lo estamos pasando, cómo nos fue en la terapia. Horacio

El amor es un sentimiento que se despierta por determinada persona cuando vas conociéndola y vas viendo que tiene por ahí determinados puntos en común con vos y por ahí tiene otros puntos que son totalmente opuestos pero que también te atraen justamente por ser opuestos. El amor es lo que sentís por una persona así, con la que podés tener cosas en común o cosas muy diferentes pero asimismo hay un acercamiento y podés tener una relación. Ariel

[amor é] algo que genera la energía para lo demás. Patricio

[...] proyectarse en todos sus sentidos en la otra persona. Es alguien a tu lado con el que querés compartir toda tu vida, desde las cosas

lindas que incluyen sexo, cariños y todo lo que sea, hasta los momentos malos cuando uno está enfermo, con fiebre y necesita que le traigan una taza de té caliente a la cama. Creo que es ahí donde se ve realmente el amor. Alejandro

[...] lo que es importante es lo que está adentro, en el corazón, en lo que uno siente por el otro. El amor se maneja con esto [o coração] y no con esto de abajo [o genital]. Rolando

Rolando es o ha sido muy celoso, no porque yo le diera motivo. No soy un santo, pero es muy celoso, tenía celos hasta de mi mamá. Mi mamá y mi papá son muy cariñosos conmigo, de abrazarme, de darme besos, de tocarme cuando están cerca de mí, de hacerme cosquillas. Mi papá es un hombre grande, tiene 71 años, pero cuando viene me abraza, a veces nos tiramos al piso para jugar y lo seguimos haciendo hoy y mi mamá también, y Rolando tenía muchos celos de eso porque creo no lo vivió con sus padres. Era celoso de eso, entonces te imaginás de lo restante, en general soy muy paciente, muy tolerante. Alejandro

Amor es una unión común que no tiene que ver con la relación de fidelidad en cuanto a lo sexual, de tener otro amante u otro conocido. El amor presupone la libertad, tiene que ser libre, no te puede limitar, no hay nada escondido, no hay temores, no hay celos, no hay engaño, no hay necesidad de engañar el outro. Miguel

[amar é] estar junto, ser companheiro, é carinho, é sentir falta, é estar próximo, é compartilhar, e é uma coisa espontânea. Abraão

[...] não é só achar o sorriso bonito quando está tudo bem, mas quando a pessoa está brigando com você, te censurando porque quer que você cresça, porque quer cuidar de você. O amor é uma fusão de várias coisas, eu vejo amor no companheirismo que construímos, eu vejo amor na nossa amizade, eu vejo amor quando fazemos sexo, eu vejo amor no estar com ele, naquilo que ele me complementa, naquilo que ele traz para mim, naquilo que ele está disposto a me ajudar e inclusive quando ele está disposto a brigar comigo e a me censurar, o amor está presente no contexto de todos esses sentimentos. Simeão

Compartilhar todos os momentos bons e ruins com a pessoa que te completa e te fortalece. [...] ele é um pouco ciumento, isso para não dizer muito ciumento. Quando uso algum short curto, ou quando alguém me olha, ele não se controla, eu já não tenho ciúmes. Isaac

[...] antes de conhecer o Isaac não aceitava muito minha homossexualidade, depois ele me mostrou que pode existir amor entre dois homens. Judá

Durante o desenvolvimento do trabalho de campo, nas conversas e entrevistas realizadas com os nativos, o amor era um dos principais elementos utilizados por eles para definir sua relação de conjugalidade. No entanto, quando questionados por mim sobre o significado do amor, a primeira reação geralmente era de espanto com a pergunta, seguiam-se alguns minutos de silêncio no qual havia a busca por uma definição mais acabada e, quando o incômodo com a pergunta cessava, emergiam diversos significados associados ao amor. Nesse momento do texto acho importante desenvolver uma análise mais detida sobre essas definições e significados associados ao amor e à afetividade, trazendo suas implicações para a construção da união entre meus nativos.

Nas narrativas de meus nativos, amor nunca está associado a apenas uma idéia, tampouco pode ser reduzido a apenas um significado, pelo contrário, amor é um sentimento complexo que envolve “n” elementos que juntos configuram e diferenciam o amor conjugal de outros “tipos” de amores, como o filial, o paternal e o maternal. Elias é um entre os nativos que busca definir o amor partindo não apenas da presença do sentimento, mas também da necessidade da doação ao outro, em suas palavras,

[...] eu considero que o amor é composto de elementos, então acho que existe nele a questão de uma ternura muito presente, muito profunda. Acredito que um olhar de admiração pelo outro, admirar o outro pelo que ele é, pela expressão dele. Tem de haver também uma atenção, não sei se constante, mas uma atenção ao outro, aos movimentos do outro. E, uma busca, um trabalho pessoal de acolhida ao outro em sua vida e em seu coração, e isso tem de ser um trabalho mútuo.

Nessa fala de Elias há uma ênfase na idéia de trabalho mútuo do casal tentando transcender a individualismos, deixando de lado egoísmos e se transformando em uma pessoa “generosa” por meio da compreensão do outro, do compartilhar com o outro e do diálogo sincero. A fala nativa destaca o esforço conjunto para a construção do amor e do relacionamento, ressaltando que o amor não é um sentimento avassalador que toma o sujeito, submetendo-o e controlando-o. Não pode ser tomado como um “*atontamiento*”, uma paixão adolescente. De acordo com Patrício, esse sentimento é transitório e não se mantém para sempre. Amor para os nativos vai se modificando com o passar do tempo. Nas falas de Ernesto essa mudança dos significados associados ao amor ganha destaque. Em suas palavras,

No me pongo a pensar mucho en eso y tampoco digo 'te amo', o pienso 'qué enamorado estoy de mi pareja'. A veces tengo un instante que digo 'qué fuerte que es esto, qué bueno' y siento que eso es amor, algo que no tiene que ver con sexo. Bueno, en principio sí quizá fuera más sexual, era eso de disfrutar más de estar enamorado de alguien, y cojer, y experimentar más todavía. Ahora es distinto, es como un atardecer, es como disfrutar de un domingo a la tarde. Es tranquilo, es hermoso, está bueno. En la verdad, el amor de pareja es raro, es distinto siempre. Era distinto al principio y es distinto ahora, o sea en principio es distinto de lo que siento ahora. Pero antes y ahora hay amor, lo siento. Al principio era más cercano de la pasión, ahora es estar con alguien con quien tenés una historia, una vida.

A maioria dos nativos assinalam a modificação e o fortalecimento desse sentimento com o passar do tempo da relação. Adicionalmente, as falas nativas destacam que o amor é um sentimento que provoca uma transformação nos sujeitos, que se tornam mais solidários e menos individualistas. Pablo, em sua fala ressalta que o amor

[...] es algo que no se puede racionalizar, es algo que se siente, que abre toda una perspectiva para la persona, es algo que crea la necesidad de trascender de uno mismo para el otro y para el futuro. Creo que fundamentalmente es algo que hace plena a la persona, que vuelve plena a la persona que vive el amor, ésa es una persona mucho más valiosa, mucho más generosa, más comprensiva, más capaz de relacionarse.

Nos discursos nativos vemos uma aproximação à concepção de amor romântico, tal como definida por Vaitsman (1994) e Giddens (1998), entre outros autores, que começou a emergir nas sociedades ocidentais no final do século XVIII ganhando força no século XIX e XX, que tinha como mote a idéia de que a vida amorosa dos sujeitos não deveria ser governada por poder algum alheio ou externo ao sujeito, sendo determinado tão somente de acordo com seus próprios sentimentos e valores. Além disso, se assentava na construção de um relacionamento amoroso que visava a construção de uma vida compartilhada com base no amor recíproco representado pelo casamento. Até esse momento, o casamento era marcado por uma relação de companheirismo que traz muitas características da amizade e não do amor apaixonado, era visto como uma oportunidade para que fossem fortalecidos laços familiares e de amizade. E, era definido como sendo um contrato social que possibilitava a manutenção do status e a transmissão do patrimônio, que em geral eram adiantados ao genro pelos

pais da noiva no momento do casamento. A incorporação do amor no casamento foi obra de lenta maturação ocorrida durante o século XVIII e que atingiu o auge no século XIX.

No entanto, a despeito do casamento heterossexual ter se constituído em um valor central para as sociedades ocidentais não podemos “cair na tentação” de reduzir todo o conjunto de relações afetivo-sexuais ocorridas na sociedade ao casamento. Como apontam Nazzari (2001), Falci (2004), Soihet (2004), entre outras, o casamento no Brasil nas últimas décadas do século XIX estava concentrado nos segmentos sociais das mulheres de elite e não nos das mulheres pobres que em sua maioria viviam relações consensuais de conjugalidade ou chefiavam inúmeras famílias. Tal fenômeno se acentua no final do século XX no Brasil com alterações que modificam a configuração “tradicional” da família centrada na idéia de um casal heterossexual com filhos. Goldani (1994), Coleta Oliveira (1996), Berquó (1998), Ribeiro et al (2002) apontam, entre essas mudanças, um aumento do número de unidades domésticas unipessoais; um aumento do número de famílias monoparentais; um aumento do número de famílias chefiadas por mulheres; um aumento de famílias conjugais originadas em segundas núpcias, de um ou de ambos os cônjuges, e a proporção de famílias recompostas, com a presença de filhos de uniões anteriores. Essas autoras apontam também uma queda no tamanho médio das famílias; um aumento do número de uniões conjugais sem vínculos legais; e um aumento de separações e divórcios.

Retomando, simultaneamente, há um afastamento das relações homoconjugais pesquisadas deste modelo de amor romântico, pois ele está assentado em três elementos: o matrimônio, religioso, em um primeiro momento, e civil, posteriormente, como instituição fundamental da sociedade; uma divisão de trabalho entre os sexos/gêneros, com a mulher se tornando responsável pelo cuidado do lar e da prole, e o homem, responsável pelo trabalho que geraria riqueza para a sobrevivência da família, respectivamente a divisão privado e público, casa e rua; e, a solicitação implícita de durabilidade (quicá de “eternidade”), visto que a relação se baseia na convicção de que duas pessoas são “feitas” uma para a outra de tal modo que amor e desejo sexual convergem para o mesmo objeto (Vaitsman 1994; Giddens 1998). Entre os casais entrevistados, não há distinções de gênero ou de papéis de gênero, não há solicitação implícita de durabilidade e complementaridade pautada no ideal da “alma gêmea”, tampouco há a instituição do matrimônio (apesar da busca pela extensão desse instituto

para casais homossexuais entre os nativos argentinos como veremos no capítulo seguinte).

Como podemos ver presentes nas falas dos nativos brasileiros e argentinos, o relacionamento conjugal entre eles se assenta no estabelecimento de laços e relações pautados no amor e na construção de uma vida compartilhada a partir dele, que aproxima-se ao que Giddens (1998: 37) define como um relacionamento puro, isto é,

[...] una situación en la que una relación social se establece por iniciativa propia, asumiendo lo que se puede derivar para cada persona de una asociación sostenida con otra y que se prosigue sólo en la medida en que se juzga por ambas partes que ésta asociación produce la suficiente satisfacción para cada individuo.

Neste universo de “pesquisados”, podemos falar em “amor confluyente”, um tipo de amor surgido na modernidade que implica na igualdade entre os sexos, no dar e receber emocional, no prazer sexual recíproco, não sendo necessariamente monógamo e podendo incluir casais não heterossexuais (idem). Nas falas dos nativos entrevistados, todos estes elementos aparecem, havendo forte ênfase nas idéias de reciprocidade emocional, igualdade entre os parceiros e prazer sexual compartilhado que leva os integrantes do casal a alcançar a felicidade, a “plenitude”. Destarte, com estes elementos, há o consenso de que o principal elemento presente para a construção de uma relação conjugal é o amor entre os parceiros que, apesar de ter um momento inicial marcado pela “paixão”, não se resume a ele. Esse amor os leva a um caminho percorrido que parte do “apego total”, passa pela necessidade de diferenciação e alcança um momento “mais tranquilo”, tal como apontam as falas dos nativos e afirma Heilborn (2004) em seu estudo sobre casais hetero e homocorporais de classe média no Rio de Janeiro.

Desse modo, os nativos em suas falas apontam a não identificação do amor com a paixão e buscam sempre que possível se afastar de qualquer modelo pronto de conjugalidade. Com isso, constroem um espaço de diálogo e compartilhamento de emoções e experiências que caracteriza a união e pode ser intitulada como “intimidade”. Esta não pode ser confundida com ser absorvido pelo outro, mas, tão somente, em conhecer as características dele. Isso implica em um paradoxo, segundo Giddens (idem: 59), pois *“abrirse al otro, paradójicamente, requiere establecer límites personales, porque se trata de un fenómeno comunicativo. También requiere sensibilidad y tacto,*

ya que no equivale en absoluto a vivir sin privacidad.” Estes limites são levantados e derrubados levando-se em consideração o tempo de relação, o diálogo e a confiança desenvolvidas durante o relacionamento. Assim, esta intimidade pode ser experimentada como um profundo *“proceso de proximidade emocional e conocimiento entre os parceiros”* (Heilborn 2004: 152).

Adicionalmente, aparece constantemente nas falas nativas a importância dada à questão do cuidado com o outro. Todos afirmam que o amor em uma relação conjugal não aparece apenas quando o relacionamento tem momentos bons, sem problemas ou conflitos. Pelo contrário, o amor está presente também *“nos momentos malos”, “quando ele está disposto a brigar comigo e a me censurar”*. É importante esclarecer que nas entrevistas a análise dos conflitos resultantes de problemas cotidianos desaparecem a ênfase está sempre na resolução destes problemas. Nas conversas tidas sem a presença do gravador há a apresentação e análise dos conflitos cotidianos das relações conjugais de *“maneira minorada”*. Em outras palavras, há o relato de algumas situações de divergência de opiniões entre eles, mas sempre são apresentadas como eventos que já foram solucionados por eles através do diálogo e tendo o amor como motivador essencial para a conciliação e a reestruturação da relação em novos termos. Nesse sentido, há nas falas dos nativos, ao buscarem definir o amor, uma *“ética do cuidado”* (Hennen 2005), assentada em uma preocupação com as necessidades e os sentimentos dos parceiros, bem como em um cuidado constante com a maneira como a construção dos relacionamentos está ocorrendo, *“a gente volta e meia conversa a respeito de como está indo nosso vínculo afetivo, sobre como nós estamos indo, como está nossa afetividade e se está satisfatório para os dois”*.

As *“conversas”*, o *“diálogo”*, o *“compartilhar tudo”* está fortemente presente nos discursos nativos e constituem um elemento essencial para expressão dessa preocupação e cuidado com o parceiro e com o relacionamento. Mas, estas se expressam também de outras maneiras, nas constantes chamadas telefônicas para o outro que está trabalhando ou está longe, nos carinhos quando estão próximos, nos cuidados quando este está doente, em jantares ou presentes surpresa, na expressão dos ciúmes pelo parceiro. No que tange aos ciúmes, somente Patricio, Alejandro e Isaac afirmaram não possuírem tal sentimento pelo companheiro. Todos os outros nativos assinalaram que em momentos e situações diferentes da relação entre eles acabaram sentindo ciúmes de seu companheiro. Mais que isso, os nativos destacaram, nas conversas que tivemos, que este

sentimento apareceu expresso seja na “censura” à roupa utilizada, seja no “cuidado” aos olhares de/para outros, seja na “recriminação” ao relacionamento com alguns amigos/amantes, seja quando “abriram o relacionamento”, ou ainda, quando descobriram que seu companheiro havia tido uma relação “às escondidas” com um outro homem. No entanto, após algumas conversas com seus parceiros este sentimento acabou sumindo, apesar de estar sempre a espreita e poder emergir novamente em outras relações estabelecidas com outros homens. Neste sentido, as expressões “cuidado com o parceiro”, “cuidado com a relação”, “compartilhar tudo” pode significar, muitas vezes, uma outra forma de exprimir o ciúmes do parceiro, só que desta vez de maneira menos enfática e mais controlada. Este também pode ser expresso em diferentes atitudes em relação ao companheiro, tais como, a censura ao uso de determinado tipo de roupa; a proibição da frequência de determinado tipo de local como sauna ou “locais de pegação” como parques e cinemas pornôis; o estabelecimento de alguns tabus nas relações sexuais com terceiros.

Outra questão que aparece constantemente nas falas dos nativos é a necessidade desse sentimento amoroso ser construído com base em um desprendimento de si mesmo para o outro, sem cobranças ou egoísmos. Para os nativos deve haver um imperativo de liberdade, na relação conjugal erigida, que se expressa “na capacidade de entrega sem cobranças”, na necessária “restrição de seus egocentrismos em favor de um relacionamento”, na “não limitação e na liberdade de agir sem ter de mentir ou enganar” e na “espontaneidade no agir”. Com isso, o ciúme não pode ser considerado um elemento positivo no relacionamento, pois, constrange e limita o campo de ação do sujeito. Já “a generosidade”, “a compreensão”, “a ternura”, “a sinceridade”, “a confiança”, “o compromisso”, “a dedicação”, permitem a construção de “projetos em comum”, que possibilitam a eles vislumbrar “um futuro juntos”. Trata-se, portanto, de um “gostar com a alma”, de um envolvimento “quase espiritual” que pode ser expresso na “materialidade do corpo” através do sexo, “do carinho” e “do cuidado com o outro”. Neste sentido, o amor, tal como afirmaram os nativos, deve ser compreendido como o sentimento essencial que unifica o casal, sendo composto de todos estes elementos.

Por fim, nesta análise, diferentemente de Costa (1992), os “casais homoeróticos” não podem ser encarados como o “outro do ideal conjugal”, encarnando a “gramática da devassidão”, e que tem como elemento referente e parâmetro ideal a vida amorosa e familiar da relação heterossexual. Apesar da construção da homoconjugalidade trazer

elementos, referências e linguagens que foram originariamente pensados de modo associado a “casais heteroeróticos”, estes não são “usurpadores” ou “impostores” que utilizam um vocabulário “que não é o seu” para falar de amor. Trata-se, pelo contrário, de sujeitos que foram socializados dentro de uma lógica cultural na qual *“toda linguagem amorosa, que é essencialmente a linguagem do amor romântico, foi imaginariamente rebatida sobre o casal heteroerótico. Da primeira ‘paquera’ até o altar e depois ao berçário, tudo que podemos dizer sobre o amor está imediatamente associado às imagens do homem e da mulher.”* (idem: 93).

Para esses sujeitos, a homoconjugalidade não pode ser considerada uma “cópia empobrecida” das relações heterossexuais. Pelo contrário, eles apenas utilizam-se de uma linguagem que foi apreendida em sua socialização e a articulam de modo a que em muitos momentos estas adquiram novos significados, práticas e padrões, como veremos a seguir na questão da fidelidade, por exemplo, e, vimos acima, quando estes nativos definem o amor e o relacionamento. Como salienta Giddens (1998), especialmente a partir da segunda metade do século XX, a homossexualidade se transformou em um laboratório pioneiro de vivências alternativas de relações afetivo-sexuais que buscam quebrar as regras da conjugalidade heterossexual. No entanto, tenho de destacar aqui, a existência de “laboratórios pioneiros” também entre heterossexuais que buscam quebrar este modelo ideal de conjugalidade heterossexual, esta idéia de quebra está presente em vários nichos da vida social, assim como, a busca contrária de permanecer nas regras. Tratam-se de grupos inovadores em padrões, comportamentos e hábitos no que tange a relacionamentos amorosos, redefinindo, por conta disso, as relações familiares consideradas padrão e dando diversidade a este arranjo, não sendo característica exclusiva das relações conjugais estabelecidas por homossexuais.

Sexo e gênero.

[...] yo posiblemente sea mucho más sexual que él. Yo no consigo no tener sexo, él es más calmado, puede estar sin tener sexo. Bueno, al principio no, pero ahora, después de uno tiempito es como que no. Damian

[...] no digo que las mujeres no, pero yo creo que el varón está hecho para tener sexo todo el tiempo, aunque somos gays y nos gustan los otros varones, el instinto de macho de la especie lo seguimos teniendo, ese instinto de hombre, de la especie animal de buscar y de cojer lo seguimos teniendo toda la vida, entonces somos débiles y muchos caemos en la tentación de la infidelidad. Juan

[...] somos personas con una parte animal, especialmente como hombre que a diferencia de la mujer tiene una parte animal muy fuerte, no todos, pero en mí caso sí y creo que Ernesto también, entonces creo que hay una parte animal con un deseo así de querer tener sexo y no siempre sexo con la pareja. Con la pareja el sexo va cambiando, después de más de once años, no hay una regularidad con el sexo, o sea puede estar como puede no estar por muchísimo tiempo. Para mí, en mi caso el sexo externo a la pareja ayuda muchísimo en la pareja, a mí me ayuda tener sexo afuera con mi pareja o solo, a mí me alimenta estar con otro. Esteban

[...] con el tiempo él se dio cuenta de que el sexo era solamente una diversión y todo quedó muy bien. Patricio

[...] ao invés de fazer um escândalo e me fazer de vítima, pois ele não sabia de mim, eu acho que pela primeira vez eu tive uma atitude madura no relacionamento. Eu cheguei para ele e disse: você aprontou, eu também aprontei. Ele negou, várias vezes, até que eu tive que dizer, como eu tinha descoberto, data, hora, local, o que tinha feito, com quem tinha feito, enfim tudo. Daí conversamos e resolvemos aprontar juntos, decidir a melhor maneira de continuar com essa vontade que a gente tem. Porque eu acho que isso é muito uma característica do homem. Quer dizer, eu não sei se a mulher é geneticamente diferente, ou se ela bloqueia mais isso. Então eu acho isso uma característica dos homens, reforçada pelo meio homossexual. David

Eu acho sexo muito bom e eu pretendo fazer sexo até o final de minha vida. Eu acho que é importante, mas não é o mais importante. Eu e o Elias, a gente tem trabalhado muito e inclusive passado um tempo sem fazer muito sexo. Com isso percebi que ele não tem muita importância. Às vezes só o fato de estar abraçado com ele, só pelo fato de estar junto já me dá muito prazer. Então eu acho que não é a coisa mais importante da relação, mas também não dá para ter uma

relação com alguém que você não tenha sexo, mas também não é o essencial. Jacó

Geralmente, no mundo hétero você vê muito a questão do sentimento primeiro e depois o sexo. Já no mundo homo isso se inverte, é muito sexo e pouco relacionamento, as pessoas priorizam muito isso. Saul

[...] antes de conhecer meu amor tentei namorar sério, tentei algumas vezes, porém sem sucesso. As pessoas, especialmente os homens, queriam apenas sexo, pelo menos a maioria. Por isso, acabei ficando um tempo fora do mercado. Judá

Nesse ponto, uma análise mais detida sobre a questão do sexo, da sexualidade e do gênero nas falas nativas se faz essencial, com o objetivo de mostrar a maneira como estes elementos aparecem articulados e como influenciam cotidianamente na construção da vida conjugal destes sujeitos. Até o momento destaquei nas conversas que tive com os nativos a importância do amor e da afetividade na constituição e manutenção do vínculo que constitui o casal. Também nelas, tenho de ressaltar que o sexo aparece como um “elemento secundário” para a definição do relacionamento que, a despeito disso, não pode ser deixado de lado sob pena de ser considerado “um indício” de uma dificuldade ou de um problema conjugal que pode levar a uma crise ou à separação definitiva. Como na fala de Horacio “*cuando hay buen diálogo y no hay sexo, algo tampoco funciona*” ou na de Jacó “*eu acho que não é a coisa mais importante da relação, mas também não dá para ter uma relação com alguém que você não tenha sexo*”.

Em uma análise mais detida destas falas, nos aproximaríamos das análises desenvolvidas por Bozon (2004a), que apontam a passagem de uma definição institucional e tradicional do casal para uma definição interna e amplamente subjetiva da relação conjugal, tal como desenvolvida nas últimas décadas do século XX. Se, no modelo tradicional há a predominância das escolhas pessoais dos cônjuges pautadas no amor substituindo as negociações familiares, nos últimos anos tem emergido a figura do “*juntos por amor*”, que engloba interesses individuais dos cônjuges associadas ao papel assumido pela sexualidade para constituir e, depois, manter a relação conjugal. E, mais,

A relação de dependência que, outrora, ligava a sexualidade ao casamento foi completamente invertida: da instituição matrimonial que dava direito à atividade sexual, passou-se à troca sexual, motor interno da conjugalidade. A sexualidade, que antes era um dos atributos do papel social do indivíduo casado, tornou-se uma

experiência interpessoal indispensável à existência do casal, formando a linguagem básica do relacionamento. Passou-se de uma definição institucional do casal a uma definição subjetiva e intersubjetiva, que coloca a relação sexual em primeiro plano. (idem: 48-49).

Desse modo, a atividade sexual passou a ser considerada como uma expressão do “*impulso mútuo*” que une o casal. Nas falas de todos os nativos, a prática sexual com o parceiro aparece como um elemento secundário para a definição do que constitui um relacionamento conjugal, no entanto, eles não concebem a possibilidade de manter um laço conjugal sem a existência do sexo. Simultaneamente, para os sujeitos entrevistados em Buenos Aires e Brasília, o sexo aparece como sendo indispensável para caracterizar uma relação de conjugalidade e dispensável de ser praticado exclusivamente com o parceiro, como veremos a seguir.

Aparece assim, como uma prática essencial para a construção da felicidade do sujeito, sendo vista como um dos elementos que fazem parte do conjunto de “necessidades naturais” de qualquer ser humano, devendo ganhar expressão e se manifestar fisicamente para que o sujeito alcance a “felicidade” e a “plenitude”, “*o orgasmo é a finalidade, a prova e a realidade profunda da sexualidade; e também a unidade de medida da atividade sexual*”, é também, “*a forma suprema de comunicação entre os cônjuges e de bem-estar para ambos*” (idem: 51, 52). Isso aparece nas conversas que tive com todos os nativos, mas especialmente nas falas de Horacio, Jacó e Pablo. Simultaneamente, o orgasmo, o prazer sexual, deixam de ser uma exclusividade que pode ser alcançada apenas com o parceiro e passa a ser uma atividade de “lazer” que pode ser exercitada com a presença de outras pessoas e, inclusive, com a ausência do parceiro. Institui-se com isso a possibilidade de se construir relacionamentos sexuais com terceiros que vão caracterizar a formação das diferentes modalidades de “relação aberta” que veremos a seguir.

Outro elemento que se destaca nas conversas estabelecidas com os nativos é a identificação do sexo com uma “necessidade” e um “impulso incontrolável” que poderia ser formalizada em termos de uma “*teoria sexual pulsional*”, na qual, há uma “*proeminência, naturalmente fundada, do corpo sobre a cabeça no domínio da sexualidade*” (Salem 2004: 19). A necessidade intensa do sexo, de acordo com os entrevistados em Buenos Aires e Brasília, estaria presente apenas no homem e se

manifestaria como um desejo que cresce, se acumula e, se não satisfeito, poderia levar o homem ao “descontrole”, à “animalidade”.

Dessa forma, a sexualidade seria expressão da animalidade, da necessidade, do desejo. Animalidade porque a razão não controlaria o corpo; as exigências do corpo não dependeriam da vontade do homem, ainda que este tratasse de controlá-las. Em certas situações, essas demandas do corpo seriam superiores, inclusive à capacidade de autocontrole; seriam um requerimento “objetivo de sua natureza”. (Olavarría 1999: 156).

Tal como aponta Olavarría, no estudo que desenvolveu com homens heterossexuais de classe média e popular de Santiago no Chile, as conversas que tive com os nativos estão repletas desses significados que tendem a analisar a expressão do sexo no homem como resultado de uma “natureza última” que o aproxima da animalidade e o torna “presa” de seu próprio corpo. A busca de controle sobre essa necessidade seria um “trabalho” constante sobre si mesmo e colocaria o homem frente a uma “encruzilhada”, “*ou domina o ‘instinto’ e é o ‘senhor’ de se próprio corpo, ou se deixa dominar por ele e se transforma em um animal*” (idem: 157). Os nativos buscaram articular diferentes maneiras de realizar um controle sobre o sexo, dando vazão à ele em momentos específicos, com pessoas específicas, em lugares específicos e realizam, com isso, um “controle seletivo” com o objetivo de não perderem o controle definitivo sobre seus corpos, pois estes são tomados como “recipientes” que acumulam e correm o “risco” de “transbordar” se não forem regularmente “esvaziados”.

Essa “debilidade” do homem, sua submissão aos constrangimentos do sexo pulsional, implica que o sexo seja colocado como ocupando um “fim em si mesmo”, isto é, apenas como uma atividade que busca satisfazer uma “necessidade biológica premente”. Desse modo, contraditoriamente, o sexo deixa de ser considerado um pilar para a definição do vínculo homoconjugal entre a maioria dos parceiros entrevistados, mesmo que ocupe um lugar central na definição do sujeito, da subjetividade e da identidade. E, por conta disso, passa a ser visto apenas como uma “atividade” que “complementa” a relação e que, inclusive, pode ser feita com outras pessoas. Obviamente, ficariam de fora os casais Issac/Judá e Ariel/Félix, que apontaram a impossibilidade de estabelecimento de relações sexuais com terceiros.

Tenho de destacar que ao discorrerem sobre sexo, sexualidade e gênero, a maioria dos nativos elaboram uma *apresentação de si mesmos*, que envolve tanto a maneira como se percebem quanto o modo como querem ser vistos aos olhos dos “outros”, trata-se de um processo intitulado por Goffman (1970) de elaboração da face e que não me alongarei aqui. O importante aqui é destacar que nos discursos dos nativos, este processo de elaboração passa sempre pelo estabelecimento de uma divisão marcante entre homens e mulheres com o objetivo de “melhor definir” sua masculinidade. Em outras palavras, para definirem a especificidade de sua sexualidade mais íntima envolvendo questões como desejos, impulsos, necessidades, os nativos recorrem seguidamente à “categoria coletiva dos homens”. Trata-se de um uso retórico de “crenças” dispersas no imaginário social que partem da suposta definição da mulher tendendo a “um maior controle”, a “uma menor intensidade” ou a uma “decantada falta” do desejo e, opostamente, o homem tendendo a um “menor controle” ou mesmo a um “descontrole” dos impulsos que inclusive justifica a ocorrência de infidelidades, ou traições e que alcança os efeitos mais trágicos nas ocorrências de violência contra a mulher e nas narrativas dos estupradores, tal como apontam o trabalho de campo desenvolvido por Machado (1998c, 2001b). O único nativo que se contrapôs a essa afirmação foi Salomão que ao comparar os relacionamentos que teve com homens e com mulheres asseverou que ambos “sentem o mesmo desejo”, mas que as mulheres eram “mais afetivas” e “menos agressivas” que os homens, por conta disso, os relacionamentos emocionais e sexuais com homens e com mulheres adquiriam contornos diferenciados.

Todos estes elementos resultam, partindo da análise das falas dos nativos, em uma clara dissociação entre vínculo afetivo e sexo. Coisa diferente aconteceria entre as mulheres, na visão nativa, que tenderiam há uma “maior aproximação”, quizá em uma “identificação” entre sexo e afeto. Fato semelhante encontrou Salem (2004) na pesquisa desenvolvida com homens de classe popular e de classe média no Rio de Janeiro que associam o “descontrole sexual” e a ênfase no sexo presentes no homem e, de modo oposto, um “autocontrole” e proeminência do afeto entre as mulheres. Isso se replica também na tese de doutorado de Heilborn (2004), desenvolvida com casais heterossexuais e homossexuais masculinos e femininos de classe média, segundo a qual, os casais reproduziriam a lógica de gênero de nossa cultura com os homens ressaltando a “dimensão sexual-sensual” e a mulher pondo acento no aspecto “afetivo”. Na análise

de Manzelli (2006) sobre os significados dados por homens jovens da área metropolitana de Buenos Aires ao ser homem e suas implicações nas interações sociais, a concepção de um desejo sexual masculino arrebatador e muito maior que o feminino se repete. Ou, na análise de Bozon (2004a: 134) da conjugalidade contemporânea que ele percebe seguir reproduzindo “*duplos padrões sexuais*” com os homens sendo encarados “*como sujeitos de desejo independentes*” e as mulheres sendo vistas “*como objetos a serem possuídos, ou como sujeitos cujo desejo é moderado*”. Ou ainda, nas análises de Duarte (2004), Bozon & Heilborn (2001) e Gouveia & Heilborn (1999), que assinalam no caso masculino uma demarcação clara entre a ordem dos sentimentos e a ordem da sexualidade física que exigem “*aprendizados distintos para aquisição de experiência*”.

Somado a este descontrole do sexo presente entre os homens, estaria sua inserção em um universo homossexual marcado por uma “lógica de mercado” (Pollak 1987) e uma “gramática da devassidão” (Costa 1992) que priorizaria o prazer sexual em oposição ao vínculo afetivo. Isso reforçaria ainda mais essa dissociação e dificultaria a busca por parceiros que teriam como objetivo construir uma relação afetiva mais duradoura e estável. Nas falas de David, Saul e Judá, transcritas acima, isso fica bem claro, mas em conversas estabelecidas com outros nativos isso também aparece. No entanto, se há uma “maior dificuldade” na busca por parceiros estáveis para relações afetivas, há uma “maior facilidade” para o estabelecimento de laços com parceiros eventuais mesmo já estando em um relacionamento estável.

Resultado dessa masculinidade “essencialmente sexualizada” e incapaz de resistir à “carne fraca” e ao “impulso animalizado”, associada à uma enorme quantidade de homens à disposição, “oferecidos” por um “mercado sexual” grande e vasto, há, nos nativos, a construção da impossibilidade de manutenção de um relacionamento conjugal sem o recurso à relações sexuais com outros. E, com isso, há a emergência de um “*modelo exaltado de masculinidade*” (Heilborn 1999b) no qual a importância do sexo se relaciona não apenas à frequência de relações sexuais, mas também à variedade de práticas e parceiros. Todos os nativos assinalam essa dificuldade em manter o relacionamento conjugal com o companheiro assentado no critério de exclusividade sexual e por conta disso buscam de diferentes maneiras e, em momentos distintos, romper com esse elemento criando “estilos de relação” diferenciados.

Fidelidade e estilos de relação

Lo que pasa es que en una pareja homosexual, vos no podés decir que sos ciento por ciento fiel, porque no lo sos. Primero, porque la carne es débil; segundo, es porque hay atracción física, puede ser tanto con la pareja como por las personas que conozcas o las ya conocidas. Puede haber fidelidad solamente en el amor. En materia del amor puede ser. Eso sí es fidelidad, pero en materia sexual no. [...] hemos tenido relaciones, los dos con otros, en tríos. En cuatro o cinco veces, o cosa del estilo, en algunos casos las cosas fueron bien, en otras no. Ramiro

Lo que pasa es que ahora ha surgido una nueva interpretación de lo que es la fidelidad. Yo no sé si es real o si es una excusa para no ser fiel. [...] pero igualmente uno trata en cierta forma de adaptarse a la realidad. Yo en el instante trato de ser fiel de cuerpo y alma hasta el momento en que veo a alguien que me gusta y, bueno, somos humanos, la vista nos fue dada para ver cosas lindas. Damian

[...] hay una diferencia entre lo que sería fidelidad propiamente y tener relaciones con otras personas. Creo que tener relaciones con otras personas no es ser infiel necesariamente, en algunos casos no lo es porque está explícitamente permitido. Nosotros pensamos que podíamos hacer eso, pero de hecho cuando yo le dije a él que había tenido una relación con alguien, no le cayó bien. Después nos reacomodamos y pasó que empezamos a tener relaciones con otras personas dentro de la pareja pero no solos y ésa fue de cierta manera la situación que sostenemos hasta la actualidad. Pablo

[...] creo que está mal siempre y cuando no haya un acuerdo entre las personas involucradas, cuando hay mentiras. El problema no está en la fidelidad o en la infidelidad, el problema está en no blanquear el hecho con la pareja. Todo en el mundo está permitido, pero creo que la otra persona tiene que estar enterada. Juan

Lo que pasa es que uno se pregunta lo que es ser fiel. Nosotros pensamos que la fidelidad existe y que lo hemos sido hasta hoy. La fidelidad en cuanto al afecto que uno tiene al otro, al amor, al amor correspondido. Después con el tema de los encuentros, no está en juego la fidelidad, pero en todo caso es también ser fiel a uno mismo, a los deseos que tiene uno; nosotros vamos caminando por la calle y vemos algún chico lindo y decimos mira qué hermoso que es ese chico y disfrutamos y nos divertimos. Eso de la fidelidad pasa por el otro lado, pasa por el amor, pasa por otro lugar; para nosotros pasa por no engañar al otro; con tener un encuentro sexual y no prometer amor no se rompe ningún compromiso; el amor pasa por estar asistiendo al otro cuando lo necesita, por escucharlo, por asistirlo

cuando está enfermo, nos parece que pasa por ahí la fidelidad.
Horacio

Tenemos ciertos límites, nosotros nos contamos absolutamente todo, o sea que por una cuestión de protección del otro le digo 'voy a estar con el fulanito y el teléfono es éste', siempre nos cuentan historias truculentas pero nunca nos tocó ninguna de éstas, pero bueno, por ejemplo te decía de los límites, si uno de nosotros tiene un cuerpo a cuerpo con alguien y quiere repetir, todo bien, si quiere repetir otra vez todo bien, quiere repetir una cuarta vez, el otro pregunta qué está pasando, o sea porque el otro puede estar enganchándose. Tratamos de charlar acerca de eso, de monitorearnos uno al otro para protegernos. Hernan

Ahora, es algo nuevo para mí, me estoy enterando por los amigos del tema de las parejas abiertas, por ejemplo, entonces es como que me hicieron el comentarios de que hay otro tipo de fidelidad por ahí y que es cuando dos personas que están en pareja y deciden tener algo con otra persona. Y para esa gente la fidelidad pasa por el tema de decir: 'me gustó tal o cual y voy a tener algo con esta persona', entonces ven la fidelidad por ese lado, a mí particularmente me cuesta verla así. Para mí la fidelidad es las dos personas de la pareja, y todo lo que está en tercer lugar, o dos parejas que intercambian, no lo veo como fidelidad. Ariel

Siempre y en cuanto se hable, se converse y haya mutuo acuerdo entre las dos partes, creo que eso es la fidelidad, tanto ella sea monogámica, bigámica o poligámica. Decir 'yo soy fiel porque soy monogámico' no creo que eso sea la fidelidad y que sea bueno lo que estás viviendo. Félix

[...] la infidelidad para mí significa la mentira, la infidelidad es la traición, la mentira. Si vos tenés una relación abierta donde están claras ciertas pautas y donde cada uno puede tener una relación paralela sexual, sexual más que nada porque si no ya se confunde. Si la relación paralela más que sexual pasa a ser una relación más de tipo afectivo, de amor, porque ahí ya sí entran otras cosas en juego. O sea, no creo en la fidelidad sexual en mi pareja, pienso que somos hombres, yo me considero bastante animal y me parece que el hombre es así, más que nada me gusta vivir así, o sea, me gusta la sexualidad, me gusta disfrutar de sexo, pienso que es una cosa más para disfrutar y trato de vivir de la forma más libre que puedo y que me permito porque también tengo mis limitaciones. Limitaciones que a veces tienen que ver con culpas y cosas que tenemos porque también de cierta forma nos querían lavar el cerebro con cuestiones religiosas y de escalas de valores morales o cosas del estilo, que dicen cómo tienen que ser las cosas. Esteban

Después de seis años hace muy poquito tiempo decidimos abrir la pareja, es decir, si yo quiero estar con vos, estoy con vos y después

voy y le digo a él sabés que estuve con él y está todo bien. En un principio, al poco tiempo de conocernos los dos sabíamos que teníamos necesidades de estar con alguien más, entonces a los diez meses o al año de habernos conocidos ya empezamos a tener historias de tríos y eso nos duró cinco años más o menos. Hace muy poquito tiempo nos decidimos y tenemos muy claro que nosotros nos amamos y si llegamos a tener algún sentimiento, cortamos la historia para no engancharnos sentimentalmente con un tercero. Andrés

Fidelidad es una palabra solamente. Durante muchos años para mí la palabra fidelidad significaba no estar con otra persona que no sea mi pareja. Hoy por hoy te diría que fidelidad es que se puede llegar a ser fiel teniendo sexo con otra persona siempre cuando no se involucren tus sentimientos. Yo de mi parte, en todos estos años no he sido infiel, aunque para muchos les parezca mentira y muchos me dicen: 'pero vos sos un pelotudo'. No porque no haya tenido oportunidad, porque oportunidad y propuestas he tenido muchas y no porque yo sea lindo, sino porque creo que las oportunidades abundan, se dan. Alejandro

Lo que pasa es que para mí la fidelidad tiene un significado especial que tiene que ver con el amor y con una cuestión de espíritu y no con una cuestión de cuerpo o sexo. De todas maneras eso para mí y para mi pareja siempre estuvo claro. Miguel

El respeto, la fidelidad no son palabras con una definición unívoca, yo creo que son palabras que se adecuan a cada sujeto. Con un piso, pero creo que se adecuan a cada sujeto, yo lo amo, lo respeto de una manera muy profunda a Miguel, entonces siempre lo respeto, por eso yo no intento tener sexo con un mujer o con otro hombre por respeto a él. Yo no creo en la fidelidad, yo creo en el respeto. El amor es el respeto hacia el otro. La fidelidad tiene conotaciones que fueron promovidas de Roma, de la Iglesia Católica Romana. Gerardo

[...] por isso que a gente dá tanta importância, por exemplo, a quando pinta alguma coisa com uma outra pessoa ou com um outro casal em estarmos juntos, para não fazer as coisas escondidos, porque não há porquê. A partir do ponto em que nós descobrimos que nós dois gostávamos desses esquemas, digamos assim, ou dessa fórmula de sexo, não tem porque fazer separado. Porque eu acho interessante fazer quando rola, quando agrada aos dois, quando faz bem aos dois, e não quando faz bem só a um de nós, aí não teria nada a ver, daí um não estaria agradando ao outro, não estaria complementando nem a pessoa presente, nem ao casal. Salomão

[...] eu trai ele, não vou mentir para você, trai ele uma vez com minha ex. De repente, se eu o tivesse traído com outra pessoa, não seria tão grave, mas, foi assim, e passei o pão que o diabo amassou por conta disso, porque eu traí ele com a minha ex, eu menti para ele, eu enganei ele, mas nunca trai ele com outro homem, nem tive vontade de fazê-lo. [...] A nossa relação está embasada [...] ela é fundada na

plenitude da confiança. Se eu quiser fazer alguma coisa, eu faço. Vamos conversar e eu só farei com o consentimento dele, com o conhecimento dele e com a presença dele. Se eu fizer algo, se acontecer algo, ele vai estar dentro de casa, ele vai estar no motel, ele vai estar na casa da pessoa, ele vai estar presente e se ele fizer algo, a mesma coisa. Mesmo que um de nós não participe, vai estar presente. Saul

Fidelidade eu sinto mais relacionado ao sentimento, e não necessariamente ao sexo. Eu considero que se você está com uma pessoa, você não pode estar com outra, mas esse estar com outra, é estar e se relacionar de maneira mais afetiva e emocional. Só sexo para mim não chega a ser traição. Golias

Fidelidade é uma coisa muito relativa, acho que você tem de ser real, tem de expressar o que você quer, o que você gosta, o seu desejo. Acho que se você esconde alguma coisa, você não é fiel. Ou se você tem desejos por uma outra pessoa e quer ter algo sozinho com ela e não participa à outra pessoa, esconde o que aconteceu, acho que isso é ser infiel. Abraão

[...] somos monogâmicos; quando há amor não há espaço para uma outra pessoa, não há espaço para um terceiro ou um quarto, como muitos acham espaço. Sou bem careta nesse sentido. Isaac

Tal como aponta Bozon (2004a: 128), “*existe uma história da fidelidade conjugal, como existe uma história do amor ou do desejo*”. Esta história da fidelidade, assim como a do amor e do desejo, também sofreu modificações com o passar dos anos e, se antes estava baseada em uma “*norma comunitária, social e religiosa destinada a proteger a instituição matrimonial*” (idem: 131), hoje está sendo substituída por uma “*norma interna e privada*”, fundamentada na negociação entre os parceiros. Anteriormente, trazia como referentes a existência de um “*duplo padrão moral*” no qual a infidelidade do homem era “*perdoável*”, mesmo sendo vista como pecado, como uma transgressão moral e um desvio social. Hoje, a infidelidade é tomada apenas como um comportamento criticável e que pode ter consequências para a manutenção do contrato conjugal, podendo levar, em último caso, à ruptura dele.

Apesar de diferenças na maneira como os nativos organizam as relações de conjugalidade entre si, a fidelidade é interpretada como “*uma cláusula interna de um contrato*”, um elemento de um “*acordo verbal*” estabelecido entre os cônjuges que pode ser debatido e a qualquer momento reconfigurado. Todos eles afirmaram ter conversado inúmeras vezes entre si a respeito dos significados da fidelidade e, excetuando-se

Isaac/Judá, Miguel/Gerardo e Félix/Ariel, que têm relações sexuais exclusivamente com seus parceiros, todas as outras dez relações homoconjugais de nativos entrevistados passaram por momentos de reconfiguração das “cláusulas” atinentes aos acordos de fidelidade. Mas, antes de discutir os “estilos de relação” elaborados pelos nativos, é essencial desenvolver uma análise mais detida acerca dos significados dados por eles à fidelidade, à infidelidade e à traição.

Todos os nativos afirmam categoricamente serem fiéis ao parceiro, a si mesmos, à relação de conjugalidade e ao sentimento pelo companheiro. Apesar disso, alguns deles, tais como Pablo, David, Golias, Simeão, entre outros, relataram terem cometido ou terem presenciado traições dos companheiros dos atuais relacionamentos, que ocorreram no passado e que hoje não se repetem mais. Para eles, a fidelidade, a despeito de ser “*un invento de la cultura judeocristiana*”, tal como afirmou Patrício, entre outros nativos, está relacionada tanto a sentimentos quanto à atitudes que podem adquirir sentidos e significados diversos para diferentes pessoas. Como apontou Gerardo, trata-se apenas de “*palabras que se adecuan a cada sujeto*”, à cada relação e a cada contexto vivido por eles. Assim, na definição dada por eles, ter relações sexuais com outras pessoas (homens ou mulheres) pode ser considerado traição, mas, também pode não ser, tudo vai depender do contexto no qual tal relação ocorre e do conhecimento ou não do parceiro.

Trata-se de uma definição elástica que está baseada apenas em um elemento, como definiu Rolando, “*fidelidad es tener honestidad de corazón con la otra persona*”. Em outras palavras, ser fiel se baseia tão somente em uma “certeza interna e externa” do sujeito em ter honrado um acordo preestabelecido com o companheiro. Neste sentido, fidelidade é um sentimento que pode ser interpretado como ser honesto, ser verdadeiro, respeitar os limites de cada um e do acordo. Já, ter relações sexuais com terceiros pode adquirir dois significados que dependem da configuração do acordo entre os pares: o primeiro deles, sempre visto de maneira negativa pelos nativos, pode ser associado à traição, a contar mentiras, a enganar ao outro, a romper o acordo estabelecido; o segundo, tomado como positivo pela maioria dos entrevistados, pode ser entendido como uma “liberdade de agir consentida” que faz referência à carne fraca, à animalidade, à incapacidade de contenção, presente exclusivamente no homem, e que o diferencia da mulher.

Adicionado a isso, a fidelidade, para todos os nativos, está ligada a um sentimento, está vinculado ao amor e, não ao sexo. Apesar desta dicotomia aparecer nas falas dos nativos de maneira muito bem resolvida, na prática ela pode ser geradora de tensões que podem levar a discussões e rupturas do vínculo afetivo. Ernesto/ Esteban é um dos casais que apontam alguns eventos de afastamento e inclusive um período de separação decorrentes de relações estabelecidas por um deles com outros. Alejandro/ Rolando, Andrés/Patricio, Elias/Jacó e Saul/Simeão narraram diversos momentos nos quais os ciúmes do parceiro emergiu e provocou alguns embates. A despeito disso, o diálogo e a compreensão mútuas nestas situações apareceu como um fator de integração e fortalecimento do laço afetivo. Por conta desses elementos, é possível para 21 dos 26 sujeitos, que viviam uma relação de conjugalidade no momento em que a pesquisa foi realizada, no Brasil e na Argentina, a manutenção de um *“relacionamento puro”* (Giddens 1998) ou o estabelecimento de um *“casal por amor”* (Bozon 2003) com o companheiro atual, mesmo que não necessariamente monogâmico. Pelo contrário, a exclusividade sexual só se torna importante nos vínculos conjugais quando os parceiros a definem como essencial. Por decorrência, constrói-se a possibilidade, mesmo que latente, do estabelecimento de relações sexuais com terceiros, tal como apontaram 10 dos casais entrevistados.

Essas concepções nos aproximam muito do estudo da conjugalidade no Rio de Janeiro, desenvolvido por Heilborn (2004), na medida em que a autora destaca a alteração do entendimento do que constitui a fidelidade. Em suas palavras, *“fala-se antes em ‘lealdade’ para designar a convenção da primazia conjugal, e não se descarta a possibilidade das relações extra-casamento”* (idem: 112). Mas, nos afasta da análise desenvolvida por Bozon (2004a), que assinala uma *“ligação afetiva menor”* e um recurso *“muito mais intenso”* a parceiros extraconjugais nas relações homossexuais, uma vez que o que está em jogo quando se fala de relações extraconjugais entre os nativos entrevistados de Brasília e de Buenos Aires não é a *“intensidade da ligação afetiva”* e sim uma *“organização alternativa da fidelidade”*.

Esta *“organização alternativa da fidelidade”* não alcança a todos os casais, uma vez que três deles optaram por manter vetada a possibilidade de relações sexuais extraconjugais, e com isso os parceiros entraram em *“acordo”* sobre preservarem a fidelidade ligada ao amor, mas também conectada à exclusividade sexual. São eles Isaac/Judá, Miguel/Gerardo e Félix/Ariel, que definem a relação de conjugalidade

estabelecida entre eles como sendo “fechada” ou “monogâmica”. Isaac inclusive se define, em vários momentos de nossas conversas, como sendo “careta” e “tradicional” e afirma categoricamente “não tolerar” infidelidades e traições, tendo deixado isso bem claro para seu companheiro quando se conheceram e iniciaram o relacionamento. Entre os 10 casais restantes, pesquisados no Brasil e na Argentina, observa-se a “organização alternativa da fidelidade”, no entanto, esta não pode ser enquadrada como sendo idêntica para todos os casais, havendo diferenças relevantes. Considerando-se as diferenças e determinadas características destas uniões, em muitos momentos nomeadas por eles como “relações abertas”, poderíamos subdividi-las da seguinte forma: as relações “semiabertas” e as relações “propriamente abertas”.

Na primeira delas, é possível que se estabeleçam relações sexuais com terceiros, desde que com a presença e participação de ambos, configurando o chamado *ménage à trois*. Tal configuração se diferencia do *swing* ou “troca de casais” entre heterossexuais, objeto do estudo de Von der Weid (2009), no qual mantêm-se o imaginário heterocorporal²⁹ com a “proibição implícita” de relações homossexuais masculinas e uma “aceitação” de relações sexuais entre duas mulheres. Neste tipo de relação, ambos os parceiros estão presentes ou participam da relação estabelecida com o “terceiro”, que se reduz ao ato sexual, não havendo envolvimento emocional-afetivo. Este tipo de configuração da conjugalidade é construído nas relações de Damian/Ramiro, Juan/Pablo, Alejandro/Rolando, David/Golias e Saul/Simeão. Este último casal foi o único que relatou a ocorrência ou a possibilidade de relações sexuais de apenas um deles com um “terceiro”, desde que com a presença do companheiro.

Há nas narrativas dos entrevistados, que vivem ou viveram este “estilo de relação”, uma preocupação muito forte com o estabelecimento de limites para preservação de um “espaço” que seja restrito apenas ao casal e ao qual este “terceiro” não tenha acesso. Tal ocorre com Andrés e Patrício – que viveram uma relação semiaberta antes de abri-la totalmente – e que relataram inclusive o estabelecimento de “limites físicos” nas relações sexuais estabelecidas com o terceiro. Em outras palavras, estabeleciam e mantinham certos limites, como, por exemplo, a impossibilidade de qualquer um deles ser “passivo” com o “terceiro” durante uma relação sexual, pois a

²⁹ Nelas as relações heterossexuais são tomadas como um sistema total que afasta a resignificação da heterossexualidade, aparecendo sempre como presumida ou obrigatória. Inserida neste padrão de comportamento, a prática do *swing* apenas busca gerir o desejo segundo a norma compulsória de relação afetivo-sexual.

“passividade” deles era considerada um “tabu” para o terceiro, uma espécie de “patrimônio e salvaguarda” da relação de conjugalidade.

Um outro tipo de limite relatado pelos nativos é a restrição do número de encontros. Os sujeitos que vivem relações “semiabertas” optam por não manterem relações sexuais com o mesmo “terceiro” por “muito tempo” ou repeti-las “muitas vezes”, a fim de evitarem qualquer tipo de envolvimento emocional. Assim, há uma “troca” constante de “terceiros” que podem alçar o lugar de amigo íntimo quando as relações sexuais se interromperem, e muitos nativos ressaltam esse “reposicionamento” do laço estabelecido com o terceiro em suas narrativas. Nas conversas que tive com Juan e Pablo, eles ressaltaram que, excetuando-se dois dos amigos comuns de ambos, todos os outros amigos íntimos dos dois que sabiam de sua relação conjugal haviam ocupado o lugar de “terceiro”. O mesmo foi relatado a mim por Damian e Ramiro, apesar destes últimos terem afirmado definir a relação de conjugalidade que vivem como sendo uma “relação fechada”, pois envolve apenas os dois.

Já as relações “propriamente abertas” são aquelas nas quais há uma liberdade “previamente acordada” de estabelecer relacionamentos exclusivamente sexuais com outros homens. Aqui, a participação ou presença do companheiro no momento em que as relações sexuais com o “terceiro” se dão, não é necessária. Apesar disso, o companheiro deve ter conhecimento do que, quando, onde e com quem estas relações ocorrem. Este tipo de relacionamento se aproxima muito do que Sheff (2006) denomina “poliamor”, isto é, trata-se de um tipo de relação na qual *“people have multiple romantic, sexual, and/or affective partners”*, onde *multiple* se refere à existência de ao menos mais de uma parceria estabelecida simultaneamente. O poliamor coloca uma ênfase grande no estabelecimento de múltiplas e simultâneas relações íntimas e de longa duração, com foco na honestidade e no conhecimento da rede da qual participa o companheiro. Tenho de destacar aqui que o casamento aberto é uma instituição presente não apenas no mundo homossexual mas também no mundo heterossexual, vide análise desenvolvida por Von der Weid (2009) sobre o *swing* ou “troca de casais” entre heterossexuais ou mesmo a análise de Sheff (2006) sobre o poliamor com sujeitos que se envolvem simultaneamente com outros homens e mulheres.

Mas, diferentemente do poliamor, as relações “propriamente abertas”, estabelecidas pelos entrevistados de Brasília e Buenos Aires, não podem ser encaradas

como sendo relações simultâneas e múltiplas de parceria, pelo contrário, elas são caracterizadas pela existência de apenas um relacionamento conjugal, apesar da vivência de algumas outras relações com “terceiros”. Estas relações com outros, que não o companheiro, são tidas como relações de segunda ordem que ocorrem com o objetivo exclusivo de dar vazão à “animalidade” presente no homem. São apenas relacionamentos calcados em um conteúdo sexual-erótico, não tendo qualquer conteúdo afetivo-emocional.

Além disso, diferentemente do poliamor, as relações “propriamente abertas” não colocam ênfase na construção de parcerias íntimas e de longa duração. Pelo contrário, tal como nos relacionamentos “semiabertos”, há uma busca pelo estabelecimento de limites temporais ou de encontros com o “terceiro” para resguardar o companheiro, bem como a relação conjugal. Como relataram Hernan, Esteban, Andrés, Elias, entre outros, estas relações extraconjugais, muito embora baseadas em consentimento prévio, são constantemente “monitoradas” pelos parceiros. Nas palavras de Hernan, *“tratamos de charlar acerca de eso, de monitorearnos uno al otro para protegernos”*. Resta dizer que estas relações são vividas por Horacio/Hernan, Ernesto/Esteban, Andrés/Patricio, Salomão/Abraão e Elias/Jacó, como estes relataram nas entrevistas e conversas.

Finalizando, é importante destacar que estes diferentes “estilos de relação”, construídos pelos nativos, não são estáticos. Eles passam por modificações constantes e se baseiam em diálogos constantes que têm por fim alcançar a felicidade conjugal e individual. São duas injunções contraditórias, sempre presentes na vida destes sujeitos, como já apontado anteriormente, e que os levam a construir relações de conjugalidade que integrem o parceiro ao seu mundo, mas, ao mesmo tempo, guardando certa individualidade. Nesse sentido, a análise desenvolvida por Figueira (1987) e Machado (2001a) podem ser úteis na medida em que apontam que as mudanças ocorridas na modernidade não se instalam definitivamente nem apagam os “antigos” valores. A despeito das mudanças, muitos estereótipos e “modelos prontos” de conjugalidade, amor, sexo, fidelidade, organização da vida doméstica se mantêm. Mas, o que o presente trabalho demonstra é que, a despeito dos sujeitos poderem viver formas vanguardistas de conjugalidade, como acima apontado, eles seguem articulando “internamente” um modelo de família e casamento tradicional. Esses “mapas contraditórios” permitem a convivência de um duplo engajamento dos sujeitos, que os articulam de acordo com o contexto.

Brasil versus Argentina: Em busca de uma comparação

A análise desenvolvida acima, como vimos, teve como foco a organização “interna” das relações de parceria, com ênfase na construção das emoções, da afetividade, do sexo, da fidelidade e do gênero. Esta foi desenvolvida a partir das histórias contadas por nativos de Brasília e de Buenos Aires, tomadas paralelamente sem distinções entre os contextos daquelas cidades. Tal decorreu da similaridade das configurações apresentadas pelos nativos ao relatarem suas narrativas. Se tais diferenças apareceram até o momento de modo subsumido, neste momento do texto é essencial trazê-las à tona com o objetivo de desenvolver uma análise mais abrangente das relações homoconjugais.

No início do capítulo desenvolvi uma análise, entre outras, das diferenças etária/geracional, racial/étnica e de nível educacional entre os parceiros, com o fim de buscar distinções de *status* significativas entre eles que implicassem em diferentes formas de organização do relacionamento conjugal. Naquele momento, afirmei que tais casais desenvolveram uma “homogamia social” relativa em suas parcerias pois, apesar de alguns dos parceiros se diferenciarem um do outro em algumas das relações e em alguns dos aspectos supracitados, todos enfatizavam em suas narrativas a similaridade de posição de classe/camada social, de gostos, de estilos de vida e capital cultural (Bourdieu 1983). Na tabela abaixo é possível aceder a estas informações de maneira comparada:

Tabela IX: Homogamia dos casais

	Argentina		Brasil	
	Sim	Não	Sim	Não
Diferença etária (+ de cinco anos)	1	7	4	1
Diferença racial/étnica	1	7	1	4
Diferença de nível educacional	0	8	1	4

Apesar da diferença no número de casais gays entrevistados nas diferentes capitais, cinco em Brasília e oito em Buenos Aires, é interessante perceber na tabela acima que a diferença racial/étnica só alcança um dos casais de cada um dos países. Entre os outros casais, apesar da existência de algumas diferenças de origem, apontadas pelos nativos em suas histórias de emigração familiar para a Argentina, todos se consideravam brancos. Já entre os nativos brasileiros, que não apresentavam diferença étnica/racial, como dito anteriormente, o que se destaca em suas falas são suas histórias de migração interna pelo país e não a visão de uma origem familiar que remetesse à uma nacionalidade/etnia anterior. Todos brasileiros também se consideram brancos, muito embora o significado de branco para eles esteja ligado diretamente à ausência de uma “marca” (Nogueira 1985) associada ao pertencimento à determinada classe/camada social (Pinho 2005, Moutinho 2006).

É mínima a diferença de nível educacional entre parceiros dos casais entrevistados, bastando dizer que apenas um dos sujeitos não alcançou o nível superior; todos os demais ou haviam terminado ou estavam cursando, no momento da entrevista, o ensino superior. A única diferença significativa delineada entre os casais dos dois países diz respeito à diferença etária/geracional, que entre os casais brasileiros é acentuada, pois quatro dos cinco casais apresentam mais de cinco anos de idade de diferença entre si, fato que não se replica no universo portenho pesquisado, no qual apenas um dos oito casais não registra uma relativa proximidade etária.

Outro dado que se replica nos dois universos estudados diz respeito ao regime de convivência. Na Argentina, do total de oito casais, seis vivem em regime de coabitação integral, morando na mesma casa e, nos casos de Hernan/Horacio, Ernesto/Esteban, Miguel/Gerardo e Alejandro/Rolando, trabalhando nos mesmos lugares. Os outros dois casais vivem em regime de coabitação parcial no qual há “maior convivência” nos finais de semana, nos feriados e nas férias profissionais. Já entre os brasileiros, a coabitação é uma prática comum para quatro dos cinco casais entrevistados, sendo que destes, David/Golias e Isaac/Judá trabalham nos mesmos locais. O casal Elias/Jacó trabalha no mesmo lugar, apesar de não coabitarem. Para ter uma visão comparativa mais clara veja a tabela abaixo:

Tabela X: Regime de convivência

	Argentina	Brasil
Coabitação integral	6	4
Coabitação parcial	2	1

Outrossim, no percurso do capítulo, voltei minha atenção para a análise de como se dava a administração da vida a dois, pautando-me em dois elementos: a divisão das tarefas na organização da vida na casa e a integração financeira. Neste ponto novamente a igualdade nos contextos diferenciados de cidades como Brasília e Buenos Aires chama atenção. Dos oito casais portenhos entrevistados, a metade exata, ou seja, quatro dos casais dividem totalmente as tarefas de organização e manutenção da casa, tendo como referência a idéia de igualdade/equivalência de trabalho dedicado no lar. Fato este que se repete entre os casais brasilienses, universo no qual, dos cinco casais entrevistados, três promovem uma divisão das tarefas. Os demais, isto é quatro casais de Buenos Aires e dois de Brasília, não promovem qualquer tipo de divisão de tarefas domésticas a priori, pelo contrário, quando há necessidade ambos realizam as tarefas juntos com o objetivo de que a divisão seja equitativa entre eles. Vemos estes dados na tabela abaixo:

Tabela XI: Administração da vida a dois

	Argentina		Brasil	
	Sim	Não	Sim	Não
Divisão das tarefas	4	4	3	2
Integração financeira	6	2	4	1

No que tange à integração financeira, como destaquei no fragmento deste capítulo em que desenvolvo a análise sobre o tema, e como podemos constatar no cruzamento das duas tabelas acima, entre os casais que coabitam há sempre integração financeira, diferentemente daqueles que não coabitam. Tal fórmula aparece entre os casais portenhos nos quais seis deles vivem em regime de total integração financeira, sendo que os dois que não coabitam desenvolveram uma integração financeira parcial.

O mesmo se repete no contexto de Brasília, no qual há quatro casais que coabitam e integram sua vida financeira e apenas um que não realiza tal unificação. Assim, as semelhanças quanto à distribuição numérica encontrada entre os casais de nativos de Brasília e Buenos Aires, que integram ou não sua vida financeira, é muito similar. Independentemente disso, os dois tipos de arranjo estão assentados em uma exigência de paridade entre os membros no tocante ao aporte financeiro com uma forte expectativa de que não haja dependência econômica entre eles (Heilborn 1995, 2004). Tudo isso acompanhado de uma aguda atenção pela equanimidade da distribuição das tarefas domésticas, como já apontado anteriormente.

Um subsequente ponto que é desenvolvido em minha análise a respeito da homoconjugalidade, diz respeito à maneira pela qual os nativos organizam sua relação de parceria no tocante a temas como fidelidade, infidelidade, traição, amor e sexo. Os diferentes tipos de organização destes elementos me levaram a construir três tipos de “estilos de relação” desenvolvidos por eles com seus companheiros. O primeiro deles que nomeei de “relação fechada” faz referência à impossibilidade ou proibição do estabelecimento de relações sexuais extraconjugais. Esta “modalidade” de relação ocorre em dois casais portenhos e apenas um dos casais entrevistados em Brasília. O segundo estilo que denominei “relações semiabertas” pode ser analisada como a modalidade na qual é possível ocorrerem relações sexuais com um terceiro desde que com a presença do parceiro. Esta aparece nos relatos de três dos casais entrevistados em Buenos Aires e dois dos casais brasilienses. Já o terceiro estilo, denominado de “relações propriamente abertas” deve ser entendido como o tipo de relacionamento no qual ambos os parceiros têm igual liberdade para concretizar relações sexuais com terceiros sem a presença, mas com o conhecimento do parceiro. Este tipo de relação foi narrado por três casais argentinos e dois brasileiros. Podemos ver essa distribuição melhor na tabela abaixo:

Tabela XII: Estilos de relação

	Argentina	Brasil
Fechadas	2	1
Semiabertas	3	2

Abertas	3	2
---------	---	---

Como podemos ver, a distribuição entre os diferentes “estilos de relação” aparece de forma equivalente entre os casais argentinos e brasileiros, o que nos leva a pensar que indiferentemente do fato destes casais viverem em países distintos, eles organizam sua conjugalidade de forma muito similar, senão idênticas, se levarmos em conta alguns dos aspectos apontados acima, tais como, a administração da vida a dois, o regime de convivência, o lugar do amor e do sexo na relação, a construção de diferentes estilos de relação e os significados dados à fidelidade. Acredito que estas semelhanças entre os casais analisados do Brasil e da Argentina, bem como as diferenças existentes internamente entre os países e que se replicam nos grupos estudados, são reflexo de uma tendência presente nas sociedades ocidentais de diversificação das formas de família e núcleos domésticos hoje existentes (Giddens 1991a,b, 1998). São reflexos de uma era da “modernidade líquida” (Bauman 2001), marcada pela fluidez, pela imprevisibilidade, pelos intensos fluxos de pessoas e de informações que resultam no “encolhimento do mundo” e na “compressão do espaço-tempo” (Harvey 1996). Estes fatores permitem experimentarmos o mundo simultaneamente de maneira fragmentada e integrada, com as ações humanas repercutindo fora dos contextos locais e atingindo o âmbito global.

O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros “ausentes”, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face. [...] O que estrutura o lugar não é simplesmente o que está presente na cena; a “forma visível” do local oculta relações distantes que determinam sua natureza. (Giddens 1991a: 27)

Esse “desencaixe” (Giddens 1991a) da dimensão local de relações sociais para contextos globais leva a um “colapso das identidades tradicionais” que eram ligadas visceralmente ao local, e produzem uma diversidade cada vez maior de estilos e identidades (Hall 2006). Assim, o acesso cada vez mais facilitado à diversidade de informações, que circulam globalmente, leva o mundo, as identidades e as subjetividades a se tornarem “híbridas”, articulando elementos diversos de diferentes contextos, mas, também, por outro lado, imprimindo maior homogeneidade.

Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de “identidades partilhadas” – como “consumidores” para os mesmos bens, “clientes” para os mesmos serviços, “públicos” para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo. [...] Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. (Hall 2006: 74-75)

Vemos isso entre os nativos entrevistados no Brasil e na Argentina, na medida em que, nos dois contextos, há forte homogeneização de estilos de vida, de formas de ser e organizar a conjugalidade e subjetividade, que recorrem constantemente a significados, sentidos e representações que estão presentes na internet e nos meios de informação, e são partilhados globalmente. Associado a isso, há de se destacar que, localmente, os nativos vivem em um contexto urbano marcado pela “impessoalidade”, pelo fluxo, pela transição. Lugares que não mais definem o sujeito e a subjetividade unicamente pelas relações sociais estabelecidas neles, pois são lugares de passagem, destinados à negação dos vínculos relacionais; são “não-lugares” tal como definido por Augé (2000). Como presente nas narrativas dos nativos, há uma importância marcante da internet como espaço de sociabilidade, e, no caso de muitos deles, esta se torna um dos principais elos com o “mundo social”.

No entanto, há diferenças também que devem ser destacadas se levarmos em consideração que entre estes grupos de nativos, os casais argentinos, como vimos acima, executam a homogamia social com “maior empenho e perfeição” do que os casais brasileiros, especialmente se observarmos a questão etária. Entre estes, apenas um dos casais brasilienses apresentam idades que variam muito pouco entre si, e os outros quatro casais possuem no mínimo cinco anos de diferença etária entre seus integrantes. Entre os oito casais portenhos, apenas um possui uma diferença etária de mais de cinco anos; os integrantes dos outros sete casais não possuem idade significativamente diferentes.

A despeito das semelhanças e das diferenças, é essencial destacar que os sujeitos entrevistados no Brasil e na Argentina organizam sua conjugalidade por meio de duas injunções contraditórias que podem ser representadas pelas figuras do individualismo e

do holismo. A primeira delas diz respeito à capacidade do sujeito de se individualizar, de buscar a “auto-realização” individual através da liberação de suas “repressões” e, especialmente, pela expressão de sua sexualidade. Já a segunda, diz respeito à coexistência de valores e códigos holistas ou relacionais, representados pela capacidade do sujeito de transcender a si mesmo, se doando ao outro, no caso seu companheiro. Tal pode ser constatado na utilização da “gramática do amor romântico”, bem como na relação com terceiros “significativos”, como os familiares e amigos, tema este do próximo capítulo.

– Capítulo 5 –

Respeito, subjetividade e sociedade.

Neste capítulo, analisarei como os entrevistados de Brasília e Buenos Aires relacionam-se com seu “entorno social”, suas famílias, amigos e colegas de trabalho. Focarei também na análise de como eles trazem em suas falas temas como preconceito, discriminação, tolerância, respeito e reconhecimento. Como dito anteriormente, essa é também uma investigação comparada dos contextos de reconhecimento social da conjugalidade homossexual em dois países da América Latina, quais sejam, Argentina e Brasil. Mais especificamente, da conjuntura social de suas capitais, Buenos Aires e Brasília, sendo que a primeira já reconhece, através de legislação específica, a união entre pessoas do mesmo sexo e a segunda não. No entanto, apesar de trabalhar com essa diferença, é importante destacar que as práticas de reconhecimento social que serão tomadas como objeto de análise não se atém ao nível estatal, seja como legislação aprovada no caso argentino, seja legislação não aprovada ou como política pública no caso brasileiro. Reconhecimento social diz respeito também a outros níveis que o não-estatal, isto é, o nível das interações sociais na vida cotidiana, sejam elas referentes às inter-relações entre os membros do “mundo gay”, ao intercâmbio entre os entrevistados e ao conjunto das pessoas com as quais eles mantêm relações, ou ainda entre eles e a sociedade em geral.

É através dessas múltiplas interações sociais que se pretende analisar como o preconceito e a discriminação, e seus opostos, a tolerância, a aceitação e o reconhecimento social são tematizados, seja pelo Estado, seja pela sociedade civil, mas me atendo especialmente às falas dos entrevistados. Desse modo, partirei de suas falas para desenvolver a análise e me remeterei sempre que necessário a estudos sobre o reconhecimento da conjugalidade homossexual, tanto no âmbito legislativo, quanto no judiciário, procurando tematizar como se dá o reconhecimento social da homoconjugalidade em contextos diferenciados, seja em Buenos Aires, seja em Brasília.

Segredo e armário.

[...] *por más que la familia pueda suponerlo, la relación es un secreto.*
Pablo

Sobre todo de parte de Hernan hubo un poco de miedo de que las personas del trabajo se enterasen, la preocupación era qué iban a decir las personas, sus colegas, fue una cosa de prejuicio cultural más que nada. (...) estaba el miedo en la fantasía de ser rechazado, de ser señalado, pero era más una cosa de uno que de ellos, no, no tuvimos situaciones de prejuicio o de señalamiento ni nada. Horacio

[...] *la aceptación [da família] fue un poco dificultosa, pero con el tiempo es como que la va aceptando.* Ariel

Cuando termino la escuela secundaria, dije 'ya está', o sea no se lo voy a contar a mis viejos pero si se enteran, no tengo problemas. Entonces empezaron a llamarme en casa Pablo, Malaquias, Elias, Estebán y ninguna chica, entonces al mismo tiempo a los 20, 21 años mis padres querían hablar conmigo y me preguntaron si yo era homosexual. Yo les dije que sí. No los alegró, no era lo que esperaban, pero me dijeron que si yo estaba contento, ellos iban a estar contentos también. Más que nada estaban preocupados porque pensaban que era peligroso ser homosexual, que yo podría ser blanco de agresiones o de burlas. Patricio

[...] *[sua cidade natal era] un lugar sin opciones, con pocos lugares y todos heterosexuales, y si hay un homosexual que se nota, éste se queda totalmente apartado porque no es aceptado, es mal visto. El concepto que se tiene de la homosexualidad es terrible, entonces uno si vive con tanta culpa que uno no quiere aceptar, uno no quiere aceptar que es igual que esté discriminado que es tan mal visto por ser homosexual. Entonces no fue buena la adolescencia, viviendo desde ese lado, donde su deseo no eran las chicas y la solución era negarlo, negar el deseo por los hombres.* Esteban

[...] *é genial, é sempre muito próxima [a relação de sua família com Salomão]. Tanto que mamãe liga e sempre deixa um beijo, pergunta como ele está. Quando eu vou à casa dela e ele não vai, ela pergunta como ele está, porque ele não apareceu, coisas assim. Vejo que ela sempre quer estar junto, sempre quer estar próxima e se sente bem. Tanto meus irmãos quanto mamãe, sempre querem estar juntos e quando podem querem estar perto, respeitam e gostam da gente, de nossa companhia.* Abraão

[...] *até os 15 anos e um pouco mais, eu fui lutando para emagrecer; passei a ter uma neurose para não engordar mais. Naquele momento foi muito difícil especialmente porque eu estava começando a ter toda*

uma série de fantasias homossexuais possíveis e eu não sabia como lidar com aquilo. Conversava com meu pai, que sempre foi muito aberto para o diálogo e foi muito bom nesse aspecto. Mas tinha um lado ruim na relação porque eu fiquei muito dividido entre seguir a heterossexualidade, sem sentir nenhum desejo pelo sexo oposto, ou a homossexualidade, envolta em toda uma carga de doença e perversão. Por conta disso, fiquei anos buscando namorar mulheres. Elias

[...] ela [mãe de Jacó] sempre acha que ele está doente e vai ser curado pelo divino espírito santo. Elias

[...] para quem eu contei não houve [preconceito], porque eu seleciono muito para quem eu vou contar. Saul

Hoje, quando saímos, se for a lugar hétero nos comportamos como amigos, se for em lugar gay não vou me negar a fazer carinhos nele ou ele a fazer em mim, ou ficar nos beijando. Antigamente eu tinha medo de me expor, hoje eu estou mais tranquilo; acho que você se expõe se você quiser, dentro ou fora do ambiente. Simeão

[...] a gente nunca escondeu nada de ninguém. A gente tinha a vida da gente em comum, a casa da gente estava aberta, os vizinhos iam lá, meus pais nos visitavam, ficávamos no mesmo apartamento, dormíamos no mesmo quarto. Salomão

No trabalho também nunca tivemos problemas, todos sabem de nós e nos tratam normalmente. Judá

Estas falas de nativos trazem diferentes posturas assumidas por eles no que tange ao controle e a revelação do segredo em relação à sua homossexualidade e à sua conjugalidade, seja para sua família de origem, para os amigos, para os colegas de trabalho ou para os chefes. Trata-se de posturas que relatam a necessidade de manutenção completa do segredo para todos como na fala de Pablo, passando por um controle seletivo como na fala de Simeão ou Saul, chegando à não necessidade de existência de um segredo, casos de Judá, Salomão, Elias, Abraão, Patricio, Ariel. Estes últimos, quando relatam a “abertura do segredo” e a “saída do armário”, retratam também a reação das pessoas e os problemas pelos quais os nativos passaram e ainda passam quando da não aceitação de sua homossexualidade ou conjugalidade, como a busca por “correção” ou “cura”, como nas falas de Elias e Ariel, mas há também, reações positivas como a aceitação e o respeito relatados nos casos de Judá, Salomão, Abraão ou Patricio. Neste momento do texto apresento e problematizo nas narrativas de

homoconjugalidade dos casais entrevistados em Buenos Aires e Brasília como suas falas articulam o processo de controle e de revelação do segredo de suas homossexualidades e conjugalidades para pessoas de seu círculo pessoal e social. Mas antes disso, tenho de registrar que na análise que desenvolvo a seguir, o segredo

[...] contém uma tensão que se dissolve no momento da revelação. Este momento constitui o apogeu no desenvolvimento do segredo. Também o segredo contém a consciência de que pode ser rompido: de que alguém detém o poder das surpresas, das mudanças de destino, da alegria, da destruição – e até da autodestruição. Por tal razão, o segredo está sempre envolvido na possibilidade e na tentação da traição; e o perigo externo de ser descoberto se entretete com o perigo interno, que é como o fascínio de um abismo, a vertigem de a ele nos entregarmos. O segredo cria barreiras entre os homens, mas ao mesmo tempo traz à baila o desafio tentador de rompê-lo por boataria ou por confissão – e esse desafio o acompanha todo o tempo. (Simmel 1999: 2)

Desse modo, a administração do segredo, sua revelação ou não, é feita de maneira cuidadosa pelos nativos e envolvem questões como a auto-aceitação da homossexualidade, demonstrações de receptividade pelo outro em questão, ou ao menos alguma predisposição favorável para “aceitar” a confissão que serão feitas. Tendo em mente este cálculo, aponto que a maioria absoluta dos entrevistados afirmou que a família sabe de sua homossexualidade e de sua relação conjugal. Dos 26 homens entrevistados que compõem 13 casais, 25 deles afirmaram categoricamente haver conhecimento de sua homoconjugalidade por seus familiares. No entanto, é importante destacar que esse extenso conhecimento das famílias não pode ser tomado como igual em todos os casos, pois, dentre os 25 nativos, 21 literalmente “saíram do armário” para suas famílias conversando sobre o tema em diferentes momentos de sua vida. Como Rolando, que aos 15 anos de idade contou de sua homossexualidade para sua família sem ter tido qualquer relação com uma mulher. A reação dos pais à notícia foi tranquila e ainda hoje mantêm o diálogo, recebendo-os em suas casas sem qualquer tipo de tratamento diferenciado. Caso similar aos de Patricio, Miguel, Abraão e Salomão, que contaram para seus pais ainda muito jovens. Diversamente dos casos de Horacio, Hernan, Saul e Judá, que depois de terem vivido casamentos heterossexuais e terem tido filhos resolveram assumir sua homossexualidade diante da família e, em especial, dos filhos, que freqüentam suas casas sem problemas. Casos muito parecidos ao de Andrés, de Gerardo, de Simeão e de Isaac, que contaram para seus pais depois de terem vivido

longas relações estáveis ou de namoro com mulheres. Situações diferentes da que viveu Félix ao sair do armário para a família aos 24 anos de idade, sendo a notícia recebida sem problemas por uma parte da família e de maneira problemática por outra. Casos similares ocorreram com Damian, Ariel, Ernesto, Elias, Jacó, David e Golias que enfrentaram preconceito e em, alguns casos tentativas de “cura” e “conversão”.

Dos cinco nativos restantes, quatro afirmam que a família sabe devido ao fato de nunca terem apresentado namoradas, ou por estarem sempre com um “amigo especial” por perto, ou ainda pelas piadas acerca da “solteirice” deles. Casos que foram relatados por Ramiro, Juan, Esteban e Alejandro; todos nunca conversaram sobre sua homossexualidade ou relações conjugais, tampouco têm necessidade, preocupação, interesse ou fazem qualquer esforço no sentido de manter qualquer tipo de segredo acerca do tema com a família. Diferentemente de todos os casos supracitados, Pablo afirma que sua homossexualidade e conjugalidade é motivo de segredo para toda sua família e nunca conversou ou tem interesse que eles saibam do tema.

Além disso, é extremamente importante destacar que o fato da maioria dos nativos ter conversado com seus familiares não significa necessariamente que tenham saído totalmente do armário e tornado sua homossexualidade e conjugalidade pública para todos. Dentre os 21 nativos que vivem em Buenos Aires e Brasília, e que conversaram com suas famílias, 11 apontam reiteradamente que nunca tiveram qualquer tipo de preocupação em omitir ou tornar este fato um segredo, já tendo inclusive conversado sobre o tema em seu trabalho. Os dez restantes afirmam que sua homossexualidade e sua relação conjugal ainda são um segredo para outras pessoas, especialmente no trabalho.

Na pesquisa que desenvolvi em Cuiabá anos antes (Lopes 2009), situação semelhante ocorreu. Dos 10 homens entrevistados que viviam uma relação homoconjugal apenas um afirmou que a família não sabia de sua homossexualidade e de sua parceria; os nove restantes acreditavam que a família sabia, sendo que sete deles haviam conversado abertamente sobre o tema com os pais, filhos, irmãos(ãs), sobrinhos(as) e ex-esposas. Além disso, nem todos que haviam conversado com seus familiares tinham “saído do armário” para colegas de trabalho, patrões ou superiores, vizinhos e amigos.

Tal como afirma Sedgwick (2007), mesmo pessoas assumidamente gays estão de algum modo dentro do armário em relação a alguém que é importante para elas em algum nível, seja afetiva, econômica ou institucionalmente, e esse sair do armário envolve sempre um cálculo acerca de possíveis perdas e ganhos resultantes dessa “revelação”. Assim, “sair do armário” é um processo problemático que envolve uma situação potencialmente perigosa pelo risco da perda afetiva, pelo risco de perda econômica, e estes riscos se multiplicam e se associam sempre a medos: de ser expulso da casa pelos pais; de perder o contato com o(a) filho(a); da violência (física ou simbólica); de não ser aceito pelos pais, familiares e amigos.

Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. Mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante. No nível mais básico, tampouco é inexplicável que alguém que queira um emprego, a guarda dos filhos ou direitos de visita, proteção contra violência, contra “terapia”, contra estereótipos distorcidos, contra o escrutínio insultuoso, contra a interpretação forçada de seu produto corporal, possa escolher deliberadamente entre ficar ou voltar para o armário em algum ou em todos os segmentos de sua vida. (Sedgwick 2007: 22)

Em alguns casos, “sair do armário” para os nativos é analisado também como um ato que envolve algum cálculo acerca de vida ou de morte. A referência não é apenas à vidas e mortes concretas – apesar de ser possível se pensar nesse aspecto nas narrativas de David, Ariel e Hernan, que chegaram a pensar ou buscar o suicídio como forma de “atenuar a dor” e fugir da homossexualidade – mas, também, à “mortes sociais”, representadas pelo preconceito, pela discriminação, pelo receio ou pela efetiva exclusão do sujeito de seu grupo familiar ou de amigos.

Além disso, “assumir” não pode ser tomado como um “evento” irrevogável. Para ocorrer à revelação do segredo da homossexualidade e da conjugalidade há que ocorrer uma efetiva seleção, pelos nativos, dos possíveis portadores do segredo. Tal seleção revela a existência, no imaginário social, de uma infinidade de representações de caráter negativo, bem como do preconceito e da discriminação sobre as homossexualidades. Esses elementos muitas vezes provocam o silenciamento em torno

da união homossexual, pois assumir-se homossexual consiste no primeiro passo do processo de desconstrução das imagens depreciativas associadas a esta condição. Já a revelação do segredo de uma união homossexual necessariamente seria perpassada por um/a diálogo/negociação de visibilidade e de aceitação das respectivas homossexualidades, o que torna mais complexa a possibilidade de visibilização (Tarnovski 2004; Lopes 2009).

A “saída do armário” pressupõe, assim, a “aceitação”, um reconhecimento positivo de si mesmo como homossexual, que, nas narrativas da maioria dos entrevistados, é construído ao longo de um processo problemático no qual inicialmente há a ocorrência de “experimentação”, “crises”, “conflitos”, “culpa”, “dúvidas”, “auto-exclusão”, “solidão”, “isolamento”, “tentativas de correção/cura”, “construção de vidas duplas”, e, posteriormente, com a iniciação no meio homossexual, com a percepção da similaridade dos “dramas entre iguais”, com a “resolução dos conflitos internos”, há a construção da “aceitação”. Como discuti no capítulo três, deste trabalho, a atração, desejo ou anseio, no que tange à relações sexuais, afetivas ou eróticas com outros homens, sempre esteve presente entre todos os sujeitos entrevistados em Buenos Aires e Brasília, mas, devido a processos mais longos ou mais acentuados de aceitação de sua homossexualidade – tomada como uma “verdade” já inscrita no sujeito e por isso mesmo inescapável – o “assumir-se” ocorre em momentos distintos de suas vidas e pode ser tomado como um acirrado combate contra a “homofobia social” e “homofobia internalizada” pelos próprios sujeitos.

Desse modo, se o estigma associado à homossexualidade condena à segregação e ao silêncio, “sair do armário” é tomado como arma e estratégia pelos sujeitos homossexuais e pelo movimento homossexual antes mesmo de *Stonewall*³⁰. Mas, como já disse e reitero neste momento, assumir não deve ser tomado como sinônimo de visibilidade social, mesmo porque o ato de assumir nem sempre implica em

³⁰ Em 1969 na cidade de Nova Iorque (EUA) ocorreu no bar *Stonewall Inn*, conhecidamente freqüentado por gays, lésbicas e travestis, um confronto policial que durou cerca de cinco dias e se tornou uma espécie de marco fundador do movimento LGBT mundial, apesar de anteriormente já haver registros de uma movimentação de liberação de homossexuais. No dia 28 de junho daquele ano, o referido estabelecimento foi invadido por policiais que alegavam descumprimento na venda de bebidas alcoólicas. Cansados das pressões por propinas e das chantagens, seus freqüentadores atacaram os policiais com pedras e garrafas, gritando palavras de ordem como “Poder gay” e “Sou bicha e me orgulho disso”. (Nunan 2003; Bellucci e Rapisardi 1999).

comunicações verbais; como vimos acima, há o vasto terreno da desconfiança, do “acreditar que sabem, mesmo sem nunca terem conversado a respeito”.

Somando-se ao já exposto, o armário pode ser analisado também como uma metáfora que traz em seu bojo várias oposições que são essenciais para a compreensão da cultura e da sociedade a partir do final século XIX, tal como afirma Sedgwick (2007), são elas: homo/heterossexual, privado/público, dentro/fora, invisível/visível, com o “senso comum” discursivo e institucional de recusa cognitiva do primeiro termo, que fundamenta a criação de uma sexualidade particular (a homossexualidade) como caracterizada pelo segredo e, outra sexualidade (a heterossexual), como sinônimo de identidade compulsória.

Trata-se de uma metáfora que traz inserida uma enorme gama de questões e problemas subjetivos e sócio-políticos que envolvem a análise da construção da identidade, do preconceito e da discriminação acerca de e sobre a homossexualidade. Em outras palavras, por mais que se possa dizer que há outras formas de opressão no armário, a metáfora do armário ganha sua plena significação apenas quando faz referência à homossexualidade, pois envolve de maneira imediata a topologia do dentro/fora, do visível/invisível, do público/privado, que só adquire destaque quando da enunciação, da visibilidade. As opressões fundadas em elementos como etnia, em alguns casos, “raça/cor”, idade, gênero, deficiência física, peso, entre outras, baseiam-se em características das quais não se é possível omitir, estando “marcadas no corpo”, isto é são visíveis e identificáveis. Assim, *“ressoante como é para muitas opressões modernas, a imagem do armário é indicativa da homofobia de uma maneira que não o pode ser para outras opressões.”* (Idem: 32)³¹.

Isso implica dizer que o armário nunca é vivido igualmente por negros, mulheres, idosos, obesos, deficientes, entre outros, pois estes não precisam “sair do armário” tal como homossexuais precisam. Isso implica afirmar também, tal como Pecheny (2001), Sedgwick (2007) e Vale de Almeida (2007), que diferentemente

³¹ Não quero dizer com isso que um tipo de opressão é mais ou menos intenso que outro. Pelo contrário, meu objetivo é mostrar que formas distintas de opressão partem de elementos distintos e resultam em “sistemas” distintos de hierarquia, discriminação e preconceito. Tampouco estou querendo afirmar que as distintas opressões podem ser analisadas de maneiras separadas e sem relação entre si, se somando umas às outras, de acordo com a pertinência do sujeito a tal ou qual grupo. Em minha análise, as opressões só fazem sentido se forem analisadas como um “complexo de signos” que adquire significado referencialmente a sujeitos, contextos ou grupos pelos quais são acionados.

daqueles, o sujeito homossexual não “nasce para” ser recebido por uma realidade social “pronta para ele”, constituída por semelhantes ou grupos com raízes em uma cultura originária e clara linearidade ancestral. O homossexual,

[...] nasce para a impossibilidade de ser e nasce para cumprir um projecto de subjectificação enquanto heterossexual. A garantia de sucesso do projecto, ao nível das representações aprendidas no processo de socialização, é dada por aquilo que Éribon chamou o “insulto”: para o futuro homossexual não existem homossexuais à sua volta, mas existe um fantasma – a homossexualidade – apresentada como figura condenável e condenada. O processo de subjectificação é, pois, também um projecto de sujeição. (Vale de Almeida 2007: 292).

Assim, os primeiros contatos estabelecidos pelos nativos consigo mesmos e com suas “verdades”, com sua “natureza”, tal como definidos por eles, são sempre carregadas de um conjunto de imagens e representações negativas acerca das relações erótico-afetivas entre pessoas do mesmo sexo e as identidades relacionadas. Imagens e representações que primam pela condenação do afeto, da atração e das relações quando direcionados para outros de seu mesmo sexo. Tal como Pecheny (2001) aponta, a maior dificuldade em uma sociedade “homofóbica” não é a dimensão sexual da identidade homossexual – esta pode ser praticada “às escondidas” ou em um refúgio entre quatro paredes – mas sim, o delicado problema da expressão pública do afeto, do amor ou do compromisso, que tem de ser sufocado cotidianamente em espaços públicos e torna a identidade homossexual uma “identidade estigmatizável”.

Finalizando, somente desse modo, torna-se possível compreender a complexidade das causas pelas quais os nativos, ao contar suas histórias de vida, consideram tão dramáticos e difíceis os momentos nos quais ocorre a construção do processo de aceitação da homossexualidade e de saída do armário e, também, porque muitas vezes, eles buscam através de estratégias as mais diversas “saná-los”, “corrigi-los”, “fugir deles” e “negar sua existência”. Todos eles nasceram e foram socializados partilhando um repertório simbólico comum no qual há um sistema hierárquico hegemônico que coloca a heterossexualidade no lugar mais alto e os situam como sujeitos em posições subordinadas, em alguns casos, os situam em um “não-lugar” ou em um “lugar equivocado”. E a vivência destas diferentes posições produz sentidos, significados e avaliações diferenciadas desse sistema hierárquico por cada um dos sujeitos destes diferentes grupos. Em outras palavras, eles apreendem a hierarquização

na socialização e a mantêm em algum nível, mas quando “se aceitam” ou “saem do armário” acabam “consciente ou inconscientemente”, através de ações, performances e discursos, desestabilizando este sistema hierárquico dominante.

Mundo gay e sociabilidade

[...] *no somos muy amantes de las salidas, por ejemplo anoche fuimos a cenar a un restaurante porque era el cumpleaños de un amigo que nos invitó y era un fastidio la cantidad de ruido que había, eso no nos gusta, o sea preferimos más las reuniones de casa donde vos verdaderamente podés hablar, escuchar, o sea nos interesa mucho el intercambio cultural y reflexivo, también reírnos, ya que no siempre se puede estar charlando en profundidad, pero somos más de encontrarnos en casas que de salir.* Hernan

[...] *lo que pasa es que no nos gusta mucho, en el tema de las discos no nos gusta mucho el ruido que hay, que nadie se puede comunicar con nadie, nadie puede mantener una charla más o menos tranquila, no nos gusta la música que pasan, no nos gusta la música que escucha la mayoría de los gays, entonces con esas veces que fuimos ya nos alcanzó. Y lo de los saunas, fuimos algunas veces, lo que pasa es que no es nuestro ambiente. Pero lo principal, una de las cosas que no nos gusta es el gueto, por ejemplo acá en la capital hay un lugar que se llama el Club de los Osos, es para el tipo de hombre como Hernan, grandotes, peludos, a ellos se les dice osos, no sé si sabés cómo identificarlos, pero bueno, fuimos un par de veces a estos lugares y particularmente a mí me dio mucho rechazo.* Horacio

[...] *tenemos salidas como de cualquier pareja heterosexual, salimos al cine, vamos comer afuera, vamos a pasear, a comprar algo para la casa, además nos gusta salir a caminar mucho y nos divertimos sacando fotos.* Ariel

[...] *después de un tiempo, es como si te dijeras '¿qué estoy haciendo acá? Si ya estoy con la persona que yo quiero, qué hago en este lugar, donde no podés charlar, la música es muy fuerte, donde no podés compartir determinadas cosas porque eso es un mundo de gente, de ir y venir. Que no podés hablar, que no podés tomar nada tranquilo, entonces fuimos dejando de lado eso y compartiendo otras cosas, o sea una salida a un cine, una salida a cenar afuera, juntarnos con conocidos, con amigos, mirar una película.* Rolando

Estamos muito caseiros, estamos viciados em mini-séries, filmes e programas de TV. Adoramos ficar deitados ali no chão e às vezes ficamos um sábado inteiro, quando a gente pode é claro, mas principalmente no domingo que é quando temos tempo. David

A gente vai muito a bares e restaurantes com amigos, lugares gays a gente não frequenta muito, a gente não gosta muito de lugar gay, com essa pecha gay, tipo boate, isso não faz a nossa cabeça não. Bar tem um em Brasília que a gente frequenta que não é exclusivamente gay e

a gente vai porque a gente gosta, é um lugar agradável. Fora isso, a gente frequenta qualquer lugar. Salomão
Nós dois gostamos muito de filmes e cinemas, então boa parte do tempo a gente está assistindo a um filme ou a um seriado ou ainda saindo para ir ao cinema, acho que essa é nossa principal diversão, mesmo não sendo a única. Jacó

À exceção de Ernesto e Esteban, que apontam ir com grande frequência à festas em boates e saunas, promovidas pelo clube dos ursos, todos os outros entrevistados afirmaram ser homens “caseiros”, isto é, preferem visitar ou receber amigos e familiares em casa, para jantares, almoços, sessões de cinema ou mesmo apenas para bater papo. Estes 24 nativos apontaram também que, quando saem de suas casas, têm como objetivo frequentemente ir à cinemas, restaurantes ou bares para encontrar amigos, mas geralmente se mantêm pouco tempo por não gostarem da vida noturna e considerarem as boates gays como lugares de trânsito aonde as pessoas vão com o fim de conhecer outras pessoas, “[...] *es un mundo de gente, de ir y venir.*” (Rolando). É por isso que preferem frequentar lugares calmos e tranquilos onde a música não seja alta e haja possibilidade de conversar com os amigos, trocar experiências e contar histórias, “[...] *nos interesa mucho el intercambio cultural y reflexivo*” (Hernan).

Esse intercâmbio é realizado na maioria dos casos com outros sujeitos que vivem relações estáveis de namoro ou conjugalidade, sejam homossexuais ou heterossexuais. Há, assim, uma busca pela construção de relações de amizade com outros sujeitos em “situação semelhante” com o fim de romper com o isolamento social a que estão sujeitos na metrópole. As reuniões habitualmente ocorrem em suas casas com amigos e nas casas desses amigos, mas também com menor frequência em bares e restaurantes. Elas podem ser vistas como espaços no quais há a possibilidade de “expor” a identidade de casal em um “ambiente seguro e livre de riscos”, obtendo ainda o reconhecimento da existência da relação de conjugalidade pelo grupo e com isso um reforço e reafirmação do laço conjugal.

A criação deste ambiente “íntimo”, que permite a troca de informações e o estabelecimento de relações sociais para vivência da conjugalidade, cria, também, um espaço de visibilidade e de “liberdade de agir”; um lugar para a expressão da autenticidade do sujeito, no qual não há necessidade de omissões, segredos, armários. De modo oposto, há as relações no trabalho e em família, tomadas por alguns nativos

como necessariamente objeto de segredo. E, há ainda, às relações travadas no mundo do trabalho, no mundo social, e em alguns casos no mundo familiar, onde não se diz, mas também não se omite, tal como vimos acima.

Desse modo, as narrativas dos nativos, ao se tratar de sua circulação em espaços de sociabilidade, evocam o estabelecimento de três registros: o da visibilidade, o da invisibilidade e o da “evidência muda” (Paiva 2007a,b). Os dois primeiros podem ser imediatamente ligados à dualidade fora do armário/dentro do armário, já o terceiro é um espaço no qual ocorre à ruptura da dualidade assumido/não assumido. Tal como apontou Paiva (2007a) em seu estudo sobre parcerias homoeróticas na cidade de Fortaleza, não se trata de um espaço para negação do relacionamento, para o estabelecimento de um segredo, mas sim de um espaço no qual há “*uma economia (no sentido econômico de fazer uma reserva) da intimidade frente a uma exposição sentida como excessiva*” (idem: 254).

Na pesquisa desenvolvida por mim em Cuiabá (Lopes 2009), isso também se repetiu, pois a maioria dos entrevistados negou freqüentar o meio gay. Aqueles que o faziam, evidenciaram a preferência por bares, em detrimento de boates e saunas, tomadas como “locais de pegação”. Além disso, afirmaram que a partir do estabelecimento do compromisso conjugal, não consideravam “valer a pena” a ida a este tipo de estabelecimento, evitando serem identificados com a imagem negativa e estereotipada do “homossexual promíscuo”. Tal fenômeno também se repetiu na etnografia desenvolvida por Sívori (2005) em Rosário na Argentina. Em sua pesquisa sobre a sociabilidade homossexual masculina na década de 90, naquela cidade, o autor destacou haver uma enorme valorização dos casais e da família na “cultura gay argentina” do final do século XX, sendo que as saídas ao mundo gay só eram totalmente legitimadas quando tinham como objetivo a busca por um parceiro para iniciar uma relação estável com um contrato de fidelidade. A partir do momento em que a relação estável se iniciava, o “ideal” e usual era a retirada dos parceiros do circuito das discotecas, no entanto, “*las parejas estables visitaban los boliches muy de vez em cuando, como una visita ritual.*” (idem: 52). Somando-se a isso, ir à boate com o parceiro pode ser problemático devido ao “risco” que poderia representar para a estabilidade do casal a competição com outros homossexuais. Isso foi relatado por alguns dos nativos de Buenos Aires e de Brasília que às vezes gostavam de ir à boates, bem como entre os nativos de Cuiabá (Lopes 2009) e de Rosário (Sívori 2005).

Entre os nativos de Brasília e Buenos Aires, apenas seis afirmaram gostar de freqüentar o mundo gay. Dentre eles somente dois vão com regularidade neste ambiente, sendo que os outros quatro vão unicamente quando surge “uma oportunidade” para encontrar amigos ou ainda quando querem conhecer um eventual novo parceiro sexual. De acordo com Trevisan (2004) e Sívori (2005), um grande número de homossexuais recusa ser confundido com a comunidade gay, de modo que escolhe não freqüentá-la, sob qualquer hipótese. Tal como resume Costa (1992: 164), *“dando um enorme peso à sexualidade na definição da identidade do sujeito [...] a subcultura gay não atende, como seria previsível, à pluralidade de aspirações dos sujeitos homoeroticamente inclinados”*.

Ademais, há um grande repúdio entre os nativos de frequentarem guetos. Tal fica claro na fala de Horacio “[...] *fuimos algunas veces, lo que pasa es que no es nuestro ambiente. Pero lo principal, una de las cosas que no nos gusta es el gueto [...]*”, e na fala de Salomão “[...] *a gente não gosta muito de lugar gay, com essa pecha gay, tipo boate, isso não faz a nossa cabeça não.*” Essas falas se repetiram de maneiras diferentes em várias conversas com nativos no Brasil e na Argentina, mas a referência utilizada em quase todas as conversas era “mundo gay”, “locais gays”, “ambiente gay” e não gueto como aparece na fala de Horacio. Diferentemente de Pollak (1987), que ao fazer a análise da formação do gueto no contexto das grandes cidades americanas aponta a formação inclusive de bairros urbanos segregados da sociedade, para os nativos, gueto pode ser entendido como um conjunto de locais (públicos ou particulares) que se destinam e/ou se tornaram locais consagrados de encontro e interação – sexual ou não – entre pessoas do mesmo sexo. Assim, tal como Perlongher (1993), o gueto gay para meus nativos pode ser visto como um local desterritorializado, *“de flujo y deambuleo”* mais do que um lugar de residência fixa.

Desse modo, os locais mais representativos e acionados pelos nativos quando se fala de mundo gay são as boates gays e saunas, ambos vistos como ambientes que não são ideais para um casal, uma vez que a grande maioria dos freqüentadores vão em busca de parcerias afetivo-sexuais, tal como também apontou Sívori em Rosário (2005) e Lopes em Cuiabá (2009). Muitos dos nativos afirmaram que antes ou no início da relação de conjugalidade que vivem freqüentavam o mundo gay, seja para procurar relações sexuais anônimas, seja por curiosidade, ou ainda com o objetivo de estabelecer um contato inicial com esse universo e aprender seus códigos e regras, mas que com o

estabelecimento ou o fortalecimento da união deixaram de freqüentá-lo. Mais do que qualquer coisa, trata-se de um período de experimentação e de descoberta de uma rede de homossociabilidades até então invisível. Adicionalmente, quando há freqüência à boates por parte dos casais, eles reiteradamente apontam que tal freqüência se dá por motivos diversos tais como a curiosidade, o encontro com amigos ou a busca por novos amigos, dançar ou fugir do preconceito, “*Nos gusta ir a bailar*”, “*Vamos a bailar para encontrarnos con el grupo de amigos [...]*”, “*es un ambiente [Club de los osos] que a mí me gusta mucho y a Andrés lo hace sentirse bien porque cuando estaba más gordo se sentía discriminado y extraño [...]*”.

A freqüência ao clube dos ursos, presente na narrativa de muitos dos casais entrevistados, são analisadas como momentos nos quais a amizade assume lugar essencial devido à ênfase dada nesse ambiente em uma camaradagem que supera a “sexualização” das relações. Tal é possível de se constatar em algumas práticas comuns na cultura ursina, como o *bearhug* (abraço de urso), as comilanças constatadas nos jantares que ocorrem semanalmente às sextas-feiras no “Club de los osos” de Buenos Aires, a organização de viagens e excursões em feriados e finais de semanas, os “jogos” e “competições” que ocorrem regularmente nas festas tendo como “mote” brincadeiras com seus corpos “pesados”³². Não estou afirmando com isso que não há busca entre os nativos de relações sexuais com outros parceiros, pelo contrário, isso se verifica nas narrativas dos casais que têm uma relação aberta. O que coloco em destaque é que o foco das relações estabelecidas neste ambiente é em uma “ética do cuidado” com a rejeição de uma cultura de “objetificação sexual”.

Outro espaço de sociabilidade reiteradamente utilizado pelos nativos e destacado em suas falas é o espaço virtual. À exceção de Miguel, Gerardo e Judá, todos os nativos relataram a utilização constante da internet como meio de divertir-se, manter contato com familiares distantes, fazer contatos com outras pessoas e grupos de amigos, ou ainda para acessar informações. Essa grande freqüência ou uso do mundo virtual também pode ser constatado no fato de que dos treze casais entrevistados, sete

³² Uma destas brincadeiras ocorreu em uma de minhas idas às festas dos ursos. Segundo os nativos, acontecia com alguma regularidade. Era o *striptease* parcial incitado pelos coordenadores do *Club de los osos* com convidados escolhidos ou aclamados aleatoriamente entre os participantes durante a realização da festa. Os escolhidos sempre tinham o estereótipo padrão dos ursos e eram ovacionados pelo público à cada peça de roupa que tiravam. Outra brincadeira que presenciei era a distribuição de camisetas para alguns dos participantes das festas que eram eleitos e tinham de subir ao palco e, às vezes, dançar para recebê-las.

estabeleceram contato e se conheceram através da internet; dos outros seis, dois foram apresentados por amigos, um casal conheceu-se casualmente na rua, outro no trabalho e outro em um restaurante, e o último casal utilizou-se de um chat telefônico para estabelecer o primeiro contato com o companheiro atual. Somando-se a isso, entre os 26 entrevistados no Brasil e na Argentina, apenas quatro deles não tinham perfil elaborado nos sites *g4me* ou disponível. Entre os outros 22 nativos, sete deles tinha um perfil elaborado com o companheiro e o restante tinha elaborado perfis individuais com o conhecimento do companheiro, nos quais havia a afirmação de existência de sua relação de conjugalidade.

Desse modo, como vimos acima, os nativos evitam a frequência ao “mundo gay”, mas não excluem a possibilidade de ir a esse ambiente, desde que para encontrar amigos ou para dançar. Desenvolvem grande parte de sua sociabilidade dentro de um ambiente doméstico através de reuniões, almoços e jantares e, também através da internet, ambiente no qual buscam estabelecer amizades, quando não as tem, e meio pelo qual a maioria conheceu seu companheiro atual.

Analisando a relação entre homoerotismo e sociedade, Costa (1992) afirma a existência de três respostas do homoerotismo ao social, sendo a primeira delas a criação da subcultura *camp*, marcada pela “fechação”, que procura romper com as regras do bom-tom e escandalizar o preconceito, ao incorporar maneiras mal vistas ou discriminadas. A segunda é a criação da subcultura clandestina do gueto, formada por

circuítos de locais de encontro exclusivos de homossexuais [...] [neles] é voz unânime, vai-se em busca de uma “transa”. [...] participando do gueto, sobretudo nas idas a saunas, boates e locais de prostituição, todos se sentem promíscuos e convivendo com a promiscuidade, realizando assim, a imagem do “homossexual” criada pelo estereótipo do preconceito (Costa 1992: 96).

A terceira e última resposta, aponta o autor, é assumir o

[...] estilo de vida da ansiedade, da depressão crônica e dos acting-out sexuais [...] Em geral, são sujeitos que repelem a “cultura camp” e a “cultura do gueto” e que, salvo no que concerne à aspiração homoerótica, sentem-se perfeitamente à vontade no papel de homem, ditado pelo modelo ideal da masculinidade sócio-sexual. (Costa 1992: 97)

As narrativas apresentadas pelos entrevistados não se enquadram totalmente em qualquer das três respostas apontadas por Costa (1992), mas articulam, de maneira criativa, determinados elementos. Assim, rejeitam de maneira flagrante, tanto a subcultura *camp* quanto a do gueto, mas constroem uma ambiência marcada pela presença quase exclusiva de homossexuais, para viver sua sexualidade e conjugalidade, dentro e fora do âmbito doméstico. Tal como aponta Córdova (2004), em sua análise da vida conjugal de gays e lésbicas da comunidade de Ratonés, em Santa Catarina. Nesse local, de forma ambivalente, os entrevistados rejeitam o gueto, mas o criam, ao se fecharem em grupos e espaços que implicam em certo modo de vida, linguagem, sinais, símbolos e categorias próprias. Apesar de que, diferentemente dos homossexuais de Cuiabá e dos Ratonés, os de Buenos Aires e Brasília não afirmam uma recusa absoluta aos circuitos de encontros e trocas freqüentados em busca de uma “transa”, estes narraram ocorrer apenas uma baixa freqüência.

Respeito, performance de gênero e preconceito.

[...] no tengo la necesidad de ponerme un cartel en la cabeza y decir soy gay. Yo hago mi vida normal como todo hombre o como toda mujer lo haría. Ramiro

[...] mi madre sí, aceptó sobre todo porque nos ve masculinos a los dos, no nos ve afeminados y hay cierto estereotipo de gay que es muy afeminado y que a lo mejor cierta gente no lo acepta tanto. Ella, en la medida en que a los dos nos ve bien, nos acepta, viene a casa, manda saludos para él, me pregunta, no hubo una cosa de rechazo. Horacio

No creo que haya sufrido, yo no soy alguien que anda demostrando, ni que se me note físicamente como para que alguien me discrimine. Yo no tengo ningún recuerdo malo o negativo. Ernesto

El respeto, la fidelidad no son palabras con una definición unívoca, yo creo que son palabras que se adecuan a cada sujeto. Con un piso, pero creo que se adecuan a cada sujeto, yo lo amo, lo respeto de una manera muy profunda a Miguel, entonces siempre lo respeto, por eso yo no intento tener sexo con un mujer o con otro hombre por respeto a él. Yo no creo en la fidelidad, yo creo en el respeto. El amor es el respeto hacia el otro. La fidelidad tiene conotaciones que fueron promovidas de Roma, de la Iglesia Católica Romana. Gerardo

[...] uno impone respeto respetando. Sin imponer nada uno dice 'ése es mi territorio', con respeto hace el otro. Miguel

[...] sexo, com homem ou com mulher você encontra em qualquer lugar, no entanto, os complementos, amor, carinho, cuidado mútuo e respeito é que são difíceis de encontrar. Simeão

Tanto meus irmãos quanto mamãe, sempre querem estar juntos e quando podem querem estar perto, respeitam e gostam da gente, de nossa companhia. Abraão

[...] apesar de 90% de nossos amigos serem héteros e casados, eles aceitam e respeitam muito nossa relação, nunca tivemos problemas. Isaac

A visão que eu tinha naquela época, muitos anos atrás e em uma cidade do interior, era que eu tinha de ser bichinha, que eu tinha de ser afeminado, que eu tinha de ser mulher, que os caras tinham que me ver como mulher, e não como um homem que gosta de homens. Essa era minha visão, o dia em que eu descobri o contrário foi uma abertura em minha mente. David

[...] foi muito difícil, eles achavam que eu iria me tornar um travesti.
Judá

Dentre os 26 homens entrevistados, sete deles relataram ter sofrido preconceito e discriminação por parte de familiares, colegas/chefes de trabalho ou mesmo desconhecidos. Félix aponta inclusive que devido à sua “aparição” como debatedor em um programa de televisão, cujo tema era homossexualidade, foi demitido de dois empregos, entrou com processos na justiça por discriminação e acabou por ganhar as causas. Já Miguel afirma ter sofrido preconceito devido à sua homossexualidade, sendo rechaçado diversas vezes ao procurar trabalho em escolas particulares. E Gerardo relata situações de preconceito vividas no trabalho e na igreja que frequenta. A existência do preconceito também foi relatada nas narrativas de Elias e Jacó, resultado de tratamento diferenciado deles por parte de familiares de ambos, especialmente da mãe de Jacó que desde sua “saída do armário” vem tentando levá-lo à igreja com o fim de “curar” a homossexualidade do filho. Fato similar ocorreu quando Judá contou para sua família de sua homossexualidade e que hoje já não ocorre mais. Isaac é outro dos nativos que afirma ter sofrido preconceito. Relata que sofreu agressões verbais de um desconhecido na rua sem qualquer tipo de razão aparente para tal ocorrência.

Os outros 19 nativos relataram que, apesar de conhecerem diversos casos de preconceito e discriminação, nunca chegaram a sofrê-los seja porque “não parecem gays” ou não são identificados como homossexuais, seja porque nunca contaram a ninguém e há um segredo acerca de suas homossexualidades, seja devido ao fato de serem muito desatentos em relação a esse tema, ou ainda porque aprenderam a lidar com as situações de preconceito na infância e adolescência e hoje conseguem impor respeito por suas atitudes e comportamentos.

Na análise desenvolvida por mim com casais homossexuais masculinos em Cuiabá, a categoria respeito se destacava em suas falas como fundamental para compreensão da maneira como a construção de suas homoconjugalidades se dava. Tal categoria se construía por meio de duas estratégias: (1) a produção da idéia de homens de respeito, para o pesquisador durante a entrevista; (2) a configuração da imagem de um grupo de gays respeitáveis, em contraste aos homossexuais promiscuos. A primeira delas era acionada, no momento da gravação da entrevista, quando os entrevistados

tinham uma “orientação defensiva” com o sentido de salvaguardar sua “face”³³ e a de seus companheiros criando a “imagem ideal” de um casal integrado e sem problemas que, após a entrevista e com o gravador desligado, era em parte desmontada ao “segredarem” histórias de infidelidades, de problemas e de discussões resultantes de desconfianças, de ciúmes do companheiro e de incompatibilidades. A segunda delas emergia quando construíam uma “imagem de respeito de si e do casal” baseada no ideal de fidelidade, se contrapondo aos “homossexuais promíscuos”, ressaltando a baixa frequência a ambientes do mundo gay, vistos como “lugares de pegação” e por meio do controle do segredo de suas homossexualidades e conjugalidades para familiares, amigos, vizinhos ou colegas de trabalho evitando especialmente demonstrações públicas de afeto. Desse modo, a categoria respeito atravessava todo o discurso dos entrevistados de Cuiabá acerca da homoconjugalidade, sendo acionadas para definir a relação entre eles - “*nós nos respeitamos muito*” – e, a relação deles com a sociedade em geral – “*recebo respeito porque me dou ao respeito*” (Lopes 2009).

As entrevistas e conversas com os casais em Buenos Aires e Brasília também trazem essa construção da categoria respeito, mas a fazem de maneira diferenciada. Assim, durante a realização da entrevista não temem tocar em temas como (in)fidelidade, relações sexuais com terceiros, discussões e problemas de relacionamento com seus companheiros. Temas estes que nas entrevistas realizadas em Cuiabá eram evitados ou respondidos com certo embaraço e constrangimento pelos nativos. Já com os nativos entrevistados de Brasília e Buenos Aires, estes temas eram na maioria das vezes trazidos à discussão pelos próprios nativos e sendo tratados sem qualquer tipo de constrangimento. Pelo contrário, os nativos desenvolveram longas narrações acerca dos significados dados por eles à fidelidade e às relações sexuais com terceiros, tentando mostrar como no relacionamento deles estas questões adquirem significados diferenciados dos encontrados em relacionamentos heterossexuais “tradicionais”. “*El respeto, la fidelidad no son palabras con una definición unívoca, yo creo que son palabras que se adecuan a cada sujeto*” (Gerardo). Estes significados são construídos entre eles através do diálogo permanente entre os parceiros e pressupõem a existência de mútuo acordo, além do amor, do respeito pelo outro e pela relação.

³³ Goffman define a face como “*o valor social positivo que uma pessoa atribui a si, por meio da imagem que os outros supõem que ela teria construído em determinado contato. A face é a imagem da pessoa, delineada em termos de atributos sociais aprovados, ainda que se trate de uma imagem compartilhada no ambiente social*” (1970: 13). Desse modo, face não constitui algo que se aloja no interior ou na superfície do corpo, mas está localizado difusamente no encontro com o(s) outro(s).

“Siempre y en cuanto se hable, se converse y haya mutuo acuerdo entre las dos partes, creo que eso es la fidelidad [...]” (Félix). Assim, não buscam “criar” a imagem de um “casal ideal” nos moldes das relações heterossexuais tradicionais, mas sim se apresentam como um “casal normal” que “se respeita”, que tem problemas e conflitos – como nas narrativas de Damian e Ramiro, Juan e Pablo, Andrés e Patricio, Alejandro e Rolando, Elias e Jacó –, que briga e, às vezes se separa, mesmo que temporariamente – como nas narrativas de Saul e Simeão, David e Golias, Ernesto e Esteban –, e que constrói seus relacionamentos pautados no amor, no diálogo e no mútuo acordo, tal como apontado anteriormente no capítulo quatro.

No que tange à segunda estratégia, elaborada pelos casais que entrevistei em Cuiabá, e fundada na construção de uma “imagem de respeito de si e do casal” em contraste aos “homossexuais promíscuos”, no ideal de fidelidade, na baixa frequência ao “mundo gay” e no controle das demonstrações públicas de afeto, os nativos de Brasília e Buenos Aires apresentam em suas narrativas um cenário mais rico e com mais possibilidades de interpretação.

Em primeiro lugar, nenhum deles elaborou verbalmente, em momento algum, contraste entre eles e outros grupos de homossexuais buscando reafirmar sua “respeitabilidade”. De modo contrário, apontaram que a sociedade tem um enorme preconceito em relação aos gays se baseando em estereótipos que ligam homossexualidade e afeminação, tal como apontado no estudo de Welzer-Lang (2001) e Sívori (2007). Este atrelamento havia inclusive dificultado ou prejudicado muito o processo de aceitação de sua homossexualidade. Em suas palavras, *“A visão que eu tinha naquela época, muitos anos atrás e em uma cidade do interior, era que eu tinha de ser bichinha, que eu tinha de ser afeminado”* (David), *“[...] hay cierto estereotipo de gay que es muy afeminado y que a lo mejor cierta gente no lo acepta tanto [...]”* (Gerardo), *“[...] si hay un homosexual que se nota, éste se queda totalmente apartado porque no es aceptado, es mal visto.”* (Esteban).

Em segundo lugar, não defendem o ideal de fidelidade baseado na exclusividade sexual; para eles fidelidade é uma questão de “alma e sentimento” e não de “corpo e sexo”. Assim, ser fiel depende de acordos estabelecidos entre eles e não de regras impostas por modelos tradicionais de relação.

Em terceiro lugar, os homossexuais que vivem relações de conjugalidade no Brasil e Argentina afirmaram freqüentar pouco o “mundo gay” de boates, bares e saunas considerados “locais de pegação”, sem, contudo excluir a possibilidade de ir a tais lugares em alguns momentos visando sanar sua curiosidade pelo universo desconhecido até então, dançar, encontrar-se com ou buscar novos amigos e fugir do preconceito por estar acima do peso.

Em quarto lugar, tal como as parcerias homoeróticas de Fortaleza, encontradas no estudo de Paiva (2007a,b), e os nativos de Cuiabá, encontrados em meu estudo anterior (Lopes 2009), os casais homossexuais de Brasília e de Buenos Aires desenvolvem uma “atitude de ‘discrição’” ao circularem no espaço público. Tal atitude se evidencia especialmente no controle da expressão da afetividade “*Hoje, quando saímos, se for a lugar hetero nos comportamos como amigos, se for em lugar gay não vou me negar a fazer carinhos nele ou ele a fazer em mim [...]*” (Simeão), e na postura da não necessidade de “*ponerme un cartel en la cabeza*” (Ramiro).

Assim, nas narrativas dos casais homossexuais do Brasil e da Argentina, focos de análise desta tese, diferentemente dos de Cuiabá, há a construção de uma “imagem de respeito de si e do casal” que está fundada na “atitude de discrição”, no controle da expressão da afetividade e na baixa freqüência ao “mundo gay”. É assim, que os nativos afirmam seu “território” e impõem respeito aos outros, respeitando previamente seu espaço. “[...] *uno impone respeto respetando. Sin imponer nada uno dice ‘ése es mi territorio’, con respeto hace el outro [...]*” (Miguel).

Cabe ressaltar que “dar-se ao respeito” e não sofrer preconceito e discriminação está associado também à uma performance de gênero específica que envolve ao mesmo tempo “não parecer” e “não demonstrar”, como em, “[...] *aceptó sobre todo porque nos ve masculinos [...]*” (Horacio), ou “[...] *no soy alguien que anda demostrando, ni que se me note físicamente [...]*” (Ernesto). Antes de continuar tenho de afirmar que performance aqui é abordada em referência direta ao estudo de Butler (2003a), que formula uma crítica profunda à toda forma de binarismo. Esta pesquisadora argumenta que o gênero consiste na inscrição, em um corpo sexuado, de significados culturais. Este corpo admite diversas interpretações, em distintas lógicas culturais. Portanto, para ela, não deve haver uma relação necessária e unívoca, entre um gênero e um tipo de corpo-sexuado. Assim, o gênero torna-se o resultado, o efeito de performances

cotidianas, que se repetem em períodos históricos determinados. De acordo com esta perspectiva, qualquer construção desta categoria deve obedecer aos modelos de masculinidade e de feminilidade sancionados culturalmente.

Deste modo, as imagens de masculinidade e feminilidade de referência para os entrevistados concernem à reprodução de atitudes, ações e comportamentos “condizentes com e correspondentes ao” modelo de performance de gênero socialmente hegemônico no período histórico. Como mostrei no capítulo três, a fala dos entrevistados ilustra este dado, pois, de uma maneira geral, quando perguntados sobre o conhecimento de terceiros acerca de suas homossexualidades, eles responderam que as pessoas só sabem disso quando eles dizem, já que eles não demonstram, em suas atitudes e comportamentos sua homossexualidade. Assim, as expressões “não me exponho” e “não demonstro”, comuns nos discursos de muitos nativos, remetem diretamente à recusa em se identificarem com gays “bandeireros”³⁴, considerando-se como homens comuns, como “homens como outros quaisquer”.

No que tange à performance de gênero, todos entrevistados se referem a um modelo ideal de masculinidade (virilizada, ativa e com iniciativa) presente nas interações, principalmente na vida cotidiana, no mundo público. Esta performance do homem ideal adquire certa maleabilidade quando as interações se dão em determinadas redes de sociabilidade. Neste tipo de situação pode haver um tom jocoso e de crítica social, característico da subcultura *camp*, com a incorporação simultânea de elementos femininos e masculinos nas ações e falas dos depoentes. Como Sullivan (1996) aponta, há uma especial capacidade dos homossexuais em utilizar a subversão, para se contrapor à hierarquia de poder, com elementos da subcultura citada, tais como, “*o deboche, a desmunhecação, a ironia e o riso, florescendo num descaso pelas normas de gênero sexual (como o cultivo do travestismo) e no uso distorcido da linguagem*” (Trevisan 2004: 35).

Por fim, cabe ressaltar, seguindo a argumentação de Sívori (2005), que a “atitude de discrição”, o controle da expressão da afetividade e a expressão de determinada performance de gênero podem ser associadas à hierarquia e ao valor simbólico incorporador de prestígio. Em outras palavras, ter postura e comportamento

³⁴ Bandeirero ou pintoso é o gay que tem comportamentos e atitudes afeminados. Bandeirero é aquele que simultaneamente “dá bandeira” e “carrega a bandeira”, ou, em outras palavras, assume em seus comportamentos o estereótipo de homossexualidade.

considerados “normais” – ser não afeminado ou poder se fazer passar por heterossexual – podem ser interpretados como vantagem social, indicadora de *status* elevado no momento de estabelecer alianças amistosas, sejam eróticas, afetivas, pessoais ou profissionais, em casa ou na rua. Esta característica se torna relevante, especialmente no reforço de uma figuração pública, pautada na imagem dominante de masculinidade como “ideal moral”. Deste modo, os homossexuais estariam se protegendo do escárnio e da violência e ganhando respeitabilidade. No entanto, como apontam as narrativas, essas identidades não são estáveis. Elas são delineadas em resposta a determinados contextos e situações, quando os indivíduos decidem se apresentar ou identificar de certa maneira e não de outra. Suas identidades são, portanto, sujeitas a variações, descontinuidades e contradições no cotidiano. Tal instabilidade é demarcada por diversos fatores, dentre os quais se destacam respectivamente as dicotomias privado/público, invisibilidade/visibilidade, casa/rua.

Brasil versus Argentina.

Nesse capítulo, até o momento busquei desenvolver uma análise de como o reconhecimento social da homossexualidade e da conjugalidade homossexual emerge nas falas dos casais entrevistados em Buenos Aires e em Brasília. Para tal, recorri a uma análise das interações sociais estabelecidas por eles na vida cotidiana com suas famílias, amigos, colegas de trabalho, com o “mundo gay”, ressaltando que estas enfocavam temas como visibilidade, invisibilidade, armário, segredo, discrição e respeito. Tais análises foram desenvolvidas ressaltando a equivalência de experiências entre esses dois universos, no entanto, é necessário apontar também as diferenças apresentadas pelos nativos em suas falas. Assim, se até o momento o enfoque era “o que os igualam”, faz-se necessário ressaltar também “o que os diferencia”.

Inicialmente tenho de destacar que no aspecto do controle e da revelação do segredo para família de origem há algumas diferenças que devem ser levadas em consideração na análise.

Tabela XIII: Conhecimento do “segredo”

	Argentina		Brasil	
	Sim	Não	Sim	Não
Família sabe ou desconfia	15	1	10	0
Contou para a família	11	5	10	0
Contou no trabalho	5	11	6	4
Contou para amigos	15	1	10	0

Em Brasília, todos os nativos haviam conversado com a família de origem acerca de sua homossexualidade e de sua relação de conjugalidade. Nas conversas que tive com esses nativos havia um forte destaque para a presença dos familiares em suas vidas, mesmo quando estes moravam em outras cidades e não aceitavam a homossexualidade dos filhos. David destaca a constante interação da mãe em sua vida, mesmo com ela morando distante, a mesma coisa se repete nas falas de Salomão, de Jacó e de Isaac. A mãe de Jacó apesar de não aceitar a homossexualidade do filho,

requisita com frequência a presença dele em sua casa, mesmo sabendo que este só vai se o companheiro for.

Coisa diferente acontece entre os nativos de Buenos Aires, onde, dos 16 entrevistados, 15 acreditam que a família saiba de sua homossexualidade e apenas um aponta que a família não sabe e sequer pode desconfiar, pois ela não aceitaria. Entre estes 15, 11 conversaram com familiares “saindo do armário”, sendo que os outros quatro não contaram, não fazem segredo, nem se incomodam em não conversar a respeito do assunto. À exceção de Horacio e Hernan e Andrés e Patricio, que conversaram abertamente com seus familiares e os recebem com regularidade em suas casas para jantares, almoços e algumas festas familiares, os outros nativos apontam que visitam pouco os familiares e mantêm uma relação com eles “mais distante”.

Os nativos de Brasília enfatizavam a existência de uma interação constante entre seus companheiros e seus familiares. Um deles chegou a afirmar que sua mãe dava mais atenção a seu companheiro do que a ele. Outros, afirmaram que, algumas vezes, seus sobrinhos chamavam seu companheiro de tio. Na fala de Golias isso fica bem em destaque

[...] quando brigávamos minha mãe me ligava todo dia dizendo que ia ligar para o David para que resolvêssemos nossa briga. Ela me dizia o tempo todo que eu tinha de voltar para ele e chorava na ligação. Ela realmente nos apoiava. Hoje ela trabalha em uma ONG gay de apoio de pais de homossexuais, assim como meus irmãos, que nos aceitam totalmente. Têm uma relação muito boa com o David, nos conhecem. Meus dois irmãos têm filhos e eu sou padrinho de ambos. Estão ensinando a chamar o David de tio, enfim, eles não terão problemas em falar que eu tenho um companheiro.

Desse modo, entre os nativos de Brasília a família de origem passa a fazer parte do círculo de sociabilidade do casal e acaba absorvendo o companheiro de conjugalidade como um cunhado ou genro com o mesmo *status* de outros membros que ocupam a mesma posição, exceção se dá apenas na família de Jacó. Entre os nativos de Buenos Aires, tão relação não se configura da mesma maneira para todos os nativos. No caso de Hernan, Horacio, Andrés, Patricio e Rolando há uma integração parcial de seus respectivos companheiros em suas famílias de origem, sendo que esse passa a ocupar um lugar semelhante ao de cunhado ou genro sem haver, no entanto, nomeação deste lugar. No caso das famílias dos outros entrevistados, o companheiro passa a ocupar o

lugar de um amigo muito próximo, mesmo no caso de Pablo que mantém segredo de sua homossexualidade para sua família. Tal característica presente entre os nativos brasileiros parece apontar para a incorporação de um “familismo” nas relações homoconjugais, para uma forte valorização dos laços e valores familiares, bem como parece apontar para uma forte valorização do espaço doméstico, privado, da casa (Da Matta 1985) como um espaço mais ampliado que inclui a participação da família de origem, de amigos e de colegas do trabalho. De modo contrário, entre os nativos de Buenos Aires, apesar de ocorrer a valorização do espaço doméstico, da casa, do privado, como espaço de vivência da “autenticidade do sujeito”, tal como ocorre entre os nativos brasileiros, este é construído como sendo mais restrito, não incluindo necessariamente a “participação” da parentela ou de colegas do trabalho.

Isso pode ser constatado também quando analisamos o controle do segredo no espaço público, especialmente no trabalho. Entre os nativos brasileiros apenas quatro dos que contaram para a família não contaram no domínio do trabalho e todos contaram para amigos. Já entre os 11 nativos de Buenos Aires que contaram para a família de origem acerca de sua conjugalidade e de sua homossexualidade, apenas cinco contaram no trabalho. Os demais revelam que não contaram, apesar de desconfiarem que algumas pessoas saibam; no entanto, não se sentem à vontade para conversar sobre o tema em seu local de trabalho. Finalmente, os outros cinco entrevistados que não haviam contado para a família de origem também não haviam contado para seus colegas de trabalho.

Outro ponto de distinção, que aponta para um cenário de valorização e ampliação do espaço doméstico/privado nas narrativas de brasileiros, diz respeito à frequência ao “mundo gay”. Todos os entrevistados apontaram não frequentar, no momento da entrevista, ambientes gays como boates e saunas. Já haviam frequentado especialmente por terem curiosidade acerca destes ambientes e na maior parte das vezes no início dos relacionamentos. Coisa diferente aconteceu entre os portenhos entrevistados, onde, entre os 16 sujeitos entrevistados, a metade exata afirmou que não frequentava o ambiente gay, mesmo que o tenha feito no passado, seis deles relataram a existência de uma baixa frequência a este ambiente e dois deles apontaram ir quase semanalmente a boates, saunas ou festas dos ursos. Esta é outra diferença importante a ser destacada nas narrativas entre os casais entrevistados no Brasil: nenhum deles citou uma regularidade de visitas a festas ou reuniões dos ursos, apesar de apontarem existir um contato virtual com grupos de ursos. Entre os nativos de Buenos Aires, se não há no

momento da entrevista uma regularidade de participação nas festas e reuniões do *club de los osos*, essa frequência já ocorreu em algum momento da narrativa dos nativos.

Como aponta Machado (2001a), o paradigma cultural ibero-americano está fortemente marcado pelo enraizamento católico-arabizado que determina a construção social das formas de família, sociabilidade, indivíduo e cidadania e, com isso, as distanciam do paradigma luterano-calvinista e do modelo iluminista, jacobino e laico do mundo francês. O referido paradigma emerge no Brasil tendo como marca a coexistência de dois códigos, o relacional e o individualista, ou o “holista” e o “individualista” (Duarte 1988) que se articulam e ganham preeminência de acordo com as posições e situações de classe (Machado 2001a). No que tange ao estudo das camadas médias da sociedade, Velho (1986) e Heilborn (2004) apontam como central o valor do individualismo e o fluxo e refluxo das relações familiares que são acionadas como resultado da vontade ou do interesse dos sujeitos. Mas, apesar da preponderância do valor individualista, há uma coexistência simultânea de valores “holistas” ou relacionais. Partindo da análise das narrativas de meus entrevistados do Brasil e da Argentina, todos oriundos das camadas médias da sociedade, percebo uma tendência a uma maior utilização dos códigos relacionais holistas entre os brasileiros do que entre os portenhos.

Entre os brasileiros, isto aparece nas narrativas na valorização do espaço privado, “da casa” (Da Matta 1985), como essencial para a sociabilidade do casal, como lugar de integração de seu companheiro com a família de origem, como espaço da visibilidade onde o segredo não tem lugar. Aparece também na incorporação do ambiente profissional ao espaço privado e na tendência à estabelecer relações de “pessoalidade” no trabalho, com a grande frequência de colegas de trabalho em seu ambiente doméstico. E, de modo contrário, surge na desvalorização do espaço da rua, do público, da impessoalidade, como lugar do segredo, do armário e do preconceito. Já, entre os nativos portenhos, há uma tendência maior a acionar valores individualistas que emergem com a “redução” do espaço privado ao ambiente doméstico, no qual apenas alguns amigos e familiares são convidados a participar, e uma tendência a construir relações “mais impessoais” no trabalho.

Por fim, utilizando-se da metáfora espacial elaborada por Da Matta (1985), poderíamos dizer, por meio de uma perspectiva comparada, que os brasileiros

entrevistados tendem à “casa”, à pessoalidade, ao doméstico, assim como os portenhos tendem à “rua”, à impessoalidade, ao público. No entanto, não se pode analisar essa oposição como fundante e estática. Pelo contrário, tratam-se de tendências, de características que vêm à tona analisando determinados contextos comparativos, tendo como elementos o relacionamento dos nativos com suas famílias de origem, amigos e colegas de trabalho, bem como questões como a sociabilidade e o controle do segredo.

Respeito, tolerância e reconhecimento.

Yo me puse muy contento, no tanto por mí, porque cuando salió³⁵ yo ya no estaba en pareja, ni con la idea de un casamiento. Pero sí por todos aquellos que hace muchísimo tiempo que querían concretar una cosa tan importante que es unirse con otra persona y que la otra persona pueda gozar de los beneficios de la unión, sobre todo por lo que puede significar respecto de la herencia, los bienes compartidos y todo lo demás. Damian

Lo que veo más que se argumenta y que me parece lógico es el tema de la herencia, por ese motivo me parece bárbaro, después son las obras sociales compartidas, pero lo que pesa más es la herencia. Yo pienso que el 90% de los gays quieren hacer eso, más que para demostrar el amor que se tiene uno por el otro, es para que si llega a fallecer uno de los dos no venga la familia y le saque todo, como le pasó a mucha gente, me parece perfecto. Juan

Lo único que queremos es hacer una escrituración de usufructo mutuo para que si uno de los dos falta, que nuestra respectiva parte espere para llevar, porque la casa es grande, es cara y ninguno de los dos vas a estar en condiciones de comprar la otra parte. Hernan

A mí me interesa la seguridad que hay en el tema del casamiento. [...] Suponete que si yo ni siquiera quería casarme, ni quería unirme civilmente, yo creo que el derecho debería estar, por la sencilla razón de que tiene que estar, o sea si no estas haciendo nada malo, solamente sos un hombre que ama otro hombre, y eso es perfecto. Patricio

Hace tiempo que hay unión civil acá en Capital, pero no te sirve, o sea te sirve para decir que estás casado con fulano de tal, pero no te sirve para que puedas heredar, no te sirve para que puedas tener derechos que tienen los otros, a los únicos que le sirven esos derechos de poder tener una obra social de tu marido o de tu pareja son los empleados públicos. Yo que no trabajo como empleado público, a mí no me sirve de nada, a Alejandro que no trabaja de empleado público tampoco le sirve de nada. Rolando

Nessa relação financeira ou de bens, se preferir, por ora teremos de usar o artifício do contrato, pois não há legislação para garantir nossos direitos. Cabe a nós garantir e resolver esses problemas enquanto ainda vivos ou bem de saúde da melhor maneira possível, e a que encontramos até o momento é essa, até porque Saul tem duas filhas que têm direito sobre os bens e eu não quero ter de brigar com

35 Damian está falando aqui do momento de aprovação da Lei de União Civil da Cidade Autônoma de Buenos, em dezembro de 2002. Para mais informações recorrer ao anexo três, página 323.

elas por conta de dinheiro. Infelizmente, nesse país está faltando uma lei que regulamente nossa situação. O grande problema é que nossos legisladores não estão nem aí, não interessa para eles esse tema. Ainda bem que no Judiciário, de vez em quando, tem sentenças favoráveis à nossa causa, claro que depois de um longo tempo de trâmites do processo na justiça. [...] O fundamento da relação homossexual é o mesmo da relação heterossexual, por isso o direito deveria ser o mesmo. Simeão

[...] é um absurdo a inexistência de qualquer tipo de legislação aprovada que garanta direitos aos homossexuais e aos casais formados por pessoas do mesmo sexo. [...] é um reflexo do preconceito da sociedade contra os homossexuais e deveria ser modificado. Isaac

[...] é falho³⁶, tem vários problemas, principalmente por tentar equiparar muito o casal gay ao casal hetero, eu acho que não é esse o caminho. Eu acho que a gente tem de ter direitos civis, mas não necessariamente ter a instituição do casamento tal como é o casamento heterossexual. Acho que temos outro nível de relacionamento que não pode ser comparado, inclusive não há uma tradição nesse tipo de relação, então eu acho que não temos de seguir os mesmos padrões. [...] entre os heteros há uma divisão entre provedor e provido, entre chefe de família e membros. Golias

À exceção de Juan e Pablo, todos os outros casais já haviam conversado entre si ao menos uma vez a respeito do reconhecimento da união deles antes da entrevista. Haviam buscado informações com amigos ou na imprensa sobre os meios possíveis de se garantir direitos para sua união. No Brasil, o “contrato” foi a figura jurídica mais evocada entre eles e a que era possível de ser realizada no momento de nosso contato para a pesquisa. Já na Argentina, além da figura do “contrato”, evocada apenas por dois casais, há a possibilidade de estabelecimento da União Civil para moradores da Cidade Autônoma de Buenos Aires e foi trazida ao debate por todos os nativos entrevistados. As conversas estabelecidas entre eles, que antecederam ao meu contato para a realização da pesquisa, levaram alguns a realizar um contrato para garantir alguns direitos ao companheiro, casos que apareceram nas narrativas de Horacio e Hernan que são argentinos, David e Golias, Isaac e Judá e, Saul e Simeão que são brasileiros.

Entre os outros nativos brasileiros, Salomão e Abraão apontam que apesar de serem testemunhas em contratos e testamentos de seus amigos gays e lésbicas que

³⁶ Referência de Golias ao projeto de Parceria Civil Registrada que está no Congresso Nacional desde 1995 aguardando votação, para mais informações recorrer ao anexo seis, na página 334.

vivem em conjugalidade, não pensam em estabelecer um contrato, mas se houvesse uma lei que garantisse seus direitos iriam se unir civilmente. Já Elias e Jacó têm pontos de vista distintos. O primeiro não acredita e nem gosta da formalidade de um documento escrito; acredita que os avanços do judiciário no Brasil são suficientes para garantir direitos ao seu companheiro. Jacó, pelo contrário, gostaria muito do estabelecimento de um contrato ou qualquer outro tipo de documento que lhe garantisse direitos.

Em meio aos nativos argentinos, Damian e Ramiro esperavam, até o momento da entrevista, que Ramiro alcançasse o tempo mínimo comprovado de residência na cidade de Buenos Aires para a realização da união civil. Juan e Pablo não pensavam em fazer, nem contrato, nem união civil, pois acreditam que têm de avançar em seu relacionamento, passando para a fase de morar juntos primeiro para depois pensarem nisso. Félix e Jacó pretendem fazer a união civil assim que forem morar juntos, após isso vão lutar na justiça pelo reconhecimento do matrimônio civil entre eles. Ernesto e Esteban apesar de defenderem a existência do direito, não têm interesse pessoal na discussão acerca do reconhecimento, não pretendendo estabelecer contrato, união civil ou o matrimônio, havendo ou não a possibilidade. Andrés e Patricio, por morarem fora dos limites estabelecidos como pertencentes à Cidade Autônoma de Buenos Aires não têm direito a assinar a união civil, mas a fariam se pudessem. Já Miguel e Gerardo, e Alejandro e Rolando, afirmam que estão esperando o projeto de matrimônio ser aprovado para se casarem e que não fariam a união civil da cidade por ser uma lei muito restrita que não os contempla.

Todos os casais do Brasil e da Argentina entrevistados afirmaram o apoio incondicional à aprovação de qualquer tipo de legislação que garanta direitos à conjugalidade homossexual. Excetuando-se Golias, que acredita que não pode haver equiparação de direitos entre relacionamentos homossexuais e heterossexuais “*Acho que temos outro nível de relacionamento que não pode ser comparado [...]*”, todos defenderam tal equiparação, se sentindo discriminados e vítimas de preconceito por não terem este direito disponível. Como nas falas de Simeão, “*Infelizmente, nesse país está faltando uma lei que regulamente nossa situação. O grande problema é que nossos legisladores não estão nem aí, não interessa para eles esse tema. [...] O fundamento da relação homossexual é o mesmo da relação heterossexual, por isso o direito deveria ser o mesmo.*” Na fala de Isaac, “*é um absurdo a inexistência de qualquer tipo de legislação aprovada que garanta direitos aos homossexuais e aos casais formados por*

personas do mesmo sexo.” Ou, no discurso de Patricio, “[...] *yo creo que el derecho debería estar, por la sencilla razón de que tiene que estar, o sea si no estas haciendo nada malo, solamente sos un hombre que ama otro hombre [...]*”, Esteban “*En el sentido legal, como te decía antes, es discriminatorio, porque todos tendrían que tener los mismos derechos. A casarse y punto. Si me sirve o no, es otro tema. Pero en el sentido legal, tendrían que existir los mismos derechos.*”, Ariel “*Yo preferiría que fuera un casamiento en el estilo heterosexual directamente y no unión civil. Como preferencia yo elegiría eso.*”, e Andrés “*Yo no quiero unirme civilmente con Patricio, yo quiero casarme con Patricio. Lo cual implica mucho más porque la unión civil tiene limitaciones, pero no hay nadie que nos represente, en el Congreso no hay nadie.*”, entre outros falas.

Para além da discussão dos termos e institutos jurídicos, se união civil, se matrimônio ou se parceria civil, tema que analisarei posteriormente, é muito forte nas falas dos nativos a presença de uma elevada insatisfação, a presença do “ressentimento”, da “falta de apreço” e da “desconsideração” provocadas pelo não reconhecimento dos direitos oriundos de sua relação de conjugalidade e de sua identidade. Tal como afirma Taylor (2000), o reconhecimento é uma necessidade humana essencial, pois molda a maneira como a identidade dos sujeitos ou grupos se constitui. Isso implica dizer que a partir do não reconhecimento os sujeitos sociais podem construir uma identidade que pode sofrer “danos/distorções” ou, ainda podem ter seu acesso a direitos questionados/reduzidos de acordo com a imagem que a sociedade faz de seu grupo ou identidade. Em suas palavras,

nossa identidade é em parte formada pelo reconhecimento ou pela falta dele, e muitas vezes pelo reconhecimento errôneo (misrecognition) por parte dos outros, e assim uma pessoa ou grupo de pessoas pode sofrer um dano real, uma distorção real, se as pessoas ou a sociedade em torno lhe espelharem em retorno uma imagem limitada, aviltante ou desprezível dela própria (idem: 241).

Para os nativos, a ausência do reconhecimento decorre do preconceito e da discriminação presentes nas sociedades em relação à homossexualidade e ao relacionamento entre dois iguais. Esse preconceito impede que se considere a relação estabelecida entre duas pessoas de mesmo sexo como um relacionamento pautado no “mesmo fundamento” da relação heterossexual, tal como afirma Simeão, entre outros nativos, isto é, no afeto, no amor com o objetivo de constituição de uma família.

Compartilham desta visão os estudos de Arán e Corrêa (2004) que apontam a tríade heterossexualidade-casamento-filiação como sendo ainda a única referência possível para muitos pensarem a formação da família, da “cultura” ou da sociedade, sendo o reconhecimento da união homossexual visto como uma ameaça de apagamento destas fronteiras ou a marca da transgressão de limites. Esta opinião é compartilhada por Uziel (2002), Mello (1999, 2005a,b, 2006), Lopes (2005), Vale de Almeida (2005, 2006, 2007), Lorea (2006), Mott (2006), Rios (2007), entre outros autores, que ainda ressaltam a influência do preconceito e da discriminação como limitador do reconhecimento homoconjugal. Assim, a discussão pública sobre o reconhecimento legal da união homossexual é contaminada por esse preconceito e essa discriminação, que tendem a enquadrar as relações homoconjugais como sendo “potencialmente perigosas” para a estruturação da família e da sociedade, determinando com isso uma imagem limitada e redutora dessa forma de relação afetivo-sexual.

Outrossim, a “indignação” dos nativos ao afirmarem sua impossibilidade de acederem a direitos que são reconhecidos apenas para casais heterossexuais, traz em seu bojo seu repúdio a serem caracterizados como cidadãos de segunda classe, com relacionamentos, identidades ou práticas consideradas “não-dignas” de serem “respeitadas” e protegidas pela lei, configurando desta forma, uma espécie de “desrespeito” ou “insulto moral” (Cardoso de Oliveira 2005). Esta última pode ser caracterizada “*como uma agressão moral, de difícil tradução em evidências materiais*” (idem: 02) e que pode estar presente nas demandas por reconhecimento quando não há reconhecimento recíproco dos participantes, transmissão mútua de sinais de apreço à identidade de cada um ou ao que ela representa. Nestes casos, a ausência de qualquer um destes sinais é vivida como uma “negação” da identidade do interlocutor, que se sente agredido (ibidem). No caso da negação dos direitos ao reconhecimento da união homossexual há uma clara falta de transmissão de sinais de apreço às identidades dos casais, ao que suas relações representam, bem como há uma total ausência de reconhecimento dos homossexuais como sujeitos dignos e iguais aos heterossexuais.

Em princípio, o reconhecimento social e jurídico implica em duas questões: em primeiro lugar, reconhecer práticas, pessoas, identidades e relações homossexuais; em segundo lugar, reconhecer a legitimidade do direito dessas práticas, pessoas, identidades e relações. Isto é, um reconhecimento de fato e um reconhecimento de direito (Pecheny 2001). Nesse sentido, as políticas de reconhecimento se distanciam muito da política de

tolerância, tal como vem sendo utilizadas na prática dos países latino-americanos, como explicita Pecheny (idem). Essa política da tolerância em relação à homossexualidade é resultado da inserção dessa discussão como um tema de debate referente ao universo da vida privada e não como uma temática pública. Assim, se tolera a existência das relações sexuais homossexuais desde que essas não interfiram e/ou apareçam no âmbito público. Tolera-se desde que se mantenha discreta e invisível. Constrói-se desse modo uma “identidade discreta” (Pecheny 2001), uma vida de “reserva” (Paiva 2007a,b) e, a partir disso, a tolerância se torna possível e desejável de ser estendida para os casais homossexuais.

De acordo com as narrativas e falas anteriormente apresentados nesta tese, bem como nas investigações de Pecheny (2001, 2005) e Meccia (2003a, 2003b, 2006) sobre a Argentina e, nos estudos de Paiva (2007a,b) e Lopes (2009) sobre o Brasil, há a construção da tolerância marcada na postura dos nativos em manterem o segredo de sua sexualidade e/ou conjugalidade, ou ao menos na tentativa deles em mantê-la como um assunto que diz respeito à esfera íntima dos sujeitos produzindo uma “evidência muda” (Paiva 2007a,b). Mas se a tolerância implica o respeito à liberdade do outro, de sua maneira de pensar e viver, também significa admitir a presença do outro a contragosto, a necessidade de suportá-lo ou ao menos de deixá-lo existir. Não equivale à plena aceitação e nem ao reconhecimento, pois a tolerância não é equitativa uma vez que busca manter o *status quo*, trata-se de uma reprodução sem alteração das “relações de força” estabelecidas. Reconhecer, no entanto, pode ser lido como ter por legítimo, admitir como bom, legal ou verdadeiro e pressupõe a criação e manutenção de uma esfera pública cujas fronteiras sejam flexíveis. Mais que isso, *“La política del reconocimiento tiene un profundo anclaje en la idea de ‘igual dignidad’ de las expresiones culturales, dignidad y valor que sólo podrán dirimir-se (me interesa rescatar el tiempo futuro) en la esfera publica”* (Meccia 2006: 152).

Os nativos reiteradamente apontam que a principal questão em jogo quando o tema é a regulamentação da união civil homossexual é a busca por atenuar a preocupação com a segurança material do companheiro quando da ocorrência de problemas de saúde ou da morte de um deles, afinal grande parte deles têm bens em comum. Esta preocupação com a segurança material do companheiro envolve questões como herança, assistência médica privada e pensões por viuvez, uma vez que, no caso da internação do companheiro por problemas de saúde, as visitas, acompanhamento e

decisão acerca de procedimentos a serem tomados legalmente ficariam relegados à família de origem e não ao companheiro. Além desta questão, há também a discussão acerca da adoção compartilhada de crianças que é vista pelos contrários ao reconhecimento da união homossexual como potencialmente problemática, pois representaria um “risco” para a criança (ver estudos de Uziel 2002; Mello 1999, 2005a,b, 2006; Lopes 2005; Uziel e Grossi 2007; Libson 2007, 2008; Hiller 2008; entre outros autores).

Assim, o reconhecimento social e jurídico, associado à proteção da união entre pessoas do mesmo sexo como uma relação com o mesmo fundamento da relação heterossexual é essencial e implica na proteção da dignidade humana, tal como nas palavras de Rios (2007: 115), *“pode-se afirmar que, assim como nas uniões heterossexuais, o estabelecimento de relações homossexuais, fundadas no afeto e na sexualidade, de forma livre e autônoma, diz respeito à proteção da dignidade humana.”*

Reconhecer na forma da lei a união homoconjugal é uma forma de reconhecer a homossexualidade, suas práticas, identidades e relações como “dignas”, bem como afirmar sua legitimidade diante da sociedade e, com isso, reconhecer a necessidade de uma “proteção igual” dessa forma de expressão da sexualidade. Tal como afirma Horacio *“La unión civil viene a ocupar un lugar de reconocimiento de grupos gays o lésbicos más que nada por esa cosa de poner la mirada de todos para decir ‘acá estamos’”*. E, mais que isso, *“somos iguales”*.

Matrimônio, união civil, parceria civil: Distinções locais.

La unión civil tal como está planteada no trae demasiado beneficios, no es unión matrimonial como en España. La unión civil viene a ocupar un lugar de reconocimiento de grupos gays o lésbicos más que nada por esa cosa de poner la mirada de todos para decir 'acá estamos'. Creo que hay que perfeccionarla y hay varios grupos gays que están trabajando para que se logre no sólo acá en Capital sino en todo el país la unión civil y también para que se profundice y se logre la matrimonial. Eso sería diferente. Para algunos es positivo; para otros, es reproducir el mismo modelo heterosexual, occidental y cristiano, y desde este lugar no sé si está bueno que pase. Horacio

Yo preferiría que fuera un casamiento en el estilo heterosexual directamente y no unión civil. Como preferencia yo elegiría eso. Un registro civil con todo el tema del derecho y pertenencia que hay en un casamiento. La unión civil no abarca tanto, es mucho más limitada. La gente que conozco, mis amigos de España y dos o tres parejitas más que he conocido se unieron civilmente más que nada para tener en común atención médica y esas cosas que uno tenía y el otro no tenía, pero lo veo como si lo hicieron por esos temas, no porque lo sintieran, por conveniencia. Yo no estoy de acuerdo en hacer algo por conveniencia, yo quiero hacer algo porque estoy enamorado de la persona y la persona de mí y por eso casémonos y listo. Ariel

Me parece bien y no. Es discriminatorio, ¿por qué unión civil? Tendríamos que tener los mismos derechos, a casarnos. No porque yo necesite, yo no creo en el casamiento, ni en la unión de papeles, para mí las personas se unen por una cuestión afectiva, por una cuestión de energía, por eso no creo en el casamiento como una institución, como sociedad, no me gusta, no me interesa. En el sentido legal, como te decía antes, es discriminatorio, porque todos tendrían que tener los mismos derechos. A casarse y punto. Si me sirve o no, es otro tema. Pero en el sentido legal, tendrían que existir los mismos derechos. Esteban

Yo no quiero unirme civilmente con Patricio, yo quiero casarme con Patricio. Lo cual implica mucho más porque la unión civil tiene limitaciones, pero no hay nadie que nos represente, en el Congreso no hay nadie. [...] Estuvimos en España en junio y realmente yo creo que los españoles han dado un avance muy grande con respecto a eso y a mí me gustaría que en la Argentina se siguiera un poco la línea española. Andrés

Lo que pasa es que en la discusión hay temas que a mí me generan conflictos a la hora de negociar políticamente. Yo pienso que lo siguiente está mal, el proyecto de unión civil contempla adopción y

herencia, ahora lo que presenta políticamente es negociar algunos de los beneficios, si se da herencia, pensiones y reconocimiento, pero la adopción no, o sea, eso queda relegado. Vamos al tema de la ley de unión civil y después el tema de la adopción. Así los derechos y las necesidades de unos se quedan relegados; eso me molesta. ¿Y por qué el derecho relegado es el de la adopción? Es una hipocresía lo que pasa hoy, porque yo puedo adoptar solo, puedo tener relaciones con una lesbiana, puedo usar inseminación artificial con una lesbiana, pero no puedo adoptar con mi pareja. Félix

Como dito anteriormente, entre os nativos apenas Golias argumentou contra a equiparação de direitos entre homossexuais e heterossexuais, no que tange a regulamentação de suas uniões. Equivocadamente, defendeu tal ponto de vista ao desenvolver uma análise acerca do projeto de Parceria Civil Registrada³⁷ que se encontra para análise e votação no Congresso Nacional desde 1996 e que em momento algum promove tal equiparação³⁸. Mas, Golias não foi o único entre os nativos que se equivocou ao emitir sua opinião acerca do conteúdo do projeto ou da lei que garante ou busca garantir direitos para as uniões homoconjugais. Damian e Juan afirmam erroneamente, ao se referirem à união civil de Buenos Aires, que a aprovação do projeto é importante por garantir aos casais homossexuais direitos como o de herança. Uma análise mais detida na lei de união civil de Buenos Aires³⁹ e no projeto de Parceria Civil Registrada se faz necessária neste ponto da discussão.

Antes de continuar, tenho de destacar o recente avanço legislativo e jurídico ocorrido na Argentina que se tornou, a partir de 15 de julho, no primeiro país da América Latina a aprovar uma lei que promove a total equiparação entre casais homossexuais e heterossexuais. Tratou-se de um avanço legislativo inspirado em legislação de igual teor aprovada na Espanha, e apoiado pela presidente argentina Cristina Kirchner.

³⁷ Para acessar tal Projeto de Lei consultar anexo seis página 334.

³⁸ Antes de continuar, tenho de ressaltar que em março de 2009, o então deputado José Genoíno do PT/SP juntamente com outros deputados, propõe a Câmara dos Deputados o projeto de lei 4.914 visando alterar o Código Civil para que as mesmas garantias da união estável entre homem e mulher sejam válidas para casais formados por pessoas do mesmo sexo. Em abril do mesmo ano, o projeto foi recebido para a Comissão de Seguridade Social e Família, com o objetivo de ser analisado, mas até o momento não foi apresentado um parecer final pelo relator, nos levando a lembrar da “pouca permeabilidade” do Legislativo brasileiro a essa reivindicação que já havia sido feita através do projeto de Parceria Civil Registrada e nunca chegou a votação. Não me alongarei na análise de tal projeto, pois apesar de se tratar de um avanço importante este não alcançou repercussão pública, nem foi citado nenhuma vez pelos nativos. Para acessar tal Projeto de Lei consultar anexo sete página 336.

³⁹ Para acessar tal Lei consultar anexo três página 323.

Inicialmente é necessário destacar que a lei de união civil de Buenos Aires existe e vige apenas no âmbito da Cidade Autônoma de Buenos Aires, e pode ser realizada no registro de uniões civis, por pares homossexuais e heterossexuais, desde que maiores de 21 anos, que tenham convivido por ao menos dois anos e desde que um dos integrantes tenha domicílio na cidade. Trata-se de uma lei que garante aos funcionários da cidade a incorporação dos parceiros no plano de saúde e a possibilidade de que no caso da internação de um deles em hospitais da cidade o companheiro possa cuidar do tratamento. Além disso, permite que o casal possa solicitar créditos em conjunto. Em momento algum, a lei toca em questões como herança e adoção; estas são questões que são regidas pelo Código Civil e só podem ser alteradas pelo Congresso da Nação. Desse modo, tal lei se assemelha em muito ao projeto de lei de Parceria Civil Registrada brasileiro que se encontra no Congresso Nacional. Este projeto de lei tem como fim garantir o reconhecimento da união entre pessoas do mesmo sexo com o fim de garantir direitos de propriedade e de sucessão, tal como apontam Lopes (2003, 2005), Mello (1999, 2005a, 2005b, 2006), Medeiros (2007a,b), entre outros autores.

Apesar disso, tais projetos se diferenciam sobremaneira no tocante ao alcance uma vez que se a lei de união civil de Buenos Aires está restrita apenas a relações de conjugalidade em uma cidade específica da Argentina, o projeto de Parceria Civil Registrada o faria em todo o território nacional brasileiro. Além disso, a primeira não versa acerca da questão da herança, coisa que o segundo faria. Uma análise mais rápida e menos cuidadosa poderia dar a impressão de que o Projeto de Parceria Civil Registrada é “mais avançado” do que o de União Civil de Buenos Aires por fazer referência a direitos de sucessão. No entanto, uma análise mais detida nos conteúdos dos projetos desautoriza tal afirmação.

O projeto de Parceria Civil Registrada brasileiro poderia ser enquadrado no que Medeiros (2007a,b) chama de *Registered Domestic Partnership* (RDP), um conjunto de leis surgidas a partir do final da década de 1980 em países do norte europeu (Dinamarca, Noruega, Suécia, Islândia, Suíça) que são voltados unicamente para a proteção de bens materiais e relações patrimoniais e sucessórias entre os membros da relação homossexual. Nestas leis, não há o reconhecimento de uma relação afetiva ou familiar, apenas de uma relação econômica. Como vemos em seu artigo primeiro, “*É assegurado a duas pessoas do mesmo sexo o reconhecimento de sua união civil,*

visando à proteção dos direitos à propriedade, à sucessão e dos demais regulados nessa Lei. (Grifo meu)”.

Diferentemente, a União Civil portenha apesar de regulamentar direitos semelhantes aos da Parceria Civil, excetuando-se como já dito anteriormente, a questão sucessória, parte do suposto de que a união civil é uma união constituída entre duas pessoas com base em uma relação afetiva estável. Tal como vemos também em seu artigo primeiro, “[...] *se entiende por Unión Civil: a la unión conformada libremente por dos personas con independencia de su sexo u orientación sexual. Que hayan convivido en una relación de **afectividad estable y pública** [...]*” (Grifo meu). Assim, nesta lei há uma busca por promover igualdade entre os direitos oriundos de relacionamentos heterossexuais e homossexuais com base na dimensão do afeto, fato que não se constata existir no Projeto de Parceria Civil Registrada. Apesar disso, nenhum dos dois projetos toca em momento algum na questão da adoção que fica relegada a um segundo plano e, que segundo defensores do projeto brasileiro e da lei portenha, é uma questão que não deve entrar no debate uma vez que a adoção já é garantida nas respectivas legislações nacionais independente da orientação sexual.

Apesar dos avanços e das evidentes distinções apontadas acima, com a aprovação da união civil portenha criou-se um novo instituto jurídico apto a regular a proteção apenas de aspectos financeiros de relacionamentos. Coisa similar ocorreria com a aprovação do projeto brasileiro de parceria civil registrada. Trata-se de um instituto jurídico que apesar de reconhecer a importância do laço afetivo o considera como diferente do estabelecido entre heterossexuais para a constituição da família através do casamento, e com isso, indiretamente acaba criando uma hierarquização na qual os laços afetivo-conjugais homossexuais são inferiorizados frente aos laços heterossexuais construindo com isso uma “cidadania de segunda classe”, tal como aponta Kitzinger e Wilkinson (Santos 2007) ao analisar as *RDP*, e Lorea (2006) e Medeiros (2007a,b) que defendem a necessidade de extensão do casamento para homossexuais como um tema que garante o reconhecimento da igualdade e da cidadania sexual na análise que desenvolvem da legislação brasileira.

Retomando, destaco que o projeto de parceria civil registrado brasileiro nunca foi à discussão e votação no Congresso Nacional estando “engavetado” desde 1996 devido a forte resistência de grupos religiosos católicos e evangélicos que se uniram

para barrar o avanço deste projeto como foi analisado longamente em minha Dissertação de Mestrado⁴⁰. Já a lei de união civil portenha entrou em vigor em 2003, ano seguinte à sua aprovação, após ser regulamentada. Devido a seu alcance local, influenciou a aprovação de leis similares em outras províncias⁴¹ e serviu de modelo para a proposição de uma lei de união civil nacional que busca agregar questões mais amplas como herança, pensão por falecimento e adoção⁴². Quase simultaneamente houve a proposição de uma lei que estende o matrimônio civil para homossexuais⁴³, inspirado à época na recente aprovação do matrimônio civil na Espanha. O projeto de união civil nacional da Argentina, tal como o de união civil de Buenos Aires, impulsionado pela *Comunidad Homosexual Argentina* (CHA), foi apresentado em dezembro de 2005 e reformulado em fevereiro de 2007, mas acabou sendo deixado de lado, uma vez que o projeto de matrimônio civil alcançou maior notoriedade e apoio social. Este projeto de extensão do matrimônio civil para homossexuais foi apresentado em maio de 2007 pela *Federación Argentina de Lesbianas, Gays, Bisexuales y Trans* (FALGBT) através de uma campanha intitulada “*Los mismos derechos con los mismos nombres*”. Este projeto foi votado e aprovado na Câmara Baixa (Câmara dos Deputados) em 05 de maio de 2010 e seguiu para a Câmara Alta (Senado) onde foi aprovado em 15 de janeiro do mesmo ano. Apesar disso, é essencial destacar não me ateei a análise deste avanço uma vez que a realização da pesquisa de campo em Buenos Aires ocorreu antes de tal aprovação.

Durante a realização de meu trabalho de campo em Buenos Aires, no segundo semestre de 2007, havia um forte debate nos meios de comunicação e na sociedade acerca de ambos os projetos, haja vista que os dois buscavam estabelecer a equiparação de direitos entre casais de heterossexuais e homossexuais, e o embate se centrava na necessidade ou não de criação de um novo instituto jurídico. Isso se refletiu de maneira imediata nos discursos dos casais nativos entrevistados, como vimos nas falas acima, nas quais a ênfase recaía sempre na necessidade de extensão dos direitos resultantes do matrimônio, que até o momento era exclusividade de heterossexuais, aos homossexuais. Todos os entrevistados reivindicavam o matrimônio, apesar da união civil.

⁴⁰ Para uma análise do processo de debate, bem como da tramitação do projeto pelo Congresso Nacional recorrer a Mello (1999, 2005a, 2005b, 2006) e Lopes (2003, 2005).

⁴¹ Quatro dias depois da aprovação da lei de união civil em Buenos Aires, a província de Rio Negro também aprovou uma lei similar.

⁴² Para acessar tal Lei, consultar anexo quatro página 325.

⁴³ Para acessar tal Lei, consultar anexo cinco página 330.

No contexto do Brasil, contrariamente, tal discussão nunca chegou a ser levada a cabo e, quando emerge, se pauta sempre na criação de um novo instituto jurídico, como na discussão do projeto de Parceria Civil Registrada que após um primeiro momento de fortes embates políticos, jurídicos e de opinião, não logrou alcançar apoio suficiente na Câmara dos Deputados ou no Senado Federal para chegar à votação. Vemos isso também, em 2008, com a realização da Conferência Nacional LGBT⁴⁴ e em 2010 com a divulgação do Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH3), nos quais a discussão sobre a união estável é retomada em detrimento da extensão do matrimônio. Entre os nativos entrevistados em Brasília no primeiro semestre de 2008, a ênfase das falas recaía na busca por direitos iguais aos dos casais heterossexuais, exceção como dito anteriormente se dá na fala de Golias. No entanto, os entrevistados em momento algum citavam o Projeto de Parceria Civil, pelo contrário afirmavam apenas a inexistência de lei alguma que garantisse seus direitos e em algumas falas apontavam a importância do Judiciário na luta pela defesa de seus direitos.

Dito isso, é essencial apontar que, muito embora a união civil de Buenos Aires e o projeto de parceria civil registrada tenham sido importantes politicamente para dar visibilidade ao debate acerca dos direitos de homossexuais, especialmente para regulação de interesses e aspectos econômicos de uniões homossexuais, uma análise mais detida sobre a elaboração destes novos institutos jurídicos mostra que com sua criação não se alcançou(ará) o reconhecimento e sim apenas uma “cidadania de segunda classe”, visto que estes institutos estão pautados em uma diferenciação de status entre as relações heterossexuais e homossexuais (Lorea 2006; Mott 2006; Santos 2007; Medeiros 2007a,b).

A “promoção” do reconhecimento e da igualdade de direitos de casais homossexuais deve passar pela extensão do casamento a pares homossexuais, não apenas para que estes indivíduos possam usufruir dos direitos associados ao casamento, mas essencialmente pelo reconhecimento de que ambas as relações (heterossexuais e homossexuais) são estabelecidas por sujeitos iguais, que possuem (ou deveriam possuir) o mesmo status e estabelecem relações afetivas que devem ser respeitadas e protegidas

⁴⁴ Resultado desta conferência, o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) que foi lançado em 2009 pelo governo federal defende a união estável e não o casamento homossexual com a justificativa de que a união deveria enfrentar menos resistência no Congresso. O mesmo se repete com o lançamento do Plano Nacional de Direitos Humanos em 2010, que apóia a união estável.

de maneira igual pelo Estado. Caso contrário corre-se o “risco” de cair em discriminação e exclusão dos homossexuais da cidadania plena. Como apontaram os casais entrevistados no Brasil e na Argentina que defendem a total equiparação de direitos entre casais homossexuais e heterossexuais, tal como na fala de Esteban:

Es discriminatório, ¿por qué unión civil? Tendríamos que tener los mismos derechos, a casarnos. No porque yo necesite, yo no creo en el casamiento, ni en la unión de papeles, para mí las personas se unen por una cuestión afectiva, por una cuestión de energía, por eso no creo en el casamiento como una institución, como sociedad, no me gusta, no me interesa. En el sentido legal, como te decía antes, es discriminatorio, porque todos tendrían que tener los mismos derechos. A casarse y punto. Si me sirve o no, es otro tema. Pero en el sentido legal, tendrían que existir los mismos derechos.

No Brasil, como vimos esse debate se centra apenas na criação de um novo instituto jurídico, a parceria civil registrada ou a união estável como aparece no PNDH3, e não está centrado em “requisições” de igualdade diante da lei ou em questionamentos profundos da instituição do matrimônio, como vimos nas falas de nativos portenhos. Coisa distinta ocorre entre os nativos de Buenos Aires, que defendem não apenas a igualdade de acesso a direitos, mas a necessidade de acesso aos mesmos direitos através de uma crítica profunda a instituição do casamento como sendo um instituto heterossexual. Tratam-se de caminhos distintos de busca por direitos e por reconhecimento das relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo. O primeiro deles é claramente influenciado por legislações como as RDP já aprovadas em países como Andorra, Áustria, República Tcheca, Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Islândia, Luxemburgo, Nova Zelândia, Eslovênia, Suíça, Tasmânia, Reino Unido, no Distrito Federal do México e, em alguns estados dos Estados Unidos; o segundo tipo de reconhecimento é influenciado pelas mais recentes legislações aprovadas no Mundo e que consiste em permitir o acesso ao matrimônio civil de casais não heterossexuais, tal como, nos Países Baixos (2001), na Bélgica (2003), na Espanha (2005), no Canadá (2005), na África do Sul (2006), na Noruega (2009), na Suécia (2009) e neste ano em Portugal.

Adicionalmente, é importante destacar que a busca por reconhecimento social e jurídico da homoconjugalidade, que marca o discurso dos nativos, devem ser problematizados, pois, as idéias de cidadania e igualdade acionadas podem adquirir

significados diferenciados em contextos sócio-culturais distintos. Tal como afirma Cardoso de Oliveira (2009: 7):

[...] se é verdade que a noção de cidadania enquanto referência central para a compreensão das democracias ocidentais está inapelavelmente associada à idéia de igualdade, esta última pode ser portadora de múltiplos significados, articulados de forma diversa em contextos sócio-culturais específicos, e esta variedade talvez não caiba na idéia mestra de igualdade de tratamento que marca um certo consenso na filosofia política pós-kantiana.

A “idéia mestra de igualdade”, à qual se refere o autor supracitado, emerge nas sociedades ocidentais em países como Estados Unidos, França, Canadá e Reino Unido e, apesar de haverem nuances desta concepção entre estes países, faz eco à concepção de “tratamento igual ou uniforme”⁴⁵. Antes de continuar, devo ressaltar que não é objetivo desta tese fazer uma discussão exaustiva acerca de concepções de igualdade. Tal debate demandaria outro trabalho mais extenso, mas tão somente trazê-las na medida em que possam esclarecer a maneira como os nativos as utilizam. Nesse sentido, se igualdade nos discursos nativos pode ser entendida como “acesso aos mesmos direitos de casais heterossexuais”, a busca por este tratamento uniforme pode se dar de maneiras distintas; no caso brasileiro há a busca por uma legislação específica, com a criação de um instituto jurídico próprio, representado pelo projeto de parceria civil ou de união estável e, na Argentina, apesar da aprovação da união civil portenha, há a luta pela extensão do matrimônio para casais homossexuais.

A estratégia, no caso brasileiro, tal como defendida pelo ministro Paulo Vannuchi da Secretaria Especial dos Direitos Humanos em matéria publicada no dia 14 de maio de 2009 na página da Folha Online e apoiada pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), é de que a união deve enfrentar menos resistência durante a tramitação da proposta no Congresso. Sendo aprovada, tal proposta garantiria aos casais homossexuais o seu reconhecimento, alcançando direitos tais como: a inclusão do parceiro no plano de saúde, a pensão no caso de falecimento e alimentícia no caso de separação, bem como direitos de herança. Desse modo, a concepção de igualdade acionada faz referência à uma tensão entre igualdade como tratamento diferenciado e igualdade como tratamento uniforme (Cardoso de Oliveira 2009), pois, busca-se criar um novo instituto (união estável ou

⁴⁵ Para uma análise detalhada destas distinções, recorrer à Cardoso de Oliveira (1996, 2002, 2009).

parceria civil) para que um grupo específico (os homossexuais) alcance os mesmos direitos que decorrem de uma união conjugal reconhecida pelo casamento.

De modo contrário, na Argentina há a busca pela extensão dos direitos do matrimônio a casais homossexuais, luta esta que está sendo feita por meio da campanha intitulada “*Los mismos derechos con los mismos nombres*”. Como se pode supor pelo nome da campanha, a concepção de igualdade utilizada é a da igualdade como tratamento uniforme, que faz eco à concepção acionada pelo liberalismo anglo-saxão ou no republicanismo francês, ambos resistentes ao tratamento diferenciado no âmbito da cidadania (idem).

Nesse sentido, os nativos argentinos e brasileiros acionam conjuntos de significados distintos quando se referem à noção de igualdade. Os argentinos tendem a trazer em seus discursos uma rejeição à hierarquia social estabelecida entre heterossexuais e homossexuais no que se refere ao acesso a direitos conjugais; e os brasileiros, ao buscarem aceder a direitos conjugais, não rejeitam a hierarquia, mas a repõem através da requisição de um instituto jurídico específico. Seguindo O’Donnell (1983), em sua comparação entre Brasil e Argentina, tendo a definir ambas as sociedades como hierarquizadas, apesar de apresentarem diferenças substanciais. De acordo com o referido autor, a Argentina se caracteriza como uma sociedade menos hierarquizada que o Brasil, tendo uma atitude muito mais igualitária e equalizadora no que refere às distâncias entre grupos sociais. Em suas palavras,

Brasil es marcada y profundamente jerarquizada, ocultándose a veces tras sus “hombres cordiales”, pero encuentra su momento de mágica, pero no irreal, transmutación en los carnavales que Da Matta me ayudó a ver. En cambio, Argentina, sociedad también jerarquizada pero bastante menos que Brasil, tiene, en casi cualquier oportunidad que se presenta, una actitud más igualitaria (o, más precisamente, equiparadora) de las distancias sociales. (idem: 8).

Tecendo conexões

Este capítulo buscou desenvolver uma análise das narrativas e conversas que mantive com homens que vivem uma relação homoconjugal em Buenos Aires e Brasília, atendo-me a temas como o “armário” (e suas dualidades dentro/fora, visível/invisível, público/privado), sociabilidade, respeito, tolerância e reconhecimento. Na referida análise busco apontar alguns discursos e práticas de reconhecimento social e político que não fazem referência apenas ao nível estatal, pelo contrário, a análise se centra no nível das interações sociais estabelecidas na vida cotidiana dos entrevistados, seus espaços de sociabilidade, as pessoas com quem travam relações no trabalho e na família, o conhecimento destas pessoas acerca de sua homossexualidade e conjugalidade.

Tal análise parte do princípio de que o sexo, a sexualidade e a identidade do sujeito são assuntos políticos que trazem em seu bojo questões como os limites entre o que é considerado “permitido e proibido”, “aceito e rejeitado”, “visível e invisível”, “discreto e indiscreto”. São temas que aparecem nas falas dos nativos, nas conversas mantidas com eles, nas observações de campo e estão baseados em “hierarquias de valor” assentadas em uma heteronormatividade e em uma busca por ressignificá-las por meio de práticas, comportamentos e performances que as “questionam”, que as colocam em suspenso mesmo que “temporariamente” ou em “contextos específicos”, como é o caso da revelação do segredo no espaço público, a integração do companheiro como cônjuge no interior da família de origem, a frequência a boates, saunas e na internet em busca de um terceiro para uma relação sexual, a fuga do gueto, ou ainda a busca por direitos iguais.

Como apontei nas análises executadas, esses comportamentos, práticas e performances não podem ser vistos como “neutros” ou com significado dado *a priori*. Pelo contrário, são carregados de significados e sentidos “dizendo” muito acerca das relações estabelecidas e do contexto de vivência dos nativos entrevistados que estão em uma relação homoconjugal em Brasília e em Buenos Aires. Um exemplo disso pode ser obtido da análise que desenvolvi acima acerca da questão do controle e da revelação do segredo de suas homossexualidades e relações de conjugalidade para suas famílias de

origem que assumem configurações diferenciadas em Brasília e em Buenos Aires com uma integração maior ou menor do companheiro na família de origem, de acordo com o contexto.

Ou ainda quando analiso as falas dos nativos acerca da questão do reconhecimento legal das relações de homoconjugalidade pelo Estado, que se em Buenos Aires aparece através de uma rejeição do modelo da união civil em favor da extensão do matrimônio para relações homossexuais, no Brasil aparece por meio da utilização de estratégias como a do contrato lavrado em cartório ou da luta pela parceria civil.

Enfim, se no capítulo anterior mostrei como o casal se organiza internamente e lida com questões como fidelidade, afetividade, amor, amizade e sexo construindo estilos de relação com a marca do “moderno” em contraposição ao modelo heterossexual tido como “tradicional”, neste capítulo procurei demonstrar como os nativos se relacionam com seu “entorno social” marcado pela heterossexualidade compulsória, o preconceito contra a homossexualidade e sua expressão/ visibilidade no espaço público e como estas influenciam em sua vivência cotidiana, em suas relações sociais e familiares e na busca por direitos de cidadania.

– Epílogo –

*Falar é antes de tudo deter o poder de falar. Ou, ainda, o exercício do poder assegura o domínio da palavra: só os senhores podem falar. Quanto aos súditos, estão submetidos ao silêncio do respeito, da veneração do terror. Palavra e poder mantêm relacionamentos tais que o desejo de um se realiza na conquista do outro. Príncipe, déspota ou chefe de Estado, o homem de poder é sempre não somente o homem que fala, mas a única fonte de palavra legítima: palavra empobrecida, palavra certamente pobre, mas rica em eficiência, pois ela se chama **ordem** e não deseja senão a **obediência** do executante.[...] Toda tomada de poder é também uma aquisição de palavra (Clastres 2003: 169).*

O trabalho apresentado aqui é resultado de um longo percurso que se iniciou na elaboração de minha Dissertação de Mestrado em 2002, quando analisei os discursos de deputados federais sobre as homossexualidades e a conjugalidade no âmbito do debate público do Projeto de Lei de Parceria Civil Registrada, na Câmara dos Deputados, em 1995. O pulso de partida, porém, se deu no momento em que iniciei o processo de aproximação com a sociedade argentina em uma missão de estudos na *Universidad de Buenos Aires* quando tomou forma por conta de meus contatos com o universo gay da cidade de Buenos Aires. Ao longo de meses de trabalho de campo com casais homossexuais masculinos brasilienses e portenhos, ele tomou corpo e está se concluindo, presentemente com as reflexões, análises e a produção da Tese. Os resultados deste percurso e do processo de elaboração refletem a perspectiva de um pesquisador que buscou na observação, em entrevistas, em longas conversas com nativos e no “mergulho” nas formas de sociabilidade locais, a produção de conhecimento. Assenta-se, ainda, na preocupação teórica destacada, em todo o texto, em interpretar a subjetividade e a homoconjugalidade, como resultantes de processos sempre em vias de construção e não como objetos estáticos com definição pronta e acabada.

Os capítulos aqui apresentados contam as histórias de vida de homossexuais masculinos com os quais tive contato no desenvolvimento do trabalho de campo em Buenos Aires e Brasília. Os dados apresentados não são transparentes e, por conta disso, não falam por si mesmos. São moldados pelo pesquisador de acordo com temas

pertinentes aos debates acadêmicos e políticos que envolvem a temática. Os “elementos significativos” colhidos nos diários de campo, nos cadernos de notas, nas entrevistas e conversas conformam narrativas de história de vida dos nativos construídas pelo pesquisador com o fim de dialogar com temas que considere essenciais, quais sejam: a subjetividade, a construção da união, o gênero, a sexualidade, as emoções, a fidelidade, o respeito, a tolerância e o reconhecimento. A escolha destes temas deriva de minha interpretação da relação dialética entre conhecimentos adquiridos pelo estudo das ciências sociais e de minha experiência em ambas sociedades.

A partir destas considerações desenvolvo minha interpretação à procura da compreensão das lógicas atinentes à construção das subjetividades e das homoconjugalidades masculinas de um grupo de sujeitos que viviam em Buenos Aires e Brasília. Neste contexto, atento para os significados dados à construção da união conjugal que, em muitos momentos, são “trazidos” das relações conjugais heterossexuais e familiares, mas que são, por vezes, ressignificados por estes nativos. É importante ressaltar que estes “fluxos de significado” foram salientados no processo de análise e interpretação dos dados apresentados, sempre que necessário para a compreensão das narrativas apresentadas.

Nesse contexto, os sentidos dados à família pelo universo sócio-cultural pesquisado nos remete diretamente à uma instituição que tem uma acepção profunda para as sociedades ocidentais, tendo sido definida como a célula básica da sociedade por Durkheim, e como fundamento para o entendimento da organização social e reprodução das sociedades “primitivas” por muitos antropólogos. No Brasil, falar em/sobre família é fazer referência a uma instituição prevista e descrita na Constituição Federal e no Código Civil como fundamento da sociedade, sendo definida como a união estável entre homem e mulher ou, qualquer dos pais e seus descendentes. Na Argentina, após 15 de julho último, data da aprovação do projeto de Lei que promove a extensão do matrimônio a casais homossexuais, tal previsão e descrição não mais se encontra presente no Código Civil. Até então, como uma instituição definida e defendida pelos Estados brasileiro e argentino, a família era reservada a heterossexuais e, com isso, muitos direitos e privilégios relativos à propriedade, nacionalidade e tutela – só para citar alguns deles – eram reconhecidos apenas para alguns cidadãos, em detrimento de outros. Com a aprovação da referida Lei na Argentina, este Estado passou a reconhecer esses direitos também para casais formados por pessoas do mesmo sexo.

É preciso ressaltar que o trabalho de campo que resultou na elaboração desta Tese foi desenvolvido antes da aprovação da Lei argentina citada, pelo que, em muitos momentos, a análise toma como foco os debates principais em torno do reconhecimento legal da união homossexual em cada sociedade. Não obstante, em Buenos Aires, mesmo antes da aprovação da referida lei, havia desde 2003 o reconhecimento legal das parcerias homossexuais no que se refere à extensão do seguro saúde a(o) parceira(o) e, o direito à curatela e ao crédito conjunto para financiamentos existentes. No Brasil, desde 1995, tramitam na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei de Parceria Civil Registrada e, desde março de 2009, um projeto que visa alterar o Código Civil para que as mesmas garantias da união estável entre homem e mulher sejam aplicadas aos casais formados por pessoas do mesmo sexo. Cabe ressaltar, porém, que há decisões do Poder Judiciário Brasileiro que vêm concedendo direitos conjugais e parentais às uniões homossexuais.

O debate sobre a família tem também ganhado relevância na mídia desses países sendo que o foco tem-se centrado em dois argumentos principais. O primeiro deles, visa promover uma identificação da família com a crise. Fala-se sobre a desestruturação familiar, o colapso de valores morais, a banalização do casamento e do amor (Figueira 1987a; Goldani 1994; Costa 1999b). Criticam-se fortemente os segundos casamentos, “uma praga” na visão de alguns. Igualmente, defende-se a santidade, a monogamia e a indissolubilidade do casamento todas pautadas em uma concepção estática e naturalista de família. O segundo argumento diz respeito à multiplicação de “formas” e à reorganização da instituição familiar. Fala-se em “famílias coloridas”, monoparentais, recompostas. Fala-se sobre “casamento gay”, seja criticando ou elogiando este tipo de união afetiva. Indiferente a esses argumentos, cada vez mais a instituição “família” tem se apresentado como “mote” para debates em ambas sociedades. Nesse contexto, nesta pesquisa, a “família” foi tomada como um “objeto” cujos significados estão sendo questionadas. Mais que isso, a “família” foi tomada como uma instituição cujo “valor”⁴⁶ encontra-se em disputa pública.

Desse modo, esta Tese parte do princípio de que a família é um fenômeno histórico e sociocultural cujas manifestações variam temporal e espacialmente (Fukuy 1980; Corrêa 1982; Samara 1983; Figueira 1987a, 1987b; Berquó 1989; Vaitsman

⁴⁶ De acordo com Saussure (2004), o valor de um signo nunca é intrínseco, só existindo na relação e tendo como referência um sistema. Tal afirmação se constitui como um problema essencial para a etnografia, pois não basta apenas “traduzir” o signo, sendo essencial “traduzir” também o valor desse signo no sistema de significados do nativo.

1994; Goldani 1994; Costa 1999b; Machado 2001a; Vidal e Souza & Botelho 2001; Woortmann e Woortmann 2004; só para citar alguns estudos). Na contemporaneidade, devido à autonomização das esferas da conjugalidade e da sexualidade em relação à reprodução, a família vem se caracterizando pela diferenciação entre funções conjugais e parentais. E o casal vem sendo cada vez menos representado como um grupo destinado apenas à reprodução biológica, e mais como uma díade destinada à reprodução social, no qual o exercício do amor, do respeito e da cooperação mútua são essenciais (Bozon 2003, 2004a).

Todavia, se essa argumentação da construção da díade conjugal para o casal heterossexual é tido como uma realidade para o senso-comum, para o casal homossexual essa função de reprodução social está longe de ser reconhecida em ambos os países. As lutas políticas em torno do reconhecimento social e jurídico da dimensão familiar das uniões homossexuais continuam em curso nos diferentes países do mundo e estão fundamentalmente associadas à afirmação ou negação do mito da complementaridade dos sexos e dos gêneros. Esse mito restringe ao casal macho-homem e fêmea-mulher a competência moral e social para desempenhar as funções atribuídas à instituição familiar, especialmente no que diz respeito aos direitos parentais (Butler 2003a; Mello 1999; Uziel 2002; Lopes 2005). Um dos objetivos desta Tese foi analisar a situação do reconhecimento social e jurídico do casal homossexual por meio das falas dos casais entrevistados em duas situações distintas, a do Brasil, um país onde não há tal reconhecimento; e a da Argentina, especialmente a Cidade Autônoma de Buenos Aires, que já possuía legislação reconhecendo a parceria homossexual e, que a partir do mês de julho de 2010 estendem os direitos do matrimônio aos casais homossexuais. É importante destacar que a análise sobre o reconhecimento citado é tomada como um elemento essencial para a compreensão da construção da homoconjugalidade e da subjetividade dos nativos, pois influencia a maneira como a relação de conjugalidade se configura, especialmente no que tange à gestão compartilhada da questão patrimonial, da saúde, do conhecimento da união, da vida cotidiana, entre outras. Adicionalmente, o reconhecimento ou não de sua união implica em uma “tomada de postura” na relação dos nativos com a sociedade e com “outros significativos”, tais como familiares, amigos e colegas de trabalho, com base nas noções de discrição, de respeito e se fundia na construção de uma imagem dos nativos como *“homens como outros quaisquer”*.

Destaco, ainda, que dentro do contexto da discussão da temática da família, parto de um recorte que privilegiou a questão da conjugalidade, especificamente dos arranjos formados por parceiros homossexuais masculinos. Desse modo, a análise da homoconjugalidade foi entendida como um debate circunscrito e inscrito dentro da temática dos estudos da família. Nesse campo, grande parte dos autores citados centram o debate na oposição entre o valor do individualismo e o valor da família. De um lado, a ênfase está na afirmação do indivíduo como causa da compressão da família, da diversidade de formas desta instituição, bem como na igualdade entre os sujeitos que a compõem; do outro, o foco está na valorização de códigos relacionais, no assento dado à hierarquia e na diferenciação entre os sujeitos que integram a família. Essa Tese se pautou na trilha percorrida por Machado (2001a), buscando aprofundar o debate e articular os argumentos contidos numa e noutra posição, ressaltando a polifonia de significados e definições que marcam a disputa de valores e sentidos que partem dos atores sociais.

Como ressalto em um primeiro momento da Tese esses atores sociais não agem de “maneira livre e solta”, descolados de injunções sociais, culturais e políticas. Pelo contrário, eles são influenciados pelo seu entorno social e elementos interseccionais, tais como, geração/grupo etário, classe/camada social, raça/etnia/cor/nacionalidade, gênero, sexualidade, religião, que apresentados nas falas dos sujeitos influenciam na construção de suas subjetividades. Neste sentido, devo destacar que os nativos compartilham de um conjunto de características que os situam em um mesmo grupo ou segmento social, apresentando o mesmo estilo de vida, mesmo morando em cidades e países distintos. São homens brancos, em sua maioria, homossexuais, com média etária de 41 anos, oriundos das camadas médias da população, com uma definida performance de masculinidade e vivendo uma união homoconjugal em contexto urbano. Não obstante estas características que se repetem, há diferenças entre os nativos de Buenos Aires e de Brasília que foram ressaltadas na análise, especialmente a diversidade de religiões dos sujeitos e de suas famílias de origem, apresentada pelos nativos brasileiros, em contraposição aos nativos argentinos, quase que exclusivamente católicos. O “peso” que a questão da raça/etnia da família de origem apresenta para a construção da subjetividade dos nativos argentinos em oposição aos brasileiros que não são ressaltadas em suas narrativas de origem familiar.

Em um segundo momento da análise, me ative na forma de gestão da vida em comum presente nestas relações homoconjugais, e ressaltando elementos, tais como: a forte tendência à homogamia social existente entre os nativos e seus companheiros, especialmente presente entre os argentinos e percebida como presente de maneira relativa entre os brasileiros; a busca por um ideal de igualdade na divisão de tarefas na organização da vida na casa e na integração financeira; a organização das relações de parceria no tocante à temas como fidelidade, infidelidade, traição, amor e sexo, que me levaram a três tipos de “estilos de relação” vividos por eles, quais sejam, as relações fechadas, semiabertas e propriamente abertas, distribuídas de forma equivalente entre os casais portenhos e brasilienses. Apesar de semelhanças e diferenças entre os sujeitos entrevistados nestas capitais, destaco que a organização das uniões conjugais dos nativos é influenciada por duas injunções contraditórias. A primeira, dominante nas narrativas dos entrevistados, diz respeito à busca individual e subjetiva pela auto-realização e à rejeição a modelos prontos e tradicionais de conjugalidade. Trata-se de um comportamento presente nos vários estilos de relação apresentados e que se identifica com a figura do individualismo. A segunda, que implica em hierarquização entre os parceiros, pode ser percebida, por exemplo, no uso do vocabulário amoroso, na ideia de doação ao outro, nas manifestações veladas de ciúmes, na busca do controle das relações com terceiros; reações apresentadas nas narrativas e que implicam em uma reinterpretação holista do código relacional tradicional a partir do individualismo. Somando-se a isso, o essencial neste momento da análise foi perceber a importância dada pelos nativos para a negociação constante através do “diálogo franco” como estratégia essencial para a construção de suas relações de homoconjugalidade no cotidiano, seja através da definição do estilo de relação, da divisão das tarefas, da integração econômica, entre outros elementos tomados como “dados naturais” em relações tradicionais.

Em um momento seguinte da Tese, foquei o tema do reconhecimento social da homoconjugalidade nas falas dos casais entrevistados. Recorri, neste momento, à análise das interações sociais estabelecidas por eles na vida cotidiana com suas famílias, amigos, colegas de trabalho e com o “mundo gay”, por meio de temas como visibilidade, invisibilidade, armário, segredo, discrição e respeito. Por meio da perspectiva comparada e utilizando-me da metáfora espacial da casa e da rua (Da Matta 1985), cheguei à interpretação da existência de uma tendência entre os nativos

brasilienses à “casa”, à pessoalidade, ao doméstico; assim como, os portenhos tendem à “rua”, à impessoalidade, ao público, se levarmos em conta o relacionamento dos nativos com suas famílias de origem, amigos e colegas de trabalho, bem como questões como a sociabilidade e o controle do segredo acerca da homossexualidade e da conjugalidade. No que tange à questão do reconhecimento legal das relações de homoconjugalidade pelo Estado, os nativos argentinos e brasileiros acionam conjuntos de significados distintos quando se referem à noção de igualdade. Os argentinos tendem a trazer em seus discursos uma rejeição à hierarquia social estabelecida entre heterossexuais e homossexuais no que se refere ao acesso a direitos conjugais, especialmente através do apoio à extensão do matrimônio para as relações homossexuais; e os brasileiros, ao buscarem aceder a direitos conjugais, não rejeitam esta hierarquia, mas a repõem através da requisição de um instituto jurídico específico ou por meio de contrato lavrado em cartório.

O que posso concluir deste percurso é que a homoconjugalidade e a subjetividade masculina encontradas em Buenos Aires e Brasília são “construções” ou “projetos”. Em outras palavras, são resultados de constantes arranjos e negociações entre os parceiros, entre os nativos e seus familiares, bem como entre estes e a sociedade em geral, sendo elaborados em decorrência dos significados e sentidos dispersos no mundo social. Partindo, na análise empreendida, da concepção destes fenômenos como “construção”, busco não perder de vista a *“relativa margem de manobra e iniciativa que grupos e indivíduos podem ter e que, afinal de contas, constitui a possibilidade de mudança social”* (Velho 1981a: 108). Além disso, me atentar para a homoconjugalidade masculina e para a subjetividade a partir da noção de projeto me permite analisar tais fenômenos como “processos” que se influenciam e se transformam mutuamente, pois são “formulados” na interação entre os projetos individuais e o campo de possibilidades históricas, culturais e sociais.

Tal compreensão não adveio da análise exclusiva das falas emitidas pelos nativos, mas da observação e apreciação cuidadosa das práticas destes no universo conjugal, familiar e social que constituem os indivíduos com os quais tomei contato como sujeitos em processo. Acredito que esta opção tenha tornado menos obscura minha percepção das formas através das quais estas subjetividades e homoconjugalidades masculinas se constituem. Nesse ponto, o trabalho comparativo desenvolvido entre casais portenhos e brasilienses foi essencial, pois trouxe à tona

elementos que não se destacariam se desenvolvidos em uma análise localmente situada. Resta ainda dizer que ao empreender a tarefa de entender como se dava a construção da homoconjugalidade e subjetividade masculinas fui contaminado pela realidade que encontrei. Por meio de relações pessoais, históricas, sociais e espaciais estabelecidas no desenvolvimento do trabalho de campo construí minha perspectiva sobre a união conjugal homossexual masculina e a subjetividade destes nativos nestas capitais. Finalizando, tenho de ressaltar que a análise apresentada aqui é apenas uma versão da realidade estudada com destaque para alguns elementos que considerei essenciais, não recaindo na ingênua tentativa de buscar recriar a “totalidade” das relações e interações sociais.

– Referências Bibliográficas –

- AQUINO, L. O. R. *Discurso lésbico e construções de gênero*. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, RS, Ano 1, n.º 1, 1995.
- ARÁN, M. *Homossexualidade e modos de vida: A psicanálise e novas formas de conjugalidade*. **Estados Gerais da Psicanálise**, Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro, 2003.
- ARÁN, M. e CORRÊA, M. V. *Sexualidade e Política na Cultura Contemporânea: o Reconhecimento Social e Jurídico do Casal Homossexual*. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro: 14(2): 329-341, 2004.
- ARIÈS, P. *O amor no casamento*. In: ARIÈS, P.; BÉJIN, A. **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- ARIÈS, P.; BÉJIN, A. **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- AUGÉ, M. **Los “no lugares” espacios del anonimato: Una antropología de la sobremodernidad**. Barcelona, Espanha: Gedisa Editorial, 2000.
- AZEVEDO, P. P. V. A. *Parceria Civil entre pessoas do mesmo sexo*. **Estados Gerais da Psicanálise**, Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro, 2003.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001.
- _____. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAZÁN, O. **Historia de la homosexualidad en la Argentina. De la conquista de América al siglo XXI**. Buenos Aires: Marea, 2006.
- BÉJIN, A. *O casamento extraconjugal dos dias de hoje*. In: ARIÈS, P.; BÉJIN, A. **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BELLUCCI, M. e RAPISARDI, F. *Alrededor de la identidad. Las luchas políticas del presente*. **NUEVA SOCIEDAD**, n. 162, 1999. http://www.nuso.org/upload/articulos/2780_1.pdf. Acessado em: 16 de janeiro de 2009.
- BERQUÓ, E. *Arranjos Familiares no Brasil: uma visão demográfica*. In: SCHWARCZ, L.M. **História da vida privada no Brasil: Contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo, Cia das Letras, 1998, pp.411-438. (História da vida privada no Brasil; Vol. 4).
- BOURDIEU, P. *Um esboço da Teoria Prática*. IN: ORTIZ, R. (org.) **Pierre Bourdieu**, Col. Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOZON, M. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004a.
- _____. *A nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência às experiências íntimas*. IN: HEILBORN, M. L. (org.). **Família e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004b.
- _____. *Sexualidade e conjugalidade. As reformulações das relações de gênero*. **Cadernos Pagu**, Campinas: Unicamp, n. 20, 2003, pp. 7-85.
- BOZON, M. e HEILBORN, M.L. *As carícias e as palavras. Iniciação sexual no Rio de Janeiro e em Paris*, **Novos Estudos CEBRAP**, n.º 59, março 2001.
- BRAH, A. *Diferença, diversidade, diferenciação*. **Cadernos Pagu**, Campinas: Unicamp, n. 26, 2006, pp. 329-376.
- BRAH, A. e PHOENIX, A. *Ain't I A Woman? Revisiting Intersectionality*. **Journal of International Women's Studies**, Vol 5, n.3, May 2004, pp. 75-86.
- BRAZ, C.A. *Corpo a Corpo: notas sobre uma etnografia imprópria*. In: **Revista Artêmis**, n. 07. João Pessoa: UFPB, 2007. [online]. Disponível em www.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero7/artigos/artigo_13.pdf. Acessado em 02 de março 2009.

- BRAZ, C.A.; PARREIRAS, C. "Mas você é gay também?" - *Algumas reflexões sobre nossas subjetividades e corpos em campo*. In: **VIII Seminário Internacional Fazendo Gênero - Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis: UFSC, 2008.
- BUFFON, R. *Encontrando uma tribo masculina de camadas médias*. In: GROSSI, M. **Trabalho de campo & subjetividade**. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 1992, pp. 53- 70.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003a.
- _____. *O parentesco é sempre tido como heterossexual?* **Cadernos Pagu**, Campinas: Unicamp, n. 21, 2003b, pp. 219-260.
- CAMPOS MACHADO, M. D. e MARIZ, C. L. *Mudanças recentes no campo religioso brasileiro*. **Antropolítica**, Niterói, RJ, N.º 5, p.21-43, 2.º sem de 1998.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, L. R. *Entre o justo e o solidário: Os dilemas dos direitos de cidadania no Brasil e nos EUA*. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais (ANPOCS)**, Ano 11, Nº 31, 67-81, 1996.
- _____. **Direito Legal e Insulto Moral-Dilemas da cidadania no Brasil, Quebec e EUA**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- _____. *Direitos, insulto e cidadania. Existe violência sem agressão moral?* **Série Antropologia**, n. 371, Brasília, 2005.
- _____. *Concepções de igualdade e (des)igualdade no Brasil. Uma proposta de pesquisa*. **Série Antropologia**, n. 425, Brasília, 2009.
- CARDOZO, F. *Performatividades de gênero, performatividades de parentesco. Notas de um estudo com travestis e suas famílias na cidade de Florianópolis/SC*. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P. E MELLO, L. (orgs.). **Conjugualidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamound, 2007, pp. 233-252.
- CARRARA, S. e SIMÕES, J. *Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira*. In: **Cadernos Pagu**, Unicamp, Campinas, SP, n. 28, 2007, pp. 65-99.
- CARVALHO, J.A.M.; WOOD, C.H. e ANDRADE, F.C.D. *Notas acerca das categorias de cor nos censos e sobre a classificação subjetiva de cor no Brasil - 1980/1990*. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.20, n.1, jan./jun. 2003, pp. 29-42.
- CASTRO, R. B. *Amor e ódio em relações "conjugays"*. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P. E MELLO, L. (orgs.). **Conjugualidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamound, 2007, pp. 89-108.
- CLASTRES, P. *O dever da palavra*. In: **A Sociedade Contra o Estado - pesquisas de antropologia política**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- COLETA OLIVEIRA, M. *A família brasileira no limiar do ano 2000*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, Ano 4, n.º 1, pp. 55-63, jan.-jul. de 1996.
- CONNELL, R. W. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995.
- CONNELL, R. W. e MESSERSCHMIDT, J. W. *Hegemonic Masculinity. Rethinking the concept*. **Gender & Society**, Vol. 19, n. 6, December 2005, pp. 829-859. [HTTP://gas.sagepub.com/cgi/content/abstract/19/6/829](http://gas.sagepub.com/cgi/content/abstract/19/6/829). Acessado em: 30 de setembro de 2008.
- CÓRDOVA, L. F. N. "Amor sem vergonha": *A vida conjugal de gays e lésbicas na comunidade do Ratonas – Ilha de Santa Catarina*. In: LISBOA, M. R. A. e MALUF, S. W. (orgs.). **Gênero, Cultura e Poder**. Florianópolis: Mulheres, 2004, pp. 61-72.
- COSTA, J. F. **A Inocência e o Vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- _____. *O referente da identidade homossexual*. In: PARKER, R. & BARBOSA, R. M. (orgs.). **Sexualidades Brasileiras**. RJ, Relume-Dumará, 1996, pp. 63-89.
- _____. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- _____. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1999a.

- COSTA, R. G. *De clonagens e de paternidades: As encruzilhadas do gênero*. **Cadernos Pagu**, Campinas: Unicamp, nº 11, 1998, pp. 157-199.
- CRAPANZANO, V. **Tuhami: portrait of a Moroccan**. Chicago: The University of Chicago Press, 1985.
- CUNHA, A.L. **Pessoa e Direito, Corpo e Ciência. Negociando preceitos cosmológicos em torno da legalização do aborto**. Dissertação de Mestrado, Brasília, UNB, 2007.
- DA MATTA, R. **A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985.
- DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DIAS, M.B. **União Homossexual: o preconceito & a justiça**. Porto Alegre, Livraria do Advogado, 2000.
- _____. *Vínculos hetero e homoafetivos*. In: IDEF – Instituto Interdisciplinar de Direito de Família. **Homossexualidade: discussões jurídicas e psicológicas**. Curitiba: Juruá, 2001.
- _____. **Homoafetividade. O que diz a Justiça! As pioneiras decisões do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul que reconhecem direitos às uniões homossexuais**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2003.
- DINIZ, A. G. R & BORGES, C. A. M. *Possíveis interlocuções entre parentesco e identidade sexual. Paternidade vivenciada por homens homo/bissexuais*. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P. E MELLO, L. (orgs.). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamound, 2007, pp. 253-276.
- DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo. Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu**. Lisboa, Edições 70, 1991.
- DOWSETT, G.W., WILLIAMS, H., VENTUNEAC, A. & CARBALLO-DIÉGUEZ, A. “Taking it like a man”. *Masculinity and barebacking online*. **Sexualities**, 2008, Vol 11(1/2), pp. 121–141. <http://sexualities.sagepub.com/cgi/content/refs/11/1-2/121>. Acessado em: 30 de setembro de 2008.
- DUARTE, L. F. D. **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas**. Rio de Janeiro: Zahar/CNPq, 1988.
- _____. *Império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna*. In: HEILBORN, M. L. **Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- _____. *A sexualidade nas Ciências Sociais: Leitura crítica das convenções*. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M.F. e CARRARA, S. **Sexualidade e saberes: Convenções e Fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, pp. 39-80.
- DUMONT, L. **O individualismo. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- _____. **Homo Hierárquicus. O sistema de castas e suas implicações**. São Paulo: EDUSP, 1997.
- DURHAM, E. *Família e reprodução humana*. In: HEILBORN, M.L. et al. **Perspectivas antropológicas da mulher, n.3**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1983.
- _____. *Pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas*. In: CARDOSO, R. **Aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- EDWARDS, T. **Erotics & politics: gay male sexuality, masculinity and feminism**. New York: Routledge, 1994.
- ELIAS, N. **O processo civilizador: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FACHIN, L.E. *Aspectos jurídicos da união de pessoas do mesmo sexo*. In: MOTT, L. (org.). **Parceria civil registrada entre pessoas do mesmo sexo: Coleção de Artigos, Sentenças e Textos sobre os aspectos éticos, jurídicos e antropológicos**. Grupo Gay da Bahia, Salvador, 1997.
- FACCHINI, R. **Sopa de letrinhas?** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- FALCI, M.K. *Mulheres do sertão nordestino*. In: PRIORE, M.D. (Org.). **História das mulheres no Brasil**, 2004, pp. 241-277.

- FAUSTO, B. e DEVOTO, F.J. **Brasil e Argentina: Um ensaio de história comparada (1850-2002)**. São Paulo: Editora 34, 2004.
- FIGUEIRA, S. A. *O “Moderno” e o “Arcaico” na nova família brasileira: Notas sobre a dimensão invisível da mudança social*. In: FIGUEIRA, S. A. (Org.). **Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987, pp. 11-30.
- FORASTELLI, F. *Políticas de la restitución. Identidades y luchas homosexuales en Argentina*. In: FORASTELLI, F.; TRIQUELL, X. (org.). **Las marcas del género. Configuraciones de la diferencia en la cultura**. Córdoba: Centro de Estudios Avanzados; Universidad Nacional de Córdoba, 1999, pp. 117-141.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Grall, 2001a, Vol.1.
- _____. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Grall, 2001b, Vol. 2.
- _____. **História da sexualidade: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Grall, 2002, Vol. 3.
- _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- _____. **Tecnologías del yo y otros textos afines**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1990.
- _____. *O Sujeito e o Poder*. In: Dreyfuss, H. & Rabinow, P. (Orgs.). **Michel Foucault na trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, pp. 231-249.
- _____. *Da amizade como modo de vida* (entrevista). In: Foucault, M. **Michel Foucault – Por Uma Vida Não-Facista**, 2004, pp. 68-105.
- FRANÇA, I.L. *“Cada macaco no seu galho?”: Poder, identidade e segmentação de mercado no movimento homossexual*. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, V. 21, N. 60, fevereiro 2006, pp. 103-115.
- FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- FRY, P. **Para inglês ver: identidade e cultura na política brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.
- FRY, P. & MACRAE, E. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 1983.
- GARCIA, M. R. V. et alli. *“Não podemos falhar”. A busca pela normalidade em famílias homoparentais*. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P. E MELLO, L. (orgs.). **Conjugualidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamound, 2007, pp. 277-300.
- GARCIA, S. G. *A propósito de homossexualidades e culturas de resistência: modernidade, identidade e política*. **PHYSIS**, vol. 1, n. 5, 1995.
- GELER, L. *Negros, pobres y argentinos. Identificaciones de raza, de clase y de nacionalidad en la comunidad afroporteña, 1870-1880*. **Nuevo mundo, Nuevos Mundos**, 2004. <http://nuevomundo.revues.org/index449.html>. Acessado em: 20 de janeiro de 2010.
- GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991a.
- GIDDENS, A. *Modernidade e auto-identidade*. In: **Modernity and self-identity**. Londres: Polity Press, 1991b, pp. 1-9, 36-37, 126-137.
- _____. **La transformación de la intimidad**. Madri: Editorial Cátedra, 1998.
- GOFFMAN, E. **Ritual de la Interacción**. Buenos Aires: Editorial Tiempo Contemporáneo, 1970.
- GÓIS, J. B. H. *Desencontros: As relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 11, n.º 1, pp. 289-297, 2003.
- GOLDANI, A.M. *Retratos de família em tempos de crise*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, SC, Ano 2, Número Especial, pp. 303-335, jul.-dez. de 1994.
- GOLIN, C. e WEILER, L. (orgs.). **Homossexualidade, cultura e política**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- GONTIJO, F. **Amar É... Entre Iguais: representações do amor e da família entre homossexuais identitários teresinenses**. Comunicação apresentada na VII Reunião de Antropologia do Mercosul, GT Amor, conjugualidades e parentalidades na contemporaneidade. UFRGS, Porto Alegre, Brasil, 2007.
- GOUVEIA, P. F. & HEILBORN, M. L. *Marido é tudo igual: mulheres populares e sexualidade no*

- contexto da Aids. In: BARBOSA, R. & PARKER, R. **Sexualidades pelo avesso**. São Paulo: Editora 34, 1999, pp. 175-198.
- GREEN, J. N. **Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: EdUnesp, 2000a.
- _____. *Mais amor e mais tesão: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis*. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n.º 15, 2000b, pp. 271-295.
- GROSSI, M. P. *Gênero e Parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil*. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.º 21, pp. 261-280, 2003.
- GUIMARÃES, C. D. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2004.
- GULLO, C. e BRISSAC, C. *Famílias Coloridas*. **Istoé**, 14 ago. de 1995, Comportamento. In: <http://www.terra.com.br/istoe/comport/140304.htm>. Acesso em: 20 nov. 2003.
- HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HARAWAY, D. *“Um manifesto para o cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80”*. In: HOLLANDA, H. B. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1996.
- HEILBORN, M. L. *O que faz um casal, casal? Conjugalidade, igualitarismo e identidade sexual em camadas médias urbanas*. In: RIBEIRO, Ivete e RIBEIRO, Ana Clara T. **Família em processos contemporâneos: Inovações Culturais na Sociedade Brasileira**. São Paulo: Loyola, 1995, pp. 91-106.
- _____. *A primeira vez nunca se esquece*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, Ano 6, n.º 2, pp. 394-405, jul.-dez. de 1998.
- _____. *“Ser ou estar homossexual”*: dilemas de construção da identidade social. In: PARKER, R.; BARBOSA, R. (Org.). **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; ABIA, 1999b.
- _____. (Org.). **Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999a.
- _____. **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.
- HEILBORN, M. L. e BRANDÃO, E. R. *Ciências sociais e sexualidade*. In: HEILBORN, M. L. (Org.). **Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- HENNEN, P. *Bear bodies, bear masculinity. Recuperation, resistance, or retreat?* **Gender & Society**, Vol. 19, Nº 1, February 2005, pp. 25-43. [HTTP://gas.sagepub.com/cgi/content/abstract/19/1/25](http://gas.sagepub.com/cgi/content/abstract/19/1/25). Acessado em: 30 de setembro de 2008.
- HERRERA, F. *La otra mamá. Madres no biológicas en la pareja lésbica*. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P. E MELLO, L. (orgs.). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007, pp. 213-232.
- HILLER, R. Lazos en torno a la Unión civil. Notas sobre el discurso opositor. In: PECHENY, M.; FIGARI, C.; JONES, D. (Eds.). **Todo sexo es político: estudios sobre sexualidade en Argentina**. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2008, pp. 149-167.
- KATZ, J. N. **A Invenção da Heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- KIMMEL, M. S. *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas*. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n.º 9, pp. 103-117, outubro de 1998.
- LAGO, R. F. *Bissexualidade masculina: uma identidade negociada?* In: HEILBORN, M. L. (Org.). **Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.
- LEAL, A. F. *Práticas sexuais no contexto da conjugalidade: o que implica a intimidade?* In: HEILBORN, M.L. et. al. **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

- LIBSON, M. *Yo opino... Construcciones discursivas sobre la homoparentalidad*. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P. e MELLO, L. (orgs.). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamound, 2007, pp. 341-360.
- _____. *Qué creen los y las que opinan sobre homoparentalidad?* In: PECHENY, M.; FIGARI, C.; JONES, D. (Eds.). **Todo sexo es político: estudios sobre sexualidade en Argentina**. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2008, pp. 169-191.
- LINS RIBEIRO, G. *Tropicalismo e europeísmo. Modos de representar o Brasil e a Argentina*. In: Frigério, A. e LINS RIBEIRO, G. (org.). **Argentinos e brasileiros: encontros, imagens e estereótipos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, pp. 237-264.
- LOPES, M. *Discursos em debate, atores em conflito: O Projeto de Parceria Civil Registrada, primeiras aproximações*. In: **V Reunião de Antropologia do Mercosul, 2003, Florianópolis. Antropologia em Perspectivas**. Florianópolis : Nova Letra, 2003. v. 1. p. 308-308.
- _____. *União Civil e a Dessacralização da Família Nuclear: Uma Análise do Projeto de Parceria Civil Registrada entre Pessoas do Mesmo Sexo*. **Revista Urutágua** (Online), Maringá, v. 5, n. 5, p. 1, 2004a. In: http://www.uem.br/urutagua/005/16soc_lopes.htm
- _____. *Homossexualidade é Pecado: Sentidos religiosos no debate/embate do projeto de Parceria Civil*. In: LOPES, D.; BENTO, B; ABOUD, S.; GARCIA, W. (Org.). **Imagem & Diversidade Sexual: Estudos da Homocultura**. São Paulo: Nojosa, 2004b, v. 1, p. 373-380.
- _____. **Debates, diálogos e confrontos: Representações sociais das homossexualidades nas discussões sobre a Parceria Civil Registrada**. Dissertação de Mestrado, Londrina, UEL, 2005.
- _____. *“Casar e dar-se ao respeito”*. *Conjugalidade entre homossexuais masculinos em Cuiabá*. HEILBORN, M. L. et alli (orgs.). **Sexualidade, Saúde e Reprodução**. Rio de Janeiro: FGV, 2009, pp. 489-508.
- LOREA, R. A. *Acesso ao casamento no Brasil: Uma questão de cidadania sexual*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(2), maio-agosto/2006.
- LOURO, G. L. *Pedagogias da sexualidade*. In: LOURO, G. L. (org.). **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001a, pp. 08-34.
- _____. *Teoria Queer – Uma política pós-identitária para a educação*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 9, pp. 541-552, jul.-dez. de 2001b.
- LOYOLA, M.A. *Sexualidade e Medicina. A revolução do século XX*. Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro, V. 19, n. 4, Junho/julho 2003.
- MACHADO, L. Z. *Famílias e Individualismo: Tendências contemporâneas no Brasil*. Brasília, **Série Antropologia**, n.º 291, 2001a.
- _____. *Masculinidade, sexualidade e estupro. As construções da virilidade*. **Cadernos Pagu**, Campinas: Unicamp, n.º 11, 1998a, pp. 231-273.
- _____. *Gênero, um novo paradigma?* **Cadernos Pagu**, Campinas: Unicamp, n.º 11, 1998b, pp. 107-125.
- _____. *Matar e Morrer no Feminino e no Masculino*. Brasília, **Série Antropologia**, n.º 239, 1998c.
- _____. *Masculinidades e Violências. Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea*. Brasília, **Série Antropologia**, n.º 290, 2001b.
- _____. **Feminismo em movimento**. São Paulo: Francis, 2010.
- MACRAE, E. **A Construção da Igualdade: Identidade Sexual e Política no Brasil da Abertura**. Campinas: EdUNICAMP, 1990.
- MALUF, S. W. *Corporalidade e desejo. Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 10(1), 2002, pp. 143-153.
- MANZELLI, H. *Sobre los significados de ser hombre en varones jóvenes en el área metropolitana de Buenos Aires*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(1), 2006, pp. 219-242.
- MATOS, M. **Reinvenções do vínculo amoroso: cultura e identidade de gênero na modernidade tardia**. Belo Horizonte: EdUFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2000.

MECCIA, E. *Cuatro antinomias para una sociología de las minorías sexuales*. In: MARGULIS, M. (comp.) **Juventud, cultura, sexualidad. La dimensión cultural en la afectividad y la sexualidad de los jóvenes de Buenos Aires**. Buenos Aires: Biblos, 2003b.

_____. *Derechos Molestos. Análisis de tres conjeturas sociológicas relativas a la incorporación de la problemática homosexual en la agenda política argentina*. **Revista Argentina de Sociología**, Buenos Aires: Consejo de Profesionales en Sociología, nº 1, vol. 1, 2003a, pp. 59-76.

_____. **La cuestión gay. Un enfoque sociológico**. Buenos Aires: Gran Aldea, 2006.

_____. *La carrera moral de Tommy. Un ensayo en torno a la transformación de la homosexualidad en categoría social y sus efectos en la subjetividad*. In: PECHENY, M.; FIGARI, C.; JONES, D. (Eds.). **Todo sexo es político: estudios sobre sexualidade en Argentina**. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2008, pp. 21-46.

MEDEIROS, C. P. **Sobre Deveres e Prazeres: Estudo acerca de mulheres que se assumiram lésbicas depois de terem sido mães**. Monografia de conclusão de curso, Florianópolis, UFSC, 2004.

_____. *“Uma família de mulheres”*. *Ensaio etnográfico sobre homoparentalidade na periferia de São Paulo*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(2): 248, maio-agosto/2006.

MEDEIROS, J.L.R. *Reconhecimento, Constitucionalismo e Casamento Homossexual*. **PRISMAS: Dir., Pol.Pub. e Mundial.**, Brasília, v.4, n, 1, p 151-168, jan./jul.2007a.

_____. **Estado Democrático de Direito, Igualdade e Inclusão. A constitucionalidade do casamento homossexual**. Dissertação de mestrado, Brasília, UNB, 2007b.

MELLO, L. **Família no Brasil dos Anos 90: Um estudo sobre a construção social da conjugalidade homossexual**. Tese de Doutorado, Brasília, UnB, 1999.

_____. **Novas famílias. Conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Garamound, 2005a.

_____. *Outras famílias: a construção social da conjugalidade homossexual no Brasil*. **Cadernos Pagu**, Campinas: Unicamp, nº 24, 2005b, pp. 197-225.

_____. *Familismo (anti)homossexual e regulação da cidadania no Brasil*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(2): 248, maio-agosto/2006.

_____. *Matrimônio entre pessoas do mesmo sexo na Espanha. Do perigo social à plena cidadania, em quatro estações*. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P. E MELLO, L. (orgs.). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamound, 2007, pp. 169-187.

MISSE, M. **O estigma do passivo sexual**. Rio de Janeiro: NECVU/LeMetro/Booklink, 2005.

MISKOLCI, R. *Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay*. In: **Cadernos PAGU**, n. 28. Campinas: jan./jun. 2007.

_____. *O Vértice do triângulo: Dom Casmurro e as relações de gênero e sexualidade no fim-de-século brasileiro*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 17(2): 547-567, maio-agosto/2009.

MORAES FILHO, E. (org.). **Georg Simmel: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

MOTT, L. *Homo-afetividade e direitos humanos*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(1): 248, maio-agosto/2006.

MOUTINHO, L. *Negociando com a adversidade: Reflexões sobre “raça”, (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(2): 336, jan-abril/2006.

NAZZARI, M. **O desaparecimento do dote: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NOGUEIRA, O. **Tanto preto quanto branco**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1985.

NUNAN, A. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

_____. *Influência do preconceito internalizado na conjugalidade homossexual masculina*. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P. E MELLO, L. (orgs.). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamound, 2007, pp. 47-68.

- O'DONNELL, G. *Y a mi que me importa? Estudios sobre sociabilidad y politica en Argentina y Brasil*. **Estudios CEDES**, Buenos Aires, 1984.
- OLAVARRÍA, J. *Desejo, prazer e poder. Questões em torno da masculinidade heterossexual*. In: BARBOSA, R. & PARKER, R. **Sexualidades pelo avesso**. São Paulo: Editora 34, 1999, pp. 153-174.
- OLIVEIRA, P. P. *Discursos sobre a masculinidade*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 6, n.º 1, pp. 91-112, jan.-jun. de 1998.
- OLIVEIRA, R. M. R. *“Isto é contra a natureza...”*. *Acórdãos judiciais e entrevistas com magistrados sobre conjugalidades homoeróticas em quatro estados brasileiros*. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P. E MELLO, L. (orgs.). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamound, 2007, pp. 131-152.
- ORTEGA, F. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- PAIVA, A. C. S. **Reservados e invisíveis. O ethos íntimo das parcerias homoeróticas**. Fortaleza: PPGS/UFC; Campinas: Pontes, 2007a.
- _____. *Reserva e invisibilidade. A construção da homoconjugalidade numa perspectiva micropolítica*. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P. E MELLO, L. (orgs.). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamound, 2007b, pp. 23-46.
- PARKER, R. **Corpos, prazeres e paixões**. São Paulo: Best Seller, 1991.
- _____. *Identidades masculinas*. In: RIBEIRO, M. **Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993, pp. 321-347.
- _____. *Cultura, Economia Política e Construção Social da Sexualidade*. In: LOURO, G. L. (org.). **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001a, pp. 125-150.
- _____. **Abaixo do Equador**. São Paulo: Record, 2002.
- PARKER, R.; BARBOSA, R. **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: ABIA; IMS/UERJ; Relume-Dumará, 1996.
- PARKER, C. **Religião popular e modernização capitalista. Outra lógica na América Latina**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- PARREIRAS, C. **Sexualidades.com. Uma análise das relações interpessoais em comunidades virtuais**. Comunicação apresentada no 31º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, outubro de 2007.
- PASSAMANI, G.R. **O Arco-íris (des)coberto. Homossexualidades masculinas, movimentos sociais e identidades regionais – Os casos de Porto Alegre e Buenos Aires**. Dissertação de Mestrado em Integração Latinoamericana, UFSM, 2008.
- PECHENY, M. **De la “no-discriminación” al “reconocimiento social”. Un análisis de la evolución de las demandas políticas de las minorías sexuales en América Latina**. Texto apresentado no XXIII Congreso de la Latin American Studies Association, Washington DC, setembro de 2001.
- _____. *Identidades discretas*. In: ARFUCH, L. (org.). **Identidades, sujetos y subjetividades**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005, pp. 131-153.
- PECHENY, M.; FIGARI, C.; JONES, D. (org.). **Todo sexo es político: estudios sobre sexualidade en Argentina**. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2008.
- PELÚCIO, L. *Três casamentos e algumas reflexões. Notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(2): 248, maio-agosto/2006.
- PERLONGHER, N. **La prostitución masculina**. Ediciones de la Urraca, Buenos Aires, 1993.
- PIERUCCI, A. F. e PRANDI, R. **A realidade social das religiões no Brasil. Religião, Sociedade e política**. São Paulo, Hucitec, 1996.
- PINHO, O. A. *Etnografias do brau: Corpo, masculinidade e raça na reafricanização de Salvador*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(1): 216, jan.-abril/2005.
- PISCITELLI, A. *Gênero em perspectiva*. **Cadernos Pagu**, Campinas: Unicamp, nº 11, 1998, pp. 141-155.

_____. **Jóias de Família: gênero e parentesco em histórias sobre grupos empresariais brasileiros.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

_____. *Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras.* **Sociedade e Cultura**, V. 11, nº 2, 2008, pp. 263-274.

POLLAK, M. *A homossexualidade Masculina, ou: a felicidade do gueto?* In: ARIÈS, P. & BEJIN, A. (orgs.). **Sexualidades Ocidentais.** São Paulo: Brasiliense, 1987, pp. 54-76.

PRANDI, R. *Perto da magia, longe da política: derivações do encantamento no mundo desencantado.* In: PIERUCCI, A.F. e PRANDI, R. **A realidade social das religiões no Brasil.** São Paulo: Hucitec, 1996.

QUIJADA, M., BERNAND, C. y SCHNEIDER, A. **Homogeneidad y nación. Con un estudio de caso: Argentina, siglos XIX y XX.** Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2000.

QUINTEIRO, M.C. *Casados e não casados. Uniões consensuais nas camadas médias e populares.* In: **Textos NEPO 19.** Campinas: UNICAMP, 1990.

RAPISARDI, F. e MODARELLI, A. **Los gays porteños en la última dictadura.** Buenos Aires: Sudamericana, 2001.

RIBEIRO, R.M. et al. *Estrutura familiar, trabalho e renda.* In: KALOUSTIAN, S.M. (org.). **Família brasileira, a base de tudo.** SP, Cortez; Brasília, DF, UNICEF, 2002, pp. 135-158.

RIOS, R.R. **A Homossexualidade no Direito.** Porto Alegre: Livraria Do Advogado, 2001.

_____. *A homossexualidade e a discriminação por orientação sexual no direito brasileiro.* In: GOLIN, C. e WEILER, L. (org.). **Homossexualidade, cultura e política.** Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. *Uniões homossexuais. Adaptar-se ao direito de família ou transformá-lo? Por uma nova modalidade de comunidade familiar.* In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P. E MELLO, L. (orgs.). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis.** Rio de Janeiro: Garamound, 2007, pp. 109-130.

ROCHA, E.J. e ROSEMBERG, F. *Autodeclaração de cor e ou raça entre escolares paulistanos(as).* **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 759-799, set./dez. 2007, pp. 759-799.

RODRIGUES, A. *Advocacy: uma ação política de novo tipo.* In: http://www.cfemea.org.br/temasedados/imprimir_detalhes.asp?IDTemasDados=49, CFEMEA, 1999. Acesso em: 15 maio 2004.

ROTELLO, G. **Comportamento Sexual e AIDS. A Cultura Gay em Transformação.** São Paulo: Edições GLS, 1998.

RUBIN, G. *The Traffic in Women: Notes on the Political Economy of Sex.* In: REITER, R. (org.). **Toward an Anthropology of Women.** New York: Monthly Review Press, 1975.

_____. *Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad.* In: VANCE, C.S. (Comp.) **Placer y peligro. Explorando la sexualidad femenina.** Madrid: Ed. Revolución, 1989. pp. 113-190.

SALEM, T. *Casal igualitário: princípios e impasses.* In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** Rio de Janeiro, n. 9, vol. 3. Fevereiro de 1989, pp. 24-37.

_____. *"Homem... já viu né?": representações sobre sexualidade e gênero entre homens de classe popular.* In: HEILBORN, M. L. (org.). **Família e sexualidade.** Rio de Janeiro: FGV, 2004, pp. 15-61.

SALESSI, J. **Médicos, Maleantes y maricas. Higiene, criminología y homosexualidad en la construcción de la nación Argentina.** Buenos Aires: Beatriz Viterbo Editora, 1995.

SANTOS, B.S. **Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade.** São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, G.G.C. **Conjugalidade homossexual e direitos sexuais no Brasil: um estudo sobre as uniões estáveis entre pessoas do mesmo sexo.** Comunicação apresentada no 31º. Encontro Anual da ANPOCS, ST 28 Sexualidade e ciências sociais: desafios teóricos, metodológicos e políticos. Caxambu, MG, Outubro de 2007.

SARAIVA, E. *Encontros amorosos, desejos ressignificados. Sobre a experiência do assumir-se gay na vida de homens casados e pais de família.* In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P. E MELLO, L. (orgs.).

- Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis.** Rio de Janeiro: Garamound, 2007, pp. 69-88.
- SARTI, C. A. **A Família como espelho. Um estudo sobre a moral dos pobres.** São Paulo, Editores Associados, 1983.
- SCHNEIDER, D. *The power of culture: Notes on some aspects of gay and lesbian kinship in America Today*, **Cultural Anthropology**, 12(2), 1997, pp. 270-282.
- SCHUTZ, A. **Fenomenologia e Relações Sociais.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- SCHWADE, E. *Poder do “sujeito”, poder do “objeto”.* In: GROSSI, M. **Trabalho de campo & subjetividade.** Florianópolis: PPGAS/UFSC, 1992, pp. 41-52.
- SEBRELI, J. J. *Historia secreta de los homosexuales en Buenos Aires.* In: **Escritos sobre escritos, ciudades bajo ciudades.** Buenos Aires: Sudamericana, 1997, pp. 275-370.
- SEDGWICK, E. K. *A epistemologia do armário.* **Cadernos Pagu**, Campinas: Unicamp, nº 28, 2007, pp. 19-54.
- SEYFERTH, G. *Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil.* In: ZARUR, G. C. L. (Org.). **Região e nação na América Latina.** Brasília: Ed. UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000, pp. 81-109.
- SCHUTZ, A. **Fenomenologia e Relações Sociais.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- SHEFF, E. *Poly-hegemonic masculinities.* **Sexualities**, 2006, Vol 9(5): 621-642. <http://sexualities.sagepub.com/cgi/content/abstract/9/5/621>. Acessado em: 30 de setembro de 2008.
- SILVA, N. do V. *Uma nota sobre raça social no Brasil.* **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, n. 26, p.67-80, set. 1994.
- SIMMEL, G. *A Metrópole e a Vida Mental.* In: VELHO, O. G. (org.). **O Fenômeno Urbano.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, pp. 11-25.
- _____. *O Segredo.* **Política e Trabalho.** João Pessoa: PB, nº 15, Set. 1999 In: http://www.cchla.ufpb.br/politicaetrabalho/arquivos/artigo_ed_15/15-simmel.html.
- _____. *O Indivíduo e a Diáde.* In: CARDOSO, F. H. e IANNI, O. (org.). **Homem e Sociedade: leituras básicas de sociologia geral.** São Paulo: Nacional, 1977, pp. 128- 135.
- SIMÕES, J.A. *Homossexualidade masculina e curso de vida: Pensando idades e identidades sexuais.* In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M.F. e CARRARA, S. **Sexualidade e saberes: Convenções e Fronteiras.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004, pp. 415-447.
- SÍVORI, H. F. **Locas, chongos y gays.** Buenos Aires: Antropofagia, 2005.
- SOIHET, R. *Mulheres pobres e violência no Brasil urbano.* In: PRIORE, M.D. (Org.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2004, pp. 362-400.
- SOUZA, É. R. **Necessidade de filhos: maternidade, família e (homo)sexualidade.** Tese de doutorado, Campinas, UNICAMP, 2005.
- STOLKE, V. *O enigma das interseções: classe, “raça”, sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX.* In: **Estudos Feministas**, Florianópolis: 14(1), 336, 2006, pp. 15-42.
- STRATHERN, M. **The gender of the gift: Problems with women and Problems with Society in Melanesia.** Berkeley: University of Califórnia Press, 1988.
- _____. *Dear David... (carta)* **Cultural Anthropology**, v.12, n.2, pp.281-282, may/1997.
- _____. **O gênero da dádiva: Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia.** Campinas: UNICAMP, 2006.
- SUANNES, A. *Concubinato e homossexualismo.* In: MOTT, L. (org.). **Parceria civil registrada entre pessoas do mesmo sexo: Coleção de Artigos, Sentenças e Textos sobre os aspectos éticos, jurídicos e antropológicos.** Grupo Gay da Bahia, Salvador, 1997.
- SULLIVAN, A. **Praticamente normal: uma discussão sobre o homossexualismo.** São Paulo: Cia das letras, 1996.

TARNOVSKI, F. L. “Pai é tudo igual?”. **Significados da paternidade para homens que se autodefinem como homossexuais**. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M.F. e CARRARA, S. **Sexualidade e saberes: Convenções e Fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, pp. 385-414.

TAYLOR, C. **Argumentos Filosóficos**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

TEIXEIRA FILHO et alli. *A homofobia na representação de mães heterossexuais sobre a homoparentalidade*. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P. E MELLO, L. (orgs.). **Conjugualidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamound, 2007, pp. 301-320.

THERBORN, G. **Sexo e poder: a família no mundo, 1900-2000**. São Paulo: Contexto, 2006.

TRAJANO FILHO, W. **Músicos e música no meio da travessia**. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, 1984.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

UZIEL, A. P. **Família e homossexualidade: velhas questões, novos problemas**. Tese de doutorado, Unicamp, 2002.

_____. “Tal pai, tal filho” em tempos de pluriparentalidade. **Expressão fora do Lugar?** Comunicação apresentada em XXIV Encontro Nacional da ANPOCS, GT Família e Sociedade. Petrópolis, RJ, outubro de 2000.

_____. **Parceria Civil Registrada no Brasil**. In: <http://br.groups.yahoo.com/group/listagls/message/4035?source=1>, 1999.

UZIEL, A. P. et All. *Parentalidade e conjugualidade: aparições no movimento homossexual*. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 12, nº 26, p. 203-227, jul./dez. 2006.

UZIEL, A. P. e GROSSI, M. *Parceria civil e homoparentalidade. O debate francês*. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P. E MELLO, L. (orgs.). **Conjugualidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamound, 2007, pp. 189-210.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VALE DE ALMEIDA, M. **Senhores de Si: Uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa: Fim de Século, 2000.

_____. *Gênero, masculinidade e poder: Revendo um caso do sul de Portugal*. **Anuário antropológico/ 95**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. *Flores do colonialismo. Masculinidades numa perspectiva antropológica*. **Cadernos Pagu**, Campinas: Unicamp, nº 11, 1998, pp. 201-229.

_____. **Casamento entre pessoas do mesmo sexo. Sobre “gentes remotas e estranhas em uma sociedade decente”**. Artigo apresentado na VI Reunião e Antropologia do Mercosul, Uruguai, 2005.

_____. *O casamento entre pessoas do mesmo sexo. Sobre “gentes remotas e estranhas” numa “sociedade decente”*. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 76, Dezembro 2006, pp. 17-31.

_____. *O casamento entre pessoas do mesmo sexo. Sobre “gentes remotas e estranhas” numa “sociedade decente”*. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P. E MELLO, L. (orgs.). **Conjugualidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamound, 2007, pp. 153-168.

_____. *Do armário. Finisterra*. Lisboa: Fundação José Fontana, nº 58-60, 2007, pp. 291 - 297. In: http://site.miguelvaledalmeida.net/wp-content/uploads/do_armario_finisterra.pdf. Acessado em: 14 de janeiro de 2010.

VANCE, C. *A antropologia redescobre a sexualidade. Um comentário teórico*. **Physis. Revista de Saúde Coletiva**. Vol. 5, n. 1, 1995.

VELHO, G. **Individualismo e Cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981a.

_____. *Cotidiano e política num prédio de conjugados*. In: **Individualismo e Cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981b.

_____. *Prestígio e ascensão social: dos limites do individualismo na sociedade brasileira*. In: **Individualismo e Cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981c.

_____. **Subjetividade e Sociedade: Uma experiência de geração**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

_____. **A Utopia Urbana: Um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

_____. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VIDAL e SOUZA, C. & BOTELHO, T.R. *Modelos nacionais e regionais de família no pensamento social brasileiro*. **Estudos Feministas**, Florianópolis: 9(2), 2001, pp. 414-423.

VON DER WEID, O. *Masculino e feminino na prática do swing*. **Sexualidad, Salud y Sociedad. Revista Latinoamericana**, n.3, 2009, pp. 106-129.

WEEKS, J. *O corpo e a Sexualidade*. In: LOURO, G. L. (org.). **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, pp. 35-82.

WELZER-LANG, D. *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, Ano 9, n.º 2, jul.-dez. de 2001, pp. 460-481.

WOORTMANN, K. e WOORTMANN, E. *Monoparentalidade e chefia feminina. Conceitos, contextos e circunstâncias*. **Série Antropologia**, n. 357, Brasília, 2004.

ZAMBRANO, E. *Do privado ao público. A homoparentalidade na pauta do jornal Folha de São Paulo*. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P. E MELLO, L. (orgs.). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamound, 2007, pp. 321-340.

ZARUR, G. C. L. (Org.). **Região e nação na América Latina**. Brasília: Ed. UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

ANEXOS

ANEXO I

BIOGRAFIA COMPLETA DOS CASAIS ENTREVISTADOS

1. DAMIAN E RAMIRO

Damian

Damian é portenho, sempre viveu e trabalhou na cidade de Buenos Aires. Tendo dois irmãos, quatro sobrinhos e sendo filho de um pai espanhol e uma mãe argentina, afirma que todos de sua família sabem de sua homossexualidade, *“no sé si les gusta o no les gusta, pero hay una aceptación de la realidad”*. Com família de origem católica foi praticante da religião durante muito tempo *“de comunión por lo menos semanal”*, mas hoje devido aos caminhos que a Igreja Católica tomou, especialmente com a entrada do papa atual, acabou se afastando e se tornando um crítico feroz da instituição. Durante a adolescência iniciou uma carreira técnica que abandonou para se tornar professor e no momento esperava por sua aposentadoria. Após muitos anos de abstinência, resolveu dar um basta na culpa que o assolava e passar por cima da proibição religiosa da homossexualidade. Apesar de ter tido algumas namoradas (esteve a ponto de casar com uma delas), nunca teve relações sexuais com nenhuma delas e nem nunca se considerou bissexual. Até os 19 anos de idade nunca conversou a respeito de sua homossexualidade com ninguém, *“eran cosas de las que no se hablaba para nada, tal vez en alguna oportunidad lo pude hablar con algún sacerdote en acto de confesión o cosa del estilo”*. Aos 19 anos iniciou terapia que se estendeu até dois anos antes da entrevista *“digamos que casi toda mi vida estuve con tratamiento psicoanalítico”*. Nostalgicamente, ele se lembra da adolescência quando se reunia com amigos da paróquia em festas em suas casas para dançarem e divertirem-se, mas que os tempos haviam mudado e isso havia deixado de ocorrer. Sua primeira relação sexual foi aos 22 anos, com um colega de trabalho. Após essa relação, teve vários relacionamentos rápidos do tipo *“touch and go”*, *“sexo exprés”* ou *“sexo exprés repetido con la misma persona”* como ele nomeia, mas nenhum relacionamento sério. A partir dos 30 anos teve alguns relacionamentos mais longos (em torno de 6 meses). Geralmente conhecia essas pessoas na rua, em viagens para outros países ou elas eram apresentadas por amigos. Participou de alguns grupos gays que faziam turismo em viagens internacionais. Entre elas aponta que esteve várias vezes no Brasil. Nessas viagens e também quando estava em Buenos Aires, costumava freqüentar bares, boates e outros lugares gays. Não tem filhos, acredita que sublimou seu desejo de paternidade com a docência e nas relações com jovens bem mais novos que ele.

Ramiro

Ramiro tem em torno da metade da idade de Damian. É natural de Misiones, mas mora há quatro anos em Buenos Aires. Descendente de alemães, com um irmão mais novo e oriundo de família católica, se tornou um católico não praticante apesar de ter freqüentado o seminário. Sua primeira relação sexual foi com uma mulher mais velha quando tinha então 15 anos de idade. Depois disso esteve a ponto de casar com outra mulher, mas o casamento não ocorreu por desistência de ambos. O primeiro namorado conheceu no seminário, ele era mais velho e ambos acabaram desistindo do curso. Aos 18 anos teve a primeira experiência sexual com um homem, um amigo. Após isso teve um relacionamento estável com um advogado mais velho que ele. O relacionamento durou cinco anos. Foram morar juntos dois meses

após se conhecerem, enquanto cursava universidade em Corrientes. Nunca terminou o curso na universidade. Com a morte de seu pai retornou para a casa de sua família, mas logo depois se mudou para Buenos Aires por motivos profissionais. Ressalta em suas falas a discriminação a que a homossexualidade está sujeita fora da capital e por isso afirma que nunca se sentiu seguro o suficiente para conversar com sua família e amigos a respeito de sua homossexualidade, mas acredita que todos saibam *“no tengo la necesidad de ponerme un cartel en la cabeza y decir soy gay. Yo hago mi vida normal como todo hombre o como toda mujer lo haría”*. Nunca pensou em ter filhos e sempre preferiu se relacionar com homens mais velhos do que ele. No momento tem usado muito a internet como meio de se socializar. Antes de conhecer a Damian, viajava com frequência ao Brasil para passar férias com o outro companheiro, lugar onde ele considera haver pessoas com a cabeça mais aberta e com menos preconceito, *“no hay tanto racismo en el aspecto homosexual o respecto del color de piel, para ellos son todos iguales”*.

O encontro e a relação

As páginas de bate-papo foram responsáveis pelos dois se conhecerem. Depois de um papo nelas, resolveram marcar um encontro. Esse primeiro encontro acabou não ocorrendo, mas depois de um reencontro na sala de bate-papo marcaram um novo encontro para conversarem. Após esse encontro, Damian teve de se ausentar da Argentina por dois meses. Esteve na Espanha realizando um curso, durante o qual a relação se manteve através do *Messenger*. No retorno de Damian à Argentina, se reencontraram e passaram a viver juntos temporariamente, pois Ramiro estava passando por problemas profissionais. Resolvidos os problemas, não mais se separaram. Viviam, no momento da entrevista, uma relação estável que já durava dois anos, sem nenhuma separação, o que só ocorre quando vão visitar suas famílias. Para Damian há, às vezes, algumas discussões e brigas que são causadas por motivos diversos, mas principalmente por pontos de vistas e tempos diferentes e porque *“somos muy cabeza dura y hay tanta diferencia de edad”*. Mas essa diferença não impede a relação. Pelo contrário, para eles é o ideal, uma vez que se Damian gosta de se relacionar com homens mais novos, Ramiro gosta de se relacionar com homens mais velhos. Nesse sentido, o desejo de ambos se complementa. Quando ocorrem as brigas ou desentendimentos eles conversam e tentam entender o que aconteceu. Damian diz que no final das contas ele acaba dando o braço a torcer e cedendo, pois tem uma capacidade grande de adaptação, desenvolvida durante sua vida. Nas palavras dele, *“yo que soy el más grande, trato dentro de lo posible de adaptarme más. Tal vez porque toda mi vida fue una gran adaptación a medios adversos, a partir de la elección sexual”*. Para Ramiro e Damian, coabitar é um elemento essencial que permite compartilhar uma vida e se ajudar no cotidiano. E, este estar junto, este estar casado, *“es compartir todo, toda la vida, desde lo afectivo hasta lo material, pasando por lo intelectual, por lo gracioso, por lo triste. Es amar y ser amado, estar con la persona en la alegría y en la tristeza, en la bonanza y en el hambre. Es tratar en lo posible de que la persona amada no sufra como consecuencia de una mala acción que venga de nuestra parte, es eso”* (Damian).

Divisão de tarefas

A divisão de tarefas é um tema que foi conversado por eles quando passaram a morar juntos. No começo as coisas eram mais compartilhadas porque ambos trabalhavam, afirma Ramiro. Mas quando Damian parou de trabalhar devido à aposentadoria que iria sair, este passou a ocupar mais de seu tempo com as tarefas de casa. Um exemplo disso é em relação à cozinha. Geralmente, durante a semana, Damian se ocupa disso, mas no final de semana ele faz questão de evitar, assim Ramiro geralmente cozinha ou eles pedem comida ou saem para comer fora. Além disso, Ramiro sempre lava a louça. Outro exemplo de divisão acontece nos cuidados com o cachorro: Damian geralmente o alimenta e o leva para passear, já Ramiro se responsabiliza pela limpeza e pelo banho do cão. Há certa divisão, em alguns pontos mais clara que em outros, mas ambos compartilham a idéia da importância dessa divisão. Às vezes há problemas, mas geralmente estes são causados pela diferença de concepções temporais, isto é, *“si yo quiero hacer una cosa, me gusta hacerla hasta terminarla y chau, listo. Él tiene su ritmo y su tiempo. Un tiempo que empieza hoy y puede terminar en tres o cuatro días. Lo cual a veces hace que choquemos”* (Damian).

Sociabilidade e diversão

Durante a semana, quando não estão trabalhando, são pessoas que geralmente ficam em casa. Nos finais de semana, geralmente usam os dias para descansar para a nova semana de trabalho, especialmente aos sábados. Nos domingos, às vezes costumam sair para se divertir, mas na maioria dos casos recebem amigos em casa para bater papo, almoços e jantares. Quando saem, especialmente no verão, costumam ir a um parque chamado Costanera Sul ou na Reserva Ecológica, ambos perto de Puerto Madero, para tomar sol e beber mate com os amigos ou mesmo sozinhos. Em relação à noite, saem muito pouco, não freqüentando com assiduidade nenhuma boate ou bar. Entretanto, gostam muito de ir às festas e reuniões dos “ursos”, que geralmente ocorrem aos domingos. E, raramente, vão à sauna, mas é um lugar ao qual gostam de ir. Antes de colocarem o perfil deles no *site g4me*, afirmam que tinham poucos amigos, mas que assim que colocaram começaram a receber mensagens de pessoas querendo fazer amizade. Muitas dessas mensagens eram de pessoas querendo amizade *“con derecho a roce”*⁴⁷, mas que eles não estavam abertos a isso; o perfil deles era claro nesse sentido. Com o tempo formou-se um grupo de amigos que se reúne com alguma freqüência, especialmente nos finais de semana. Esse grupo tem em torno de cinco a seis pessoas.

Amor, fidelidade e “estilo de relação”

Ambos apontam a importância da fidelidade na construção da parceria, no entanto apontam diferenças entre parceria homossexual e heterossexual. *“Lo que pasa es que en una pareja homosexual, vos no podés decir que sos ciento por ciento fiel, porque no lo sos. Primero, porque la carne es débil; segundo, es porque hay atracción física, puede ser tanto con la pareja como por las personas que nozcas o las ya conocidas. Puede haber fidelidad solamente en el amor. En materia del amor puede ser. Eso sí es fidelidad, pero en materia sexual no”* (Ramiro). *“Lo que pasa es que ahora ha surgido una*

⁴⁷ A tradução literal é “amizade com direito a carícias”. Em outras palavras, amizade também com conteúdo sexual, mas não exclusivamente sexual.

nueva interpretación de lo que es la fidelidad. Yo no sé si es real o si es una excusa para no ser fiel” (Damian). Damian afirma que essa é uma interpretação atual da fidelidade, aponta que, antes, pensar em fidelidade era ter a definição de uma coisa que envolvia corpo e alma. Hoje a fidelidade é dividida. Há a *“fidelidad espiritual”*, que você tem com a pessoa que ama, com a pessoa com quem você quer ficar e com o sentimento em relação a ela; e a *“fidelidad del cuerpo”*, sexual, que, se quebrada, não é considerada infidelidade, porque não envolve afeto, sentimento. Há uma contradição nisso, de acordo com Damian, porque ficar com alguém envolve sempre algum tipo de sentimento, algum tipo de afeto, por isso *“pero igualmente uno trata en cierta forma de adaptarse a la realidad. Yo en el instante trato de ser fiel de cuerpo y alma hasta el momento en que veo a alguien que me gusta y, bueno, somos humanos, la vista nos fue dada para ver cosas lindas”*. Ambos afirmam ter um relacionamento fechado e baseado na fidelidade, no entanto *“hemos tenido relaciones, los dos con otros, en tríos. En cuatro o cinco veces, o cosa del estilo, en algunos casos las cosas fueron bien, en otras no”* (Ramiro). Assim, ambos buscam se adaptar e viver um relacionamento baseado na fidelidade sentimental, no amor que *“es querer con el alma”* (Ramiro) *“yo creo que es el sentimiento que permite que dos se transformen, hablamos de amor de pareja, que dos personas se abandonen un poco a sí mismas en beneficio del otro. Es decir, sin llegar a perder su personalidad puedan restringir muchos de sus egoísmos, o de sus egocentrismos, para que la otra persona se sienta bien. Eso con muchísimo afecto, de modo que sea dado de corazón y sin pedir nada a cambio”* (Damian).

Sexo, atividade–passividade e uso de preservativos

Conversando sobre sexo Damian confessa *“yo posiblemente sea mucho más sexual que él. Yo no consigo no tener sexo, él es más calmado, puede estar sin tener sexo. Bueno, al principio no, pero ahora, después de uno tiempito es como que no”*. Para Ramiro e Damian, o sexo não é o ponto essencial do relacionamento, ocupando um lugar mais importante para o segundo do que para o primeiro. Mas, ambos concordam que não há uma necessidade de definição estanque de papéis sexuais. É claro que cada um tem sua preferência, mas as pessoas mudam e os gostos vão mudando também, especialmente dentro de um relacionamento. *“Yo creo que en una pareja no existen roles definidos. Por más que cuando se conocen digan yo soy activo, yo soy pasivo. Creo que al mes siguiente ya se rompe eso, es cierto que cada uno tiene su tendencia pero creo que todos somos versátiles”* (Ramiro). Em relação ao uso de preservativo, após a realização do primeiro teste deixaram de fazer uso, mas fazem testes juntos regularmente. No entanto, quando estão com uma terceira pessoa na cama usam preservativos, a não ser que haja apenas masturbação, com o fim de proteger-se e proteger o outro.

Reconhecimento da união e discriminação

Ambos sempre conversaram sobre a possibilidade de regularizar a relação deles. No começo da relação, Damian lembra que *“en el principio yo hablaba bromeando, cuando nos casáramos, ¿quierés casarte conmigo?, así en tono de mucha seducción, hasta que en un momento determinado yo planteo: ¿nos casamos o no?”*. Ramiro respondeu que sim e ambos procuraram informações sobre a lei de união civil homossexual em Buenos Aires. Apesar de ambos terem o tempo mínimo de convivência exigido pela lei, que é de dois anos, eles não podiam se unir civilmente porque Ramiro não tinha como comprovar

o tempo de domicílio de um ano na cidade de Buenos Aires. Para ambos, a importância de regulamentação da união reside na necessidade de garantir a segurança do companheiro. Para isso muitos fatores estão implicados, fatores que vão desde os emocionais até os fatores financeiros. A principal questão no caso deles *“es la cuestión de la edad, de la diferencia de edad. El otro tema es que no sabés lo que puede llegar a pasar el día de mañana. Eso ocurre también, como uno va a quedarse sin el otro. Pero, eso es más una cuestión de seguridad”* (Ramiro). *“Yo me puse muy contento, no tanto por mí, porque cuando salí⁴⁸ yo ya no estaba en pareja, ni con la idea de un casamiento. Pero sí por todos aquellos que hace muchísimo tiempo que querían concretar una cosa tan importante que es unirse con otra persona y que la otra persona pueda gozar de los beneficios de la unión, sobre todo por lo que puede significar respecto de la herencia, los bienes compartidos y todo lo demás”* (Damian). Não ter essa possibilidade de ter sua união legalmente reconhecida é algo visto como muito ruim, como uma questão que já foi superada em outros países, mas não ainda na Argentina. O preconceito e a discriminação são assuntos que apareceram muito na conversa com eles. Damian afirma que sofreu muito preconceito e discriminação quando era criança. Era como que *“la mariquita del barrio”* porque não gostava de futebol e se interessava por teatro, canto, música e que sofreu muito porque não sabia exatamente como lidar com isso. Mas se hoje acontece algo parecido *“como que no hace llover, es decir, yo sé quién soy y qué soy, en aquel momento siendo chico no lo sabía, entonces eso era tremendo. Ahora sé quién soy, qué soy, que tengo valores más allá de aquello que puedo demostrar fuera de un cuarto”*. Já Ramiro afirma que, apesar de nunca ter sofrido preconceito ou discriminação, sabe que na província de onde veio isso é muito comum. Coisa diferente acontece em Buenos Aires e no Brasil, onde ele acredita haver uma aceitação muito maior da homossexualidade por parte de todos.

2. JUAN E PABLO

Juan

Natural de San Martín, na Grande Buenos Aires, Juan mora com o pai e trabalha nesta cidade. Sua mãe, que tem sérios problemas de saúde, mora em uma clínica para tratamento de idosos e a irmã mais nova é casada e tem duas filhas. Oriundo de uma família quase toda italiana - seus pais migraram para a Argentina durante a Segunda Guerra Mundial afirma ser católico praticante e que vai às missas todos os domingos *“lo practico bastante bien, digamos eso de ir a misa todos los domingos, pero el resto de los preceptos los cumpla digamos entre comillas. Vengo de una familia italiana y como buena familia italiana, todos son católicos”*. Sua primeira relação sexual foi aos 12 anos com primos, relações que eram carregadas de culpa e se repetiam de tempos em tempos até em torno dos 30 anos, mais ou menos. Quando tinha 15 ou 16 anos teve algumas namoradinhas, mas nunca chegou a ter nenhum contato sexual com elas, apesar de acreditar que constituiria uma família casando com uma mulher. Considera que a adolescência foi o pior período de sua vida, pois não conseguia se adaptar em lugar nenhum, nem na escola, nem na família, nem na Igreja. Tinha amigos, mas eles estavam sempre falando de garotas ou indo atrás delas, enquanto ele esteve sempre à margem disso tudo. Como não tinha amigos gays, acabava se isolando e não tinha ninguém com quem pudesse conversar a respeito de sua sexualidade ou desejos, mesmo porque ele mesmo não admitia sua homossexualidade, estando sempre em conflito. Aos 31, 32

48 Damian está falando aqui do momento de aprovação da lei de união civil de Buenos Aires.

anos, passou a aceitar-se mais, mudou seu comportamento e começou a conhecer outras pessoas, especialmente pela internet, mas nunca pensou na possibilidade de namorar ou ter um relacionamento estável com um homem, até conhecer Pablo. Acredita que a família saiba de sua homossexualidade, afinal nunca teve namoradas e, apesar de apresentar Pablo como um amigo, ou estão juntos ou está falando dele para sua família. Além disso, durante sua adolescência e juventude, a família estava continuamente apresentando namoradas e garotas para ele namorar, comportamento este que cessou nos dias atuais. Por conta desses fatores, acredita que a família saiba de sua homossexualidade. Somando-se a isso, seu cunhado está sempre fazendo brincadeiras a respeito de homossexualidade e fazendo piadas sobre sua “solteirice”. Raramente saía na noite, mas quando o fazia era para dançar com amigos em boates heterossexuais. Não pensa nem nunca pensou em ter filhos, pois acredita que seu “instinto paternal” esteja sendo satisfeito na relação com suas sobrinhas.

Pablo

É poucos anos mais velho que Juan, natural da província de Entre Rios e mora em Buenos Aires, já há uns 10 anos, por motivos profissionais. Terceiro filho de uma família católica grande e com 3 irmãos, acabou seguindo a religião familiar, apesar de não ser um católico praticante. Sua primeira relação sexual foi com um homem aos 22, 23 anos, e depois com algumas mulheres. Teve um relacionamento estável de dois anos, mais ou menos, com uma mulher, mas nunca chegaram a morar juntos. Por se relacionar com mulheres e com homens, se considera bissexual, apesar de no momento estar se relacionando exclusivamente com homens. Suas primeiras experiências sexuais com homens ocorreram em uma viagem à casa de amigos de adolescência que haviam se mudado para Buenos Aires e tinham experimentado uma mudança em suas sexualidades, em outras palavras, tinham assumido sua homossexualidade. Essas viagens e experiências sexuais fora de sua cidade de moradia ajudaram a manter o segredo, afinal esse não é um tema de conversas com sua família até hoje. Essas experiências e vivências de sua sexualidade com homens eram *“más que nada por lo sexual, no pasaba por otro lado”*. Com mulheres teve algumas experiências longas, namoros, especialmente com colegas de trabalho. O relacionamento mais importante com uma mulher, já citado acima, durou dois anos e quase redundou em casamento e filhos, mas por motivos diversos o relacionamento acabou. Ao fim desse relacionamento, Pablo se mudou para Buenos Aires e começou a conhecer muitas pessoas novas. Isso representou uma grande mudança cultural para Pablo, pois sua cidade de origem é pequena e tem costumes muito tradicionais. *“Buenos Aires no es tampoco mucho más progresista en sus costumbres, por lo menos no lo era en 1998, tal vez ahora sí un poco más, pero sin embargo tiene como una apariencia por lo menos de ciudad un poco más abierta y la posibilidad de que tenga de convivir con tanta gente era también posible, más el espacio para todo tipo de diversidad. Y la posibilidad de que uno por ahí sin certeza de ser demasiado observado ni seguido pueda hacer otras cosas diferentes, ir a lugares que no hay en mi ciudad, o que si hay, uno no los visita con tanta comodidad”*. Um ano depois dessa mudança, Pablo teve um relacionamento mais sério com um homem por uns seis meses. Conheceram-se por meio de um serviço de telefone específico para aproximar desconhecidos. Saía pouco para boates; sempre preferiu bares e lugares mais tranquilos. Tem um grupo de amigos que não sabe ou, pelos menos, não sabe por ele da vivência de sua sexualidade e dessa parte de sua pessoa. Após essa relação mais longa de seis meses,

começou a usar a internet para conhecer novas pessoas. Manteve alguns contatos, mas nada sério e estável, e, apesar de que fosse esse seu desejo, não encontrou reciprocidade até conhecer Juan.

O encontro e a relação

O casal se conheceu pela internet em outubro de 2001, em um programa de conversas por videoconferência que já não existe mais. Depois de uma semana desses contatos via internet, marcaram um encontro para se conhecerem melhor. Os encontros começaram a repetir-se durante uns dois meses, até que começaram uma relação de namoro. Estão juntos há seis anos. Apesar de não morarem juntos, já conversaram, no passado, a respeito desta possibilidade. Embora achem que a coabitação é importante para avançarem no relacionamento, essa conversa não avançou. *“creo que estamos bien así pero sabemos que un día eso va pasar, es decir, eso no nos molesta ahora, no es un tema”* (Juan). Apesar de não coabitarem, se consideram um casal, uma parceria, *“porque somos más que novios. Novios es una cosa más superficial, nosotros ya tenemos más afianzada la relación, ya somos como pareja, una pareja que no convivi”* (Juan). Passam os finais de semana sempre juntos, com Juan indo dormir na casa de Pablo no sábado e voltando para sua casa no domingo. Isso só não acontece quando há algum evento extraordinário, como, por exemplo, viagens de um dos dois a trabalho ou de Pablo para visitar seus pais no interior. Apenas amigos gays de ambos sabem que os dois vivem um relacionamento estável. Na família há apenas o conhecimento de que são amigos muito próximos e que inclusive viajam juntos, *“por más que la familia pueda suponerlo, la relación es un secreto”* (Pablo). Para Pablo o elemento mais importante em uma relação de uma parceria é a compreensão e a comunicação *“la relación es un encuentro entre culturas donde una parte de la persona se fusiona con la otra, pero hay otra parte que no cambia, para esa parte que no cambia tiene que haber una comprensión muy profunda y es justamente esa diferencia la que es la riqueza de la relación”* (Pablo). Para Juan estar *“en pareja”* é confiar em alguém a ponto de se dar a conhecer pelo outro, por isso acredita que conhece mais a Pablo do que a si mesmo e vice-versa.

Divisão de tarefas

Ambos afirmam que não há uma divisão de tarefas, quando *“estamos juntos los dos hacemos todo. Ambos cocinamos, ambos limpiamos, ambos lavamos los platos, los dos hacemos las compras. Eso lo notamos más porque durante el año lectivo solamente nos vemos en los fines de semana, entonces mucho de eso no se nota, pero la convivencia es más normal cuando nos vamos de vacaciones 15 a 20 días ahí sí, ahí actuamos como una pareja verdaderamente en cuanto a la convivencia”* (Juan). Juan e Pablo buscam construir uma relação em que haja total igualdade entre eles. Já conversaram a respeito e sempre que precisam voltam a conversar. Entretanto, sempre existem tendências de comportamento, *“yo por lo general tiendo en la relación a ser el que toma la iniciativa en todo. Creo que hay un pequeño predominio de eso en la relación, pero trato de no hacerlo. Creo que por mi trabajo estoy siempre por decidir, por elegir, y no quiero repetir en la pareja esa estructura, quizás porque no hay ninguna diferencia de género como para poder crear una diferencia sobre eso. Tratamos de hacerlo igual, no lo sé si el resultado es óptimo, pero tratamos de que el resultado sea parejo”* (Pablo).

Sociabilidade e diversão

Costumam sair sempre para restaurantes, para assistir filmes e peças de teatro, sozinhos ou com amigos. Têm grupos de amigos distintos, especialmente Pablo que tem vários amigos e amigas heterossexuais, os quais nem sequer sabem do seu relacionamento. Juan é mais reservado e seus amigos são também amigos de Pablo, com exceção de um amigo de escola de Juan. Esse grupo de amigos em comum é composto por homossexuais, sendo que alguns deles são casados, com os quais o contato foi estabelecido através da internet, especialmente através do *site g4me*. Conversando com eles percebi que grande parte dos contatos e da sociabilidade do casal com outras pessoas foram estabelecidos via internet. Além dessas há saídas à restaurantes, que são comuns e ocorrem sempre, costumam às vezes ir a bares gays, sempre juntos. Gostam de ir esporadicamente à saunas gays e à boates, mas quando os entrevistei afirmaram que a frequência é muito baixa devido à profissão de Pablo e ao fato de este conhecer muitas pessoas. Juan inclusive comentou que até conhecer Pablo nunca tinha ido à nenhuma boate gay e que quando o conheceu teve um momento de retorno à adolescência querendo sempre ir e repetir a experiência, mas que hoje já não tem tanto interesse e se afastaram um pouco desse ambiente. Outro grande momento de diversão acontece nas férias e em feriados mais prolongados, os quais aproveitam para viajar pela Argentina, coisa que ambos adoram fazer.

Amor, fidelidade e “estilo de relação”

No começo do relacionamento, o casal não conversava a respeito de fidelidade. Esse era um tema não muito bem definido para eles, até que Pablo, em torno dos seis meses de relacionamento, teve uma “aventura sexual” com outro homem. Depois disso, Pablo contou sua aventura para Juan e os dois começaram a pensar e conversar a respeito do tema até que, em um determinado momento, alguns meses depois, resolveram estabelecer um acordo de “abrir a relação” já que de acordo com Pablo *“hay una diferencia entre lo que sería fidelidad propiamente y tener relaciones con otras personas. Creo que tener relaciones con otras personas no es ser infiel necesariamente, en algunos casos no lo es porque está explícitamente permitido. Nosotros pensamos que podíamos hacer eso, pero de hecho cuando yo le dije a él que había tenido una relación con alguien, no le cayó bien. Después nos reacomodamos y pasó que empezamos a tener relaciones con otras personas dentro de la pareja pero no solos y ésa fue de cierta manera la situación que sostenemos hasta la actualidad”*. Como vemos, não é uma abertura total e irrestrita. Ambos optaram por construir uma relação na qual há a possibilidade de ambos terem relações com outros homens desde que essas relações ocorram com a presença dos dois. Juan aponta que geralmente conhecem a(s) pessoa(s) pela internet através do *site g4me*, mas às vezes vão à saunas juntos e acabam conhecendo pessoas por lá. Afirmo inclusive que todos seus amigos gays sabem que têm uma relação aberta. Pablo aponta que isso (as relações sexuais com outros homens) não atrapalham nem fragilizam o relacionamento entre eles, uma vez que há uma diferença substancial nas relações. Entre eles o nível de *“pertenencia, entrega y de comunicación es sustancialmente diferente”*. Pablo acredita que só é possível para ele pensar a respeito disso porque no âmbito da homossexualidade há uma maior liberdade para se pensar nessa possibilidade: *“hay una apertura mayor de mente para se pensar en esas cosas”*. Caso estivesse com uma mulher, acredita que não pensaria da mesma forma, porque além do amor presente nas duas situações, significaria ter uma estrutura tradicional na qual, geralmente, relações

extraconjugais não são permitidas, apesar da permissão ser desnecessária. Juan acrescenta que os relacionamentos extraconjugais acontecem mais com os homens do que com as mulheres, pelo menos é o que ele acredita que acontece na prática, uma vez que *“no digo que las mujeres no, pero yo creo que el varón está hecho para tener sexo todo el tiempo, aunque somos gays y nos gustan los otros varones, el instinto de macho de la especie lo seguimos teniendo, ese instinto de hombre, de la especie animal de buscar y de cojer lo seguimos teniendo toda la vida, entonces somos débiles y muchos caemos en la tentación de la infidelidad”*. Juan e Pablo acreditam que, sabendo disso, o importante é manter o diálogo com o parceiro para encontrarem juntos uma maneira de lidar com esse “instinto” para que ele não destrua o relacionamento. Além disso, apontam a existência de uma divisão entre a fidelidade física e a emocional que não existe apenas no universo gay, mas que também existe no universo heterossexual. A infidelidade para eles ocupa o terreno do emocional, isto é, *“creo que está mal siempre y cuando no haya un acuerdo entre las personas involucradas, cuando hay mentiras. El problema no está en la fidelidad o en la infidelidad, el problema está en no blanquear el hecho con la pareja. Todo en el mundo está permitido, pero creo que la otra persona tiene que estar enterada”* (Juan). Assim, o relacionamento é um bem que ambos buscam salvaguardar e isso só acontece porque se amam. Para ambos amor *“es algo que no se puede racionalizar, es algo que se siente, que abre toda una perspectiva para la persona, es algo que crea la necesidad de trascender de uno mismo para el otro y para el futuro. Creo que fundamentalmente es algo que hace plena a la persona, que vuelve plena a la persona que vive el amor, ésa es una persona mucho más valiosa, mucho más generosa, más comprensiva, más capaz de relacionarse”* (Pablo).

Sexo, atividade–passividade e uso de preservativos

Como vimos acima, o sexo é uma parte importante da vida deles; é visto como um “instinto” inescapável que faz parte da constituição da espécie humana, mas que é mais forte nos homens do que nas mulheres. Para dar a vazão e satisfazer a esse “instinto” Juan e Pablo costumam buscar parceiros sexuais na internet e, às vezes, em saunas gays masculinas, sem deixar que essas “aventuras” interfiram na vivência do casal, tanto emocional quanto sexual. Em outras palavras, apesar de terem uma vida sexual muito ativa como casal, às vezes se permitem encontrar parceiros (terceiros ou quartos), juntos, com o fim de apimentar a relação e quebrar a rotina. Essas aventuras não acontecem com frequência. Juan acredita que ocorram uma vez por semestre em média, apesar de apontar a existência de ao menos um parceiro fixo eventual do casal. Quanto a papéis sexuais, Juan afirma que há uma divisão marcada do casal desde o início. Apesar dele ter se apresentado como versátil, ele sempre foi passivo e seu companheiro ativo. Pablo afirma que essa divisão depende fundamentalmente de tendências das pessoas e que hoje é muito mais comum encontrar pessoas que se identificam como versáteis, o que não é o caso dele. Quanto ao uso de preservativo, após a realização de exames deixaram de usar entre eles, mas que nunca pensaram, conversaram e sequer cogitaram não utilizar preservativos com outros, para eles é natural o uso, *“con otras personas ciento por ciento, siempre. Es como lavarse los dientes por la mañana, es natural, es automático, no hay otra forma; si no, no se hace, y listo”* (Juan).

Reconhecimento da união e discriminação

Ambos acompanharam a discussão da lei de união civil e de matrimônio em Buenos Aires pela mídia televisiva. Acham que é uma lei importante, mas acreditam que não seja algo que querem para si, mesmo porque nunca haviam conversado sobre o tema. Pablo acredita que pensar nisso seria antecipar uma etapa muito posterior do relacionamento, afinal ainda nem moram juntos; esse sim é o próximo passo do relacionamento. E conversando a respeito disso Juan afirma *“me parece perfecto, no veo que es algo que yo va llegar a hacer, hoy, mañana no lo sé. Hasta hoy no me interesa, pero los que quieren hacerlo me parece perfecto”*. Ambos têm amigos que de algum modo estão unidos via contrato. Pablo conta a história de um casal de amigos espanhóis que se casaram e outro casal, um argentino e um holandês, que fizeram a união civil em Buenos Aires e o casamento na Holanda. Assim, não se trata de um tema desconhecido para eles, muito pelo contrário. Juan inclusive cita o uso do “argumento lógico”, que para ele envolve a questão da herança e do patrimônio nessas discussões. *“Lo que veo más que se argumenta y que me parece lógico es el tema de la herencia, por ese motivo me parece bárbaro, despues son las obras sociales compartidas, pero lo que pesa más es la herencia. Yo pienso que el 90% de los gays quieren hacer eso, más que para demostrar el amor que se tiene uno por el otro, es para que si llega a fallecer uno de los dos no venga la familia y le saque todo, como le pasó a mucha gente, me parece perfecto”* (Juan). Ambos afirmam que nunca passaram por situações de preconceito e discriminação, uma vez que poucas pessoas sabem da sexualidade e da relação deles. Assim, não há razões para sofrerem essas situações, afinal sequer suas famílias têm consciência da situação.

3. HORACIO E HERNAN

Horacio

É o mais jovem do casal. É o filho mais velho de um trio de irmãos e seus pais são separados desde sua infância. De uma família de católicos não praticantes, com o passar do tempo ele se tornou agnóstico, o que, segundo ele, facilitou sua vida, pois não sofreu a inculcação de valores e regras religiosas. Desde criança, sempre se sentiu atraído por homens. Sua iniciação sexual se deu com outros garotos de sua idade quando tinha algo em torno dos sete ou oito anos, no entanto, com sua entrada na adolescência cessaram as relações sexuais com outros garotos. Declarou ter tido uma adolescência normal, nunca lhe faltou nada; para se divertir sempre ia ao cinema com família e amigos. Ainda jovem se casou, tanto por pressão familiar quanto por uma paixão por que foi tomado. Tinha na época 21 anos. Com sua esposa teve a primeira experiência sexual com uma mulher. Após alguns anos de casamento decidiram ter filhos e realizaram este desejo com o nascimento de uma menina que hoje tem 17 anos. Apesar de que vivesse uma relação muito afetuosa e carinhosa, sua vida sexual com a esposa foi se tornando escassa devido à falta de desejo de ambos. No período de seu casamento, teve alguns encontros com outros homens sem o conhecimento de sua esposa. Conhecia estes homens através de notas nos jornais, *“con avisos en los diarios, en esa época no había tanta difusión de internet y tantas otras posibilidades que ahora hay. Antes eran por avisos en los diarios, en departamentos privados de muchachos que se ofrecían para tener sexo y era eso, se contrataba el servicio. Y de esa manera nos arreglábamos la mayoría, porque nunca me gustó el ambiente de los boliches gays”*. Depois de 15 anos de casamento, e quando já iniciava o processo de separação consensual, conheceu Hernan. Nunca

conversou com sua filha sobre seu relacionamento com Hernan, mas acredita que ela saiba afinal os dois já estão juntos há sete anos. Horacio e Hernan sempre tiraram férias juntos, moram juntos, apenas nunca conversaram a respeito do assunto. Além disso, recebe sua filha em casa pelo menos uma vez por semana. Sua família sabe de sua homossexualidade, pois já conversaram a respeito. Com sua mãe a relação é tranqüila e de aceitação; já com seu pai sua homossexualidade não é aceita. Acredita que a aceitação de sua mãe decorra da constatação de que ambos, ele e Hernan não são afeminados. Em suas palavras, *“mi madre sí, aceptó sobre todo porque nos ve masculinos a los dos, no nos ve afeminados y hay cierto estereotipo de gay que es muy afeminado y que a lo mejor cierta gente no lo acepta tanto. Ella, en la medida en que a los dos nos ve bien, nos acepta, viene a casa, manda saludos para él, me pregunta, no hubo una cosa de rechazo”*.

Hernan

Filho de imigrantes que chegaram à Argentina na década de 50 se casaram e tiveram dois filhos. De família católica não praticante, depois de idas e vindas e um afastamento definitivo da religião, construiu uma idéia pessoal da existência de um Deus. Sua iniciação sexual foi aos seis anos com o que chamou de *“juegos sexuales con chicos”*. Essas eram experiências sexuais com meninos maiores que ele, amigos de seu irmão. Depois disso só voltou a se relacionar sexualmente a partir dos 18 anos, desta vez com mulheres. Desde a infância, sempre teve atração sexual por homens, mas devido à pressão familiar, especialmente da mãe *“personalidad sumamente castradora”*, acabou por negar sua homossexualidade *“ése es el mecanismo más común o más frecuente que tienen los muchachos con tendencia homosexual”*. E o casamento, de certo modo, foi um mecanismo para reforçar essa negação, *“cuando conocí a la que fue mi esposa pensé que con ella podría resolver ese problema”*. Após 14 anos de um casamento tranqüilo e bem sucedido na constituição de uma família, iniciou um processo de avaliação de sua vida que culminou com a descoberta da infelicidade sua e de sua esposa. Resolveu, então, experimentar uma relação sexual com outro homem e percebeu que era isso que sempre tinha buscado, *“decidí probar el sexo con otro hombre y ahí me di cuenta de que era eso lo que necesitaba”*. Sua primeira relação sexual com outro homem foi em torno dos 40 anos. Apesar de sempre ter sentido desejo, só nesse momento se permitiu vivenciar isso. Depois de conversar com sua esposa, resolveu sair de sua casa e se divorciaram consensualmente. Tiveram três filhos, que sabem de sua homossexualidade e a receberam sem muitos problemas. Seus pais foram os últimos a terem acesso a essa informação. Inicialmente sua mãe teve uma reação negativa e procurou maneiras de “curar” sua homossexualidade, mas depois aceitou na medida em que percebeu que isso não mudaria quem ele era. Depois da separação conheceu muitos homens, sempre pela internet e teve diversos relacionamentos buscando resgatar o tempo perdido, mas nenhum deles foi sério até conhecer Horacio, seis meses após sua separação.

O encontro e a relação

Conheceram-se pela internet, em um *site* de bate-papo, e marcaram um encontro na semana seguinte. Depois de alguns encontros se deram conta de que se apaixonaram e que algo sério estava acontecendo entre eles. Nesse período em que estavam se conhecendo Horacio ainda estava casado e morava com sua esposa. Conheceram-se em junho e quatro meses depois já estavam vivendo juntos, com

Horacio se mudando para casa de Hernan. Essa mudança para uma mesma casa foi a solução que encontraram, pois eles não tinham lugares para se encontrar, *“no teníamos forma de vernos, o sea, vivir juntos era la solución primero porque se rompía su situación con su esposa y él tenía que irse, yo no podría ir a la casa de su madre, que era muy lejos, y quedarse en la casa de un amigo que le ofrecía a él era un despropósito si lo que queríamos era estar juntos. Él no tenía medios para alquilar un departamento para decir ‘yo estoy en mi casa y vos en la tuya hasta que veamos lo que sucede’, y nos tiramos a la pileta, o sea, hacía poco tiempo que nos conocíamos y nos fuimos a vivir juntos”* (Hernan). Assim, desde esse momento até as entrevistas já estavam juntos há sete anos. Não há necessidade, interesse ou qualquer esforço deles no sentido de manter qualquer tipo de segredo acerca de sua relação, exceto no trabalho, onde apesar de algumas das pessoas saberem, esse é um tema que não se comenta para poderem manter uma divisão clara entre vida pessoal e profissional. As famílias de ambos sabem do relacionamento, mas nunca tiveram preocupação alguma em apresentarem-se como um casal, pois acham desnecessário, uma vez que todos já sabem. Ambos acreditam que a comunicação é um elemento essencial da relação; é a capacidade de dialogar trazendo os problemas e conflitos sem transformá-los em coisas maiores do que são. A partir disso é possível fortalecer o relacionamento, o que é essencial para Horacio e Hernan, *“la pareja es un vínculo sumamente importante. Dos socios en una empresa son una pareja, una pareja cuyo objetivo es un capital, un producto, lo que fuera. En una casa, en una familia, una pareja tiene como objetivos ser felices, los dos ser felices juntos, sin perder la individualidad”* (Hernan). Assim, para eles, um casal, uma parceria é *“ser un par, ser dos personas y no una. Yo no creo en las parejas que se suman como uno, eso es muy hetero, muy tradicional, las parejas son dos en todo caso. Hemos conocido algunos casos que quisieron hacer parejas de tres, eso no tiene nada que ver con encuentros sexuales, pero sí que los tres tenían alianzas, los tres salían al cine, los tres tenían sexo juntos, era una cosa medio rara, pero no es nuestro caso”* (Horacio). Outro elemento essencial para a manutenção do relacionamento é a preocupação de um com o outro. Preocupar-se com o outro é um dos fatores que demonstra que o relacionamento está dando certo, porque evidencia que o outro é importante para você, *“incluso después de siete años seguimos preocupándonos por el otro, por cómo lleva el trabajo, uno llama el otro; nosotros nos llamamos dos o tres veces por día porque no coincidimos con el horario del trabajo. Nos llamamos dos o tres veces para saber cómo estamos, cómo llegamos, cómo lo estamos pasando, cómo nos fue en la terapia”* (Horacio).

Divisão de tarefas

Costumam compartilhar a realização das tarefas da casa, fazendo tudo juntos. Quando um cozinha algo, o outro lava e está sempre junto ajudando ou vice-versa. Costumam ser muito companheiros nesse sentido. Devido aos diferentes horários de trabalho, Hernan sempre faz o jantar, mas Horacio sempre lava a louça. Além disso, há algumas preferências como, por exemplo, Hernan não gosta de cuidar da limpeza da casa, já Horacio não faz serviços elétricos ou hidráulicos na casa. O restante das tarefas é dividido, por exemplo, se um paga as contas, o outro cuida de arquivar os documentos pagos. Fazem as compras de supermercado juntos, pessoalmente ou pela internet, para ganhar tempo. Essa divisão foi acontecendo naturalmente, com ambos conversando sempre a respeito desta divisão e sempre tendo em mente que cada um só faz o que está com vontade de fazer. Assim, Horacio e Hernan buscam

construir uma relação baseada no companheirismo e na divisão igual de trabalho na casa. Quando surgem problemas, eles os resolvem conversando, como quando tiveram problemas em relação à manutenção da limpeza da casa e contrataram uma pessoa que vai semanalmente para cuidar da limpeza.

Sociabilidade e diversão

Grande parte da sociabilidade de Horacio e Hernan é realizada pela internet, especialmente através do *site g4me*, onde mantém perfis individuais em busca de conhecer pessoas para fazer amizades que podem ter ou não *“derecho a roce”* e bater papo acerca de temas que variam de política até música e literatura. Nesse sentido, ambos afirmam que são caseiros e saem muito pouco para boates e bares gays. Preferem reunir os amigos em casa para jantares e conversas. Às vezes saem para restaurantes ou para casas de amigos para jantares, mas isso é mais raro. *“Recién ahora estamos solucionando este problema, no somos muy amantes de las salidas, por ejemplo anoche fuimos a cenar a un restaurante porque era el cumpleaños de un amigo que nos invitó y era un fastidio la cantidad de ruido que había, eso no nos gusta, o sea preferimos más las reuniones de casa donde vos verdaderamente podés hablar, escuchar, o sea nos interesa mucho el intercambio cultural y reflexivo, también reírnos, ya que no siempre se puede estar charlando en profundidad, pero somos más de encontrarnos en casas que de salir”* (Hernan). Por conta disso, sempre que podem, abrem sua casa para receber amigos, a maioria deles conhecidos no *site g4me*, para churrascos, pizzas, almoços e jantares. Há, inclusive, uma divisão tácita de tarefas nessas ocasiões: eles sempre se preocupam com a refeição e os amigos e as visitas se preocupam com as bebidas e as sobremesas. Geralmente saem quando estão sós e o objetivo da saída não é a sociabilidade em grupo, mas sim comer algo diferente; o imperativo não é a conversa. Quase nunca freqüentam o universo gay de boates e bares, e não gostam de *guetos*, mas foram algumas vezes para conhecerem o ambiente quando já estavam juntos. Foram também a saunas gays algumas poucas vezes para conhecerem. Acham excitantes em alguns momentos, mas não gostam muito. Assim como foram também à algumas reuniões e festas dos “ursos”, mas não se adaptaram, por não gostarem muito do ambiente e não gostarem de *guetos*, *“lo que pasa es que no nos gusta mucho, en el tema de las discos no nos gusta mucho el ruido que hay, que nadie se puede comunicar con nadie, nadie puede mantener una charla más o menos tranquila, no nos gusta la música que pasan, no nos gusta la música que escucha la mayoría de los gays, entonces con esas veces que fuimos ya nos alcanzó. Y lo de las saunas, fuimos algunas veces, lo que pasa es que no es nuestro ambiente. Pero lo principal, una de las cosas que no nos gusta es el gueto, por ejemplo acá en la capital hay un lugar que se llama el Club de los Osos, es para el tipo de hombre como Hernan, grandotes, peludos, a ellos se les dice osos, no sé si sabés cómo identificarlos, pero bueno, fuimos un par de veces a estos lugares y particularmente a mí me dio mucho rechazo”* (Horacio).

Amor, fidelidade e “estilo de relação”

Para Horacio e Hernan, o que deveria unir um casal é o amor, isso seria o ideal, entretanto, há diversos outros elementos que podem servir de fator de união. *“La pareja ideal es aquella en que el vínculo, el elemento que los une, es el amor correspondido. Que el uno ama al otro y el otro ama al uno y eso no siempre se da. Yo creo que es algo que muy poca gente encuentra. Hay gente que está dispuesta a amar y entrega todo y no recibe suficiente o no recibe el todo del otro y, bueno, son parejas que andan*

medio dispares y andan, y a su modo se entienden, y a su modo funcionan. Sería el ideal que todo mundo pudiera tener una pareja con amor correspondido pero no es lo que pasa siempre” (Hernan). No caso específico deles, ambos se consideram um casal ideal, porque se amam. Chegaram a essa conclusão em conversas a respeito das suas experiências anteriores de casamento, bem como nas conversas com outros amigos, alguns destes casados e que frequentam sua casa. Nessas conversas, algumas pessoas sempre somam fidelidade sexual e amor, o que, para eles é um cálculo errado, pois ter sexo com outras pessoas não significa que não se ame seu companheiro. Amar é cuidar do outro, se preocupar com o outro, estar presente quando o outro necessita, é compartilhar uma vida juntos. *“Lo que pasa es que uno se pregunta lo que es ser fiel. Nosotros pensamos que la fidelidad existe y que lo hemos sido hasta hoy. La fidelidad en cuanto al afecto que uno tiene al otro, al amor, al amor correspondido. Después con el tema de los encuentros, no está en juego la fidelidad, pero en todo caso es también ser fiel a uno mismo, a los deseos que tiene uno; nosotros vamos caminando por la calle y vemos algún chico lindo y decimos mira qué hermoso que es ese chico y disfrutamos y nos divertimos. Eso de la fidelidad pasa por el otro lado, pasa por el amor, pasa por otro lugar; para nosotros pasa por no engañar el otro; con tener un encuentro sexual y no prometer amor no se rompe ningún compromiso; el amor pasa por estar asistiendo al otro cuando lo necesita, por escucharlo, por asistirlo cuando está enfermo, nos parece que pasa por ahí la fidelidad”* (Horacio). Assim, eles têm uma relação aberta, o que possibilita *“una cierta oxigenación en la relación”* (Horacio). Esta abertura da relação sempre existiu, mas foi se modificando com o passar do tempo. O acordo anterior era de que os encontros se dariam sempre com os dois presentes, mas devido à dificuldades em sempre encontrar pessoas que sentissem atração pelos dois, estão no momento passando pela experiência de terem relações sexuais com outros homens separadamente. Trata-se ainda de um momento de experimentação, marcado por muitas conversas e um cuidado maior com o outro e com a relação. *“Tenemos ciertos límites, nosotros nos contamos absolutamente todo, o sea que por una cuestión de protección del otro le digo ‘voy a estar con el fulanito y el teléfono es éste’, siempre nos cuentan historias truculentas pero nunca nos tocó ninguna de ésas, pero bueno, por ejemplo te decía de los límites, si uno de nosotros tiene un cuerpo a cuerpo con alguien y quiere repetir, todo bien, si quiere repetir otra vez todo bien, quiere repetir una cuarta vez, el otro pregunta qué está pasando, o sea porque el otro puede estar enganchándose. Tratamos de charlar acerca de eso, de monitorearnos uno al otro para protegernos”* (Hernan).

Sexo, atividade–passividade e uso de preservativos

O sexo para Horacio e Hernan ocupa um lugar importante na relação de conjugalidade deles. Para Horacio o diálogo e o sexo são elementos essenciais, *“cuando no hay diálogo y hay buen sexo, hay algo que no funciona, o cuando hay buen diálogo y no hay sexo, algo tampoco funciona; si las dos cosas van bien, las otras cosas de la relación funcionan”*. Quando se conheceram, havia uma divisão forte entre quem assumia o papel de ativo e o de passivo na relação sexual, o que não mudou muito com o passar do tempo. Horacio é mais ativo e Hernan mais passivo, mas depois de algumas experiências sexuais hoje se consideram como versáteis. Eles consideram que essa mudança foi um aprendizado que foi se desenvolvendo aos poucos e que foi possível porque eles se amam. Nesse aprendizado, leva-se em consideração que o companheiro em um momento ou em outro sente ou vai sentir desejo em mudar seu

papel sexual, e proporcionar esse prazer a seu companheiro é algo prazeroso também. Além disso, eles consideram que essa divisão não reflete algo de dominação ou sado-masochismo, coisa que pode acontecer, mas que não é o caso deles. Pensam que, diferentemente do tradicional mundo heterossexual, não há necessidade de sempre ocorrer penetração para que haja ato sexual. Pelo contrário, Horacio e Hernan não gostam de que haja a estipulação de limites, ou seja, ambos podem estimular todo o corpo um do outro, de diferentes maneiras, pois sexo é isso, está para além da penetração. Hernan fala inclusive que há a imagem de uma divisão dicotômica das práticas sexuais, que sua mãe inclusive comentou “*no lo sé como se hace sexo dos hombres*”. Essa colocação parte do princípio de que há uma polaridade, positivo-negativo, ativo-passivo, masculino-feminino e que sustenta uma discriminação inclusive, como se o passivo fosse mais gay que o ativo. Tal divisão pode até existir na prática, mas não deveria estar baseada numa discriminação. Quanto ao uso de preservativo, Horacio e Hernan usam sempre nas relações com um terceiro ou com outros parceiros; é obrigatório e representa o cuidado deles consigo mesmos e com o companheiro. Já, quando estão tendo relações sexuais entre eles não há uma regra, às vezes usam, às vezes não, tentam usar sempre por questões de higiene e saúde, para evitar uretrites e outras infecções, mas não há uma regra, até porque não é sempre que há penetração. Conversando com Hernan sobre uso de preservativo, Horacio notou que não está muito incorporado o uso de preservativo entre as pessoas “*estuve con fulano, estuve con esta persona y si yo no me pongo el preservativo, no me piden que me lo ponga, eso me parece un tema grave, muy grave. Pero sí, nosotros nos cuidamos, con otros que no seamos nosotros nos cuidamos y con nosotros a veces sí, a veces no*” (Horacio).

Reconhecimento da união e discriminação

Horacio e Hernan acreditam que a aprovação da lei de união civil homossexual na cidade de Buenos Aires é um avanço, mas que ainda é um avanço tímido se comparado a lei de matrimônio homossexual da Espanha. Horacio, especialmente, tem acompanhado a discussão na Argentina e acredita que a lei de Buenos Aires tem que ser aperfeiçoada, mas mais que isso, tem de ser aprovada uma lei em âmbito nacional e de preferência que seja similar à lei espanhola, concedendo igualdade aos homossexuais em relação aos heterossexuais. “*La unión civil tal como está planteada no trae demasiado beneficios, no es unión matrimonial como en España. La unión civil viene a ocupar un lugar de reconocimiento de grupos gays o lésbicos más que nada por esa cosa de poner la mirada de todos para decir ‘acá estamos’.* *Creo que hay que perfeccionarla y hay varios grupos gays que están trabajando para que se logre no sólo acá en Capital sino en todo el país la unión civil y también para que se profundice y se logre la matrimonial. Eso sería diferente. Para algunos es positivo; para otros, es reproducir el mismo modelo heterosexual, occidental y cristiano, y desde este lugar no sé si está bueno que pase*” (Horacio). Mas ambos não pensam e criticam as pessoas que pensam que há uma reprodução do modelo heterossexual. A aprovação dessas leis representa um avanço, mesmo que seja apenas no âmbito da discussão e do reconhecimento da existência da homossexualidade na sociedade. Não fizeram e não pretendem, no momento, fazer a assinatura de um contrato de união civil. O único bem que eles têm em comum é a casa que foi comprada em sociedade e que é metade de cada um. O que pretendem fazer para dar segurança aos dois é um contrato de usufruto da casa no caso de falecimento de um deles, para garantir que nenhum deles fique desamparado no caso de morte de seu companheiro, afinal já viram casos

em que a pessoa é expulsa da casa pela família do companheiro falecido. *“Lo único que queremos es hacer una escrituración de usufructo mutuo para que si uno de los dos falta, que nuestra respectiva parte espere para llevar, porque la casa es grande, es cara y ninguno de los dos vas a estar en condiciones de comprar la otra parte”* (Hernan). Nunca sofreram nenhum episódio de preconceito ou discriminação. Horacio e Hernan, no entanto, falam que quando da separação de Hernan este teve muito medo de ser reconhecido e identificado como homossexual. *“Sobre todo de parte de Hernan hubo un poco de miedo de que las personas del trabajo se enterasen, la preocupación era qué iban a decir las personas, sus colegas, fue una cosa de prejuicio cultural más que nada. Pero no porque, bueno, estaba el miedo en la fantasía de ser rechazado, de ser señalado, pero era más una cosa de uno que de ellos, no, no tuvimos situaciones de prejuicio o de señalamiento ni nada”* (Horacio).

4. FÉLIX E ARIEL

Félix

Nascido de uma família católica praticante, teve sua formação intelectual e pessoal marcada fortemente pela presença da religião. Estudou sempre em colégios religiosos, inclusive o ensino superior, que cursava no momento em que nos conhecemos. Chegou a ser seminarista, mas, depois de quatro anos dentro da igreja católica saiu do seminário, *“cuando vi que en la Iglesia no se conciliaba, en la Iglesia Católica Romana no se conciliaba el tema de mi sexualidad y mi espiritualidad, que yo no era mi mismo, me retire, no me hice preguntas, ni di respuestas de por qué me iba, de por qué era gay, de por qué soy gay y me siento cristiano, me fui”*. Sua homossexualidade sempre esteve presente em sua vida. Desde criança sentia atração por pessoas de seu mesmo sexo e nunca sentiu sequer curiosidade por estabelecer uma relação com uma mulher, *“puedo decir que así como para los heterosexuales quizá sea anormal el tema homosexual, para mí me resulta anormal la heterosexualidad. Ojo, digo eso en mí, no es que para todos eso sea un denominador común, no me permito pero está bien para quien quiera practicar con el mismo sexo, con el sexo opuesto o alternar ambos sexos, pero en mí eso no está, no está esa inquietud”*. Sua primeira relação sexual foi aos 13 anos com amigos de colégio, mas, por conta da religião sentiu uma forte culpa, o que não impediu que vivesse plenamente sua sexualidade. Essa culpa influenciou sua entrada no seminário quando de sua adolescência; Foi um momento de busca por “aislarse del mundo”, fugindo do material e buscando a espiritualização como uma maneira de corrigir sua homossexualidade. Aos 22 anos rompeu definitivamente com a igreja, saiu do seminário e passou a freqüentar o mundo gay, indo às poucas boates que existiam na época. Teve alguns relacionamentos, porém nenhum deles estável, o que só veio a ocorrer depois que conheceu a Comunidade Homossexual Argentina (CHA). Foram dois anos de convivência e coabitação até o falecimento de seu companheiro, que até então era considerado apenas como um amigo por sua família. O falecimento de seu companheiro culminou tanto com o início de uma terapia psicológica para enfrentar a questão da perda, quanto como um processo de saída do armário perante sua família. Nesse momento, teve o apoio de seu pai e de sua irmã, mas não de sua mãe, com que teve um forte choque que seria posteriormente resolvido. Depois de alguns anos equacionando esses problemas, conheceu outro homem na Marcha do Orgulho Gay, se envolveram e constituíram uma relação estável de 12 anos, inclusive com o estabelecimento de um contrato de união civil. No entanto, o relacionamento se transformou pouco a pouco em uma relação de amizade e, amigavelmente, eles

terminaram a relação, que até hoje se mantém como uma forte amizade. Durante o relacionamento pensavam em construir uma casa e em adotar uma criança, o que não ocorreu por causa da separação. Após esta separação, Félix criou um perfil no *site g4me* e conheceu algumas novas pessoas, entre elas Ariel.

Ariel

É um uruguaio que se mudou para a Argentina com sete anos e desde então sempre morou em Buenos Aires. Filho único de uma família de origem católica, Ariel se afastou da igreja e hoje considera que crê apenas na existência de Deus. Seu pai faleceu há alguns anos e ele tem uma relação boa com a mãe, que sabe de sua homossexualidade já há uns oito anos pelo menos, *“la aceptación fue un poco dificultosa, pero con el tiempo es como que la va aceptando”*. Sua mudança para Buenos Aires com a família foi motivada pela ditadura e por motivos trabalhistas de seu pai, que havia sido um funcionário do Estado. A homossexualidade sempre esteve presente em sua vida, assim apareceu como algo natural. A recordação mais antiga que ele tem é de quando era criança, *“el recuerdo más mágico que tengo es de cuando iba a la escuela, es típico que el varón se sintiera enamorado de la profesora, de la maestra, yo no, yo me enamoraba del profesor, siempre, desde chico”*. Sua primeira relação sexual ocorreu aos 28 anos, antes disso passou por um processo de autoaceitação e isolamento motivado pela excessiva timidez. *“Creo que por mucha timidez, si bien yo ya sabía lo que quería o lo que buscaba, me llevó hasta los 28 años como todo un proceso para asumirlo, para aceptarlo”*. Neste período só convivia com pessoas de seu trabalho, na maioria absoluta mulheres, e com sua família. Raramente saía para se divertir e quando o fazia era para cinemas ou restaurantes com alguns poucos conhecidos do ensino médio. Sua primeira relação sexual marca uma espécie de mudança total em sua vida. Após este acontecimento ele contou para sua família sobre sua homossexualidade e passou a conhecer novas pessoas e a ter uma vida social mais aberta. O homem com o qual teve sua primeira relação sexual foi um colega do conservatório, onde faziam aulas de violão. Nunca haviam conversado até que se encontraram em um jantar organizado por um amigo em comum, que era casado com outro homem. Neste jantar, marcaram outro encontro e mantiveram um relacionamento por alguns meses. Com esse relacionamento começou a sair para boates e bares gays e a frequentar a casa de amigos casados e que tinham um círculo grande de amigos gays. Após o final desse relacionamento, Ariel passou mais uma temporada sozinho, até conhecer outro homem, de maneira casual. Tempos depois ele resolveu sair do armário e começar a trazer esse namorado para dormir em sua casa e na de seus pais, bem como a ir dormir na casa de seu namorado. O relacionamento era, entretanto tumultuado e quando começou a sofrer pressão do namorado para que ele fosse morar em seu apartamento, e desse modo passassem a coabitar, o relacionamento acabou. Depois de um tempo sozinho, iniciou um novo relacionamento que, diferentemente da relação anterior foi marcado por um posicionamento seu mais forte, no qual resolveu assumir a relação de frente sem receios. Havia se conhecido em seu trabalho e Ariel inclusive tomou a atitude de convidá-lo para ir a um bar. Esse relacionamento, no entanto, durou apenas um ano e terminou sem convivência com seu namorado, pois este teve de voltar para sua província por conta de problemas familiares. Nunca conversou com ninguém de seu trabalho a respeito de sua sexualidade, mas acredita que saibam, mas não lhe interessa muito se sabem ou não. Geralmente conhecia as pessoas com quem se relacionava na rua ou casualmente em seu

trabalho. Após o final desse relacionamento, ficou um tempo grande sem se relacionar com ninguém até conhecer Félix. Sempre se considerou um homem caseiro e nunca teve curiosidade em sair para conhecer o mundo gay. Quando saía na noite era sempre com amigos para ir à casa deles e algumas poucas vezes para boates e bares gays, mas sempre ia com o grupo de amigos. Ele sempre pensou e se imaginou construindo um projeto de vida em comum com outro homem.

O encontro e a relação

O encontro entre os dois aconteceu no *site g4me*. Ariel e Félix trocaram muitas mensagens e conversaram durante um tempo pela internet. Ambos tinham câmera e sempre se viam enquanto conversavam. A curiosidade, complementada pela grande identificação nas conversas, interesses e projetos de vida, fez com que quisessem se conhecer pessoalmente. Além disso, quando conheceu Félix, Ariel passava por um período algo turbulento em sua vida, querendo conhecer pessoas novas e já há muito tempo se sentindo sozinho. Inicialmente não tinha interesse algum em ter um relacionamento estável, queria apenas passar bons momentos com alguém, mas após o primeiro encontro já estava pensando quando iria vê-lo novamente e no que poderia acontecer. A partir daí se encontraram outras vezes e após alguns encontros estavam tendo um relacionamento mais sério. Vivem em um regime de coabitação parcial, ou seja, cada um tem sua casa por motivos de contrato de locação, mas dormem sempre um na casa do outro. Têm o projeto de morarem juntos assim que os contratos de locação dos apartamentos em que moram se encerrarem e pretendem também, a partir daí, realizarem a união civil da cidade de Buenos Aires e lutarem juntos para a realização do matrimônio homossexual. A idéia de coabitar para os dois é importante. Para Ariel é um elemento essencial da relação de parceria. Para Félix é importante pessoalmente, mas acredita que há possibilidades de se construir relacionamentos que sejam duradouros com cada um tendo sua casa e ocupando um espaço diferente. Ele mesmo conhece pessoas que já têm um relacionamento de união sem coabitação há mais de 15 anos. Félix e Ariel estão juntos já há um ano e *“tenemos el proyecto de comprar la casa, tenemos la idea de presentarnos para petitionar nuestro matrimonio. Nosotros queremos el reconocimiento como matrimonio. A mí sólo me interesa el reconocimiento por el tema del reconocimiento de los derechos, o sea no importa mucho el nombre, si quieren llamar matrimonio que sea matrimonio, si quieren llamar unión civil que sea unión civil, lo que quiero es que me equiparen el derecho, que pueda adoptar, que pueda comprar, que pueda petitionar una pensión, que pueda dejar a mi pareja a cargo en el caso de una internación”* (Félix). Para ambos uma parceria, um casal, é a união de duas pessoas baseada na compreensão, na construção de projetos de vida em comum e no compartilhar de emoções, afetos e experiências, assim o diálogo é uma peça chave nesse arranjo que se quer construir, *“la pareja es la persona que yo voy a elegir para estar la mayor parte de mi vida, es la persona que elijo para hacer proyectos, la persona que elijo para cuidarla, para tratar de protegerla de lo que sea, es la persona que elijo y me gusta que me proteja, es la persona que elijo y tiene intereses en común conmigo, es una compañía para la vida”* (Ariel).

Divisão de tarefas

Apesar de morarem em casas separadas, Félix e Ariel costumam fazer todas as tarefas de casa juntos. Ambos gostam de cozinhar, lavar a louça da casa e de cuidar da organização de tudo. Desse modo,

a divisão das tarefas nunca aconteceu de fato, uma vez que estão sempre juntos fazendo tudo, inclusive para lavar as roupas, coisa que ambos fazem juntos, mesmo que seja em lavanderias separadas, já que suas casas são distantes uma da outra. *“En eso es un poco monótona la relación, porque a Ariel le gusta ir al lavadero a lavar la ropa y a mí me gusta ir al lavadero a lavar la ropa, a Ariel le gusta ir al mercado a hacer las compras y a mí me gusta ir al mercado a hacer las compras, y nos pasa que a veces yo salgo del trabajo, el salió del trabajo y el llegó con mercaderías y yo llegué con mercaderías; lo compramos los dos igual, pero son cosas que nos gustan a los dos, ahora algo que nos diferencia es que en el tema de cambiar la bombita de la luz u otra cosa así lo hago yo, Ariel no lo hace”* (Félix). Além disso, quando se cozinha se estabelece uma divisão que é vista como natural para eles, *“a veces cocina él, a veces cocino yo, lo más habitual es que cuando vamos a mi casa o cocino yo o pago la cena en un bar cercano, y cuando vengo acá cocina él o paga la cena, y una u otra vez se ha dado de darle la sorpresa que no esperaba de yo venir acá y esperarlo con alguna comida pero después yo hice la comida y él lava los platos, así que es todo compartido”* (Ariel).

Sociabilidade e diversão

Ambos sempre foram homens caseiros, mas saíam algumas vezes na noite para encontrar amigos e dançar, o que se manteve com a união deles. Assim, continuam saindo algumas vezes para irem a boates gays, mas geralmente ficam por pouco tempo por vários motivos, seja por conta do trabalho de Ariel, ou por conta de sua idade ou por que geralmente já planejaram alguma atividade para o outro dia pela manhã. Além disso, como os amigos de Ariel se casaram e mudaram para a Espanha, quando saem, geralmente vão encontrar os amigos de Félix. *“Nos gusta ir a bailar pero ya estamos en una edad donde ya nos cansa, nos gusta más el aire libre y aprovechar el día. Vamos a bailar para encontrarnos con el grupo de amigos que sale de noche para bailar. Pero no es como en la soltería, hace nueve meses que estamos juntos y salimos a bailar tres veces y no fuimos a bailar, fuimos a tomar algo hasta cosa de 10, 15 minutos y luego nos fuimos”* (Félix). A maior parte da sociabilidade deles é ao ar livre, assim muitas vezes saem para ir ao Tigre ou à Reserva Florestal ou aos Parques de Palermo, para tomar mate. Além disso, quando não estão ao ar livre, saem durante o dia para visitarem a família e amigos ou ir ao cinema, que é a paixão de Ariel, *“tenemos salidas como de cualquier pareja heterosexual, salimos al cine, vamos comer afuera, vamos a pasear, a comprar algo para la casa, además nos gusta salir a caminar mucho y nos divertimos sacando fotos”* (Ariel). Atualmente também têm se reunido na casa de amigos para ver vídeos antigos ou álbuns de fotos do passado deles e se divertem muito com isso, *“nos juntamos para ir al cine o para ver un video o algo que nosotros hacemos mucho es que por ahí nos juntamos para hacer lo que nuestros papás hacían que es juntar las familias para ver las fotos, nosotros nos juntamos para ver videos de locuras que hemos hecho hace años, como las fiestas de la primavera cuando nos disfrazábamos, y nos reímos de estas cosas”* (Félix).

Amor, fidelidade e “estilo de relação”

Os dois acreditam que o amor é um sentimento essencial para construir uma relação, mas crêem no amor que pode e é construído cotidianamente, não acreditam em um amor à primeira vista, nas palavras de Ariel *“el amor es un sentimiento que se despierta por determinada persona cuando vas*

conociéndola y vas viendo que tiene por ahí determinados puntos en común con vos y por ahí tiene otros puntos que son totalmente opuestos pero que también te atraen justamente por ser opuestos. El amor es lo que sentís por una persona así, con la que podés tener cosas en común o cosas muy diferentes pero asimismo hay un acercamiento y podés tener una relación”. Essa construção depende da vontade, do diálogo e da confiança. A questão da fidelidade é uma questão que está em discussão entre Félix e Ariel no momento. Eles ainda acreditam na idéia de monogamia, mas têm conversado muito com amigos sobre relacionamentos abertos. *“Ahora, es algo nuevo para mí, me estoy enterando por los amigos del tema de las parejas abiertas, por ejemplo, entonces es como que me hicieron el comentarios de que hay otro tipo de fidelidad por ahí y que es cuando dos personas que están en pareja y deciden tener algo con otra persona. Y para esa gente la fidelidad pasa por el tema de decir: ‘me gustó tal o cual y voy a tener algo con esta persona’, entonces ven la fidelidad por ese lado, a mí particularmente me cuesta verla así. Para mí la fidelidad es las dos personas de la pareja, y todo lo que está en tercer lugar, o dos parejas que intercambian, no lo veo como fidelidad”* (Ariel). Para Ariel fidelidade não é apenas em relação ao sexual, é algo mais amplo e diz respeito a um compromisso de vida, a crença na construção de algo a dois, baseado na confiança e na solução de problemas que surjam, através do diálogo. Se há desconfiança, silêncios ou falta de doação, não há fidelidade. Para Félix, de uma maneira geral, a fidelidade não tem relação com a monogamia, a bigamia ou a poligamia, mas se relaciona com o respeito e o diálogo entre os parceiros. Em outras palavras, ter relações sexuais com outros sem o conhecimento do parceiro é infidelidade, desse modo só há infidelidade se há um acordo comum que seja rompido por um dos parceiros. *“Siempre y en cuanto se hable, se converse y haya mutuo acuerdo entre las dos partes, creo que eso es la fidelidad, tanto ella sea monogámica, bigámica o poligámica. Decir ‘yo soy fiel porque soy monogámico’ no creo que eso sea la fidelidad y que sea bueno lo que estás viviendo”* (Félix). Para exemplificar o que pensa, Félix cita o exemplo de conhecidos que vivem uma relação de parceria entre quatro pessoas, vivem juntos, tem relações sexuais juntos e são fiéis uns aos outros. Às vezes, para variar, eles quatro abriam a relação e acrescentavam uma quinta pessoa, mas sempre de comum acordo. Isso sim é fidelidade, não importa se a relação é a dois, três ou a quatro, o que importa é o diálogo e o estabelecimento de um acordo com a concordância dos parceiros. No caso específico do relacionamento entre ele e Ariel, há um pacto de fidelidade que envolve o estabelecimento de relações sexuais somente entre os dois. No momento é esse acordo que está em vigência, mas ele pode se alterar com o passar do tempo e com diálogo, desde que haja um acordo mútuo.

Sexo, atividade–passividade e uso de preservativos

O sexo ocupa um lugar importante no relacionamento, mas não o mais importante. Aparece assim como uma atividade que permite a expressão física do desejo de estar junto e do amor de um pelo outro. Como está no perfil de Félix e Ariel no *site game*, ambos se definem como versáteis em qualquer relação sexual. Nos relacionamentos anteriores, tanto quando envolviam apenas relações sexuais quanto quando envolviam relações afetivas, Ariel apesar de versátil era quem desempenhava o papel de ativo com mais frequência. No relacionamento com Félix acontece o contrário, com Ariel exercendo o papel de passivo, no entanto não há qualquer divisão a priori; as coisas foram acontecendo naturalmente sem muito planejamento sendo a expressão do desejo de ambos na cama o que conta. Já Félix sempre se definiu

como versátil, sem preferência por nenhum dos papéis. Em relação ao uso de preservativos, Félix e Ariel sempre usaram antes e nas relações entre eles continuam usando. Fizeram testes para verificarem suas sorologias e como o resultado de ambos foi negativo, o uso do preservativo se manteve, mas não em todas as relações, isto é, já aconteceu de terem tido relações sexuais sem o uso de preservativo. Félix menciona que não usa e não gosta de usar preservativo para ter relações orais e que seu uso é destinado apenas para as relações sexuais em que há penetração, *“sinceramente, si es sexo oral, no me gusta usar preservativo, a mí no me gusta usar preservativo en el sexo oral, ahora en las penetraciones sí. Con mi actual pareja sabemos por el control que hicimos que ambos somos negativos; tuvimos en ese tiempo dos o tres relaciones sin preservativo. Para mí el preservativo no es algo que sea una barrera para la relación sexual, es algo sanitario y es muy homoerótico, o sea, me molesta tener una relación sin preservativo, no por el miedo del contagio, sino porque el preservativo hace a la relación, o sea para mí hay un fuerte erotismo en ponerlo”* (Félix).

Reconhecimento da união e discriminação

Ambos defendem a equiparação de direitos entre casais gays e heterossexuais. Acreditam que muito mais do que apenas garantir direitos, o reconhecimento da união através de lei é importante porque tem como fundo o reconhecimento de um laço afetivo e emocional entre as pessoas envolvidas. *“Yo preferiría que fuera un casamiento en el estilo heterosexual directamente y no unión civil. Como preferencia yo elegiría eso. Un registro civil con todo el tema del derecho y pertenencia que hay en un casamiento. La unión civil no abarca tanto, es mucho más limitada. La gente que conozco, mis amigos de España y dos o tres parejitas más que he conocido se unieron civilmente más que nada para tener en común atención médica y esas cosas que uno tenía y el otro no tenía, pero lo veo como si lo hicieron por esos temas, no porque lo sintieran, por conveniencia. Yo no estoy de acuerdo en hacer algo por conveniencia, yo quiero hacer algo porque estoy enamorado de la persona y la persona de mí y por eso casémonos y listo”* (Ariel). Como mostrado em fragmentos de falas acima, Félix afirma que independentemente do nome que se tenha, seja união civil ou seja matrimônio, o essencial é que se reconheça o laço afetivo e os direitos decorrentes dele. Desse modo, no caso de sua morte, seu companheiro não correria o risco de ficar desamparado ou ainda poderia responder pelos cuidados de saúde no caso de uma doença. Isso nos casos mais graves, mas possibilitaria o acesso a muitos outros direitos, como o de adoção, plano de saúde familiar, direito à pensão, entre outros direitos. Félix lembra que apesar de haver a possibilidade de ocorrer o reconhecimento da união civil na cidade de Buenos Aires, em cidades ao lado da Cidade Autônoma de Buenos Aires, esse direito inexistente, assim como na maioria das províncias da Argentina e que é necessário lutar para que esse reconhecimento exista em nível nacional. No que tange à relação de conjugalidade entre eles, Félix e Ariel afirmam que conversaram muito a respeito do reconhecimento da união e que pretendem, assim que forem morar juntos, assinar um contrato de união civil. Esse seria um primeiro passo, mas que pretendem inclusive pedir na justiça o reconhecimento da união deles como matrimônio civil. Félix lembra que na Argentina já há alguns processos judiciais em tramitação requerendo os mesmos direitos de casais heterossexuais para casais homossexuais e que esta não é uma questão de nomes ou rótulos, mas de equiparação de direitos, por exemplo, a questão da adoção é um tema chave para a formação de uma família e que fica de

fora na lei de união civil. *“Lo que pasa es que en la discusión hay temas que a mí me generan conflictos a la hora de negociar políticamente. Yo pienso que lo siguiente está mal, el proyecto de unión civil⁴⁹ contempla adopción y herencia, ahora lo que presenta políticamente es negociar algunos de los beneficios, si se da herencia, pensiones y reconocimiento, pero la adopción no, o sea, eso queda relegado. Vamos al tema de la ley de unión civil y después el tema de la adopción. Así los derechos y las necesidades de unos se quedan relegados; eso me molesta. ¿Y por qué el derecho relegado es el de la adopción? Es una hipocresía lo que pasa hoy, porque yo puedo adoptar solo, puedo tener relaciones con una lesbiana, puedo usar inseminación artificial con una lesbiana, pero no puedo adoptar con mi pareja”* (Félix). Para Félix, o que está em jogo nessa discussão é o preconceito da homossexualidade. Ele aponta que já sofreu preconceito e discriminação, sendo que o pior episódio foi sua demissão de dois empregos porque apareceu em um programa de TV para debater a respeito da homossexualidade. No entanto, ele foi à Justiça e acabou ganhando a causa. Já Ariel aponta que o pior preconceito que sofreu foi o de si mesmo quando era jovem e se sentia fazendo coisas erradas, *“pensaba que tenían que gustarme las mujeres, pensaba cómo yo había salido así, todas esas cosas las pensé, estuve bastante mal en ese tiempo e incluso empecé a jugar con la idea de suicidio, no llegué a llevarla a cabo, pero estuve a punto, llegué a pensar: ‘me suicido y se terminan todos mis problemas porque estoy sufriendo mucho’, yo sentía eso”* (Ariel).

5. ERNESTO E ESTEBAN

Ernesto

Nascido no interior da província de Entre Rios, Ernesto se mudou e morava há 25 anos na cidade de Buenos Aires. Vindo de uma família católica praticante, *“fui educado como católico, con bautismo y confirmación, con una madre muy devota, muy de ir a la iglesia y sus hermanas también, un tío cura, muy religioso y sacerdote de la religión católica, muy conservador”*. Diante dessa conformação familiar, ele apontou ter assumido o lugar de rebelde da família desde pequeno; sempre se opôs à muitas coisas da religião. Desde muito pequeno gostava de sair ao povoado em que vivia. Sempre estava na rua com amigos de infância ou visitando o campo com amigos. Sua primeira relação sexual foi com um amigo de mesma idade, aos 14 anos. Essas relações se repetiram por mais um ano, aproximadamente. Eram jogos sexuais, brincadeiras, muito mais do que uma identidade assumida de antemão. Depois disso, passou por um momento de auto-exclusão dos grupos de amigos, o que durou em torno de três ou quatro anos, tendo chegado a se isolar quase que totalmente. Começou então a sair com algumas mulheres e a se relacionar sexualmente com elas, mas se tratava apenas de uma tentativa de se integrar ao que estava acontecendo na Argentina, um momento de grande liberação sexual, com muitas festas acontecendo o tempo todo. Nesse período, com 18 anos mais ou menos, se mudou para Buenos Aires. Seu primeiro relacionamento homossexual estável aconteceu aos 24 anos e durou em torno de quatro meses. Com esse namorado, que conheceu em um hospital, passou a conhecer o mundo gay e a freqüentá-lo sempre. Depois disso nunca mais ficou sem namorados, *“a mí me encantaba tener novios, siempre tenía muchos, tuve un montón, la verdad es que todavía me gusta tener novios”*. Sempre conheceu esses namorados em bares, na rua Santa

49 Aqui Félix faz referência a discussão do projeto de união civil nacional que está em debate no legislativo na Argentina. Apesar de o projeto inicial conter a possibilidade de adoção por casais homossexuais, essa é a principal chave de discórdia e debate a respeito do projeto.

Fé ou boates. *“Era una época de romance, ahora lo veo más como una época muy sexual, te vas al boliche y cojés, hay darkrooms. Antes no había eso, era una época mucho más política, había muchos boliches de lesbianas o de mezclas con lesbianas y gays. Ahora está todo mucho más sectorizado, las chicas no sé adónde están, pero los chicos están por todos lados. En esa época salíamos y era toda una osadía estar en un lugar en donde se congregaban mujeres, se congregaban varias cosas”*. Assim, seguiu sua vida sempre tendo namoros que não duravam muito, até conhecer Esteban com quem constituiu sua primeira parceria. Em sua família conversou com suas irmãs sobre sua homossexualidade, mas acredita que os irmãos saibam também.

Esteban

Nascido na província de Misiones, Esteban se mudou para Buenos Aires na época em que conheceu Ernesto, havia 11 anos. De uma família católica praticante, Ernesto é o filho do meio, tendo uma irmã mais velha e um irmão bem mais novo. Frequentava a igreja quando criança por conta do catecismo, mas depois acabou abandonando a religião. Sua família é resultado de uma mistura de imigrantes alemães e espanhóis que se conheceram na Argentina migrando de seus países de origem no início da Segunda Guerra Mundial. Afirmou ter muitas recordações eróticas da infância, quando, em torno dos sete ou oito anos se aproximava para brincar com meninos de sua idade. Nesse momento da infância começou a descobrir seu corpo e sua sexualidade através de brincadeiras com um amiguinho, *“yo jugaba con otro amiguito, juegos prohibidos de tocarse y esas cosas desde muy temprana edad, es como que siempre fui gay y no que en algún momento de mi vida mi di cuenta de que me gustaban los hombres, eso fue de siempre”*. Na adolescência, tendo conhecimento de sua homossexualidade, passou por momentos complicados com poucos lugares para diversão e lazer, o que acabou contribuindo para que passasse muitos momentos de solidão e culpa. Segundo Esteban, a vida em um povoado pequeno era complicada, *“es un lugar sin opciones, con pocos lugares y todos heterosexuales, y si hay un homosexual que se nota, éste se queda totalmente apartado porque no es aceptado, es mal visto. El concepto que se tiene de la homosexualidad es terrible, entonces uno si vive con tanta culpa que uno no quiere aceptar, uno no quiere aceptar que es igual que esté discriminado que es tan mal visto por ser homosexual. Entonces no fue buena la adolescencia, viviendo desde ese lado, donde su deseo no eran las chicas y la solución era negarlo, negar el deseo por los hombres”*. Passou a adolescência toda imaginando que essa era uma fase passageira, na qual tentava negar sua homossexualidade, acreditando que acabaria se casando com uma mulher. Era uma situação contraditória, em que, ao mesmo tempo no qual ocorria a negação de sua homossexualidade, mantinha relações sexuais esporádicas com um amigo, relações essas carregadas de culpa e mal-estar. Depois saiu de sua cidade para iniciar seus estudos terciários em Córdoba, onde iniciou um curso técnico superior. Morando longe de sua família e dividindo um apartamento com colegas sua vida se modificou totalmente. Foi uma espécie de primeiro passo para a aceitação de sua homossexualidade, afirmou. Nesse momento, iniciou um relacionamento com um amigo de apartamento, *“fue mi primer amor, fue muy fuerte, porque aparte de todo fue una cosa secreta, escondida del otro compañero que vivía con nosotros. Y fue una historia muy fuerte de amor, de pasión, y de historia que se termina mal también, el primer desengaño, la primera experiencia”*. Depois desse primeiro amor, ficou só por cerca de um ano, depois do que começou a se relacionar com um amigo de

curso, assumido, que passou a levá-lo para boates e bares e, com isso, conheceu o universo gay. Nesse momento, ele começa a se aceitar melhor e *“terminar el proceso que empezó cuando me fui de mi pueblo y llegué a Córdoba. Es como una fase de conclusión de eso (...)”*. Com o término do curso, recebeu uma proposta de trabalho no Brasil, a qual foi aceita, porém não se adaptou ao país e resolveu voltar para Córdoba. Vive lá por mais cinco anos. Nesse período conheceu novas pessoas e viveu um relacionamento de alguns anos com um homem mais velho que ele, que conheceu na boate. Com o fim desse relacionamento, resolveu viajar à Buenos Aires para visitar amigos, tendo conhecido Ernesto nessa oportunidade.

O encontro e a relação

Esteban e Ernesto se conheceram através de um amigo comum, apresentando-os numa visita de Esteban. Na época, Esteban ainda morava em Córdoba e estava decidido a se mudar para Buenos Aires, para trabalhar. Esse amigo comum percebeu que ambos tinham projetos profissionais semelhantes e os apresentou. Desses projetos individuais surgiu uma sociedade que acabou se tornando um relacionamento. *“Un amigo en común nos presenta, sabía él que teníamos el mismo proyecto, entonces nos conocemos y decidimos encarar una sociedad, pero que también en el mismo momento empieza una relación de pareja que queda como que muy rara, porque no sabía cuál es el límite entre la pareja y la sociedad, están como que muy mezcladas y siempre estuvo así desde hace once años y funcionó y sigue funcionando. No sé si es buena o mala la fórmula pero funcionó”* (Esteban). O primeiro encontro aconteceu na casa de Ernesto, em um jantar. Esteban se interessou de imediato por Ernesto, mas a recíproca não foi verdadeira, mesmo assim Esteban insistiu em manter contato e se convidou para visitar Ernesto novamente. A partir daí se envolveram emocionalmente, mas Esteban tinha ainda de voltar para Córdoba, pois morava lá. Após uma semana retornou para sua casa, com planos de voltar para Buenos Aires para retomar o relacionamento e a sociedade depois de alguns meses. No entanto, não suportou ficar longe de Ernesto e duas semanas depois de retornar a Córdoba ele se mudou para Buenos Aires e passaram a viver juntos. Para Ernesto, um relacionamento é essencial para sua realização pessoal, pois permite que se rompa com a solidão, *“la pareja es la no soledad, porque no se está solo. Si estás solo en el sentido ontológico, para un montón de cosas estás solo, te sentís solo y es una tragedia la vida, es horrible, es tremenda. Pero cuando estás en pareja podés refugiarte en el otro, el otro te salva, te rescata en esos momentos, así que la pareja es algo fantástico, en el sentido de la asistencia, de no estar solo, la pareja cubre eso”* (Ernesto). Assim, para ambos, a coabitação é um elemento essencial; acreditam que é através dela que crescem como seres humanos, porque têm de aprender a dividir um espaço físico, uma vida em comum e passam a se cuidar e a se apoiar mutuamente.

Divisão de tarefas

Não há uma divisão estabelecida de tarefas entre o casal, mas há uma divisão tácita que foi se constituindo de acordo com as preferências de ambos, com o passar do tempo. Nessa divisão tácita, quase sempre Ernesto cozinha, o que é algo que ele adora fazer e de certo modo se especializou, segundo Esteban. Além disso, Ernesto se responsabilizou por cuidar das plantas e do jardim, *“también el tema de lo que es la parte de jardinería, en la terraza, él se dedica a todo lo que es jardinería, huerta, le gusta*

mucho y lo hace como una cosa que disfruta. Yo puedo colaborar, lo sé, pero eso no pasa. Y en la cocina también pasa lo mismo, él es el especialista pero yo también cocino, algunas veces, pero a él le gusta más la cocina” (Esteban). Já para Esteban, as tarefas escolhidas e de que mais gosta é cuidar da roupa, lavar e passar, quando necessário, bem como organizar as coisas da casa. Já em relação às contas, o que há é uma total integração, pois trabalham e moram juntos, assim, todo dinheiro resultante desse trabalho é de ambos. *“No hay división, lo que hay es una completa integración, a veces no sabemos dónde empieza la sociedad y dónde empieza la relación, dónde empieza una y dónde empieza la otra”* (Ernesto).

Sociabilidade e diversão

Ambos gostam de sair para dançar, por isso, quando podem saem na noite para ir à boates. Gostam especialmente de freqüentar a festa dos ursos, que acontecem com grande regularidade. Ernesto sempre gostou muito de ir à boates e de se divertir com amigos, assim como Esteban, quando morava em Córdoba. Outro tipo de lugar que gostam de freqüentar é a sauna de um clube, onde às vezes há festas temáticas dos ursos. Quando se conheceram, freqüentavam muito a casa de amigos também casados como eles, e também recebiam visitas desses amigos para jantares ou simplesmente para conversar. Com o passar do tempo, os casais foram se separando e os jantares passaram a se tornar escassos. *“Teníamos unos amigos en la época cuando recién nos conocimos en que nos vimos mucho, después hubo gente que se separó, que venía acá y nosotros íbamos allá y armaban reuniones de mucha gente, muchos amigos gays, reuniones en los cumpleaños. Hubo una época así, pero después como que se deshizo todo ese grupo y no volvimos a buscar otro grupo más, pero apareció un otro grupo de amigos, más jóvenes, que tienen una casa en el campo y a veces vamos para allá o ellos vienen para acá”* (Ernesto). Atualmente, quando querem encontrar-se com amigos vão às casas deles, ou os encontram na sauna ou nas festas e boates. Ernesto ressaltou que ele tem a tendência a fazer laços de amizade com mulheres, enquanto que Esteban tende a ter mais amigos homens, o que ele percebeu com o passar dos anos. Além disso, no verão, gostam de ir passear nos parques de Palermo, bem como na reserva florestal, às vezes inclusive saem de bicicleta por esses lugares. Quase todos os amigos de Ernesto e Esteban são amigos de ambos, sabem de sua relação de conjugalidade e são heterossexuais, no entanto ambos também têm amigos gays.

Amor, fidelidade e “estilo de relação”

Para Ernesto e Esteban, o amor é um sentimento importante para a construção do relacionamento de conjugalidade, mas no caso deles não é algo em que ambos pensem ou mesmo falem muito. Para Ernesto, o amor em uma relação de conjugalidade é um sentimento que muda muito, está sempre em mutação. No início é mais próximo de uma paixão avassaladora, mas depois vai se transformando em algo mais contemplativo e calmo. *“No me pongo a pensar mucho en eso y tampoco digo ‘te amo’, o pienso ‘qué enamorado estoy de mi pareja’. A veces tengo un instante que digo ‘qué fuerte que es esto, qué bueno’ y siento que eso es amor, algo que no tiene que ver con sexo. Bueno, en principio sí quizá fuera más sexual, era eso de disfrutar más de estar enamorado de alguien, y cojer, y experimentar más todavía. Ahora es distinto, es como un atardecer, es como disfrutar de un domingo a la tarde. Es tranquilo, es hermoso, está bueno. En la verdad, el amor de pareja es raro, es distinto siempre. Era distinto al principio y es distinto ahora, o sea en principio es distinto de lo que siento ahora. Pero antes y*

ahora hay amor, lo siento. Al principio era más cercano de la pasión, ahora es estar con alguien con quien tenés una historia, una vida” (Ernesto). Esse amor é concretizado cotidianamente com o companheirismo, com cuidados mútuos, com o compartilhar de tudo, desde o trabalho até aventuras e conquistas sexuais, com compreensão e diálogo. Esteban concorda e conta que em sua juventude, quando ainda não havia tido nenhuma experiência de relacionamento com outro homem, pensava que o amor só era possível de ser concretizado entre um homem e uma mulher; que entre dois homens só haveria a possibilidade de se estabelecer uma relação baseada em sexo. Até que em determinado momento de seu primeiro relacionamento sério com outro homem, ele se viu apaixonado. Para os dois, mentir ou enganar o parceiro é quebrar um pacto de fidelidade assentado nesse amor. Assim, afirmam que são extremamente fiéis ao parceiro e à relação, mas que construíram um relacionamento aberto, com a possibilidade de ambos terem relações sexuais com outros homens que não o parceiro e às vezes têm relações sexuais juntos com outros homens. Nas palavras de Esteban, *“la infidelidad para mí significa la mentira, la infidelidad es la traición, la mentira. Si vos tenés una relación abierta donde están claras ciertas pautas y donde cada uno puede tener una relación paralela sexual, sexual más que nada porque si no ya se confunde. Si la relación paralela más que sexual pasa a ser una relación más de tipo afectivo, de amor, porque ahí ya sí entran otras cosas en juego. O sea, no creo en la fidelidad sexual en mi pareja, pienso que somos hombres, yo me considero bastante animal y me parece que el hombre es así, más que nada me gusta vivir así, o sea, me gusta la sexualidad, me gusta disfrutar de sexo, pienso que es una cosa más para disfrutar y trato de vivir de la forma más libre que puedo y que me permito porque también tengo mis limitaciones. Limitaciones que a veces tienen que ver con culpas y cosas que tenemos porque también de cierta forma nos querían lavar el cerebro con cuestiones religiosas y de escalas de valores morales o cosas del estilo, que dicen cómo tienen que ser las cosas”*. Desse modo, Ernesto e Esteban buscam quebrar as regras impostas pela sociedade no que tange à maneira como uma relação de conjugalidade tem de ser construída e vivida. Eles buscam dar-se liberdade para experimentar outros modos de vivência nas quais só se limitam por sua própria vontade. Nesse sentido, relataram em uma conversa informal, um relacionamento estabelecido no passado, com outro casal, no qual tanto Ernesto e Esteban quanto o outro casal viveram juntos sobre o mesmo teto e dividindo uma única cama o que eles chamaram de “amor de primavera”, isto é um relacionamento de conjugalidade estabelecido a quatro por um pequeno período já combinado a priori, no caso a primavera e que se repetiu no ano seguinte no verão com o mesmo casal.

Sexo, atividade–passividade e uso de preservativos

Desse modo, o sexo é uma maneira de prazer apenas, mas uma maneira de prazer que devido à nossa educação e cultura cristãs está associado à culpa. Além disso, Esteban afirma que não podemos deixar de lembrar que nós humanos somos animais e que temos uma parte animal muito forte, especialmente nós homens se comparados às mulheres. Nas palavras dele, *“somos personas con una parte animal, especialmente como hombre que a diferencia de la mujer tiene una parte animal muy fuerte, no todos, pero en mi caso sí y creo que Ernesto también, entonces creo que hay una parte animal con un deseo así de querer tener sexo y no siempre sexo con la pareja. Con la pareja el sexo va cambiando, después de más de once años, no hay una regularidad con el sexo, o sea puede estar como puede no estar por muchísimo tiempo. Para mí, en mi caso el sexo externo a la pareja ayuda muchísimo*

en la pareja, a mí me ayuda tener sexo afuera con mi pareja o solo, a mí me alimenta estar con otro". Em conversas e diálogos com Ernesto, ele também aponta acreditar nessa diferença entre homens e mulheres no que tange ao desejo sexual. Para ele, sexo é apenas uma forma de prazer que não deve ter muitos limites, por conta disso, ele e Esteban se definem como versáteis e não gostam de se relacionar sexualmente com pessoas que se definem apenas como ativos ou como passivos. Isso para eles limitaria as possibilidades de se alcançar o prazer sexual. Em relação ao uso de preservativo, ambos afirmam que usam preservativo em todas as relações sexuais que praticam, tanto entre eles quanto com outras pessoas afinal de contas não têm uma vida monógama. *"Uso de preservativo sí, siempre. Si decidís tener una vida totalmente monógama o tener una relación totalmente fiel, sería otra cosa, pero cuando uno tiene una vida sexualmente abierta, sí, con mi pareja con preservativo únicamente"* (Ernesto).

Reconhecimento da união e discriminação

Em uma conversa que tivemos sobre reconhecimento da união, Esteban e Ernesto ressaltaram que a discussão do reconhecimento da união para eles é um assunto polêmico e que pode carregar interpretações tanto positivas quanto negativas. No lado positivo, Ernesto ressaltou que a lei de união civil da cidade de Buenos Aires reconhece um direito dos homossexuais e permite que alguns desses possam ter seu relacionamento afetivo reconhecido pelo Estado, no entanto, ressaltou que apenas alguns benefícios são reconhecidos e concedidos, sendo que como os dois não têm bens em comum, não têm plano de saúde e nem seguro de vida, o projeto não altera em nada suas vidas e na vida de muitas outras pessoas. Além disso, Esteban questiona o porquê de se ter que aprovar uma lei exclusiva para homossexuais. Para ele, os homossexuais deveriam ter acesso aos mesmos direitos que estão disponíveis para os heterossexuais, entre os quais está o direito de se unir em matrimônio. Assim, seria discriminatório criar uma lei específica. *"Me parece bien y no. Es discriminatório, ¿por qué unión civil? Tendríamos que tener los mismos derechos, a casarnos. No porque yo necesite, yo no creo en el casamiento, ni en la unión de papeles, para mí las personas se unen por una cuestión afectiva, por una cuestión de energía, por eso no creo en el casamiento como una institución, como sociedad, no me gusta, no me interesa. En el sentido legal, como te decía antes, es discriminatorio, porque todos tendrían que tener los mismos derechos. A casarse y punto. Si me sirve o no, es otro tema. Pero en el sentido legal, tendrían que existir los mismos derechos"* (Esteban). Ernesto concorda com Esteban e reafirma que não pensam e não têm interesse pessoal na discussão sobre o reconhecimento da conjugalidade homossexual. No que tange à terem sofrido preconceito ou discriminação na vida cotidiana, ambos afirmam que nunca sofreram e nem sentiram qualquer tipo de tratamento diferenciado em função de sua homossexualidade. Ressaltam que um dos principais motivos para que isso não tenha ocorrido até o momento é que ambos não demonstram nem são identificados como sendo homossexuais. *"No creo que haya sufrido, yo no soy alguien que anda demostrando, ni que se me note físicamente como para que alguien me discrimine. Yo no tengo ningún recuerdo malo o negativo"* (Ernesto). Esteban também afirma que não demonstra sua homossexualidade e complementa que esse não parecer é uma postura que é natural para eles. Eles não ficam pensando em como vão agir ou se reprimindo para não demonstrar sua homossexualidade, eles agem normalmente como homens que são.

6. ANDRÉS E PATRICIO

Andrés

Filho mais velho de um casal de família de ascendência italiana, Andrés tem uma irmã e um irmão mais novos. Cresceu em Buenos Aires rodeado pela família, especialmente por tios, tias, primos e primas, que ainda hoje fazem parte de seu cotidiano nas reuniões familiares que ocorrem com grande frequência. Foi educado por sua família, que é católica praticante, dentro da religião, seguindo seus preceitos, mas, nos dias atuais, Andrés se afastou totalmente da igreja, por discordar da religião e de sua visão a respeito da homossexualidade, *“siempre me sentí muy desplazado por los comentarios muy homofóbicos de la iglesia y creo que son uno de los principales discriminadores que hay dentro de lo que es la homosexualidad, por eso prefiero quedarme lejos”*. Sua família e seus amigos sabem de sua homossexualidade e de sua relação de conjugalidade com Patricio e frequentam sua casa com regularidade. Sua vida sexual começou aos 12 anos com um amigo de escola com o qual continuou mantendo relações sexuais até seus 26 anos de idade. Durante esse período, além das relações sexuais esporádicas com esse amigo, ele também buscava manter relações sexuais e afetivas com mulheres, influenciado pela não aceitação de sua homossexualidade e, também, por seu círculo de amigos, exclusivamente composto por heterossexuais. A escolha feita por ele, desse círculo de amigos, foi motivada pela necessidade de “curar-se” do que ele acreditava ser uma enfermidade. *“Sin embargo, trataba de que me gustaran las mujeres e insistí, insistí, he hecho pruebas, tuve novias y todo pero, después de mucho tiempo, porque a los 28 años más o menos decidí que podría amar a un hombre porque hasta ese entonces creía que no podría amar a un hombre”*. Até essa idade ele não tinha conversado com ninguém acerca de sua preferência sexual e sempre se prometia, como em um jogo, que ao final do ano deixaria de ser homossexual, *“yo me proponía que iba a ser puto hasta el año siguiente o hasta cuando terminara el año, yo decidía que no iba a ser más puto y siempre iba dando una prórroga para uno año más, pero no tenía con quién hablarlo; yo tenía mucho miedo”*. Seu primeiro contato com o mundo homossexual foi quando viajou para a Europa. Lá ele foi à saunas e ambientes de pegação gay. Ao voltar da viagem, ele se aproximou de um professor que era homossexual e estabeleceram uma forte amizade. Essa amizade permitiu que ele estabelecesse contato com o universo gay de Buenos Aires, mas esse contato se restringia aos lugares de pegação gay da cidade. Nesse período de contato com o universo gay, ele estabeleceu relações sexuais homossexuais esporádicas e ocultas de todos. *“A partir de cuando vuelvo de esa viaje en Europa, encuentro un profesor de secundario que yo sabía que era gay y me dice que acá pasaba eso en todos los lados y él me lleva un poco a una vida gay marginal que es entrar en los baños públicos, en los cines pornos, entonces esas cosas, que es una movida ‘más pesada’, pero que me servía perfecto como excusa porque yo seguía intentando que me gustaran las mujeres. Entonces yo decía y pensaba que con los hombres era una cuestión animal y con las mujeres, la delicadeza; es todo el lado que yo podría tener de amor, de hijos y de familia, en cambio con los hombres era algo de toco y me voy. Entonces me sirvió de excusa perfecta durante mucho tiempo y ahí sí conocí mucha más gente, pero gente que ni sé cómo se llama, porque te imaginás que eran encuentros fugaces”*. Assim, durante muito tempo, passou a ter o que definiu como uma *“doble vida”*, uma vida cotidiana com amigos heterossexuais, namoradas e família, e outra vida às escondidas, na qual mantinha relações homossexuais em encontros fugazes. Neste período chegou a ter uma namorada, seu segundo relacionamento de namoro

sério com uma mulher. Este relacionamento, que foi o último com uma mulher, terminou após ele confessar para ela *“que le gustaban los hombres”* e então após algum tempo sozinho conheceu Patricio.

Patricio

Também criado dentro da religião católica por sua família muito religiosa, Patricio tem um irmão três anos mais velho e uma irmã mais nova, ambos com formação superior, assim como ele. Não segue nenhuma religião, apesar de ter estudado todo o primário em uma escola de padres. Sempre viveu em Buenos Aires, e a principal diversão de sua infância eram as viagens de férias para visitar seus avós no litoral. Ao chegar ao segundo ano do ensino médio, passou a sair com amigos para dançar, *“como cualquier chico del secundario, sin nada raro”*. Desde muito pequeno sempre sentiu atração por homens. Lembra-se de várias vezes em suas férias na praia, quando visitava seus avós, de ficar observando os homens e meninos e nunca prestar atenção nas mulheres. Nunca teve nenhuma namorada e ao final do secundário, quando tinha mais ou menos 18 anos, resolveu aceitar que era homossexual, mas ainda não contou para seus pais. *“Cuando termino la escuela secundaria, dije ‘ya está’, o sea no se lo voy a contar a mis viejos pero si se enteran, no tengo problemas. Entonces empezaron a llamarme en casa Pablo, Malaquias, Natanael, Estebán y ninguna chica, entonces al mismo tiempo a los 20, 21 años mis padres querían hablar conmigo y me preguntaron si yo era homosexual. Yo les dije que sí. No los alegró, no era lo que esperaban, pero me dijeron que si yo estaba contento, ellos iban a estar contentos también. Más que nada estaban preocupados porque pensaban que era peligroso ser homosexual, que yo podría ser blanco de agresiones o de burlas”*. Depois de um curto período no qual seus pais se adaptavam a novidade, seus amigos gays passaram a freqüentar a sua casa e a conhecer sua família com naturalidade. Na infância teve o que chamou de *“juegos de chicos”*, pequenas *“brincadeiras”* de conteúdo sexual que não eram mais nada do que toques e jogos para conhecer seu corpo e o de outros garotos. Por volta de seus 18 anos, começou a ter relações sexuais esporádicas com homens mais velhos, que geralmente conhecia em ônibus ou em banheiros de lanchonetes. Quando terminou o secundário e iniciou a faculdade, ele começou a trabalhar e formar um círculo de amigos gays e a tomar contato com o universo gay, especialmente ao freqüentar boates gays. Nesse período, teve três namorados. O primeiro era um homem mais velho que ele, que conhecera na boate quando estava no primeiro ano da faculdade. Foi uma relação muito afetivamente intensa, mas que durou apenas um mês. Depois de dois ou três anos sem se relacionar com ninguém, em uma viagem à Córdoba, conheceu um homem de cerca de 43 anos com quem começou um namoro que consistia de encontros em viagens nos finais de semana. Depois de seis meses de relação, esse namorado resolveu se mudar para Buenos Aires. A relação melhorou com a convivência diária, mas após seis meses brigaram e o relacionamento terminou. Seu terceiro relacionamento, que conheceu pela internet e com o qual desejava apenas ter relações sexuais, após alguns encontros acabou se convertendo em seu namorado. Tratava-se de um homem mais velho que ele. O relacionamento durou cerca de um ano e meio, mas o contato se manteve posteriormente, transformado em amizade. Depois desse namoro, passou por um período sozinho, até conhecer e iniciar um relacionamento com Andrés.

O encontro e a relação

Andrés e Patricio se conheceram pela internet, em uma sala de bate papo. O contato inicial foi estabelecido com a finalidade de terem uma aventura sexual. Depois esse primeiro contato virtual, eles trocaram telefones e se encontraram pela primeira vez. Após esse primeiro encontro, outros ocorreram, e uma amizade de cunho sexual se estabeleceu. Através dessa *“amistad con derecho a roce”* se conheceram melhor, e perceberam que tinham muitas coisas em comum. Iniciaram um namoro que posteriormente se transformou em casamento e foram morar juntos. No entanto, as coisas não transcorreram de forma tão simples assim, pois, antes desses contatos iniciais, que começaram em abril de 2001, Patricio já havia planejado uma viagem para viver por um período nos Estados Unidos para aprofundar seus conhecimentos de inglês. Tal viagem estava marcada para ocorrer em setembro de 2001 e por conta dela Patricio evitava se envolver emocionalmente. *“Mirá que no quiero hacer nada demasiado serio, tampoco quiero que te enganches con alguien o algo sabiendo que en septiembre me voy a ir. O sea, pasémosla bien, hagamos lo que queramos, pero yo en septiembre me voy”, le dije. Y así empezamos a vernos todos los días, y a llamarnos por teléfono, iba a verlo y me quedaba la tarde o la noche, y después volvía a la casa. Y eso quedó así hasta que saqué mi pasaje para el 13 de septiembre. En el 11 de septiembre se caen las Torres Gemelas*”. Com a queda das Torres Gêmeas, Patricio não embarcou para os Estados Unidos, assim, logo depois, ele iniciou o namoro com Andrés. Até o momento em que passaram a viver juntos, os pais de Andrés não sabiam da homossexualidade dele, porém, com a mudança deles para uma nova casa em janeiro de 2002, iniciou-se o processo de “saída do armário” de Andrés, que culminou com uma conversa com seus familiares e que receberam bem a novidade. Para Patricio a concepção que ele tinha do que era e é um relacionamento de conjugalidade foi mudando com o tempo, especialmente levando-se em consideração as experiências que foram ocorrendo em sua vida, mas o essencial para ele é que um relacionamento é uma *“mezcla de cosas, de estar bien con alguien, de encontrar un compañero con el que quieras compartir tu vida, tus proyectos, tampoco son amigos porque tienen otro tipo de sentimiento que vincula. Pero me parece que una pareja, sobre todo homosexual aunque no exclusivamente, se basa más en el compañerismo, en la generación de proyectos, y en trabajar para transformarla todos los días en una cosa nueva”*. Andrés acrescenta a essa lista, a importância do diálogo honesto para o relacionamento, pois, é através dele que se consegue resolver os problemas e construir uma relação saudável.

Divisão de tarefas

Andrés e Patricio sempre dividiram todas as tarefas da casa; ambos adoram cozinhar e geralmente vão cozinhar juntos, e, mesmo que um apenas lave a louça, ambos se ocupam juntos da elaboração das refeições. No entanto, como Patricio, por conta de seu trabalho, fica em casa na maior parte do tempo, ele acaba fazendo a maior parte das tarefas da casa. Mas para não sobrecarregá-lo, ambos tem uma faxineira que vai organizar a casa e fazer a limpeza duas vezes por semana. Desse modo, a tarefa que mais realizam na casa é a de cuidar da alimentação, *“Cocinar, cocinamos nosotros, a los dos nos gusta mucho. Entonces no es un problema cocinar. Si me toca a mí hoy cocinar, yo voy, es un placer cocinar, y si le toca a él también. Así que no vivimos eso como una cuestión de obligación y tampoco decimos los lunes, martes, miércoles y viernes cocinás vos y los otros días, yo. Nosotros nos distribuimos,*

nosotros integramos todo el tiempo. Nuestras economías están integradas, nuestra distribución de tareas es integrada y así nos vamos moviendo por la vida” (Andrés).

Sociabilidade e diversão

Ambos são caseiros e gostam de receber os amigos em casa para jantares, ou mesmo vão à casa de amigos para jantares, sessões de filmes ou churrascos nos finais de semana. Desse modo, a casa deles e a dos amigos se tornaram o principal espaço de diversão e sociabilidade de Andrés e Patricio. Além disso, freqüentam outros lugares na noite. Sempre que podem, vão a festa que sempre acontece aos domingos no clube dos ursos. Gostam deste lugar porque *“es un ambiente que a mí me gusta mucho y a Andrés lo hace sentirse bien porque cuando estaba más gordo se sentía discriminado y extraño, y aparte porque es temprano, salimos temprano y entre las 22 y 00:30 ya volvemos a casa, además es una forma linda de terminar el domingo”* (Patricio). Também quando sentem vontade vão juntos à saunas ou bares gays para relaxar, encontrar amigos ou novos parceiros sexuais. Além desses momentos de diversão, Patricio geralmente joga tênis com amigos uma ou duas vezes pela semana. Quando isso ocorre, Andrés geralmente procura a companhia de amigos e familiares para não ficar só, ou às vezes aproveita o fato de estar só para conhecer outros homens com o intuito de ter relações sexuais. Para tanto, geralmente usa a internet, em especial o *site g4me*.

Amor, fidelidade e “estilo de relação”

Para Andrés e Patricio, um dos elementos essenciais para o relacionamento é o amor, mas amor para eles não pode ser equiparado a um *“atontamiento”*, a uma paixão adolescente, isso não se mantém para sempre. Para ambos, amor é um sentimento que pode ser comparado a *“algo que genera la energía para lo demás”* (Patricio), é uma espécie de força que, quando presente, garante a transformação de duas pessoas em um casal; é algo construído gradativamente pela vontade e dedicação de ambos. Desse modo, o amor é um dos principais pilares da união entre eles, *“los pilares de nuestra relación no están en el sexo o en la fidelidad sexual, porque no somos nada de eso, pero sí somos honestos entre nosotros, sí nos sabemos escuchar entre nosotros y lo que existe es un compromiso de las dos partes y una paciencia de las dos partes muy importante. En el amor nuestro, lo que nosotros marcamos como el lugar del amor, entran otras cosas que nada tienen que ver con el sexo, y éstos sostienen como pilares muy firmes la relación”* (Andrés). Assim, a fidelidade sexual não tem relação alguma com o amor. Para ambos, fidelidade é *“un invento de la cultura judeocristiana, no es una cosa natural del hombre”* (Patricio). O importante para eles não é com quem se tem relações sexuais, mas sim quem se ama. Isso conforma a vida, sendo o elemento mais valorizado entre eles, mas até isso foi construído gradativamente uma vez que Andrés confessou diversas vezes que sua insegurança, ciúmes e machismo inicialmente impediam que ele conseguisse se sentir a vontade com a idéia de ter uma *“pareja abierta”* como a que eles têm atualmente. Antes Andrés achava natural e legítimo que ele, como homem pudesse ter relações extraconjugais, mas não conseguia conceber que Patricio fizesse o mesmo. Por meio de muitas conversas e de alguns *“límites”* impostos aos ciúmes de Andrés, Patricio conseguiu fazer com que as coisas fossem se modificando gradualmente até alcançarem a configuração de liberdade dos dois para ter suas aventuras sexuais sozinhos. Inicialmente as relações sexuais com outros eram sempre em trios, sendo que

inicialmente nenhum dos dois poderia ser passivo com o terceiro. Com o tempo isso foi se modificando até o ponto em que ocorreu uma abertura maior do relacionamento com ambos se permitindo ter relações sexuais extraconjugais sem o companheiro, mas tendo preferencialmente relações sexuais em trios. O limite que antes era constituído de acordos com respeito às partes do corpo que não poderiam ser compartilhadas com um terceiro passou a ser o respeito e a atenção em relação a “*pareja*”. Essa abertura foi acontecendo gradualmente e o formato atual de abertura ocorreu depois de quase seis anos de relação “*Después de seis años hace muy poquito tiempo decidimos abrir la pareja, es decir, si yo quiero estar con vos, estoy con vos y después voy y le digo a él sabés que estuve con él y está todo bien. En un principio, al poco tiempo de conocernos los dos sabíamos que teníamos necesidades de estar con alguien más, entonces a los diez meses o al año de habernos conocidos ya empezamos a tener historias de trios y eso nos duró cinco años más o menos. Hace muy poquito tiempo nos decidimos y tenemos muy claro que nosotros nos amamos y si llegamos a tener algún sentimiento, cortamos la historia para no engancharnos sentimentalmente con un tercero*” (Andrés). Para ambos, o relacionamento de conjugalidade deles tem preferência e preponderância sobre as relações de “*amistad con derecho a roce*”, assim o parceiro sempre tem uma importância prevalente sobre qualquer outra situação ou pessoa.

Sexo, atividade–passividade e uso de preservativos

O sexo, para ambos, não está relacionado com o amor; trata-se apenas de um momento de prazer e diversão que pode ser realizado com a presença ou não do companheiro de conjugalidade. Isso era muito claro para Patricio no início da relação, mas um pouco confuso para Andrés. Nas palavras de Patricio “*con el tiempo él se dio cuenta de que el sexo era solamente una diversión y todo quedó muy bien*”. Assim, o sexo não ocupa um lugar central no relacionamento de conjugalidade deles. Aparece mais como uma forma de diversão da qual ambos podem participar juntos, mas que permite a participação de outras pessoas que não fazem parte da “*pareja*” e, inclusive, permite que se divirtam sem seu companheiro de conjugalidade com outros homens. Ambos sempre se consideraram versáteis e sempre mantiveram relações sexuais sem limitações nos papéis sexuais, à exceção do período em que iniciaram suas “aventuras sexuais” em trios, em cujo momento houve uma limitação quanto aos papéis sexuais de ambos em relação a esse terceiro, que tinha de ser sempre passivo e ambos sempre assumiriam o papel de ativo. Essa limitação ocorreu devido a Andrés acreditar que deveriam manter certos limites, representados pelo papel ativo de ambos na relação sexual e a conseqüente passividade de um terceiro, que seria uma espécie de “patrimônio e salvaguarda” da relação de conjugalidade. Desse modo, inicialmente o ânus de ambos se tornou um “tabu” para o terceiro, mas esses limites com o tempo foram sendo questionados e perderam sua validade. No que tange ao uso de preservativo, ambos utilizam raramente entre eles, apesar de um deles ser soropositivo e o outro não, mas em relações sexuais com terceiros sempre há o uso de preservativo, à exceção de relações sexuais orais na qual o uso é considerado por eles como um empecilho para o prazer.

Reconhecimento da união e discriminação

A discussão sobre o reconhecimento da união civil homossexual e dos direitos decorrentes é um tema que já havia ocorrido entre eles em diversos momentos. Apesar de morarem na Grande Buenos

Aires, pelo fato de seu bairro ficar fora da CABA, eles não tem direito a assinar a união civil e reconhecer sua relação de conjugalidade. Andrés e Patricio estão de acordo em que a lei de união civil homossexual aprovada representou um avanço, mas foi uma mudança muito tímida e muito localizada, tão tímida que mesmo que tivessem o direito de fazer tal contrato não o fariam, pois isso não mudaria em nada a vida deles. Andrés afirma que não se sente representado no legislativo de seu país, pois mesmo havendo organizações que defendam os direitos dos homossexuais, este grupo não é levado em consideração quando da formulação de leis. Reitera que isso tem mudado muito no mundo, especialmente na Espanha, onde cita a existência do matrimônio homossexual, o tomando como um ideal democrático e inclusivo e como um desejo seu, a possibilidade de se casar com Patricio. *“Yo no quiero unirme civilmente con Patricio, yo quiero casarme con Patricio. Lo cual implica mucho más porque la unión civil tiene limitaciones, pero no hay nadie que nos represente, en el Congreso no hay nadie. [...] Estuvimos en España en junio y realmente yo creo que los españoles han dado un avance muy grande con respecto a eso y a mí me gustaría que en la Argentina se siguiera un poco la línea española”* (Andrés). Patricio complementa afirmando que o importante para eles é tentar de algum modo garantir a segurança de seu companheiro, no caso da morte de algum deles, e só iriam conseguir isso através do casamento. *“A mí me interesa la seguridad que hay en el tema del casamiento”* (Patricio). Conversando com Patricio, ele afirmou que não deveria importar para as pessoas, não deveria ser um fator de preconceito, o fato de alguém se relacionar emocional e sexualmente com alguém de seu mesmo sexo. Isso não deveria ser um fator para diminuir-se os direitos dessa pessoa. *“Suponete que si yo ni siquiera quería casarme, ni quería unirme civilmente, yo creo que el derecho debería estar, por la sencilla razón de que tiene que estar, o sea si no estas haciendo nada malo, solamente sos un hombre que ama otro hombre, y eso es perfecto”* (Patricio). Em relação ao preconceito e discriminação sofridos, tanto Patricio quanto Andrés afirmaram que não se lembram de nenhum fato ocorrido, o que não significa que não tenham passado por nenhum episódio de discriminação, uma vez que ambos se consideram relativamente desatentos em relação a isso. No entanto, Andrés afirma que sofreu muito preconceito na adolescência e juventude por ser gordo. Lembrou-se inclusive de uma festa na qual foi impedido de entrar pelo fato de estar um pouco acima do peso. Além disso, Andrés afirma que no momento em que estava passando pela adolescência, desenvolveu um forte preconceito em relação a si mesmo e aos homossexuais, o que, segundo ele, foi um produto da educação e dos preconceitos da Igreja.

7. ALEJANDRO E ROLANDO

Alejandro

Nascido na província de Rosario, Alejandro é filho único de um casal adepto da *“doctrina evangelista”*, tal como ele nomeou. Cresceu em San Juan rodeado de familiares, tios, tias, primos, primas e avós, que sempre freqüentaram a religião e ainda hoje a seguem. Alejandro, apesar de não ir freqüentemente aos cultos de sua Igreja desde que se mudou para Buenos Aires, quando está visitando seus pais em San Juan o faz com grande recorrência. Na infância e adolescência estudou em escolas públicas. Mudou-se para Buenos Aires para realizar seus estudos universitários. Ainda garoto começou a se sentir atraído por outros garotos e essa atração sempre o fez se sentir culpado *“porque en una provincia si sos varón, tenés que casarte, tener hijos y formar una familia. Creo que mis primeras*

tendencias las empecé a tener o sentir más cuando estaba cerca de la escuela secundaria, pero siempre con mucha culpa". O fato de ser filho único foi ainda mais problemático, pois se sentia como tendo obrigações para com a continuação de sua família e de seu sobrenome, e isso só fazia seu sentimento de culpa aumentar. Teve sua primeira relação sexual aos 16 ou 17 anos. Foi uma experiência muito fugaz e rápida que iniciou um ciclo de culpa, abstinência e posterior repetição da relação sexual. Esse primeiro parceiro tinha em torno de 25 anos. Eles se conheceram casualmente em um ponto de ônibus e o encontro acabou se repetindo algumas vezes. Antes disso, teve apenas alguns contatos sexuais com vizinhos. Tratavam-se apenas de *"juegos sexuales"* onde se olhavam nus e algumas vezes se tocavam. Aos 18 ou 19 anos, quando estava prestando serviço militar teve outra experiência sexual fugaz com outro rapaz, experiência esta que não se repetiu porque Alejandro teve medo de ser rotulado como *"puto"* ou *"maricón"* e que com isso sofresse preconceito e discriminação, mesmo sendo abordado algumas vezes por seus superiores com essa intenção. Até essa idade considerava-se uma criança e, depois, um rapaz muito caseiro, cujas principais diversões eram ir ao cinema com o pai e ver televisão. Sempre foi muito retraído e nunca conversou a respeito de sua homossexualidade com ninguém de sua família. Aos 19 anos, após férias tiradas em Mar Del Plata e em razão de uma paixão correspondida por um rapaz que conhecera e morava em Buenos Aires, se mudou para a capital Argentina para cursar faculdade. *"Creo que fue la motivación que necesité para poder cortar el cordón umbilical que tenía con mis viejos. Porque si yo no lo cortaba en ese momento, por ahora iba a estar casado con hijos y todo lo demás"*. O relacionamento com esse rapaz se manteve durante algum tempo, mas sempre esteve marcado pela falta de confiança e dúvida de que se esse rapaz permaneceria com ele, até que Alejandro descobriu que seu companheiro estava se relacionando com outra pessoa. Esse relacionamento iniciou-se quando Alejandro tinha em torno de 20 anos de idade e teve duração de cerca de dois anos. Durante esse relacionamento, começou a frequentar boates e bares gays e formou um círculo de amizades, coisa que não havia vivenciado antes. Depois desse relacionamento, chegou a conhecer outras pessoas e ter algumas relações sexuais esporádicas, mas nada sério. Geralmente conhecia essas pessoas em boates gays e algumas poucas delas em seu trabalho, até que um tempo depois conheceu Rolando.

Rolando

Sendo o filho caçula entre cinco irmãos, cresceu tendo muita companhia muito embora vivesse em uma cidade pequena de uma província do interior da Argentina. Nessa cidade, iniciou seus estudos, até que aos 17 anos se mudou para a casa de uma tia em Buenos Aires para dar prosseguimento aos seus estudos. Aos 18 anos, Rolando se mudou da casa da tia para viver sozinho. Desde os sete ou oito anos de idade já sabia de sua homossexualidade, e, a chegada na adolescência não representou um *"descubrimiento"* de seu desejo, apenas um *"blanqueamiento"* para si mesmo do que queria viver em sua vida. Entre os 12 e 14 anos teve alguns *"juegos sexuales"* com outros garotos maiores que ele, geralmente vizinhos, mas não chegou a ter sexo, coisa que aconteceu aos 19 anos, com um conhecido de sua cidade que encontrou em Buenos Aires. Aos 15 anos contou para sua família de sua homossexualidade, após questionamento de sua mãe sobre o tema. Nunca se envolveu emotiva ou sexualmente com nenhuma mulher, apesar de ter sofrido pressão de sua família e ter sentido um pouco de culpa em um período de sua adolescência. Sempre viveu rodeado por bons colegas de trabalho com quem

algumas vezes acabava saindo para ir à boates e a clubes, cinemas e bares. Nesse período, logo depois de se mudar para Buenos Aires, não havia ainda boates gays na cidade ou se havia não as conhecia, mesmo porque ainda não tinha feito contato com homossexuais. Depois de sua primeira relação sexual, teve vários “*compañeros de sexo*”, isto é, amigos com os quais mantinha encontros sexuais esporádicos. O primeiro desses “*compañeros de sexo*” conheceu em Mar del Plata, apesar de ambos morarem em Buenos Aires. Era um homem mais velho e que o levou à boate gay pela primeira vez. Quando voltou para Buenos Aires, combinou de se encontrarem e somente aí passou a freqüentar boates e bares gays. Após repetir alguns encontros com ele, a relação acabou se esfriando e eles se afastaram. Já conhecendo o mundo gay, ele passou a freqüentá-lo, a conhecer pessoas e a ter “*amantes*”, alguns deles casuais, outros de curto período e alguns poucos que se estendiam por um período mais longo, mas nenhum relacionamento mais sério. Apesar de ter tido muitos amantes, acredita que somente passou a “*disfrutar el sexo*” a partir dos 30 anos, pois, antes disso, se relacionava partindo de ideais que não existem na realidade. Para conhecer esses amantes “*en principio se manejaba por una zona determinada, una avenida por la cual vos caminabas y conocía gente en la calle, caminando, hablando, yendo y viniendo. Después estaban los pubs, adonde ibas a tomar algo, o en predancings, sino iba a los boliches, era la forma de conocer gente. Ni existía la internet, ni los chats telefónicos como ahora. Yo creo que con el tema de internet y de los chats telefónicos disminuyen un poco las zonas donde uno puede conocer a determinada gente, en este caso a homosexuales*”. Aos 20 anos teve seu primeiro namorado, tal relacionamento tendo durado mais ou menos um ano. Eles se conheceram em uma boate. Esse namorado tinha em torno de 35 anos. Nunca chegaram a conviver e o relacionamento terminou porque seu namorado não queria naquele momento ter uma relação estável. Seu segundo relacionamento durou um ano e meio. Era uma relação de convivência parcial, pois, apesar de terem alugado um apartamento juntos, seu companheiro continuava morando parcialmente com os pais. Tal como o primeiro namorado, se conheceram em uma boate. Tinham uma diferença etária de 10 anos e o principal espaço de sociabilidade deles era a casa de amigos heterossexuais. Após o fim desse relacionamento, conheceu Alejandro.

O encontro e a relação

Ambos trabalhavam no mesmo lugar e se conheceram nos corredores de seu trabalho, casualmente, ao solicitar o envio de documentos de um andar para o outro, contatos esses que se mantiveram durante certo período. Apesar de estarem no mesmo ambiente de trabalho, Alejandro percebeu que Rolando demonstrou algum interesse por ele mesmo tendo um relacionamento de conjugalidade, coisa que Alejandro veio a descobrir posteriormente. Depois de algumas conversas no trabalho, acabaram se tornando amigos e saindo juntos algumas vezes, momento no qual Alejandro descobriu que Rolando vivia “*en pareja*”, tendo inclusive conhecido o companheiro deste. Ainda sim, acabaram tendo uma relação sexual que ambos lembram como desastrosa. Algum tempo depois Alejandro viu Rolando em uma festa, dançando com seu companheiro, sentiu certo incômodo com a situação e foi embora. Mantiveram, entretanto, sua amizade, até que um dia Rolando convidou Alejandro para conversar e beber alguma coisa em sua casa. Logo após chegarem e enquanto estavam conversando o companheiro de Rolando chegou do trabalho e, enciumado com a presença de Alejandro, discutiu com

Rolando. Alejandro foi embora para sua casa e tempos depois ele descobriu que Rolando havia terminado a relação com seu companheiro. Depois disso, eles começaram a se encontrar e a sair juntos com maior frequência, *“y después nos seguimos viendo, volvimos a tener otra cama, fue mucho mejor, volvimos a tener otra, fue mucho mejor y después nos fuimos a vivir juntos”* (Alejandro). Quase todos com quem se relacionam, sejam colegas de trabalho, sejam amigos pessoais ou mesmo familiares sabem do relacionamento deles uma vez que já vivem juntos há mais de 20 anos. Mas, enquanto a questão da homossexualidade é algo conversado na família de Rolando, tal não se dá na família de Alejandro. No entanto, os dois pressupõem que isto seja sabido uma vez que os pais de Alejandro já foram algumas vezes visitá-los em sua casa e sabem que dividem uma cama e uma vida. Para Rolando e Alejandro, a base do relacionamento é o diálogo sincero, a compreensão e o compartilhar de tudo, apesar de ambos terem personalidades um pouco diferentes. Alejandro se considera mais tolerante e paciente, diferentemente de Rolando, que é mais impaciente e pouco maleável. *“Yo lo amo muchísimo, lo quiero, pero a veces reconozco que tiene un carácter bastante jodido, porque a veces es poco tolerante, a veces tiene un carácter que es un poco ácido y duro”* (Alejandro).

Divisão de tarefas

Desde que passaram a viver juntos, Rolando e Alejandro prezam muito o espaço da casa e sempre se ocupam das tarefas do lar, por isso não têm uma faxineira para ajudar na organização. Sempre estão juntos fazendo as tarefas da casa, mas com o passar do tempo algumas divisões foram ocorrendo, *“se fueron dando solas las divisiones de tareas”* (Rolando). Alejandro afirma que, na maioria das vezes, quem cozinha é ele porque Rolando não gosta de ir para a cozinha. Em relação à limpeza da casa, há uma divisão; enquanto Alejandro limpa a parte interna da casa, Rolando limpa o terraço e cuida das plantas. As roupas são lavadas na lavanderia, mas quem as passa é Rolando *“que lo hace muy rápido y muy bien”* (Alejandro). Quando saem de carro, quem dirige sempre é Rolando *“soy muy despistado”* (Alejandro). Em relação à gestão do dinheiro e das finanças, afirmam que o dinheiro que ambos recebem é um só, assim não há divisão entre dinheiro de um e dinheiro de outro e as contas são sempre de ambos. *“Las cuentas, el dinero es todo uno o sea no hay dinero del tipo ése es tuyo y ése es mío, es todo una sola cosa. Tenemos el dinero todo en un solo lugar, las cosas que hemos comprado están a nombre de los dos, el departamento está a nombre de los dos, el auto está a nombre de los dos”* (Alejandro).

Sociabilidade e diversão

O relacionamento entre eles foi se modificando muito com o passar do tempo. No início, quando se conheceram, saíam muito para a noite, freqüentavam muitos locais de diversão gays, especialmente boates, mas depois isso foi se modificando, *“después de un tiempo, es como si te dijeras ‘¿qué estoy haciendo acá? Si ya estoy con la persona que yo quiero, qué hago en este lugar, donde no podés charlar, la música es muy fuerte, donde no podés compartir determinadas cosas porque eso es un mundo de gente, de ir y venir. Que no podés hablar, que no podés tomar nada tranquilo, entonces fuimos dejando de lado eso y compartiendo otras cosas, o sea una salida a un cine, una salida a cenar afuera, juntarnos con conocidos, con amigos, mirar una película”* (Rolando). Com o tempo foram deixando de lado os lugares mais badalados do mundo gay e acabaram se tornando mais caseiros. Nos dias atuais, o principal lugar de

diversão de ambos é o cinema, além de visitas regulares à casa de uma amiga heterossexual casada onde visitam uma afilhada de Rolando. Seu círculo de amizades é muito restrito; preferem pensar que têm muitos conhecidos e poucos amigos de verdade. Geralmente esses conhecidos foram contactados pela internet, especialmente por um perfil que mantêm no *site g4me*. Este perfil foi elaborado e mantido pelo casal, mas não contém fotos deles, no qual afirmam buscar amizades e bate papo. Ultimamente é raro saírem. Eles se tornaram *“muy caseros, de compartir mucho la casa, de estar en la casa, de hacer cosas acá. De hecho, nosotros somos los que nos encargamos de todo acá, de pintar, de limpiar, de hacer todo. Ahora por ejemplo estamos pintando la terraza, empezando a pintar, a dar un retoque a toda la casa. Y eso nos consume mucho tiempo, mucho tiempo y mucho cansacio”* (Rolando). Além disso, no verão geralmente freqüentam os parques da cidade para passear, aproveitar o verde *“y tomar unos mates”* (Alejandro). E, durante o ano todo, gostam de fazer esportes para manter-se em forma, por isso vão sempre à academia, cada um em seu horário disponível. Além disso, Alejandro adora jogar tênis e paddle *“es como el tenis, pero que se juega de cuatro y con unas paletas, no son raquetas sino unas paletas más cortas”* (Alejandro), Rolando já não gosta tanto e por isso não pratica esportes com tanta freqüência.

Amor, fidelidade e “estilo de relação”

Para os dois, o amor é um elemento essencial e significa *“proyectarse en todos sus sentidos en la otra persona. Es alguien a tu lado con el que quieres compartir toda tu vida, desde las cosas lindas que incluyen sexo, cariños y todo lo que sea, hasta los momentos malos cuando uno está enfermo, con fiebre y necesita que le traigan una taza de té caliente a la cama. Creo que es ahí donde se ve realmente el amor”* (Alejandro). Sempre tiveram um relacionamento centrado na fidelidade e, ainda hoje têm, mas apontam que o próprio significado de fidelidade foi se modificando com o tempo. Antes fidelidade estava associada à monogamia. Com o tempo isso foi se modificando. Alejandro foi percebendo que Rolando mantinha outras relações fora do casamento e tiveram algumas discussões sobre esse assunto. Foi, então, que Alejandro teve a idéia de terem uma relação com uma terceira pessoa, o que aconteceu perto de um ano antes da entrevista. Após tal sugestão, tiveram algumas discussões, ficaram sem se falar alguns dias, depois voltaram a conversar normalmente, até que o tema voltava à baila e acabavam por discutir novamente. Durante algum tempo, conversaram sobre essa possibilidade até que em uma viagem de férias ao Brasil, acabaram por conhecer um outro rapaz e tiveram a primeira experiência sexual com uma terceira pessoa. Ambos sentiam muito medo do que poderia acontecer depois que tivessem essa experiência, mas conversaram bastante até que resolveram repeti-la novamente, e, até o presente estão abertos à essa possibilidade. *“Fidelidad es una palabra solamente. Durante muchos años para mí la palabra fidelidad significaba no estar con otra persona que no sea mi pareja. Hoy por hoy te diría que fidelidad es que se puede llegar a ser fiel teniendo sexo con otra persona siempre cuando no se involucren tus sentimientos. Yo de mi parte, en todos estos años no he sido infiel, aunque para muchos les parezca mentira y muchos me dicen: ‘pero vos sos un pelotudo’. No porque no haya tenido oportunidad, porque oportunidad y propuestas he tenido muchas y no porque yo sea lindo, sino porque creo que las oportunidades abundan, se dan”* (Alejandro). Fidelidade para Alejandro e Rolando sempre esteve associada ao amor, a um compromisso emocional com apenas uma pessoa, *“fidelidad es tener honestidad de corazón con la otra persona”* (Rolando). A manutenção desse significado na prática permitiu que eles

construísem um relacionamento aberto, honesto e duradouro, sempre calcado no diálogo e comprometido com a felicidade do relacionamento e, conseqüentemente, de ambos. Acreditam que as discussões que ocorrerem sejam de fato a expressão dessa preocupação de um com o outro, pois ambos tinham medo de ferir emocionalmente o outro e de perdê-lo. Alejandro afirma que, além do medo de perder o outro, há também ciúmes entre eles, especialmente Rolando, que é muito ciumento, *“Rolando es o ha sido muy celoso, no porque yo le diera motivo. No soy un santo, pero es muy celoso, tenía celos hasta de mi mamá. Mi mamá y mi papá son muy cariñosos conmigo, de abrazarme, de darme besos, de tocarme cuando están cerca de mí, de hacerme cosquillas. Mi papá es un hombre grande, tiene 71 años, pero cuando viene me abraza, a veces nos tiramos al piso para jugar y lo seguimos haciendo hoy y mi mamá también, y Rolando tenía muchos celos de eso porque creo no lo vivió con sus padres. Era celoso de eso, entonces te imaginás de lo restante, en general soy muy paciente, muy tolerante”* (Alejandro).

Sexo, atividade–passividade e uso de preservativos

Para ambos, o sexo é importante no relacionamento e representa uma das formas de expressão do amor de um pelo outro, mas não representa só isso, uma vez que se pode ter relações sexuais com outras pessoas sem a necessidade de se amá-las, coisa que já experimentaram juntos e em separado. Em um relacionamento de conjugalidade, o essencial é o amor, já no sexo o importante é o desejo e a criatividade, ambos são baseados em sentimentos diferentes, mas *“lo que es importante es lo que está adentro, en el corazón, en lo que uno siente por el otro. El amor se maneja con esto [o coração] y no con esto de abajo [o genital]”* (Rolando). E o sexo envolve “lo de abajo solamente”. No que tange aos papéis sexuais, foram sempre versáteis, nunca tendo havido definição rígida de papéis, as coisas foram acontecendo entre eles. Hoje, mantêm-se versáteis e não gostam de se relacionar com pessoas que estabelecem papéis muito estáveis, pois acreditam que sexo é criatividade e disposição para experimentar, assim, *“no hay historias de roles sexuales, siempre fuimos versátiles”* (Alejandro). Em relação ao uso de preservativos, afirmam que mesmo antes de estarem juntos, sempre utilizaram muito mais por uma questão de higiene do que por qualquer outro motivo. Quando começaram a ter relacionamentos com outras pessoas, esse hábito se fortaleceu ainda mais. *“Siempre, hasta entre nosotros hace muchos años que nos hemos acostumbrados a usar preservativos, más que nada por una cuestión de higiene porque por más que uno pueda tratar de prepararse para el momento a veces eso no se da, así que es más higiénico. Y con otras personas siempre, obviamente”* (Alejandro).

Reconhecimento da união e discriminação

Ambos têm grande preocupação com o que pode ocorrer no futuro, afinal eles têm muitos bens em comum e apesar de estar tudo em nome de ambos, há sempre o medo de problemas em relação a estes bens. Já conversaram muito a respeito da união civil que existe na cidade de Buenos Aires. Pensaram em fazê-la algumas vezes, mas acreditam que os avanços legais no reconhecimento da conjugalidade homossexual ainda são muitos restritos e beneficiam apenas a um grupo pequeno de pessoas. *“Hace tiempo que hay unión civil acá en Capital, pero no te sirve, o sea te sirve para decir que estás casado con fulano de tal, pero no te sirve para que puedas heredar, no te sirve para que puedas tener derechos que tienen los otros, a los únicos que les sirven esos derechos de poder tener una obra social de tu marido o*

de tu pareja son los empleados públicos. Yo que no trabajo como empleado público, a mí no me sirve de nada, a Alejandro que no trabaja de empleado público tampoco le sirve de nada” (Rolando). Para eles, um avanço interessante seria a aprovação de uma lei que garantisse a paridade de direitos entre homossexuais e heterossexuais. Sabem da existência de um projeto de lei já encaminhado para seu Congresso Nacional visando o reconhecimento do matrimônio entre pessoas do mesmo sexo e torcem muito por sua aprovação, pois tal representaria um avanço importante para muitas pessoas, incluindo eles mesmos. Afirmam que acham a aprovação do projeto um pouco complicada devido à enorme força da Igreja Católica e do preconceito contra os homossexuais na Argentina. Relataram que nunca sofreram preconceito e discriminação de terceiros, mas se sofreram nunca se deram conta disto. Alejandro, principalmente, acredita que o único preconceito que sofreu foi o oriundo dele mesmo, o que, em suas palavras, o fez mudar muito sua maneira de ser, *“el mayor prejuicio que tuve fue del miedo de que los demás sepan que yo soy gay y me discriminaran y creo que por eso era muy tímido muy introvertido. Después que terminé con mi primer pareja, estuve de novio con una chica, bueno, no sé si novio, salíamos, teníamos sexo, hasta que un día ella me dice que estaba embarazada. Pero era mentira, me quiso asustar para que yo me casara con ella”* (Alejandro).

8. MIGUEL E GERARDO

Miguel

Sua família encontra-se composta por quatro membros: sua mãe, que vive no interior, duas irmãs e um irmão mais velhos. Seu pai já falecera há mais de 15 anos. Todos nasceram na capital, mas Miguel viveu com seus avós em San Luiz até os seis anos de idade, quando volta para Buenos Aires para começar seus estudos. Até então, só havia vivido no campo e somente com seus avós. Afirmam que sua família, apesar de ser católica, nunca seguiu regularmente a religião, assim como ele, que estudou em escola religiosa durante um período de sua vida. Lembra que, mesmo sendo oriundo de uma família de classe média baixa e cheia de conflitos, tanto ele quanto os irmãos chegaram ao nível superior e hoje têm uma vida economicamente mais satisfatória. Nunca teve uma relação muito boa com seu irmão, que também é homossexual, com quem mantém escassos contatos. Desde seus oito ou nove anos de idade, percebeu que se sentia atraído por outros garotos de sua idade. Desejava dividir isso com alguém, mas nunca teve ninguém para conversar a respeito dessa atração. Apesar disso, ele e seu irmão mais velho sempre inventavam histórias e as contavam um para o outro. Tais histórias, sempre tendo como tema a sexualidade, eram brincadeiras. Nunca teriam tido coragem de conversar seriamente a respeito do assunto. Sua primeira experiência sexual foi aos 12 anos, mais ou menos, com um homem muito mais velho, que conheceu casualmente. Depois dessa relação, teve algumas outras experiências sexuais com um tio, também mais velho que ele. Foi um período complicado de muita culpa, falta de aceitação de sua homossexualidade e muita solidão. Teve uma série de problemas de conduta que provocaram algumas mudanças de escola. Começou a trabalhar cedo, aos 16 anos, e um amigo de trabalho, manifestamente gay, o convidou em um final de semana para irem a uma boate com ele; esse foi seu primeiro contato com o universo gay. Depois disso, já aos 17 anos, começou a freqüentar, com alguma regularidade, boates gays, o que nunca lhe gerou problema algum. Nesse momento de sua vida, ele se sentia muito solitário. Embora tivesse alguns amigos, não conseguia estabelecer relações de namoro fixo, o que só veio a

acontecer depois dos 20 anos, namoro esse que durou quase dois anos, marcado pela convivência diária, uma vez que tinham um negócio juntos. Após o final desse relacionamento, passou um tempo sozinho até que conheceu outro rapaz na rua. Eles se encontravam com alguma regularidade, uma vez que moravam perto e faziam um percurso parecido para o trabalho. Dessa convivência e amizade, surgiu um relacionamento estável e uma união que durou mais de 15 anos. Com esse parceiro manteve, também, uma relação comercial, que no início foi próspera, mas que depois passou a gerar problemas, os quais permaneceram até o falecimento de seu companheiro em 1995. Também, durante esse relacionamento, resolveu voltar a estudar, incentivado pela vontade do companheiro e acabaram fazendo faculdade e se formando juntos. Quando do falecimento desse companheiro, teve a companhia de sua mãe e seu companheiro, que passaram um período auxiliando-o. Algum tempo depois, conheceu Gerardo e começaram um relacionamento.

Gerardo

Vindo de uma família muito religiosa, composta por seu pai e sua mãe, ambos pertencentes à uma ordem laica da igreja católica, além de uma irmã mais velha, teve sempre a religião muito presente em sua vida, tanto que durante a infância se imaginava seguindo a carreira eclesiástica. Durante sua infância, mudou-se algumas vezes de cidade. Nasceu em uma cidade muito pequena, no interior do país, depois se mudou para uma cidade um pouco maior, até que aos 10 anos mudou-se para uma cidade da província de Santa Fé. Até sua entrada na escola, teve pouco contato com outras crianças devido à superproteção de seus pais que, antes de tê-lo haviam perdido uma criança ainda durante a gravidez. Essa superproteção fazia com que ele não pudesse sair para brincar com outras crianças, fora do ambiente escolar. Já adolescente, se formou em uma escola secundária técnica, mas afirma que foi um momento difícil de sua vida, fosse por se tratar de um colégio católico conservador fosse pela enorme repressão de sua liberdade individual exercida pelos professores e funcionários da escola. Durante o curso primário, buscava se relacionar com garotas de sua idade. Teve, inclusive, um relacionamento com uma garota de sua classe, que ultrapassou as barreiras da sala de aula, sendo apresentada para sua família como sua namorada. Aos 17 anos, manteve o que chamou de jogos sexuais com um primo um pouco mais novo que ele. Depois disso, se retraiu muito e de certo modo apagou a existência do sexo e da sexualidade em sua vida. Só voltou a ter novas experiências e contatos sexuais depois dos 24 anos de idade, quando teve algumas experiências com troca de carícias e sexo oral com dois homens diferentes, em momentos diferentes, ambos com aproximadamente sua idade. Nunca teve relações sexuais de outra natureza com mulheres ou com homens até conhecer seu companheiro.

O encontro e a relação

Eles se conheceram no antigo trabalho de Miguel, quando um amigo em comum os apresentou, por motivos profissionais. Na época Miguel não morava em Buenos Aires, apesar de ter vivido uma boa parte de sua vida na capital, acabara de perder seu companheiro e estava passando por problemas em seu negócio, que logo depois foi fechado, e com familiares de seu falecido companheiro. Nesse primeiro encontro, conversaram muito e se apaixonaram. Um mês depois que se conheceram, tomaram a decisão de viverem juntos, *“fue algo sorpresivo, de golpe, o seguíamos juntos o nos separamos definitivamente”*

(Miguel). Com isso, Gerardo se mudou para a casa de Miguel e já estavam juntos há 11 anos, quando da entrevista. Trata-se de um relacionamento que é público e conhecido por praticamente todos de seu convívio, uma vez que nenhum dos dois faz questão alguma de manter isso em segredo. Tentam sempre resolver os problemas e conflitos do relacionamento conversando; acham o diálogo essencial para o relacionamento, mas, às vezes, quando se “*enojan*”, optam por fazer silêncio até que a calma retorne e possam conversar novamente. Já pensaram e conversaram muito a respeito da adoção de uma criança; gostam da idéia e a acham um passo possível para o futuro, apesar do preconceito que há e da própria impossibilidade jurídica, mas acreditam que ainda têm outros passos mais importantes para darem juntos como o reconhecimento jurídico de sua união. Para Miguel e Gerardo uma relação de parceria é “*respetar el espacio del otro y respetar la escucha del otro, la diferencia del otro, respetarle y que me respete*” (Gerardo). Coabitar é visto por eles como sendo uma forte característica do modelo heterossexual, que eles reproduzem por não conseguirem cogitar pessoalmente a vivência em outro tipo de modelo, no entanto, acreditam que cada um ter sua casa e espaço sem coabitar é um modelo possível e que deveria ser levado em consideração pela sociedade.

Divisão de tarefas

Em relação à divisão de tarefas, Miguel afirma que nunca houve nenhuma divisão muito precisa nas tarefas de casa entre eles, uma vez que os dois gostam de cuidar das coisas da casa e um do outro. Desse modo, Miguel e Gerardo costumam dividir as tarefas da casa de acordo com a vontade de cada um. Essa divisão engloba desde a limpeza geral da casa, até os cuidados com a alimentação, passando por lavar e passar a roupa. Isso acontece porque eles optaram por não contratar uma faxineira. Além disso, no que tange à divisão e pagamento das contas, ambos afirmam categoricamente que o dinheiro de um é também um bem do outro, assim não há uma divisão matemática de valores, cada um se responsabilizando por parte das contas a pagar. No que tange às compras de supermercado, ambos costumam fazê-las, juntos, sempre que possível.

Sociabilidade e diversão

Miguel afirma que ambos quase nunca saem para se divertir e que isso é causado pelo excesso de atividades e de trabalho que realizam durante toda a semana, mas que, quando têm tempo, gostam de ir a cinemas ou mesmo visitar amigos. No entanto, apesar de gostarem de sair, atualmente, quando dispõem de algum tempo para se divertirem, acabam ficando em casa para descansar já que tanto Miguel e Gerardo desenvolveram o hábito de acordar todo dia cedo mesmo quando não tem atividades pela manhã, o que termina por deixá-los demasiado cansados. Ultimamente, têm freqüentado muito pouco a casa de amigos, algo que faziam com freqüência anteriormente. Atualmente, têm freqüentado mais a casa de parentes de Miguel e de algum conhecido mais íntimo, assim como os recebem também em casa. Mas, o que de mais comum e com maior regularidade têm feito é ir a almoços ou jantares de conhecidos, coisa que ocorre ao menos uma vez na semana. Miguel deixou claro que esses são conhecidos do meio profissional e não amigos, com os quais saem para se divertir.

Amor, fidelidade e “estilo de relação”

Para Miguel e Gerardo, o amor, embora seja um sentimento endereçado à outra pessoa, toma por inteiro aquele que o detém. É um sentimento que só se liga à esfera espiritual, não guardando relação alguma com o sexo ou o corpo, muito embora, possa ser expresso pelo corpo, em carinhos, no cuidado com o outro, e, até mesmo, na forma de sexo. O amor é um conjunto de “coisas” que engloba a liberdade, o respeito, o cuidado, o afeto, a sinceridade e a honestidade de coração. *“Amor es una unión común que no tiene que ver con la relación de fidelidad en cuanto a lo sexual, de tener otro amante u otro conocido. El amor presupone la libertad, tiene que ser libre, no te puede limitar, no hay nada escondido, no hay temores, no hay celos, no hay engaño, no hay necesidad de engañar el otro”* (Miguel). Na concepção de ambos, a fidelidade pode ser subdividida em dois subtipos: a fidelidade sexual e a fidelidade emocional. A primeira difere da fidelidade emocional, pois, enquanto uma está ligada a atividade sexual a outra está ligada a um relacionamento emocional. Nas palavras de Miguel, *“Creo que fue [a fidelidade] siempre un tema importante. Lo que pasa es que para mí la fidelidad tiene un significado especial que tiene que ver con el amor y con una cuestión de espíritu y no con una cuestión de cuerpo o sexo. De todas maneras eso para mí y para mi pareja siempre estuvo claro”*. Gerardo afirma inclusive que a união de ambas sobre o rótulo de fidelidade é uma construção da Igreja Católica que vem somada à identificação da única união reconhecida como legítima pela própria Igreja, que é a união heterossexual. *“El respeto, la fidelidad no son palabras con una definición unívoca, yo creo que son palabras que se adecuan a cada sujeto. Con un piso, pero creo que se adecuan a cada sujeto, yo lo amo, lo respeto de una manera muy profunda a Miguel, entonces siempre lo respeto, por eso yo no intento tener sexo con un mujer o con otro hombre por respeto a él. Yo no creo en la fidelidad, yo creo en el respeto. El amor es el respeto hacia el otro. La fidelidad tiene conotaciones que fueron promovidas de Roma, de la Iglesia Católica Romana”* (Gerardo). Assim, Gerardo opta por chamar a fidelidade emocional de respeito, acompanhado de diálogo sincero e honestidade, o que não implica que não haja a necessidade de às vezes se ter *“algunos secretos pequeños”*. Esses pequenos segredos aos quais ele faz referência estão ligados muito mais à fantasias e alguns desejos do que à prática, uma vez que ambos sempre buscaram se manter sexualmente fiéis. Ambos apontam nas entrevistas que se houver alguma oportunidade pode ocorrer algum relacionamento sexual fora da relação de conjugalidade deles, mas que até o momento tal fato não ocorreu nenhuma vez, assim se tivessem de definir diriam que têm um relacionamento fechado com liberdade para uma abertura.

Sexo, atividade–passividade e uso de preservativos

De acordo com eles, o sexo é um componente essencial na vida de qualquer ser humano. É um elemento constitutivo de homens e mulheres e por isso não deve ser deixado de lado ou omitido. Assim, para Gerardo e Miguel o sexo é um elemento que existe em todos e todas e foi criado com o fim de permitir, além da reprodução, também o gozo e a satisfação pessoal. No que tange à definição de sua sexualidade, Gerardo afirma que não acredita que seja exclusivamente homossexual. Afirma que todas as pessoas têm tanto a homossexualidade quanto a heterossexualidade dentro de si, sendo naturalmente bissexuais, apesar de nunca ter tido relações sexuais com uma mulher. Por vezes sente desejo, mas não o coloca em prática devido ao fato de respeitar seu companheiro. No que tange à frequência das suas relações sexuais, ambos afirmaram serem pouco frequentes e, ainda, que se cuidam muito, sempre

evitando a ocorrência de penetração sem preservativo. Têm um cuidado muito grande entre si e acham isso essencial para o estabelecimento e a manutenção de uma relação de conjugalidade.

Reconhecimento da união e discriminação

Ambos acreditam que os meios de comunicação ainda são muito preconceituosos, especialmente por nunca mostrarem que os casais gays podem ser felizes juntos, assim como por não permitirem uma discussão mais sincera acerca da união entre pessoas do mesmo sexo. Miguel afirma que a ausência desse debate público *“sin engaños”* e honesto auxiliaria no reconhecimento da união homossexual, no entanto acredita que esse reconhecimento tem de ser ampliado. Tal como se apresenta na cidade de Buenos Aires, o reconhecimento da união homossexual é limitante e restritivo, porque não leva em consideração a diversidade e é reconhecido praticamente apenas para os funcionários do Estado. Gerardo lembrou várias vezes, que a união civil de Buenos Aires é ótima e deve ser aperfeiçoada, mas acredita que o ideal seria a aprovação do projeto de matrimônio civil que tramitava no Congresso Nacional argentino. Esse projeto, que pretende equiparar os direitos entre homossexuais e heterossexuais, está sendo aguardado ansiosamente por muitas pessoas e organizações, ressaltou Gerardo, sendo ele uma dessas pessoas, já que pretende se unir matrimonialmente com Miguel. Miguel afirmou que, muitas vezes em sua vida, sofreu preconceito e discriminação, especialmente quando era mais jovem, mas que isso ainda se repete cotidianamente em sua vida, quando, por exemplo, vai buscar trabalho em colégios particulares e é rejeitado por ser homossexual e também por conta da sua idade. *“Después tenemos el prejuicio no por la cuestión de gays sino por la edad para trabajar, sé que nos limitan mucho las discriminaciones que se hacen, las sufrimos también porque eso nos limita mucho para vivir mejor”* (Miguel). Já Gerardo apontou que nunca sofreu preconceito, desconsiderando alguns episódios de preconceito sofridos em seu trabalho e na igreja. Nessas ocasiões, o preconceito estava dirigido ao fato de estar casado com outro homem e não pelo fato de ser homossexual. Ambos acreditam que não sofrem mais preconceitos na vida cotidiana porque conseguem impor respeito às pessoas e especialmente por respeitar todas as pessoas *“uno impone respeto respetando. Sin imponer nada uno dice ‘ése es mi territorio’, con respeto hace el otro”* (Miguel).

9. DAVID E GOLIAS

David

Nasceu em uma cidade do interior do estado do Rio de Janeiro. É o filho mais novo de um casal que não teve educação formal, mas foi alfabetizado. Tem uma irmã mais velha que é lésbica e um irmão mais velho que é travesti. Não segue nenhuma religião, mas se considera espiritualista. Sua infância foi toda nessa cidade do interior, com seu pai sempre muito envolvido com o trabalho e *“ausente da casa”* e sua mãe sendo a *“figura dominante da relação”*. Sua educação primária se deu em colégio particular no qual havia poucos alunos e sua vida nessa época girava em torno da escola, que ficava ao lado de sua casa. *“Meu mundo girava entre a casa e o colégio, era só o que eu fazia. Não tinha muito contato com outras crianças, minha infância foi muito isolada, a não ser pelo contato com as crianças da escola, não tínhamos muito tempo para brincar, nem de recreios eu lembro, então eu era muito tímido, muito solitário, e quando passei para um colégio maior foi um choque horroroso”*. Sempre estudou em

colégios privados, *“uma educação de qualidade sempre foi uma preocupação muito grande de meus pais”*. A mudança de colégio foi um momento muito difícil para ele, pois, *“antes mesmo de eu saber o que era sexualidade eu já era chamado de bicha, de viado, todo mundo debochava”*. Assim, sofreu preconceito e discriminação desde pequeno. Sempre se viu como um homossexual e nunca como um heterossexual, mas sua visão de homossexualidade foi se modificando com o tempo. Na infância e adolescência *“eu tinha uma visão limitada, eu não sabia nem que dois homens se beijavam e muito menos que dois homens pudessem construir um relacionamento. A visão que eu tinha naquela época, muitos anos atrás e em uma cidade do interior, era que eu tinha de ser bichinha, que eu tinha de ser afeminado, que eu tinha de ser mulher, que os caras tinham que me ver como mulher, e não como um homem que gosta de homens. Essa era minha visão, o dia em que eu descobri o contrário foi uma abertura em minha mente”*. David afirmou que desde sua infância sua aparência era mais feminina, ou andrógina, com poucos traços de masculinidade, os quais nunca foram reforçados por ninguém. Sua primeira relação sexual aconteceu por volta de seus 12 anos, com um garoto mais velho que ele. Depois disso, passou a ter relações sexuais esporádicas com outros garotos e com homens casados que eram seus vizinhos. Isso se manteve até seus 17 anos, momento no qual se mudou de cidade para fazer faculdade, indo morar com sua tia. A mudança para longe dos pais foi importante, pois passou a fazer amizades e a sair com esses amigos, no entanto, não modificou seu comportamento em relação a sexualidade. *“Eu ainda era muito limitado, eu não conseguia exercer minha sexualidade e continuei exercendo da mesma maneira que eu exercia quando morava com meus pais, de forma escondida, de forma velada. Aquela coisa, todos desconfiam de sua homossexualidade, mas ninguém tem certeza. Eu buscava sexo fortuito, escondido e sem afeto”*. Quando terminou a faculdade, voltou para a casa dos pais por um curto período e depois se mudou para Brasília a convite de outra tia. Morou com ela por alguns meses até que teve de sair da casa dela quando esta descobriu sua homossexualidade. A partir desse momento, passou a morar só, a trabalhar e a se sustentar sem a ajuda de familiares. Com a mudança para Brasília, passou a sair mais na noite e a frequentar teatro, cinemas e festas, até que aos 22 anos teve seu primeiro namorado, alguns anos mais velho que ele. Desse momento em diante passou a conhecer e a frequentar os espaços gays da cidade. O relacionamento durou mais ou menos um ano e meio e acabou por conta dos ciúmes de seu namorado e das conseqüentes discussões. Com o fim do relacionamento, passou alguns anos sem querer se envolver emocionalmente com outro homem e passou a frequentar a noite gay de Brasília. Nessas saídas, conheceu um rapaz um pouco mais novo que ele. Começaram a se envolver e após um tempo passaram a morar juntos. O relacionamento durou cinco anos e todos sabiam dele, inclusive sua família. O fim do relacionamento foi traumático e aconteceu, devido a um distanciamento provocado por diferenças de objetivos de vida, *“enquanto um pensava em acumular bens o outro pensava em viver a vida”*. Assim, terminaram e David passou alguns anos sem querer se relacionar emocionalmente, tendo alguns *“casinhos aqui e ali”*, mas nada sério, até que apareceu outro rapaz, com quem iniciou um namoro que durou três anos mais ou menos, e que terminou devido ao excesso de traições de David. Depois disso, conheceu outro homem mais novo que ele e passou a ter um relacionamento sério. Apesar de David não amar seu companheiro, este passou a controlá-lo. David passou a ser uma pessoa diferente, se afastou de seus amigos e passou a viver em função dele. O relacionamento durou três anos até que David terminou por estar se sentindo muito infeliz e trair seu companheiro compulsivamente. Com o fim desse

relacionamento, David passou três anos sozinho, teve alguns relacionamentos curtos, até conhecer Golias.

Golias

É o mais novo do casal. Oriundo de uma família de “classe média”, como ele definiu, Golias tem dois irmãos; um mais velho e outro mais novo, pai e mãe, que vivem em Valparaíso, uma cidade do Distrito Federal. Apesar da extrema liberdade presente na educação dada por seus pais, Golias considera que foi criado dentro de moldes tradicionais, tanto que ninguém de sua família cogitava a possibilidade de um deles ser homossexual. Sua família sempre seguiu a umbanda e Golias ainda hoje segue tal religião. Sempre estudou em colégios particulares até entrar na universidade pública. Na infância foi um garoto solitário; não se enquadrava nas brincadeiras dos irmãos e por morarem em um sítio quase não tinham contato com outras crianças. Na adolescência mudou-se para a cidade com a família e então se manteve solitário, pois *“não me dava muito bem com meus colegas no colégio, porque foi a fase de aceitação de minha homossexualidade, então eu era muito discriminado na escola e o professores não sabiam como lidar com isso, assim como ninguém sabia, então eu fui me excluindo e meu círculo de amizades escolar era sempre muito restrito aos também excluídos: negros, deficientes físicos, lésbicas, gordos, feios. Meu grupo social na escola era o grupo dos excluídos”*. Sua vida social se restringia à sua frequência a escola; não tinha amigos fora do colégio e tampouco saía para se divertir. Nesse período de descoberta e aceitação da homossexualidade, que para Golias aconteceu dos 12 aos 19 anos, o suicídio passou a ser uma idéia recorrente, devido a não aceitação que sentia. *“Foram sete anos de trabalho de aceitação; os últimos dois anos foram mais fáceis. Era mais fácil entender como isso acontecia, o que se passava no mundo gay, mas os primeiros anos foram muito complicados, porque eu não me via como um homossexual, mas também não conseguia me ver como heterossexual”*. Sua primeira experiência sexual aconteceu quando tinha 19 anos, já no final dessa fase de aceitação, foi com um homem de mais ou menos 40 anos que conhecera pela internet. Após essa primeira experiência passou a ter seguidas relações sexuais com outros homens, que na maioria das vezes conheceu pela internet. Até seus 22 anos sempre evitou ter qualquer tipo de contato com o ambiente gay. Evitava ter colegas ou amigos homossexuais, bem como ir à locais de encontro entre gays. Frequentava assim, sempre locais assumidamente heterossexuais com colegas. Depois dos 22 anos assumiu sua homossexualidade na faculdade e passou a estabelecer contato com outros gays e a conhecer lugares de sociabilidade homossexual. Antes de conhecer seu companheiro atual teve dois relacionamentos com homens que conheceu pela internet. O primeiro deles durou cerca de três meses; era com um homem mais velho que ele e foi um relacionamento secreto, ninguém podia saber. No seu segundo relacionamento aconteceu sua *“saída do armário”*, quando começou a contar para amigos mais próximos sobre sua homossexualidade. O *“namoro”* durou cerca de dois anos e meio e foi com um homem de 48 anos que era casado com uma mulher. Três dias depois do final desse relacionamento, Golias conheceu David.

O encontro e a relação

David e Golias se conheceram pela internet, em um *site* de bate-papo. Trocaram algumas mensagens, se interessaram pelo perfil um do outro, mas o que os levou a manter contato foi o fato de

trabalharem em locais próximos. Por conta disso, no mesmo dia marcaram um encontro rápido para se conhecerem pessoalmente. Após esse encontro, David mandou um email para Golias dizendo que o tinha achado “*um gato*”, mas tal email só foi aberto dois dias depois, quando Golias retornou o contato e começaram a ficar juntos. Desde então, já se passaram cinco anos, sendo que a decisão de morarem juntos foi gradual e se deu principalmente devido ao fato de morarem longe e de conflitos de Golias com a família com quem morava, visto que estes não aceitavam sua homossexualidade. Para David, o essencial em um relacionamento é a cumplicidade, o diálogo e a sinceridade. Esses elementos são tão importantes para ambos que mesmo após uma briga e uma rápida separação de uma semana, a vivência pregressa desses fundamentos possibilitou que eles retomassem a relação. A briga aconteceu após a traição de um deles, que resultou em uma crise de ciúmes do outro e na separação. Após uma “*conversa longa e sincera*” (Golias), seguido de um novo acordo de fidelidade, retomaram a relação. As famílias dos dois sabem do relacionamento de ambos e os apóiam, tanto que “*quando brigávamos minha mãe me ligava todo dia dizendo que ia ligar para o David para que resolvêssemos nossa briga. Ela me dizia o tempo todo que eu tinha de voltar para ele e chorava na ligação. Ela realmente nos apoiava. Hoje ela trabalha em uma ONG gay de apoio de pais de homossexuais, assim como meus irmãos, que nos aceitam totalmente. Têm uma relação muito boa com o David, nos conhecem. Meus dois irmãos têm filhos e eu sou padrinho de ambos. Estão ensinando a chamar o David de tio, enfim, eles não terão problemas em falar que eu tenho um companheiro*” (Golias). Já os familiares de David sabem, mas tem uma relação mais distante, não são tão presentes inclusive pelo fato de morarem longe. De uma maneira geral, a família de David aceita, mas mesmo os que não aceitam muito “*nos respeitam e respeitam a nossa relação*”.

Divisão de tarefas

David afirma que a inexperiência de Golias em ter tido qualquer tipo de relação pregressa de coabitação e convivência com outra pessoa e também pelo fato de ele ser mais velho que Golias facilitou muito a convivência entre eles, pois de certo modo Golias se adaptou a seu jeito. Isso não significa que David imponha seu jeito de viver a Golias, muito pelo contrário, eles conversam muito sobre tudo e a coabitação é um elemento essencial para a manutenção da relação de conjugalidade. No que tange à divisão de tarefas da casa, ambos apontam que apesar de não haver uma divisão estanque e pré-estabelecida do que se deve fazer, naturalmente acaba ocorrendo uma diferenciação de tarefas. No caso específico deles, a divisão mais marcante é que David sempre toma a iniciativa para organizar a casa, já Golias é sempre quem faz as compras de supermercado. No que tange a cozinhar geralmente eles preparam as refeições juntos, mas quando um cozinha, o outro sempre lava a louça. As demais tarefas, tais como lavar a roupa, também dependem da iniciativa de cada um, não havendo tarefa exclusiva de apenas um deles. Além disso, eles semanalmente têm o “*auxílio*” de uma faxineira que faz toda a limpeza e a organização da casa deles.

Sociabilidade e diversão

Por época das entrevistas, o casal declarou que vinha saindo muito pouco na noite e menos ainda para se sociabilizar com amigos. David afirma que apesar de sempre ter gostado de ter muitos amigos,

nos últimos tempos tem se sentido carente de amigos. Acredita que isso tenha acontecido devido a um natural distanciamento de seus amigos devido à diferença de idade entre seu companheiro e eles. *“Quando eu estava em meu primeiro relacionamento, éramos um grupo grande e unido, com vários casais, e todo final de semana tinha uma coisa na casa de um, um almoço no domingo na casa do outro. E com o passar do tempo eu perdi isso; eu fui perdendo o contato com o grupo. Outra razão é a diferença de idade, porque meu grupo é completamente diferente do dele. Eu ainda mantive alguns amigos, ele se desligou por completo dos amigos dele. Apesar de tudo, regra geral, a diferença de idade é uma barreira”* (David). Por isso grande parte da diversão deles se dá em casa. *“Estamos muito caseiros, estamos viciados em mini-séries, filmes e programas de TV. Adoramos ficar deitados ali no chão e às vezes ficamos um sábado inteiro, quando a gente pode é claro, mas principalmente no domingo que é quando temos tempo”* (David). O que têm feito com grande frequência é ir à bares e restaurantes para jantar, se encontrar com amigos e se divertir, mas logo voltam para casa. *“Hoje até mesmo ao cinema ou a esses lugares a gente não vai muito. A gente ficou muito caseiro. Às vezes que a gente sai é para ir fazer compras em lojas do shopping, e isso quando a gente está em Brasília, porque a gente viaja muito”* (Golias). Assim, ficam muito em casa e usam a internet como uma maneira de se sociabilizar com outras pessoas, inclusive há um *site* e um blog no qual fazem contato com outras pessoas e contam sobre as aventuras sexuais que realizam. *Sites* e blogs foram e são controlados pelo casal e têm vídeos e fotos deles em suas aventuras. Através desses meios, acabaram fazendo muitos amigos em diferentes locais do país.

Amor, fidelidade e “estilo de relação”

No início do relacionamento, havia um pacto implícito de fidelidade que era respeitado por ambos, mas com o passar do tempo foi sendo rompido gradualmente pelos dois. Quando David descobriu, resolveu ter uma conversa franca com Golias, *“ao invés de fazer um escândalo e me fazer de vítima, pois ele não sabia de mim, eu acho que pela primeira vez eu tive uma atitude madura no relacionamento. Eu cheguei para ele e disse: você aprontou, eu também aprontei. Ele negou, várias vezes, até que eu tive que dizer, como eu tinha descoberto, data, hora, local, o que tinha feito, com quem tinha feito, enfim tudo. Daí conversamos e resolvemos aprontar juntos, decidir a melhor maneira de continuar com essa vontade que a gente tem. Porque eu acho que isso é muito uma característica do homem. Quer dizer, eu não sei se a mulher é geneticamente diferente, ou se ela bloqueia mais isso. Então eu acho isso uma característica dos homens, reforçada pelo meio homossexual”* (David). Depois dessa conversa, chegaram à conclusão que teriam uma relação aberta na qual seria possível a existência de relações sexuais com uma terceira pessoa, desde que esta agradasse a ambos. Diferentemente de Golias, David acredita na possibilidade de estabelecimento de uma relação de amizade com esse terceiro. Uma amizade na qual seja possível ir para além *“da coisa do sexo”* apenas e estabelecer uma *“certa afetividade”*. Para ambos, a fidelidade em um relacionamento existe quando se cumpre com a palavra dada. Assim, se antes existia um pacto de fidelidade implícito no qual eles nunca ficariam com outras pessoas, no atual arranjo, manter a fidelidade é ter relações sexuais apenas com a presença do outro. Ter sexo com um terceiro, sem a presença do companheiro, é que se enquadraria como traição. Desse modo, fidelidade tem relação explícita com a manutenção de um acordo tácito e não faz referência às relações

sexuais. *“Fidelidade eu sinto mais relacionado ao sentimento, e não necessariamente ao sexo. Eu considero que se você está com uma pessoa, você não pode estar com outra, mas esse estar com outra, é estar e se relacionar de maneira mais afetiva e emocional, Só sexo para mim não chega a ser traição”* (Golias). Para ambos, amor é querer estar junto e compartilhar uma vida com o outro, é muito maior que sexo. É sentir saudade se estiver longe. É ter planos em conjunto o tempo todo, *“eu não penso em nada sem ele estar incluído”* (Golias).

Sexo, atividade–passividade e uso de preservativos

Tanto para David quanto para Golias sexo é essencial. A relação sexual é muito importante na vida deles, tanto que só deixam de praticar quando estão muito cansados do trabalho. Além disso, o sexo para ambos não tem relação alguma com o amor. É possível, e para David inclusive, é importante ter afeto na relação sexual, mas não necessariamente amor. Em relação a esse aspecto Golias diverge de David, para ele no sexo não é necessário ter afeto, apenas desejo. No que tange à divisão por papéis sexuais, Golias é exclusivamente ativo, tanto com seu parceiro quanto com terceiros. Já David, que se considera versátil, é sempre passivo com seu companheiro, sendo na maioria das vezes passivo e, algumas vezes, ativo nas relações sexuais com terceiros. Nos relacionamentos anteriores de David, o uso de preservativo dependia da maneira como David definia o relacionamento. Assim, quanto mais estável fosse o relacionamento, menor o uso de preservativo. Nas palavras dele, *“sempre que eu me sinto de certa forma casado, confiando, fazemos o exame e se não dá nada, então não usamos”*. Nas relações sexuais estabelecidas entre eles não há uso de preservativo, somente quando estão com terceiros.

Reconhecimento da união e discriminação

No que tange à discriminação, David aponta que sofreu preconceito e discriminação desde pequeno e que aprendeu com o tempo a lidar com isso. Isso só aconteceu depois que se tornou adulto e passou a se aceitar e viver melhor com sua própria homossexualidade. Golias, tal como David, também ressalta que sofreu muito preconceito quando era criança e adolescente, mas que o pior tipo de preconceito que sofreu foi o próprio, antes de se aceitar, depois disso *“as coisas ficaram mais fáceis”*. Hoje, inclusive no trabalho, Golias afirma que é tratado tal como membro de qualquer casal heterossexual. No momento, eles têm um contrato de união registrado em cartório que foi feito já há alguns anos com o intuito de incluir Golias no plano de saúde de David. Para isso, tiveram que abrir uma conta corrente conjunta em um banco e provar que já viviam na mesma casa. Além desse contrato compraram conjuntamente um apartamento no qual moram e têm um carro, ambos estão registrado no nome dos dois. Em relação ao reconhecimento da união civil, acham essencial e necessário a existência de tal possibilidade, embora particularmente não sintam necessidade de fazerem para si. Golias é bastante crítico sobre a lei de parceria civil que se encontra no congresso já há anos. Para ele o projeto *“é falho, tem vários problemas, principalmente por tentar equiparar muito o casal gay ao casal hétero, eu acho que não é esse o caminho. Eu acho que a gente tem de ter direitos civis, mas não necessariamente ter a instituição do casamento tal como é o casamento heterossexual. Acho que temos outro nível de relacionamento que não pode ser comparado, inclusive não há uma tradição nesse tipo de relação, então eu acho que não temos de seguir os mesmos padrões”*. Essa diferenciação entre as relações

heterossexuais e homossexuais, ao mesmo tempo em que permite que as relações homossexuais sejam “*mais justas*”, porque baseadas em uma convergência de papéis – “*entre os héteros há uma divisão entre provedor e provido, entre chefe de família e membros*” (Golias) deixa a relação entre homossexuais mais frágeis, porque não têm o mesmo peso e apoio social, religioso e familiar que há para os heterossexuais.

10. SALOMÃO E ABRAÃO

Salomão

Educado na religião católica, Salomão não a segue por não crer na Igreja nem nos homens que a dirigem. Ele se define como “católico por herança”; tem suas crenças e se vê mais como um cristão do que como um católico, inclusive porque nunca foi de freqüentar a igreja, assim como sua família não o fazia. É carioca, cresceu e passou grande parte de sua vida no Rio de Janeiro; seu pai cearense conheceu sua mãe carioca no Rio de Janeiro, se casaram e tiveram dois filhos mais ou menos da mesma idade, Salomão e seu irmão que se mudou para a Alemanha há mais de trinta anos. Sua educação formal iniciou-se em uma escola pública no Rio de Janeiro, considerada, na época, de melhor qualidade do que o ensino privado, e se estendeu até sua graduação em uma universidade privada, também no Rio de Janeiro. Na infância, para além do tempo dispensado com seus estudos, na escola e em casa, o restante era preenchido com muita diversão com amigos de escola e vizinhos. Sua adolescência foi pontuada por duas preocupações principais: a primeira dizia respeito à qual curso seguir na universidade - “*nos apresentam um leque de possibilidades, mas não nos ajudam a selecionar qual delas se encaixaria melhor com a gente; acho que todo mundo passa por isso*”; já a segunda se relacionava a seus desejos sexuais por outros rapazes, que estavam despertando - “*you sente alguma coisa, you não sabe o que é, you não sabe se vai em frente ou não, you não sabe o que you faz de sua vida. You gosta de rapazes, de garotos e ao mesmo tempo you se reprime porque aquilo é muito criticado, aquilo é muito estereotipado. Hoje em dia menos, naquela época muito mais*”. Apesar desse conflito, que existia já aos 17 ou 18 anos, ele já tinha bem definido qual era seu desejo e que realmente sentia atração por outros homens, “*a opção já estava feita*”. Suas primeiras experiências sexuais começaram a ocorrer por volta dos 14 anos, com amigos de rua, geralmente “*brincadeiras sexuais*”. Até seus 18 anos, não havia tido relacionamentos de namoro, mas havia tido algumas relações sexuais esporádicas com algumas pessoas que conhecia em locais públicos, como a praia, rua, faculdade, bares ou na casa de amigos. Por volta dos 19 anos de idade, iniciou seu primeiro namoro, o qual se tornaria um relacionamento estável de 10 anos. Eles se conheceram na rua, “*o melhor lugar para se conhecer pessoas, o melhor lugar para se paquerar*” de acordo com Salomão. Após uma rápida troca de olhares, começaram a conversar, trocaram contatos e começaram a se conhecer melhor. Não chegaram a morar juntos, devido a problemas familiares de seu companheiro, no entanto, Salomão estava sempre presente na casa deles. A família de seu companheiro sempre soube do relacionamento entre eles e nunca tiveram problemas com respeito a isso, assim como a família de Salomão. Na verdade, não se tratava de um relacionamento escondido, apesar de seu companheiro às vezes ter algumas restrições quanto a tornar totalmente pública essa relação. O desgaste da relação, a insegurança do parceiro e as traições que começaram a ocorrer de ambas as partes e de maneira continuada, culminou com o fim do relacionamento. Por esse época, Salomão, que havia recebido uma proposta profissional para se mudar de cidade, resolveu aceitar e se mudou para Anápolis,

pondo fim ao relacionamento. Depois dessa mudança, Salomão se envolveu com uma colega de trabalho. Durante esse relacionamento, que durou três anos, Salomão se manteve monogâmico, mas continuava a sentir desejo por outros homens. O final da relação aconteceu quando *“eu comecei a perceber que eu forçava a barra comigo mesmo e de certo modo estava de sacanagem com ela, porque eu levava aquilo sem saber até quando eu agüentaria manter”*. Até porque a coisa estava caminhando para um casamento e Salomão não desejava se casar ou *“brincar com ninguém, nem com os sentimentos dela, nem com os meus”*. Após esse relacionamento, Salomão se mudou para Brasília por motivos profissionais. Fez um grupo de amigos e saía muito na noite. Teve algumas relações sexuais esporádicas com outros homens, sem se envolver em uma relação séria com outro homem até conhecer Abraão.

Abraão

É o mais jovem do casal. Sua mãe portuguesa de nascimento, brasileira de criação, casou-se com um filho de italianos nascido no Brasil e criado no nordeste, assim como ela. Desse casamento nasceram três filhos que cresceram e foram educados com mais três primos, que foram adotados quando do falecimento do pai de Abraão, quando ele tinha 11 anos de idade. Paulistano viveu grande parte de sua vida na cidade de São Paulo, sempre morando em apartamentos e brincando com os irmãos, a maior parte do tempo dentro de casa. É o filho do meio e sua educação primária foi toda realizada em escolas particulares religiosas, em regime de semi-internato. Seu secundário foi realizado em escolas públicas, assim como sua educação superior, que não foi concluída. Sua família sempre foi religiosa, apesar de terem passado por várias religiões, tais como catolicismo, protestantismo, espiritismo e uma rápida passagem pela religião muçulmana, mas durante grande parte de sua infância frequentou templos protestantes. Hoje, no entanto, Abraão não segue religião alguma, mas se considera cristão. Durante a infância, toda sua sociabilidade e diversão era em ambiente familiar, pois tinha poucos amigos e raramente saía para se divertir com os amigos. Já na adolescência começou a fazer mais amigos; saía algumas vezes com eles, mas nunca para a noite. Foi um período um pouco confuso no qual se sentia culpado com os desejos que começava a experimentar por outros garotos de sua idade. Sua primeira relação sexual ocorreu com um amigo do ballet aos 13 anos de idade e que se repetiu algumas outras vezes, no começo apenas com esse colega, depois com outros. No final da adolescência, começou a sair para se divertir na noite, com amigos e amigas do ballet, assim aproveitava as muitas viagens que fazia com seu grupo de ballet para apresentações fora de São Paulo e ia conhecer bares e boates para se divertir. Com 17 anos, Abraão se mudou para Brasília com a família, continuou no ballet e conheceu um rapaz em um shopping, após um de seus ensaios. Iniciaram uma amizade que depois se transformou em um relacionamento que durou três anos. Foi seu primeiro namoro, que veio acompanhado de uma forte preocupação com a revelação do segredo de sua homossexualidade para sua família. Esse relacionamento acabou porque seu namorado conheceu outro homem com o qual se envolveu, e antes que eles brigassem, ele resolveu terminar para poder manter a amizade de Abraão. Depois desse relacionamento, Abraão permaneceu um tempo sozinho, sem se envolver emocionalmente, e passou a sair apenas com os amigos para se divertir e a frequentar reuniões em casa destes. Nestas reuniões conheceu muitas pessoas e se envolveu sexualmente com alguns amigos de amigos, mas evitava se envolver emocionalmente. Depois de um tempo, deixou de fazer parte da companhia de ballet, apesar de continuar a fazer alguns trabalhos

freelance para algumas academias. Passou a trabalhar em outra área que lhe ocupava muito tempo, e foi neste trabalho conheceu Salomão.

O encontro e a relação

Abraão e Salomão se conheceram na rua. Salomão morava e trabalhava em um prédio ao lado do trabalho de Abraão. Sempre que Salomão ia almoçar, acabava passando por Abraão, trocavam olhares, se paqueravam, mas não passavam dessa paquera, até o dia em que Abraão tomou a iniciativa, trocaram algumas palavras, começaram a conversar, trocaram telefones e começaram a se conhecer melhor. O relacionamento já tem mais de 12 anos de duração. No início moravam longe um do outro. Abraão em Taguatinga e Salomão no Plano Piloto. Com o passar do tempo, Abraão passou a ficar mais tempo no apartamento de Salomão que era próximo de seu trabalho e naturalmente, conforme a relação foi se tornando séria, passaram a morar juntos, isso mais ou menos depois de três anos de relacionamento. Eles não têm nenhuma preocupação em manter qualquer tipo de segredo a respeito da sua homossexualidade, ou mesmo de sua relação de conjugalidade, isso desde o começo do relacionamento. Assim, desde o primeiro prédio em que moraram, acreditam *“que todos soubessem; a gente nunca escondeu nada de ninguém. A gente tinha a vida da gente em comum, a casa da gente estava aberta, os vizinhos iam lá, meus pais nos visitavam, ficávamos no mesmo apartamento, dormíamos no mesmo quarto”* (Salomão). A família dos dois sempre soube e apoiou o relacionamento de ambos desde que ficaram sabendo e se conheceram. Abraão aponta que a relação de sua família com Salomão e com ele *“é genial, é sempre muito próxima. Tanto que mamãe liga e sempre deixa um beijo, pergunta como ele está. Quando eu vou à casa dele e ele não vai, ela pergunta como está, porque ele não apareceu, coisas assim. Vejo que ela sempre quer estar junto, sempre quer estar próximo e se sente bem. Tanto meus irmãos quanto mamãe, sempre querem estar juntos e quando podem querem estar perto, respeitam e gostam da gente, de nossa companhia”*. Para ambos, os elementos essenciais para qualquer relação de conjugalidade, inclusive a deles é a sinceridade e o respeito, principalmente o respeito que é o que mantém a estrutura da relação. Coabitar é, também, um elemento importante para eles. Acreditam que através da convivência cotidiana, conseguem cuidar um do outro e de si mesmos melhor, e que isso é essencial para uma relação.

Divisão de tarefas

Nunca houve uma divisão muito explícita das tarefas. Em outras palavras, nunca tiveram uma conversa para fazerem uma divisão do que cada um deveria fazer na manutenção da casa. O que houve foi uma divisão que foi ocorrendo naturalmente, baseada na afinidade deles com as tarefas de casa, sendo que sempre que podiam, faziam as tarefas juntos, *“sempre fazemos as coisas juntos, não tem uma divisão muito marcada, por exemplo, na cozinha tem essa divisão, ele cozinha e eu lavo a louça, porque ele tem mais jeito com o fogão. Eu até gosto de cozinhar, mas como ele tem mais jeito, mais experiência com fogão, ele acaba cozinhando mais e eu lavo a louça, acho que só essa divisão mesmo. Mas mesmo ele cozinhando, sempre fazemos juntos, eu acabo dando palpite quando ele está fazendo algo novo e no final sempre vamos trocando figurinhas”* (Abraão). Além disso, eles mantinham uma faxineira uma vez por semana, para fazer a limpeza mais pesada, restando para eles apenas fazerem a manutenção da limpeza da casa. Geralmente as compras de supermercado eram feitas pelos dois, conjuntamente, podendo, às vezes

um deles ir sozinho e acabar comprando uma ou outra coisa que estivesse faltando, mas isso era uma exceção. No que tange à divisão das contas, esta era baseada no salário de cada um. Desse modo, como Salomão tinha um salário maior, acabava pagando uma parcela maior das contas. Essa divisão sempre foi dialogada, pois acreditavam que o dinheiro que ambos ganhavam era dinheiro do casal, não fazendo qualquer tipo de cálculo individualmente.

Sociabilidade e diversão

A maior parte da diversão deles é feita dentro de casa, sempre se consideraram pessoas muito caseiras. Abraão, quando era mais novo, teve uma fase mais agitada na qual saía muito na noite com os amigos do ballet, mas depois “se aquietou” passando a frequentar mais a casa de amigos. Hoje ambos preferem receber amigos em casa ou ir à casa de amigos, coisa que fazem com grande frequência. No entanto, saem de vez em quando para ir a barezinhos e restaurantes e optam sempre por lugares mais tranquilos e calmos, onde possam conversar com os amigos. *“A gente vai muito a bares e restaurantes com amigos, lugares gays a gente não frequenta muito, a gente não gosta muito de lugar gay, com essa pecha gay, tipo boate, isso não faz a nossa cabeça não. Bar tem um em Brasília que a gente frequenta que não é exclusivamente gay e a gente vai porque a gente gosta, é um lugar agradável. Fora isso, a gente frequenta qualquer lugar”* (Salomão). Eles não gostam muito de frequentar o meio gay, porque o consideram muito cansativo, *“os assuntos não são muito diversificados”*, assim têm um círculo de amigos muito grande e diverso, com gays, lésbicas e muitos heterossexuais. Conheceram a maioria de seus amigos através de vizinhos e vizinhas e os novos amigos passaram a frequentar sua casa e os almoços e jantares que fazem no condomínio em que moram. Acreditam que essa proximidade com seus vizinhos permitiu que eles os vissem como um casal normal com responsabilidades e problemas, em suas palavras, *“as pessoas aqui no prédio encaram a gente como um casal, com trabalho, com responsabilidades, cada um com sua atividade, com família, com tudo que um casal tem, com um apartamento, eles vêm aqui em casa, a gente vai na casa deles, a gente participa de tudo, é um grupo legal, muito bom”* (Salomão). Além disso, ambos usam muito a internet como um espaço para conhecer pessoas e para se divertirem. Possuem um perfil de casal no site “Disponível”, que ambos utilizam, assim como frequentam outros sites.

Amor, fidelidade e “estilo de relação”

Para Abraão, ser fiel é ter a liberdade de falar de maneira sincera de seus desejos e vontades para a pessoa com quem você compartilha uma vida. Assim, ser fiel teria uma ligação direta com a honestidade e a sinceridade em relação tanto a si mesmo quanto em relação ao parceiro. Conseqüentemente, seu oposto, a traição, estaria ligada à mentira, a enganar o parceiro, a uma quebra de confiança. *“Fidelidade é uma coisa muito relativa, acho que você tem de ser real, tem de expressar o que você quer, o que você gosta, o seu desejo. Acho que se você esconde alguma coisa, você não é fiel. Ou se você tem desejos por uma outra pessoa e quer ter algo sozinho com ela e não participa à outra pessoa, esconde o que aconteceu, acho que isso é ser infiel”* (Abraão). Sendo assim, ser fiel seria um dos elementos importantes do que é amor para Abraão que, além disso, agregaria *“estar junto, ser companheiro, é carinho, é sentir falta, é estar próximo, é compartilhar, e é uma coisa espontânea”*. No

que tange ao “*estilo de relação*”, não a definem nem como aberta, nem como fechada, não gostam de rótulos e definir como fechada seria torná-la “*muito careta*”, já definir como aberta seria “*torná-la muito espontânea*”. Preferem dizer que têm uma relação na qual os dois têm liberdade e se sentem à vontade para conversar sobre qualquer coisa, inclusive sobre desejos sexuais com outras pessoas. Assim, tendo essa liberdade para conversar sobre qualquer coisa, é que aconteceu a primeira relação com um terceiro. Estavam em um bar com amigos de ambos quando falaram sobre esse desejo de terem uma relação sexual a três com um desses amigos e este aceitou participar da realização desse desejo. Até hoje eles mantêm essa amizade, no entanto, as relações sexuais com ele cessaram. Após isso passaram a ter outras relações com outras pessoas, elas ocorrem quando há “*alguma situação favorável*”, em outras palavras, ocorrem quando conhecem uma pessoa que aceite participar de uma relação a três, uma vez que sempre se relacionam juntos com outra pessoa ou outro casal, não havendo espaço para relações sexuais sem a presença de seu companheiro. Assim, o essencial para eles é a sinceridade e o diálogo, “*por isso que a gente dá tanta importância, por exemplo, a quando pinta alguma coisa com uma outra pessoa ou com um outro casal em estarmos juntos, para não fazer as coisas escondidos, porque não há porque. A partir do ponto em que nós descobrimos que nós dois gostávamos, desses esquemas, digamos assim, ou dessa fórmula de sexo, não tem porque fazer separado. Porque eu acho interessante fazer quando rola, quando agrada aos dois, quando faz bem aos dois e não quando faz bem só a um de nós, aí não teria nada a ver, daí um não estaria agradando ao outro, não estaria complementando nem a pessoa presente, nem ao casal*” (Salomão).

Sexo, atividade–passividade e uso de preservativos

No que tange à divisão de papéis sexuais, não acreditam em uma divisão a priori, não gostam de limites pré-estabelecidos e nem de se sentirem podados quando o assunto é desejo sexual; acreditam que com diálogo, sem violência e com mútuo acordo o sexo é apenas uma forma de prazer. “*Não há exclusividade, os dois são o que querem ser na hora, o que der na telha na hora rola, sem exclusividade alguma. Uma coisa que eu nunca gostei é quando as pessoas começam com muito não, eu não faço isso, eu não faço aquilo, geralmente isso me levava a não fazer nada com essa pessoa. Quando começam com muitos não é um problema, eu não gosto disso. Sabe, eu sempre pensei que se é para se ter prazer, se é para dar prazer, não dá pra ter muita limitação não. Isso em minha cabeça. Assim, da mesma forma que eu não tenho restrições quanto a papéis sexuais, se é que existem de verdade, eu também não gosto de pessoas que tenham restrições quanto a papéis*” (Salomão). Em relação ao uso de preservativos, tanto Salomão quanto Abraão fazem uso de preservativos nas suas relações sexuais, especialmente quando tem relações sexuais com terceiros.

Reconhecimento da união e discriminação

Acreditam e defendem que tanto heterossexuais quanto homossexuais têm direito a ter sua união reconhecida pelo Estado, mas sabem que no Brasil não há nenhum tipo de legislação que proteja casais homossexuais e esperam que isso mude o mais rápido possível. No que tange ao relacionamento deles, Abraão acredita que se houvesse legislação reconhecendo casais homossexuais eles iriam unir-se legalmente. Afirma inclusive que já conversaram algumas vezes sobre o tema, mas não se sentem

motivados a fazer um tipo de contrato. Em suas palavras, *“não, não, já conversamos sobre isso [fazer contrato], mas não, fazer mesmo ainda não. Temos amigos que estão fazendo, amigos que tem também, mas nunca chegamos ao fato mesmo de fazer, somos inclusive testemunhas de contratos e testamentos de amigos, mas nós mesmos nunca resolvemos fazer, ainda não. Acho que ficamos um pouco relaxados quanto a isso”*. Em relação a preconceitos e discriminação, afirmam não sentir, apesar de acreditarem que sempre haja algum de algumas pessoas, mas sempre de modo omitido. *“Sempre tem algum, mesmo que de modo nivelado, aqui no prédio não existe, pelo menos não com as pessoas que a gente quer bem e que nos são queridas, para nós essas que importam, as outras não nos interessa, inclusive porque não as conhecemos. Então a gente não vê diferença de tratamento, pelo menos não recebe, seja aqui, seja em um restaurante que vamos, seja no emprego, nós dois trabalhamos no mesmo local”* (Salomão).

11. ELIAS E JACÓ

Elias

Carioca, filho de um militar, ele se acostumou desde cedo a morar em várias cidades do Brasil. Até que, aos 22 anos, se mudou com toda sua família para Brasília, onde fixaram residência e vivem até hoje. Tendo um irmão e uma irmã mais velhos, foi o terceiro filho de um casal que hoje vive com ele e com a irmã. Desde criança foi criado dentro da igreja católica. Apesar de não freqüentá-la, considera-se católico, e se antes apenas discordava do posicionamento da igreja católica a respeito da homossexualidade, atualmente se irrita muito com os posicionamentos desta sobre o tema. Na infância estudou em diversos tipos de escolas, acompanhando as constantes mudanças do pai militar, assim freqüentou escolas particulares, escolas de cunho religioso e escolas públicas. Acredita que esse constante deslocamento marcou sua educação e contribuiu para fazê-lo mais adaptável à diversas situações, no entanto impediu que ele desenvolvesse longas amizades, coisa que sempre lhe fez falta. A entrada de Elias na adolescência foi difícil devido ao fato dele ter contraído toxoplasmose e de, por conta da medicação usada, ter adquirido mais de 30 kilos, *“até os 15 anos e um pouco mais, eu fui lutando para emagrecer; passei a ter uma neurose para não engordar mais. Naquele momento foi muito difícil especialmente porque eu estava começando a ter toda uma série de fantasias homossexuais possíveis e eu não sabia como lidar com aquilo. Conversava com meu pai, que sempre foi muito aberto para o diálogo e foi muito bom nesse aspecto. Mas tinha um lado ruim na relação porque eu fiquei muito dividido entre seguir a heterossexualidade, sem sentir nenhum desejo pelo sexo oposto, ou a homossexualidade, envolta em toda uma carga de doença e perversão. Por conta disso, fiquei anos buscando namorar mulheres”*. Em relação às experiências sexuais, iniciei com várias *“pequenas experimentações ingênuas”* com amigos e vizinhos, em torno dos 11 ou 12 anos de idade. Aos 17 ou 18 anos tive minha primeira relação sexual com um rapaz mais novo com quem também tive meu *“primeiro affair”*. Entre seus vários namoros com mulheres, Elias sempre se envolvia com outros homens e de certo modo acabava alternando relações entre homens e mulheres, até que por volta dos 30 anos de idade, ele resolveu dar uma basta nessa alternância e seguir seu desejo de se relacionar exclusivamente com homens. Seus relacionamentos com mulheres duravam no máximo um ano e quando terminavam haviam sempre se tornado uma amizade. Ele teve três relacionamentos com mulheres que marcaram muito sua vida: o primeiro com uma mulher que tinha o dobro de sua idade; o segundo com uma mulher bissexual que se relacionava

alternadamente com ele e com outra mulher; e o terceiro que foi com uma mulher pela qual se apaixonou e com a chegou a sentir vontade de se casar. Além destas, houve outras mulheres com as quais se relacionou, no entanto, estas foram as relações mais longas e mais importantes que teve. Conheceu todas elas em seu trabalho ou por conta dele. No que tange aos homens, nesse período os relacionamentos tinham como foco relações sexuais sempre acompanhadas de muita culpa. O contato com esses homens era estabelecido em saunas e locais de pegação, e sempre que tentava estender esse contato para fora desses ambientes, era impedido pelo outro homem. Seu primeiro relacionamento sério com outro homem aconteceu quando ele tinha mais de 35 anos. Eles se conheceram na cidade de seu companheiro, em uma viagem de turismo. Essa relação durou seis meses e acabou por conta da distância entre as cidades em que moravam, além da grande diferença de idade entre eles. Depois de um tempo sozinho, Elias encontrou, na sauna, um conhecido que já havia despertado seu interesse em um jogo de cartas no passado e que na época tinha um relacionamento. Conversaram e acabaram se envolvendo. Iniciaram um relacionamento que terminou oito meses depois devido à traição desse companheiro, que tinha mais ou menos sua idade. Seu relacionamento posterior também durou em torno de oito meses e terminou devido à incompatibilidade de planos, pois um queria aprofundar a relação e o outro queria novas experiências. Tal relacionamento aconteceu alguns anos depois e a diferença etária entre eles era pequena. Eles se conheceram na sauna e a partir daí começaram o relacionamento. Depois conheceu outro homem pela internet, no *site* de bate-papo, e teve uma relação de um ano, mais ou menos, sobre o qual comentou que *“um amigo de sexo com um algo a mais, nem é um amigo, nem vai se tornar algo mais aprofundado”*. Após algum tempo sozinho Elias conheceu Jacó e iniciaram um relacionamento.

Jacó

Jacó nasceu em Goiânia e teve toda sua educação influenciada pela Igreja Batista, religião seguida de maneira muito próxima por sua mãe, de tal modo que até seus 19 anos pensava seguir a carreira de pastor. Com sua mudança para Brasília em 2001, passou a frequentar reuniões da religião wicca, até que realizou sua formação nessa religião e se tornou sacerdote. *“Parece uma contradição muito grande, mas não, na verdade eu queria ser pastor e me tornei sacerdote, ou seja, de todas as formas eu estou cuidando de alguém. O que mudou foi basicamente o sistema de crenças, acredito que hoje o sistema de crenças que tenho combina mais comigo, com o que acredito e vivo”*. Oriundo de uma família formada por uma mãe viúva, tinha um meio irmão mais velho por parte de mãe com quem cresceu e dois irmãos mais novos por parte de pai, com quem mantinha pequeno contato. Até seus nove anos de idade morou no interior de Goiás, até que seu pai, por motivos profissionais, se mudou para o interior de Tocantins. Lá, sua mãe descobriu que seu pai tinha um caso com outra mulher e eles se separaram. Alguns anos depois, já em sua adolescência, voltou com sua mãe a viver em Goiânia. Com a mudança para Tocantins, sua educação, que até então sempre fora em escolas particulares, passou a se realizar em escolas públicas até sua formatura no ensino médio, quando iniciou um curso superior em Goiânia, não concluído. Em seguida, iniciou um segundo curso superior, desta vez em Brasília, que também não concluiu. Mais tarde, já conhecendo a universidade *“se encontrou profissionalmente, pois até esse momento estava perdido”* e iniciou o curso que sempre teve vontade de realizar e que estava concluindo no momento em que a entrevista foi realizada. No que tange à sua sexualidade, Jacó afirma que *“na*

infância esse fantasma [a homossexualidade] sempre me assombrou porque dizem que eu falava fino, ficava muito com as meninas". Na infância e adolescência teve alguns episódios de "brincadeiras sexuais" que começaram com o irmão mais velho, passaram a acontecer e se repetiram muitas vezes com seus amigos de infância, mas que se tratava de "brincadeiras" sem ligação alguma com uma identidade homossexual. Essas "brincadeiras" provocavam muita culpa, o que levou Jacó a lutar contra isso, vigiando seus pensamentos e buscando apoio na religião, mas conforme o tempo ia passando a culpa ia só aumentando, *"passei a me masturbar e perceber que isso era muito mais difícil quando pensava em mulheres do que em homens, então eu sempre ficava tentando equilibrar as duas coisas ou mesmo forçar a coisa para pensar em mulheres, mas isso não dava muito certo. Eu não namorava, eu estudava muito, dizia que só namoraria depois de me formar e recebia apoio de minha mãe nisso, já meu pai queria me levar ao bordel como fez com meu irmão"*. Sua primeira experiência sexual aconteceu por volta de seus 18 anos, com um garoto de programa, com quem entrou em contato através de um jornal. Afirma que foi uma experiência confusa porque associado ao prazer sentiu também muita culpa. Tentou nesse momento se relacionar sexualmente com uma garota de programa para minimizar a culpa. Muito embora tenha sido uma experiência boa, não era o que realmente desejava. A partir daí passou a ter uma série de relações com homens e mulheres, sempre garotos (as) de programa, até que percebeu que as experiências com mulheres não lhe davam tanto prazer quanto as experiências com homens. Nesse momento também descobriu a internet e passou a conhecer vários homens e a ter diversas relações sexuais com eles deixando de ter relações com mulheres. *"Eu me dizia bissexual, mas quando fui tentar de novo transar com uma mulher, eu broxei total. Daí eu percebi que eu era mesmo homossexual e não bissexual"* isso ocorreu já algum tempo depois de sua primeira relação sexual. Além da internet, passou a frequentar saunas e boates gays. Em um primeiro momento ele ia muito pouco a esses lugares, depois passou a ter maior frequência, mas sempre escondido da família e dos amigos. Nesse período teve seu primeiro namoro com um homem um pouco mais velho que ele que havia conhecido pela internet e que durou cerca de quatro meses. Tratava-se de um relacionamento centrado nas relações sexuais, quase sem troca afetiva, *"não conversávamos sobre nossos problemas e não sabíamos quase nada sobre a vida privada um do outro"*. Seu segundo relacionamento aconteceu com um homem bem mais velho que ele que também conhecera pela internet quando se mudou para Brasília. Esse relacionamento, que durou em torno de seis meses, também tinha como foco as relações sexuais e quase nenhuma troca afetiva. Em uma oportunidade, Jacó tentou conversar com esse homem a respeito da relação e ele disse que tal era *"apenas uma amizade com sexo e nada a mais"*. Durante sua primeira relação a regra era sempre o uso de preservativo, tanto com o parceiro quanto com outros, já a segunda relação era o que nomeou como sendo *bareback* sem uso de preservativo com o parceiro, mas usando com terceiros. O relacionamento terminou e depois de um tempo Jacó conheceu Elias.

O encontro e a relação

Conheceram-se pela internet em um *site* de bate-papo e estabeleceram contato por *Messenger* e posteriormente por telefone. Esses contatos se repetiram muitas vezes até se conhecerem melhor, em razão do receio de Elias de um contato pessoal mais sério devido a diferença de idade entre eles. Entre as diversas conversas e por conta de um trabalho que resolveram fazer juntos, marcaram um encontro para

conversar sobre o assunto e se conhecerem. Depois desse primeiro contato, perceberam que haviam tido interesse mútuo em uma possível relação sexual, apesar de Elias ainda permanecer receoso. Por conta desse laço profissional foram se aproximando e a afeição entre eles foi aumentando. Apesar do receio de Elias em relação à diferença de idade dos dois, o relacionamento se iniciou quase que naturalmente, de maneira muito dialogada e centrada na conversa honesta e sincera, elementos essenciais na opinião dos dois. Apesar de que a coabitação fosse parcial, passavam grande parte do tempo juntos, com Jacó dormindo na casa de Elias, seja por conta do trabalho, seja por conta do relacionamento. Para eles, o próximo passo do relacionamento seria a coabitação integral, coisa que ainda não havia ocorrido devido à necessidade de Elias de morar na casa de seus pais por conta dos problemas de saúde de ambos. O relacionamento entre eles tinha, no momento da entrevista, quase cinco anos de duração, e era do conhecimento da família de ambos, apesar da aceitação ser relativamente problemática por parte da família de Elias, por conta da diferença de idade, e por parte da família de Jacó, por conta da religião. O “casamento” para eles só é possível se houver diálogo para se conhecerem mutuamente, projetos em comum, amor, tolerância e paciência. Nas palavras de Elias *“primeiro tem de sentir que há realmente um gostar, tem de ultrapassar a fase do fogo do sexo que é a fase inicial, ou seja, amor. Tem de ter verdade, uma dose expressiva de verdade, o que não for verdade você tem de ter a disposição de ir tirando do oculto na medida em que for possível. Eu acho que a aceitação de si e do outro tem de estar incluída aí, incluída obviamente pelo diálogo. E no mais, a tolerância com o outro e com seus defeitos através de muita paciência. Eu acho que esses são os elementos essenciais”*.

Divisão de tarefas

No que tange à divisão de tarefas, devido ao fato de morarem separados, quando estão juntos buscam fazer as coisas de maneira conjunta para partilhar da companhia um do outro e também devido ao fato de que ambos dividem as casas onde vivem com outras pessoas e não têm total liberdade para partilhar de uma convivência mais plena. Entretanto, devido à necessidade de realização de uma cirurgia por Elias no ano anterior à essa entrevista, em sua fase de recuperação Jacó passou a freqüentar e conviver de maneira mais integrada a casa de Elias e a sua família. Essa incorporação de Jacó à casa de Elias não foi tranqüila e rápida, mas foi se dando aos poucos e com alguns problemas que hoje já foram solucionados, segundo Elias. No que tange à manutenção financeira, o trabalho e o dinheiro de ambos é gerenciado pelos dois de maneira única, apesar de não morarem juntos. Ambos gostam de cozinhar, mas a maioria das refeições é feita pelos dois em casa ou em restaurantes; Jacó lava mais as roupas e Elias organiza mais as coisas deles, *“ele é mais organizado com nossas coisas, possivelmente coisa da educação e da maturidade dele, mas fazemos todas as coisas, ele arruma e eu arrumo nossas coisas, eu lavo mais roupa do que ele, ele não lida muito bem com isso, mas ele lava mais louças do que eu, não há uma divisão não”* (Jacó).

Sociabilidade e diversão

Semanalmente, Elias e Jacó se reúnem com amigos para jogar cartas. Esses encontros ocorrem sempre às sextas-feiras à noite já há mais de dez anos, variando apenas o local de encontro que é sempre na casa de um dos integrantes do grupo. É um grupo eminentemente masculino e homossexual, composto

basicamente por seis pessoas, mas que variou muito em número, conforme os anos foram passando. Como elementos quase sempre presentes estão Elias e Jacó, outro casal gay, um homem solteiro e um casado sem o companheiro e quase sempre algum amigo desses participantes. Além desses encontros semanais com amigos, Elias e Jacó são apaixonados por cinema e sempre que têm um tempo livre vão. Quando não podem sair, vêem filmes ou séries em casa mesmo. *“Nós dois gostamos muito de filmes e cinemas, então boa parte do tempo a gente está assistindo a um filme ou a um seriado ou ainda saindo para ir ao cinema, acho que essa é nossa principal diversão, mesmo não sendo a única”* (Jacó). Raramente saem na noite, não gostam do ambiente de boates e saunas, apesar de já terem freqüentado muito em outro momento da vida deles antes de se conhecerem.

Amor, fidelidade e “estilo de relação”

Desde o início do relacionamento, Jacó propôs que eles mantivessem uma relação aberta, coisa que desagradou muito a Elias e se tornou no início da relação o estopim de muitas e longas conversas sobre o tema. Como resultado das conversas Elias deixou claro sua posição de que não saberia como agir e nem mesmo como reagiria diante da descoberta de uma experiência extraconjugal de Jacó, especialmente estando envolvido emocionalmente. Apesar disso, estabeleceram que seria um relacionamento aberto. Elias, entretanto, afirma que nunca teve nenhuma experiência extraconjugal, mas que percebe que em alguns momentos Jacó teve e tem suas “escapadas”, mas procura não questioná-lo acerca disso dando espaço para seu companheiro. A existência de uma relação aberta, apesar de incomodar a Elias, serve como um espaço para exercer sua fantasia sem qualquer interesse em torná-la concreta. Diante disso, Elias acessa muitas vezes *sites* de bate-papo e de encontros como o “Disponível” e o “*Manhunt*”, onde ambos têm perfis individuais, e estabelece contato com outros homens sem intenção alguma de trazer esses contatos para fora do mundo virtual. Já Jacó tem eventualmente alguma relação sexual extraconjugal com outros homens, mas respeita o acordo estabelecido entre eles de não comentar com Elias, bem como de não deixar que chegue aos ouvidos dele. No entanto, o essencial para Elias e para Jacó é a manutenção e o cuidado que eles têm um com o outro, assim estão sempre que possível conversando sobre a relação, cuidando do vínculo afetivo. *“Na nossa relação, a gente volta e meia conversa a respeito de como está indo nosso vínculo afetivo, sobre como nós estamos indo, como está nossa afetividade e se está satisfatório para os dois”* (Jacó). Assim, ambos definem o amor como um complexo de sensações e sentimentos que permitem que uma pessoa se abra totalmente para outra pessoa, *“eu considero que o amor é composto de elementos, então acho que existe nele a questão de uma ternura muito presente, muito profunda. Acredito que um olhar de admiração pelo outro, admirar o outro pelo que ele é, pela expressão dele. Tem de haver também uma atenção, não sei se constante, mas uma atenção ao outro, aos movimentos do outro. E, uma busca, um trabalho pessoal de acolhida ao outro em sua vida e em seu coração, e isso tem de ser um trabalho mútuo”* (Elias). No relacionamento deles, a fidelidade faz referência ao amor e a um compromisso estabelecido e cumprido entre ambos no que tange à maneira como tal relação vai se dar entre eles, sem se referir exclusivamente a questão sexual.

Sexo, atividade–passividade e uso de preservativos

Afirmam que o sexo, devido às experiências de seus relacionamentos anteriores, foi assumindo um lugar secundário na relação sem deixar, no entanto, de ser importante. No entanto, não ocupa mais o lugar central da relação entre eles, que tem como eixo a afetividade, a honestidade e o diálogo, como visto anteriormente. *“Eu acho sexo muito bom e eu pretendo fazer sexo até o final de minha vida. Eu acho que é importante, mas não é o mais importante. Eu e o Elias, a gente tem trabalhado muito e inclusive passado um tempo sem fazer muito sexo. Com isso percebi que ele não tem muita importância. Às vezes só o fato de estar abraçado com ele, só pelo fato de estar junto já me dá muito prazer. Então eu acho que não é a coisa mais importante da relação, mas também não dá para ter uma relação com alguém que você não tenha sexo, mas também não é o essencial”* (Jacó). No que tange a divisão em papéis sexuais tanto Elias quanto Jacó afirmaram não gostar de uma definição fechada; se definem como versáteis, entretanto, com o passar do tempo acabou ocorrendo uma divisão mais marcada. No início da relação ambos eram igualmente ativos e passivos, dependia da disposição e do desejo de cada um no momento em que ocorria a relação sexual, mas, com o passar do tempo, Jacó foi assumindo mais o papel de ativo na relação sexual e Elias ocupando o papel de passivo. Já em relação ao uso de preservativo, ambos afirmam que utilizam preservativo em todas as relações sexuais, tanto para proteção da saúde deles, quanto por acharem que garante a higiene da relação sexual.

Reconhecimento da união e discriminação

Acreditam que se pode sofrer preconceito e discriminação de muitas maneiras. Nunca sofreram nenhuma agressão física ou verbal, mas sentem que muitas vezes são tratados de maneira silenciosamente diferente por serem um casal homossexual. Assim, para Elias especialmente, o silêncio das pessoas ao descobrirem a relação deles é um tipo de preconceito, pois as pessoas fogem do assunto e evitam conversar sobre assuntos pessoais que envolvam relações afetivas. *“Não há necessariamente ação ou reação, mas eu percebo que há um afastamento ou distanciamento nas conversas quando as pessoas percebem que há um relacionamento entre nós. Acho que por conta da diferença de idade, mas não tenho certeza”* (Elias). Aqui ele está fazendo referência especialmente aos amigos e contatos profissionais, no entanto Elias não sabe se esse preconceito tem relação com a diferença de idade ou com a igualdade de sexo entre eles. Além disso, há a não aceitação da mãe de Jacó da homossexualidade do filho, *“ela sempre acha que ele está doente e vai ser curado pelo divino espírito santo”* (Elias). No que tange ao reconhecimento da união homoafetiva, eles a defendem, acham essencial que haja a possibilidade das pessoas se unirem, mesmo que elas não queiram se utilizar da legislação. Jacó, diferentemente de Elias, gostaria de ter o relacionamento entre eles reconhecido através de um contrato ou qualquer tipo de documento, já Elias acha que com os avanços já existentes no judiciário eles só precisam informar a família da existência da relação deles, tomando cuidado para que estes não avancem sobre patrimônio por eles construídos e sem ter de recorrer ao aspecto formal de ter um documento dizendo de sua união.

12. SAUL E SIMEÃO

Saul

Nasceu na cidade de Formosa, próximo a Brasília, e sempre morou ali. Sua família era formada por ele e mais três irmãos, sendo um homem mais velho, duas irmãs e ele, o caçula. Seu pai saiu de casa quando Saul tinha 12 anos e teve uma vida muito conturbada, se tornando alcoólatra e tendo mantido relações sexuais com diversas mulheres. Sua mãe mantinha dois trabalhos e se dedicou até sua morte aos filhos. Seu irmão mais velho se casou aos 17 anos e saiu de casa, assim Saul foi criado pela mãe, pelas irmãs e uma empregada. Sua família é muito religiosa e segue o catolicismo, freqüentando muito a igreja. Saul, apesar de batizado, nunca foi muito religioso, até que em 1995 se converteu ao espiritismo e passou a seguir essa religião. Sua infância e adolescência foram tranquilas; sempre estudou e brincou muito e sua principal diversão eram passeios em parques e visitas à fazenda de seu avô. Aos 14 anos começou a trabalhar com o irmão no negócio deste. Durante a adolescência, teve algumas “brincadeiras” com outros homens, *“mas nada que possa dizer que fossem consideradas como relação sexual”*, o que veio a acontecer quando ele tinha 17 anos e foi com uma mulher, com a qual teve uma curta relação de namoro. Antes desse namoro, teve duas namoradas: uma na adolescência, que conheceu em um baile em sua cidade, e uma segunda, que era uma prima, com quem namorou dos 15 aos 17 anos. Com nenhuma delas teve relações sexuais. Aos 26 anos, casou-se com uma mulher e logo depois tiveram uma filha, dois anos depois outra filha, mas, após seis anos de casamento a atração que sempre sentira por homens e que estava adormecida desde o início do casamento retornou. Começou então a procurar diversão em revistas como a *G Magazine* e depois na internet. Nesse período, inclusive, chegou a sair com outro homem, com quem teve relações sexuais. Até que conheceu Simeão em um chat telefônico. Eles se apaixonaram e Saul se separou depois de um casamento de 11 anos. Sua família toda sabe de sua homossexualidade e de seu relacionamento com Simeão. Exceto seu irmão, todos aceitam e respeitam sua sexualidade. Sua mãe soube antes de morrer, pois sua ex-mulher lhe contou. Suas filhas e irmãs também sabem, algumas conversam sobre o assunto sem problemas, outras preferem não conversar, apesar de dizerem que aceitam esse relacionamento.

Simeão

Nascido em Brasília, Simeão nunca morou fora da cidade e nem tem planos de fazê-lo. Simeão tem cinco irmãos, sendo ele e mais três irmãos oriundos do primeiro casamento da mãe e o irmão mais novo que é filho de seu padrasto e de sua mãe. Simeão nunca conheceu seu pai biológico, que logo após seu nascimento abandonou esposa e filhos e desapareceu. Para sustentar a casa, sua mãe saía muito cedo para trabalhar e voltava muito tarde, sendo que a filha mais velha acabou assumindo o papel da mãe na casa, cuidando dos irmãos mais novos. Depois de mais de dez anos do desaparecimento de seu pai, sua mãe casou-se de novo e teve outro filho. Em relação à religião, Simeão afirma ser católico não praticante, nunca seguiu de perto a religião e nem teve nenhum direcionamento familiar, uma vez que sua mãe também não seguia nenhuma religião por não ter tempo. Teve algum contato com o catolicismo quando estava vivendo maritalmente com uma mulher que tinha dois filhos e era muito religiosa. Nesse momento inclusive se batizou, fez a primeira eucaristia e se casou apenas no religioso com essa mulher. A relação de conjugalidade com essa mulher durou quase sete anos, mas o casamento durou apenas um ano, pois Simeão conheceu Saul e eles iniciaram seu relacionamento. Na adolescência, teve seus primeiros contatos com a sexualidade mediados por revistas de pornografia, conversas e “brincadeiras” com amigos, até que

aos 16 anos teve sua primeira relação sexual com uma vizinha e depois aos 18 algumas outras relações sexuais com uma amiga com a qual teve um relacionamento de namoro durante todo o ensino médio. Com o final do ensino médio, começou a estudar para concursos públicos e surgiu um forte questionamento sobre sua heterossexualidade, que se manteve durante um ano mais ou menos, no qual teve algumas experiências sexuais esporádicas com outros homens que conhecia casualmente na rua, em bares ou na locadora. Após esse período de dúvidas, chegou à conclusão de que, apesar de ter gostado dessas experiências sexuais com outros homens, elas não iriam mudar quem ele era, nem sua vida, seguiria sendo heterossexual. Logo depois disso conheceu sua futura esposa e começaram um relacionamento sério que redundou em seu casamento. Tal mulher era viúva, tinha dois filhos e por receber uma pensão do marido falecido optou por não se casar com Simeão. Durante esse relacionamento, Simeão esporadicamente seguiu se relacionando com outros homens em saunas, locais de pegação ou bares gays, mas tais encontros se limitaram às relações sexuais, até que um dia conheceu Saul, por quem se apaixonou e começaram um relacionamento.

O encontro e a relação

O contato entre os dois foi estabelecido por um programa de chat telefônico. Nesse primeiro contato trocaram telefones, conversaram e marcaram um encontro pessoalmente. Esse primeiro encontro foi agendado perto da faculdade em que Simeão estudava e no horário das aulas de mestrado de Saul, uma vez que ambos eram casados e acabou não ocorrendo, mas pela insistência de Simeão o encontro aconteceu. Tanto Saul quanto Simeão afirmam que o primeiro contato visual já foi suficiente para se apaixonarem, no entanto nenhum dos dois ainda pretendia ou tinha em mente a possibilidade de um relacionamento sério com outro homem. Desse modo, ambos continuavam se encontrando para terem relações sexuais até que após um desses encontros corriqueiros Simeão começou a seguir Saul até que Saul percebeu e parou seu carro para conversarem. Na conversa, Simeão se declarou para ele, diz que estava se apaixonando e que nunca tinha pensado que se envolveria emocionalmente com um homem. Saul diz que nunca pensou que isso ocorreria com ele, mas que estava acontecendo também. A partir daí começaram a estreitar ainda mais a relação até que dois meses depois Simeão contou para sua esposa que havia conhecido outra pessoa e tinha se apaixonado. Em meio à uma discussão, Simeão juntou suas coisas e foi embora para a casa de sua irmã. Nesse ínterim Saul e Simeão continuaram se encontrando às escondidas. Depois de um período na casa da irmã, Simeão retomou o relacionamento com sua esposa, até que seu cunhado descobriu a existência de Saul e contou para sua irmã. Após uma nova discussão Simeão se separou definitivamente de sua esposa. Nesse meio tempo, Saul também se separou de sua esposa e eles foram morar juntos em Sobradinho. Três meses depois eles tiveram um desentendimento e Simeão arrumou suas coisas e voltou para casa de sua ex-esposa. Semanas depois, mudou-se novamente para a casa de sua irmã e retomou o relacionamento com Saul. Passaram por um período muito turbulento com muitas idas e vindas. Simeão chegou a sair e voltar para casa de sua ex-esposa umas três vezes nesse momento. Enquanto isso, coisa similar ocorria com Saul. Até que tiveram uma conversa séria, se acertaram e ficaram juntos definitivamente. Sua relação já completou mais de cinco anos. A família de ambos sabe do relacionamento entre eles, no entanto, há uma preocupação especialmente de Simeão com a revelação de sua homossexualidade e conjugalidade para outras pessoas *“para quem eu contei não*

houve [preconceito], porque eu seleciono muito para quem eu vou contar” (Simeão). A base da relação deles é a confiança mútua, o diálogo e a sinceridade. Acham essencial coabitar para que haja um relacionamento de conjugalidade e acreditam que os elementos essenciais para uma relação são, nas palavras de Simeão, “companheirismo, fidelidade, cuidado mútuo, a amizade, muitas vezes o que você não resolve nos problemas do dia-a-dia com uma boa conversa você acaba resolvendo. A gente conversa muito, eu sempre chego e digo do que eu gostei ou não gostei e ele faz o mesmo, não é aquela coisa de cada um com seus problemas, sempre resolvemos juntos os problemas, vamos sentar e vamos decidir juntos o que é melhor para nós. Os dois já mudaram muito por causa de conversas que tiveram, aí entra em questão o se doar para a relação, é muito bonito dizer que viver um relacionamento é lindo, é maravilhoso, mas se você não tem doação, se você não tem reciprocidade, fica faltando muita coisa” (Simeão).

Divisão de tarefas

Não há uma divisão muito clara de tarefas. Cada um se preocupa e se dedica ao que tem mais afinidade. Assim, *“Simeão é mais preocupado com a organização e limpeza da casa e geralmente fica com essas tarefas, apesar de termos uma pessoa que vem semanalmente fazer a limpeza da casa” (Saul).* Já as outras tarefas, como lavar louça, cozinhar e lavar as roupas são tarefas executadas por ambos, para que, desse modo, nenhum dos dois fique sobrecarregado com essa divisão e quando possível se organizam para que possam fazer algumas dessas tarefas juntos. Mas quando acontece de ocorrer uma divisão de tarefas, ela acontece naturalmente, com ambos conversando muito e só fazendo realmente o que têm vontade de fazer. No que tange à divisão de contas, há um acordo que foi feito tendo em mente o valor total das contas, mas sabendo que sempre que necessário há uma nova divisão, pois o dinheiro que recebem é do casal e não de um ou de outro. Desse modo, as contas de cartão de crédito e de celulares cada um paga a sua. O carro, o aluguel e o condomínio da casa onde moram hoje são contas pagas por Simeão. Já o telefone fixo, as contas de energia elétrica, as prestações do apartamento que compraram juntos e as taxas de condomínio de dois lotes que compraram juntos são pagas por Saul. A divisão foi feita para que ambos gastem mais ou menos o mesmo montante e para que sobre valores equivalentes para ambos. Além dessas contas do casal, há contas de Saul com suas filhas que não entram na divisão das contas do casal.

Sociabilidade e diversão

Nem Saul, nem Simeão são pessoas que gostam de sair muito para boates e festas gays; seus locais de diversão e frequência se resumem em grande parte a visitas a casa de amigos e familiares e a receber amigos em casa. Nesse momento do relacionamento deles, grande parte da diversão de ambos está concentrada em ambientes domésticos de sociabilidade, reunindo-se com amigos quase que semanalmente. Nessas reuniões conversam, vêem filmes, bebem e comem. Além dessas atividades, vão algumas vezes a cinemas, grande paixão de Simeão, algumas vezes vão a bares com amigos e muito raramente vão à boates gay. Antes disso, no início do relacionamento tinham curiosidade sobre como era a vida gay e saíram algumas vezes para dançar em boates, mas tinham receio de serem reconhecidos e identificados por pessoas de seu círculo de trabalho ou por familiares, por isso quando podiam sair, iam

em boates gays de Goiânia. Com o tempo, passaram a freqüentar a boate gay de Brasília e alguns bares, já sem medo de se exporem, até que a freqüência foi diminuindo e hoje saem pouco para esses lugares. Nas palavras de Simeão, *“a primeira boate gay que a gente foi, foi em Goiânia. A gente não ia na noite aqui em Brasília, a gente ia para Goiânia. A gente foi várias vezes para Goiânia para ir a boates e bares gays, porque lá ninguém nos conhecia, lá o que eu fizer ou deixar de fazer, se eu beijar, se eu pegar na mão dele, se ele pegar em minha mão, se a gente estiver na boate e se beijar é lá. Com o tempo começamos a pensar, se a gente se encontrar com alguém na boate, subentende-se que se a pessoa está lá é porque ela também é [gay], ou no mínimo está disposta a ver, foi nesse momento que começamos a sair mais para nos divertir e inclusive sair aqui em Brasília. A primeira vez que fomos, fomos com o coração na boca, com medo de encontrar um sobrinho do Saul que é gay também, mas infelizmente a noite aqui em Brasília é muito restrita, tem pouquíssimas opções. Hoje, quando saímos, se for a lugar hetero nos comportamos como amigos, se for em lugar gay não vou me negar a fazer carinhos nele ou ele a fazer em mim, ou ficar nos beijando. Antigamente eu tinha medo de me expor, hoje eu estou mais tranqüilo; acho que você se expõe se você quiser, dentro ou fora do ambiente”* (Simeão). Além dessas atividades, Saul recebe em sua casa ou visita suas filhas semanalmente. Somando-se a isso, pode-se dizer que uma grande parte da sociabilidade deles é feita pela internet, tanto através do *site* do “Disponível”, onde ambos tem um perfil de casal, quanto no Orkut, onde Simeão tem um perfil e Saul não; e ainda em *sites* de bate-papo. Nesse ambiente virtual, estabelecem contatos com outros homens gays casados ou solteiros com o objetivo de construir amizades sejam elas “coloridas” ou não.

Amor, fidelidade e “estilo de relação”

Simeão e Saul afirmam que sexo é uma parte importante do relacionamento deles, mas não é o essencial, afinal de contas *“sexo, com homem ou com mulher você encontra em qualquer lugar, no entanto, os complementos, amor, carinho, cuidado mútuo e respeito é que são difíceis de encontrar”* (Simeão). Além disso, levando-se em conta as experiências deles de relacionamento tanto com mulheres quanto com homens acreditam que o mundo homossexual privilegia muito o sexo em detrimento do afeto, coisa oposta ocorre no mundo heterossexual no qual a esfera da afetividade vem em primeiro lugar e o sexo é apenas um complemento. *“Geralmente, no mundo hétero você vê muito a questão do sentimento primeiro e depois o sexo. Já no mundo homo isso se inverte, é muito sexo e pouco relacionamento, as pessoas priorizam muito isso”* (Saul). Já no relacionamento entre eles o amor é essencial, é como afirma Simeão um sentimento múltiplo e complexo que pode aparecer tanto de maneiras positivas quanto negativas, *“não é só achar o sorriso bonito quando está tudo bem, mas quando a pessoa está brigando com você, te censurando porque quer que você cresça, porque quer cuidar de você. O amor é uma fusão de várias coisas, eu vejo amor no companheirismo que construímos, eu vejo amor na nossa amizade, eu vejo amor quando fazemos sexo, eu vejo amor no estar com ele, naquilo que ele me complementa, naquilo que ele traz para mim, naquilo que ele está disposto a me ajudar e inclusive quando ele está disposto a brigar comigo e a me censurar, o amor está presente no contexto de todos esses sentimentos”*. Somando-se a isso, Saul aponta o respeito e a sinceridade como essenciais para a construção de um relacionamento bem estruturado. No que tange à questão da fidelidade, ambos afirmam que a acham essencial para o relacionamento, mas para eles a fidelidade não se confunde com a

exclusividade sexual e sim com o respeito mútuo e o diálogo sincero e honesto sobre qualquer coisa incluindo o desejo de terem relações sexuais com outras pessoas. Assim, a traição se relaciona com a falta de sinceridade, com a mentira e com o engano do companheiro. Simeão inclusive afirma que já traiu uma vez Saul com sua ex-mulher, *“eu trai ele, não vou mentir para você, trai ele uma vez com minha ex. De repente se eu o tivesse traído com outra pessoa, não seria tão grave, mas foi assim e passei o pão que o diabo amassou por conta disso, porque eu trai ele com a minha ex, eu menti para ele, eu enganei ele, mas nunca trai ele com outro homem, nem tive vontade de fazê-lo”*. No início do relacionamento conversaram sobre relações com outras pessoas, Simeão assumidamente era o que mais sentia desejo de ter relações com mais de uma pessoa. Com o tempo as conversas foram dando espaço à possibilidade de tentarem na prática realizar esse desejo e ambos juntos montaram o perfil no “Disponível” para fazer amizades e conversarem com outros casais de gays. O que no início do relacionamento não passava de espaço para sociabilidade e conversas com o tempo foi se tornando um meio de conhecer pessoas para uma possível experiência a três, o que acabou ocorrendo. A partir da primeira experiência, entraram em acordo para que as experiências só ocorressem com a presença de ambos, assim passaram a procurar outros homens dispostos a terem relações sexuais a três com eles. Hoje já admitem a possibilidade de terem relações sexuais sozinhos com outra pessoa, uma vez que por terem o biotipo diferente é difícil conhecer pessoas que gostem do corpo dos dois, mas essas experiências só acontecem com o conhecimento e a concordância de ambos. *“A nossa relação está embasada, ela é fundada na plenitude da confiança. Se eu quiser fazer alguma coisa, eu faço. Vamos conversar e eu só farei com o consentimento dele, com o conhecimento dele e com a presença dele. Se eu fizer algo, se acontecer algo, ele vai estar dentro de casa, ele vai estar no motel, ele vai estar na casa da pessoa, ele vai estar presente e se ele fizer algo a mesma coisa. Mesmo que um de nós não participe, vai estar presente”* (Saul). Assim, afirmam que têm um relacionamento aberto, baseado no diálogo, no respeito mútuo e na confiança.

Sexo, atividade–passividade e uso de preservativos

Como citado acima, apesar do sexo ser um ponto importante do relacionamento entre eles, não ocupa o lugar central da relação. Tanto Saul quanto Simeão afirmam que não há espaço para divisões de papel sexual no relacionamento deles. Assim, se identificam como homossexuais versáteis e gostam da possibilidade de exercerem diversos papéis inclusive nas relações que podem acontecer com terceiros. *“Nunca houve qualquer divisão sexual entre nós, sempre fomos muito tranquilos em relação a isso. Se hoje eu estou com vontade de ser ativo, serei ativo. Se amanhã eu quero ser passivo, vou ser passivo. Ou ainda se de manhã eu quero ser ativo e de tarde passivo, eu serei as duas coisas. Da mesma forma acontece com ele, tudo vai depender do tesão de cada um, da disposição de cada um e das circunstâncias também. Não há nada predeterminado, sou X ou sou Y apenas”* (Simeão). Quanto ao uso de preservativo, ambos afirmam que não usam quando têm relações apenas os dois, mas que experimentaram usar algumas vezes para sanar a curiosidade de Saul que nunca havia usado. Simeão afirma que a primeira vez na qual tiveram relações sexuais não usaram camisinha, que continuaram não usando entre eles e que não acredita que hoje haja necessidade, além é claro do fato de não estarem habituados. Quando se relacionam sexualmente com um terceiro utilizam a camisinha se há penetração; para sexo oral não a utilizam.

Reconhecimento da união e discriminação

Tanto Saul quanto Simeão defendem o reconhecimento da união entre pessoas do mesmo sexo. Já conversaram várias vezes a respeito e esperam ansiosamente a aprovação de qualquer tipo de lei versando sobre o tema. Enquanto esperam uma possível aprovação de uma lei que garanta direitos para uniões homossexuais, tentam de modo estratégico garantir alguma tranquilidade para seu companheiro, pois possuem bens que foram comprados conjuntamente. Assim, tomaram uma série de medidas legais, tais como: comprar um apartamento em sociedade, com divisão da propriedade em 50% para cada um no contrato; os dois terrenos que possuem estão cada um em nome de um deles; o carro, apesar de estar no nome de Saul, é propriedade de ambos. Essas divisões foram feitas para garantir o direito de ambos, pois todos os bens estão sendo comprados ou foram comprados com a participação de ambos, com o trabalho e o dinheiro de ambos. *“Nessa relação financeira ou de bens, se preferir, por ora teremos de usar o artifício do contrato, pois não há legislação para garantir nossos direitos. Cabe a nós garantir e resolver esses problemas enquanto ainda vivos ou bem de saúde da melhor maneira possível, e a que encontramos até o momento é essa, até porque Saul tem duas filhas que têm direito sobre os bens e eu não quero ter de brigar com elas por conta de dinheiro. Infelizmente, nesse país está faltando uma lei que regulamente nossa situação. O grande problema é que nossos legisladores não estão nem aí, não interessa para eles esse tema. Ainda bem que no Judiciário, de vez em quando, tem sentenças favoráveis à nossa causa, claro que depois de um longo tempo de trâmites do processo na justiça”* (Simeão). Para eles, não há qualquer diferenciação entre relacionamento heterossexual e homossexual nesse aspecto. A base de ambos é o companheirismo e o cuidado mútuo, fazer a diferenciação inclusive na base de leis é preconceituoso e discriminatório. Apesar de ambos nunca terem sofrido preconceito diretamente de outras pessoas, somente de si mesmos quando ainda estavam se adaptando a viver com outro homem, acreditam que sofrem discriminação quando seu direito de cuidar de seu companheiro é dificultado ou mesmo impossibilitado pela lei. *“O fundamento da relação homossexual é o mesmo da relação heterossexual, por isso o direito deveria ser o mesmo”* (Simeão).

13. ISAAC E JUDÁ

Isaac

Oriundo de uma família judia, cresceu tendo um forte contato com essa religião, apesar de que, com o passar do tempo, percebeu que sua família era de uma ala moderna da religião, afinal sempre comeram carne de porco e seus pais trabalhavam aos sábados, comportamentos esses incomuns entre seguidores da tradição judaica. Apesar de sua família ainda seguir o judaísmo, Isaac, com o tempo, foi se afastando da religião e hoje se considera um cristão sem religião. É o filho caçula de uma família grande com pai e mãe ainda vivos, três irmãs e um irmão já falecido. Nasceu no interior de Minas Gerais, em uma cidade pequena, e se mudou com a família para Fortaleza aos seis anos de idade, onde sempre estudou em escolas particulares até se formar na faculdade muito cedo, aos 19 anos de idade. Assim, que se graduou, sua família optou por retornar a sua cidade natal. Isaac os acompanhou, até que aos 20 ou 21 anos recebeu uma proposta de emprego para trabalhar em Brasília e se mudou sozinho para lá. Afirma que sua homossexualidade sempre foi uma questão muito bem resolvida para ele e aberta para sua família; nunca precisou ter segredos ou omitir nada. Sua primeira relação sexual com uma mulher

aconteceu aos seus 12 anos, com uma empregada de sua casa, e se repetiu com outras mulheres até seus 21 anos, quando teve sua primeira relação sexual com um homem, seu primeiro namorado. Antes disso nunca havia tido qualquer tipo de contato sexual com outros homens, apesar de sempre ter tido desejo e ter se masturbado pensando nisso. Essa primeira relação sexual com um homem aconteceu com um homem mais velho que havia conhecido casualmente quando estava passeando em um shopping. Tiveram um relacionamento curto, que não resultou em uma parceria. Depois de algum tempo sozinho, conheceu um homem de sua idade e iniciou um namoro com ele que resultou em coabitação e parceria. Eles se conheceram pela internet em um *site* de bate-papo e logo marcaram um encontro pessoalmente. Depois de um namoro curto, resolveram morar juntos e seu namorado mudou-se para sua casa. O relacionamento durou quatro anos e terminou devido ao flagrante da traição de seu companheiro em sua casa, quando Isaac pretendia fazer uma surpresa para ele voltando do trabalho em um horário diferente do habitual. Logo depois Isaac conheceu Judá. Ficaram um tempo se conhecendo e depois iniciaram um relacionamento.

Judá

Nascido na cidade de Brasília e tendo dois irmãos mais novos, Judá é o primeiro filho de um casal que sempre se denominou como pertencente à religião católica. Apesar disso, sua família era de católicos não praticantes e Judá, a despeito de também se denominar católico, até se tornar adulto freqüentava muito pouco a igreja. Assim, sua educação sempre teve os valores e regras religiosas cristãs como modelo. Com o passar do tempo, passou a procurar outras formas de religiosidade e passou a conhecer algumas religiões afro-brasileiras e hoje se identifica muito mais com esse universo do que com o universo religioso católico. Sua mãe casou-se muito nova, aos 13 anos, e logo teve seu primeiro filho. O relacionamento dela com o pai de Judá durou apenas 14 anos. Sua infância foi tranqüila. Tinha muitos amigos com os quais se divertia muito. Seus principais locais de diversão eram mesmo as brincadeiras em sua casa, na casa de seus amigos ou mesmo na rua. Sempre freqüentou a escola pública, desde o primário até o final de sua educação, sendo que a separação dos pais prejudicou em muito seus estudos. Desde muito jovem, em sua adolescência, devido a separação de seus pais, Judá teve de assumir “*o papel de homem da casa*”, cuja principal responsabilidade era a manutenção da casa e o auxílio com a educação de seus irmãos mais novos. Judá fala que esse período da adolescência foi um momento muito difícil em sua vida, pois sofria com essa responsabilidade por ser muito novo e por não estar preparado de nenhuma maneira para isso. Além disso, seus estudos que foram ficando atrasados e nesse momento da adolescência começou a sentir atração por homens e passou a sentir-se muito culpado e a lutar contra esse desejo. Nessa época tinha poucos amigos em quem poderia confiar o suficiente para poder contar sobre isso, por isso sempre manteve sigilo a respeito do assunto. Por conta dessa atração por homens, estava sempre namorando meninas de sua idade para tentar afastar essa desconfiança das pessoas. E foi por conta disso, que sua primeira relação sexual aconteceu com uma garota de sua idade, por volta de seus 14 ou 15 anos, apesar de sequer lembrar exatamente o nome ou a idade da garota. Geralmente conhecia essas garotas em seu trabalho e o contato inicial acabava se tornando uma relação de paquera, sexo e às vezes namoro, mesmo que, na verdade, fossem relações muito curtas. Aos seus 16 anos, após uma relação sexual, uma de suas parceiras engravidou, então Judá se casou com ela. O casamento foi muito positivo,

pois possibilitou a Judá sair da casa de sua mãe que o sufocava, no entanto Judá não sentia nada além de uma pequena atração física por sua mulher. Assim, após um ano de casamento, Judá se separou afirmando não acreditar que a tenha amado, *“o casamento com ela foi mais uma oportunidade de sair da casa de minha mãe do que amor de verdade”*. Nesse casamento teve uma filha logo aos 16 anos, que hoje já é uma adolescente. Após sua separação, passou a procurar pessoas para um novo relacionamento sério, mas as pessoas, tanto as mulheres, quanto os homens, aparentavam não ter qualquer tipo de interesse na construção desse tipo de relação. Sua primeira relação sexual com um homem aconteceu por volta de seus 18 ou 19 anos, com um homem mais velho, que também tinha conhecido em seu trabalho. No começo sentia muita culpa depois que as relações sexuais com outros homens ocorriam, mas com o tempo foi percebendo que esses seus desejos e relações *“são parte de quem eu sou”*. Sua família e sua filha sabem de sua homossexualidade, mas quando ele conversou com essas pessoas a respeito do assunto teve muitos problemas por acharem que ele se tornaria afeminado. Em suas palavras, *“foi muito difícil, eles achavam que eu iria me tornar um travesti”*. Hoje eles aceitam muito bem a situação. Para além de seu casamento com sua ex-mulher, não conseguiu estabelecer qualquer tipo de relacionamento estável mais duradouro, *“tive algumas relações curtas, mas nada sério”*, até que conheceu Isaac e iniciaram seu relacionamento.

O encontro e a relação

Judá e Isaac estão juntos há cinco anos. Eles se conheceram casualmente em um restaurante. Isaac havia saído para almoçar com seus amigos e durante o almoço houve algumas trocas de olhares, especialmente de Judá em relação a Isaac. Como confessou em outro momento, Isaac não tinha naquele momento qualquer tipo de intenção de se relacionar, acabara de sair de uma relação de conjugalidade que teve um final complicado e na qual havia sido traído e por isso estava como afirmou *“dando um tempo e se divertindo com amigos”*. Assim, durante o almoço, Isaac foi paquerado insistentemente por Judá através de olhares e sem nenhum outro tipo de aproximação. No entanto, na hora em que foi pagar a conta do almoço, Judá acabou conseguindo o telefone de Isaac e no dia seguinte entrou em contato com ele. Através de telefone o contato se estendeu por mais de um mês, Judá sempre insistia em marcar um encontro com Isaac, mas esse sempre desconversava e esse encontro não ocorria até que um dia Judá escreveu uma longa mensagem de SMS explicando o porquê da insistência dele em conversar pessoalmente. Nessa mensagem, que segundo Isaac *“chegou a alcançar cinco páginas do celular”*, Judá literalmente abria seu coração e contava um pouco de sua história, *“dizia que ele tinha sido casado com uma mulher e tinha uma filha de 12 anos, que tinha gostado de minha forma de ser, que eu era másculo e isso agradava a ele, que tinha ouvido parte de minha conversa com meus amigos e gostado do que ouviu e que estava interessado em um relacionamento sério”*. Depois dessa mensagem, Isaac entrou em contato com Judá por telefone e após mais essa conversa resolveram se conhecer pessoalmente. Nesse primeiro encontro, conversaram muito sobre seus gostos, desejos e sobre suas histórias. Os encontros posteriores se sucederam sempre seguidos por muitos contatos por telefones. Até que iniciaram um *“namoro sério”* e três meses depois tiveram sua primeira experiência sexual. Esse *“namoro sério”* se estendeu por alguns meses, até que mais ou menos oito meses após se conhecerem resolveram morar juntos e se *“casaram”*. Não há qualquer interesse ou esforço deles no sentido de manter qualquer tipo de segredo tanto em relação à homossexualidade de ambos quanto no que diz respeito à sua relação de conjugalidade. Assim,

todas as pessoas de seu círculo de contatos sabem da existência da relação entre eles, desde a família de ambos, quanto os amigos e os colegas de trabalho dos dois. A família de Isaac sempre soube de sua homossexualidade e nunca teve problemas com a aceitação de seu companheiro, já a família de Judá no início não aceitou sua homossexualidade, mas com o passar do tempo foi se acostumando com a situação e hoje aceita bem a relação de conjugalidade de Judá. Na relação com seus amigos *“apesar de 90% de nossos amigos serem héteros e casados, eles aceitam e respeitam muito nossa relação, nunca tivemos problemas”* (Isaac). *“No trabalho também nunca tivemos problemas, todos sabem de nós e nos tratam normalmente”* (Judá).

Divisão de tarefas

Isaac e Judá sempre procuraram fazer as coisas de maneira conjunta, mas devido a horários diferentes de trabalho acabaram, com o tempo, estabelecendo algumas divisões das tarefas da casa, mas isso foi acontecendo de maneira natural e sempre foi pautado nos gostos e preferências pessoais. Assim, Isaac que sempre teve mais afinidade e proximidade com a cozinha, por ter saído de casa cedo e ter vivido longe da família, acaba cozinhando e cuidando da limpeza das louças, no entanto isso nunca impediu que Judá o auxiliasse quando fosse possível. Já Judá tem mais afinidade com a limpeza da casa e os cuidados com as roupas, lavando-as e organizando-as nos armários. Nas palavras de Isaac *“nas tarefas domésticas a divisão é, e sempre foi, por afinidade: eu cuido da cozinha e Judá da limpeza da casa e das roupas. A gente foi dividindo assim, com o passar do tempo, desde que a gente passou a viver juntos”*. No que tange às contas, a divisão foi feita levando em consideração vários elementos, tais como o valor dos salários de ambos, a necessidade de Judá auxiliar a família de origem dele e a educação de sua filha. Desse modo, a divisão leva em conta esses vários elementos, assim Isaac cuida das contas que fazem referência a alimentação e ao aluguel da casa onde vivem, já Judá cuida das demais contas, tais como eletricidade, água, gás, telefones. Além disso, há as contas decorrentes da manutenção de bens que eles têm em comum, que são da responsabilidade de ambos.

Sociabilidade e diversão

Tanto Isaac quanto Judá sempre foram pessoas muito caseiras. Não gostam muito da vida noturna e quando têm tempo livre preferem permanecer em casa, descansando ou recebendo amigos, assim grande parte da diversão deles é no espaço doméstico, se não em sua casa, na casa de amigos. Ambos gostam muito de receber amigos em casa. Eles não são em número muito grande, como afirmou Isaac, mas são muito fiéis e sempre que podem os recebem para jantares ou almoços. Quando não podem recebê-los em casa ou não estão dispostos a ir à casa de amigos, eles se reúnem em bares não exclusivamente homossexuais para *“tomar uma bebida, comer algo, jogar conversa fora e se distrair”* (Isaac). Isaac também gosta muito de cinema e gosta muito de ficar assistindo filmes junto com Judá; esta é uma de suas diversões prediletas, tanto é que tem um acervo com mais de 3000 DVDs. Gostam também muito de viajar, por isso, em feriados prolongados ou mesmo nas férias, se puderem, vão para cidades litorâneas para passear, se divertir e relaxar. Além disso, utilizam muito a internet, especialmente Isaac que inclusive tem um perfil no *site* Orkut, no qual se apresenta como casado e mantém um álbum de fotos de suas viagens com Judá e utiliza também o *Messenger* para manter contato com amigos.

Amor, fidelidade e “estilo de relação”

Ambos acreditam que uma relação de conjugalidade tem de ter como elemento central o amor, o diálogo, a compreensão e o cuidado com o outro. Para Isaac e Judá, estes são os pilares que sustentam, mantém firme o “casamento” e permitem que ambos sejam felizes. O amor para eles é um sentimento que você tem em relação a uma outra pessoa e que faz com que esta pessoa te complete em todos os aspectos, te traga felicidade e faça com que você amadureça te ajudando a passar por momentos bons e ruins, nas palavras de Isaac, *“Compartilhar todos os momentos bons e ruins com a pessoa que te completa e te fortalece. Por isso, hoje posso dizer que sou feliz, pois tenho um excelente emprego, um companheiro maravilhoso, amigos de verdade e agradeço a Deus por tudo, inclusive pelas dificuldades que nos ajudaram a amadurecer”*. É um sentimento que Judá nunca tinha sentido até se relacionar com Isaac. Através da relação de conjugalidade entre eles, Judá passou a aceitar melhor sua homossexualidade e amadureceu muito, *“antes de conhecer o Isaac não aceitava muito minha homossexualidade, depois ele me mostrou que pode existir amor entre dois homens”* (Judá). Por conta disso, definem a relação entre eles como sendo uma relação fechada e monogâmica e afirmam não conseguir compreender as pessoas que têm uma relação aberta; acreditam que *“somos monogâmicos; quando há amor não há espaço para uma outra pessoa, não há espaço para um terceiro ou um quarto, como muitos acham espaço. Sou bem careta nesse sentido”* (Isaac). Até porque, como me confidenciou Isaac, seu companheiro, Judá, é muito ciumento e possessivo. Ele, pelo contrário, afirma não ter ciúme algum do companheiro, em suas palavras, *“ele é um pouco ciumento, isso para não dizer muito ciumento. Quando uso algum short curto, ou quando alguém me olha, ele não se controla, eu já não tenho ciúmes”* (Isaac).

Sexo, atividade–passividade e uso de preservativos

O sexo na relação de conjugalidade estabelecido entre eles só faz sentido por haver amor e por estarem comprometidos, não acreditam na possibilidade de fazer sexo sem qualquer tipo de afeto envolvido. Judá inclusive conta que antes de conhecer Isaac passou um tempo sem se relacionar sexualmente com outros homens porque a maioria busca apenas sexo sem qualquer tipo de envolvimento emocional. Em suas palavras, *“antes de conhecer meu amor tentei namorar sério, tentei algumas vezes, porém sem sucesso. As pessoas, especialmente os homens, queriam apenas sexo, pelo menos a maioria. Por isso, acabei ficando um tempo fora do mercado”*. Por conta disso, confiam totalmente na fidelidade sexual um do outro e não usam preservativos em suas relações sexuais que acontecem sempre que há desejo de ambos. No que tange as preferências sexuais de ambos há uma divisão clara entre o desejo deles, assim Isaac é passivo nas relações sexuais e Judá assume sempre o lugar do ativo. Esse comportamento sempre existiu e se tornou mais forte no relacionamento entre eles.

Reconhecimento da união e discriminação

Nenhum dos dois tem contato com qualquer tipo de organização não governamental de defesa de direitos dos homossexuais e se sentem pouco representados. Isaac afirma, *“é um absurdo a inexistência de qualquer tipo de legislação aprovada que garanta direitos aos homossexuais e aos casais formados por pessoas do mesmo sexo”*, e continua, *isso “é um reflexo do preconceito da sociedade contra os*

homossexuais e deveria ser modificado”. Já conversaram muitas vezes sobre a possibilidade de estabelecerem um contrato para garantir direitos para seu companheiro, caso um deles adoça ou morra, fazendo com que tenha certa segurança. Além disso, como já têm alguns bens em comum, essa preocupação é ainda maior, por isso entraram em contato com um advogado e estão elaborando um contrato para terem mais tranquilidade em seu cotidiano. No que tange a terem sofrido algum tipo de preconceito ou discriminação, Judá afirma nunca ter sofrido além do que foi auto-dirigido ou dirigido pela família quando contou para eles sobre sua homossexualidade. Já Isaac afirma que apenas uma vez sofreu agressão verbal por um desconhecido na rua e que ficou muito mal quando isso aconteceu, mas contou apenas para os amigos mais próximos.

ANEXO II
PERFIL DOS CASAIS ENTREVISTADOS EM CUIABÁ

NOME	IDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	IDADE DO COMPANHEIRO	ESCOLARIDADE DO COMPANHEIRO	PROFISSÃO DO COMPANHEIRO	TEMPO DE RELAÇÃO
Murilo	20	Superior (em curso)	Bancário	28	Pós-graduação	Professor	2 anos e meio
Daniel	24	Superior completo	Professor	23	Superior completo	Professor	1 ano
Paulo	29	Superior incompleto	Professor e guia turístico	23	Ensino médio incompleto	Vendedor	2 anos
Rodrigo	31	Pós-graduação	Professor	37	Superior cursando	Técnico em enfermagem	4 anos
André	33	Superior (em curso)	Técnico de enfermagem	29	Ensino médio completo	Funcionário administrativo	1 ano e meio
Marcelo	35	Superior incompleto	Promotor de eventos	30	Pós-graduação	Administrador	10 anos e meio
João	38	Ensino médio completo	Cabeleireiro	37	Ensino médio completo	Cabeleireiro	15 anos
Marcos	42	Superior completo	Professor	28	Superior completo	Bioquímico	6 anos
Rafael	42	Superior completo	Professor	37	Superior completo	Comerciante (dono de bar)	10 anos
Tiago	44	Ensino médio completo	Balconista	41	Ensino médio completo	Gráfico	16 anos

Fonte: Lopes, 2009: 490.

ANEXO III

LEI DE UNIÃO CIVIL DA CIDADE AUTÔNOMA DE BUENOS AIRES.

LEY 1004

Artículo 1°.- Unión Civil: A los efectos de esta ley, se entiende por Unión Civil

- a) A la unión conformada libremente por dos personas con independencia de su sexo u orientación sexual.
- b) Que hayan convivido en una relación de afectividad estable y pública por un período mínimo de dos años, salvo que entre los integrantes haya descendencia en común.
- c) Los integrantes deben tener domicilio legal en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires, inscripto con por lo menos dos años de anterioridad a la fecha en la que solicita la inscripción
- d) Inscribir la unión en el Registro Público de Uniones Civiles.

Art. 2°.- Registro Público de Uniones Civiles: Créase el Registro Público de Uniones Civiles, con las siguientes funciones:

- a) Inscribir la unión civil a solicitud de ambos integrantes, previa verificación del cumplimiento de los requisitos dispuestos en la presente ley.
- b) Inscribir, en su caso, la disolución de la unión civil.
- c) Expedir constancias de inscripción o disolución a solicitud de cualquiera de los integrantes de la unión civil.

Art. 3°.- Prueba: El cumplimiento de los requisitos establecidos en el artículo 1°, a los efectos de proceder a la inscripción de la unión civil, se prueba por testigos en un mínimo de dos (2) y un máximo de cinco (5), excepto que entre las partes haya descendencia en común., la que se acreditará fehacientemente

Art. 4°.- Derechos: Para el ejercicio de los derechos, obligaciones y beneficios que emanan de toda la normativa dictada por la Ciudad, los integrantes de la unión civil tendrán un tratamiento similar al de los cónyuges.

Art. 5°.- Impedimentos: No pueden constituir una unión civil:

- a) Los menores de edad.
- b) Los parientes por consanguinidad ascendiente y descendiente sin limitación y los hermanos o medio hermanos .
- c) Los parientes por adopción plena, en los mismos casos de los incisos b y e. Los parientes por adopción simple, entre adoptante y adoptado, adoptante y descendiente o cónyuge del adoptado, adoptado y cónyuge del adoptante, hijos adoptivos de una misma persona, entre sí y adoptado e hijo del adoptante. Los impedimentos derivados de la adopción simple subsistirán mientras ésta no sea anulada o revocada.
- d) Los parientes por afinidad en línea recta en todos los grados.
- e) Los que se encuentren unidos en matrimonio, mientras subsista.
- f) Los que constituyeron una unión civil anterior mientras subsista.
- g) Los declarados incapaces.

Art. 6°.- Disolución: La unión civil queda disuelta por:

- a) Mutuo acuerdo.
- b) Voluntad unilateral de uno de los miembros de la unión civil.
- c) Matrimonio posterior de uno de los miembros de la unión civil.
- d) Muerte de uno de los integrantes de la unión civil.

En el caso del inciso b, la disolución de la unión civil opera a partir de la denuncia efectuada ante el Registro Público de Uniones Civiles por cualquiera de sus integrantes. En ese acto, el denunciante debe acreditar que ha notificado fehacientemente su voluntad de disolverla al otro integrante de la unión civil,.

Art. 7.- El Poder Ejecutivo dictará las disposiciones reglamentarias para la aplicación de lo establecido en la presente ley en un plazo de 120 días corridos desde su promulgación.

Art. 8 .- Comuníquese, etc.

ANEXO IV

PROYECTO DE LEI DE UNIÃO CIVIL NACIONAL DA ARGENTINA.

PROYECTO DE LEY DE PARTENERIATO Unión civil para parejas de mismo sexo

Disposiciones generales

Artículo 1° – Dos personas del mismo sexo, mayores de 21 años de edad, sin vínculos de parentesco por cosanguinidad o adopción en línea recta o colateral en primero o segundo grado que cohabiten en forma estable o que pretendan hacerlo, podrán inscribirse ante el Registro del Estado Civil y Capacidad de las personas del domicilio de la pareja o de alguno de sus miembros, con las consecuencias que se derivan de la presente ley. No podrá procederse a una nueva inscripción sin la previa cancelación de las preexistentes.

Art. 2° – A los efectos de la presente ley a los miembros de la pareja inscripta se los denominará parteneres y a la unión que constituyan, parteneriato.

Art. 3° – Ninguna de las personas que aspire a constituir un parteneriato podrá estar unido por un vínculo matrimonial, en vigor, a otra persona.

Art. 4° – Modificase el inciso 6° del artículo 166 del Código Civil por el siguiente enunciado:

6. El matrimonio o parteneriato anterior, mientras subsistan.

Nulidad

Art. 5° – Es de nulidad absoluta el parteneriato constituido:

- 1 . Por menores de edad o por personas de distinto sexo.
- 2 . Con los impedimentos de parentesco mencionados por el artículo 1°.
- 3 . Con los impedimentos establecidos por el último párrafo del artículo 1° y por los establecidos por el artículo 3°.

Prueba

Art. 6° – El parteneriato se prueba con el testimonio de registro, copia o certificado extendido por el Registro del Estado Civil y Capacidad de las Personas.

Inscripción

Art. 7° – La pareja que aspire a constituir parteneriato deberá presentarse, previa solicitud conjunta, ante el oficial público encargado del Registro del Estado Civil y Capacidad de las Personas acompañada por dos testigos que, por el conocimiento que tengan de las partes, declaren por su identidad y su habilidad para constituir un parteneriato y provista de la documentación que acredite los datos que se mencionan en el artículo 6°.

Art. 8° – La constitución del parteneriato se consignará en un acta que deberá contener:

- 1 . La fecha en que el acto tiene lugar.
- 2 . En nombre y apellido, edad, número de documento de identidad, nacionalidad, profesión, domicilio y lugar de nacimiento de los comparecientes.
- 3 . El nombre y apellido, número de documento de identidad, nacionalidad, profesión y domicilio de sus respectivos padres si fueren conocidos.
- 4 . El nombre y apellido del cónyuge o partener anterior, cuando alguno de los parteneres haya estado unido en matrimonio o parteneriato.
- 5 . La declaración de los comparecientes de que se constituyen parteneriato.
- 6 . El nombre, apellido, edad, número de documento de identidad, estado de familia, profesión y domicilio de los testigos del acto.
- 7 . Las convenciones patrimoniales si las hubiere.
- 8 . La firma de los intervinientes.

Art. 9° – La disolución del parteneriato se asentará igualmente en un acta que deberá contener:

- 1 . Los datos mencionados en los incisos 1, 2 y 3 del artículo 6°,
- 2 . La declaración de los comparecientes de que aceptan la cancelación,
- 3 . Los acuerdos a los que se refiere el artículo 14.

Art. 10. – El jefe de la oficina del Registro del Estado Civil y Capacidad de las Personas entregará a la pareja inscrita, en forma gratuita, copia del acta de inscripción y de cancelación en cada caso.

Art. 11. – Modificase el artículo 979 del Código Civil al sólo efecto de incluir el inciso N° “11. Las actas de constitución y de cancelación de parteneriato y sus copias”.

Deberes y derechos de las partes

Art. 12. – Los miembros de la pareja se deben mutuamente asistencia y alimentos.

Art. 13. – Los parteneres deben convivir en el lugar que fijen de común acuerdo.

Protección contra la violencia familiar

Art. 13 bis. – Modificase el artículo 1° de la ley 24.417 por el siguiente:

Artículo 1° – Toda persona que sufriese lesiones o maltrato físico o psíquico por parte de alguno de los integrantes del grupo familiar podrá denunciar estos hechos en forma verbal o escrita ante el juez con competencia en asuntos de familia y solicitar medidas cautelares conexas. A los efectos de esta ley se entiende por grupo familiar el originado en el matrimonio, en el parteneriato o en las uniones de hecho.

Régimen patrimonial

Art. 14. – Los bienes adquiridos a título oneroso desde la inscripción, por cualquiera de los integrantes de la pareja, así como el incremento patrimonial obtenido por cualquiera de ellos durante la vigencia de la del parteneriato, se considerarán gananciales en un cincuenta por ciento (50 %) para cada una de las partes.

Art. 15. – Cada uno de los miembros de la pareja tiene la libre administración y disposición de sus bienes propios o gananciales adquiridos con su trabajo personal o por cualquier otro título legítimo.

Art. 16. – Se reputa que pertenecen a los dos miembros de la pareja, en condominio, los bienes respecto de los cuales ninguno de ellos puede justificar la propiedad exclusiva.

Art. 17. – Es necesario el consentimiento de ambos parteneres para disponer o gravar los bienes gananciales cuando se trate de inmuebles, derechos o bienes cuyo registro han impuesto las leyes de forma obligatoria, aportes de dominio o uso de dichos bienes a sociedades, y tratándose de sociedades de personas, la transformación o fusión de éstas. Si alguno de los parteneres negare sin justa causa su consentimiento para otorgar el acto, el juez podrá autorizarlo previa audiencia de las partes.

Art. 18. – Un partener responde por las deudas del otro únicamente con los frutos de los bienes gananciales y propios y solamente cuando las mismas hubieran sido contraídas para solventar gastos de mantenimiento del hogar.

Convenciones patrimoniales

Art. 19. – En el mismo acto constitutivo de parteneriato, o con posterioridad, los parteneres podrán celebrar convenciones que tengan por objeto establecer la separación total o parcial de bienes.

Art. 20. – Las convenciones patrimoniales podrán modificarse en el transcurso del parteneriato.

Art. 21. – Las convenciones y sus modificaciones se otorgarán ante escribano público, juez civil o ante oficial público encargado de la inscripción del parteneriato.

Art. 22. – Serán nulas las convenciones que contengan estipulaciones destinadas a limitar la disposición de bienes propios o a cambiar el orden legal de la sucesión.

Art. 23. – La ausencia de convenciones implica la aplicación del régimen de bienes gananciales.

Bien de familia

Art. 24. – Modificase el artículo 36 de la ley 14.394 por el siguiente enunciado:

Artículo 36: A los fines de esta ley, se entiende por familia la constituida por el propietario y su cónyuge o partener, sus descendientes, o ascendientes o hijos adoptivos; o en defecto de ellos sus parientes colaterales hasta el tercer grado inclusive de consanguinidad que conviven con el constituyente.

Disolución

Art. 25. – El parteneriato se disuelve:

- 1 . Por la muerte de uno de los parteneres.
- 2 . Por declaración judicial de ausente con presunción de fallecimiento de uno de los parteneres.
- 3 . Por la cancelación voluntaria.
- 4 . Por sentencia de cancelación judicial.

Art. 26. – Los parteneres podrán solicitar, en presentación conjunta, la cancelación de la inscripción ante el oficial público encargado del Registro del Estado Civil y Capacidad de las Personas. La cancelación podrá incluir, si los hubiere, los acuerdos que las partes consideren convenientes sobre los bienes gananciales y sobre el derecho de habitación del inmueble en el que tuvo lugar la convivencia.

Art. 27. – Cualquiera de las partes podrá solicitar la cancelación judicial:

- 1 . Cuando concurrieren algunas de las causas enumeradas en los incisos 2, 3, 4 y 5 del artículo 202 y en los artículos 203 y 204 del Código Civil.
- 2 . Cuando una de las partes se opusiera a la cancelación.
- 3 . Cuando existiera acuerdo para la cancelación pero desacuerdo sobre la división de bienes.

Art. 28. – La sentencia de cancelación de parteneriato producirá los efectos establecidos para la separación personal por los artículos 207, incisos 1, 3, 4 y 5; 208, 209 y 211 del Código Civil.

Art. 29. – Todo derecho alimentario cesará si el partener que los percibe contrajere matrimonio, constituyere parteneriato, viviere en concubinato o incurriese en injurias graves contra el otro partener.

Art. 30. – La cancelación judicial se tramitará ante el juez del último domicilio de la pareja o ante el domicilio del partener demandado.

Art. 31. – Los juicios por alimentos deberán intentarse ante el juez que hubiere entendido en la cancelación del parteneriato.

Indemnización por daño

Art. 32. – Modificase el artículo 1.084 del Código Civil por el siguiente enunciado:

Artículo 1.084: Si el delito fuere de homicidio, el delincuente tiene la obligación de pagar todos los gastos hechos en asistencia del muerto y en su funeral; además de lo que fuere necesario para la subsistencia de la viuda o partener sobreviviente e hijos del muerto, quedando a la prudencia de los jueces, fijar el monto de la indemnización y el modo de satisfacerla.

Art. 33. – Modificase el artículo 1.085 del Código Civil por el siguiente enunciado:

Artículo 1.085: El derecho de exigir la indemnización de la primera parte del artículo anterior, compete a cualquiera que hubiere hecho los gastos de que allí se trata. La indemnización de la segunda parte del artículo, podrá ser exigida por el cónyuge o partener sobreviviente y por los herederos necesarios del muerto, si no fueran culpados del delito como autores o cómplices, o si no lo impidieron pudiendo hacerlo.

Derechos sucesorios

Art. 34. – La sucesión del partener fallecido se registrará por las normas previstas por Código Civil, títulos VIII, IX y X, libro IV, sección I, De las sucesiones intestadas, Del orden de las sucesiones intestadas y De la porción legítima de los herederos forzosos, y a tal efecto el partener sobreviviente quedará equiparado a la viuda o viudo.

Pensión por fallecimiento

Art. 35. – Modificase el artículo 53 de la ley 24.241 al solo efecto de incluir el inciso e), con el siguiente contenido:

- e) El partener

Art. 36. – Modificase el inciso a) del artículo 98 de la ley 24.241 por la siguiente redacción:

a) El setenta por ciento (70 %) para la viuda, viudo, partener o conviviente, cuando existan hijos con derecho a pensión.

Art. 37. – Modificase el apartado l del inciso c) del artículo 98 de la ley 24.241 por la siguiente redacción:

l – Si no hubiere viuda, viudo, partener o conviviente con derecho a pensión, el porcentaje de haber de la pensión del o los hijos establecido en el inciso c) se incrementará distribuyéndose por partes iguales el porcentaje fijado en el inciso b).

Obra social

Art. 38. – Modificase el inciso a) del artículo 9º de la ley 23.660 que quedará redactado de la siguiente forma:

a) Los grupos familiares primarios de las categorías indicadas en el artículo anterior. Se entiende por grupo familiar primario el integrado por el cónyuge o partener del afiliado titular; los hijos solteros hasta los veintiún (21) años...

Asignaciones familiares

Art. 39. – Modificase el inciso h) del artículo 6º de la ley 20.714 que quedará redactado de la siguiente forma:

h) Asignación por matrimonio o parteneriato.

Art. 40. – Modificase el artículo 14 de la ley 20.714 que quedará redactado de la siguiente forma:

Artículo 14: La asignación por matrimonio y parteneriato consistirá en el pago de una suma de dinero que se abonará en el mes en que se acredite dicho acto ante el empleador. Para el goce de este beneficio se requerirá una antigüedad mínima y continuada en el empleo de seis meses. Esta asignación se abonará a los dos cónyuges o parteneres cuando ambos se encuentren en las disposiciones de la presente ley.

Art. 41. – Modificase el inciso a) del artículo 15 de la ley 20.714 que quedará redactado de la siguiente forma:

a) Asignación por cónyuge o partener.

Art. 42. – Modificase el inciso h) del artículo 18 de la ley 20.714 que quedará redactado de la siguiente forma:

h) Asignación por matrimonio o parteneriato.

Régimen de las licencias especiales

Art. 43. – Modificase el inciso b) del artículo 158 de la ley 20.744 que quedará redactado de la siguiente forma:

b) Por matrimonio y parteneriato, diez días corridos;

Art. 44. – Modificase el inciso c) del artículo 158 de la ley 20.744 que quedará redactado de la siguiente forma:

c) Por fallecimiento del cónyuge, partener o de la persona con la cual estuviese unido en aparente matrimonio, en las condiciones establecidas en la presente ley, de hijos o de padres, tres días corridos;

Art. 45. – Exhórtase al Poder Ejecutivo a los efectos de se incorpore la institución del parteneriato al decreto 3.413/79, régimen de licencias, justificaciones y franquicias para el personal civil de la administración pública nacional, y para que se lo equipare al matrimonio en los artículos 13, inciso d) y 14, inciso b), apartado 1.

Prohibición de declarar

Art. 46. – Modificase el artículo 242 de la ley 23.984, Código Procesal Penal de la Nación, el cual quedará redactado de la siguiente forma:

Artículo 242: No podrán testificar en contra del imputado, bajo pena de nulidad, su cónyuge, partener, ascendientes, descendientes o hermanos, a menos que el delito aparezca ejecutado en perjuicio del testigo o de un pariente suyo de grado igual o más próximo que el que lo liga con el imputado.

Ley de migraciones

Art. 47. – Modifíquese el artículo 22 de la ley 25.871, el cual quedará redactado de la siguiente forma:

Artículo 22: Se considerará residente permanente a todo extranjero que, con el propósito de establecerse definitivamente en el país, obtenga de la Dirección Nacional de Migraciones una admisión en tal carácter. Asimismo, se considerarán residentes permanentes los inmigrantes parientes de ciudadanos argentinos, nativos o por opción, entendiéndose como tales al cónyuge, partener, hijos y padres. A los hijos de argentinos nativos o por opción que nacieren en el extranjero se les reconoce la condición de residentes permanentes. Las autoridades permitirán su libre ingreso y permanencia en el territorio.

Art. 48. – Comuníquese al Poder Ejecutivo.

ANEXO V

PROJETO DE MATRIMÔNIO CIVIL DA ARGENTINA.

PROYECTO DE LEY SOBRE MATRIMONIO ENTRE PERSONAS DEL MISMO SEXO

El Senado y Cámara de Diputados

ARTICULO 1º.- Modificanse los artículos 166, inciso 5; 171; 172; 188; 206; 212 y 220, correspondientes al Título I - Del matrimonio, de la Sección Segunda - De los derechos en las relaciones de familia, del Libro I - De las personas, del Código Civil, los que quedarán redactados de la siguiente manera:

"Artículo 166. - ...:

5. Tener menos de dieciocho años, alguno de los contrayentes;"

"Artículo 171. - El tutor y sus descendientes no podrán contraer matrimonio con una persona menor que ha tenido o tuviere aquél bajo su guarda hasta que, fenecida la tutela, haya sido aprobada la cuenta de su administración. Si lo hicieran, el tutor perderá la asignación que le habría correspondido sobre las rentas del menor."

"Artículo 172. - Es indispensable para la existencia del matrimonio el pleno y libre consentimiento expresado personalmente por los contrayentes ante la autoridad competente para celebrarlo y exige iguales requisitos y produce idénticos efectos, sean los contrayentes del mismo o de diferente sexo. El acto que careciere de alguno de estos requisitos no producirá efectos civiles aunque las partes hubieran obrado de buena fe, salvo lo dispuesto en el artículo siguiente."

"Artículo 188. - El matrimonio deberá celebrarse ante el oficial público encargado del Registro del Estado Civil y Capacidad de las Personas que corresponda al domicilio de cualquiera de los contrayentes, en su oficina, públicamente, compareciendo los futuros esposos en presencia de dos testigos y con las formalidades legales. Si alguno de los contrayentes estuviere imposibilitado de concurrir, el matrimonio podrá celebrarse en el domicilio del impedido o en su residencia actual, ante cuatro testigos. En el acto de la celebración del matrimonio, el oficial público leerá a los futuros esposos los artículos 198, 199 y 200 de este Código, recibiendo de cada uno de ellos, uno después del otro, la declaración de que quieren respectivamente constituirse en cónyuges, y pronunciará en nombre de la ley que quedan unidos en matrimonio. El oficial público no podrá oponerse a que los esposos, después de prestar su consentimiento, hagan bendecir su unión en el mismo acto por un ministro de su culto."

"Artículo 206. - Separados por sentencia firme, cada uno de los cónyuges podrá fijar libremente su domicilio o residencia. Si tuviese hijos de ambos a su cargo se aplicarán las disposiciones relativas al régimen de patria potestad. Los hijos menores de 5 años quedarán a cargo de la madre, salvo causas graves que afecten el interés del menor. En casos de matrimonios constituidos por ambos cónyuges de sexo femenino, el juez resolverá teniendo en cuenta el interés del menor. Los mayores de esa edad a falta de acuerdo de los cónyuges, quedarán a cargo de aquel a quien el juez considere más idóneo. Los progenitores continuarán sujetos a todas las cargas y obligaciones respecto de sus hijos."

"Artículo 212. - El cónyuge que no dio causa a la separación personal, y que no demandó ésta en los supuestos que prevén los artículos 203 y 204, podrá revocar las donaciones hechas al otro cónyuge en convención matrimonial."

"Artículo 220.- ...:

1. Cuando fuere celebrado con el impedimento establecido en el inciso 5 del artículo 166. La nulidad puede ser demandada por el cónyuge incapaz y por los que en su representación podrían haberse opuesto a la celebración del matrimonio. No podrá demandarse la nulidad después de que el cónyuge o los cónyuges hubieren llegado a la edad legal si hubiesen continuado la cohabitación, o, cualquiera fuese la edad, tuvieren hijos en común;"

ARTICULO 2º.- Modificase el artículo 144, inciso 1 correspondiente al Título X - De los dementes e inhabilitados, de la Sección Primera - De las personas en general, del Libro I - De las personas, el que quedará redactado de la siguiente manera:

"Artículo 144.- ...:

1. Su cónyuge, mientras no estén separados personalmente o divorciados vincularmente."

ARTICULO 3º.- Modificanse los artículos 264, inciso 2; 264 ter; 287; 291; 294; 296 y 307 correspondientes al Título III - De la patria potestad, de la Sección Segunda - De los derechos en las

relaciones de familia, del Libro I - De las personas del Código Civil, los que quedarán redactados de la siguiente manera:

"Artículo 264. - ...:

2. En caso de separación de hecho, separación personal, divorcio vincular o nulidad de matrimonio, al cónyuge que ejerza legalmente la tenencia, sin perjuicio del derecho del otro de tener adecuada comunicación con el hijo y de supervisar su educación."

"Artículo 264 ter.- En caso de desacuerdo entre los padres, cualquiera de ellos podrá acudir al juez competente, quien resolverá lo más conveniente para el interés del hijo, por el procedimiento más breve previsto por la ley local, previa audiencia de los padres con intervención del Ministerio Pupilar. El juez, podrá aun de oficio, requerir toda la información que considere necesaria, y oír al menor, si éste tuviese suficiente juicio, y las circunstancias lo aconsejaren. Si los desacuerdos fueren reiterados o concurriere cualquier otra causa que entorpezca gravemente el ejercicio de la patria potestad, podrá atribuirlo total o parcialmente a uno de los padres o distribuir entre ellos sus funciones, por el plazo que fije, el que no podrá exceder de dos años."

"Artículo 287.- Los padres tienen el usufructo de los bienes de sus hijos matrimoniales, o de los extramatrimoniales voluntariamente reconocidos, que estén bajo su autoridad, con excepción de los siguientes:..."

"Artículo 291.- Las cargas del usufructo legal de los padres son:..."

"Artículo 294.- La administración de los bienes de los hijos será ejercida en común, por los padres cuando ambos estén en ejercicio de la patria potestad. Los actos conservatorios pueden ser otorgados indistintamente por cualquiera de los padres. Los padres podrán designar de común acuerdo a uno de ellos administrador de los bienes de los hijos, pero en ese caso el administrador necesitará el consentimiento expreso del otro para todos los actos que requieran también la autorización judicial. En caso de graves o persistentes desacuerdos sobre la administración de los bienes, cualquiera de los padres podrá requerir al juez competente que designe a uno de ellos administrador."

"Artículo 296.- En los tres meses subsiguientes al fallecimiento de uno de los cónyuges, el sobreviviente debe hacer inventario judicial de los bienes del matrimonio, y determinarse en él, los bienes que correspondan a los hijos, so pena de no tener el usufructo de los bienes de los hijos menores."

"Artículo 307.- Ambos padres o alguno de ellos quedan privados de la patria potestad:..."

ARTICULO 4°.- Modificanse los artículos 324; 326 y 332 correspondientes al Título IV - De adopción, de la Sección Segunda - De los derechos en las relaciones de familia, del Libro I - De las personas del Código Civil, los que quedarán redactados de la siguiente manera:

"Artículo 324.- Cuando la guarda del menor se hubiese otorgado durante el matrimonio y el período legal se completara después de la muerte de uno de los cónyuges podrá otorgarse la adopción al sobreviviente y el hijo adoptivo lo será del matrimonio."

"Artículo 326.- El hijo adoptivo llevará el primer apellido del adoptante, o su apellido compuesto si éste solicita su agregación. Si los adoptantes fueran cónyuges, de un mismo o de distinto sexo, y no hubiere acuerdo acerca de que apellido llevará el adoptado y si ha de ser compuesto, cómo se integrará, los apellidos se ordenarán alfabéticamente. Todos los hijos han de llevar el apellido y la integración compuesta que se hubiera decidido para el primero de los hijos adoptados. En todos los casos podrá el adoptado después de los dieciocho años solicitar la adición del apellido compuesto de sus padres."

"Artículo 332.- La adopción simple impone al adoptado el apellido del adoptante, pero aquél podrá agregar el suyo propio a partir de los dieciocho años. El cónyuge sobreviviente adoptante podrá solicitar que se imponga al adoptado el apellido de su cónyuge premuerto si existen causas justificadas."

ARTICULO 5°.- Modificanse los artículos 354; 355; 356; 360 y 363 correspondientes al Título VI - Del parentesco, sus grados; y de los derechos y obligaciones de los parientes, de la Sección Segunda - De los derechos en las relaciones de familia, del Libro I - De las personas del Código Civil, los que quedarán redactados de la siguiente manera:

"Artículo 354.- La primera línea colateral parte de los ascendientes en el primer grado, es decir, de cada uno de los padres de la persona de que se trate, y comprende a sus hermanos y hermanas y a su posteridad."

"Artículo 355.- La segunda, parte de los ascendientes en segundo grado, es decir, de cada uno de los abuelos de la persona de que se trate, y comprende al tío, el primo hermano, y así los demás."

"Artículo 356.- La tercera línea colateral parte de los ascendientes en tercer grado, es decir, de cada uno de los bisabuelos de la persona de que se trate, y comprende sus descendientes. De la misma

manera se procede para establecer las otras líneas colaterales, partiendo de los ascendientes más remotos."

"Artículo 360.- Son hermanos los que resultan de los mismos padres. Son medio hermanos los que proceden sólo un mismo padre, difiriendo en el otro ascendiente."

"Artículo 363.- El parentesco por afinidad es el vínculo que une a cada uno de los cónyuges con los consanguíneos del otro. El cómputo de líneas y grados determina la proximidad del parentesco por afinidad y se realiza por analogía con el parentesco por consanguinidad."

ARTICULO 6º.- Modificanse los artículos 476 y 478 correspondientes al Título XIII - De la curatela, de la Sección Segunda - De los derechos en las relaciones de familia, del Libro I - De las personas del Código Civil, los que quedarán redactados de la siguiente manera:

"Artículo 476.- El cónyuge es el curador legítimo y necesario de su consorte, declarado incapaz."

"Artículo 478.- Los ascendientes son curadores de sus hijos solteros, divorciados o viudos que no tengan hijos mayores de edad que puedan desempeñar la curatela."

TITULO COMPLEMENTARIO

ARTICULO 7º.- Modificanse los artículos 940; 1080; 1217, inc.3; 1.807, inc. 2; 2560; 2953; 3292; 3454; 3576 bis; 3664; 3969; 3970 y 4031 del Código Civil, los que quedarán redactados de la siguiente manera:

"Artículo 940.- El temor reverencial, o el de los descendientes para con los ascendientes, el de cónyuge para con el otro, o el de los subordinados para con su superior, no es causa suficiente para anular los actos."

"Artículo 1080.- El cónyuge y los padres pueden reclamar pérdidas e intereses por las injurias hechas al cónyuge declarado incapaz y a los hijos."

"Artículo 1.217.-...:

3. Las donaciones que un futuro cónyuge hiciere al otro;

"Artículo 1.807.-...:

2. El cónyuge, sin el consentimiento del otro, o autorización suplementaria del juez, de los bienes raíces del matrimonio;"

"Artículo 2.560.- El tesoro encontrado por uno de los cónyuges en predio del otro, o la parte que correspondiese al propietario del tesoro hallado por un tercero en predio de uno de los cónyuges, corresponde a ambos como ganancial."

"Artículo 2.953.- El uso y la habitación se limitan a las necesidades personales del usuario, o del habitador y su familia, según su condición social." La familia comprende el cónyuge y los hijos, tanto los que existan al momento de la constitución, como los que naciesen o fuesen adoptados después y además las personas que a la fecha de la constitución del uso o de la habitación vivían con el usuario o habitador, y las personas a quienes éstos deban alimentos."

"Artículo 3.292.- Es también indigno de suceder, el heredero mayor de edad que es sabedor de la muerte violenta del autor de la sucesión y que no la denuncia a los jueces en el término de un mes, cuando sobre ella no se hubiese procedido de oficio. Si los homicidas fuesen ascendientes o descendientes, cónyuge, o hermanos del heredero, cesará en éste la obligación de denunciar."

"Artículo 3.454.- Los tutores y curadores, interesados en la sucesión y los padres por sus hijos, pueden pedir y admitir la partición pedida por otros."

"Artículo 3576 bis.- La viuda que permaneciere en ese estado y no tuviere hijos, o que si los tuvo no sobrevivieren en el momento en que se abrió la sucesión de los suegros, tendrán derecho a la cuarta parte de los bienes que le hubiesen correspondido a su cónyuge en dichas sucesiones. Este derecho no podrá ser invocado por la mujer en los casos de los artículos 3573, 3574 y 3575."

"Artículo 3.664.- El escribano y testigos en un testamento por acto público, sus cónyuges, y parientes o afines dentro del cuarto grado, no podrán aprovecharse de lo que en él se disponga a su favor."

"Artículo 3.969.- La prescripción no corre entre cónyuges, aunque estén separados de bienes, y aunque estén divorciados por autoridad competente."

"Artículo 3.970.- La prescripción es igualmente suspendida durante el matrimonio, cuando la acción de uno de los cónyuges hubiere de recaer contra el otro, sea por un recurso de garantía, o sea porque lo expusiere a pleitos, o a satisfacer daños e intereses."

"Artículo 4.031.- Se prescribe también por dos años, la acción de nulidad de las obligaciones contraídas por los menores de edad y los que están bajo curatela. El tiempo de la prescripción comienza a correr, en los primeros, desde el día en que llegaron a la mayor edad, y en los segundos, desde el día en que salieron de la curatela."

ARTICULO 8°.- Deróganse los artículos 361; 1.226; 1.808, inc. 1; 3.334 y 3454 del Código Civil.

ARTICULO 9°.- Comuníquese al Poder Ejecutivo.

ANEXO VI

PROJETO DE LEI DE PARCERIA CIVIL REGISTRADA DO BRASIL.

PROJETO DE LEI Nº 1.151

Disciplina a união civil entre pessoas do mesmo sexo e dá outras providências. O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º - É assegurado a duas pessoas do mesmo sexo o reconhecimento de sua união civil, visando a proteção dos direitos à propriedade, à sucessão e dos demais assegurados nesta Lei.

Art. 2º - A união civil entre pessoas do mesmo sexo constitui-se mediante registro em livro próprio, nos Cartórios de Registro de Pessoas Naturais.

§ 1º - Os interessados e interessadas comparecerão perante os oficiais de Registro Civil exibindo:

I - prova de serem solteiros ou solteiras, viúvos ou viúvas, divorciados ou divorciadas;

II - prova de capacidade civil plena;

III - instrumento público de contrato de união civil.

§ 2º - O estado civil dos contratantes não poderá ser alterado na vigência do contrato de união civil.

Art. 3º O contrato de união civil será lavrado em Ofício de Notas, sendo livremente pactuado. Deverá versar sobre disposições patrimoniais, deveres, impedimentos e obrigações mútuas.

Parágrafo único - Somente por disposição expressa no contrato, as regras nele estabelecidas também serão aplicadas retroativamente, caso tenha havido concorrência para formação do patrimônio comum.

Art. 4º - A extinção da união civil ocorrerá:

I - pela morte de um dos contratantes;

II - mediante decretação judicial.

Art. 5º - Qualquer das partes poderá requerer a extinção da união civil:

I - demonstrando a infração contratual em que se fundamenta o pedido;

II - alegando desinteresse na sua continuidade.

§ 1º - As partes poderão requerer consensualmente a homologação judicial da extinção da união civil.

§ 2º - O pedido judicial de extinção da união civil, de que tratam o inciso II e o § 1º deste artigo, só será admitido após decorridos 2 (dois) anos de sua constituição.

Art. 6º - A sentença que extinguir a união civil conterà a partilha dos bens dos interessados, de acordo com o disposto no instrumento público.

Art. 7º - O registro de constituição ou extinção da união civil será averbado nos assentos de nascimento e casamento das partes.

Art. 8º É crime, de ação penal pública condicionada à representação, manter o contrato de união civil a que se refere esta lei com mais de uma pessoa, ou infringir o § 2º do art. 2º.

Pena - detenção de 6 (seis) meses a 2 (dois) anos.

Art. 9º - Alteram-se os artigos da Lei 6.015, de 31 de dezembro de 1973, que passam a vigorar com as seguintes redações:

"Art. 33 - Haverá em cada cartório os seguintes livros, todos com trezentas folhas cada um:

(...)

III - B - Auxiliar - de registro de casamento religioso para efeitos civis e contratos de união civil entre pessoas do mesmo sexo.

Art. 167 - No Registro de Imóveis, além da matrícula, serão feitos:

I - o registro:

(...)

35 - dos contratos de união civil entre pessoas do mesmo sexo que versarem sobre comunicação patrimonial, nos registros referentes a imóveis ou a direitos reais pertencentes a qualquer das partes, inclusive os adquiridos posteriormente à celebração do contrato.

II - a averbação:

(...)

14 - das sentenças de separação judicial, de divórcio, de nulidade ou anulação do casamento e de extinção de união civil entre pessoas do mesmo sexo, quando nas respectivas partilhas existirem imóveis ou direitos reais sujeitos a registro."

Art. 10 - O bem imóvel próprio e comum dos contratantes de união civil com pessoa do mesmo sexo é impenhorável, nos termos e condições regulados pela Lei 8.009, de 29 de março de 1990.

Art. 11 - Os artigos 16 e 17 da Lei 8.213, de 24 de julho de 1991, passam a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 16 (...)

§ 3º. Considera-se companheiro ou companheira a pessoa que, sem ser casada, mantém com o segurado ou com a segurada, união estável de acordo com o parágrafo 3º do art. 226 da Constituição Federal, ou união civil com pessoa do mesmo sexo nos termos da lei.

Art. 17 (...)

§ 2º. O cancelamento da inscrição do cônjuge e do companheiro ou companheira do mesmo sexo se processa em face de separação judicial ou divórcio sem direito a alimentos, certidão de anulação de casamento, certidão de óbito ou sentença judicial, transitada em julgado".

Art. 12 Os artigos 217 e 241 da Lei 8.112, de 11 de dezembro de 1990, passam a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 217. (...)

c) a companheira ou companheiro designado que comprove a união estável como entidade familiar, ou união civil com pessoa do mesmo sexo, nos termos da lei.

(...)

Art. 241. (...)

Parágrafo único. Equipara-se ao cônjuge a companheira ou companheiro, que comprove a união estável como entidade familiar, ou união civil com pessoa do mesmo sexo, nos termos da lei."

Art. 13 - No âmbito da Administração Pública, os Estados, os Municípios e o Distrito Federal disciplinarão, através de legislação própria, os benefícios previdenciários de seus servidores que mantenham a união civil com pessoa do mesmo sexo.

Art. 14 - São garantidos aos contratantes de união civil entre pessoas do mesmo sexo, desde a data de sua constituição, os direitos à sucessão regulados pela Lei nº 8.971, de 28 de novembro de 1994.

Art. 15 - Em havendo perda da capacidade civil de qualquer um dos contratantes de união civil ente pessoas do mesmo sexo, terá a outra parte a preferência para exercer a curatela.

Art. 16 - O inciso I do art. 113 da Lei 6.815, de 19 de agosto de 1980 passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 113. (...)

I - ter filho, cônjuge, companheira ou companheiro de união civil ente pessoas do mesmo sexo, brasileiro ou brasileira".

Art. 17 - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 18 - Revogam-se as disposições em contrário.

ANEXO VII
PROJETO DE LEI UNIÃO ESTÁVEL DO BRASIL.

PROJETO DE LEI Nº 4.914

Altera a Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil. O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º - Esta lei acrescenta disposições à Lei 10.406, de 10 de janeiro de 2002 – Código Civil, relativas à união estável de pessoas do mesmo sexo.

Art. 2º - Acrescenta o seguinte art. 1.727 A , à Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002, Código Civil.

“Art. nº 1.727 A - São aplicáveis os artigos anteriores do presente Título, com exceção do artigo 1.726, às relações entre pessoas do mesmo sexo, garantidos os direitos e deveres decorrentes.”

Art. 3º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

ANEXO VIII
PERFIL PROFISSIONAL DOS ENTREVISTADOS EM BUENOS AIRES E
BRASÍLIA.

	Brasil	Argentina
ADMINISTRADOR	1	1
ARQUITETO	-	1
ARTISTA PLÁSTICO	-	2
CLÉRIGO	-	3
EMPRESÁRIO	-	1
ENFERMEIRO	-	1
FUNCIONÁRIO PÚBLICO	4	-
GERENTE DE RESTAURANTE	1	-
JORNALISTA	2	-
MÉDICO	-	1
POLICIAL	1	-
PROFESSOR	1	2
RADIÓLOGO	-	2
TRADUTOR	-	1